

J. J. BENÍTEZ

CAVALO

DE TRÓIA 4

NAZARÉ



 Planeta

EDIÇÃO
REVISADA



J. J. Benítez

CAVALO
DE TRÓIA 4

NAZARÉ

Tradução
Hermínio Tricca

Copyright © J.J. Benítez, 1989

Título original: Caballo de Troya 4

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Benítez, J.J.

Cavalo de Tróia, 4 : Nazaré / J.J. Benítez ; tradução Hermínio Tricca. – São Paulo :
Editora Planeta do Brasil, 2008.

Título original: Caballo de Troya 4.

ISBN 978-85-7665-927-3

1. Realismo fantástico I. Título.

08-08806 CDD-001.9

*A Tirma, Lara, Raquel, Satcha e Iván,
que sofreram os cento e cinco dias
de gestação desta obra*

O DIÁRIO

(QUARTA PARTE)

Aquilo era de prever-se. Após quase nove horas de caminhada tensa e cheia de incidentes, aquela parada não era normal. Ao atingirmos o poeirento e íngreme caminho que levava à branca Caná, o otimismo dos peregrinos se esfumou e se perdeu no tempestuoso e ameaçador céu daquela segunda-feira, 24 de abril do ano 30. A tragédia veio. E eu me vi, então, diante de outro amargo transe...

Certamente nada daquilo teria acontecido se o confiante Bartolomeu, em lugar de interromper sua marcha, houvesse prosseguido até a ansiada Caná, que era o ponto final da sua viagem e já estava tão próxima. Mas quem tem poder para modificar os desígnios da Providência?

Dias depois, quando retornei ao módulo e submeti o minúsculo disco magnético alojado na sandália “eletrônica” ao processo de leitura e decodificação, Papai Noel, nosso computador central, confirmou com escrupulosa exatidão o lugar onde se registrara o deplorável acidente: a 19 quilômetros e meio do lago de Tiberíades.

Naquele ponto, à vista da sua cidade natal, Bartolomeu (Natanael), em uma compreensível e muito humana explosão de alegria, deteve suas curtas e irregulares passadas e ergueu os braços. A esse movimento, as amplas mangas da sua túnica deixaram a descoberto uns braços tão minguados quanto peludos e musculosos. Depois, girando sobre os calcanhares, surpreendeu-nos com um dos seus inconfundíveis sorrisos: franco, interminável, mas turvado por uma dentadura negra e destroçada.

João Zebedeu, a Senhora e eu mesmo agradecemos a inesperada pausa. Voltando o olhar para o céu, Bartolomeu exclamou com voz forte:

– As portas se revolvem em suas dobradiças... como o preguiçoso em sua cama... e tu, Caná, sobre a dourada abundância... mas eu te amo.

À medida que fui penetrando na vida daqueles homens – os chamados “íntimos” de Jesus –, surpreendia-me a cada momento. Natanael era o exemplo mais próximo. Filósofo, culto, com um senso de humor singular, acabava de adotar e amoldar didaticamente à ocasião e às circunstâncias, sem pudor, uma passagem do *Livro dos Provérbios*. Mas não quero desviar-me.

Talvez fossem quatro horas da tarde. O caso é que Maria, mãe de Jesus, aproveitando o breve descanso, colocou sua reduzida trouxa de viagem sobre as poeirentas sandálias de couro de camelo e, como a chegada a Caná estivesse iminente, pôs-se, em um gesto tipicamente feminino, a arrumar e alisar seus abundantes cabelos negros, que discretamente já iam embranquecendo. Deixou

escapar um longo suspiro e, de súbito, casualmente, seus olhos verdes e amendoados descobriram alguma coisa entre os dourados trigais, à esquerda do caminho. Não hesitou. Também não fez perguntas. Aquele era o seu estilo: decidido e às vezes perigosamente irrefletido. Essa maneira de ser da Senhora havia sido sempre uma permanente fonte de conflitos. Seu filho primogênito, entre outros, como espero ir contando, foi testemunha privilegiada do que afirmo.

A princípio, nem João nem Bartolomeu prestaram atenção ao repentino afastamento de Maria. Mas eu, sempre atento, quase que em permanente tensão, acompanhei-a com o olhar, intrigado.

No seu passinho nervoso, a Senhora chegou até a borda do trigal e ficou por alguns segundos a observar um canteiro de flores nascidas ao abrigo das altas hastes de trigo duro. Depois abaixou-se lentamente até que seus joelhos tocaram a argila vermelha do solo. Com a mão esquerda, destramente, foi arrancando os primeiros cachos de flores. Aproximou-as do rosto, girou os olhos e aspirou profundamente. Como estávamos longe de prever a iminência da tragédia!

Em seu generoso desejo de partilhar seu achado conosco, ela voltou-se para o nosso lado, mostrou-nos radiante o ramalhete que abraçava e exclamou alvoroçada:

– São lírios!

Sua alegria justificava-se. Esse gênero de flores – *Shoshan*, segundo os textos bíblicos –, que cresce na Galiléia e no monte Carmelo, simbolizava a beleza. E naquele tempo essa delicada e aromática flor também era associada à boa sorte e a umas qualidades espirituais muito especiais. O *Livro dos Reis* (I) (7,19-26), o *Cântico dos Cânticos* (2, 1-2) e *Isaías* (35, 1-2), entre outros, a mencionam e enaltecem. O próprio Jesus falou da sua especial significação¹. Nesse momento, porém, o encontro do *lilium candidum* não foi presságio de boa sorte, como seria desejável. Muito ao contrário.

Um sorriso foi a amável resposta do Zebedeu ao terno comentário de Maria. Mas continuou ao meu lado. Quanto a mim, estive tentado a caminhar os três ou quatro metros que nos separavam da Senhora e colaborar com ela na colheita dos lírios. Todavia, Bartolomeu, como se tivesse adivinhado minha intenção, tomou a iniciativa e precipitou-se para o trigal. Livrou-se do embaraçoso manto ou *chaluk* e, feliz como uma criança, debruçou-se sobre o canteiro e apanhou não só os lírios como também as anêmonas arroxeadas e azuis e os abundantes ranúnculos escarlate que cresciam igualmente no canteiro.

Ainda hoje tremo ao imaginar o que poderia haver sucedido se me houvesse adiantado ao romântico Natanael. Dispunha-me a interrogar o jovem e alegre Zebedeu sobre o possível destino de tantas flores quando, de repente,

Bartolomeu soltou um sufocado gemido. Ergueu-se, depois, rapidamente, soltou o ramallete e, para perplexidade de todos nós, desembainhou a espada e lançou um poderoso golpe contra o solo. Entre os talos partidos ergueu-se uma nuvenzinha de pó que alcançou as espigas e maculou-lhe a túnica branca. Maria, a apenas dois metros dele, empalideceu. João e eu nos olhamos alarmados, sem compreender o que acontecia.

O golpe, desferido com ambas as mãos, foi tão violento que o ferro ficou cravado no solo. Bartolomeu nem sequer tentou recuperar a arma. Deu meia-volta e caminhou cambaleando em nossa direção. Assustei-me. Seus olhos estavam fora das órbitas, vidrados, e sua face, como a da Senhora, se havia tornado leitosa. Aterrorizado, ele estendeu as mãos para o Zebedeu, num mudo pedido de socorro...

Hoje, ao rememorar essas cenas e sua carga de dramaticidade, volto a formular-me a grande pergunta: “Estávamos preparados para uma ‘viagem’ daquela natureza?” Mais ainda: é possível existir alguém com sangue-frio suficiente para limitar-se a observar e resistir à natural inclinação de ajudar seus semelhantes em circunstâncias assim? Nosso treinamento, quanto a isso não cabe nenhuma dúvida, era excelente. Eu havia sido posto à prova durante as amargas horas de prisão, supliciamiento e processo do rabi da Galiléia. Ainda assim, as tentações e as dúvidas surgiam a cada instante. Aí estava o problema. Em face do que me coube viver naqueles segundo e terceiro “saltos” no tempo, estou convencido de que se estas “viagens” se repetirem, os frutos poderão ser funestos. O que ocorreu a pouco mais de dois quilômetros de Caná e no resto da viagem foi um claro aviso. Fica aqui o registro.

Intuindo o problema, João lançou-se ao encontro do desesperado Bartolomeu. Maria também correu a auxiliá-lo. Quanto a mim, aturdido, sem saber o que fazer, permaneci a meio caminho, aferrado à “vara de Moisés” e, suponho, com uma perfeita cara de estúpido...

Mas agora observo, desolado, que voltei a alterar a ordem cronológica desta nova aventura. É necessário que este pobre e apressado diário reflita os fatos não só com precisão mas também estritamente na ordem em que se desenrolaram. Assim deve ser, em benefício da verdade. Peço, pois, desculpas ao hipotético leitor destas tumultuadas memórias. Foram tantos e tão significativos os acontecimentos que nos coube viver que, como nesta ocasião, me sinto inclinado a baralhá-los. Mas, ainda que o meu forte não seja escrever, farei tudo que for possível para manter essa natural e imprescindível cronologia.

Como eu ia dizendo, essa utilíssima exploração foi iniciada pela manhã, bem cedo. O desembarque, na margem ocidental do *yam*, ao sul da cidade de Migdal, efetuou-se rápida e discretamente. Os relógios do “berço” deviam estar

marcando 7h15...

Natanael tomou a iniciativa e colocou-se à frente da expedição, adentrando a planície que nos separava da Hamâm. Inspirei com força e, dirigindo um último olhar à distante elevação na qual estava meu irmão, situei-me imediatamente atrás de João, fechando a pequena comitiva. Uma nova aventura começava.

Como contei oportunamente, depois das assombrosas aparições do Ressuscitado às margens do mar de Tiberíades, seus discípulos divididos em razão da fogosidade de Simão Pedro – acabaram por fazer um pacto. Aguardariam o sábado, 29 desse mês de abril. Se a terceira e discutida presença do Mestre não ocorresse no curso desse *sabbat*, o próprio Pedro encabeçaria a missão de “proclamar a boa-nova da Ressurreição e da, segundo eles, iminente chegada do reino”. No dia anterior – domingo, 23 de abril –, aquele que muito prontamente seria reconhecido como o “chefe” de um setor do primigênio grupo apostólico, havia tido o atrevimento de convocar o povilêu que se aglomerava às portas do casarão dos Zebedeu, em Saidan, para uma magna assembléia, naquela mesma praia, à hora nona (três da tarde) do mesmo *sabbat*. “Então – disselhes – vos falarei com mais calma.”

Pobre Simão! Sua surpresa, nesse dia e nessa vasta assembléia, seria épica.

A sorte, portanto, estava lançada. E os íntimos, de comum acordo, optaram por aproveitar aqueles dias de presumível inatividade para rever as famílias ou simplesmente refazer-se dos recentes e dolorosos acontecimentos de Jerusalém. Esta circunstância, não prevista pelo Projeto Cavalo de Tróia, viria enriquecer nossa missão, permitindo-me um acesso mais fácil à aldeia de Nazaré. A magnífica oportunidade, malgrado os seus perigos e naturais dificuldades, podia abrir-nos um insuspeitado campo no conhecimento dos anos ocultos – ou supostamente ocultos – de Jesus. E a Providência, uma vez mais, foi generosa com estes esforçados exploradores...

Como creio já haver mencionado, João Zebedeu encarregou-se de velar pela segurança de Maria durante a viagem. E eu aceitei, encantado, o convite para acompanhá-los. Quanto a Bartolomeu, como também já informei, caminharia conosco e ficaria em sua cidade natal, Caná. À nossa volta, prevista para sexta-feira, 28, Natanael esperaria nossa obrigatória passagem pela povoação dos seus ancestrais e retomaria ao lago em companhia de João e deste “pagão”, meio “adivinho”, meio “traficante” de vinhos e madeiras, meio “sanador”...

Exposta no papel, minha missão em Nazaré não apresentava complicações maiores. Mas eu deveria agir com muito tato para conseguir um máximo de

informação, verificando, até onde fosse possível, os dados e a documentação obtidos até aquele momento.

Não é necessário insistir. Não discutirei se os chamados evangelistas acertaram ou não no seu trabalho. Quem puser os olhos neste diário poderá julgar por si mesmo. Do que estou certo é que uma autêntica abordagem da vida e da mensagem do Filho do Homem exige, quando menos, uma visão panorâmica de toda a sua existência. Mutilar sua vida encarnada, oferecendo tão-somente os três derradeiros anos da sua existência, é injusto e irresponsável.

Tudo que nos foi dado descobrir sobre seus primeiros trinta e dois anos se reveste de tanto interesse que, além de ser atrativo por si mesmo, autoriza crentes e não crentes a formular em suas mentes e corações um perfil de Jesus de Nazaré infinitamente mais preciso, próximo e esperançoso. Se a filosofia e a maneira de ser de qualquer adulto humano dependem em grande parte da sua educação e ambiente familiar, por que abrir uma exceção com um Deus que se fez igual ao homem?

Com singular simpatia soubemos que aquele jovem também conheceu a dor que se experimenta em face do falecimento de um ser querido. E nos emocionamos ao saber das suas dificuldades financeiras e a identificar-nos com suas humanas tentações, com suas crises e com o seu despertar para a vida. Por que os escritores erroneamente chamados sagrados sonegaram à posteridade esses dramáticos anos em que Jesus, muito lentamente, foi adquirindo a consciência da sua natureza divina? Por que esquecer ou ocultar o transparente amor de Rebeca, a jovem de Nazaré, por aquele rapaz?

Isto e tudo o mais que o Pai Eterno e Misericordioso houve por bem revelar-nos sobre a “vida oculta” do seu Filho, não turvou nem alterou nossa visão do Mestre. Ao contrário. Daí minha compreensível indignação com os evangelistas. Mas é hora de entrar na matéria.

Bartolomeu e João estugaram o passo. Era evidente que desejavam distanciar-se o mais depressa possível da margem ocidental do *yam*. O segundo, em particular, preocupado com os recentes acontecimentos de Saidan, tentava evitar encontros com pessoas do lugar. Claro que aquela atitude nada tinha que ver com o medo. Nos momentos críticos, o Zebedeu se havia destacado como um dos mais valentes, acompanhando o Mestre até o final. O problema era outro.

Desde o princípio, em aberta e áspera oposição a Pedro, se inclinara por uma atuação mais cautelosa. Apoiado por André e Mateus Levi, havia defendido a opção pela “espera”. Os fatos eram tão extraordinários, confusos e vertiginosos que, em boa lógica, demandavam uma profunda e serena reflexão antes de um pronunciamento em um ou outro sentido. E ainda que ninguém pudesse duvidar

da sua inquebrantável fé na volta à vida de Jesus, quis primeiro ajustar-se às ordens e indicações do rabi (com o que, aliás, mostrou uma elogiável sensatez). E, obviamente, as manifestações do Mestre ainda não se haviam produzido. O tempo lhe daria razão.

Em silêncio, depois de cruzarmos as erodidas lajes de pedra da estrada romana que facultava a circulação naquela região do lago, penetramos na fértil planície que se espraiava a partir do desfiladeiro das Pombas. Natanael, nosso guia, velho conhecedor do terreno, arrastou-nos durante quatro ou cinco minutos através de um labirinto de fendas e atalhos que delimitavam e intercomunicavam uma complexa rede de hortos e campos de cultivo. Prolongamento, aliás, do “jardim de Guinosar”, orgulho da Galiléia.

Em pouco, com admirável precisão, o discípulo de Caná chegava a um caminho de uns três metros de largura, poeirento e coberto por um pestilento canal de excrementos de eqüinos e outros animais menores. Parei por uns momentos. Como nas correrias anteriores pelas costas de Cafarnaum e Saidan, a precisa fixação de referências geográficas em minha memória era de especial interesse para um desempenho mais seguro e eficiente da missão. E aquele caminho, pelo que pude deduzir, conduzia ao sudeste. Provavelmente, à via Maris, nas cercanias das ruínas de Raqat ou da altiva cidade de Tiberíades.

Uns dez minutos depois chegávamos às portas do *wâdi* ou vale de Hamâm, também conhecido como o desfiladeiro das Pombas. Ali o caminho se bifurcava. Um ramal, estreito e malcuidado, partia à nossa direita, perdendo-se na direção nordeste. Nessa confluência, para satisfação minha, erguiam-se dois marcos divisórios de basalto negro brilhante. Talvez o que eu estava vendo naquele momento não tivesse maior importância, mas não posso omitir. Em certas ocasiões, um simples gesto, como aquele, encerra mais força do que todo um discurso...

Era curioso. Apesar de sua longa convivência com Jesus e dos sublimes ensinamentos recebidos, a maior parte dos discípulos continuava alimentando um quase genético desprezo pelos romanos. E era comum manifestarem-no ao menor pretexto. O caso é que, ao chegar àquela bifurcação, Bartolomeu, sempre à frente do grupo, afrouxou o passo. O Zebedeu e a Senhora o imitaram. Após uma rápida inspeção dos arredores, convencidos de que ninguém observava os seus movimentos, Bartolomeu lançou uma certa cusparada sobre a pedra. Em um primeiro momento, atribuí aquele gesto pouco edificante a algum hábito pessoal do nosso guia. Mas ao testemunhar uma segunda cusparada, desta vez do Zebedeu, meu desagrado se transformou em curiosidade. Depois disso retomamos a marcha.

Não precisei de explicações complementares. Ao passar diante dos marcos

entendi o comportamento dos dois discípulos. Cada uma daquelas pedras vulcânicas, de um metro de altura, orientava o caminhante para uma determinada direção. Em um dos marcos, esculpido na dura rocha, estava gravado o nome de Tiberíades e a distância, calculada em estádios, que ainda restava até a cidade: 21 (uns 4,5 quilômetros). O segundo marco, indicando o ramal que serpenteava para o nordeste, anunciava a proximidade de Migdal, situada a cinco estádios (ao redor de um quilômetro). Pois bem, embora os marcos e as correspondentes sinalizações pudessem datar de uns setenta anos antes – seguramente da época em que o rei Herodes, o Grande conquistou a região –, sob as respectivas inscrições uma mão hábil e quase certamente romana havia gravado a efígie do César Tibério, dono e senhor da província pela qual caminhávamos.

Sorri interiormente e, acomodando às minhas costas o cada vez mais incômodo odre de água, apressei o passo e me reintegrei ao grupo.

Dias mais tarde, Papai Noel faria as medições. Todavia, se meus cálculos não estavam errados, aquela primeira etapa (da praia às portas do *wâdi*) havia sido vencida em coisa de quinze minutos. Não era mau desempenho para uma milha. Mas aquele, naturalmente, não era o caminho habitual entre Nahum e Nazaré ou vice-versa. Ao utilizarmos a via marítima e desembarcarmos ao sul de Migdal, havíamos evitado os oito quilômetros que separavam Nahum (Cafarnaum) da cidade de Madalena.

Ao irrompermos no *wâdi* Hamâm, o ritmo do nosso passo diminuiu. O terreno, aí, elevava-se progressivamente. O nível do lago de Tiberíades, àquela época, achava-se na cota “menos 208 metros” e em breve nos situaríamos ao nível do Mediterrâneo, para baixarmos, depois, mais de 40 metros nos arredores da aldeia de Arbel. E tudo isso em questão de dois quilômetros e meio.

O cenário que se descortinou, então, aos olhos deste emocionado explorador foi simplesmente deslumbrante. As referências colhidas do módulo, no ar, não faziam justiça a tanta beleza. Em uma centena de passos, a partir da bifurcação, o panorama já sofria uma dramática metamorfose. O vergel que se apresentara à nossa vista ao pisarmos terra firme havia dado lugar a penhascos afilados e altivos, de paredões verticais e desnudos, ora violáceos, ora dourados, semelhando sentinelas. A seus pés, até onde a natureza havia sido capaz de elevar-se, sucediam-se compactos bosques de terebintos e carvalhos do Tabor, de um intenso verde-negro, enquanto que ao fundo do desfiladeiro, servindo-nos de milagroso guia, corria o tortuoso caminho de terra que se tornara uma crosta com o correr dos anos. Uma senda que tinha de ser desembaraçada e reaberta de tempos em tempos para não ser tragada pelo incontrolável avanço da mataria cerrada e selvagem, generosamente regada pelos sussurrantes fios d’água que se despenham das alturas. Vez por outra, nas curvas do caminho, bandos de pombas

levantavam vôo precipitada e ruidosamente e revolteavam sobre os canaviais e as adelfas venenosas. Preguiçosamente, os açudes em que as avezinhas haviam sido surpreendidas iam recobrando a transparência. O matraquear das asas alertava outras colônias de aves que, por sua vez, em brancas inflexões, provocavam um eco interminável. Por seu lado, em uma deliciosa loucura alada, os ocupantes do desfiladeiro – pesados e negros corvos, fulminantes andorinhões de caudas afiladas, azulados e assustadiços “roqueiros” solitários, “bisbitas” das montanhas, guinchantes pardais-dos-telhados e migradores “escrivães”² cinzentos – planavam de cornija em cornija ou de gruta em gruta, elevando-se sem esforço até o cume do pico *har* ou monte Arbel, que dominava a paisagem com seus 389 metros de altitude.

Após vinte minutos de marcha dessa segunda etapa, em um aclave pronunciado, com um desnível superior a 40 graus, Maria, transpirando e ofegando, deu um leve grito. Precisava descansar e recobrar o alento. Bartolomeu parou mas não sem protestos. Já o Zebedeu, compreensivo, desfez-se da mochila e acudiu em auxílio da Senhora. Maria acomodou-se em uma das rochas que abundavam ao longo do caminho, agradeceu o mantão que João lhe estendeu e enxugou o suor. Adiantando-se ao seu desejo, ofereci-lhe água. Agradecida, Maria adoçou o olhar e esboçou um cálido sorriso. Reconheci-o de pronto. Era o sorriso do seu Filho. Límpido. Acolhedor. Irresistível...

As rudes maneiras de Natanael, reclamando sua ração de água, perturbaram minhas comovidas recordações e me devolveram à realidade. Não obstante sua falta de tato, aquele discípulo possuía um coração nobre e confiável. Pouco a pouco eu o iria descobrindo.

Nem João nem eu provamos da água. Ele, suponho, porque não tinha sede. Quanto a mim, como já expliquei, por estritas razões de segurança.

No fundo, ainda que nenhum de nós o reconhecesse francamente, todos agradecemos a pausa. E durante alguns minutos cada qual se abstraiu em suas preocupações pessoais. Uma brisa ligeira e fresca, prelúdio do primaveril Maarabit, o vento que sopra todos os dias do Mediterrâneo até o lago, fazia oscilar os hissopos sírios e as altas espadanas, agitando os bosquetes de loureiros e perfumando o desfiladeiro com a resina volátil de suas verdes e flexíveis folhas.

Ergui a vista. O céu era cinzento e as nuvens moviam-se rapidamente para leste. E novamente, muito a meu pesar, fui assaltado por aquele familiar sentimento, uma mescla de saudade e melancolia. Como explicar o paradoxo? Éramos exploradores. “Observadores” de “outro tempo”, com uma missão fria e calculada: reunir as peças da história humana de um homem chamado Jesus Cristo. Em seu código, Cavalo de Tróia proibia a mais insignificante fraqueza de

seus “navegantes”. Exigia-nos coragem, astúcia, uma grande reserva de conhecimentos de todo tipo e, em especial, um coração de gelo. Como é vã muitas vezes a inteligência. Ou será que é possível aprisionar os sentimentos? Ali estava a prova. Por mais que eu lutasse, por maior que fosse minha capacidade de esquecer, o magnetismo daquele Homem estava derrubando todos os códigos. Tal qual aqueles galileus, eu também sentia a sua falta... E por um momento imaginei-o caminhando pelo *wâdi*, com suas largas e inconfundíveis passadas.

Subitamente, “algo” rompeu aquele aprazível repouso. Foi inesperado e grotesco. Mas ajudou-me a conhecer mais profundamente o temperamento daquele praticamente desconhecido Bartolomeu.

Em um dos seus delirantes vôos sobre as cabeças daqueles confiantes peregrinos, um dos espécimes de aves rochosas, de cor vermelha, acertou uma dejeção sobre Natanael, que dormia. O indiscreto impacto, bem no ombro esquerdo, maculou o seu impecável manto de lã. Em alguns segundos, o grupo passou da surpresa a um inocente e contagioso riso. João foi o primeiro a cair na risada, seguido da Senhora e de mim. Congestionado pela raiva, Bartolomeu ergueu-se da rocha em que se havia recostado e percorreu com a vista as muralhas do desfiladeiro, à busca da ave atrevida. Por um momento, aquela nossa manifestação de hilaridade fez-me temer o pior. Mas Bartolomeu, aparentemente alheio à reação dos seus companheiros, continuou brandindo o punho esquerdo e lançou uma irreproduzível enfiada de maldições, pragas e injúrias a todas as criaturas capazes de voar. E quando, finalmente, compreendeu a futilidade do seu gesto, sua grande cara pentagonal se fixou no maculado *chaluk*. Seus negros e expressivos olhos se fecharam, as mandíbulas se apertaram e o cenho franziu-se. Sua face era a própria máscara da repulsão. As cerradas e longas sobranceiras crispavam-se nervosamente. Só então sua atenção se fixou em nós. Atônito, observou primeiro as incontrolláveis gargalhadas de João. Depois vagou o olhar por aquele pouco caritativo “grego” que, para dizer a verdade, fazia árduos esforços para dissimular. Por último, ao dirigir um inquisidor olhar à Senhora e ver as lágrimas que lhe umedeciam as faces, consequência do intenso acesso de riso, o bom do Bartolomeu entregou-se. Num impulso muito íntimo, aliou-se à hilaridade geral, explodindo em uma gargalhada que atroou pelo desfiladeiro e assustou seus hóspedes de asas. Sentiu aliviado. Assim era Natanael, um dos onze: franco, indeciso, sem nenhum tato, indulgente e, acima de tudo, amigo dos seus amigos.

Nos modernos esquemas da tipologia de Kretschmer, certamente estaria enquadrado no tipo chamado “pícnico”, com alta dose de temperamento “ciclotímico”³. Ele e Tomé eram os mais baixos do grupo: ao redor de 1,58

metro. Mostrava uma evidente propensão à acumulação de gordura. Seu ventre, saliente, como o de Simão Pedro, era a maior manifestação dessa tendência. Como bom “pícnico”, destacava-se pela suavidade das linhas, por um esqueleto frágil, membros curtos e um hirsutismo (excesso de pêlos no corpo) que lhe havia valido o apelido de “urso”. Com o passar do tempo eu diagnosticaria em seu organismo uma severa hipertensão arterial e uma hiperfunção supra-renal. O rosto, mais largo do que alto, assemelhava-se a um escudo. Dele pendia uma barba de um palmo, grisalha, ondulada e aberta em leque. Uma extrema sensualidade era o que mostravam os seus lábios carnosos e permanentemente umedecidos. Os olhos me haviam chamado a atenção desde o primeiro momento. Negríssimos, profundos, davam equilíbrio aos seus recém-completados trinta anos. O nariz, ao contrário, era o remate à sua falta de atrativos físicos. Malfeito, redondo como uma bola de golfe, mostrava umas ostentosas “telangiectasias” ou dilatações localizadas nos vasos capilares de calibre reduzido. Minhas suspeitas iniciais se confirmariam na terceira e apaixonante aventura: aquele antiestético angioma simples tinha uma estreita ligação com a desmedida veneração de Bartolomeu pelo vinho...

Em contraste com a abundante e extensa pilosidade, uma prematura calvície tomava a parte superior do crânio, esboçando uma aparatosa coroinha. O “urso” de Caná vestia-se habitualmente com uma túnica branca de lã, sempre imaculada, e um roupão castanho, com largas faixas verticais, igualmente brancas. Enquanto estive a seu lado, sua perna esquerda esteve sempre enfaixada. Umas tiras de couro de vaca, sebosas e descoloridas pelo uso, visavam a aliviar um antigo problema vascular: umas veias varicosas, tão freqüentes então como na atualidade. (Segundo nossos cálculos, ao menos uns dez ou quinze por cento dos adultos são afetados por essa moléstia.)

Maria, prestativa e conhecedora da pureza de Natanael, pôs ponto final às risadas e ao pequeno incidente da desabrida ave. Como a maioria das hebréias, estava familiarizada com as propriedades de muitas das plantas que cresciam naquelas terras. Ergueu-se e, após um rápido exame da floresta, dirigiu-se a uma mata de arbustos de uns oitenta centímetros de altura, de talos lisos e abundantes, nós verdes e carnosos. Arrancou um feixe, tomou uma pedra e colocou-se defronte à rocha que lhe havia servido de assento. A uma ordem sua, Bartolomeu desembaraçou-se do manto e o estendeu sobre a pedra. Utilizando, então, algumas folhas de loendro, Maria fez uma meticulosa limpeza da dejeção. Torceu os talos, colocou-os sobre a mancha, agarrou uma pedra com a mão esquerda e os golpeou fortemente, procurando não danificar o *chaluk*. Um suco leitoso brotou no mesmo instante, cobrindo os restos de excremento. Concluída a operação de limpeza, o roupão foi devolvido a seu dono e a expedição retomou a

marcha. Tínhamos à nossa frente o último trecho do desfiladeiro. Não pude evitá-lo. Movido pela curiosidade, examinei os restos da planta utilizada pela Senhora. Era a salgadeira branca, uma espécie silvestre cujas cinzas, adequadamente tratadas com azeite de oliva, resultavam no “borrit” ou “bor”: um sucedâneo do sabão, mencionado em *Jeremias* (2,22) com o nome de “nitro”⁴.

Aquela última etapa pelo *wâdi* foi de alto interesse para este explorador e especialmente para os futuros planos da missão. Como eu já disse, meu irmão e eu havíamos decidido forçar a sorte, metendo-nos em um terceiro e extra-oficial “salto” no tempo, para nos juntarmos ao Mestre ao longo dos seus anos de pregação. Entre os preparativos para essa ambiciosa e arriscada odisséia incluía-se um de vital importância: a escolha de um recanto no qual descer e ocultar o módulo. A escassez de combustível obrigava-nos a um vôo curto que, em princípio, de acordo com as observações feitas nas imediações do *yam*, deveria ter por local a garganta pela qual no momento caminhávamos. Naturalmente, a nova “base-mãe” deveria ser previamente explorada. Quando chegasse a ocasião subiríamos ao cume escolhido e examinariamos as características do lugar. Uma de nossas obsessões era localizar um ponto de assentamento em que a passagem ou a presença de seres humanos ou animais fosse praticamente nula. Dispúnhamos da invisibilidade, graças à irradiação infravermelha. Entretanto, lembrando-nos da embaraçosa experiência vivida no monte das Oliveiras com o jovem João Marcos, toda cautela era pouca.

Havia ainda a considerar que a exploração seria longa e nos forçava a uma drástica economia do combustível. Isso trazia suas vantagens, entre as quais a desconexão dos diferentes escudos protetores, ao menos durante nossas longas ausências. Em síntese: a segurança do “berço”, a dos seus delicados equipamentos e, em especial, a dos seus tripulantes exigia que a “base-mãe” fosse inexpugnável. Se falhássemos, se o módulo fosse atacado e destruído, o retorno ao “nosso tempo” se tornaria impraticável. Haveríamos ficado tragicamente ancorados em uma época que não era a nossa.

Quando dos primeiros estudos, o monte Arbel, com seus 181 metros sobre o nível do lago, destacou-se como um dos mais indicados para o assentamento. Em teoria, sobre os mapas, parecia oferecer boas perspectivas: paredões escarpados na quase totalidade do seu perímetro; um cume despovoado, pedregoso e inculto; uma distância de apenas um quilômetro e meio do topo às margens do *yam* e, finalmente, uma aceitável equidistância entre as cidades de Tiberíades e Nahum.

Todavia, à medida que fui avançando em direção ao sopé do enorme penhasco, alguma coisa que obviamente não figurava em nossa cartografia levou-me a hesitar. Aquele paredão orientado para o norte, além de uma vintena

de cavernas, mostrava um número igual de longas cordas que caíam do cume até, precisamente, a obscuridade das grutas, o que era suspeito. Alguém, evidentemente, as utilizava ou as utilizara para penetrar nas cavernas.

Não gostei do que vi. Disposto a não perder a oportunidade, emparelhei meus passos com os de Bartolomeu e interroguei-o a respeito da surpreendente presença daquelas cordas, que no momento oscilavam à brisa do oeste. Como se eu houvesse mencionado algum dos espíritos maléficos que, segundo aquele povo, espreitam o caminhante nas ruínas ou à sombra das árvores, o discípulo fez uma careta e engrolou um “maldita seja a tua mãe”. Depois tirou da bolsa, que pendia do cinto, um dos “tefilin” (um pequeno estojo de couro preto, em forma de dado, de apenas três centímetros de largura, também chamado “filacteria”, que se atava no braço esquerdo ou na frente durante a oração⁵, e o amarrou ao redor da cabeça.

A surpresa e a mágoa, diante da grosseria do galileu, me chocaram. Pouco a pouco, porém, iria acostumando-me a essa maneira de ser para com os pagãos. No fundo, a culpa era minha. O grau de superstição daquela gente era tal que se era obrigado a medir até o mais insignificante dos comentários. E Natanael, fiel à tradição religiosa de seu povo, entoou um dos versículos encerrados no “tefilin” (o quinto do salmo XCI): “Não terás de temer nem os terrores noturnos nem as setas que voam de dia”. Uma tradição, diga-se de passagem, que ainda perdura entre os católicos, se bem que, logicamente, com intenção diferente. Se minha esgotada memória não me trai, esse mesmo salmo se reza hoje em “completas”⁶...

João, intrigado pelos resmungos de Bartolomeu, colocou-se a meu lado. Contei-lhe o que acontecera e ele, sorrindo com benevolência, esclareceu-me toda aquela aborrecida coisa. A simples menção daquelas grutas, infestadas de *atalef* (morcegos) e, o que era pior, de bandidos, poderia atrair os seres imundos e acarretar para os caminhantes toda classe de infortúnios⁷. Compreendi, então, a irritação de Natanael e, simulando grande desolação, roguei-lhe que desculpassem tão ignorante companheiro de viagem. Ele aceitou minhas desculpas mas, obstinado, continuou com suas rezas, estugando a marcha.

Bandidos? Mas aquilo era interessante. E o Zebedeu deu-me todas as explicações. Apesar das severas medidas adotadas à sua época pelo rei Herodes, o Grande⁸ e posteriormente pelo governo de Roma, contra os salteadores de estradas, o acidentado daquele *wâdi* e a proliferação de cavernas nas paredes rochosas e nuas do desfiladeiro tornavam extremamente difícil a erradicação dos bandidos. Alguns desses bandos de sanguinários nômades, integrados na maioria dos casos por escravos fugidos, deserdados da fortuna e sicários vinculados às

guerrilhas que freqüentemente se erguiam contra o poder estabelecido, haviam estabelecido o seu “quartel-general” nas profundezas daquelas cavernas, ocupando-as ou abandonando-as – segundo as conveniências –, com o concurso das cordas que pendiam desde o cume e que permitiam unir as cavernas entre si. Esse latente perigo, como é de supor, nos obrigaria a pôr de lado o cume do *har* Arbel, assim como os demais penhascos que formavam o conjunto do desfiladeiro. A futura “base-mãe” deveria ser implantada em lugar mais seguro. O problema era onde. A margem oriental do lago, ainda que menos povoada, nos afastaria demais dos núcleos humanos em que havia vivido o Mestre.

Figurava na reserva uma segunda alternativa: um *har* de 138 metros sobre o nível do Kennereth – o Ravid –, a uns três quilômetros ao noroeste do *wâdi* Hamân e a pouco mais de oito, em linha reta, da elevação onde no momento estava o módulo. Mas este assunto fica para mais tarde.

De acordo com a informação fornecida pela sandália “eletrônica”, a saída do desfiladeiro das Pombas deu-se pelas 8h10. Quer dizer que os dois quilômetros e meio dessa segunda etapa foram coberto em quarenta minutos. O ligeiro atraso deveu-se ao aclave do caminho e ao “acidentado” descanso.

Ao deixarmos para trás as alturas do Arbel, Bartolomeu cessou suas monocórdias rezas. Guardou as “filacterias” que lhe oprimiam as fontes e, descarregando o coração com um ostentoso suspiro, aproximou dos lábios um saquinho escuro que pendia permanentemente do seu pescoço e o beijou. Conjurado assim o perigo dos bandoleiros e espíritos malignos, Bartolomeu reduziu a marcha. Quando a confiança se fez mais estreita, o íntimo de Jesus mostrou-me, sorridente, seu pequeno tesouro. Aquele amuleto consistia em uma porção dessecada de ovos de lagosta. Como era obrigatório, mostrei-lhe o meu, aquele que João Marcos me dera em Jerusalém. Naquele dia, ao compartilhar os supersticiosos temores do “urso”, acabei por ganhar sua amizade.

A nossos pés abriu-se então uma singular planície, em forma de ponta de flecha e de uns quinhentos metros de extensão. Toda ela, à esquerda e à direita do caminho reto que a cortava, estava coberta por uma massa de arbustos de uns cinquenta centímetros de altura, muito ramificados e densamente entrelaçados. E ao fundo, na base daquele triângulo verde e espinhoso, a aldeia de Arbel.

Natanael trocou algumas palavras com o Zebedeu. Eu estava bem atrás do resto do grupo e não ouvi o que diziam. A coisa de quatrocentos metros, quase no fim do caminho, avistava-se um grupo de pessoas e animais. Deduzi que os comentários podiam ter relação com aquilo. Mas nisso, tolo que fui, estava de novo equivocado...

Ao aproximar-nos vi que se tratava de um bando de felás, típicos camponeses palestinos, ocupados na extração e armazenamento dos arbustos

anões que dominavam a planície. Meus companheiros avivaram o passo. Ao chegar à altura dos felás, que seriam uma meia dúzia, estes responderam entre dentes às saudações obrigatórias e logo, receosos e fugidios, sem sequer girar a cabeça, afastaram-se para a aldeia. Eu, como disse, caí em nova tolice. Curioso, entretive-me diante do grupo a observar o seu trabalho. Com as túnicas recolhidas na cintura – “cingindo os rins” – e a cabeça coberta por diferentes lenços cinzentos, dobrados em triângulo e presos por cordões de lã e pêlo de cabra, os tagarelas felás introduziam-se entre os arbustos com incrível habilidade, arrancando-os com as raízes após dois ou três certos golpes de enxadão. As plantas, da espécie “pimpinela espinhosa”, eram atiradas ao caminho e depositadas em enormes cestos de folhas de palmeira, de quase metro e meio de diâmetro, firmemente presos aos costados de três asnos cinzentos de Licaônia, rebeldes e obstinados, mas os mais fortes e apropriados para grandes distâncias.

Às minhas perguntas, o capataz desfez-se em explicações. Aquele espinho – o *Sarcopeterium spinosum* –, que eu havia tido ocasião de ver em algumas casas e jardins dos arredores da Cidade Santa, era muito utilizado pelos judeus. Prestava-se excelentemente para cercar uma propriedade ou como combustível. Suas folhas, divididas em vários pares de folíolos denteados, serviam até para tempero culinário, graças ao seu delicado sabor. Deduzi que aquela constituía uma das fontes de recursos de Arbel. A pimpinela era “exportada” a toda a Galiléia, a Decápolis e, certamente, a Jerusalém.

Desejoso de agradar ao estrangeiro que tanto interesse revelava pelos seus assuntos, o chefe dos felás colocou em minhas mãos um punhado de verdes e aromáticas folhas, retribuindo meu agradecimento com um “a paz te acompanhe em teu caminho”. Mas minha satisfação duraria pouco. Quando me voltei para ver os meus companheiros, a última centena de metros do caminho estava deserta. Eles haviam desaparecido.

Corri para a aldeia. Como era possível?... Havia-me entretido tão pouco...

A uns poucos metros das primeiras casas diminuí minha desenfreada carreira. O roupão e o maldito odre de água embaraçavam mais ainda minha penosa situação. Hesitei. Deveria atalhar pelo interior da aldeia? Caminhei alguns minutos. Logo mais, retrocedi, desmoralizado. O labirinto de casinholas e ruelas tornava a busca tão difícil que, para evitar males maiores, inclinei-me pelo caminho mais seguro. Contornaria Arbel.

Ainda que meu irmão e eu houvéssemos prestado especial atenção ao estudo da rota que me conduziria a Nazaré, em momento algum suspeitamos que eu fosse obrigado a percorrê-la sem companhia. Naturalmente, malgrado os perigos que isso implicava, eu estava disposto a tentá-lo. O mais prudente,

todavia, era tentar reunir-me aos discípulos. Precisava alcançá-los. Levando em conta a atitude refratária do meu grupo a qualquer tipo de contato com os habitantes da região, achei que o mais verossímil era que meus companheiros houvessem escolhido aquela mesma direção ou a oposta, ou seja, a que contornava Arbel pelo flanco oeste, para evitar a povoação e fugir a problemas.

Segundo os dados e os mapas examinados pelos especialistas do Cavalo de Tróia, o caminho habitual, a partir do *wâdi* Hamâm, descia para o sul, até fundir-se com a rota principal: a que ligava Tiberíades às regiões mais ocidentais do país. No total, incluindo a planície da “pimpinela”, ao redor de três quilômetros e meio. Em princípio – consolei-me – não era lógico que o “urso”, nosso guia, houvesse optado por outro trajeto.

Forcei o passo, distanciando-me das míseras choças que eram as últimas habitações da cidade na parte oeste. Diversamente das sólidas construções de Nahum e Saidan, o pouco que eu vira de Arbel me desagradou. Era um milagre que aquelas casas de adobe avermelhado, com telhados de palha e terra pisada, pudessem enfrentar a estação das chuvas ou os embates dos fortíssimos ventos de verão. As colunas afiladas de fumaça negra que se elevavam aqui e ali eram sacudidas pelo pontual Maarabit, precipitando-se sobre pátios e ruelas e irritando as gordas matronas que tagarelavam às portas das sinistras choças.

Fora da aldeia, no terreno que eu pisava – baldio, pedregoso e invadido pelos cardos – uma criançada maltrapilha, de cabeças raspadas e cheias de pústulas e piolhos, perseguia com paus e ferrões uma parelha de burros de pescoço curvo, orelhas longas e rijas e crinas castanhas aparatosas, que flutuavam e se prolongavam até a cauda. Com as pernas dianteiras travadas por várias cordas, esses vigorosos quadrúpedes esforçavam-se por distanciar-se dos pequenos diabinhos e os escoiceavam cada vez que um deles feria seus traseiros com os irritantes cardos ou urtigas.

Quando alcancei o limite da aldeia, outro contratempo veio piorar a situação. A vereda que nos havia guiado através da plantação de “pimpinela espinhosa” ali estava, à minha vista, ziguezagueando para o sul. Mas, correndo na mesma direção sul e também para o lago, uma extensa plantação de oliveiras centenárias dificultava a observação. Perscrutei o poeirento caminho até onde era possível, com a esperança de localizar meus desaparecidos amigos. Tive de desistir.

Ao pé de uma daquelas soberbas oliveiras, muito ramificadas, de quase cinco metros de altura, um ancião e várias mulheres trabalhavam sobre um espesso canteiro de esterco. Aventurei-me a interrogá-los. O velho, de joelhos, com os pés enterrados na fétida massa, enchia uma série de largas e rasas escudelas de barro. Misturava previamente a matéria orgânica com palha e

depois a comprimia nos recipientes. A operação seguinte cabia às mulheres e consistia em empilhar os pratos, à espera da sua total secagem. Em questão de dias, se a meteorologia fosse favorável, o esterco se transformaria em uma torta rígida e compacta, muito útil como combustível.

O galileu nada sabia. Nem ele nem as hebréias haviam notado a passagem dos meus companheiros de viagem. A circunstância de se acharem à borda do caminho, e praticamente desde o amanhecer, atirou-me em uma confusão total. Tanto fazia que Bartolomeu e os outros houvessem cruzado por dentro da aldeia ou a tivessem contornado. De uma maneira ou de outra, aquela gente não poderia deixar de ter observado a sua passagem. Desanimado, tratei de ordenar meus pensamentos. Que podia fazer?

“Analisemos a situação” – propus-me a mim mesmo. “A Senhora e os discípulos sumiram. Com um pouco de sorte, os trinta “quilômetros que me separam de Nazaré poderão estar percorridos em quatro ou cinco horas...”

Recostado em um braço rugoso de uma das oliveiras, tendo a aldeia às minhas costas e a inquietante incógnita à frente, hesitei perigosamente. Voltaria ao lago e me juntaria a Eliseu? Deixaria passar aquela oportunidade? Meu irmão teria aprovado a prudente decisão. Curtiss mesmo não aprovava as caminhadas longas sem companhia...

Decidido, no entanto, a concluir a missão, acariciei a extremidade superior da “vara de Moisés”, para localizar o dispositivo que acionava os ultra-sons. Devia confiar. Minha proteção, pelo menos em teoria, estava garantida. Inspeccionei as “crótalos”, ergui-me e, enchendo os pulmões com o fresco perfume das pequenas flores brancas que davam um ar festivo ao azul-verde do olival, lancei uma cautelosa vista de olhos ao caminho que me aguardava.

Não havia tempo a perder... Além disso, dizia-me a intuição que tarde ou cedo encontraria os meus amigos. Tarde ou cedo? Nesse preciso instante, já a ponto de partir para o desconhecido, a Providência apiedou-se de mim e uma mão se projetou com toda a força sobre meu ombro esquerdo. Minha reação foi uma forte descarga de adrenalina. Voltei a cabeça lentamente, preparando os músculos para uma possível emergência. Mas o suposto “agressor” me recebeu com um sorriso familiar. E seus olhos pretos se iluminaram. Era João de Zebedeu...

Contemplei-o aturdido. A uns cem passos distingui a frágil silhueta de Maria e o bamboleante andar do “urso”. Procediam de Arbel.

– Que aconteceu? – gaguejei, tão atônito quanto alegre.

Meu jovem amigo indicou a Senhora e, em tom displicente, explicou:

– Coisas de mulher. Nenhuma passa pela aldeia das redes sem adquirir um

tule... Estávamos preocupados. Onde te meteste?

O incidente ficou esquecido quando Maria, radiante a um aceno do Zebedeu, me mostrou um pacote de uns trinta e cinco centímetros de largura. Em seu interior vi uma rede meticulosamente dobrada, feita de linho. Os fios tinham uma suave tonalidade castanho-amarelada de linho velho. A rede estava amarrada com uma corda trançada com filamentos de palmeira, de uns seis milímetros de espessura. O trabalho era excelente. Tanto as malhas, de uns quarenta milímetros entre os nós, como o entrelaçado dos fios, denotavam um trabalho paciente e hábil. Esse “tule de mulheres”, na linguagem popular, era muito apreciado pelas judias, que o usavam especialmente para prender os cabelos.

Arbel, de fato, com os seus minguados mil habitantes, havia adquirido uma notável popularidade graças à sua próspera indústria de cordoaria e de redes de todo tipo, além de complementos para os trabalhos de pesca dos seus vizinhos do *yam*: peças de pedra e argila, bóias de madeira e cortiça de árvore e agulhas de osso, sicômoro e metal, para remendar as redes. Nesse particular, Nazaré me reservava uma curiosa e impensável surpresa.

Durante boa parte daquela que para mim era uma terceira etapa da viagem, Natanael não deixou de resmungar. Aquela meia hora aparentemente perdida em Arbel, por motivo tão fútil, o havia exasperado. Hoje, os cristãos têm uma imagem idealizada dos chamados apóstolos de Cristo. Para dizer a verdade, essas idéias – que elevam esses homens a absurdos graus de santidade, compreensão e benevolência – estão cimentadas em tradições falseadas. A realidade cotidiana era outra. Naquele tempo, com exceção dos irmãos Zebedeu, que conheciam e estimavam a família de Jesus desde muito tempo antes, os demais colocavam as mulheres no mesmo grau de inferioridade que o resto da sociedade judaica.

Penso já haver explicado. A mulher era uma criatura de segunda ordem, mentirosa por natureza e sujeita sempre à autoridade do homem. E Maria, não obstante sua condição de mãe terrena de Jesus, não se esquivava a tão lamentável servidão. Também é certo que, temendo seu fortíssimo temperamento, os íntimos procuravam não contrariá-la. Naquele caso, porém, a intransigência de Natanael prevaleceu, originando uma acre e estéril disputa. A Senhora, que raramente fazia uma recriminação – especialmente se injusta ou fora de tom –, tratou de racionalizar. Mas o “urso de Caná”, com sua habitual falta de tato, continuou irredutível em seus argumentos, tachando Maria de frívola e inconseqüente.

Para o Zebedeu, como eu já disse, essas discussões careciam de importância. Alheio à contenda, com mais espírito prático do que o seu

companheiro, acelerou o passo, adiantando-se ao grupo e procurando recuperar o tempo perdido. Por sorte, a meio caminho, vimos aproximar-se entre as vetustas oliveiras uma arreata de fatigados asnos carregados com vultosos fardos que se chocavam a cada momento com a ramagem. João parou para trocar algumas palavras com os indivíduos que conduziam os animais. O encontro foi providencial. Esquecendo o aborrecido assunto da rede, Bartolomeu meteu-se na conversação, enquanto Maria, prudentemente, se mantinha afastada. Eram moradores de Séforis, capital oficial e administrativa da Galiléia. Como tropeiros – uma das profissões mais comuns naquele país montanhoso e acidentado – estavam transportando uma substanciosa carga de linho recém-colhido à localidade de Arbel. Os caminhos estreitos e pedregosos da maior parte de Israel haviam convertido o burro no meio ideal de transporte. Muitos camponeses e pequenos ou médios artesãos, diante da impossibilidade de transportar seus gêneros aos mercados, alugavam os serviços desses tropeiros, que aliás freqüentemente se associavam e constituíam florescentes empresas. Foi tal o desenvolvimento desse negócio que, para evitar abusos, os rabinos se viram na necessidade de legislar até os mais mínimos detalhes. O custo do transporte variava segundo o tipo de terreno, as distâncias ou a natureza da carga. Certamente, o perigo inerente ao ofício os obrigava a viajar armados. Era esse o caso dos três galileus com os quais havíamos topado. Cada um trazia no cinto uma espada curta – um *gladius* – e vários punhais de uns trinta centímetros, com cabo de osso lavrado ao estilo egípcio.

Durante a breve conversa, discípulos e tropeiros se interrogaram mutuamente. Ambas as partes desejavam saber se o caminho percorrido por uns e outros até ali se achava livre de problemas. Aparentemente, a rota para Caná e Nazaré não oferecera problemas aos de Séforis. O único e desagradável “tropeço” – advertiram os tropeiros – fora uma patrulha romana a cavalo (uma *turma*). E os cinco galileus, seguindo um velho ritual, cuspiram simultaneamente. Devíamos estar prevenidos.

Procurando não perder nenhum detalhe da conversa aproximei-me dos animais para examinar os compactos fardos de plantas. Tratava-se, efetivamente, do *linum usitatissimum*, uma das duzentas espécies do gênero *linum*, muito difundida na Baixa Galiléia e, como eu tinha ocasião de verificar naquele momento, fonte destacada de riqueza para Séforis. Sua fibra – não tanto sua semente, muito rica em óleo – era aproveitada para a confecção de cordas e tecidos. A Senhora, hábil tecelã, me surpreenderia com sua perícia na manipulação dessa erva anual de cinquenta centímetros e de lindas flores azuis.

Concluída a troca de informações, cada grupo prosseguiu no seu caminho. O nosso, com o ânimo retemperado, preparou-se para transpor a milha que nos

separava da rota principal. O terreno sobre o qual se espalhava o olival foi elevando-se gradualmente, até alcançar a cota 200. Foi ali que, pela primeira vez, tive ocasião de ver – a cerca de uns dois quilômetros – os famosos Cornos de Hitim, mesetas (mais do que picos) de 534 metros de altitude.

Alguns autores modernos têm associado essas crateras extintas a duas passagens da vida de Jesus. “Aqui” – dizem – “pode ter ocorrido o famoso Sermão da Montanha, assim como o milagre dos pães e dos peixes.” Na atualidade, os guias mostram aos viajantes e turistas a chamada “rocha do cristão”, que se supõe ter servido de mesa para o memorável acontecimento. E ainda que o senso comum me dissesse que tais tradições não podiam ter muito fundamento, abordei o Zebedeu e o interroguei a respeito. João ouviu-me surpreso. E replicou com um argumento esmagador: “Esse lugar é maldito. A partir da primavera o ar torna-se insuportavelmente quente, as fontes ficam secas e a terra se racha⁹. Ali – concluiu – só as serpentes se aninham...”. Estava claro que tais episódios da vida de Jesus haviam sido “removidos” dos autênticos lugares em que se deram.

Eu e meu companheiro de exploração fomos testemunhas oculares de ambos os acontecimentos e estamos em condições de afirmar que tudo aconteceu às margens do *yam*. O segundo desses feitos – a multiplicação dos pães e dos peixes –, registrado ao sul da cidade de Betsaida Júlias, fez-nos estremecer... Mas, terei forças e luz suficientes para narrar tão prodigioso acontecimento?

Minutos depois da hora terça (nove da manhã) atingimos por fim a estrada principal: a que ligava Tiberíades com o oeste de Israel, comunicando o mar do Kennereth com Megiddó e a planície de Esdremon¹⁰. Apesar da sua largura apreciável (uns cinco metros), a estrada não era melhor do que as veredas precedentes. O intenso tráfego de homens e caravanas a havia destroçado. O piso, de terra prensada, adquirira uma coloração escura, resultado das urinas e excrementos dos animais. Era uma lástima que os hábeis construtores romanos houvessem desprezado aquela importante artéria. Uma estrada – procurei não esquecer – pela qual havia caminhado o Mestre, em inúmeras ocasiões.

Não me cansarei de cantar as excelências daquela região. A Galiléia de hoje é um pálido reflexo da que percorremos naquele tempo. Até o cântico de Flávio Josefo em louvor daquela terra parece modesto e inexpressivo. Fosse qual fosse a direção que se escolhesse, os campos, vales ou ladeiras estavam exuberantemente cultivados. Ao deixar para trás o imenso olival, vi surgirem diante de mim, à direita e à esquerda da estrada, perdendo-se de vista, compactos campos de trigo e de cevada, no ponto de maturação o primeiro e pronta para a ceifa a segunda. Para além dos ondulantes trigais, coroando as colinas, novos

olivais, perfeitamente alinhados, que esfumavam o vermelho argiloso do terreno. E no horizonte, acima do nível dos trezentos metros, as imponentes massas verde-azuis dos bosques de carvalhos, alfarrobas, terebintos e pinheiros de Aleppo.

Esta era uma das chaves da magnificência da alta e da baixa Galiléia: os inúmeros e espessos bosques, entre os quais sobressaíam três espécies de carvalho (dois pertencentes ao comum “sempre-verde” e o gigantesco, velho e venerado carvalho do Tabor). O regime combinado de chuvas (mais abundantes entre outubro-novembro e março-abril) e a fiel e hábil química das massas florestais propiciavam toda sorte de mananciais e correntes subterrâneas, que os nativos souberam aproveitar. As neves acumuladas na cadeia montanhosa do Hermon (atual Líbano), localizada a cinquenta e três quilômetros da primeira das desembocaduras do Jordão, no lago de Tiberíades, constituíam um tesouro seguro e inapreciável, do qual se beneficiava toda a região.

Diferentemente da Judéia, cuja “pele era o deserto”, a Galiléia dificilmente conhecia a seca e a fome. Esta circunstância – como escreve Flávio Josefo – “atraía até os menos amantes do trabalho”. As cifras falam por si sós. Em vida do Mestre, aquela comarca de 111 quilômetros (de norte a sul) por 55 (de leste a oeste) agrupava um total de quinze cidades fortificadas e duzentas e quatro aldeias, com uma população total que se aproximava dos oitocentos mil indivíduos¹¹. A terra, pesada, de grão fino e com grande capacidade de absorção da água, era excelente; o engenho dos camponeses fazia o resto.

Este, em suma, foi o cenário em que cresceu e desenvolveu sua atividade o Filho do Homem: uma Galiléia dourada, com vales protegidos e vastas planícies nas quais os olivais se emparelhavam com o trigo, a cevada, o sorgo e a escândea. Uma Galiléia verde, onde o plantio intensivo, os jardins e as árvores frutíferas arrancaram de Jacó a exclamação: “Aser, seu pão é saboroso: fará as delícias dos reis”. A doçura de suas frutas era tal que elas chegaram a ser proibidas em Jerusalém durante as peregrinações anuais. E, por último, uma Galiléia azul, às margens do *yam*...

A invejável riqueza da Galiléia e sua estratégica posição geográfica, “nó górdio” dos caminhos que a comunicavam com a Mesopotâmia, o Egito, Filadélfia e o Mediterrâneo, trariam consigo duas realidades inquestionáveis que não posso nem devo deixar de registrar. Duas circunstâncias que, em minha modesta opinião, influíram e muito na personalidade e no estilo de Jesus de Nazaré. Refiro-me, em primeiro lugar, ao intenso intercâmbio de povos, culturas e costumes, de que, sob todos os aspectos, se beneficiou a Galiléia. Em segundo lugar, quase como um complemento do anterior, à liberalidade que esta torrente de povos fez germinar no coração dos galileus.

Insisto: estes fatores marcaram profundamente o pensamento “terreno” de um Homem que conviveu durante quase vinte e oito anos com caravanas procedentes dos quatro pontos cardeais. Esse trânsito incessante, o fluxo do dinheiro e o caráter hospitaleiro e receptivo dos autóctones, que não hesitavam em mesclar com os “pagãos impuros”, valeriam para a Galiléia por sinal, o depreciativo epíteto de “círculo dos gentios”. Ali trabalhava, divertia-se ou fazia uma parada, de passagem, toda sorte de raças – tírios, gregos, sidônios, egípcios, negros da África, romanos, babilônios, judeus e uma tumultuosa legião de nômades do leste – com seus respectivos deuses, superstições, línguas e costumes. Ao reconstruir as sucessivas etapas – infância, juventude e maturidade – da existência do rabi da Galiléia, fomos compreendendo a decisiva influência deste meio cosmopolita e aberto em sua educação e, sobretudo, em sua forma de julgar o pensamento e o comportamento dos seres humanos.

Os evangelistas são culpados de grave omissão por não terem tido a preocupação de mostrar ao mundo a realidade cotidiana em que cresceu o Filho do Homem. Os cristãos caem na tentação de imaginar um Jesus menino ou adolescente praticamente enclaustrado e isolado do mundo, submerso nos estreitos e remotos limites de uma aldeia chamada Nazaré. Nada mais distante da realidade...

Mas esta promiscuidade entre israelitas e estrangeiros provocaria também um raivoso e geral repúdio entre os judeus do sul (a Judéia). Rabinos e fiéis apegados com rigor à observância da lei mosaica viviam permanentemente escandalizados com os costumes e a tolerância dos galileus. Vangloriando-se do seu puritanismo, qualificavam seus vizinhos do norte de “impuros, incultos e provincianos, incapazes até de falar corretamente”. A soberba dos judeus meridionais era tal que, entre os membros do Grande Sinédrio, repetia-se com frequência: “Da Galiléia nunca surgiu um profeta”. Essas tensas relações foram, em suma, o terreno propício ao ódio em que teve de mover-se o Nazareno e, claro, seu grupo.

Aquele susto foi um aviso providencial. O que acontecera na plantação de “pimpinelas” não podia se repetir. Assim, pelo menos até a entrada em Nazaré, eu exageraria na prudência. Não faria mais do que observar, sem deter a marcha. Afinal de contas, esse era o meu trabalho e teria de executá-lo, evitando qualquer intromissão naquele “agora histórico” que não era o nosso. Objetivo complexo, posso jurar. Os incidentes em que me vi envolvido colocariam esta rígida norma da operação diante de um espinhoso dilema. Mas devo prosseguir no relato da acidentada caminhada até a aldeia do Filho do Homem.

Segundo minha estimativa, Caná achava-se a pouco mais de quinze quilômetros. Como já ficou dito, ali ficaria Bartolomeu. Na cauda da comitiva,

isolado dos demais, concentrei-me na memorização de todas as referências que nos pudessem ser úteis nas explorações futuras. Se o projetado “salto no tempo” chegasse a consumir-se – como acabou acontecendo –, essa estrada e as aldeias de Caná e Nazaré se converteriam em cenários habituais do ir-e-vir de Jesus e seus discípulos. O conhecimento do terreno em que eu pisava tinha, por isso mesmo, de ser o mais exaustivo e preciso possível.

Essa quarta etapa, quase em sua totalidade, oferecia um caminho cômodo, enquadrado entre os altos campos de cereais. A campina espraiava-se livre e dourada, contornando os quatro montes que dominavam os sete quilômetros desse novo trecho. Essas notáveis elevações – todas superiores aos quinhentos metros – guardavam uma curiosa simetria. Como um capricho da natureza, desenhavam um quadrado quase perfeito, de dois quilômetros de largura, cortado exatamente no centro pela estrada. No cume de um dos picos – o primeiro à nossa direita – distinguia-se a brancura de uma recôndita aldeola (Lavi), único assentamento visível nessa quarta etapa da caminhada. E aqui e ali, rompendo as suaves ondulações dos trigais e dos círculos de cevada, choças de palha e adobe, destinadas ao depósito de ferramentas e ocasionalmente a repouso de homens e animais. Bandos de felás, a um lado e outro do caminho, curvavam-se sobre os canteiros de cevada. Era o tempo da sega do “pão dos pobres”. A colheita do trigo duro se iniciaria algumas semanas depois. Armados de pequenas foices de ferro, ligeiramente curvas e algumas com as lâminas denteadas, os camponeses seguravam os feixes com a mão direita e os guilhotinavam com um certo golpe. Ainda que menos abundante do que o trigo, aquela cevada era de excelente qualidade. Pertencia à espécie chamada de *hexastichum* (de seis fileiras), cujas espigas, diversamente de sua irmã *distichum* (de dupla fileira), produzem um generoso grão¹².

Os feixes, uma vez atados, passavam às mãos das mulheres e dos rapazes, que os transportavam até as eiras, espaços abertos nos trigais – geralmente formados por um afloramento rochoso – nas quais os grãos eram debulhados e ventilados. Alguns grupos de camponeses, com melhores recursos, dispunham de bestas e carretas para facilitar o transporte dos grãos. Quando a eira consistia em um leito de terra argilosa nua, sua superfície era cercada em todo o seu perímetro por dezenas de pedras de regular tamanho. As mulheres, então, esparziam os feixes, executando depois a operação de debulhamento. Para isso, as esforçadas hebréias golpeavam a cevada com paus e maças, para depois talhar os talos. Outras, mais afortunadas, serviam-se dos burros. Ajustavam-lhes uma esportela ou açame, para que não comessem o grão, estimulando-os a caminhar ou trotar pela eira para que debulhassem as espigas sob suas patas. Em alguns casos, os quadrúpedes eram enganchados a uma tábua de madeira retangular,

áspera, provida de dentes de pederneira. A camponesa plantava-se sobre o rudimentar rastelo e incitava o animal, debulhando os grãos.

Cada qual, em suma, tinha um determinado dever. Os meninos, por exemplo, tinham a seu cargo a distribuição de água e a vigilância do grão debulhado ou ventilado. O “inimigo”, neste caso, eram os bandos de rolas comuns que desde o começo da primavera cruzavam os céus de Israel, rumo ao Velho Continente. Muitas delas incubavam na Galiléia, ameaçando as colheitas. Quando estas aves ou as carriças se aproximavam das eiras, os pequenos vigias agitavam os braços, batiam palmas e entoavam cantigas chiantes, para espantar as intrusas. A campina adquiria, assim, uma ruidosa vida. Os cânticos e a teatralidade da gente miúda adoçavam em parte a dureza daquela faina, à qual, aliás, não foi alheio o Filho do Homem...

Concluído o debulhamento, os felás, com o emprego de forcados de cinco pontas, sacudiam as canas no ar, ventilando os grãos. Uma vez em terra, as hábeis mulheres os crivavam com a ajuda de pequenas e pontiagudas pedras. E os grãos de cevada – dieta básica dos menos favorecidos da fortuna – estavam prontos a ser transportados para as aldeias e armazenados nos silos.

Os vinte ou trinta primeiros minutos de marcha me reconfortaram. E imaginei o Mestre entre os felás. Segundo minhas informações, também Ele o foi durante algum tempo. Eu não podia perder de vista que esta era sua gente, sua terra e o mundo que o rodeou durante anos. Uma completa documentação em torno dos costumes, modo de pensar e problemas dos galileus deveria esclarecer-nos o porquê de muitas das atividades e atos de Jesus. Nem os homens, nem as idéias e muito menos o ritmo social daquele tempo e daquele país guardam relação com a cultura e a estrutura vital dos cristãos do século XX. Esta circunstância é esquecida com frequência pelos que praticam o Cristianismo. E agora que falo disso me permitirei um parêntese na narração. Dizia eu que aquela caminhada pela fértil e formosa Baixa Galiléia encheu-me de forças. Deus sabe que nossa “viagem” não foi abundante em momentos de paz. Era natural que, à menor oportunidade, nos aferrássemos a eles. O hipotético leitor deste diário não deve esquecer que tanto meu irmão como eu também éramos seres humanos. É certo que estávamos em condições de “manipular” o tempo e isso, em teoria, nos colocava em um plano de superioridade. A verdade, entretanto, a verdade nua, era outra.

Apesar do duríssimo treinamento, dos recursos técnicos e científicos a nosso alcance e das vantagens de todo tipo que uma diferença histórica de quase vinte séculos traz consigo, estes exploradores sentiram-se “perdidos” em infinitas ocasiões. Quem chegar a ler estas experiências deve compreender-nos e compreender nossas fraquezas. Sofremos o indizível. Caímos em erro e, o que é

mais lamentável, não conseguimos ajustar-nos inteiramente à cotidiana realidade daquele “outro agora”. Foram muitas as ocasiões nas quais, por causa de tão prolongada “estada” em um marco histórico estranho, padecemos um transtorno não catalogado ainda pela medicina e que poderíamos definir como “ressaca psíquica”.

Não é fácil explicar isso. Ainda que o organismo terminasse por adaptar-se às necessidades e exigências do novo “meio”, não ocorreu o mesmo com a nossa mente. Freud ter-se-ia sentido feliz estudando esta dissociação entre o consciente e o subconsciente. Enquanto o primeiro reagia dentro da normalidade, o segundo, talvez mais sábio, resistia a sobreviver em um habitat sob todos os aspectos antinatural. E de quando em vez experimentávamos uma espécie de bloqueio mental acompanhado de umas não menos injustificadas reações de repulsa por tudo quanto nos rodeava. Nada grave, suponho, mas suficientemente sintomático para alertar-nos de que alguma coisa não andava bem. Como médico, estou convencido de que tais alterações, embora passageiras, tinham uma íntima relação com o irreversível processo degenerativo das redes neurais. Um mal que custou a vida a meu caríssimo irmão e que não tardará a cortar a minha. O cérebro humano está capacitado a aclimatar-se às mais adversas condições, tanto físicas quanto psíquicas. Mas um “salto” desta natureza, a outro marco temporal, rompe a própria química cerebral. Curtiss e os especialistas da operação Cavalo de Tróia foram advertidos no devido tempo. Deus queira que nossa experiência ponha freio a outros projetos similares. A ciência tem obrigação de analisar e prever essas delicadas situações. Fomos os primeiros, sim, e ainda que a Providência nos tenha protegido a todo momento, o preço a pagar foi o mais elevado.

Fechado o parêntese, como dizia o Mestre, “quem tiver ouvidos, que ouça”.

O encontro com aquela caravana seria próprio. A partir desse momento, até a consumação do terceiro “salto” no tempo, uma cadeia de inesperados acontecimentos iria cercando-me até lançar-me a uma dolorosa marginalização. Como é estranho o destino! Eu, Jasão, o “audaz e valente grego” que soube estar ao lado de Jesus nas mais duras provas, acabaria repudiado pela maioria dos discípulos.

A Operação havia previsto esta possibilidade. Todavia, as normas e diretrizes – sempre teóricas – não serviram de grande coisa. Vejamos por quê.

Talvez já estivéssemos a meia hora de caminho desde o ingresso na estrada principal. A questão é que, ao sairmos de um dos cotovelos, distinguimos, a cerca de meio quilômetro, uma compacta concentração de homens e animais. O grupo estava imóvel e ocupava toda a largura da estrada, impedindo a passagem.

Bartolomeu e o Zebedeu detiveram-se. E o primeiro, após uma rápida inspeção, acertou no veredito. Achávamos-nos diante de uma caravana. Uma das muitas que cruzavam diariamente a Galiléia. O que não souberam dizer-me foi o motivo da paralisação. O lugar não parecia apropriado para dar de beber às cavalgadas. Também a hora, cerca de dez da manhã, nada tinha que ver com a implantação do obrigatório acampamento noturno. Salvo raras exceções, caravanas e caminhantes evitavam deslocar-se durante a noite.

O fato de termos de abrir passagem entre aquela gente desconhecida não agradou aos meus amigos. Com gestos sérios, quase mal-humorados, retomaram a caminhada, discutindo a alternativa de desviar-se da caravana. Por fim, desistiram. Os felás que ceifavam nas proximidades certamente não haveriam aprovado a opção de pisotearmos os trigais. Que lástima... Se nos tivéssemos esquivado da caravana todos nos haveríamos poupado a alguns dissabores.

A caravana deslocava-se no mesmo sentido que nós. E quando já estávamos alcançando os grandes dromedários que fechavam a multicolorida e extensa comitiva, a Senhora e os discípulos, num gesto quase mecânico, cobriram a cabeça e o rosto com os mantos. Pareceu-me a princípio que sua intenção era não ser reconhecidos. Mas depois, quando emparelhamos com os animais e começamos a ultrapassá-los, compreendi a razão do gesto. Aquela variedade branca de dromedários, os asnos e os búfalos de chifres em forma de meia-lua tinham a “escoltá-los” variadas e zumbidoras nuvens de moscas, tão incômodas quanto perigosas. Apesar da proteção da “pele de serpente”, tratei de imitar meus companheiros. A picada de um desses insetos, em especial do *Loa loa*, podia causar enfermidades – caso da filariose – que devíamos evitar a todo custo.

Embora eu já tivesse visto outras caravanas nos arredores de Jerusalém e no caminho de Betânia, era a primeira vez que me aventurava no meio de um desses singulares grupos.

Fiquei aturdido. A exalação acre dos animais, o zurrar dos asnos, a escura e pertinaz nuvem de moscas, paciente mas inutilmente perseguidas pelas caudas dos quadrúpedes, o balido das cabras, o vozerio dos caravaneiros e as ordens dos encarregados de manter em linha meia centena de dromedários, compunham um quadro diverso, fascinante e, para um leigo, como eu, aparentemente caótico.

A maioria dos camelos transportava grandes canastras. A água, elemento precioso, quase sagrado, era levada no lombo de uma dezena de pequenos burros de pêlo preto e abundante. Os odres, presos por varas de madeira, estavam aos cuidados de mulheres.

Sobre a corcova daqueles dromedários, conhecidos entre os mesopotâmicos como “asnos do mar”, haviam sido acomodados também alguns baldaquins ou tendas rústicas nas quais viajavam mulheres e crianças. Outros desses animais

conduziam tendas enroladas e todo o equipamento doméstico dos quase duzentos membros da caravana.

Cada vez com mais pressa, os discípulos e a Senhora continuaram andando em ziguezague entre carros e animais, saudando com votos de paz à esquerda e à direita. Foram poucos os homens ou mulheres que responderam à saudação. Deduzi que não deviam conhecer o aramaico da Galiléia. A julgar pelas vestes, podia ser até que procedessem da Mesopotâmia. Os homens traziam túnicas de linho e lã, praticamente até os pés, e mantos de brancura deslumbrante que às vezes enrolavam na cabeça à maneira de turbante. Tais vestimentas, muito adequadas ao deserto, eram arrepanhadas na cintura por uma ampla faixa ou cinto, que servia para acomodar uma arma, geralmente uma adaga curta e curva, com bainha de madeira ou de lona e cabo finamente lavrado.

O calçado, com exceção de algumas sandálias que me lembraram os borzeguins da Beócia, era extremamente simples. Consistia em uma grossa sola de couro de vaca ou pele de camelo à qual se implantava uma corda que, passando entre os artemhos polegar e anular, se atava ao redor do tornozelo.

A roupagem feminina, igual à dos homens, só se distinguia pelo colorido luminoso. Se os homens, como eu disse, vestiam-se de branco, uniformemente, elas gostavam de motivos florais e complexos bordados nas cores vermelha, azul, rosa e preta. No rosto, de tez curtida, exibiam enigmáticas tatuagens de um azul forte, no queixo e na fronte.

Logo depois tive ocasião de verificar que nos encontrávamos, de fato, no meio de uma tribo nômade, oriunda, em parte, da região setentrional da que na atualidade conhecemos como Península Arábica. A numerosa arreata de animais, os grandes brincos, os anéis de nariz, os pesados braceletes e colares – tudo de prata – indicavam uma apreciável posição econômica.

Uma particularidade que me chamou a atenção, no meu primeiro e atropelado contato com a caravana, foi a presença de cinco corpulentos cães pastores, muito parecidos com os “dogs de Bordéus”. De cabeças longas, focinhos caídos, uns cinqüenta quilos de peso e ao redor de oitenta centímetros de altura, constituíam uma apreciável defesa para o grupo em geral e para o gado especialmente. Uns eram amarelos, outros mosqueados.

Enquanto a caravana permaneceu imobilizada, um dos pastores, prudentemente, os manteve amarrados. Ainda assim, ao nos aproximarmos da matilha, vários dos cães, alertados pela presença daqueles quatro estranhos, ergueram-se de pronto e se puseram a ladrar furiosa e ameaçadoramente. Assustada, a Senhora afastou-se para um lado e se colocou sob a proteção de João. O nômade que segurava as cordas com ambas as mãos sorriu, brincalhão, ao mesmo tempo que continha a pontapés os mais ameaçadores. Procurei

distanciar-me. Aquelas feras, em uma classificação até 10, mereciam uma pontuação de 9 no que se refere à defesa territorial e ataque.

O núcleo do comboio era formado por umas quinze carroças. A maioria de duas rodas e tirados por bois. Outros, mais pesados, providos de quatro rodas em forma de discos de madeira de uma só peça, eram puxados por pares de *bos bubalus*, os poderosos búfalos utilizados nas planícies do rio Tigre e do Eufrates desde a remota dinastia de Akad. Tanto as carretas cobertas como as descobertas estavam repletas de cestos de vime, tinhas e ânforas de diversos calibres e, ainda, escuros e compactos fardos. Os carros de quatro rodas, com um corrimão rodeando a plataforma, assemelhavam-se muito aos *plaustra maiora*, uns carroções que os romanos foram introduzindo com suas legiões e seu comércio. Supus, acertadamente, que se tratava da mercadoria principal. Essas caravanas, sobretudo as que partiam do norte e do leste, traficavam fundamentalmente com sedas, especiarias, tapetes, pedras preciosas, frutas, madeiras nobres e até animais exóticos.

Em vários dos carros descobertos, mulheres e meninos, sentados sobre a carga ou de pé, com as vistas voltadas para a cabeça da caravana, discutiam entre si. Essas mulheres, ao contrário das que eu havia deixado para trás, ocultavam o rosto com longos véus negros. Por que a discriminação? Na vanguarda do comboio estava a resposta à intransigente pergunta, ainda que não na forma que eu imaginara e desejara...

A inata e certamente inevitável curiosidade feminina iria precipitar os acontecimentos. O “urso” de Caná suspirou aliviado ao alcançar a vanguarda da caravana. Retirou da cabeça o manto e dispôs-se a ultrapassar um grupo de nômades que se aglomerava à direita do caminho. O Zebedeu, que acompanhava Bartolomeu bem de perto, tentou segui-lo mas quando percebeu a pressa do companheiro desistiu. A Senhora, ao contrário, não teve prudência. Com o rosto encoberto ainda por seu manto marrom-claro, insinuou-se no meio dos caravaneiros, curiosa por saber o que acontecia. Positivamente, a Senhora, sempre intrépida, era uma permanente caixinha de surpresas. No primeiro momento, nem Bartolomeu nem João perceberam sua manobra. Eu, por minha vez, também me aproximei dos dez ou doze indivíduos que discutiam.

Absorto na contemplação da caravana, eu não havia percebido que nos achávamos a uma diminuta distância do pico sobre o qual se assentava a aldeia de Lavi. Os nômades estavam discutindo justamente na confluência da estrada principal com a estreita e pedregosa trilha que descia da aldeia. Como era de hábito nas rotas importantes, os habitantes dos povoados próximos aproveitavam esses cruzamentos de caminhos para sair ao encontro dos viajantes e oferecer-

lhês os produtos e especialidades do lugar. Naquela ocasião, uma moradora de Lavi havia instalado suas mercadorias em uma eira pequena, circular, bem ao lado da bifurcação; e ali, em companhia de dois meninos de pouca idade, sobre uma pequena esteira de folhas de palmeira, exibia uma bateria de vasos de barro cozido, cheios de lentilhas recém-colhidas, farinha de cevada, alhos e cebolas (crus e cozidos) e uma enfiada de cabaças de vinho com a forma típica de frasco. Depois de extraída a polpa amarga e as sementes, essa espécie – única no gênero – era muito apreciada como recipiente, quer para uso doméstico, quer para as viagens, à maneira dos nossos modernos cantis.

A princípio, mais atento a Maria do que ao tumulto causado pelos caravaneiros, não compreendi muito bem os motivos da contenda. Alguns dos nômades pareciam interrogar a vendedora e o faziam em um aramaico fluente. Mais correto até do que o ocidental ou galilaico que os galileus empregavam¹³. Uma palavra repetida várias vezes por aqueles homens, visivelmente nervosos, era “médico”. De fato eles tentavam localizar um “sanador”. Alguma coisa de anormal acontecia na caravana. E o instinto pôs-me em guarda. A Senhora e os discípulos conheciam minha condição de galeno. Mas, a não ser em casos de nula ou pouca importância, a operação Cavalo de Tróia proibia a seus exploradores qualquer tipo de intervenção ou prescrição de medicamentos e mesmo conselhos e orientação de ordem médica que pudessem modificar o curso natural das pessoas ou dos grupos.

Precisamos de tempo para reconhecer nossos erros. Embora em certos momentos nos possa ter beneficiado, eu nunca devia ter revelado entre aquelas gentes minha especialidade como *rofé* ou médico. E agora, no meio dos nômades, estava a ponto de sofrer as desagradáveis consequências de tão tosca imprudência...

O caso é que, prevendo uma complicação, recuei alguns passos, distanciando-me dos caravaneiros. Que podia eu fazer? Devia escapar e refugiar-me no labirinto de carruagens? Se o problema era grave eu deveria permanecer à margem. Mas como fazer isso? Hoje, rememorando aquele lance crítico, arrependo-me de não haver obedecido ao impulso inicial. Sufocando a sutil advertência, desisti. Talvez eu estivesse exagerando. Minha súbita desapareição, pensei, poderia ser difícil de explicar. Por outro lado, eu não tinha elementos para analisar o assunto com um mínimo de objetividade. Assim aproximei-me de novo do grupo e deixei que os acontecimentos seguissem o seu curso.

A galiléia, sentada à maneira turca, parecia alheia ao vozerio, mais preocupada, parecia-me, em espantar as moscas que atacavam sua mercadoria do que em colaborar com os exaltados viajantes. Em certo momento ela ergueu os olhos e, com muita dificuldade e lentidão, articulou algumas palavras, ao mesmo

tempo que apontava para o oeste. Não consegui entendê-la. Sua péssima pronúncia fazia de sua fala uma algaravia incompreensível. E logo descobri a razão. A infeliz sofria de uma disartria¹⁴: uma imperfeição na articulação das palavras, como consequência de alguma lesão nos músculos da fonação. Isso a impedia de manifestar suas idéias com clareza, provocando a exasperação e a confusão nos seus interlocutores, que, ao ouvirem a nebulosa indicação, se voltaram para um indivíduo que presenciava a cena em silêncio. Vestia-se também de branco, ainda que o seu porte, a franja de borlas que rematava sua imaculada túnica e o arco que sustinha na mão direita me levassem a supor que se tratasse do xeque ou chefe da família de nômades. O fenótipo era claramente mesopotâmico: nariz aquilino, fronte estreita, abóbada craniana achatada e oblíqua, olhos pretos, occipital plano e uma barba longa e quadrada.

A troca de impressões foi rápida. O que parecia comandar a caravana olhou na direção do poente, perscrutando o caminho. Acariciou a pequena cabeça de pato de marfim que adornava um dos extremos do arco e, com uma sombra de tristeza no rosto, dirigiu-se a seus homens e ordenou o avanço do comboio. Nesse momento, Maria, sempre solícita, saiu de entre os caravaneiros e ofereceu sua ajuda ao xeque. Este, surpreso, observou-a de cima para baixo, sem atinar com as suas intenções nem de onde diabos havia surgido aquela galiléia. Mas tudo ficou esclarecido quando Natanael e o Zebedeu, alarmados pela nossa demora, voltaram para trás e se juntaram ao grupo.

Eu, prudentemente, me mantive a certa distância, meio camuflado entre os homens da caravana. Assim que trocou as primeiras palavras com a Senhora e os discípulos o xeque se convenceu da boa-fé de Maria e de seus acompanhantes e alterou a ordem anterior: a caravana continuaria imobilizada. Então pressenti o pior. De vez em quando, os olhares dos meus amigos e os inquisidores olhos do mesopotâmico me buscavam entre as brancas vestes dos caravaneiros. Não havia dúvida. Falavam de mim. E uma inquietude foi crescendo em meu coração. Vi as coisas complicadas.

João ergueu a mão esquerda e, sorridente, pediu que me aproximasse. Depois, exatamente como eu temia, me apresentou ao xeque – um tal Murashu – como um “sábio *rofé*, capaz de grandes prodígios”. Surpreso, com a boca seca de medo, tentei desmentir os calorosos elogios do discípulo. Mas ninguém me levou em consideração. Murashu, respeitosamente, inclinou a cabeça e me suplicou que aliviasse a carga dos seus muitos pecados. Ao que pude perceber, uma de suas mulheres havia sofrido uma queda. O dromedário em que viajava, em um acesso de loucura, a derrubara e pisoteara quando a caravana já se aproximava do cruzamento em que nos encontrávamos. Deduzi, em boa lógica,

que o acidente devia ser suficientemente grave para haver causado a parada da caravana. E meus temores aumentaram...

Para os assírio-babilônicos, as enfermidades, acidentes e quaisquer outras calamidades tinham sua origem na ira dos deuses. Qualquer contratempo ou desgraça era associado imediatamente aos pecados, mesmo hipotéticos, da vítima ou de sua parentela¹⁵. Daí as lamentações do aflito Murashu.

Tratei de serenar-me. Era inútil apelar para o “sanador” de Caná que era o mais próximo e ao qual fizera referência a moradora de Lavi. A distância que nos separava da aldeia de Bartolomeu passava de doze quilômetros. Não havia alternativa...

Então o dono e senhor da tribo nos levou até uma das carretas com cobertura: uma espécie de *carpentum* de duas rodas. A poucos metros da carruagem, dois servidores da caravana (os chamados “escoltas”, responsáveis pelos dromedários) cuidavam de um animal. O ruminante estava ajoelhado e imobilizado por uma corda que, descendo da cabeça, havia sido atada ao joelho esquerdo. Ao passar junto ao branco e inquieto animal, Murashu dirigiu-lhe uma maldição. Tratava-se, efetivamente, da dromedária que causara o acidente. Um dos nômades, munidos de um odre, tentava fazê-la beber água. O outro, por sua vez, com um feixe de plantas na mão, ia-lhe dando pequenas raízes e umas cápsulas redondas que arrancava dos talos. Ao falar de uma acesso de “loucura” o xeque não havia exagerado. Exatamente como o ser humano, o camelo e o dromedário sofrem também de podagra ou gota¹⁶, que afeta as extremidades, provocando nos quadrúpedes uma dor intensíssima. Quando isso ocorre, o animal “enlouquece”, tornando-se irascível e extremamente perigoso.

Era isso, nem mais nem menos, o que havia ocorrido na caravana. É possível que se o animal envolvido no acidente fosse um macho o xeque o tivesse mandado sacrificar imediatamente. Com as fêmeas o procedimento dos nômades era diferente. O leite da dromedária, de alto conteúdo protéico e grande porcentagem salina, constituía um alimento e uma bebida básicos na dieta daquela gente. Era por isso que, muito criteriosamente, procuravam controlar a “loucura” do ruminante, dando-lhe líquido em abundância e as escuras sementes contidas nas cápsulas vegetais. Esses grãos gordurosos não eram outra coisa senão o ovário amadurecido da dormideira, uma planta vastamente conhecida nas regiões mesopotâmicas, que contém até vinte e cinco alcalóides opiáceos. Como calmante e analgésico era muito indicado nessas circunstâncias. A esse “tratamento”, os nômades, conhecedores das propriedades medicinais das plantas (os assírios, para citar um exemplo, dispunham de mais de duzentas e cinquenta espécies em sua “farmacopéia”), acrescentavam as raízes secundárias

do “harpagofito”, especialmente indicado para a dor nas articulações.

Nosso anfitrião e meus acompanhantes começaram a impacientar-se. Não conseguiam entender meu interesse pela dromedária. E, se me tivessem interrogado, a verdade é que eu não saberia como satisfazer sua curiosidade. Curvado sobre as extremidades inflamadas do animal, meu exame não tinha outro objetivo que o de tentar averiguar o grau de contaminação por fezes. Se o ruminante havia pisoteado a mulher, convinha certificar-me do estado das patas. “Ainda assim – raciocinei –, se ocorrer a aparição de um tétano, que poderei fazer?”

Foi Maria quem tomou a iniciativa. Colocando-se às minhas costas, pôs a mão sobre meu ombro, repreendendo-me com suavidade e qualificando minha ação de “imperdoável despistamento”.

– Jasão – advertiu-me sorridente – estás enganado. Não é o dromedário que precisa da tua ciência...

Eu sabia disso, mas me desculpei. Acompanhando os passos do xeque, saltei para o interior da carruagem.

Deus! Que era aquilo? Em um asfixiante habitáculo de três por dois metros, sobre um carregamento de fardos de lã, jazia uma mulher com o rosto coberto por um véu preto. Seus gemidos eram abafados pela reza de uma anciã que, de cócoras aos seus pés, acompanhava o cantarolar dos salmos penitenciais com o lançamento, sobre o corpo da jovem enferma, de uma substância ocre que não pude identificar de pronto. Sob a ampla roupagem da mulher observei um ventre anormalmente crescido. Mas o odor putrefato que enchia a carruagem me distraiu. Por que o ambiente estava tão infecto? Ao ajoelhar-me junto à mulher e explorar o seu pulso compreendi o que se passava. A úmida e pegajosa substância que quase sepultava a enferma aderiu a minhas mãos. Instintivamente aproximei os dedos ao nariz, na tentativa de identificar o que a anciã estava manipulando. Meu estômago revoltou-se.

De acordo com as ancestrais e supersticiosas práticas daqueles povos, tudo quanto pudesse desagradar a vítima desagradaria também a divindade instalada em seu corpo. Pois bem, para obrigar o espírito causador do problema a abandonar a doente, a velha havia esparzido sobre ela excrementos de animais.

Minha raiva e repugnância foram tais que, antes mesmo de fazer um primeiro e superficial exame, abandonei a fétida carruagem, tentando pôr em ordem minhas idéias e... meu estômago. A Senhora, alarmada, aproximou-se, interrogando-me. Também Murashu e os discípulos. Diante do olhar atônito do xeque ordenei que, para começar, fizessem a imediata remoção da jovem para uma carruagem sem carga. Depois, no mesmo enérgico tom, pedi a Maria que se ocupasse da limpeza da mulher.

A essa altura, uma segunda carreta entrava em ação. E, apesar do risco que podia estar implícito no transporte de um acidentado dessas características, com possível politraumatismo, minutos depois ela descansava na espaçosa plataforma de uma carroça de quatro rodas.

Auxiliada por duas nômades de rostos igualmente cobertos, a Senhora desnudou a moça, seguindo minhas instruções. E eu, sem saber muito bem o que fazer nem por onde começar, aproveitei a espera para revisar a “farmácia de campanha” que guardava na sacola de viagem e trocar algumas palavras com Murashu. O Zebedeu, testemunha da conversa, mostrou-se contente ao descobrir que os ancestrais do xequê eram judeus. Aqueles orientais, ao contrário do que sucede com os homens do século XX, possuíam uma memória prodigiosa. Podiam declinar, minuciosamente, suas árvores genealógicas completas. Assim foi que soubemos que os primeiros Murashus haviam sido deportados para a Mesopotâmia depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor (ano 587 a.C.). A família prosperou, alcançando seu auge nos reinados de Artaxerxes e Dario II. E ainda que o assentamento-chave fosse sempre a cidade de Nipur, alguns ramos familiares terminaram por misturar-se com os autóctones da região, à busca de novos horizontes.

Esse Murashu e seus nômades, antepassados dos atuais beduínos, residiam habitualmente ao norte da Península Arábica (hoje reino da Arábia Saudita), em território perdido no deserto do Grande Nefud, atrás dos montes de Ágia e Selma. Dali desdobraram suas atividades, comerciando pelo norte, pelo leste e pelo oeste, nas rotas de Susa, Jaran, Damasco e Egito. Mas o agradável colóquio foi interrompido bruscamente por um agudo grito da Senhora.

Não vacilei. Abandonei meu manto e a “vara de Moisés” nas mãos de João e entrei na carreta disposto a tudo. Mas a cena que se apresentou aos meus olhos era um desafio à minha boa-fé e ao meu zelo. A disciplina e a ética da Operação bloquearam minha vontade e paralisaram minha ação. A partir desse momento, uma violenta luta interior se desenrolaria dentro de mim.

Maria, mangas arregaçadas e de joelhos, tendo entre as mãos os panos empregados na limpeza, parecia uma estátua. As outras duas mulheres, de cócoras à cabeceira da jovem, continuavam empapando os panos em uma bacia de barro. A respiração da enferma, quase imperceptível em meu primeiro, contato, havia voltado a agitar-se.

Suponho que eu não quis encarar a realidade. Tentei desconhecer o que o volume do ventre mostrava e me concentrei na exploração do pulso, que era vertiginoso. A Senhora, pálida, desfigurada, seguiu-me com o olhar e deixou-me agir. Em uma rápida avaliação inicial descobri que, apesar das contusões e pequenos hematomas – consequência da queda e possivelmente das pisadas do

dromedário –, as vias respiratórias não estavam comprometidas. A apalpação também não revelou sinais de rupturas, com exceção de uma fratura transversal na falangeta do segundo artelho do pé direito. O traumatismo havia provocado o desprendimento da unha correspondente. Bom seria que todo o problema se tivesse limitado a essa lesão.

Uma vez refeita da surpresa, Maria percebeu a minha indecisão. Confusa, e sob a pressão das circunstâncias, elevou a voz, exigindo que eu agisse. Não pude replicar. Um brado desesperado, seguido de outros curtos mas intensos gemidos da jovem, me paralisaram. E a Senhora, com os belos olhos cheios de incredulidade, ergueu-se e gritou-me enfurecida:

– Será que estás cego?

Minha resposta à sua humana e justa indignação foi um suor frio que me cobriu as têmporas. Não, não estava cego. Permaneci de joelhos, mudo, aos pés da mulher, que, desde alguns minutos atrás, havia começado a dar à luz um filho...

– Jasão!...

Não me recordo bem dos termos da dura reprimenda de Maria. Meus olhos estavam fixados na cabeça daquele bebê, que havia iniciado o lento mas inexorável processo de liberação.

Maldito código! Cavalo de Tróia proibia terminantemente nossa participação no nascimento de um ser humano. E eu, sem meios de evitá-lo, me via enfrentando o parto de uma jovem nômade. Uma *délivrance* (parturição) acelerada – quase certamente – pelo acidente do dromedário.

Nunca vim a sabê-lo com certeza mas creio que a Senhora interpretou meu silêncio e minha imobilidade como o resultado de um terror insuperável. Então, com uma decisão admirável, encarregou-se da situação, ordenando às mulheres que a provessem de todo o necessário: água quente em abundância, panos limpos, sal, uma provisão de azeite, essências, esponjas, natrão *etc.*

Pelo que pude deduzir, aquela não era a primeira vez que Maria dava assistência a uma parturiente. Como primeira medida, tomou a cabeça da jovem entre suas mãos e, ternamente, foi sussurrando para ela palavras de alento. Depois, enquanto as mulheres apenas faziam ato de presença na carreta, beijou-a na fronte e a incitou a empuxar fortemente. Depois, sem nem sequer olhar para mim, assistida por uma das nômades, precipitou-se sobre o bebê. Com uma precisão impecável, apanhou nas mãos um pano umedecido, ajudando assim a expulsão da cabeça e protegendo o bebê das inevitáveis secreções anais. Quando os gritos da parturiente aumentaram, a nômade que estava à cabeceira introduziu um pequeno pedaço de pau entre os seus dentes e a segurou pelos pulsos, a fim de secundar seu esforço de expulsão.

Com a mão envolvida sobre a área do reto, a improvisada e corajosa parteira foi exercendo uma pressão posterior e para cima, e com isso conseguiu uma mais rápida e eficiente liberação da cabeça. Cheia de força e amor, Maria animava incessantemente a jovem e ainda orientava sua respiração e seus esforços. Jamais esquecerei aquela estampa da Senhora, humanamente devotada ao nascimento do pequeno nômade.

Quando a cabeça ficou livre, Maria passou os dedos ao redor do pescoço do bebê para certificar-se de que o cordão umbilical não o envolvera perigosamente¹⁷. Feliz pelo rápido desenlace, a mãe de Jesus tomou fôlego, enxugou o suor que lhe escorria pelas faces e, inclinando-se para o enrubescido rosto do nascituro, aspirou e cuspiu a matéria estranha que lhe obstruía as narinas e a boca.

Animada pelo bom andamento do trabalho de parto, a mulher que ajudava a Senhora pôs-se a entoar um daqueles salmos pagãos:

“... Fui destruída pelo mal da alma e do corpo...

... noite e dia passo sem ter descanso...

... estou submersa na obscuridade e caminho...”

Maria esperou uns segundos. Tinha os olhos cravados na cabeça que acabava de ser liberada. Mas o esperado giro, quase sempre espontâneo, no qual o bebê costuma colocar-se com os ombros no plano sagital da mãe, estava demorando. Então a Senhora, erguendo a voz, incitou a nômade a lutar. Esgotada, a jovem tentou obedecer mas aquele novo esforço apenas serviu para partir o pau que tinha entre os dentes. E sua respiração desordenou-se.

“... Estou acabada pela dor e pelo lamento...”

Aquela reza inoportuna e a tensão da situação fizeram explodir a parteira.

– Silêncio! – exigiu Maria. E, fulminando-me com o olhar gritou-me: – Pelo bom Deus, Jasão, ajude-me!

Senti o coração golpear-me o peito. Apertei os punhos até cravar as unhas, baixei os olhos e roguei a esse Deus que se apiedasse deste pobre explorador.

Um novo gemido tirou Maria daquele breve intervalo. Retesando seus nervos com uma profunda inspiração, lançou-se outra vez sobre o bebê, procurando a rotação dos seus ombros. Aquela esplêndida mulher maravilhou-me uma vez mais. Prendeu a cabeça com ambas as mãos e aplicou-lhe uma tração suave mas firme. Essa manobra, de fato, facilitou o movimento do ombro e o colocou em posição mais favorável. E logo mais, graças a alguns hábeis puxões, estava ele liberado. A Senhora suspirou. Lutava, agora, para conter a hemorragia. A nômade que a auxiliava recomeçou com os seus cânticos, enquanto a parturiente parecia estabilizar sua frequência cardíaca e o ritmo respiratório.

“... Minha infância esqueci...

... Não sei que pecado cometi: era menina e pequei...

... Transgredi o limite do meu deus...”

Com uma habilidade invejável, a Senhora esperou uns segundos antes de fazer a última tração. Essa breve pausa, após a liberação do ombro anterior, permite que o útero se contraia, prevenindo assim a possibilidade de uma hemorragia pós-parto.

Passado um minuto, Maria dirigiu a cabeça do bebê na direção da sínfise e assim conseguiu a liberação do segundo ombro. O parto, praticamente, estava consumado. A valorosa mãe do Mestre aspirou suave e delicadamente a orofaringe do recém-nascido, enroupou-o e o manteve durante alguns minutos ternamente apertado contra o peito, proporcionando-lhe o calor de que precisava para iniciar a respiração. A seguir, a nômade que havia segurado a jovem pelos pulsos pinçou o cordão umbilical e, depois de o estrangular por dois pontos (o mais próximo a coisa de dois centímetros do abdome da criança), seccionou-o com os dentes. Em meio ao regozijo das mulheres, o pequeno foi banhado e friccionado com sal. Por último, com uma cálida luz no olhar, a Senhora apanhou-o entre suas mãos, encheu-o de beijos e o deitou delicadamente sobre o ventre da mãe. Dez minutos depois, a placenta era espontaneamente eliminada, em meio a uma moderada hemorragia. Maria efetuou então uma massagem do útero, através da parede abdominal, aliviando o fluxo de sangue. Um emplastro de ervas – de *capsella* ou *bursa-pastoris*, de discutível efeito hemostático – fez o resto. A hemorragia, ao menos por enquanto, havia cessado.

A Senhora e as nômadeas deixaram a carreta anunciando eufóricas a boa-nova. Eu, impotente e triste, permaneci alguns minutos junto à jovem, sem coragem de aparecer aos meus amigos. Havia cumprido, sim, o rígido código da Operação Cavalo de Tróia. Mas a que preço? Silenciosamente, como uma pequena compensação pelo que não havia feito por aquela desconhecida, lavei-lhe o pé ferido e imobilizei o dedo fraturado com uma forte bandagem. Então me dispus a enfrentar a crua realidade...

Ao ver-me descer da carruagem, Murashu deixou os homens e mulheres que se agrupavam nas proximidades e, elevando os braços, precipitou-se ao encontro deste desolado “médico”. Imaginei o pior. Talvez as nômadeas, ou a Senhora, lhe houvessem falado a respeito da minha infortunada atuação. Seria lógico que, levado pela ira, tratasse de castigar o impostor. É curioso; pela primeira vez, na aventura palestina, eu estava disposto a submeter-me.

E o xeque caiu sobre mim... abraçando-me escandalosamente. Mais ainda: em lágrimas, derramou-se em uma entrecortada e interminável enfiada de

agradecimentos. Eu não soube o que dizer. Aquele homem, de nobres sentimentos, conseguiu contagiar-me com sua emoção. O que acontecia? Aturdido, procurei Maria com os olhos.

Ao que tudo indicava, aquela jovem que acabava de dar à luz era sua *esirtu* ou concubina favorita. Murashu viajava com sua legítima esposa e uma corte de escravas-concubinas. Eram estas, precisamente, que se diferenciavam daquela por trazer o rosto coberto.

Sua alegria pelo nascimento desse varão era tal que não me atrevi a tirá-lo do engano. Estreitando-me contra o seu flanco arrastou-me para junto de sua gente e acrescentou mais elogios “pela minha boa ação”.

João de Zebedeu felicitou-me com o mesmo calor. Balbuciei uma tentativa de explicação, sem resultado. Por fim, meus olhos cruzaram-se com os da Senhora, que estava sentada à borda do caminho. Acerquei-me lentamente. Trêmulo. Com um nó na garganta. Como explicar-lhe?

Ela não se moveu. Manteve seu olhar e, num gesto que nunca esquecerei, piscou-me e sorriu maliciosamente. Esse gesto fez-me estremecer. Eu conhecia e lembrava aquele sinal. Era um dos mais afetuosos hábitos de seu Filho.

A generosa e leal atitude de Maria me desarmou. Pouco a pouco iria conhecendo-a. Tinha, sim, seus defeitos, mas também esplêndidas qualidades. Fico tomado de uma surda raiva diante de tanto desatino a respeito da imagem e da personalidade da mãe terrena de Jesus! Não tinha nada do que os homens lhe atribuem: foi melhor... mais humana... mais valente. Haverá tempo para demonstrá-lo.

Como retribuir-lhe? Ajoelhei-me, tomei suas mãos nas minhas e as beijei com toda a ternura de que fui capaz. E meus olhos se umedeceram.

É difícil explicar o que ocorreu naquele breve e mudo “diálogo”. Ao penetrar em seu verde e sereno olhar, a intuição pôs-me em guarda. A Senhora – não sei como fazer-me compreender – sabia algo... Foi uma inequívoca sensação. Como se a Providência houvesse julgado por bem revelar-lhe que aquele Jasão, comerciante da Tessalônica, tão profunda e estranhamente interessado na vida do seu primogênito, era “alguém” especial. O episódio com o jovem João Marcos, no monte das Oliveiras, não havia passado despercebido àquela inteligente e intuitiva criatura. Horas mais tarde, as “circunstâncias” me provariam que eu não estava errado...

Mas o tempo urgia. O encontro com a caravana nos havia feito perder umas duas horas. Bartolomeu, impaciente, pediu a Murashu que nos permitisse reiniciar a caminhada. O xeque foi compreensivo e lamentou não poder oferecer-nos mais digna hospitalidade mas nos convidou a reunir-nos com ele e sua família na Cidade Santa durante a próxima festa de Pentecostes. Os discípulos

aceitaram por cortesia. Nem eles nem Maria imaginavam, naquela fresca manhã de segunda-feira, 24 de abril, que uma semana depois, realmente, se veriam na agradável obrigação de tomar o caminho da Judéia.

A uma lacônica ordem do chefe, dois dos caravaneiros puseram em minhas mãos um cordeiro de umas oito semanas e um cântaro de quatro *log* (cerca de dois quilos), hermeticamente selado com uma estopa de linho. Eu sabia que recusar aqueles presentes teria sido uma grave falta de cortesia. Assim, depois dos agradecimentos de rigor, passei a misteriosa jarra de barro ao “urso” de Caná. Quanto ao cordeiro, assim que demos os primeiros passos escorregou-me das mãos, o que provocou as zombeteiras risadas dos nômades. Recuperado o animalzinho, o comboio se pôs em movimento, lenta e pesadamente. E durante um curto trajeto Murashu e seus homens nos escoltaram, orgulhosos e satisfeitos.

Nesse breve percurso, seguindo outra antiga tradição, o chefe dos nômades pediu-me permissão para dar ao novo rebento o nome do seu “salvador”: Jasão. Aceitei com uma teatral e cerimoniosa satisfação a homenagem, mas sabendo que o flamante pai me ocultava a verdade. Aquele, certamente, não iria ser o verdadeiro nome do pequeno, mas apenas o chamado “segundo ou falso nome”. Desde a mais remota Antiguidade, as civilizações egípcias e mesopotâmicas, entre outras, atribuíam ao autêntico nome um poder especial, quase mágico. Babilônios e egípcios, em suma, participavam do mesmo princípio: “O nome das coisas, dos animais e dos humanos faz parte da sua essência”. Platão e a filosofia escolástica não estavam muito longe desta singular concepção¹⁸. O grande ateniense, autor de *Cratilo*, do mesmo modo que Schopenhauer, foi categórico nesse sentido: “Os nomes são a consequência das coisas”. Para Murashu, portanto, se o conhecimento do “verdadeiro, primeiro e bom nome” de seu filho podia exercer um maléfico poder sobre a criatura, era conveniente “camuflá-lo” com um segundo. De fato, os egípcios procediam assim desde muito tempo. Recordemos, por exemplo, uma estrela da era ptolomaica na qual estava inscrito: “Ao filho do sacerdote deu-se o nome de Imhotep mas o chamavam Petubast”.

Sentime tentado a sugerir-lhe um nome mais belo do que o meu – Jesus –, mas ao perceber que ignoravam tudo sobre o Filho do Homem, desisti. Essa circunstância – o absoluto desconhecimento da existência do Mestre – encerra também sua importância. O homem do século XX acha natural que todas as nações saibam da vida e dos ensinamentos do Galileu. No ano 30 as coisas eram muito diferentes. À exceção de umas centenas de milhares de israelitas e pagãos, todos assentados na Palestina e nas imediações, o resto do mundo viveu alheio à presença do “gigante” na Terra.

Ainda que os dromedários de Murashu pudessem caminhar seus quarenta quilômetros por jornada, o ritmo da caravana era lento para nós. Assim, a uma

milha do cruzamento de Lavi despedimo-nos com um “a paz esteja convosco”. Os caravaneiros, por sua vez, inclinando a cabeça, corresponderam com um cortês “que os deuses cresçam vossas riquezas”.

Respirei aliviado ao distanciar-nos. A experiência com aqueles nômades havia sido pouco gratificante. A partir desse momento, como creio já haver mencionado, minha sorte mudou. Uma cadeia de desventuras me impeliria contra o inevitável.

Devo referir-me a isso? Acho que é meu dever. Quem abre os Evangelhos encontra dezenas de frases como esta: “(Jesus) dirigiu-se de novo para o outro lado do Jordão” (*João*, 10,40); “E sucedeu que, no caminho para Jerusalém, passava pelos limites entre Samaria e Galiléia” (*Lucas*, 17,11); “E, saindo dali, vai para a região da Judéia” (*Marcos*, 10,1); “Percorria Jesus toda a Galiléia...” (*Mateus*, 4,23).

Pois bem, mais uma vez os escritores ditos “sagrados” simplificaram a História e privaram os crentes de um universo de pequenos e grandes episódios registrados justamente nessas andanças e deslocações. Se tivessem sido minuciosos na narração das muitas horas consumidas por Jesus e seu grupo nos caminhos, teríamos hoje uma visão mais ampla da vida e da personalidade de todos eles. Segundo nossas estimativas, dos quase quatro anos que o Mestre dedicou à pregação, aproximadamente um terço do tempo foi empregado em deslocamentos. Os números falam por si mesmos da transcendência do que afirmo: dos 1.395 dias destinados pelo Filho do Homem ao que se qualificou como “vida pública”, uns 465, como já disse, transcorreram nos caminhos de Israel e dos países e regiões limítrofes. Será que em todo esse tempo não ocorreu nada suficientemente curioso e importante para ser transmitido às gerações seguintes?

Este pobre e apressado relato da nossa peregrinação do lago de Tiberíades a Nazaré constitui uma mostra do que digo. Quanto me coube viver nessas horas de caminhada foi algo quase habitual nas viagens daquele tempo. Se juntarmos a isso a mágica e insubstituível presença do Nazareno, “fazedor de maravilhas”, tudo quanto se diga será pouco... Durante nossa prolongada permanência, no terceiro “salto”, pudemos confirmá-lo. Foi naquelas cansativas jornadas, viajando sem cessar, que mais e melhor pudemos penetrar na personalidade humana do Mestre e do seu heterogêneo grupo de discípulos. Os que amam a Natureza, os acampamentos e o montanhismo ou trazem no sangue o maravilhoso veneno da aventura e das viagens me entenderão. É precisamente nos íntimos e demorados contatos que se pode penetrar e analisar mais claramente o autêntico caráter dos seres humanos.

Feita esta observação, passarei a relatar o que ocorreu a coisa de uns dois quilômetros, no importante cruzamento de caminhos para os montes Tabor, ao sul, e Meron, ao norte.

Aqueles vinte minutos – da despedida de Murashu até a encruzilhada – transcorreram em silêncio e com o único desconforto, no que me coube, de ter de carregar nos ombros o inquieto cordeirinho. Minha intenção com respeito ao animalzinho estava definida: desembaraçar-me dele na primeira oportunidade. Como, porém? E na minha indecisão eu não estava errado: o destino decidiria. Quanto à ânfora que Natanael carregava, simplesmente a esqueci. Entretanto, seu misterioso conteúdo logo mais me seria útil. Mas não percamos o fio...

O “acontecimento” ao qual eu fazia alusão começou a esboçar-se nos metros finais daquela quarta etapa. Com a encruzilhada à vista, Bartolomeu começou a coxear ligeiramente. A princípio não dei importância ao fato. Mas dentro em pouco o ritmo de suas curtas passadas fez-se irregular. A causa do transtorno – pensei – podia estar em sua perna esquerda, enfaixada desde o tornozelo até o joelho. Mas, habituado à sua doença, o discípulo continuou andando sem uma queixa. A reação de João e de Maria – se bem que seria mais apropriado falar na não-reação de ambos – me deu a entender que já estavam familiarizados com o problema do “urso” e que muito possivelmente não havia gravidade a temer.

E assim prosseguimos até que, chegada a hora sexta, atingimos o cruzamento das importantes artérias. Naquele lugar, a quatro quilômetros; pelos meus cálculos, do caminho que descia da aldeia de Lavi, existia uma típica pousada judia, muito freqüentada pela infinidade de caminhantes e caravanas procedentes dos quatro pontos cardeais. Como a maioria dos albergues daquele tempo, esse era um vetusto edifício quadrangular, de uns trinta metros de largura e de altas paredes cinzentas, feitas à base de tosca pedra calcária.

Quis o destino que o claudicante Natanael se detivesse diante da fachada principal, à direita do caminho e a curta distância do túnel que servia de portão. E sem explicação ou comentário deixou-se cair sobre o poeirento caminho e recostar-se na parede da pousada. Uma vez acomodado, começou a retirar as bandagens de couro de vaca que lhe envolviam a perna doente. Decidi examiná-lo e entreguei o cordeirinho à Senhora.

Pela escura entrada do túnel chegavam aos nossos ouvidos as vozes e risadas dos ocupantes da pousada. Acostumados, ao que parecia, a essas paradas do “urso” de Caná, Maria e o Zebedeu, despreocupados, concentraram sua atenção em um numeroso grupo de cavalos presos por argolas na extremidade oeste da parede principal. Em voz baixa, e mostrando temor, João confirmou as suspeitas da Senhora. As montarias, de fato, poderiam pertencer à *turma* romana

de que haviam falado os tropeiros.

A presença da patrulha não agradou aos meus acompanhantes. E embora os trinta soldados que compunham a unidade se encontrassem, quase que certamente, no interior, o Zebedeu insistiu com seu amigo para que fosse breve. O “urso” nem sequer olhou para ele.

As duas atitudes eram justas e compreensíveis. Ao generalizado desprezo do povo judeu pelo invasor romano somava-se, nesse caso, um fato particularmente doloroso e próximo no tempo: a humilhante execução de Jesus pelos legionários de Roma. Não podemos esquecer que mal haviam transcorrido dezessete dias da crucificação. Esta dolorosa realidade – hoje amortecida pelos séculos – pesava muito no ânimo dos íntimos do Filho do Homem. Apesar da misteriosa ressurreição do Mestre, nem a Senhora nem os discípulos haviam esquecido os executores. Mesmo as assombrosas e esperançosas aparições de Jesus não serviram de muito nesse sentido. Enganam-se os que pensam que Maria perdoou logo os verdugos de seu primogênito. Era natural, pois, que o Zebedeu e a Senhora evitassem o contato com a *turma*.

Quanto ao “urso”, também tinha a sua razão. Compartilhava, nem se discute, aquele sentimento de visceral repulsa pelos romanos. Mas no momento sua perna tinha prioridade. Com uma paciência não isenta de prevenção, deixou que eu examinasse aquele quadro de veias varicosas primárias que apresentava um sentido descendente no sistema da safena interna¹⁹. Essas varizes, ainda que não representassem um problema grave, enfeavam ainda mais o já pouco agraciado físico do discípulo, causando-lhe uma incômoda sensação de peso e freqüentes câimbras musculares. Pelo que deduzi do breve interrogatório que me permitiu, o mal era comum em sua família. Senti não poder auxiliá-lo. Uma doença trivial como aquela não infringiria o rígido código moral da Operação, mas minha “farmácia de campanha” não continha, desta vez, medicamento algum aplicável ao caso de Natanael. Felizmente a minha intervenção não foi necessária. O discípulo viajava prevenido para essa emergência. Do seu surrão tirou uma pequena jarra de verde e translúcido alabastro, destapou-o e, fechando os olhos, ingeriu parte do conteúdo. Tossiu, fez uma careta de repugnância e quando ia fechar o recipiente pedi-lhe que me deixasse examiná-lo.

Maria, entretanto, havia reparado no jarrinho de barro, presente de Murashu, colocado no solo por Natanael. E, sem poder conter a curiosidade, retirou a tampa de linho e espiou o seu conteúdo.

Inquieto ante a perspectiva do possível retorno dos soldados, João ficou vigiando o túnel de entrada do albergue e não percebeu a atitude da Senhora. Bartolomeu também não, atento que estava ao meu exame. Eu me levantei, explorando com o olfato o conteúdo da minúscula jarrinha de alabastro, mas ao

mesmo tempo observava os movimentos de Maria. Devo confessar que minha curiosidade – ainda que por outras razões – não era menor do que a dela...

Afortunadamente para mim, a mãe do Mestre não soube identificar o líquido gorduroso e escuro que enchia o recipiente. Minhas suspeitas, considerando a origem da caravana mesopotâmica, seriam confirmadas minutos depois, no curso de outro singular e inesperado lance... E a mulher, dando de ombros, fechou de novo o cântaro.

Com a ajuda de Natanael, que definiu a beberagem como uma essência de “hipericon”, pude descobrir que se tratava de essência de óleo extraída de uma planta, a *Hypericum perforatum*, muito comum na Galiléia. Seus elementos básicos – hiperina, tanino, hipericina, pectina e colina, entre outros – são indicados como antiinflamatório, adstringente, antidepressivo e cicatrizante. O indivíduo que lhe receitou o medicamento sabia de medicina. E era da vontade de Deus que no transcurso dessa mesma tarde eu viesse a conhecê-lo, se bem que em circunstâncias especialmente dramáticas...

Mas Bartolomeu, detalhista e consciencioso, não se contentou com a ingestão do “hipericon”. A distância dali à Caná era ainda de uns oito quilômetros. Trajeto demasiado longo para sua perna enferma. Então, com a franqueza peculiar, dirigiu-se ao Zebedeu e mandou que entrasse no albergue e procurasse uma bacia com água e sal para banhar sua perna. A cena que se seguiu teria causado rubor a um moço de cavalaria...

Boquiaberto, João olhou-o dos pés à cabeça. Tão intolerante como o seu amigo, fez uma careta e, aos gritos, censurou seu despotismo. No fundo – pareceu-me entrever nas irritadas palavras de João –, todo o problema se resumia na palavra “medo”.

Como já fiz ver, o Zebedeu não queria se defrontar com a soldadesca romana. Bartolomeu, porém, insensível aos sentimentos do outro, ficou vermelho de cólera, acusando por sua vez o “filho do trovão” de “soberbo e mimado insuportável”. Os taciturnos e melancólicos olhos negros do Zebedeu abriram-se desmesuradamente, acusando o golpe. Então ele avançou para o “urso”, inclinou-se até que seu rosto chegasse a um palmo do companheiro e berrou que a única razão pela qual não entrava ele mesmo, Bartolomeu, era a presença do “Caolho”. Claro que não entendi nada.

Com as artérias do pescoço tensas como cordas, Natanael agarrou o manto de João e exigiu-lhe que retirasse a acusação. Mas João, que ainda não havia aprendido a dominar a sua vaidade, desafiou-o, juntando ao calor da discussão impropérios como “tampão de odre”, “bola de sebo” e outros primores que injetaram o sangue nos olhos do contendor. Se Maria não interviesse a tempo não sei como teria acabado aquele desagradável incidente. Pouco a pouco, como

eu já disse, iria acostumando-me a esses periódicos e no fundo muito humanos choques entre os íntimos do Senhor. Os cristãos não deveriam escandalizar-se nem surpreender-se com essas aparentemente estranhas situações. Tudo, repito, era lógico e normal em uma confraria tão grande e tão heterogênea. Só admira que coisa tão óbvia jamais fosse revelada pelos evangelistas. E por quê? Teriam tido medo de prejudicar a imagem dos “embaixadores do reino”? Em minha opinião, o conhecimento dessas disputas e das alterações de humor dos discípulos só engrandece a dimensão humana dos homens e mulheres que cercavam Jesus. No nosso caso, ao conhecê-los e descobrir-lhes tais limitações, pudemos apreciar melhor sua inegável devoção ao Mestre.

Felizmente, quando o confronto começava a tomar um aspecto tempestuoso, a Senhora, como eu já disse, interveio, indignada com o comportamento infantil dos dois discípulos, e, tomando João pela manga direita da túnica, arrastou-o para o interior do corredor para que buscasse a bacia. A coragem e a sensatez daquela mulher voltavam a impor-se.

Hesitei. Seguiria os passos da intrépida Maria ou aguardaria junto a Bartolomeu? Este, teimoso como uma mula, continuava com a sua cantilena de insultos e imprecações. Um familiar formigamento no abdome – sinal inequívoco de uma nova e iminente perturbação – ditou-me a escolha da primeira opção.

Ao entrar na penumbra do corredor, um bafio inconfundível, agressiva mistura de urina, umidade, cavalgadas e azeite queimado, pôs-me em guarda. Aquele tipo de estabelecimento dava alojamento a toda sorte de gente. De vendedores ambulantes a pacíficos comerciantes, passando por fugitivos da justiça, temíveis quadrilhas de assassinos, mensageiros, famílias de peregrinos, prostitutas, ladrões e, sobretudo, a escória do povo: os *am-ha-arez*. Em tais circunstâncias, eu devia adotar o máximo de prudência.

No geral, tais pousadas, visando a tornar mais fácil o movimento de homens e animais, ou não tinham portas ou simplesmente ficavam abertas de par em par, mesmo à noite. À direita e à esquerda do corredor abobadado, de uns seis metros de fundo por quatro de altura, havia diversas aberturas estreitas, à maneira de portas, que conduziam aos pavimentos superiores. A luz amarelada e bruxuleante de uma lanterna de argila, alojada em uma cavidade, mal deixava divisar o perfil dos degraus de pedra, tornando mais tétrico, se é que era possível, o ingresso aos aposentos.

Ao fim do corredor abriu-se diante de mim um amplo pátio ou curral, também quadrangular, de uns dezoito metros de largura e a céu aberto. Era ali que, especialmente durante os meses secos, transcorria boa parte da vida da

pousada. No centro erguia-se um largo poço, de uns dois metros de diâmetro, com uma trípole de madeira sobre o parapeito. Uma roldana simples, com a ajuda de cordas e sacos de couro, permitia a extração da água.

Detive-me por momentos, tentando localizar Maria e o Zebedeu. Não consegui. À minha direita, sentados no chão, estavam os soldados. Formavam um círculo apertado e discutiam acaloradamente, vociferando em meio a sonoras gargalhadas. Pareceu-me que se ocupavam de alguma espécie de jogo. Os capacetes de madeira e metal, os dardos e os escudos curvos, também de madeira, estavam espalhados sobre o piso branco, às suas costas. Vestiam as típicas cotas de malha trançadas à base de anéis de ferro. Curiosamente, nenhum daqueles cavalarianos, apesar de estarem descansando, havia abandonado a espada que pendia do seu cinto. Diversamente das *turmae* que eu havia visto na Cidade Santa, esta mostrava debaixo da armadura umas camisas de mangas largas e de uma cor violeta desbotada. Os calções, de um vermelho-claro, muito justos, e que chegavam até a tíbia, eram do tipo utilizado habitualmente pela cavalaria. Ao ouvir sua gíria deduzi que se tratava de uma patrulha de origem síria, possivelmente contratada e pertencente a uma das quatro legiões regulares acantonadas na Palestina naquele tempo²⁰. Seu assentamento podia achar-se na cidade de Tiberíades ou em algum outro ponto próximo à costa oeste do *yam*. Entre os 17 e os 27 anos, apresentavam um aspecto vigoroso e saudável. Alguns, e isso eu também não havia observado em Jerusalém, traziam tiras de couro ao redor das têmporas, dos pulsos e da cintura. Logo depois eu saberia a razão daqueles aparentes adornos.

Uma galeria em pórtico, circundando o pátio, completava aquela parte da pousada. Ali, em cavaliças improvisadas, permaneciam os animais de carga e o gado, em uma caótica confusão com a forragem e atormentados pelas moscas e tavões que os assediavam sem descanso. Na parede situada defronte ao corredor de acesso abriam-se três portas. As duas das extremidades conduziam ao andar superior, onde ficavam os dormitórios dos viajantes. Esse segundo pavimento, com umas vinte pequenas portas, era protegido por uma rústica e enegrecida balaustrada de troncos de conífera da qual pendiam as esteiras e acolchoados usados para dormir. Pela porta central, mais ampla, chegava o vozerio de muitas pessoas, talvez hóspedes do albergue. Certamente meus companheiros de viagem teriam entrado naquela dependência. Então resolvi procurá-los lá, cautelosamente.

Pouco faltou para que, em meu empenho por passar despercebido, voltasse a incidir em um novo e perigoso erro. Ao atravessar o pátio pensei em contornar o poço pelo lado esquerdo, pois assim evitaria aproximar-me dos soldados. Quando já me preparava para fazer essa manobra, alguns dos cavalarianos me

olharam inquisitivamente. Então mudei de rumo a tempo. Procurando aparentar serenidade, escolhi o lado direito da cisterna, o que me obrigou a passar bem próximo dos soldados. De fato eles se divertiam jogando com uns dados de barro, popularmente conhecidos como *teetotum*. Confuso, respondi ao olhar dos legionários com um meio sorriso e, sem atrever-me a olhar para trás, esgueirei-me rapidamente em direção ao amplo cômodo retangular, parcamente iluminado por meia dezena de crepitantes fachos pendentes das paredes e que sufocavam o recinto com a sua fumaça branca e resinosa. Precisei de alguns segundos para acostumar-me à semi-obscuridade.

Minha presença não despertou muita curiosidade. A grande sala, que também servia de taberna, refeitório e lugar de reunião, tinha como peça principal uma grande mesa, que ocupava a quase totalidade do centro da sala. À extremidade esquerda da mesa estava um animado grupo de indivíduos que tagarelavam e riam enquanto bebiam em jarras de barro avermelhado. Sobre o móvel viam-se três ou quatro candeeiros de azeite e vários vasos e pratos de argila e madeira repletos de pão tostado, figos e azeitonas pretas. Junto aos candeeiros estava um *guttus* (um recipiente, geralmente de cerâmica, em forma de bule e com um afilado bico, empregado para abastecer as lâmpadas de azeite).

Em torno da mesa principal, distribuíam-se desordenadamente outras, menores, quadradas, acompanhadas de bancos de madeira que o uso contínuo tornara enegrecidos e lustrosos. Quase todas se achavam ocupadas por homens de bigodes raspados e barbas longas. Todos vestiam amplos roupões. Alguns comiam, outros bebiam exageradamente o vinho negro, espesso e quente que era guardado em uma lareira encravada na parede que se elevava à minha direita. Várias mulheres, com os rostos e braços tatuados, iam e vinham, incessantemente, renovando as sopas e os legumes na vasilha comum de cada mesa e na qual os comensais introduziam um naco de pão, à guisa de colher.

O quadro era completado por um balcão-mostruário semelhante aos que eu observara nas tabernas de Nahum. Erguia-se junto à parede situada diante da porta de acesso e repousava sobre dez rotundos tonéis de um metro de altura, alinhados e solidamente enterrados no piso de ladrilhos. Sobre as bocas dos tonéis estendia-se uma prancha de madeira de sicômoro de uns cinco metros de comprimento, com dez orifícios, de vinte a trinta centímetros de diâmetro, nos quais eram abastecidas as jarras ou as grandes conchas. O vinho, a não ser que o cliente preferisse tomá-lo à temperatura ambiente – coisa pouco freqüente à época –, era transposto para a marmita que pendia da lareira e aquecido.

A Senhora e o Zebedeu esperavam junto à extremidade direita do balcão-mostruário. A clientela não lhes prestara maior atenção, salvo algumas pessoas que ocupavam uma das mesas mais próximas aos tonéis.

Ao aproximar-me deles percebi certo mau humor nas suas fisionomias. Supus que fosse por haverem sido obrigados a passar junto à soldadesca ou devido ao pestilento ar que se respirava na taberna. Mas eu estava enganado.

Nervoso, João tinha os olhos fixos nesses cinco galileus e num sexto indivíduo que permanecia de pé, ligeiramente recostado sobre os ombros de um dos bebedores. Todos cochichavam entre si e lançavam olhares para Maria e seu companheiro. Não perguntei, mas a julgar pela sombra que velava o olhar da Senhora e o fogo que irradiava dos olhos de João, supus, acertadamente, que os felás eram antigos conhecidos e, pior do que isso, encarniçados inimigos do Mestre e dos seus seguidores. Ao observar o rosto do que se encontrava de pé comecei a entender o porquê da dura acusação do Zebedeu ao “urso” de Caná. O olho esquerdo do homem estava coberto por uma placa preta de metal. Aquele, certamente, era o “Caolho” pelo qual Bartolomeu parecia não ter nenhuma simpatia. Um sujo e gorduroso avental de couro e um molho de chaves pendente do pescoço o indicavam como o taberneiro-chefe da pousada. Desde esse momento, para efeito da Operação Cavalo de Tróia, o albergue foi “batizado” como “o do ‘Caolho’”.

Tentando dissipar a tensão, Maria aconselhou João a evitar os olhares dos camponeses. Empurrando-o suavemente, conduziu-o até junto dos tonéis e ali, a meia-voz, me explicou que esperavam a vasilha com água e sal e que, ao reconhecê-los, o “maldito taberneiro, como em ocasiões anteriores, os havia molestado com suas grosseiras alusões ao Mestre e especialmente ao milagre de Caná”. João, a pedido da Senhora, se havia contido; mas se a espera se prolongasse não teriam alternativa senão desistir da salmoura e retirar-se. “Esta gente – disse Maria reprimindo a raiva – é capaz de tudo...” Depois calou-se e permaneceu absorta, brincando com a rosa lavrada em uma das asas dos tonéis. (Símbolo ou marca característica das tinas originárias, como aquelas, da ilha de Rodes.)

Ao perceberem a aparente indiferença dos meus acompanhantes, o “Caolho” e seus companheiros recomeçaram seus ditos maldosos e suas gargalhadas, fazendo troças e jogos de palavras com “água” e “vinho”, a ponto de chamarem a atenção dos comensais das mesas vizinhas. Entre os que se voltaram para o grupo, com evidentes mostras de desaprovação, estavam seis soldados. Os penachos que sobressaíam em seus capacetes dourados indicavam que se tratava dos chefes da *turma*. Talvez os três decuriões e os *optionis*. Um deles, mais impulsivo, ameaçou levantar-se, talvez com a intenção de calar os importunos, mas o mais velho deles, segurando-o pelo braço, o conteve.

João, no limite da paciência, fechou os olhos e, de costas para os irônicos felás, começou a golpear com o punho esquerdo a prancha de madeira que cobria

os tonéis. As pancadas ritmadas pareciam o presságio de uma iminente e temível explosão de ira por parte do sofrido discípulo. E a Senhora, prudentemente, rogou-lhe resignação.

Um imprevisto, porém, estava a ponto de alterar, pelo menos temporariamente, a tensa situação no interior da pousada...

No primeiro momento, o vozerio da sala não nos permitiu saber o que estava acontecendo fora. Foi a presença de um dos soldados, junto à porta, que mobilizou os oficiais da *turma*, impondo silêncio entre o pessoal que ocupava as mesas. Foi então que ouvimos aqueles gritos pedindo socorro. Vinham do curral ou talvez do corredor. João e a Senhora os identificaram prontamente. Eu, porém, não fui capaz de reconhecer a voz. Então Zebedeu precipitou-se para o pátio, seguido por Maria e por mim. Alguns dos hóspedes, movidos pela curiosidade, nos seguiram.

O curral estava deserto. A patrulha, evidentemente, havia acorrido em auxílio do que pedia socorro. No fim do passadiço pareceu-me conhecer vários dos decuriões, confundidos entre os homens da sua unidade. Ao sair do corredor, quem primeiro me chamou a atenção foi Bartolomeu. Estava em pé, auxiliado por João e chorava desesperadamente. Ao ver-me, lançou-se em meus braços, suplicando perdão. Atônito, tentei compreender o que acontecia mas a aflição do “urso” era tal que não conseguiu responder às minhas perguntas. João, apontando o grupo de cavalaria que corria pelo caminho poeirento, em direção a Caná, resumiu-me o problema:

– Roubaram-lhe o cordeirinho...

A uma ordem dos oficiais, vários soldados já haviam saído em perseguição do ladrão. Os gritos de Natanael e a rápida mobilização da *turma* possibilitaram que o indivíduo fosse localizado, em plena fuga, a pouco mais de uma centena de metros do albergue. Um dos suboficiais e outros três cavalaria saltaram sobre as montarias e assim completaram a perseguição. Mas nem foi preciso que os cavalaria interviessem. Quando os mais velozes, no pelotão que ia na frente, ganharam terreno, detiveram a corrida e, utilizando as tiras de couro que traziam ao redor da cabeça, lançaram diversos projéteis sobre o fugitivo. Aí estava a solução. Os fundeiros, com uma pontaria implacável, haviam derrubado o homem. Deixei meus companheiros e corri para lá. Creio que eles entenderam minha ação como justificada, pensando que eu queria recuperar o cordeiro. Mas eu não pensava nisso. Apenas me moveu o desejo de verificar o estado do ferido e ao mesmo tempo testemunhar sua captura. Ao abrir passagem entre os soldados e ver a vítima compreendi a inutilidade do meu gesto. Um dos projéteis – uma “bala” de chumbo, em forma de ovo, de uns cinco centímetros de

diâmetro na parte superior – o atingira na região occipital e lhe causara a fratura da base do crânio, com danos irreparáveis no osso e nas meninges. O ladrão, um jovem coberto de farrapos, morrera, a bem dizer, instantaneamente.

Um após outro, os três fundeiros que haviam participado da ação examinaram a cabeça do rapaz. E o responsável pelo impecável tiro solicitou permissão ao *optio* para recuperar seu projétil. O suboficial, constatada a morte do infeliz, assentiu com um gesto de cabeça. O soldado, então, desembainhou a espada, introduziu a afiada ponta na ferida e a “bala” saltou. Depois de limpá-la minuciosamente, com o pano de lã que cobria suas nádegas, beijou-a e tornou a guardá-la na mochila que pendia do ombro esquerdo. O resto do pelotão, enquanto isso, ajudou a colocar o cadáver na garupa de um dos cavalos, após o que iniciou-se o regresso.

Ao observar minha curiosidade, o fundeiro sorriu maliciosamente, falando em um dialeto que não entendi. Por sinais pedi-lhe que me mostrasse o projétil. Estendeu a mão e com toda satisfação o exibiu. Senti um calafrio. Aqueles soldados, como os modernos artilheiros, gostavam de gravar em seus projéteis frases alusivas às suas mulheres ou cidades natais. Nesse caso, em latim, lia-se: “Da parte dos sírios”.

Desgostoso, juntei-me de novo ao grupo de curiosos que se aglomerava diante da pousada. A Senhora perguntou pelo cordeirinho e eu não soube o que responder-lhe, pois até esse momento nem sequer me havia dado conta da sua desapareição. O mais provável era que houvesse escapado entre os altos trigais. Mas a voz do centurião que respondia pelo comando, reclamando a presença do dono da pousada, fez-nos esquecer a sorte do animalzinho. O oficial interrogou o homem acerca da identidade do falecido e o “Caolho” negou que o conhecesse. O veterano cavaleiro, adivinhando a tortuosa intenção do galileu, ordenou-lhe que se encarregasse do cadáver e avisasse os seus parentes, no caso de os ter. Os protestos do “Caolho” foram calados sem contemplação. Sem meias palavras, o oficial colocou a ponta da sua espada na garganta do estalajadeiro, que, pálido, atirou sobre as costas o cadáver do jovem e se perdeu com ele na penumbra do corredor.

Liquidado assim o problema, a *turma* desenganchou os cavalos e formou em três fileiras, ao estilo grego, com os decuriões à frente e os *optionis* à sua esquerda. E ato contínuo o pelotão afastou-se em direção a Tiberíades.

Supus que tanto sobressalto e a desagradável experiência no interior do albergue houvessem mudado a opinião dos meus amigos. Enganei-me. Natanael, ainda que refeito do susto, continuava a coxear. E, para minha surpresa, desta vez foi o Zebedeu quem se empenhou em atendê-lo, obrigando-o a entrar na pousada para receber tratamento. Maria, satisfeita pela mudança de atitude de

João, seguiu-os em silêncio, ajudando-me a carregar os sacos de viagem e a jarra de Murashu.

Sorri intimamente. Que restava da recente e acrimoniosa polêmica entre os dois discípulos? Também me iria acostumando a essas bruscas oscilações nas relações dos íntimos do Mestre. Eram assim, precisamente como eu estava presenciando naquela jornada, os homens e mulheres que permaneceram ao lado de Jesus: intolerantes umas vezes, egoístas em certas ocasiões, mas, no final das contas, afetuosos companheiros. A prova estava ali diante de mim. Com uma delicada ternura, esquecendo os insultos, o Zebedeu passara o braço direito do seu amigo sobre os ombros e o ajudava a caminhar.

Quando chegamos ao pátio a céu aberto, meus companheiros pararam. À direita do poço, justamente no lugar onde havia permanecido a patrulha romana, jazia o corpo do ladrão. Todos os hóspedes e comensais, reunidos de novo na taberna, pareciam haver-se desinteressado do cadáver. Maria, compadecida, caminhou até as escadas de pedra que conduziam ao pavimento superior, retirou uma das esteiras que pendiam do parapeito e, num gesto de piedade, cobriu o cadáver. Quis a má sorte que nesse instante uma das serventes chegasse ao curral. Encarando a Senhora, recriminou o seu ato. Maria, indignada, não se calou. Acusou por sua vez a servente e prostituta de hipócrita e descaridosa. Ainda que hoje possa parecer estranho, a servente tinha alguma razão. O contato com um cadáver era tido como grave impureza. (A *Misná*, em sua ordem sexta, dedica dezenas de capítulos a essa questão.) Se, por exemplo, um homem tocasse um cadáver, contraía impureza por sete dias. E se um segundo indivíduo tocasse o primeiro, permaneceria impuro até o pôr-do-sol. Da mesma forma, um objeto que roçasse ou entrasse em contato com um cadáver estaria igualmente impuro. Os exageros dessas prescrições pelos judeus – contra os quais Jesus tanto batalhou – chegavam a extremos inconcebíveis: “Se um homem tocasse esse objeto (que havia permanecido em contato com um cadáver), os demais objetos que depois viesse a manipular ficariam impuros também por sete dias”.

A esteira usada por Maria era de propriedade daquela servente. Daí a sua cólera. João intercedeu, procurando acalmar os ânimos. Mas o ruído da discussão chegara já ao interior da taberna e o “Caolho” e um grupo de hóspedes não tardaram a se aproximar, aliando-se à causa da servente. Ainda que essas absurdas normas religiosas não fossem mais tidas em muita conta pelos tolerantes e liberais galileus, uma família de peregrinos que se alojava na pousada e que assistia à discussão – possivelmente da Judéia – acabou por insurgir-se contra o estalajadeiro, exigindo que ele se desfizesse do cadáver e purificasse o lugar, sob pena de abandonar o albergue sem pagar.

Diante da ameaça de prejuízo contida na advertência, o “Caolho”

responsabilizou pelo problema o pobre Bartolomeu, que não se havia movido em nenhum instante do meu lado. Estava evidente que aquela vingança tinha raízes muito antigas... João protestou, lembrando-me a ordem do decurião. O argumento de João foi a gota d'água: os galileus se indignaram tanto que passaram a ameaçar-nos com seus bastões. A Senhora afastou-se cheia de medo, refugiando-se atrás do “urso”. E o taberneiro, cheio de valentia, acusou João e seus amigos de “aliados dos romanos” e passou a incitar sua clientela a lapidá-los. Instintivamente, os discípulos sacaram suas espadas e a situação agravou-se. A uma ordem de Natanael, a Senhora recolheu a bagagem e abandonou a pousada. Aquele foi outro árduo dilema para mim. Eu não podia intervir mas também não podia adotar uma atitude de mero espectador. Integrado ao grupo, as ameaças me afetavam tão diretamente quanto aos demais.

O “urso” esperou que seu companheiro, que caminhava ainda atrás sem perder de vista os excitados hóspedes, o alcançasse. Eu, mais assustado ainda, se é possível, do que os discípulos, não sabia que atitude tomar. Simplesmente imitei-os, preparando-me para o que poderia vir a ser uma batalha campal ou uma fuga desesperada.

A esmagadora maioria dos nossos adversários e o furor de que estavam possuídos me apavoraram. João e Bartolomeu, uma vez emparelhados, continuaram retrocedendo, com as suas brilhantes espadas apontadas para a chusma que o “Caolho” encabeçava. Durante alguns poucos minutos, as lâminas das espadas, habilmente manejadas pelos discípulos, fizeram a maioria vacilar. Então, a um sinal, dando meia-volta, Natanael, primeiro, e o Zebedeu, depois, iniciaram a corrida para o exterior. Quanto a mim, o cruel destino quis que, ao girar sobre os calcanhares para empreender a fuga, meus pés topassem com a esquecida jarra do xequê nômade e esta rolasse pelo chão, ao mesmo tempo que eu perdia a “vara de Moisés”. Ao quebrar-se a jarra, parte dos dois litros que ela continha derramou-se sobre o centro do curral e o líquido preto, mais ligeiro do que a água, encheu o recinto de um odor forte e persistente. Minha ostentosa queda e a súbita aparição daquela substância untuosa, praticamente desconhecida para os galileus, contiveram momentaneamente a fúria e o avanço dos perseguidores, intrigados e confusos que ficaram. Foi a pior coisa que podia suceder.

Engatinhando, procurei recuperar o cajado. Ao alcançá-lo, porém, uma malcheirosa sandália esparramou-se sobre ele, imobilizando-o no solo. Ao erguer a vista me vi rodeado pelas caras raivosas de uma dúzia daqueles energúmenos. Entre insultos, maldições e cusparadas, todos caíram de bastonadas e pontapés contra mim. Lembro-me de que minha única obsessão, afora resgatar o cajado, foi cobrir minha cabeça, uma das poucas regiões não

protegidas pela “pele de serpente”. De fato, vários dos violentos golpes foram contidos por minhas mãos e braços. Mas se uma daquelas cacetadas acertasse meu crânio, estaria condenada a sorte da Operação. E a minha também.

Durante alguns segundos, que me pareceram intermináveis, a chuva de paus foi tão intensa quanto feroz. Estava claro que, não tendo podido castigar meus companheiros de viagem, todo o rancor e toda a fúria do estalajadeiro e seus aliados caíram sobre mim, com a desapiedada intenção de massacrar-me. Mas os efeitos da proteção especial que recobria meu corpo não se fizeram esperar. Ao chocar-se contra minhas pernas, rins, braços, costas etc., vários dos bastões se partiram, para consternação dos seus donos. Mas o que realmente completou a confusão deles foram os destroços e rupturas nas sandálias e nos dedos nus dos que optaram pelos pontapés. Vários deles, com possíveis fraturas, acabaram estatelados no chão, gemendo e retorcendo-se de dor. O insólito da cena fê-los retroceder, lívidos de pânico. E aquele “ser”, aparentemente invulnerável, ergueu-se em silêncio, sem o menor sinal de lesões. A chusma, sem poder acreditar no que via, retrocedeu alguns passos e atirou fora seus bastões. Decidido a dar-lhes uma lição de que não se esquecessem jamais, adotei então uma das minhas costumeiras e teatrais posturas. Ergui os braços, como um iluminado, mostrando-lhes meu corpo. O “Caolho” caiu de joelhos, implorando misericórdia. Revirei os olhos, clamei fortemente aos céus e exigi para eles “o castigo divino”.

Aquela foi uma excelente ocasião que me apareceu para testar outro dos sistemas de defesa incorporados à “vara de Moisés” pelos especialistas da Operação Cavalo de Tróia. Agarrando o cajado pela parte superior, pressionei um dos cravos de cabeça de cobre e com isso ativei um laser de gás²¹. O feixe invisível incidiu sobre o líquido preto que vazara do cântaro. Não mais do que dois segundos foram suficientes para que a substância – conhecida entre os mesopotâmios como “óleo de pedra” – se inflamasse e chamejasse vivamente. A providencial jarra, presente de Murashu, continha o que atualmente chamamos petróleo. Os orientais, embora desconhecassem seu processo de refinação, o utilizavam havia tempos como insubstituível fonte de luz, de rendimento superior ao azeite de oliveira ou ao óleo de sésamo. Muito provavelmente, o rico presente do nômade procedia de alguma das numerosas jazidas de Baku, depois Pérsia e agora Irã.

A espetacular mas inofensiva cortina de fogo e fumaça, de apenas meio metro de altura, proporcionou-me o resultado desejado. O taberneiro e sua gente fugiram enlouquecidos ou caíram de bruços sobre o lajedo, interpretando minha ação como um sinal divino. E eu aproveitei a confusão para abandonar o curral. Minhas dificuldades, entretanto, ainda não haviam terminado. No final do

corredor aguardava-me outro encontro, mais embaraçoso do que o que havia acabado de suportar.

Ao vislumbrar uma silhueta no centro do portão associei-a a um dos meus perseguidores. Certamente estava de volta à pousada. A dramática chuva de pauladas que caía impiedosamente sobre mim, de todos os lados, não me permitira observar, logicamente, se parte dos hóspedes havia saído no encalço dos meus amigos. E se os houvessem capturado?

Um reflexo metálico tirou-me das minhas vertiginosas reflexões. O indivíduo trazia uma arma. Diminuí meus passos, preparando-me para um possível e novo ataque. Inexplicavelmente, a figura manteve-se imóvel, com os braços abaixados ao longo da túnica. Certamente me observava. Ao chegar a uns dois metros do portão sobressaltei-me: era o Zebedeu. Há quanto tempo estaria ali? Teria sido testemunha do meu apaleamento e da “milagrosa” recuperação? Teria podido presenciar minha espetacular “invocação aos céus”? Essas suspeitas provocaram em mim um sentimento mais angustioso do que o da dura experiência com os galileus.

Ao encontrar o seu olhar eu soube logo que o discípulo havia visto tudo... ou quase tudo. Suas finas feições, que davam seriedade a seus vinte e oito anos, não refletiam temor. Havia nelas uma luz tênue, como se a admiração que irradiava do seu olhar houvesse empapado até o último dos poros do seu corpo. Não moveu os lábios. E eu, que me mantinha tenso, agradeci seu prudente silêncio. Pestanejou nervosamente, deu-me o melhor dos seus sorrisos e pôs-se a caminho.

Deixei que ele se adiantasse. Nesse momento, mais do que nunca, eu precisava de isolamento e reflexão. Teria ocorrido o inevitável? Estaria escrito que cedo ou tarde seria descoberta minha verdadeira identidade? Chegado a esse extremo crítico, qual seria o meu dever? Ali mesmo, caminhando como um autômato atrás do Zebedeu, rumo a Caná da Galiléia, coloquei em julgamento a eficiência da Operação. Para ser exato, minha própria eficiência. (Havê-lo conhecido, seguido e amado constituíra nosso grande êxito. E agora, por sua graça e expresso desejo, está em minhas mãos relatar quanto vi, ouvi e intuí.)

Naquela agitada manhã, todavia, as coisas não me apareciam tão nítidas. Fiz um balanço, e o quadro dos meus turbulentos pensamentos se obscureceu: diante da Senhora eu havia fracassado fragorosamente. Depois, na estalagem do “Caolho”, me havia visto na imperiosa necessidade de utilizar meus “poderes” e fora surpreendido pelo Zebedeu. Se este comentasse o caso com Maria e Natanael, coisa provável, as suspeitas da mãe do Mestre estariam confirmadas. E se o caso chegasse ao conhecimento de Curtiss e dos chefes da Operação, nosso retorno seria imediato. Mas a delicada situação tomaria rumos insuspeitados.

Por espaço de quase um quilômetro, nem a Senhora nem o “urso” deram sinais de vida. Afundado nessas amargas reflexões, quase não pensara nisso. João caminhava adiante, a passo firme e com a espada embainhada. De quando em quando voltava a cabeça para confirmar minha presença. Então o senso comum impôs-se: eu precisava buscar uma saída airosa e razoavelmente verossímil que dissipasse as conjecturas do discípulo em relação à minha “natureza e origem celeste”. Porque realmente essa era a idéia que fazia de mim desde que o jovem João Marcos propalara a “mágica desapareição de Jasão em uma nuvem, em pleno monte das Oliveiras”. O problema era como fazê-lo. O destino, logo mais, me ofereceria a solução. Dolorosa, sim, mas eficaz...

De súbito, João se deteve. Deviam ser, aproximadamente, três horas da tarde (a hora nona). Instintivamente fiz o mesmo. João ergueu os braços e agitou-os várias vezes, como se quisesse dar um sinal. E assim era. À esquerda do caminho, entre os trigais, vi surgir a rechonchuda silhueta do “urso” e, ao seu lado, a grácil figura de Maria. Ambos correram ao encontro de João. Então compreendi. O valente Zebedeu, que jamais abandonava seus amigos, ao verificar que eu não os seguia, retornara à pousada e, de espada em punho, se dispusera a prestar-me sua ajuda. O resto, ao chegar à porta do corredor, era fácil de imaginar. E no mais íntimo – Deus o sabe – agradei seu nobre gesto.

Raciocinei que era importante que me unisse ao grupo. Se mantivesse distância, caminhando solitariamente até a aldeia de Bartolomeu, apenas conseguiria multiplicar as suspeitas de Maria e dos discípulos, dando oportunidade, com a minha ausência, a todo tipo de especulação. Era preciso que me arriscasse. E com uma fingida naturalidade fui colocar-me ao lado do Zebedeu, ao mesmo tempo que Natanael e a Senhora saltavam para a poeirenta senda. O “urso”, com a respiração agitada pelo susto e a corrida, interrogou-nos nervosamente. Dessa vez tomei a iniciativa. Adiantando-me a João, tratei de explicar o ocorrido, no vão intento de desmitificar o que o discípulo havia presenciado. Dei pouca importância aos golpes que me haviam infligido e, mostrando os pequenos hematomas e marcas vermelhas de minhas mãos, comentei que a sorte e os deuses do Olimpo me haviam protegido. João, impassível, conservou-se em silêncio.

– Lamentavelmente – acrescentei, dirigindo-me a Bartolomeu –, a jarra de Murashu se perdeu na disputa... Continha um estranho líquido, semelhante ao usado por meus concidadãos da Tessalônica para alimentar o fogo sagrado...

O “urso”, um dos mais instruídos do grupo, assentiu com a cabeça, dizendo que podia tratar-se do célebre e exótico “óleo de pedra”, muito apreciado na Cidade Santa e, de fato, carga habitual nas caravanas procedentes do Oriente.

– Pena não haver incendiado a pousada – resmungou o franco Natanael –

junto com esse vesgo que nasceu com ela...

O veemente comentário inclinou a balança da sorte e da lógica em meu favor. Aproveitei-o então para reforçar minha posição, explicando-lhes que muito provavelmente na confusão alguém havia atirado um candeeiro sobre o líquido e acabara provocando um fogo pequeno mas suficiente para mantê-los ocupados e facilitar minha fuga. O Zebedeu caminhava em silêncio. O sorriso zombeteiro que pendia de seus lábios foi a mais eloqüente refutação. E a piedosa mentira agitou-se em meu seio como um réptil. A Senhora e Bartolomeu aceitaram minha versão.

Enredados nos pormenores da odisséia deixamos para trás um segundo desvio, caminho secundário que começava à direita da via que conduzia a Caná, serpenteando por quilômetro e meio até outra perdida aldeia – Tir'an –, assentada a uns duzentos metros de altitude. Alguns vendedores ocasionais, postados na encruzilhada, à borda dos trigais, nos mostraram as canastras de frutas e os vasos de farinha de cevada, apelando com seus gritos a que “aliviássemos sua miséria”. Todavia, alertados pelas duras provas suportadas nas encruzilhadas precedentes, nenhum de meus companheiros diminuiu a marcha.

Aqueles trinta minutos que levamos para caminhar da pousada do “Caolho” até o desvio para Tir'an foram o começo de outro calvário para mim. Apesar da blindagem que me proporcionava a “pele de serpente”, a brutalidade da pancadaria havia sido tal que meus ossos e músculos estavam ressentidos. E durante intermináveis horas suportei uma dor generalizada que só começou a diminuir, com a ajuda dos analgésicos camuflados na minha “farmácia de campanha”, no dia seguinte. Bartolomeu não voltou a queixar-se. Os dois quilômetros e meio que restavam da encruzilhada que levava a Tir'an até a que conduzia à sua aldeia ele os venceu coxeando mas sem protestar.

Aquele último e breve trecho (cerca de vinte e cinco minutos) da quinta etapa me proporcionaria interessantes revelações, de especial utilidade para nossos futuros planos. Como já expliquei, um dos meus trabalhos devia consistir em armazenar um máximo de informação, a mais rigorosa e exata possível, sobre os lances da “vida pública” de Jesus. A precisão de tais dados seria vital no momento de manipular os *swivels* e efetuar o terceiro “salto” no tempo.

Tudo aconteceu de forma natural. A uma das minhas perguntas acerca do ódio que o taberneiro havia manifestado por meus acompanhantes, Natanael, ao perceber minha ignorância, explicou que a recíproca antipatia remontava a vários anos antes. O problema, segundo entendi, surgiu no mês de *adar* (fevereiro-março)²² do ano 26. Nesse período, justamente, teve lugar em Caná o chamado “milagre do vinho”. Pois bem, o prodígio, como era de esperar, propagou-se de boca em boca pela comarca e chegou aos ouvidos do “Caolho”.

O assunto provocaria toda sorte de comentários e opiniões. A maioria – segundo Bartolomeu – mais recheada de incredulidade e mau gosto do que de sincera aceitação da verdade. Ainda que não seja minha intenção adiantar os acontecimentos que nos coube viver no transcurso do terceiro “salto”, é meu dever esclarecer que tanto Maria quanto os discípulos que me acompanhavam nessa viagem a Nazaré foram testemunhas do milagre da conversão da água em vinho. A Senhora, como veremos a seu tempo, foi em parte responsável por esse primeiro prodígio do Filho do Homem. Um prodígio – diga-se de passagem – não deliberado e que “surpreendeu” não só os convidados às bodas como o próprio Mestre.

– Poucos dias depois – continuou o “urso” –, quando o rabi e os seis primeiros discípulos nos dirigíamos ao lago...

Não pude deixar de interrompê-lo. Seis discípulos? E os outros? O bom Natanael, cada vez mais esgotado devido ao seu coxear, evitou as minúcias, dizendo sumariamente que de fato naquela altura (últimos dias de fevereiro) o incipiente grupo apostólico somente era formado pelo “gigante”, André e Pedro, os também irmãos João e Tiago, Felipe e ele mesmo, Bartolomeu. Depois, não querendo perder-se em tema que não vinha a calhar, prosseguiu com a história do “Caolho”:

– Nessa viagem para Saidan fizemos uma parada na maldita pousada que acabas de conhecer...

Natanael interrompeu nesse ponto o relato. Aquelas lembranças lhe eram especialmente amargas. Mas, condescendente com o “pagão” que se havia unido a eles, admitiu continuar.

– ... Levado por um excesso de confiança cometi a fraqueza de anunciar ao taberneiro e a quantos descansavam na taberna que o Messias Libertador de Israel, autor do prodígio de Caná, minha aldeia, encontrava-se à entrada do albergue. O rebuliço foi notável. E o venenoso “Caolho” se apressou a encher de água uma das vasilhas e a ordenar-me, entre zombarias, que transmitisse a meu Mestre seu desejo de vê-la convertida em vinho. “E se possível – ironizou com uma careta infernal – do Hebron!” Lancei-lhe uma maldição e desde então tenho procurado evitar esse covil de ladrões.

Estava claro. Como eu supunha, o ressentimento do “Caolho” tinha raízes muito antigas. Não insisti, procurando derivar a conversa para outros rumos. À minha nova pergunta sobre a veracidade do prodígio, Maria, magoada por minhas dúvidas, apressou-se a advertir-me que além dos discípulos que ali estavam, João e Bartolomeu, podia citar os serviçais que testemunharam a “maravilha”. “Eles, e eu também, estávamos lá, junto às suas vasilhas, quando meu Filho fez o que fez...”

Calei-me. Não tinha o direito de duvidar da palavra daquela esplêndida e honrada mulher. Como cientista, porém, eu resistia a aceitar a “conversão” de um elemento como a água em outro essencialmente diferente. Eu conhecia o extraordinário poder do Galileu, mas nunca o vira desequilibrar ou contrariar as leis naturais. Como explicar, então, a transformação de dois hidrogênios e um oxigênio em etanol, propanotriol, açúcares, alcoóis superiores ou ácidos málico e tartário, entre outros ingredientes básicos do vinho?

Optei por calar-me e aguardar o terceiro “salto”. Se a sorte nos acompanhasse em tão ambiciosa aventura, talvez desfrutássemos a possibilidade de assistir às famosas bodas, solucionando a incógnita com a ajuda da ciência. Tolo! Para dizer a verdade, a ciência ainda está longe do poder e dos mistérios divinos...

Mas devo controlar meus impulsos. Maria seria a chave nos preparativos da próxima “viagem” no tempo. Ao contrário de João e Natanael, a mãe de Jesus se lembrava da data exata do “milagre” de Caná: ocorreria ao entardecer da quarta-feira, 28 de fevereiro, do mencionado ano 26 da nossa Era. Decidido a tirar partido da loquacidade da Senhora, arrisquei-me a interrogá-la sobre outro capítulo decisivo para nós exploradores: “Em que momento, exatamente, iniciou Jesus seu ministério público?” Nesse assunto, os textos evangélicos não são muito precisos. Mateus, por exemplo, no capítulo terceiro, não indica data alguma. O escritor sagrado seguinte, *Marcos* (1,9-10), diz textualmente: “E sucedeu que naqueles dias veio Jesus de Nazaré à Galiléia e foi batizado no Jordão por João”. Que quis dizer o evangelista com a expressão “naqueles dias”? Algumas tradições cristãs, incluindo a versão dos padres gregos, calculam que o batismo de Jesus pode ter-se dado em 6 de janeiro. O dado, todavia, não oferece muita garantia. Lucas, o mais rigoroso deles, também não fala da data exata. Em seu capítulo terceiro (1-2) diz: “No ano décimo quinto do reinado de Tibério César, sendo governador da Judéia Pôncio Pilatos, tetrarca da Galiléia, Herodes, tetrarca de Ituréia e da província de Traconítides, seu irmão Felipe, tetrarca de Abilina, Lisâneas, no tempo dos sumos sacerdotes Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida, no deserto, a João, filho de Zacarias”.

Uma vez que Pôncio começou a governar no ano 26 de nossa Era e que o “milagre” do vinho se registrou nos primeiros meses desse mesmo ano, tudo parecia confirmar aquela data. Mas necessitávamos apurar melhor. João, o quarto evangelista, também não fornece luz alguma a respeito em sua narração. Após uma sumária referência à pregação de João e à “eleição” dos cinco primeiros apóstolos (ele não se inclui) entra diretamente no episódio das bodas de Caná (capítulo segundo).

Não sei se agi bem ao formular a pergunta sobre o início da vida “pública”

do Mestre. Todos vacilaram, debatendo entre si qual teria sido o momento exato. O Zebedeu entrou na polêmica e deu sua opinião. Para ele, “a hora do Mestre chegou após a execução de João”, no mês de *tammuz* (junho). Bartolomeu rebateu a idéia do companheiro alegando que “Jesus se deu a conhecer no batismo do Jordão”, no *sebat* (mês de janeiro). Para Maria, influenciada por aquele dia de glória, a consagração de seu filho como Messias deu-se em fevereiro, nas bodas de Caná.

Não houve maneira de se chegar a um consenso. No fundo, todos tinham alguma razão.

Meu propósito, todavia, havia sido atingido em boa parte. Ainda que fosse imprescindível aprofundar as indagações, alguma coisa ficara esclarecida: o rabi havia sido batizado por João em janeiro no ano 26. Um mês depois, em fevereiro, se dera o prodígio da conversão da água em vinho. E, ao que parecia, embora ninguém o recordasse com precisão, a partir dos últimos dias de junho desse mesmo ano 26, após a morte de João, “o anunciador”. Jesus de Nazaré e seu grupo se lançariam abertamente pelos caminhos do país, inaugurando um tempo de pregação e de sinais que terminaria com a morte do Senhor, em abril de 30.

Não fosse pelo coxear do “urso” e pelas dores que me atormentavam, aquela quinta etapa, diversamente das anteriores, teria podido qualificar-se de autêntico e delicioso passeio. Na verdade, porém, ao término dos cinco quilômetros e meio os céus nos reservavam outro sobressalto...

Aquilo era de prever-se. Após quase nove horas de caminhada tensa e cheia de incidentes, aquela parada não era normal. Ao atingirmos o poeirento e íngreme caminho que levava à branca Caná, o otimismo dos peregrinos se esfumou e se perdeu no tempestuoso e ameaçador céu daquela segunda-feira, 24 de abril do ano 30. A tragédia veio. E eu me vi, então, diante de outro amargo transe...

Certamente nada daquilo teria acontecido se o confiante Bartolomeu, em lugar de interromper sua marcha, houvesse prosseguido até a ansiada Caná, que era o ponto final de sua viagem e já estava tão próxima. Mas quem tem poder para modificar os desígnios de Providência?

Dias depois, quando retornei ao módulo e submeti o minúsculo disco magnético alojado na sandália “eletrônica” ao processo de leitura e decodificação, Papai Noel, nosso computador central, confirmou com escrupulosa exatidão o lugar onde se registrara o deplorável acidente: a 18 quilômetros e meio do lago de Tiberíades.

Naquele ponto, à vista da sua cidade natal, Bartolomeu (Natanael), em uma

compreensível e muito humana explosão de alegria, deteve suas curtas e irregulares passadas e ergueu os braços. A esse movimento, as amplas mangas da sua túnica deixaram a descoberto uns braços tão minguados quanto peludos e musculosos. Depois, girando sobre os calcanhares, surpreendeu-nos com um dos seus inconfundíveis sorrisos: franco, interminável, mas turvado por uma dentadura negra e destroçada.

João Zebedeu, a Senhora e eu mesmo agradecemos a inesperada pausa. Voltando a olhar para o céu, Bartolomeu exclamou com voz forte:

– As portas se revolvem em seus gonzos... como o preguiçoso em sua cama... e tu, Caná, sobre a dourada abundância... mas eu te amo.

À medida que fui penetrando na vida daqueles homens – os chamados “íntimos” de Jesus –, surpreendia-me a cada momento. Natanael era o exemplo mais próximo. Filósofo, culto, com um senso de humor singular, acabava de adotar e amoldar didaticamente à ocasião e às circunstâncias, sem pudor, uma passagem do *Livro dos Provérbios*. Mas não quero me desviar.

Talvez fossem quatro horas da tarde. O caso é que Maria, mãe de Jesus, aproveitando o breve descanso, colocou sua reduzida trouxa de viagem sobre as poeirentas sandálias de couro de camelo e, como a chegada a Caná estivesse iminente, pôs-se, em um gesto tipicamente feminino, a arrumar e alisar seus abundantes cabelos negros, que discretamente já iam embranquecendo. Deixou escapar um longo suspiro e de súbito, casualmente, seus olhos verdes e amendoados descobriram alguma coisa entre os dourados trigais, à esquerda do caminho. Não hesitou. Também não fez perguntas. Aquele era o seu estilo: decidido e às vezes perigosamente irrefletido. Essa maneira de ser da Senhora havia sido sempre uma permanente fonte de conflitos. Seu filho primogênito, entre outros, como espero ir contando, foi testemunha privilegiada do que afirmo.

A princípio, nem João nem Bartolomeu prestaram atenção ao repentino afastamento de Maria. Mas eu, sempre atento, quase que em permanente tensão, acompanhei-a com o olhar, intrigado.

No seu passinho nervoso, a Senhora chegou até a borda do trigal e ficou por alguns segundos a observar um canteiro de flores nascidas ao abrigo das altas hastes de trigo duro. Depois abaixou-se lentamente até que seus joelhos tocaram a argila vermelha do solo. Com a mão esquerda, destramente, foi então arrancando os primeiros cachos de flores. Aproximou-os do rosto, girou os olhos e aspirou profundamente. A tragédia estava a ponto de consumir-se...

Em um espontâneo e generoso desejo de partilhar seu descobrimento mostrou-nos as flores colhidas e exclamou alvoroçada:

– São lírios!

A alegria da Senhora justificava-se. Essas flores silvestres, a que Jesus fez referência, desfrutavam então de excelente reputação, consideradas que eram como “presságio e símbolo da boa sorte”. Nessa oportunidade, entretanto, a sabedoria popular não foi acertada.

O Zebedeu respondeu com um amável sorriso. Mas não se moveu. Quanto a mim, estive tentado a caminhar os três ou quatro metros que me separavam da Senhora e ajudá-la a colher os lindos lírios. Mas foi Bartolomeu quem tomou a iniciativa. Abeirou-se do trigal, livrou-se do incômodo *chaluks* e, feliz como um menino, inclinou-se para as flores, colhendo não só os lírios mas também as azuis e avermelhadas anêmonas e os ranúnculos escarlate que cresciam ao lado. Neste momento tremo ao imaginar o que me poderia ter acontecido se me houvesse adiantado a Bartolomeu...

No instante em que eu ia perguntar a Zebedeu que destino poderiam ter tantas flores, Bartolomeu emitiu um abafado gemido, ergueu-se rapidamente e largou as flores. Mais surpresos ainda ficamos quando o vimos desembainhar o *gladius* e lançar um violento golpe contra o solo. Uma nuvenzinha de poeira e talos partidos elevou-se entre as espigas, salpicando sua túnica. Maria, que estava a dois metros de Bartolomeu, empalideceu. João e eu nos olhamos alarmados, sem saber o que se passara.

O golpe da espada, aplicado com ambas as mãos, foi tão violento que a lâmina ficou cravada no solo. Mas Bartolomeu nem cogitou de recuperar sua arma; deu meia-volta e, cambaleando, correu em nossa direção. Fiquei assustado. Seus olhos estavam fora das órbitas, vítreos, enquanto que sua face, como a da Senhora, se havia tornado leitosa. Aterrorizado, ele estendeu as mãos para João, em uma súplica muda de socorro...

João saltou sobre ele, acolhendo-o e interrogando-o aos gritos. Maria juntou-se aos dois.

Tomado de um forte choque, Bartolomeu tentava inutilmente explicar-se mas apenas conseguia mostrar a mão esquerda. Um copioso suor começou a rolar pelas suas têmporas. E, ofegante, sussurrou uma palavra que não consegui captar nitidamente. Talvez em hebraico. Alguma coisa assim como “ciciar”...

Menos confusa do que o Zebedeu e do que eu próprio, a Senhora tomou entre as suas a mão de Bartolomeu e examinou-a. Suponho que, ao vermos aquelas marcas, nós três tivemos a mesma aguda sensação: um calafrio que, rasgando as entranhas, chegava à garganta. Incrédulo, desejando de todo o coração que “aquilo” não fosse o que imaginava, examinei tremulamente a mão do angustiado Bartolomeu. Não havia dúvida. No piloso “triângulo” situado sobre o músculo interósseo dorsal (entre os metacarpos dos dedos polegar e indicador) viam-se dois pequenos orifícios, separados entre si uns dez

milímetros e dos quais manava soro tingido de sangue. Logo abaixo dessas marcas distinguiam-se diversos círculos sanguinolentos, de uns quatro milímetros de diâmetro cada um, aos quais se seguiam, também paralelamente, cinco ou seis incisões quase imperceptíveis. Ou muito me enganava ou aquelas eram as marcas de picada deixadas pelos dentes superiores e inferiores de uma serpente... E, o que era pior, um réptil venenoso. Se se tratasse de uma cobra áglifa inofensiva, o ataque não teria deixado na pele os orifícios dos caninos nem as áreas circulares sanguinolentas, correspondentes às bolsas do veneno. O pontilhado paralelo que aparecia ao longo dessas perfurações sangrentas, como eu teria ocasião de comprovar alguns instantes depois, eram as marcas dos dentes inferiores, maxilares – não acanalados – e palatais, respectivamente.

João e eu trocamos um olhar. Assenti com a cabeça, confirmando seus temores. Deixamos Natanael aos cuidados da Senhora e entramos, João e eu, no trigal onde permanecia a espada.

Tomara o destino me tivesse eliminado daquela cena. Mas a sorte – particularmente a minha – estava lançada...

Entre os círculos de flores partidas vimos agitar-se, em seus últimos estertores, as duas metades de uma impressionante serpente de uns sessenta centímetros de comprimento, com a típica cabeça larga e triangular e duas pequenas protuberâncias, à maneira de cornos, sobre a ponta do focinho. E João, em um ataque de histeria, pisoteou a parte posterior.

A Operação Cavalo de Tróia havia dedicado especial atenção ao nosso treinamento acerca de alguns dos muitos ofídios que infestavam a Palestina naquele tempo²³. No primeiro instante, todavia, aturdido pela tragédia, não consegui discernir claramente se se tratava de uma *Vipera xanthina* (conhecida também como víbora palestina) ou da *Cerastes cerastes gasperetti*. Para ser franco, pouco importava a sutileza. Ambos os viperídeos são qualificados como “altamente perigosos”. E ainda que a gravidade da mordedura de qualquer serpente dependa de múltiplos fatores – quantidade de veneno inoculado, sua toxicidade, localização e natureza da picada, idade, peso, estado geral da vítima *etc.* –, o risco de morte para Bartolomeu, dadas as precárias condições médicas do meio, era grande. Os peritos em herpetologia sabem que os venenos das serpentes são talvez os mais complexos de todos os tóxicos animais²⁴. Seus efeitos, quando penetram no sistema sanguíneo ou linfático, são devastadores. Neste sentido, os estudos de H. A. Reid são categóricos. “Umas quinze gotas de veneno de víbora seriam fatais para um homem adulto; três gotas de veneno de cobra poderiam ser igualmente letais e uma só gota de veneno de serpente do mar acabaria com a vida de cinco homens”.²⁵ O problema era verificar quanto

veneno Bartolomeu poderia ter recebido e como bloqueá-lo.

Ajoelhei-me junto à cabeça da víbora e abri cuidadosamente suas mandíbulas. As presas estavam intactas. (Às vezes, por acidente, doença ou qualquer anomalia no aparelho mordedor, podem ficar inutilizadas ou desaparecer total ou parcialmente, ficando os ataques do ofídio inócuos.) As marcas da mordedura levaram-me a supor que a pardacenta víbora – uma *Cerestes cerestes*, quase certamente –, havia atacado em uma característica ação “de punhalada”. Quando as mandíbulas se acham completamente abertas, com um arco máximo de 180 graus, as presas, que podem girar para trás e para diante, colocam-se como um punhal, cravando-se na vítima.

Isso tornava mais comprometedor o estado do discípulo. Mas também já pouco importava: o mais provável é que o impulsivo “urso”, ao arrancar as flores, houvesse molestado o viperídeo e este, surpreendido em seu habitat (geralmente se mimetizam enterrando-se e só deixando a descoberto a cabeça), havia respondido com o ataque. É freqüente que depois de desferido o golpe a víbora retroceda e se oculte. Mas Natanael teve tempo de parti-la ao meio.

Tudo foi vertiginoso. A Senhora, em altos brados, reclamou a presença de João. E este, uma vez desafojada sua fúria contra a víbora, e já com melhor ânimo, reuniu-se ao grupo. De joelhos, no meio do caminho, Bartolomeu continuava transpirando copiosamente. Uns cinco minutos depois já apresentava alguns sintomas nada tranqüilizadores. No lugar da picada, o edema, de propagação rápida, atingiu uns quinze centímetros, enquanto que a mão inchou enormemente. A dor, apesar das dificuldades do “urso” para expressar-se, devia ser muito forte. Então vieram as náuseas. Verifiquei que o pulso não havia enfraquecido apreciavelmente. Examinei-lhe os olhos e não percebi dilatação pupilar.

A Senhora e o Zebedeu limitavam-se a enxugar o suor do amigo e era com visível inquietação que observavam meus movimentos. Foi numa dessas rotineiras explorações que, de súbito, meus olhos encontraram os de João. Em frações de segundo dei conta da minha situação. Arrastado pelo justíssimo desejo de ajudar Bartolomeu, não me apercebera do erro em que incorria. Se a mordedura fosse grave, como estava parecendo, o discípulo podia vir a morrer. Se algum dos vasos da mão tivesse sido lesado pela picada, o veneno poderia afetar o mecanismo de coagulação do sangue, um efeito particularmente grave nesse quadro clínico. Essas lesões, de outra parte, dependendo da resistência da vítima e de outros fatores, podiam acarretar uma falha cardíaca ou respiratória.

Aquela foi outra batalha interna. Como médico, meu dever era ajudar. Como membro da Operação Cavalo de Tróia, meu dever estava taxativamente traçado: observar sem intervir nos acontecimentos que pudessem modificar o

curso natural da existência humana ou dos grupos sociais daquele “outro agora”. Ainda que no terreno das hipóteses – os Evangelhos não são explícitos nesse aspecto –, eu presumia que Bartolomeu venceria a crise e se acharia presente nos futuros acontecimentos da chamada “ascensão” do Senhor, assim como na festa de Pentecostes. Ainda assim, uma vez mais fui fiel ao estabelecido. Retirando minhas mãos da região afetada, cujo tecido subcutâneo, pela ação rápida do veneno, havia começado a descorar a pele, tomei a firme e penosa decisão de não agir, ao menos até que não vislumbasse uma evolução favorável.

O Zebedeu, perplexo, interrogou-me com o olhar. Natanael continuava gemendo de dor e, o que era pior, de medo. (Têm-se verificado casos de pessoas atacadas por serpentes venenosas que vieram a morrer de uma falha vasomotora induzida pelo terror.) Como única resposta, limitei-me a fazer um gesto negativo com a cabeça. E João, interpretando erroneamente o meu gesto como um “nada há que fazer”, explodiu, dando-me um empurrão.

– Maldito pagão!... És um farsante!

A Senhora baixou os olhos, talvez compartilhando – não sei muito bem – a justificada indignação do Zebedeu. E eu, ferido no mais íntimo do meu ser, vi repetir-se a embaraçosa situação vivida na caravana mesopotâmica.

Entre maldições, a maior parte dirigida a mim, João colocou a mão do “urso” em seu joelho esquerdo, sacou a espada, lançou uma cusparada na ponta da arma e enxugou-a na borda da túnica. Depois pediu à Senhora que segurasse o pulso do companheiro e, sem perda de tempo, fez uma incisão linear sobre as marcas da mordedura, até a profundidade de uns cinco milímetros. Ainda que sonolento, Bartolomeu reagiu e, com dificuldade, devido aos problemas de dicção, pediu ao companheiro que usasse “a pedra”. João, advertindo-se do seu erro, dirigiu-me novos impropérios, culpando-me da sua distração. E enquanto Maria remexia ansiosamente a mochila de viagem de Natanael, o “filho do trovão”, cego de ira, cravou sua espada entre minhas sandálias, enquanto me fulminava com os olhos.

A aparição de uma pedra escura, de uns dez centímetros, de origem vulcânica, nas trêmulas mãos da Senhora, interrompeu momentaneamente a perigosa crise de violência do Zebedeu. Uma violência que certamente eu não podia deixar de desculpar. Aquele *gladius* vibrando entre os meus pés representaria a definitiva ruptura entre a maior parte dos “íntimos” e o “grego da Tessalônica”.

Aqueles homens, que conheciam com perfeição os perigos dos caminhos de Israel, viajavam preparados para estas e outras contingências. A misteriosa pedra era uma prova disso.

João apanhou a pedra e com ela friccionou fortemente as marcas dos dentes

da víbora, até escoriar a pele já sangrenta. Depois, inclinando-se sobre a ferida, sugou-a vigorosamente e cuspiu uma mistura de sangue e de líquido amarelado. Certamente neste último podia-se identificar o veneno da serpente.

Instintivamente pensei na boca de João, mas me contive. Naquelas circunstâncias não teria sequer ouvido meus conselhos. Se sua língua ou as gengivas tivessem alguma lesão aberta o veneno sugado poderia penetrar em seu organismo e ele estaria partilhando os riscos do seu companheiro. Aparentemente não era o caso. (Se, ingerido involuntariamente, o veneno fosse para o estômago, estaria neutralizado.)

No espaço de quinze ou vinte minutos, João de Zebedeu repetiu a frenética sucção. Ignoro se teve consciência de quanto isso fora decisivo, mas, a julgar pelo resultado, e apesar dos riscos de infecção implícitos, uma grande parte do veneno fora resgatada, reduzindo a toxicidade geral e local. Não posso dizê-lo com toda certeza mas, na minha opinião, Natanael ficou devendo a vida ao seu amigo. O problema, naquele momento dramático, era apurar quanto veneno se havia propagado para o antebraço²⁶ e que vasos – sangüíneos ou linfáticos – podiam ter sido afetados. As próximas seis horas seriam decisivas. Se Bartolomeu cuspiisse sangue seria sinal de que o veneno havia circulado pelo corpo, arrasando órgãos internos, como os pulmões, os intestinos *etc.* Nessa fatídica suposição, e uma vez que eu não estava autorizado a ministrar-lhe nenhum dos meus antídotos,²⁷ que eu trazia obrigatoriamente em minha “farmácia de campanha”, a evolução do envenenamento era imprevisível.

Quando o Zebedeu, depois de examinar as últimas salivas, verificou que não saíra mais senão sangue, tirou o lenço que trazia enrolado na cabeça e com ele improvisou um torniquete no braço de Bartolomeu, a uns dez centímetros da mordedura.

O aspecto do “urso” preocupava. À palidez e às náuseas juntavam-se agora pequenas manchas na pele da mão, formadas pela efusão do sangue. O Zebedeu incitou Bartolomeu a pôr-se de pé mas a sua debilidade e o choque não lhe permitiram. Oferecime para ajudá-los mas João me repeliu e me ordenou que lhe entregasse o odre da água. Maria, visivelmente preocupada, sussurrou algumas palavras de conforto aos ouvidos de Bartolomeu, procurando reduzir a gravidade do ocorrido. Seu tato e sua prudência eram elogiáveis. Em circunstâncias assim, o procedimento sensato era exatamente este: tranquilizar o paciente e fazê-lo esquecer o ferimento.

O “urso” bebeu abundantemente e, sacudindo-se todo, acabou por erguer-se. O Zebedeu, passando o braço direito do doente pelo seu pescoço, praticamente o carregou, empreendendo o caminho da aldeia. A Senhora e eu

reunimos os sacos de viagem. E eu me preparava para apanhar o *gladius* de João quando este, voltando a cabeça, advertiu Maria que não esquecesse os restos da serpente. A Senhora empalideceu, olhando para mim aflitivamente. Sua aversão era justificada. E eu, como precisava mostrar-me útil, ainda que apenas como “recolhedor de imundícies”, poupei-lhe o sofrimento. Ao “empacotar” as duas partes da víbora entre os abandonados lírios perguntei a mim mesmo que utilidade poderia ter aquela serpente. Feito o meu trabalho, apanhei a espada e os segui, iniciando a caminhada dos últimos dois quilômetros e meio que nos separavam de Caná. Meu ânimo, claro, não podia estar mais baixo.

Consciente da importância de cada minuto, o Zebedeu forçou o passo. Só que a hostilidade do caminho, em aclave, e o andar trôpego de Bartolomeu constituíram um freio e um sofrimento acrescentados à sua excitação nervosa. Vi que ele se detinha e tropeçava. Depois de recuperar o fôlego, carregou de novo seu amigo mas, quando quase havíamos atingido a cota dos quatrocentos metros, desabou. Maria, ofegante, correu em auxílio dos dois. O peso do “urso”, porém era demasiado para as suas minguadas forças. João, caído no centro do estreito e pedregoso caminho, banhado em suor, respirava freneticamente, derrotado por aquele quilômetro e pouco de penosa subida.

Caná, alheia ao nosso suplício, estava visível ao longe, assentada em uma colina da mesma altitude em que havíamos parado. Segundo minhas estimativas, entre aquele ponto e o casario da aldeia mediavam aproximadamente oitocentos ou novecentos metros. Um percurso menos acidentado mas abundante em pequenos vales que faziam gracioso o caminho mas infligiam sofrimento ao caminhante. Apesar da irregularidade e rochiosidade do cenário, as terras se mostravam abundantemente cultivadas. À direita, em esplanadas dispostas em escalões, cresciam o trigo e, em menor volume, a cevada. E à esquerda do caminho, distanciando-se para os cumes de duas suaves elevações, renques e mais renques de oliveiras e de figueiras dominavam a paisagem, abonando as palavras de Bartolomeu acerca da “dourada abundância” do seu povoado natal.

A pausa forçada duraria pouco. Natanael, subitamente, começou a vomitar. Maria, assustada, suplicou a João um último esforço. Ela própria, juntando o exemplo à prédica, tomou Natanael pelas axilas, esforçando-se por erguê-lo. Quanto a João, extenuado física e emocionalmente, não fazia senão choramingar, maldizendo sua má sorte. A cena foi demais para mim. Esquecendo meu severo código, esquecendo tudo, afastei suave mas firmemente a Senhora e carreguei o “urso” no meu ombro direito, como se fosse um fardo. E desta maneira, pouco ortodoxa, empreendi o último trecho, com mais decisão do que possibilidades. A temperatura de Bartolomeu parecia flutuar. Não havia dúvida: a infecção

continuava a propagar-se. Então apertei um pouco o passo, respirando pela boca e, como disse, sustentado mais pela minha férrea vontade do que pelo poder das minhas pernas. Assim, mal ou bem, venci os primeiros trezentos ou quatrocentos metros. A Senhora, atenta ao alquebrado Zebedeu, me seguia de perto.

Ainda que não tivéssemos trocado nenhuma palavra a respeito, supus que o nosso destino natural seria a aldeia. Não foi, todavia, exatamente assim.

Ao transpormos o fundo de um dos vales, o caminho apontou diretamente para Caná. À direita e à esquerda, protegidos por diversas muretas de pedra de um metro de altura, descortinaram-se diante de mim os famosos hortos de romã comum que naquele tempo faziam a honra e a fama da cidade. Era essa, e não o vinho, como se acredita erroneamente, uma das fontes de riqueza da comarca. Em Caná jamais prosperaram as videiras. Centenas ou milhares de pés de *punicum granatum*, mencionados em *Números* (13, 23), de troncos densamente ramificados e folhas oblongas que não tardariam a cobrir-se de vivas flores escarlate, verdejavam as ladeiras, oferecendo abrigo noturno a festivas cotovias e retardatárias aves-frias.

Em uma das minhas visitas a Caná, em pleno verão, teria a oportunidade de ver como muitos dos seus habitantes trabalhavam o córtex desse delicioso fruto, preparando-o para os posteriores trabalhos de tintura.

Subitamente, a uns trezentos metros das primeiras casas, Maria nos ultrapassou correndo e gritando um nome: “Meir”. E com o seu manto flutuando ela se distanciou pela ruela formada pelos parapeitos dos hortos de romãs, chamando sempre em altas vozes o tal de “Meir”.

Sem fôlego, percebendo que meus joelhos começavam a dobrar-se, lutei por vencer aqueles derradeiros passos. Deus sabe que o tentei. Mas, como ocorrera a João, minhas forças me abandonaram e, antes que pudesse pedir ajuda, caí desequilibrado, arrastando o “urso”. E o pesado corpo do discípulo imobilizou-me contra as pedras do caminho.

Ferido em meu amor-próprio, revolvime, esforçando-me por libertar-me. Inutilmente. De bruços, com os olhos e a boca cheios de terra e resfolegando como um remador, meus fracos esforços para arredar o “urso” não fizeram mais do que exaurir minhas últimas energias. Sentime ridículo.

Ao poucos, com a ajuda de João e do homem que vi correr ao nosso encontro, eu me livraria de tão grotesca situação. Quando consegui me levantar meu orgulho estava mais combalido do que meu físico. Havia falhado mais uma vez...

Cuspi a terra e a raiva que me secavam a língua e dessa vez fui eu quem renegou sua péssima estrela.

Providencialmente, a Senhora havia procurado um indivíduo que agora,

com o auxílio do Zebedeu, ajudava Natanael a caminhar. E eu, com a alma e o corpo malparados, apressei-me a segui-los.

Ao deixar para trás os frondosos hortos, os três homens, precedidos de Maria, viraram bruscamente à esquerda e desapareceram em um casarão de altos muros. No extremo do caminho, a uns duzentos metros, Caná estendia-se, branca e silenciosa, por quase um quilômetro. Tratava-se, sem dúvida, de uma pujante localidade. E nessa ocasião, muito a meu pesar, quase não chegaria a pisá-la. Os próximos acontecimentos iriam desenrolar-se, principalmente, naquele isolado casarão, moradia de um dos mais respeitados e queridos galileus de toda a região, o mesmo a que havia feito referência a vendedora do cruzamento de Lavi.

Ali pelas cinco e meia da tarde, uma hora antes do crepúsculo, sem saber muito bem o que fazia, cruzei a cancela de madeira, buscando não perder de vista meus companheiros de viagem. Uma viagem que o imponderável havia transformado em pesadelo. Talvez devesse poupar o hipotético leitor desta íntima confissão ao relato de tão acidentada viagem até Nazaré. Mas, obedecendo ao coração, julguei por bem fazê-lo partilhar as penas deste explorador.

Os lugares favoritos de Jesus? Houve muitos. E aquele foi um deles. Quem haveria imaginado que do outro lado daquelas grossas paredes de pedras cúbicas, escuras, estava um dos lugares preferidos e habitualmente freqüentados pelo rabi da Galiléia em sua passagem por Caná?

Surpreso, eu não soube para onde olhar.

Assim que pisei o esmerado piso de gesso, modelado à feição de madeira, o ar deixou de ser ar, fazendo-me esquecer dores e desconsolos. Diante de mim se abriu um compacto jardim, plantado exclusivamente com roseiras. Grandes maciços vermelhos, brancos, amarelos e róseos esfumavam os limites de um pátio em que a bíblica “vereda”, cantada no *Eclesiástico*, parecia a única flor permitida. Subindo por paredes e caniços, erguendo-se sobre uma terra negra e esponjosa, plantadas em bojudas vasilhas, em humildes vasos de barro ou em cisternas de basalto de todos os tamanhos, floresciam esplêndidas rosas de Sidon, do Sinai, do monte Hermon, *caninas*, *phoenicias* e outros exemplares silvestres que não consegui identificar.

Embriagado, quase hipnotizado pelo feminino tremular das cores e pela tranqüilidade transmitida pelas ondas de fragrância, estive a ponto de perder-me no estreito corredor que, como um labirinto, dividia o casarão.

Na parte oeste do grande solar erguia-se, como já disse, um velho casarão, todo de pedra, cujo pavimento superior fazia as vezes de parapeito, protegendo a delicada plantação do embate dos temíveis e abrasivos ventos do poente.

Caminhei para lá e penetrei em um cômodo escuro do pavimento inferior. Com a visão obscurecida pela claridade que vinha de fora não notei o alto degrau que dava acesso à sala e, ridiculamente, perdendo o equilíbrio, fui dar com os costados contra o piso de terra batida.

Pela terceira vez, naquela infeliz jornada, rolei a fio comprido, com estrépito. Minha “apresentação” ao venerável Meir não podia ter sido mais cômica e deplorável. Aturdido, vermelho de vergonha, ergui-me com a mesma velocidade com que havia tombado. A meio caminho, porém, a luz amarelada de um candeeiro surgiu à minha frente. E uma longa mão, semelhante a um ramo de videira, estendida generosamente, ajudou-me a me pôr nos dois pés. Agradei o gesto, escrutando a fisionomia do ancião que estava a minha frente. Seus cabelos e sua barba, quase albinos, emolduravam um rosto alto e estreito, ligeiramente bronzeado, e no qual sobressaíam uns olhos claros e confiantes. Sobre a túnica de lã, branca, reconheci a “haruta”, o pequeno ramo de palmeira que distinguia os médicos – ou antes, os “auxiliadores” – judeus²⁸. Seu nome era Meir, velho conhecido e amigo de Natanael e da família do Mestre. Seus mais de sessenta anos haviam decorrido, na sua quase totalidade, em Caná da Galiléia, devotados ao estudo da medicina em geral e das rosas em particular. Sua eficiência como *rofé* – se bem que ele sempre repelisse esse título – e sua nobreza de alma lhe haviam valido enorme estima e uma fama que ninguém ousava questionar. Mas isso eu descobriria pouco a pouco. Primeiro nesta apressada visita e, mais adiante, ao acompanhar Jesus em sua vida de pregação.

Ao perceber minha perturbação sorriu com ar tranquilizador, com o que se acrescentaram novas rugas ao seu nobre rosto. E sem pronunciar palavra alguma perdeu-se nas trevas do cômodo. Segundos depois, o facho que trazia na mão ateava fogo às mechas de outros candeeiros estrategicamente dependurados nas paredes. A claridade que se fez na sala permitiu-me explorar o que era o lugar de trabalho do “auxiliador”, um singular misto de “laboratório-biblioteca-hospital” reunidos em uma galeria sem janelas, de quase vinte metros de comprimento por seis ou oito de fundo. As quatro altas paredes, com exceção da porta de acesso e de uma segunda abertura em um dos cantos, à direita do acesso principal, estavam tomadas por uma rede de estantes de madeira, repletas todas de panelas, jarras e recipientes, muitos de cristal, com inscrições em aramaico, grego e hebreu, gravadas ou pintadas. E, anarquicamente armazenados entre a louça, dezenas de pergaminhos, em couro e pele, além de poeirentas tabuinhas de madeira cobertas de gesso ou de uma cera preta e dura. (Diferentemente da chamada “tabula” ou “tabula rasa”, na qual era possível voltar a escrever raspando ou esparramando uma nova camada de cera sobre a superfície, essas tabuinhas eram destinadas a inscrições permanentes.)

À minha esquerda, próximo ao umbral que eu havia transposto tão desastradamente, vi Natanael, recostado em uma esteira de folhas de palmeira e reconfortado por seus amigos. Indeciso sobre o que deveria ou poderia fazer, postei-me junto à porta a espiar os movimentos do “auxiliador”. Assim que a mortífera luz emanada do azeite de oliva lhe permitiu caminhar sem tropeços, e sem nenhuma pressa, como se o “problema” de Bartolomeu não fosse com ele, começou a remexer na mesa de mármore preto que fazia parte da “biblioteca”. Verteu uma carga de azeite (ao redor de um decilitro), suficiente para umas seis horas e meia em uma lanterna de gesso, iluminando o tabuleiro e a desordem que apresentava: redomas, alguidares e pequenas ânforas de duas asas com belas decorações vermelhas e pretas sobre fundo branco, que deviam conter bálsamos, beberagens, pós, emplastos e inalações. Entre os utensílios do “boticário” chamou-me a atenção uma urna de vidro, do melhor estilo herodiano, e várias bandejas de argila. A primeira continha uma caveira e vários ossos humanos, pertencentes às extremidades inferiores. Um “sacrilégio” como aquele só era possível na Galiléia...

Nas bandejas, muito apreciadas pelos judeus por serem pouco absorventes e dispensarem a purificação ritual²⁹, repousava o instrumental cirúrgico: facas de pedra, ferro e bronze, serras curtas e denteadas, escalpelos (de metal e de carapaça de tartaruga), tesouras de cirurgião, fórceps lisos *etc.* E em uma das extremidades da caótica “mesa de trabalho”, dois moldes circulares, repletos de uma tinta preta e espessa³⁰. Ao lado, amarradas em feixe, as penas habituais: carriços (*calamus*) cortados obliquamente e fendidos, ancestrais das atuais penas de metal, e esponjas, indispensáveis para apagar a tinta.

Completado o abastecimento e aceso o candeeiro da mesa, Meir, sem abandonar o sorriso que o caracterizava, ajoelhou-se junto ao enfermo. Entregou à Senhora sua pequena e inseparável candeia e, sem mais preâmbulos, com movimentos calculados, inspecionou a mordedura e o edema. Lenta, silenciosa e prudentemente, fui aproximando-me do grupo. Não desejava intervir. Apenas presenciar a ação do sanador.

Ao tomar o pulso e verificar a temperatura do doente, a paz daqueles olhos pareceu perturbar-se. Mas, prontamente, com uma sabedoria inata ou adquirida em seus longos anos de combate à enfermidade, se refez, tranqüilizando o ansioso olhar de Maria. A respiração de Bartolomeu, talvez por saber-se em mãos de Meir, recuperou um ritmo aceitável. Meir abriu-lhe as pálpebras e explorou as pupilas. A Senhora, atenta, aproximou a candeia do rosto pálido de Bartolomeu. Seu pulso, trêmulo, não passou despercebido ao ancião. A midríase, ou seja, a dilatação das pupilas, era normal. Era um bom sintoma. E Meir,

retirando com suavidade a mão que sustinha a luz, perguntou a Maria:

– Filha, quem é o enfermo? Ele ou tu?

A Senhora baixou os olhos, desculpando-se. E João, devorado pela impaciência, pressionou o “auxiliador” com uma insolência igual à que eu mesmo havia suportado no lugar do acidente. Meir não se alterou. E, como única resposta, sem perder a compostura, ordenou-lhe que aquecesse água. João obedeceu. E eu me senti satisfeito com a firmeza e tolerância daquele homem.

O “auxiliador” palpou os músculos intercostais e o diafragma do enfermo. Satisfeito, gracejou acerca da sua voracidade. Supus que não havia encontrado sinais de curarização ou paralisação daqueles músculos.

A argúcia e o conhecimento do *rofé* me entusiasmaram. As zombarias acerca do volumoso ventre, além de servirem para relaxar a tensão geral, revelavam outra intenção oculta: verificar os possíveis transtornos da dicção. E o “urso”, com certa dificuldade de elocução, abusando da sua amizade com o ancião, mandou-o para “os infernos”, Meir deu-se por satisfeito. Voltando para sua mesa apanhou um pequeno punção e o submeteu à chama do candeeiro. Desinfetado e esfriado o instrumento, ajoelhou-se de novo diante do enfermo e por diversas vezes alanceou o edema que apresentava na mão. Ao toque na área da mordedura Bartolomeu não reagiu. A ação neurotóxica do veneno havia insensibilizado a região. Felizmente, não sucedeu o mesmo com o resto da inflamação. Natanael acusou a dor. Franziu o rosto e lançou uma maldição ao sanador. Por último, depois de imobilizar a extremidade superior, Meir provocou uma minúscula ferida incisa na pele do antebraço. Umas gotas de sangue, procedentes dos capilares, apareceram imediatamente entre a abundante pilosidade. A coagulação não demorou. Lançando um suspiro, Meir deixou-se cair e sentou-se nos calcanhares. Observou Bartolomeu e, dirigindo-se à mulher, fez-lhe uma pergunta que certamente ninguém soube responder:

– Diarréia?

Maria hesitou. Então o ancião, erguendo a túnica de Natanael, examinou-lhe a roupa de baixo, deu-lhe uma palmadinha carinhosa no rosto e comentou divertido:

– Parece que teve sorte...

Os olhos de Maria iluminaram-se. Meir levantou-se e caminhou até o canto em que estava o Zebedeu. A Senhora então ajoelhou-se, colocou a cabeça do ferido em seu regaço, acariciou-lhe os cabelos e animou-o a descansar.

Ainda que uma taquicardia parecesse descartada naquele momento, o repouso era aconselhável, porque também evitaria o aumento de absorção produzido pela vasodilatação. Curioso, fiquei observando os movimentos subseqüentes do *rofé*. A um canto do cômodo estava um forno de ladrilho de oito

bocas. Em uma delas, ao cuidado de João, fervia água em uma vasilha de cobre. O ancião, observando o borbulhar da água, recomendou a João que ficasse vigilante para que as chamas não se apagassem. Depois o interrogou sobre os restos da cobra. João respondeu que Maria havia ficado incumbida de recolhê-los. A Senhora, por sua vez, indicou a mim como responsável pelo recolhimento da víbora. Então me dei conta, desolado, de que o ramo de lírios que envolvia o ofídio havia desaparecido. O mais provável era que se houvesse desprendido do meu cinto quando caí junto ao horto de romãs. Minhas desculpas foram entendidas e aceitas por Maria e pelo “auxiliador”. João, porém, profundamente magoado com aquele “farsante”, teve novo acesso de cólera, descarregando toda a sua cruel intolerância para comigo. Minha aparente mansidão acabou por exasperá-lo, a ponto de exigir de Meir que me expulsasse de sua casa.

Pela primeira vez vi endurecer o rosto do ancião. Recriminando João por tanta violência, lamentou que ele houvesse esquecido tão rapidamente as sábias palavras do seu “falecido rabi”. Maria e eu nos olhamos. O velho e bondoso sanador de Caná – adepto da filosofia do Filho do Homem – não parecia informado sobre os últimos e prodigiosos acontecimentos. Mas era lógico. As notícias sobre a ressurreição de Jesus e de suas aparições não haviam chegado à remota aldeia. E uma centelha de alegria iluminou os verdes olhos da Senhora. Mas, quando ela se dispunha a anunciar-lhe a boa-nova, Meir, dando as costas ao confuso Zebedeu, pediu-me que desculpasse seu jovem e fogoso amigo. Concordei sem reservas. E o *rofé*, recuperando a placidez, me interrogou sobre as características da serpente. Simulei não estar bem lembrado mas mencionei, como quem não dá muita importância ao fato, o detalhe dos “chifres”... Foi suficiente. Identificou a víbora e lamentou a perda porque, segundo disse, o cozimento dessa classe de víboras dava excelente resultado como antídoto contra a lepra. Dadas as suas notáveis virtudes de sanador preferi acreditar que o seu verdadeiro interesse pela *Cerastes cerastes* não vinha apenas do seu discutível valor contra a lepra, mas principalmente das vantagens de ordem médica que podiam trazer a identificação e o exame do animal.

Esquecendo o incidente e comovido, suponho, por minha passividade diante do ataque de João, tomou a candeia, que havia abastecido de novo, e fez-me um sinal para acompanhá-lo. Diante da estante do fundo da sala retirou um dos rolos. Consultou sua inscrição e, certo da escolha, voltou para a mesa. O livro, feito em papiro de Sais, mais estreito e econômico do que o “real ou Augusta”, era montado à maneira egípcia: com as folhas costuradas umas às outras formando uma longa tira que se enrolava em dois paus cilíndricos. À luz do candeeiro o foi desenrolando com a mão esquerda e examinando o texto numa compacta grafia grega, ao mesmo tempo em que com a mão direita

anotava o que ia lendo. Poucos minutos depois deteve sua atenção sobre uma série de colunas. A “página” em questão apresentava várias ilustrações, que descreviam as partes mais importantes das rosas. Ao ver que eu me inclinava por sobre o seu ombro, na tentativa de partilhar a leitura, Meir, tão curioso quanto eu, perguntou-me se eu me interessava pela ciência de Cratevas.³¹ Afastei-me prudentemente, assentindo com um gesto de cabeça. Então ele me entregou o livro para que o lesse eu mesmo. Antes que eu conseguisse agradecer-lhe o gesto deixou sua mesa e foi para o jardim.

O livro, pelo que pude ler, era uma cópia dos fecundos trabalhos desenvolvidos por Cratevas sobre botânica e muito especialmente acerca das supostas propriedades curativas e medicinais das rosas. Nessa fonte se inspirariam outros grandes da Antiguidade, como Plínio, Dioscórides, Teofrasto e Galeno, entre outros, assim como os herbanários de Grete e Ascham, em 1526 e 1550, respectivamente. As descrições do botânico grego, muito acertadas, me pareceram deliciosas. Classificava até trinta tipos diferentes de drogas, todas derivadas das rosas. Como Plínio, qualificava-as de “adstringentes e refrescantes”. Descrevia os processos para obter o suco benéfico, assegurando que eram recomendáveis para dor de ouvido, úlceras bucais, gargarejo, transtornos retais, da matriz e do estômago, enxaquecas, náuseas, insônia, irritação das coxas, inflamações oculares, escarros sanguíneos, menstruação dolorosa ou irregular, dor de dentes, diarréias, hemorragias e um *etc.* tão longo que praticamente enchia os seis metros que o “livro” continha. Após alguns prolixos conselhos sobre as virtudes dessas plantas, horas do dia em que era mais conveniente recolhê-las, destilação e maceração das pétalas, Cratevas consumia dezenas de colunas em outros dois singulares capítulos: a cosmética e a gastronomia.

O método para obter a famosa “água-de-rosas”, um dos perfumes mais requisitados no tempo de Jesus, pareceu-me especialmente interessante. O ingrediente básico eram as pétalas da “damasco”, uma das rosas de origem persa, de odor mais penetrante. “Colocam-se em água clara – rezava o papiro –, em recipiente de madeira, que se deixa destapado debaixo dos raios do sol durante vários dias. As gotas de óleo que sobem à superfície serão recolhidas em almofadinhas de lã, que logo se espremerão dentro de um frasco, selando-se o recipiente...”

Por último, as possibilidades “gastronômicas” das rosas – hoje praticamente desconhecidas – eram enumeradas minuciosamente, louvando a delicadeza do mel, sobremesas e bebidas que delas se podiam obter³². No futuro, este incomparável rolo seria de grande utilidade em momentos específicos e muito

“especiais” da Operação...

O ancião retornou com uma cestinha de vime transbordante de rosas vermelhas, brancas e algumas de um belíssimo tom ferrugem. Cada uma – comentou enquanto as desfolhava – tem seu valor.

– Estas – afirmou referindo-se às pétalas vermelhas – são as mais fortes, ajudam a conter um ventre “solto”. Essas – indicando as brancas – têm um efeito...

A voz autoritária do Zebedeu anunciando que a água estava preparada interrompeu as cordiais explicações do botânico. Concluindo o corte dos pecíolos ou partes mais claras das pétalas, onde se concentra o maior volume de umidade, almofariz na mão, Meir passou então a triturar rápida e habilmente as folhas. A etapa seguinte foi a filtragem do suco, entornando e escudela de madeira sobre um espesso pano de linho. O perfumado licor ficou contido em um segundo recipiente, de bronze, pronto para o novo processo. Retirou a água do fogão e, com destreza, passou a misturá-la com o “sumo de rosas” até que a bebida adquirisse a espessura do mel. Por último juntou à poção pedacinhos de juncos cheirosos, uns punhados de sais e uma generosa porção de *etrog* (o limão das festas dos Tabernáculos), que serviu para esfriar o suco. Depois da operação concluída, Meir ajudou Natanael a erguer-se e obrigou-o a ingeri-lo até a última gota.

A seguir tomou-lhe o pulso e recomendou a Maria que se fosse necessário lhe enxugasse o suor. Esfregou as mãos com satisfação e foi de novo consultar o papiro de Cratevas. Dessa vez, atento à evolução do estado do discípulo, limitei-me a observá-lo a distância. A chama que tremulava sobre a mesa transmutou em ouro seus cabelos e o silêncio encheu de paz o lugar. Terminada a leitura, caminhou para um dos cantos escuros da biblioteca e apanhou um bojudado frasco de cristal, dele extraíndo uma porção de pétalas secas que, postas ao fogo, se reduziram a cinzas. Uma segunda viagem às estantes completou a manipulação. De uma vasilha de barro retirou uma colherada de gordura animal, que colocou em um pequeno prato de madeira. As cinzas foram então misturadas à fina e untuosa película. Como era de esperar, a fragrância das pétalas transmitiu-se à pasta. Com a candeia na mão esquerda e a escudela na direita, foi ao encontro de Bartolomeu. Talvez fosse cedo para prognósticos, mas no meu fraco entender e parecer, o mal parecia vencido. Ignoro que efeitos teria produzido a bebida no organismo do enfermo. Do que estou certo, como já afirmei, é de que o seu verdadeiro salvador foi o Zebedeu...

Cantarolando uma série de citações bíblicas, Meir, com o auxílio dos dedos, esparramou sobre o fermento o oleoso e fragrante produto. “Yaveh curou Abimelej (*Gen.* 20,17)... “Eu sou a força eterna. Eu sou Yaveh, teu sanador” (*Ex.*

15,26)... “Rogo-te, ó Deus, que o cures agora!” (*Num.* 12,13)... “Eu firo e Eu curo” (*Dt.* 32,39)...

Cobertos o edema e a mordedura, o ancião, cujo afeto pelos três era tão antigo quanto a neve dos seus cabelos, captou o vaidoso olhar da Senhora e, convertendo em pequenas bolinhas os restos da perfumada pasta, ofereceu o prato à mãe do Mestre. Seus olhos cintilaram. Decidida e alegremente emoldurou com as bolinhas os cabelos de Natanael e, a seguir, sua própria cabeleira negra. Esse costume, muito em moda naquele tempo, era partilhado por homens e mulheres indistintamente. O portador, graças à fragrância dos seus cabelos, fazia mais agradável o ambiente.

Ao atentar para o Zebedeu e para mim, a Senhora desculpou-se, estendendo-me a escudela. João, vítima de um dos seus freqüentes ataques de mau humor, recusou o oferecimento. Quanto a mim, não sabia o que fazer mas, animado pelo sorriso da Senhora, tomei o prato e palpei a pasta com a polpa dos dedos. Maria, divertida, percebeu minha vacilação e, mandando que eu me inclinasse, espalhou e friccionou as bolinhas entre meus cabelos, ternamente. E minha profunda solidão experimentou um grande consolo.

Às 18 horas e 22 minutos, o pôr-do-sol, pontual, submergiu Caná numa súbita obscuridade. E o céu, que se mantivera inquieto e ameaçador durante todo o dia, abriu-se finalmente e precipitou para a terra uma chuva mansa. A caminhada para Nazaré ficou adiada. Bartolomeu, agora mais sereno, caiu em um sono profundo e reparador. Meir ausentou-se e, por espaço de meia hora, nenhum dos três esgotados peregrinos trocou uma palavra sequer. O Zebedeu, esgotado, acabou por acomodar-se junto ao fogão e não tardou a dormir. Maria e eu, sentados ao lado do enfermo, desfrutamos o sussurrante lamento da chuva sobre as flores. Em várias ocasiões seus olhos e os meus se encontraram. E, em um diálogo mudo, interrogamo-nos um ao outro. No seu olhar nada havia do rancor do de João. Ao contrário. Gentil, respondeu-me com um sorriso cálido. Mas a corajosa mulher, tão exausta quanto os demais, foi vencida pelo sono e não pôde evitar um ou outro cochilo. Preocupada, porém, com o ferido, tratou de animar-se e se pôs a examinar os panos que umedeciam as têmporas de Natanael. Pouco faltou para que, em tão grato parêntese, eu me decidisse a falar, revelando-lhe minha verdadeira identidade e a minha missão. Fiquei obcecado pela idéia de que a minha frustrante atuação no parto e depois com a cobra pudesse privar-me de tão vital fonte de informação sobre a chamada “vida oculta” de Jesus. Ainda era, muito o que restava por conhecer e ela e sua família eram os depositários do grande tesouro. Não podia perder sua amizade e muito menos sua confiança...

O regresso de Meir inviabilizou minha decisão. Mas jurei a mim mesmo que na primeira oportunidade lhe abriria meu coração, explicando-lhe – tarefa nada fácil – quem era e o porquê do meu “covarde comportamento”.

Quase o havia esquecido. Todavia, o hospitaleiro *rofé* pensava em tudo. Era o sagrado momento do jantar. Tomou a temperatura de Bartolomeu e, depois de convidar-nos às abluções de costume, colocou no solo uma bandeja de madeira generosamente sortida. Imitei Maria lavando meus pés e a mão direita (utilizada habitualmente para comer). Aguardamos respeitosamente que o ancião concluísse sua rápida bênção e, quase desfalecidos, fizemos honra à refeição: ervilhas fervidas em azeite, tortas de trigo recém-tostadas, figos, tâmaras, nozes descascadas – um dos meus frutos favoritos –, queijo rançoso, do qual, prudentemente, me abstive, pescado salgado e vinho quente aromatizado, sim, com essência de rosas.

Por recomendação de Maria, João não foi despertado. No meio da refeição, a conversa encaminhou-se para o tema predileto dos presentes: o Mestre. A meia-voz, degustando um copo de aromático vinho, Meir lamentou que “um homem capaz de operar um prodígio como o de Caná não tivesse podido evitar uma morte tão injusta e humilhante”. A Senhora e eu nos olhamos de novo. Então, Maria, tomando as mãos do sanador, perguntou-lhe se estava a par das “últimas notícias”. Assentiu com um gesto de cabeça e um ar grave, relacionando a pergunta com a crucificação. A mulher fez um gesto negativo com a cabeça e narrou-lhe atropeladamente as aparições registradas em Jerusalém, Betânia e, mais recentemente, às margens do *yam*.

Os olhos do velho, com a sua carga de experiência, não se alteraram com as entusiásticas palavras de sua amiga. Ouviu com atenção. Formulou umas poucas perguntas acerca desse “corpo ressuscitado que nenhuma das mulheres havia reconhecido” e, esvaziando seu copo, resumiu seu leal e sincero entendimento:

– Minha filha, trago cinquenta anos dedicados ao estudo da medicina e de outros saberes. Sei que o corpo humano tem duzentos e quarenta e oito ossos e que as veias principais são tantas como os dias de um ano. Tenho aberto cadáveres e posso assegurar-te que seus restos – e o *rofé* apontou para a urna das caveiras – continuam aí, comigo, e aí continuarão...

Maria, perplexa diante do ceticismo de Meir, interrompeu-o, protestando. O ancião sorriu com benevolência. E, acariciando os cabelos da excitada galiléia, respondeu sem maldade mas com uma contundência que não admitia discussão:

– ... Todos sentimos falta dele. E todos, Maria, desejaríamos voltar a vê-lo. Mas que eu saiba os mortos não regressam... Nem mesmo os profetas.

A postura do “auxiliador” de Caná, homem culto, equilibrado e amigo da família, constituía o padrão de pensamento da maioria dos homens e mulheres

daquele tempo em relação à ressurreição de Jesus. Os crentes, com base na leitura evangélica, podem pensar que indubitável fato físico de volta à vida do Galileu foi algo aceito pela comunidade judia. Grave erro. Só os mais íntimos, e com dificuldade, assimilaram essa prodigiosa realidade. Os outros, até mesmo parentes, amigos e pessoas de toda a confiança, adeptos fervorosos, até, do Filho do Homem, não puderam ou não souberam aceitar o acontecimento. E os problemas dos poucos defensores da ressurreição, longe de dissipar-se com as aparições, viram-se complicados. Essa conversa foi o exemplo da permanente luta que teriam de sustentar os discípulos e a própria Senhora. Uma luta que só o difícil exercício da fé poderia transformar em vitória. E se esse homem, como ocorria no caso de Meir, era, ademais, um “cientista”, seu convencimento só poderia vir com fatos comprobatórios; nunca com palavras ou testemunhos mais ou menos interessados.

Já bem entrada a noite, Maria, cansada e abatida, rendeu-se ao sono, descansando a cabeça no peito de Natanael. Meir sugeriu-me que dormisse algumas horas. Intrigado, no entanto, pela personalidade e o saber daquela singular personagem, declinei do paternal convite e o incitei, com minhas perguntas, a entrar nos assuntos que me interessavam. Certamente eu ouvira falar das “milagrosas curas”. Ali mesmo, do outro lado da aldeia, na casa de Natan, vários criados e Maria afirmaram que a água de seis vasilhas se havia convertido em vinho.

– Eu, querido e curioso amigo – confessou com sinceridade o ancião –, também provei o suco da videira. E posso assegurar-te que era excelente. Mas ainda que reconheça o poder do rabi da Galiléia não consigo entender o prodígio. Escutaste de meus lábios: só creio no que vejo..., e o que vejo não vale a pena. É muito possível que do ponto de vista de um homem que observa e estuda a Natureza muitas dessas curas tivessem sido produto apenas da fé dos pacientes. Meus métodos e medicamentos são racionais. Ou será que me consideras tão tolo para tentar remediar o mal de Bartolomeu exatamente como assinala o livro sagrado? Isso foi abandonado já nos tempos de Ezequias...

O sanador havia feito uma clara e veemente alusão ao *Números* (21, 9), no qual se diz: “Fez Moisés uma serpente de bronze e a pôs em um mastro. E se uma serpente mordesse um homem e este olhasse a serpente de bronze ficaria vivo”.

A prudência e objetividade de Meir, que eu partilhava em larga medida, me animaram a interrogá-lo sobre os conhecimentos da medicina que praticava e que representava a ciência mais séria e avançada dos sanadores judeus contemporâneos de Jesus Cristo.

Ainda que as influências mesopotâmica, grega e egípcia fossem inegáveis, o velho *rofé* de Caná, botânico, cirurgião, sanador e pesquisador, tinha suas próprias e muito pessoais opiniões, desconfiando, por exemplo, da eficácia de muitas das regras sanitárias que se impunham ao povo em forma de cerimônias religiosas e que remontavam aos obscuros tempos de Moisés. (Dos 613 preceitos e proibições da Bíblia, 213 são de natureza higiênico-sanitária.) Aceitava, todavia, que o sangue podia ser o “veículo” da alma humana, nisso mostrando-se absolutamente de acordo com as doutrinas sumerianas.

Com muito tato, simulando ser um leigo à procura de conhecimentos, fui aflorando pequenas e grandes idéias, sempre úteis ao desempenho da nossa missão. No capítulo do sangue, por exemplo, mostrou-se inteiramente de acordo com as prescrições do *Levítico*, que proíbe o seu derramamento e a ingestão de qualquer alimento ou bebida que o contenha. (De fato, ao menos na teoria da lei, toda carne devia ser sangrada antes de ser consumida.) Onde não se mostrou tão acorde foi “nesses ridículos princípios dos astrólogos de Alexandria e Babilônia que fixam os domingos, as quartas e as sextas como os dias propícios às transfusões de sangue”.

Animado diante da minha simulada admiração, continuou arremetendo com mordacidade contra os que pensavam assim.

– Sabes como justificam semelhante tolice? Porque às segundas e às quintas – dizem – os tribunais do céu e da terra acham-se ocupados e Satã, em sua condição de príncipe dos demônios, permanece ativo como acusador.

– E por que não nas terças-feiras? – perguntei-lhe com um ar de assombro que o encheu de satisfação.

– Nesse dia, segundo esses loucos, o planeta Marte se mostra particularmente agressivo. E têm o desplante de indicar a sexta-feira como o dia ideal porque as influências astrológicas, nesse dia, são mínimas, com exceção da hora sexta...

Meir, como a generalidade dos médicos judeus, conhecia a hemofilia, descoberta, muito provavelmente, no ato de circuncidar os recém-nascidos. Quando a enfermidade era diagnosticada, a lei (*Yebamot*, 64^a) proibia novas circuncisões nas mesmas famílias. E sabiam, com certeza, que era a mãe a transmissora hereditária do problema.

Quando mostrei interesse pelos ossos humanos que guardava na urna de vidro, sorriu picaramente e disse que não passava de um esforçado “auxiliador”, tanto em teoria quanto na prática. E confessou haver montado um esqueleto inteiro para estudá-lo. Na verdade, porém, os seus conhecimentos anatômicos deixavam muito a desejar. Chegou a citar-me algumas vísceras e ligamentos ósseos, mas confundia e identificava os músculos como “um todo carnosos”. O

esperma humano, para minha surpresa, entrava de cheio no capítulo ósseo, qualificado como “osso imperecível ou de luz”. E ainda que mostrasse bom conhecimento do processo de gestação, as propriedades do sêmen, como veículo de transmissão da vida, lhe eram praticamente desconhecidas.

Com grande orgulho, chegou a enumerar-me mais de quarenta enfermidades, tanto somáticas quanto funcionais, incluindo-se malformações e o que entendia por “enfermidades cirúrgicas”³³. Mas onde mostrou maior loquacidade e entusiasmo foi no capítulo dos seus ensaios e experimentações. Aquela sala, como eu supunha, era uma “sala de operações”. Ali, como me disse, havia realizado toda sorte de trepanações, amputações e extirpações, e até uma cesárea. Não ousei pedir detalhes. O que fiz, timidamente, foi perguntar-lhe que critério adotava acerca da opção em caso de risco de vida. Nessa hipótese, quem devia ser salvo, a mãe ou o feto? Arguto, refugiou-se na norma, confirmando o que já sabíamos através do *Yebamot*: a vida da mãe sempre tinha preferência.

Sua “farmácia”, como era natural, incluía muitos e poderosos narcóticos, como as solanáceas beladona, meimendo e mandrágora, que, graças ao seu conteúdo de alcalóides, lhe permitiam anestesiá-los os pacientes. O hábil *rofé* havia suturado centenas de feridas com anestesia das bordas. E ainda que ele mesmo não houvesse chegado a tais extremos, tinha notícia de que havia pouco se realizara a abertura cirúrgica do ânus de um recém-nascido. O que ele se atrevera a fazer haviam sido experiências em animais para provar que a extirpação da matriz da mulher – contra o pensamento judeu – não era causa de morte. Disse que tais experimentos e outros haviam sido realizados antes por médicos e cirurgiões de Alexandria.

Ao contrário do que hoje podemos imaginar, muitos desses “auxiliadores”, ainda mesmo ignorando quase tudo sobre a estrutura e as funções do cérebro, sabiam ou intuía-m que o pensamento e a razão do homem tinham sua sede nesse órgão. Todavia, pensavam candidamente que as cefaléias e as infecções nasais e dos ouvidos tinham origem nos “maus ares”. Assim como acreditavam que muitas enfermidades dos pulmões, fígado e intestinos se deviam a “vermes”. Meir dedicou uma longa peroração à “maldade” do sal e aos transtornos digestivos ocasionados, segundo ele, pela falta de líquidos. Também a retenção da bile, disse ele, era a causa da icterícia; e a retenção da urina, de hidropisia. Falamos ainda do medo e das palpitações nos cardíacos e das alterações do pulso que podem ocasionar.

Meu assombro foi enorme quando, ao falarmos das “funções de bombeamento” do coração, coisa conhecida de sobra naquele tempo, o surpreendente galileu me deu a entender que eminentes colegas seus haviam conseguido avaliar o volume de sangue contido no corpo humano. Não consegui

que me revelasse o método em questão mas as quantidades eram bastante precisas: ao redor de dez *log* (uns cinco litros) para o homem adulto e pouco mais de seis *log* (uns três litros) para uma mulher do tipo médio. Infelizmente, esses dados ficavam desmerecidos por outra crença muito pouco científica. Para os “médicos” judeus do século I o peso do homem era integrado fundamentalmente pela água e pelo sangue. “Se o indivíduo fosse justo, ambos esses elementos apareciam em partes iguais. Se, ao contrário, fosse um pecador, a água predominava sobre o sangue, convertendo-o em um ‘hidrópico’, ou então, e também devido à sua iniquidade, o indivíduo seria vitimado pela lepra.”

Nessa caótica rede de acertos e superstições, um dos aspectos mais conhecidos dos “auxiliadores” de Israel era a fisiologia da menstruação. Desde muito tempo antes, devido às proibições bíblicas, esse tema havia sido exaustivamente pesquisado, ainda que, com o passar dos séculos, chegasse a converter-se em um pesadelo, ao menos para os seguidores escrupulosos da lei³⁴. Basta dizer que a mulher menstruada era considerada impura por espaço de sete dias, durante os quais o contato carnal era proibido.

Conversamos ainda sobre a periculosidade das epidemias, transmitidas às vezes pelas caravanas que cruzavam todo o país, pelos alimentos em mau estado, pelas moscas e a péssima educação sanitária da população, que “não distinguia entre a água verde de um charco e a pura e cristalina de um poço”.

– A grande maioria – afirmou com exagero – morre por causa dos seus próprios erros e da sua desconfiança para com os “auxiliadores”.

Talvez neste último aspecto lhe assistisse razão. Durante muito tempo, a profissão de “sanador” figurou entre os “ofícios desprezíveis”. Pouco a pouco, a honradez e eficiência de homens como o *rofé* de Caná desfizeram receios e suscetibilidades, até o ponto de, como assinala o *Sinédro*, 17 b, ser proibido, no tempo de Jesus, viver-se em uma cidade, povoação ou comunidade onde não houvesse um “auxiliador”. Supõe-se que esta norma jamais chegou a ser respeitada ao pé da letra...

Todavia, a figura do médico foi adquirindo prestígio e, o mais importante, confiança. A lei lhes conferia honorários, estabelecendo que “um médico que tratava sem cobrar não valia nada”. Havia “auxiliadores” destinados a tarefas muito específicas, como a de avaliar as indenizações cabíveis em caso de acidente. O exercício da profissão era bem regulamentado. E ainda que a política de “fazer vista grossa” já tivesse sido inventada, cada *rofé* precisava de uma licença especial para exercer sua atividade. O caso dos “médicos” estrangeiros era especial. Os judeus mais rigoristas exigiam sua perseguição e desterro. No escrito *Baba cama*, 85^a, lê-se a respeito: “Uma pessoa não deve permitir que o

trate um médico que atravessasse o país todo, procedente de terras estranhas, pois ele não conhece suficientemente as características do meio ambiente e as influências climatológicas”. Não faltava razão a esse dispositivo, mas, como em tudo, entre os “sanadores” pagãos havia os bons e maus. E a gente simples não tomava conhecimento da lei sempre que o estrangeiro demonstrasse que conhecia o ofício.

As “consultas” desses médicos, judeus ou estrangeiros, ocorriam nos lugares mais insuspeitados: nas praças públicas, nos mercados, no templo, nas pousadas e na própria casa do *rofé*, onde os pacientes formavam longas filas e, tal qual ocorre na atualidade nas clínicas e ambulatórios, ficavam comentando entre si suas moléstias. Alguns “auxiliadores”, não todos, tinham o hábito de fazer “visitas a domicílio”, convertendo-se, com o passar do tempo, em amigos da família. Se a povoação em que se estabelecia o médico era suficientemente importante, a lei exigia, além de tudo, uma autorização dos moradores próximos ao seu “consultório” para exercer ali a sua profissão. A razão era óbvia: em muitas ocasiões a aglomeração de enfermos à porta da casa do *rofé* provocava alterações, ruídos e incômodos que podiam alterar a paz da vizinhança. O índice de enfermidades era tão alto que não tem nada de estranhável que as populações enfermas, ao terem notícias de um rabi “fazedor de maravilhas”, como Josefo qualifica o Mestre, o assediassem sem trégua. Convém ter presente esse aspecto essencial da situação médico-sanitária da população judia para compreender em sua justa medida o que aconteceria na “vida pública” de Jesus.

Pelo que já sabíamos e pelas interessantes revelações do meu novo amigo, a medicina judaica, desde os tempos do Antigo Testamento, podia ser classificada como eminentemente preventiva. E ainda que essas medidas estivessem baseadas em normas e princípios ético-religiosos, não resta dúvida de que, em uma infinidade de ocasiões, foram de grande eficácia. “A limpeza corporal – rezava um axioma do *Avodá zará*, 20b – leva à limpeza espiritual.” De fato, ainda que os médicos sérios trabalhassem com tratamentos mais ou menos racionais e “científicos” (dietas, compressas quentes e frias, suadouro, curas de repouso, banhos de sol, mudanças de clima, ginástica, sangrias, massagens, hidroterapia, psicoterapia etc.), a lei vigiava muito estreitamente o cumprimento da pureza, tanto ao nível humano como ao dos animais e coisas. A higiene se estendia até mesmo à construção de cidades, estabelecendo redes de encanamentos e lugares muito específicos para o fornecimento de água ou localização de cemitérios. Em caso de epidemias ou enfermidades contagiosas, as populações eram isoladas e as roupas e utensílios fumigados, lavados ou incinerados. Os judeus sabiam que, se surgisse a peste, a disenteria ou qualquer coisa semelhante, deviam evitar as aglomerações nas ruas estreitas, a utilização

de pratos, toalhas, roupas ou alimentos que pudessem ter estado em contato com os infectados e procurassem não sair de casa durante quarenta dias. Era proibido cavar poços nas imediações dos cemitérios (*Tosefta, Baba batra*, 1b), assim como reservatórios. A água devia ser fervida quando se tivesse a menor suspeita de contaminação. A carne, ainda que seu consumo não fosse freqüente entre as classes pobres, tinha de ser cozida até que os parasitos ficassem destruídos (assim reza o escrito *Sinédrion*, 9^a). Desde tempos imemoriais a carne cozida que não houvesse sido consumida no segundo dia devia ser queimada. Naturalmente, quem dispusesse de semelhante “luxo” e não fosse um fanático da lei desprezava a proibição bíblica.

Outro preceito muito difundido entre os judeus, e que nos chamou a atenção ao longo das nossas peripécias na Palestina, fazia alusão aos beijos na boca. A lei “recomendava” evitá-los, para prevenir contágios. Em seu lugar era admitido que o homem beijasse o homem nas faces, na fronte ou no dorso da mão. O beijo nos lábios da mulher, ao menos em público, era motivo de escândalo e às vezes de repúdio.

Nesse interessante capítulo da higiene, Meir dignou-se instruir este ignorante explorador com uma interessante série de máximas, extraídas, em sua maioria, do saber popular e que, com o tempo, seriam incluídas nos escritos rabínicos. Eis algumas das que mais me impressionaram: “O lavar matutino das mãos e dos pés é mais eficaz que todos os colírios do mundo” (*Sabat*, 108^a). “A mudança de um costume é o começo de uma enfermidade” (*Ketubot*, 100^a). “Beba somente água fervida” (*Trumot*, 8). “O que exagera no jejum será considerado pecador” (*Ta’anit*, 11^a). “Pode profanar-se o sábado por causa das parturientes, queiram estas ou não.” “É exigível e recomendável uma limpeza escrupulosa do colo uterino dilatado” (*Sabat*, 29^a)³⁵.

A prolixa exposição, por parte do meu anfitrião, das excelências médicas da comunidade hebréia não podia concluir sem um obrigatório louvor às virtudes medicinais das rosas, sua grande especialidade. Mas foi rápido. Não por seu desejo mas por causa do esgotamento que acabou por apossar-se de mim. Ainda assim, alguma coisa consegui reter no meu extenuado cérebro.

O botânico confessou haver feito bons dinheiros com a cosmética e a perfumaria baseadas na destilação das pétalas. Uma vez incineradas, as cinzas resultantes eram muito apreciadas para embelezar as sobrancelhas.

– O próprio Herodes, o Grande – insinuou confidencialmente – houve por bem provar minha mercadoria... Ah, Jasão, que seria do mundo sem os perfumistas! Tudo na Natureza tende ao equilíbrio. Nós – sentenciou – os perfumistas somos a dádiva de Deus, bendito seja seu nome. Os curtidores, ao

contrário, obscurecem a terra.

Além da “água-de-rosas”, obtida fundamentalmente pela destilação, Meir fazia e comercializava outro produto – a “pomada de rosas” –, igualmente apreciado por mulheres e homens. Animado pelo vinho, suponho, acabou por confiar-me o segredo da sua fabricação: “Quatro medidas de cera branca derretidas em uma libra de óleo de rosas. À mistura se junta a correspondente medida de água e o resultado se aquece ao fogo brando até que adquira uma coloração translúcida. Com isso, acrescido de meio *log* de água e vinagre de rosas, conclui-se a operação e o resultado é um unguento que rejuvenesce a *cútis*”. Essa pomada, à maneira de máscara, era usada por homens e mulheres das classes média e rica, de preferência antes de dormir. Também o sabão vegetal de uso comum, ao qual se acrescentava cinza de madeira, continha uma rica dose de “água-de-rosas”, que o perfumava e fazia mais atraente.

Ao referir-se ao método de destilação – um processo que se supõe tenha sido inventado na Espanha no século X³⁶ –, pedi-lhe que me desse mais detalhes. Meir fez mais do que isso. Com passos cambaleantes aproximou-se da mesa de mármore. Segui-o intrigado. Mostrou-me uma vasilha de bronze, encheu-a de água até a metade e, depois de esvaziar nela uma pequena ânfora repleta de pétalas, levou o recipiente ao fogão para aquecê-lo a fogo brando. Cobriu-o com uma tampa à qual havia fixado um tubo em espiral, também de bronze, de uns trinta centímetros. Em poucos minutos, um vapor oleoso começou a circular pelo rudimentar alambique e foi recolhido em forma de gotas em um frasco que fazia as vezes de “condensador”. Concluída a operação, o ancião, orgulhoso e grato por minha paciente escuta, pôs a reduzida porção de “água-de-rosas” em minhas mãos, exclamando:

– É tua... Amanhã tuas mulheres dançarão de alegria.

E, transbordante de felicidade – duvido que alguém jamais lhe houvesse prestado tanta atenção –, iniciou um lento e instrutivo passeio diante das estantes. A cada passo indicava um frasco ou um cântaro e anunciava seu conteúdo solenemente:

– ... Folhas secas de rosas para aliviar as inflamações oculares.

“... Flores para dormir e controlar a menstruação... Se se acrescentar vinagre e água, tanto melhor.”

“... Um copo de licor de rosas, com três de vinho, para a dor de estômago.”

“... Semente da cor do açafraão. Ainda não tem um ano. Ideal para os molares. E não conheço melhor diurético.”

“... Inalação para o nariz. Desanuvia a cabeça e expulsa as más idéias.”

“... Coroas de rosas. Para as diarreias.”

“... Rosas com pão. Santo remédio para a acidez estomacal.”

“... Pétalas em pó. Eliminam a sudorese.”

“... Agalhas de rosas misturadas com manteiga de osso. Não conheço sarna que lhes resista.”

“... Seiva de rosas. Muito recomendada para a acne juvenil.”

“... Outra vez água-de-rosas. Para feridas e contusões.”

“... Essência de rosas. O melhor tratamento para a loucura.”

“... Uma rosa branca, com todas as suas pétalas de um só lado. Seu bálsamo cura a apoplexia.”

“... Rosas vermelhas. Postas debaixo do travesseiro, fazem dormir as crianças inquietas.”

“... Óleo de rosas com sangue de crocodilo e mel. Ideal para a dor de ouvidos.”

“... Óleo de rosas com pó de acácia. Friccionado na cabeça acaba com as cefaléias.”

“... Contra as moléstias pulmonares, a tosse e o resfriado.”

“... Para o controle da sexualidade, perturbações cardíacas e ressaca.”

“... Mel, clara de ovo e água-de-rosas. Há anos que eu uso para curar a rouquidão.”

“... Esta fórmula ajuda a conciliar o sono.”

“... Pétalas secas. Misturadas com leite e pão aliviam o mal de amor.”

“... Perfume de rosas. Para falta de memória.”

Não sou capaz de lembrar todas as beberagens e poções que Meir relacionou. Muitas delas, naturalmente, de duvidosa utilidade.

E pouco antes da “vigília do canto de galo” (pelas quatro horas), depois de comprovar que a febre de Bartolomeu havia baixado, meu incansável e tagarela amigo retirou-se para os seus aposentos. E eu, sentado à cabeceira do ferido, necessitei de algum tempo para dormir. O cansaço, as emoções da viagem e a lembrança do meu irmão se mesclaram com tal força que foi preciso recorrer a um profundo relaxamento mental e muscular para, afinal, recuperar parte das destroçadas forças. Que me reservaria aquele dia que começava a nascer, terça-feira, 25 de abril?

¹ Embora os lingüistas do século XX não consigam pôr-se de acordo sobre a identificação dessa flor, tanto a *havatzeleth* ou “rosa” do *Cântico dos Cânticos* como o “açafrão” do *Livro de Isaías* não eram outra coisa senão o *lilium candidum* ou lírio-branco: um espécime de talo recoberto de folhas, terminando em um cacho de grandes flores brancas, orientadas horizontalmente e com uma média de vida de quatro a cinco dias. Ficam abertas dia e noite, ainda que seu delicado aroma se torne mais intenso na obscuridade. A bondade e as qualidades espirituais do lírio-branco seriam reconhecidas oficialmente em um édito papal do século XVII, vinculando essa flor às representações pictóricas da Anunciação.

Dois excelentes exemplos disso são os trabalhos dos grandes Botticelli e Ticiano. (Nota do Major)

² “Escribano”: segundo o “Dicionário de Espanhol-Português” da Porto Editora, ave pernalta, de plumagem escura com manchas brancas. (N. T.)

³ Embora as classificações de Kretschmer tenham sido de grande utilidade para a psiquiatria e a medicina em geral, é francamente difícil encontrar tipos tão precisos como os descritos por ele. Feita essa ressalva, vejamos o que diz Kretschmer com relação aos indivíduos de temperamento ciclotímico: “São pessoas bem-humoradas, que vêem a vida tal como ela é, naturais, abertas, espontâneas, de relacionamento fácil e rápido, ternas. Têm variações acentuadas no plano da diátese (humor), variando facilmente da alegria para a tristeza. Por sua boa capacidade de sintonização e de irradiação afetiva se contagiam facilmente pela alegria ou tristeza dos outros, e por sua vez infundem a própria; mas, independentemente dessas mudanças de humor reativas, tendem por sua constituição a experimentá-las até sem motivo. Quanto ao tempo, são rápidos ou sossegados e sem grandes oscilações no plano da psicoestesia. Seu caráter, extrovertido e comunicativo, e a irradiação afetiva facilitam-lhes enormemente as relações interpessoais e a adequada captação dos estímulos ambientais, pelo que são muito sociáveis e bem-aceitos por todos”. (N. de J. J. Benítez)

⁴ A citada passagem de Jeremias diz textualmente: “Pois, ainda que te laves com nitro, por muita lixívia que empregues, permanecerá indelével tua iniquidade diante de mim”. A salgadeira branca – salgadeira de Hamada ou “Hamada salicórnica” – constitui uma das espécies da família das quenopodiáceas. Em Israel cresce com freqüência junto às acácias. Nos mercados das atuais cidades orientais é possível encontrá-la junto à “anabasis” (cavalinha) articulada, outro excelente produto para a fabricação de potassa, que, por sua vez, permite obter o sabão. A salgadeira preta, sua parenta mais próxima, é mais abundante no Neguev e no oeste da África do Norte. (N. do M.)

⁵ No interior dessas cápsulas, utilizadas pela maioria dos homens judeus, encerravam-se umas tiras de pergaminho com as passagens de Es. 13,1-16, e Deut. 6, 4-9 e 11, 13-21. A posição de ambas as “filacterias”, na frente e sobre o braço esquerdo, próximo ao coração, tinha caráter simbólico: “como memória e sinal”. (N. do M.)

⁶ Na liturgia católica, horas canônicas que se rezam à noite, após as esperas. (N. T.)

⁷ O morcego menor, de rabo curto (*Rhinopoma hardwickei*), é mencionado na Bíblia em várias ocasiões: no *Levítico* (11,19), no *Deuteronômio* (14,18) e no livro de *Isaías* (2,20). Para o povo judeu era um animal imundo, fundamentalmente por causa do seu péssimo odor. O fato de viverem nas ruínas e cavernas, dormindo de cabeça para baixo e caçando durante a noite, acabou por associá-los aos demônios e espíritos malignos, tão difundidos entre a crédula e supersticiosa sociedade hebraica. Para aquela gente era incompreensível que esse animal pudesse movimentar-se nas trevas sem tropeçar nos obstáculos. Essa “habilidade” – asseguravam – só podia ter uma origem demoníaca. Daí sua ancestral repulsão pela espécie. Então como agora em Israel se conheciam umas vinte espécies de morcegos, na maioria de pequeno tamanho e insetívoros, incluindo o *Pipistrellus kuhli* ou de cauda curta, que C. Tristram acharia em umas cavernas sob o templo de Jerusalém e nas grutas de Adullam. (N. do M.)

⁸ O banco de dados do módulo forneceu-nos nesse sentido uma apreciável documentação. Segundo Flávio Josefo (*Antiquidades*, XIV, 15,3-6, e *Guerras dos judeus I*, 16,4), as grutas existentes naquele

wâdi haviam desempenhado destacado papel na história de Israel, praticamente desde o tempo de Oséias. Pelo ano 39 a.C. o então recém-nomeado rei da Judéia, Herodes, o Grande, empreenderia uma severa campanha de “limpeza” dessas grutas, infestadas de bandidos e rebeldes. Em meio a uma tormenta de neve, algo inusitado naquelas latitudes e que foi descrita como “enviada por Deus”, o enérgico idumeu iniciou uma marcha pelo sul. Conquistou primeiro a cidade de Séforis, na Galiléia, e enviou um destacamento à povoação de Arbel. Entretanto, diante da coragem demonstrada por seus adversários, o próprio Herodes teve de postar-se à frente de seus homens para derrotar a gente de Arbel. Muitos dos habitantes do lugar, bons conhecedores do terreno, refugiaram-se nas grutas do desfiladeiro e Herodes teve de se preparar para um longo e penoso assédio. Essas grutas, que se abriam sobre os precipícios, não tinham acesso direto e para chegar a elas o rei teve de recorrer a uma perigosa artimanha. Do alto da elevação fizeram descer grandes arcas, reforçadas com ferro, cheias de gente armada de grandes ganchos com os quais arrancavam para fora os rebeldes e bandidos e os lançavam para baixo. Nas grutas havia muito material inflamável que foi incendiado, facilitando o trabalho de destruição. Finalmente, o inimigo submeteu-se ao rei, mas houve os que buscaram o suicídio, atirando-se no vazio. Preferiram a morte à submissão. Mas os ladrões foram finalmente submetidos e, com isso, Herodes não só ganhou a boa vontade dos galileus como aumentou a confiança em seu governo. (N. do M.)

9 João estava certo. Basta recordar o que ocorreria muitos séculos depois, em julho de 1187. Nessas mesetas se registraria um dos maiores desastres dos cruzados. Os Cornos de Hitim foram conquistados após numerosas e ferozes batalhas e conservados pelos cristãos durante quase cem anos. No século XII, porém, o legendário Saladino enfrentou o rei Guy de Lusignan e o derrotou aos pés do Hitim. Em parte, a derrota dos cruzados deveu-se às duras condições atmosféricas. A escassez de água e o calor tórrido minaram as forças dos cristãos, que tiveram de refugiar-se nos cumes, onde foram vencidos e aprisionados. Muitos cavaleiros Templários e Hospitalários seriam executados e Raynold de Châtillon, lorde de Kerak, morto a espada pelo próprio Saladino. (N. do M.)

10 Nos tempos de Cristo, a Palestina era, em si mesma, uma autêntica “encruzilhada internacional”, em especial entre os povos do norte e do leste (Mesopotâmia) e os do sul (Egito). Para atravessar o país existiam então cinco grandes rotas, muito ramificadas entre si. Isso explica – mas só em parte – a mobilidade de Jesus pela totalidade do território. Em primeiro lugar estava a estrada da costa, que unia a Fenícia com o Egito. Seguindo a linha do mar, cruzava Gaza, Asquelon, Ashdod, Jopa e Cesaréia. Contornava o monte Carmelo, perdendo-se para o norte (Líbano). Em Acra surgia um ramal que descia para os montes da Galiléia, passando a poucos quilômetros ao norte de Nazaré. Dali continuava para a região da Decápolis, no leste, morrendo na cidade helenizada de Scythópolis, às margens do rio Jordão. A segunda artéria, uma das mais destacadas, era a chamada *via Maris* ou “caminho do mar”, que ligava o Egito com a Mesopotâmia. Talvez se trate de um dos caminhos mais antigos do mundo. Começava em Jopa, cruzando depois a planície de Sharon por Antipátris, até Pirathon. Aqui dividia-se em três. O primeiro ramal ascendia para o norte, ao leste do Carmelo, para fundir-se com a estrada da costa, em Acra. O segundo, na direção nordeste, buscava a cidade de Megiddó, penetrando na fértil planície de Esdrelon, muito próximo também a Nazaré, para morrer finalmente nas proximidades de Migdal e Tiberíades, às margens do *yam*. Essa era a estrada pela qual caminhávamos naquele momento. O terceiro ramal consistia em um caminho alternativo, quase obrigatório na época das chuvas, quando a planície de Esdrelon se transformava em um extenso lamaçal. De Pirathon entrava na planície de Dothan, até Engannin, atravessando a seguir o vale de Jezreel, para unir-se, por fim, ao segundo ramal, muito perto do monte Tabor. Uma vez na margem ocidental do Kennereth, como já foi explicado, essa *via Maris* contornava o *yam*, passando às portas de Nahum. Dali voltava para Korazin e se perdia no norte, rumo a Damasco. Em terceiro lugar se achava a estrada central: a que penetrava na cordilheira de Samaria. Começava no Egito, entrando em Beersheba, no Hebron e na Cidade Santa. Aqui se bifurcava. Uma vereda passava junto a Gibeon, Beth-Horon e Lydda, alcançando a costa em Jopa. Dessa forma unia o mar Mediterrâneo com Jerusalém. A segunda vereda seguia no rumo norte, por Bewroth, até ligar-se à *via Maris* em

Antipátris. Em quarto lugar dispúnhamos da estrada do Jordão. Partia de Jerusalém e, deixando atrás Jericó, passava muito próximo da margem ocidental do grande rio, até unir-se com o sul do mar de Tiberíades. Dali, pela margem ocidental do *yam*, ligava-se também com a *via Maris*. À altura de Scythópolis (a atual Beth-Shean) ramificava-se em outra senda que cruzava a Baixa Galiléia, até Acra. Esse caminho tinha grande utilidade nas conexões entre a Decápolis e a Fenícia. Por último, a quinta rota era conhecida como a “senda do deserto”. Nascia em Jerusalém, cruzando parte do deserto de Judá até Jericó. Dali saltava o rio Jordão e, pelo vale de Achor, chegava até Abel Shittim. Prosseguia para o norte, relativamente próximo à margem esquerda do rio, cruzando um dos seus afluentes, o Jabbok, nas cercanias de Adam. Passava por Gibeah e, diante da cidade helenizada de Scythópolis, saltava o Jordão pela segunda vez, unindo-se à estrada do vale. A estas cinco artérias principais havia que acrescentar uma complexa e muito malconservada rede de sendas, pistas e caminhos secundários. (N. do M.)

[11](#) Embora Flávio Josefo, ao falar da Galiléia, assegure em seus escritos que cada um destes povoados não tinha menos de quinze mil habitantes, a verdade é que tal afirmação é inaceitável. A serem certos os cálculos do general judeu romanizado, a Galiléia haveria abrigado uma média de trinta mil habitantes por metro quadrado... Em outras palavras: uma população de três milhões e seiscentas mil pessoas. (N. do M.)

[12](#) O gênero *hordeum* consta de dezoito espécies, ainda que só se cultivem a de duas e seis fileiras. Ambas, aparentemente, são uma variedade de cevada comum (*hordeum vulgare*): uma erva erecta, anual, com abundância de folhas ao longo do talo central e dos secundários. Cada um dos talos termina em uma espiga que dispõe, por sua vez, de numerosas espiguinhas, com três flores cada uma. Na de dupla fileira, só uma flor em cada espiguinha é fértil. Na de seis, ao contrário, todas as espiguinhas produzem grão. Naquele tempo não era utilizada ainda como forragem. Foi a partir do século XVI que começou a servir como fonte de alimentação para o gado. (N. do M.)

[13](#) O termo “aramaico” procede das tribos que entre os séculos X e VIII a.C., em plena arrancada da Idade do Ferro, penetraram nas regiões da Síria e da Palestina, procedentes do leste. Eles mesmos se denominavam “araméus”. E ainda que, com o passar do tempo, alguns desses estados (Israel, Edom, Amon e Moab, entre outros) terminassem por adotar o dialeto cananeu, outros povos – caso da Síria – conservaram a primitiva língua. Segundo os arqueólogos e lingüistas, o grande impulso do aramaico se registra pelo ano 500 a.C., quando os aquemênides lhe deram o caráter de língua oficial dos embaixadores persas. Seu esplendor por todo o Oriente Médio foi tal que chegou a ser utilizado no Egito. (Os papiros descobertos em Elefantina (1906-1907), nas proximidades da primeira catarata do Nilo, confirmam essa extraordinária expansão do aramaico.) Com respeito ao aramaico falado por Jesus de Nazaré, definido hoje como “ocidental”, ainda que oriundo do primitivo dialeto mesopotâmico-babilônico, achava-se obviamente corrompido pelo passar do tempo. (N. do M.)

[14](#) Este grau moderado de anartria ou impossibilidade de articular distintamente os sons era bastante comum na época de Jesus. Ao longo das nossas explorações tivemos oportunidade de constatar diferentes graus de afasia e disartria. A primeira, como se sabe, consiste na perda total ou parcial da capacidade de expressão, devido a uma lesão no hemisfério esquerdo do cérebro. O afásico, em consequência, ainda que fale corretamente, está privado da chamada “linguagem interior”, errando na escolha das palavras ao expressar uma idéia. A disartria, pelo contrário, tem sua origem em lesões localizadas nos músculos laríngeos, linguais ou labiais. O disártrico sabe o que quer dizer mas o expressa deficientemente. Tanto um como outro desses transtornos pode ser sintoma de grave enfermidade do sistema nervoso. (N. do M.)

[15](#) No banco de dados do Papai Noel, nosso computador central, havia sido registrada uma ampla documentação sobre as crenças e práticas médico-religiosas dos povos da Assíria e da velha Babilônia. Em geral, esses povos consideravam a vida e a saúde como dádivas divinas. Se um indivíduo descumprisse os preceitos estabelecidos pelos deuses caía de imediato em desgraça e era perseguido e castigado por toda sorte de calamidades. Os textos cuneiformes definiam essa absurda crença com muita clareza: “O que não tem deuses, quando anda pela rua é tomado pela dor de

cabeça, que o cobre como uma vestimenta”. Entre os pecados e faltas mais graves destacavam os seguintes: violar os preceitos religiosos, pisar sobre uma libação ritual, insultar, menosprezar ou rebelar-se contra pai e mãe, tocar pessoas que tenham as mãos sujas, mentir, roubar, destruir limites ou deslocar os mourões que delimitam uma propriedade, ter um coração falso, usar balanças fraudadas, derramar o sangue do próximo, cometer adultério, cuspir nas imagens dos deuses, próprios ou alheios, desobedecer ao deus tutelar, esquecer as orações e tomar o alimento dos templos. Quando alguém em consequência, caía enfermo ou sofria uma desgraça, todo o seu interesse e o de sua família se concentrava, mais do que na cura ou na busca do remédio, na investigação do pecado que havia acarretado o mal. Dessa forma, identificada a falta, podiam conciliar-se de novo com o deus protetor, recobrando a saúde ou a fortuna. (N. do M.)

[16](#) Curiosamente, os camelos e os dromedários são os únicos quadrúpedes que, à semelhança do homem, ficam calvos e padecem de gota. Basicamente, a podagra, nestes ruminantes, tem a mesma causa que no ser humano: uma artrite recorrente das articulações periféricas que se origina dos depósitos, nas articulações e tendões, e em torno a eles, de cristais de urato monossódico por saturação hiperuricêmica de líquidos corporais. Como se sabe, esses animais estão capacitados para converter rapidamente o pequeno conteúdo proteínico da flora desértica em gordura e água e conservá-los a fim de permanecer longo tempo sem beber e sem comer. De fato, dromedários e camelos podem resistir de três a sete dias sem provar água. (N. do M.)

[17](#) Quando o cordão umbilical envolve o pescoço do bebê pode ocorrer uma hipoxia fetal, quer pela compressão do cordão, quer por avulsão da placenta, quer por uma invaginação uterina. (N. do M.)

[18](#) O “bom nome”, como o designavam os mesopotâmicos, era equivalente ao “bom destino”, quer dizer, se prolongava tanto quanto a própria vida. Lefébvre, em uma valiosa análise dessa doutrina a respeito do caráter mágico do nome entre os egípcios, afirma: “O nome da pessoa ou da coisa é uma imagem efetiva e por isso se converte na própria coisa, menos material e mais manejável. Em outras palavras: mais adaptada ao pensamento. É um substituto mental”. Na atualidade, ainda que de uma forma menos mágica e romântica, a sociedade não faz outra coisa senão insistir no já “inventado”; um indivíduo adquire existência e personalidade legal ou jurídica graças, justamente, aos seus papéis e documentação. Em suma, a doutrina do nome para aquelas velhas e sábias culturas resumia-se a este princípio fundamental: “Uma coisa-animal-homem não existiria se não levasse um nome”.

O poema da Criação começa afirmando que no princípio era o Caos e que nada tinha nome. No *Livro dos Mortos* a expressão “Não sou conduzido” alterna com “Meu nome não é conduzido”.

Também não podemos esquecer que nos tempos de Jesus, como uma herança selêucida (312 a 64 a.C.), a sociedade gostava de helenizar os nomes, fazendo-os acompanhar de um segundo, na maioria das vezes grego. (N. do M.)

[19](#) Através da apalpação verifiquei que essas varizes venosas podiam ter sua origem em uma disfunção do mecanismo de vedação das válvulas do sistema safeno. O resultado, bem conhecido dos especialistas, é o refluxo do sangue e a dilatação crônica da veia. Segundo suas próprias palavras, essas varizes eram hereditárias. Em minha opinião, mais do que a uma ausência de válvulas, a etiologia do mal podia ser uma insuficiência funcional progressiva das veias. Um transtorno alimentado pela sua obesidade e prolongada permanência em pé. (N. do M.)

[20](#) Na época de que nos ocupamos – ano 30 da nossa Era –, a Palestina estava ocupada por quatro legiões romanas: a décima, a terceira, a sexta e a décima segunda. No total, a província da Síria concentrava nove legiões, com sessenta e sete unidades auxiliares. Isso representava um contingente de aproximadamente cinquenta e quatro mil soldados. Cada legião contava, por sua vez, com um corpo de cavalaria de trezentos cavaleiros, dividido em unidades menores: as turmae, de trinta cavaleiros. A turma dispunha de três oficiais – os decuriões – cabeças de fila. Um deles mandava em toda a patrulha. A unidade dispunha também de três oficiais de categoria inferior: os optionis. (N. do M.)

[21](#) Esse tipo de laser brando havia sido concebido para ser utilizado em casos de emergência, sobre animais ou coisas, nunca sobre seres humanos. Operava em uma gama que cobria desde uns dez

watts a algumas centenas. Sua colimação era quase total, podendo concentrar-se em pontos cujo tamanho ia de uns poucos micrômetros a uma fração de milímetro, com um fluxo de energia eletromagnética, à base de dióxido de carbono, capaz de soldar uma prancha de aço inoxidável de treze milímetros de espessura, à razão de sessenta e quatro centímetros por minuto. (N. do M.)

22 A equivalência dos meses judeus de então era a seguinte: *nisan* correspondia aos nossos março-abril; *iyyar*, a abril-maio; *sivan*, a maio-junho; *tammuz*, a junho-julho; *ab*, a julho-agosto; *elul*, a agosto-setembro; *tisri* (o começo), a setembro-outubro; *marshevan*, a outubro-novembro; *kislev*, a novembro-dezembro; *tebeth*, a dezembro-janeiro; *sebat*, a janeiro-fevereiro e *adar*, a fevereiro-março. (N. do M.)

23 No tempo de Jesus, o número de viperídeos, em especial de víboras com as fossazinhas sensoriais, era consideravelmente superior ao atual. Os tipos, todavia, eram praticamente os mesmos. Os especialistas da Operação os classificaram em oito grupos principais: *Atractaspis engaddensis*, *Cerastes cerastes gasperetti*, *Cerastes vipera*, *Echis coloratus*, *Pseudocerastes persicus fieldi*, *Vipera bornmullen*, *Vipera lebertina obtusa* (também conhecida na Europa) e a aludida *Vipera palestinae*. (N. do M.)

24 Tais venenos contêm mesclas de enzimas (proteases, colinasteases, ribonucleases e hialuronidáseas), assim como proteínas de tipo não enzimático, que penetram nos tecidos e são absorvidas pelo sistema sanguíneo e linfático, provocando gravíssimas lesões. Mas são as proteínas não enzimáticas – caso da “crotamina”, com um peso molecular entre 10 mil e 15 mil – as que causam maior dano. No caso das cobras, o veneno, por ter um peso molecular inferior ao das víboras, passa com grande rapidez para a corrente sanguínea, propagando-se mais celeremente do que o dos viperídeos. Estes, geralmente, atuam mais sobre o sistema linfático. A ação dos venenos costuma complicar-se devido à reação da vítima, cujos tecidos se defendem desprendendo “bradiquinina” e “histamina”, de natureza inflamatória. Embora cada família de serpentes venenosas possa oferecer um quadro diverso, os efeitos principais e mais generalizados dos seus venenos nos vertebrados são: neurotóxicos (sobre o cérebro, a medula espinhal, as terminações nervosas etc.), sobre o coração e/ou o sistema respiratório, danos no revestimento dos vasos sanguíneos que causam hemorragia, coagulação do sangue (ambos os efeitos podendo ser produzidos alternativamente por venenos de serpentes diferentes e até pelo mesmo veneno em circunstâncias distintas), hemólise ou destruição dos glóbulos vermelhos do sangue e lesões generalizadas de células e tecidos. (N. do M.)

25 A maior parte dos estudiosos estima que a DL50 (dose letal para 50% de um grupo determinado de animais de laboratório em um tempo dado) média do veneno de uma serpente é de 0,4 mg/kg. Em consequência, uns 26 mg de veneno teriam 50% de probabilidade de matar um homem de 65 kg. (N. do M.)

26 Os interessantes estudos do cientista E. Kochva com a “víbora palestina” demonstraram que o veneno injetado em cada picada oscila consideravelmente. Kochva induziu suas víboras a morder sucessivamente vários ratos mortos e depois calculou a quantidade de veneno presente em cada roedor, ordenhando a serpente ao final da experiência. Os números foram eloqüentes: no primeiro ataque o ofídio só utilizou entre 4% e 7% do total de veneno disponível. Nas mordeduras seguintes, paradoxalmente, o volume de peçonha foi superior. (N. do M.)

27 Entre os fármacos obrigatórios em nossos deslocamentos figuravam dois potentes antídotos preparados na Alemanha e supervisionados pelo Paul-Ehrlich Institut, do Departamento Federal para Soros e Vacinas. Ambos, convenientemente dessecados, haviam sido preparados com base em proteína de cavalo (170 mg), contendo anticorpos com efeito imunizante contra dezesseis tipos de serpentes venenosas, entre as quais a *Cerastes cerastes*, a *Cerastes vipera*, a *Echis carinatus*, a *Vipera xanthina* e a *Vipera levetina*. A dosagem prescrita pela Operação, em caso de picada, era de 20 a 40 ml, se o tratamento fosse imediato, e de 40 a 60 ml ou mais, no tratamento posterior ou quando se apresentassem os sintomas de envenenamento. Esses soros, extraídos de cavalos previamente imunizados com os venenos das respectivas serpentes, continham a imunoglobulina, obtida mediante o tratamento e a divisão fracionada das enzimas. (N. do M.)

[28](#) Diversamente, por exemplo, dos médicos mesopotâmicos, os judeus, poderosamente influenciados pelo seu ambiente estritamente monoteísta, não se consideravam como tais. Para eles, o único médico ou *rofé* era Yaveh. A saúde dependia sempre da vontade de Deus. Daí os que praticavam a medicina se proclamarem “sanadores” ou “auxiliadores”, mas nunca médicos. Pretender o mesmo título que o Onipotente seria uma blasfêmia. Por isso, em qualquer passagem bíblica onde se fala de uma cura, deve entender-se como a *vis medicatrix naturae*, emanada do poder divino. (N. do M.)

[29](#) Ainda que os galileus não fossem tão estritos em questões religiosas, a lei judaica, no cúmulo da sofisticação, dispunha que os utensílios de madeira, pele, osso, cristal, barro e arame, se lisos, não contraíam impurezas. Se, ao contrário, como informa o *Kelim*, ordem sexta, formavam uma concavidade, eram suscetíveis de “pecado”. (N. do M.)

[30](#) A tinta utilizada tinha diferentes origens. A maioria era preparada à base de fuligem procedente dos fornos de mármore nos quais se queimava pinho de archote. Aquele se misturava com cola e, uma vez secado ao sol, adotava a forma de blocos, fáceis de diluir. Em geral, a tinta escolhida pelos copistas e escribas não continha cola, mas goma, com uma infusão de absinto, de sabor amargo, que protegia os rolos do ataque dos roedores. (N. do M.)

[31](#) Cratevas, de sobrenome Rhizotomus (cortador de raízes), foi um famoso botânico grego, que era médico do rei Mitrídates Eupator II da Pérsia (século I a.C.), ao qual dedicou, em sua honra, dois gêneros de plantas. (N. do M.)

[32](#) Um dos pratos mais comuns era a compota, leve e nutritiva. Fazia-se com as rosas mais perfumadas, colhidas – de acordo com a tradição – de manhã bem cedo. Lavavam-se e secavam-se à sombra, em tiras de linho, juntando água e mel, proporcionais ao peso das pétalas. Cozinhava-se depois em uma vasilha, mexendo com uma colher de madeira até que engrossasse. Às vezes se juntavam umas gotas de limão para aumentar sua adstringência. Essa compota era guardada em frascos de cristal ou barro previamente fechados com cera. Os doces à base de pétalas em pó eram outra especialidade muito apreciada. Preparava-se uma pasta com água e umas gotas de limão, aquecendo-se até obter a cor desejada. A massa era estendida e cortada em pequenas pastilhas, que se serviam em uma bandeja de madeira. O mel de rosas – uma das “fraquezas” de Jesus – se fazia colocando as pétalas em camadas sucessivas. A seguir aquecia-se a vasilha, fazendo com que o aroma das rosas fosse absorvido pelo mel. Após uma semana, retiravam-se as pétalas. Os romanos – é o que conta Apicius em seu livro de cozinha *De re coquinaria* – gostavam de acrescentar às sopas, carnes e pescados um pó de pétalas desprovidas dos pecíolos, o qual proporcionava um refinado sabor aos manjares. Outro tanto sucedia com as saladas nas quais se incluíam pétalas trituradas ou frescas. Também as bebidas, principalmente nas mesas mais luxuosas e exigentes, ganhavam com a contribuição da “água-de-rosas”. Era empregada, por exemplo, para diluir o suco da romã ou para aromatizar o de amoras. O chá de rosas, por outro lado, era muito apreciado entre os orientais, que o faziam com pétalas secas. Esses pratos, além do seu romântico e agradável sabor, continham notáveis quantidades de vitaminas, sais, fósforo, cálcio e ferro. A rosa silvestre (*Canina*), para dar um exemplo, encerra vinte vezes mais vitamina C do que a laranja, sem mencionar a A, a B, a E e a K. Quanto ao vinagre de rosas, obtinham-no introduzindo rosas vermelhas ou brancas em um recipiente com vinagre comum. (N. do M.)

[33](#) No banco de dados do nosso Papai Noel, com base nos qualificados estudos de Sussmann Muntner e outros especialistas, figuravam as seguintes e mais destacadas enfermidades bíblicas: epilepsia, *veracón* (icterícia), *situc* (hemiplegia), *sahefet* (tísica), *déver* (peste), *afolim* (leishmaniose, botão do Oriente), *sehin poreah ava’bu’ot* (pênfigo), *zav* (gonorréia), *réquev ’azamot* (osteomielite), *sivrón motnávyim* (lumbago), *sanseverim* (amaurose, lesão de retina), *doc* (“coloboma”, outra doença oftálmica congênita), *shavur* (hidrocele, hérnia), *harús* (lábio leporino), *pesúa’daká* (ectopia testicular), *acar* (esterilidade), *cãsita* (cirrose hepática), *reatán* (filariose), *daléquet* (inflamação), *sapáhat* (psoríase), *gabáhat* e *caráhat* (alopecia), *šará’at* (lepra), *bahéret* (leucoderma), *yabélet* (acne), *ašévet* (neurite), *šarévet* (escoriação), *šahéfet* (tuberculose), *šavur* (fratura cominutiva), *harús*

(amputação), *ma'új* (esmagamento), *natuc* (incisão), *râs ús* (ferimento contuso), *sarúa* (infecção), *pâsúa* (ferimento), *karut* (castração), etc. Entre as doenças funcionais figuravam também a melancolia (*deavón*), o atordoamento (*hipazón*), a sensação de aniquilamento (*kilayón*), o nervosismo (*išavon*), a cegueira “espiritual” (*ivarón*), a dor lombar (*šibarón*), o estupor (*šimamón*), a embriaguez (*sikarón*), a alucinação (*šigayón*), a alienação (*šiga'ón*) e a mania (*timahón*). Quanto aos defeitos e malformações, eram conhecidos com nomes que seguem o modelo *pi'el*: inibido (*iter*), mudo (*ilem*), calvo (*quibéah*), corcunda (*quihén*), raquítico (*quidem*), gago (*quimem*), cego (*herés*) e coxo (*piséah*). A esse quadro devia-se acrescentar uma não menos extensa relação de epidemias e enfermidades infecciosas. (N. do M.)

[34](#) O capítulo dedicado na Misná à mulher menstruada (*nida'*) abarca um total de dez parágrafos, repletos das mais absurdas e disparatadas prescrições que hoje ruborizariam os mais liberais defensores dos direitos da mulher. No caso das filhas dos samaritanos, o fanatismo religioso judeu chegava a considerá-las “menstruadas” e impuras desde o berço. (N. do M.)

[35](#) Muitas destas curiosas e saudáveis máximas seriam recolhidas, anos mais tarde, pelo notável judeu Semuel ben Aba Hakohén, que viveu de 165 a 257 da nossa era. Também conhecido como Semuel Yarhinaa, desempenhou o cargo de médico pessoal do rei persa Shapur. (N. do M.)

[36](#) Segundo os especialistas, as primeiras destilações conhecidas foram realizadas na Espanha por um médico judeu, Ibn Zohar, de Sevilha. Outros especialistas opinam que o inventor foi Rhazes, de origem árabe. Seja como for, o certo é que o processo propagou-se rapidamente, primeiro para a França, depois para o Marrocos. No século XVII os turcos semearam os Bálcãs de extensos jardins de rosas e passaram a exportar a cobiçada “água-de-rosas”. A Bulgária converteu-se no século XIX no principal produtor. Depois viriam a Criméia, a Turquia e o Cáucaso. A região de Grasse, na França, aproveitando-se do invento espanhol, tornou-se grande produtora de “água e óleo de rosas”. A verdade, porém, é que a destilação, ainda rudimentar, nasceu no Oriente. (N. do M.)

25 DE ABRIL, TERÇA-FEIRA

Meu despertar nada teve de plácido. Estava amanhecendo. Os cronômetros do “berço” deviam estar marcando cinco ou cinco e meia. Alguém me sacudiu pelos ombros e eu, imerso como estava nos abismos do sono, não tinha consciência de onde e com quem estava. Sonolento, com a “vara de Moisés” entre as mãos e ainda enredado nas cenas de um terrível pesadelo no qual o módulo lutava por atravessar uma terrível tormenta (reminiscência, sem dúvida, dos graves momentos vividos no vôo sobre o mar de Tiberíades), perguntei – em inglês! – “se o Mestre estava a bordo”.

Ao reconhecer o espantado rosto de Maria, que tentava despertar-me, dei-me conta do novo e involuntário erro.

– Jasão, que língua é essa?... Vamos, é hora de partir.

A pergunta, graças a Natanael, ficou momentaneamente sem resposta. De pé, com o rosto fresco como a própria brisa que entrava no aposento, e apoiado ligeiramente nos ombros da mulher ajoelhada, Bartolomeu atravessou a sala com uma das suas habituais zombarias:

– É a primeira vez que vejo um maldito grego dormindo em companhia de um bastão...

Com os olhos fixos nos da Senhora, ainda que ouvindo a intervenção do “urso”, desculpei-me com um esboço de sorriso, mais próprio de um idiota. Não havia dúvida. O discípulo, catorze horas depois do ataque da víbora, estava francamente recuperado. Superada a crise, voltava a ser o mesmo: tagarela, piadista, sonhador e ingênuo como um menino. Ele nunca o soube mas, ao vê-lo recuperado, alegrei-me profundamente. Então, esquivando-me o mais possível à perseverante e desconfiada Maria, refugiei-me em Bartolomeu, examinando sua mão e interrogando-o sobre o seu estado. O edema quase havia desaparecido, ainda que continuasse sentindo pontadas e dores na área da mordida. A temperatura e o pulso, estabilizados, eram outro saudável sinal de involução da infecção. O mesmo se podia dizer da sua dicção e do ritmo respiratório. Mas quando me dispunha a examinar-lhe as pupilas, João de Zebedeu gritou-me, do canto onde flamejava o fogão, “que tirasse minhas mãos covardes do seu companheiro”. E a tensão do dia anterior se renovou na penumbra da sala. Obedeci, apesar do olhar atônito de Bartolomeu, que, claro, não tinha noção do que ocorrera à borda do trigal.

A aparição de Meir, seguido de quatro outros homens, desanuviou a ambiente. Eram irmãos de Bartolomeu. Todos viviam em Caná. Prudentemente, com a sabedoria proporcionada pela experiência, o velho “auxiliador” havia combinado com a Senhora e o Zebedeu que enquanto não se registrasse uma evolução do estado do ferido seria mais sensato não dar aviso à família. Entre outras razões porque o pai de Natanael, de cama havia vários meses, havia sofrido um agravamento preocupante. (Umas quatro semanas mais tarde, logo depois dos misteriosos acontecimentos de Pentecostes, o discípulo receberia a triste notícia do falecimento do pai.)

Feliz, Bartolomeu abraçava e beijava cada um dos irmãos ao mesmo tempo em que fazia ironia sobre o réptil que o atacara e que comparou a “certos dirigentes das castas sacerdotais” responsáveis pela morte do seu Senhor. E, fazendo oscilar o ensebado saquinho com ovas de lagosta que pendia do seu pescoço, gracejou carinhosamente com Meir, recordando-lhe o poder dos amuletos. O ancião aceitou calado a zombaria do seu amigo. Pouco lhe importava que ele pensasse assim. Nós dois sabíamos quanto ele estivera perto da morte...

O reconfortante desjejum – leite quente com mel e pãozinhos de trigo – distendeu o ambiente, fornecendo-me um novo dado sobre a pouca ou nula ação do tóxico inoculado pela *Cerastes cerastes*. Natanael, faminto, devorou sua refeição sem o menor sinal de disfagia, ou seja, de dificuldade para deglutir.

Às 5 horas e 42 minutos os primeiros raios do sol romperam o horizonte e iluminaram o jardim com um halo escarlate. As chuvas recentes, respeitadas para com o “tesouro” de Meir, haviam avivado os canteiros, abrindo dezenas de botões, bendizendo a terra e saturando o ar com uma sinfonia de odores que não tardaria a atrair chusmas de zumbidores insetos. Em silêncio, sustentando o plácido olhar do *rofé*, prometi a mim mesmo voltar.

O beijo da paz colocou um ponto final em nossa estada na casa de altos muros. E às portas de Caná, rumorosa e pintalgada de tons alaranjados à luz da manhã que rompia, Bartolomeu e os seus despediram-se de Maria, do Zebedeu e de mim com um otimista “até sexta”. Nessa data, como ficou dito, deixaríamos Nazaré, passaríamos por Caná e voltaríamos para o lago com o “urso”.

O céu, mostrando grandes claros, prometia uma jornada ardente. Foi uma lástima não entrarmos na povoação. Aquela pequena cidade – não teria sabido explicar por quê – me atraía intensa e especialmente. Agora penso que, em boa medida, a causa estava no meu espírito científico. Ardia em desejos de “voltar atrás” e assistir ao tão falado prodígio do vinho. Algo tão aparentemente concreto e passível de análise não podia escapar ao nosso método.

João e a Senhora, conhecedores do terreno, ganharam tempo contornando Caná pelo flanco leste. E, ágeis, pletóricos – principalmente Maria –, desfrutando a fragrância do olival que tínhamos à esquerda, vencemos os quinhentos metros que nos separavam das três veredas que ligavam a aldeia ao resto do mundo³⁷. Esse caminho nascia ao sul da povoação e, atravessando uma fértil área de hortos, se elevava na direção do sudeste, bifurcando-se a coisa de dois quilômetros. Nesse ponto, o ramo da direita girava quarenta e cinco graus e se perdia na direção do sul.

Assim que pisamos a estreita e descuidada vereda, ao pé de um monte baixo e espinhoso, o terreno, acidentado e convulso nos arredores de Caná, tornou-se um tormento, com suas barrancas e seu pronunciado aclave. O Zebedeu, com razão, forçou o ritmo, aproveitando o frescor do amanhecer e das copas dos bosques de alfarrobeiras e carvalhos do Tabor que, com suas majestosas ramagens de até vinte metros de circunferência, formavam sucessivos “túneis” em que se aninhavam assustadiças perdizes e ruidosas pegas. Em poucos minutos nosso grupo (João, impenetrável, sempre carregando o odre de água, à frente, Maria no centro, feliz pelo retorno à casa, e eu fechando a fila, atento às referências geográficas) deixou Caná para trás, como um ninho branco entre todo aquele verdor.

Pela nossa direita, vencendo as valas e desafiando as arborizadas ladeiras, acompanhou-nos durante vinte ou trinta minutos uma canalização de água a céu aberto, construída, com audácia, à base de cacos de calcário branco argamassados. A obra, que se elevava até uma cota de 532 metros, abastecia de água os quase dezoito mil habitantes da cidade de Natanael e os hortos e plantações próximos; em especial os localizados na face sul. Não é preciso dizer que o oportuno aqueduto constituiu uma preciosa informação para nos orientar em uma ou outra direção.

A uns dois quilômetros da povoação, como eu vinha dizendo, o caminho bifurcou-se. E o Zebedeu, sem nenhuma hesitação, tomou o da direita. A paisagem não variou substancialmente. Os bosques de carvalho do Tabor, que dominavam as colinas até uma altitude de quinhentos metros, foram rareando, substituídos por quatro espécies de terebinto próprias da zona.

Passados trinta minutos da nossa partida de Caná, quando já havíamos percorrido mais de dois quilômetros e meio, a senda desembocou em uma pequena planície, contornada pelo verde luminoso de um bosque de terebintos. As cascas das árvores porejavam uma odorífera terebintina que refletia a luz do sol nascente. De um penhasco que dominava a clareira, a cinco metros de altura, precipitava-se um manancial caudaloso, que era recolhido em um tanque semicircular. Esse depósito é que constituía a fonte do aqueduto de que falei. A

cota em questão, de 532 metros, permitia a rápida e permanente condução de água até Caná e arredores, a uma distância de quatrocentos metros.

Ao sopé do penhasco, derreada pelos anos e pelos ventos, sustinha-se a duras penas uma cabana de troncos coberta de palha e giestas, mas com tantas falhas que deixavam à vista um piso de terra batida. À porta do refúgio, um homem de meia-idade, sentado à maneira turca, observava-nos com receio. O Zebedeu caminhou até o tanque e saudou entre dentes o homem, que, cordial, respondeu com uma ligeira inclinação de cabeça. Enquanto João enchia o odre de água, Maria aproximou-se da choça e desejou paz ao seu proprietário. Em seguida, como se se tratasse de um velho costume, pôs em suas mãos uma “lepta” (um oitavo de asse, ninharia) e ficou aguardando em silêncio. E o homem, que era o guardião do serviço de águas de Caná, entrou na cabana e logo voltou com um diminuto vaso de barro na mão esquerda e uma candeia acesa na direita. Entregou os dois objetos a Maria e, pelo visto, pouco amigo de palavras, voltou a sentar-se à porta da cabana, sem deixar de observar os forasteiros. João, com o odre em bandoleira, juntou-se à Senhora e ambos, sempre sob o olhar atento do funcionário, cruzaram a clareira na direção oeste e se detiveram à borda do bosque.

Naquele lugar, entre os troncos dos terebintos mais salientes, elevava-se um rústico altar de um metro de altura, feito com lajes de calcário superpostas. Maria estendeu o braço esquerdo e colocou o vaso no altar. O recipiente continha uma substância amarelada, em forma de contas, que em um primeiro momento me lembrou o incenso da África. E eu estava certo. Maria passou a candeia a João e este aproximou a chama das contas, que no mesmo momento arderam com uma luz esbranquiçada. Uma espessa coluna de fumaça branca, de um odor penetrante e muito agradável, elevou-se aos terebintos sagrados³⁸. Essa era, de fato, uma das árvores míticas do povo hebreu e aquela uma cerimônia não menos tradicional, conservada com respeito e amor pelos galileus.

João, de braços para cima, entoou uma passagem do *Gênesis*: “Assim deram a Jacó todos os deuses alheios que havia em poder deles, e as argolas que estavam em suas orelhas... E Jacó os escondeu debaixo de um *elah* que estava junto a Siquem”.

Terminado o breve canto, foi a vez da Senhora. Mas em lugar de recitar uma passagem bíblica, como era o costume, deixou-se levar por seu coração, elevando, com o incenso, uma oração que, em parte, soou-me muito familiar:

– Pai nosso, que nos hás criado, arrancando-nos como uma centelha eterna do teu coração de ouro... Que estás nos céus... Que estás nos céus limitados de cada dor e de cada enfermidade... Que estás no sangue que se derrama... Que estás no céu sem distância do amor. Santificado seja o teu nome... Santificado e

repetido com orgulho, com a satisfação do filho do poderoso... Venha nós teu reino... Chegue aos homens a sombra da tua sabedoria... Venha a nós a brisa que impele a vela... Venha logo o sinal de teu Filho, meu adorado Filho, venham a nós as verdades do teu reino... Faça-se a tua vontade na Terra e nos céus... E que o homem saiba compreender... Que os espíritos conheçam que nada morre ou muda sem o teu conhecimento... Que não percamos o sentido da tua última palavra: “Amai-vos”... Faça-se a tua vontade, ainda que não a entendamos... O pão nosso de cada dia dá-nos hoje... Dá-nos o pão da alegria dos pequenos momentos... Dá-nos o pão das promessas... Dá-nos o pão da paciência e do repouso... Dá-nos o pão da coragem e da justiça... E o fogo e o sal da companhia... E também o pranto que limpa... Dá-nos, Pai, o rosto sem rosto da tua imagem... E perdoa nossas dívidas... Desculpa nossos erros como o pai esquece as faltas do filho... Perdoa as trevas do nosso egoísmo... Perdoa as feridas abertas... Perdoa os silêncios e o troar das calúnias... Perdoa nossa pesada carga de desconfiança... Perdoa este mundo que, à força de solidão, está ficando só... Perdoa nosso passado e nosso futuro... E não nos deixes cair na tentação da riqueza, nem na miséria e na estreiteza de espírito... Livra-nos, Pai, de toda certeza e segurança materiais... Livra-nos.

Um profundo silêncio seguiu-se à oração de Maria. Que radical transformação experimentara aquela mulher, que antes contestava o seu primogênito...!

Concluído o ritual, retomamos a caminhada. A bela e pessoal “adaptação” do Pai-Nosso animou-me a tentar o diálogo com os meus acompanhantes. Durante um quilômetro tive certo êxito. O Zebedeu voltou a mostrar-se arredio mas a mulher, ao meu lado, explicou-me que a primitiva oração – o Pai-Nosso – havia sido escrita por Jesus em sua distante juventude, e quando ela, infelizmente, tinha os olhos do espírito fechados à verdadeira missão do seu Filho.

De súbito, quando haviam decorrido menos de quinze minutos de conversa, João se deteve. O terreno abrupto havia baixado ligeiramente – talvez nos achássemos agora a uns quinhentos metros e o caminho, a julgar pelo sol, começava a desviar-se para o oeste. Ao chegarmos junto a ele, e antes que pronunciássemos uma palavra, apontou-nos para o lado esquerdo da vereda e recomendou-nos silêncio e precaução. Intrigado, inspecionei a mata e as moitas que nos rodeavam, seguindo a direção apontada por João, mas nada vi de anormal. Então prosseguimos andando. Alarme-me, porém, quando vi que o Zebedeu tomava Maria pela mão. Teria visto algum animal selvagem? Eu estava avisado da existência de ursos-pardos nos montes de Arbel, alguns de até 200 quilos de peso, mas não dispunha de informações sobre a presença dessas feras

nas abruptas e solitárias colinas de Caná. Para dizer a verdade, os ricos e cerrados bosques que avançavam em todas as direções constituíam um habitat ideal para ursos, hienas-listradas, chacais, cães selvagens, raposas, numerosos ofídios e até mesmo leopardos. Agucei o ouvido mas não percebi senão o habitual ruído de fundo do bosque. Aquilo me deu uma relativa tranquilidade. A proximidade de uma ursa à qual se tivesse arrebatado a cria – prática muito comum entre os judeus e estrangeiros de então, que comerciavam os ursinhos – haveria alertado e posto em fuga a maior parte dos “inquilinos” da mata.

Procurei não me distanciar e conservei a mão direita sobre os dispositivos de defesa da “vara de Moisés”. Depois do percalço com a víbora não podia me descuidar...

O caminho continuava em declive, até entrar em uma garganta de altas paredes que se prolongava por cerca de quinhentos metros. O discípulo acelerou o passo, obrigando a Senhora a quase correr para o acompanhar. À direita e à esquerda, em dois taludes, terebintos deslocados desafiavam a gravidade, auxiliados por moitas grisáceas de ezov, o arbusto bíblico, hoje conhecido como “hissope sírio”³⁹. Depois de mais alguns metros, um som me sobressaltou. O Zebedeu, que talvez o houvesse percebido antes de mim, vacilou. Reduziu a marcha mas no mesmo instante, tomando a mão da mulher, disparou a correr. Surpreendido, dei uma volta, à procura da origem do cavernoso ruído. Nada vi, porém o instinto me impeliu então a imitar João. E, sem pensar duas vezes, com o medo formigando nas minhas entranhas, lancei-me atrás dos dois. Não sabia o que acontecia e não sentia desejo algum de investigar. Mas as coisas não eram e não iam se passar como eu imaginava...

Mal eu iniciara a frenética corrida, uma sombra surgiu pela esquerda, em um trecho aplainado. E o som, ao chegar a essa altura, fez-se claro, profundo e arrepiante.

Só Deus sabe por que me detive. Meio estrangulado por um terror absurdo e irracional, com as pulsações desordenadas, retrocedi até me colocar em frente à “sombra”. Meus amigos, a essa altura, estavam já chegando ao extremo do desfiladeiro. O som ressoava nitidamente no fundo da vala que eu tinha diante de mim. A garganta oferecia, naquele ponto, um vão de um metro de altura por dois de largura, meio fechado pela ramaria. Devagar, fui agachando-me, perscrutando a obscuridade do buraco e tentando identificar os sons. Maria e o discípulo, a trezentos ou quatrocentos metros, faziam-me sinais, gritando qualquer coisa que não entendi. E quando me preparei para correr, convencido de que podia tratar-se do refúgio de algum animal, o som, mais próximo, eriçou-me os cabelos. Alguma coisa arrastava a terra à sua passagem, precipitando-se para a saída.

Confuso, com os nervos em desordem, tentei retroceder, mas o bastão escapou-me de entre os dedos. Ao inclinar-me para erguê-lo, acreditei identificar, em meio aos cada vez mais próximos grunhidos, um som humano: algo semelhante a um grito, metade lamento, metade aviso... Algo parecido a “ame”...

Deus do céu! De fato, era uma voz humana. Ao soar na boca da cova aquele “ame”, repetido insistentemente, compreendi o que tinha diante de mim.

Um novo “ame” (“impuro”) precedeu o surgimento de umas mãos e um rosto, parcialmente enfaixados por uns lenços purulentos e esfarrapados. E os olhos de um ancião, tão assustado como eu, cravaram-se em mim. Da entrada, engatinhando, o infeliz voltou a gritar aquele “impuro”, em tom ameaçador. Uma imensa piedade substituiu em mim o temor. O lugar, próximo ao que hoje se conhece como Ein Mahil, era o reduto forçado de um bando de leprosos, moradores, em sua maioria, das aldeias e povoações circunvizinhas. A lei e os costumes os obrigavam a permanecer isolados e, em caso de aproximação a caminhantes ou núcleos habitados, a proferir aquele grito de advertência. Lamentavelmente, devido à ignorância em matéria sanitária, o termo “lepra”⁴⁰ se estendeu a enfermidades que nada tinham que ver com esse mal. Como demonstrou S. W. Baron, sob esta designação foram incluídas a tuberculose óssea purulenta, a elefantíase contagiosa, dermatoses, “lepras de cabeça” (prováveis alopecias), queimaduras graves mal curadas e até inofensivas calvícies nas quais surgissem manchas ou cistos. No caso em questão, o ancião parecia realmente apresentar uma lepra. Sob os seus farrapos, umas manchas leitosas corroíam os tecidos das mãos e do rosto, desfigurando-o. Tratava-se, seguramente, de um tipo de lepra dos mais generalizados na Palestina de Jesus: a “mosaica” ou “branca”, hoje conhecida como “anestésica”. Embora, obviamente, eu não tivesse oportunidade de fazer uma observação atenta, quando ele se pôs de pé e vi as ulcerações e a paralisia que inutilizava alguns dedos, imaginei que à lepra originária se associara a também contagiosa lepra “tuberculóide”. Nariz e faces – ou o que restava deles – apresentavam alguns nódulos desiguais e amolgados, na maioria amolecidos, e outros em estado terminal ou ulcerados. Seu ar famélico fez-me pensar também em graves lesões viscerais. Ou muito me equivocava ou aquele desgraçado não demoraria a morrer.

Durante uns poucos minutos o cadáver ambulante me contemplou com um ar incrédulo. Por que eu não fugia? Para qualquer judeu, mesmo para os menos escrupulosos com a lei, a lepra, além de uma impureza, era a mais flagrante manifestação do pecado⁴¹. Todo leproso, pelo fato de o ser, era desprezado e repudiado não apenas pelo hipotético risco de contágio, mas especialmente por “haver caído em desgraça diante de Deus”. “Auxiliadores”, sacerdotes, ricos e

pobres, judeus ou estrangeiros procuravam distanciar-se destes “empestados”, não lhes concedendo outro favor senão o de, muito de quando em quando, atirar a seus pés uma ou outra porção de pão ou roupas usadas. Ainda que eu tencione referir-me a ela no momento adequado, essa dramática situação torna mais louváveis as corajosas aproximações do Mestre aos leprosos.

Comovido diante da insondável tristeza daqueles olhos negros – possivelmente a única parte viva naqueles despojos –, sorri-lhe e, inclinando a cabeça, balbuciei uma saudação. O velho, ao observar a minha pronúncia, compreendeu. E, agradecido pelo gesto humanitário daquele grego, correspondeu com uma frase que não esqueci:

– Tu não necessitas da paz, amigo; tu a levas dentro.

Não era o momento de polemizar sobre tão discutível afirmação. Com uma nervosa despedida afastei-me. Subitamente, porém, dominado por um dos meus perigosos impulsos, voltei e pus em suas mãos o frasco de vidro com que Meir me obsequiara. O leproso o examinou e, sem compreender, ergueu os olhos para o enigmático caminhante. Disselhe que o destapassem. Levando-o aos descarnados lábios o leproso arrancou com os dentes a tela de linho que tapava o frasco. A fragrância da “água-de-rosas” o surpreendeu. Suponho que tentou um sorriso. Como não o conseguisse, baixou o rosto e as lágrimas correram pelas esfarrapadas bandagens. Jamais tornaria a vê-lo.

Deixei para trás o desfiladeiro, impressionado pela triste sorte daquele homem e dos que compartilhavam com ele a cova e a enfermidade. Um Zebedeu colérico me esperava ali adiante. Sua companheira, contra a sua opinião, havia decidido esperar-me. Não tive oportunidade de dar-lhes explicações... Quando me viu, João explodiu, tachando-me de “idiota, inconsciente, lastro inútil e pecador entre os pecadores”. Deixei que desafogasse a raiva. E, à medida que galgávamos uma nova ladeira, tentei inutilmente uma reconciliação, admitindo minha fraqueza ao deter-me diante da gruta e acrescentando que talvez suas palavras não houvessem merecido a aprovação do Mestre. Eu quis feri-lo no mais profundo mas só consegui um efeito contrário.

Creio já haver dito que João de Zebedeu era homem valente, rápido de reflexos, imaginativo, astuto, fiel, com freqüentes mudanças de caráter e com um defeito que certamente o acompanhou até a morte: uma vaidade desmedida. Pois bem, ao ouvir dos meus pecadores lábios a palavra “rabi” contorceu-se como um gato. Tartamudeou e, erguendo-se até o meu metro e oitenta centímetros, vociferou:

– Quem és tu para mencionar o Santo?... Ele me amava... Podes tu, grego covarde e assustadiço, dizer o mesmo? Eu e meus irmãos fomos ordenados na montanha de Nahum. Somos seus embaixadores. E quando Ele regressar arderás

na Geena... como esse leproso impuro... O que peca contra o Senhor recebe o castigo da enfermidade...

Maria procurou acalmá-lo, mas ele lhe ordenou que se mantivesse a distância.

– ... Olhe-me bem, pagão ignorante, porque tens diante de ti um eleito do reino. Podes achar em mim defeito ou doença que me faça pecador?

Não sei de onde extraí paciência. Ouvi em silêncio. Sem mover um músculo. E quando ele encerrou o seu feroz discurso decidi, pela primeira vez em nossa aventura, confundir sua soberba com algo que fazia tempo eu havia descoberto em seus pés. Apontando para baixo, e com o mais cínico dos sorrisos, perguntei-lhe:

– Que me dizes dessas calosidades? Não são um sinal flagrante da intervenção de um espírito imundo?

No meio da gente fanatizada pelas normas religiosas, até um simples calo era motivo de vergonha. “Yaveh – proclamavam os rigoristas da lei – castiga com enfermidades o culpado, seja diretamente, seja por intermédio dos anjos.” Um corpo marcado, em suma, era sinal de uma alma viciosa. Podia admitir-se até que a origem da doença não fosse um pecado cometido pelo enfermo. Nesse caso, o culpado tinha de ser buscado na família ou nos antepassados. Esta, nem mais, nem menos, foi a filosofia que moveu os discípulos a perguntarem ao rabi da Galiléia, quando, em determinado momento da sua vida pública, lhe apresentaram um cego: “Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

Meu sarcasmo enfraqueceu a veemência do Zebedeu. Mas a partir daquele confronto, Jasão, o grego, filho da Tessalônica, foi varrido do seu coração. E os quatro escarpados, verdes e luminosos quilômetros que restavam de caminho para chegar à aldeia de Jesus foram os mais tensos e intermináveis da nossa acidentada travessia desde as margens do lago...

De minha parte, tudo ficou esquecido quando, ali pelas oito da manhã, ao atingirmos uma cota de 511 metros, o bosque se abriu e Maria, feliz, gritou o nome há tanto tempo aguardado: “Nazaré”, a branca flor entre as colinas... Ofegantes e suados, obedecendo a um impulso comum, desfizemo-nos dos sacos de viagem, seduzidos por aquele interminável e montanhoso verdor.

A Nazaré atual e seus arredores não guardam a menor semelhança com o ondulado vergel que então abraçava a pequena aldeia na qual cresceu e viveu Jesus durante vinte e seis anos. Ao descobrir, à distância, o conjunto de casinhas acoradas ao pé de uma das elevações e contornadas por toda sorte de plantações, hortos e bosques, minha pulsação acelerou-se. Uma íntima e gratificante emoção – prelúdio de novas e notáveis descobertas sobre a figura do

Mestre – encheu a alma deste ansioso explorador. Em um raio de um quilômetro, tomando como centro o povoado, cheguei a contar até quinze suaves colinas, todas arborizadas ou salpicadas de oliveiras, vinhedos, terraços escalonados, com florescentes e compactas leiras de trigo e cevada e dezenas de choças e casas cúbicas de um só pavimento. A brancura das casinhas competia com a dos três caminhos que contornavam a base de Nebi Sa'in, o monte de 488 metros em cuja vertente oriental se refugiava Nazaré. Essa elevação, a mais graciosa, um dos enclaves prediletos do Mestre, do mesmo modo que os demais cerros que a circundavam, constituía a curva descendente da serra da Baixa Galiléia, que desaparecia totalmente nas planícies próximas a Esdrelon, ao sul de Nazaré. Um dos três caminhos mencionados partia justamente ao pé da aldeia, cortando os hortos em direção ao sul, até Afula e as férteis planícies a que aludi. A um quilômetro do núcleo urbano, esse caminho se bifurcava, desviando-se para o oeste, na direção de Jafa e das estradas que conduziam à costa. A terceira via importante (sem contar a nossa, procedente do leste), nascia, como a de Afula, às portas de Nazaré, apertada entre as colinas, e penetrava para o noroeste rumo a Séforis, a sede da comarca.

À primeira vista, do ponto elevado que nos encontrávamos, a povoação comunicava-se com toda a região. Nazaré não se encontrava, certamente, em uma rota tão próspera como a de Tiberíades. Todavia, a riqueza da sua agricultura, os caminhos bem cuidados que partiam da sua extremidade oriental e sua relativa proximidade a cidades mais famosas ou populosas a haviam convertido em um lugar freqüentado e apreciado pelos comerciantes, caravaneiros e atacadistas de produtos do campo, que, com suas arreatas de burros, transportavam as colheitas, fazendo a intermediação com os mercados e os varejistas da região e até mesmo com áreas tão distantes como Decápolis, a Peréia ou a própria Cidade Santa.

Nesse aspecto, como pude comprovar, Nazaré reunia as vantagens de uma aldeia recolhida e aprazível, protegida da agitação de Nahum, para citar um exemplo, mas ao mesmo tempo discretamente vinculada ao que podíamos considerar o “progresso e a civilização exteriores”. Como se enganam aqueles que supõem ou imaginam Jesus “desterrado” durante anos em um povoado sem vida e sem contatos! E, falando de equívocos, enquanto iniciávamos a descida vieram-me à memória essas absurdas “dúvidas” de alguns escritores e exegetas do século XX em relação à “existência histórica” de Nazaré. O fato de não ser mencionada nos livros bíblicos – asseguram esses “sábios de orelhada” – faz suspeitar que se trate de uma “invenção evangélica”. O argumento, quando se conhecem os estudos e pesquisas de especialistas como Loffreda, Manns, Bagatti, Daoust, Testa, Viaud, Lívio, Jablon-Israël, Brunot, Carrez, Brossier e

tantos outros, é, para dizer o menos, irritante...⁴²

Por quatrocentos ou quinhentos metros, o caminho descaiu suavemente da cota “511” até estabilizar-se na altitude mínima daquelas paragens: quatrocentos metros. A partir dessa cota era retilíneo, em sua poeirenta brancura calcária, até a meta final. Lentamente, com Maria mostrando-se alvoroçada, tratei de reter cada detalhe, cada recanto daquela várzea de meio quilômetro de comprimento, não excessivamente larga e resguardada em todo o seu contorno por muitas das quinze elevações já mencionadas. A um e outro lado do caminho, os industriais habitantes haviam feito prosperar um magnífico palmeiral, do gênero *Phoenix*, certamente importado da vizinha Fenícia. Aos múltiplos benefícios colhidos do cultivo do *tamar* (nome hebreu da palmeira) e que iam desde a exploração do seu fruto, muito nutritivo, até a elaboração de mel, passando pela confecção de cestos, tapetes, cercas de madeira, telhados e balsas, os habitantes de Nazaré haviam conseguido, com a implantação daqueles soberbos exemplares de até vinte metros de altura e lânguidas e longas folhas, um aprazível “passeio” que pouco tinha que invejar aos de Jerusalém.

Sob as copas verde-amarelas das palmeiras de tâmaras, a várzea, em forma de minifúndio, florescia exuberante, sulcada por uma rede de canais. Ali verdejavam bojudas figueiras “fêmeas” de cinco metros de altura, de folhas espalmadas e rugosas. E à sombra da sua prometedor colheita, a *luz*, nome por que era designada a amêndoa na língua aramaica. Toda uma nuvem branca de “luz”, eclipsando as verdes e diminutas flores das amoreiras-negras. E entre paliçadas de caniços, disputando cada palmo de terra, os labirintos de hortaliças: tabuleiros de favas de um metro de altura, com as folhas anunciando para breve uma explosão de flores brancas e aladas; grãos-de-bico de peludos e pegajosos talos; compactos canteiros de alhos-porrós, alhos, cebolas e menta, estes à beira das canalizações de pedra; arrudas-anãs de flores douradas e sementes medicinais; preguiçosas cabaças de pradaria, cor de laranja, e o primeiro dos legumes mencionados na Bíblia: a *lens culinarias* – a lentilha –, alimento básico na dieta de toda família judia.

Para além da várzea, galgando ladeiras, legiões de oliveiras. A seguir, recortando suas copas no azul cristal da manhã, maciços de alfarrobeiras e nogueiras. E, por toda parte, balançando-se no fundo dos vales, assomando nas encostas escalonadas ou desafiando os esporões rochosos dos aclives, a autêntica imagem da abundância e da bênção divina para os judeus: a videira. Eram milhares, escoradas com estacas de madeira de um metro de altura, preparadas para sustentar o peso da futura e, certamente, abundante colheita.

Enquanto cruzávamos o vergel, fonte de vida e de prosperidade dos *notzrim* (nazarenos), alguns dos camponeses mais próximos, ao reconhecerem a Senhora,

ergueram os braços em sinal de saudação e boas-vindas. Outros, deixando seus enxadões e instrumentos, correram ao seu encontro. Uma vez na estrada, com ar sério, começaram a bater palmas. O gesto, porém, nada tinha que ver com o que hoje, no século XX, interpretamos como aplauso. Não se tratava de um reconhecimento ou manifestação de louvor por ser a mãe do grande rabi da Galiléia. Aqueles homens, jovens e velhos, batiam palmas em sinal de luto. Era uma forma de expressar suas condolências pelo recente falecimento de Jesus. Emocionada, com os olhos umedecidos, Maria foi abraçando a maioria. Em Nazaré, como sucedera na vizinha Caná, não se sabia ainda da ressurreição nem das aparições do “gigante”. Logo assistiríamos às polêmicas que essa notícia levantaria entre os humildes e céticos moradores de Nazaré.

Ao redor das 8 horas e 30 minutos daquela terça-feira, 25 de abril, encontrei-me, por fim, às “portas” de Nazaré. E coloco entre aspas a palavra porque só se trata mesmo de uma figura literária. A cidade não tinha muralhas e por isso não possuía também uma entrada principal propriamente dita. As “portas” eram representadas pelo final – ou o começo, conforme nos posicionemos – do “passeio de palmeiras” (assim eu o batizei), o cruzamento e o início dos caminhos ali existentes e um cano de água que jorrava ruidosamente a uns vinte passos à nossa direita. A algazarra que partia do manancial chamou a atenção de Maria, e ela correu para lá.

A água procedia de uma mina situada na face norte do cume de Nebi Sa’in e corria impetuosamente por um cano, numa extensão de 480 metros. Como eu comprovaria mais adiante, tratava-se da única fonte importante em Nazaré e nela se abasteciam os moradores, as caravanas e os viajantes. Mais do que isso, porém, a fonte era o ponto obrigatório de reunião de matronas, camponesas, artesãos e itinerantes e palco natural de mexericos e troca de novidades.

Prudentemente permaneci junto do Zebedeu, observando os risos, os abraços e todo o alvoroço que a presença da Senhora provocara. O grosso filão de água brotava a um metro e meio de altura, atravessando uma parede de pedras retangulares, de natureza calcária sedimentária, extraídas das colinas, e permanentemente cobertas por um musgo verde-escuro que atraía uma enorme colônia de moscas.

O jorro era despejado diretamente sobre um tanque natural, escavado no solo, de uns cinco metros de largura máxima, no qual, com água até os joelhos, a criançada chapinhava, divertida, as mulheres e os felás enchiam seu cântaros e odres, os animais bebiam e o mulherio tagarela lavava suas roupas. A curta distância, sobre os pedregulhos e a argila vermelha, alinhava-se uma malcheirosa coleção de sandálias, ferozmente atacadas pela moscaria.

Não sei se devo utilizar o termo “decepção”. No fundo, pelas informações

que possuíamos, aquele quadro era de esperar. Hoje, gerações inteiras imaginam Nazaré como uma “cidade populosa, de belos edifícios e ruas calçadas”. Nada mais longe da realidade. Enquanto a Senhora se abandonava à sua alegria, percorri com a vista o grupo de casas, na maioria térreas, que se acotovelavam no acentuado desnível da base oriental do monte Nebi. Em um minucioso estudo posterior, corrigindo os cálculos feitos a partir da cota “511”, eu ratificaria aquela primeira impressão: a “aldeola” era integrada por vinte ou trinta casas. Apenas. E todas, como eu já disse, apoiadas umas às outras e ocupando uma superfície que lembrava um triângulo isósceles, com uma altura aproximada de 150 metros por 50 ou 60 de base. O “vértice” – para continuar a comparação – situava-se nas “portas”. Na realidade, o “nó” do qual partiam os caminhos fazia parte do “vértice”.

Do ponto onde me encontrava, as casas, impecavelmente caiadas, assemelhavam-se a uma gigantesca escadaria ou, para utilizar uma figura mais adequada aos tempos atuais, a esses apartamentos ou hotéis “escalonados” que se vêem nas praias da moda. A orientação não podia ser melhor: do lado leste recebia a radiação solar desde a aurora até o pôr-do-sol. Quanto aos ventos do poente, o próprio monte Nebi Sa’in lhe servia de anteparo e a resguardava. A íngreme ladeira sobre a qual assentava, e que em alguns pontos chegava até a trinta ou quarenta por cento de desnível, não havia sido obstáculo para os empreendedores galileus. As casas ficavam niveladas, com o aproveitamento do irregular e rochoso subsolo ou por meio de muros cimentados, erguidos com as pedras extraídas na colina.

Mas a Nazaré daquele tempo não era só o que estava à vista. Uma importantíssima e “invisível” área se achava justamente debaixo da terra. Durante esta e outras visitas eu teria a oportunidade de descer a um emaranhado labirinto de grutas – algumas naturais, outras escavadas na rocha – que ocupavam uma superfície maior do que a da povoação. (Esta foi estimada em uns 3.700 metros quadrados, e a da “cidade subterrânea”, em 5 mil.) Nessas cavernas – que serviam de silos, cisternas e armazéns – decorria boa parte da vida daquelas simples e em geral amáveis pessoas. Algo que os evangelistas omitiram e que a arqueologia moderna se encarregou de ressuscitar. Mas devo controlar meus impulsos. Não é ainda o momento de falar desses corredores, covas e passagens aos quais, logicamente, também Jesus desceu...⁴³

Várias das mulheres, ansiosas por conhecer as novidades – de primeira mão – que a mãe do Mestre trazia, a rodearam e assediaram com perguntas. Mas o tumultuado interrogatório seria breve. Abrindo passagem entre as galiléias, João chamou Maria e, fazendo ouvidos moucos aos protestos, levou-a dali, prometendo uma próxima, pública e detalhada narração dos fatos. Severo e

autoritário, cassou a palavra a Maria e entrou na aldeia.

É curioso. Ainda que compreensível, ainda que achasse natural e lógico que Maria corresse ao encontro dos seus amigos queridos, não pude evitar uma amarga sensação de... Como explicá-lo? Talvez de desamparo. Às “portas” da aldeia, esquecido pelo Zebedeu e por Maria, vi-me assaltado por uma profunda tristeza. Se ao menos a mulher houvesse olhado para trás e...

Foi questão de segundos. Eu tinha de agir. Não podia ficar ali, diante das casas e da fonte, como uma estátua. Decidido a iniciar a fase seguinte da missão, perguntei à criançada se havia algum lugar onde pudesse alojar-me. Ao reparar naquele estrangeiro esgrouviado, algumas matronas se aproximaram e se prontificaram, encantadas, a acompanhar-me até a pousada. E, entre risadas, maliciosos comentários e descaradas perguntas sobre minha origem e ocupação, as galiléias e os meninos me deixaram à entrada do albergue. Minhas reiteradas inclinações de cabeça e sinceros agradecimentos só contribuíram para multiplicar as risadas. Roxo de vergonha, aventurei-me no corredor que, como no caso da pousada do “Caolho”, servia de acesso ao edifício. Um lugar, como seria de esperar, no qual eu seria testemunha de um ou outro “lance singular”.

Uma das vantagens de Nazaré, proporcionada por sua configuração e diminutas dimensões, era precisamente a inexistência de distâncias. Da fonte até a pousada que me serviu de alojamento e “quartel-general” durante os três dias de permanência no lugar não haveria mais de quarenta metros. Chegava-se a ela pelo caminho que dava passagem para o sul. Uns dez metros antes de alcançar o ponto em que dobrava para o leste, o caminho transpunha uma pequena ponte de pedra erguida sobre um curso de água de volume mediano, que procedia do flanco oeste do monte Nebi Sa’in e que saltava, corria e deslizava ao longo da encosta sul do monte. Da pontezinha o arroio penetrava em plena várzea, servindo a toda a rede de canais.

A pousada – uma das poucas edificações de certo relevo existentes fora do centro da aldeia – tinha uma extraordinária semelhança com aquela que eu visitara na recente caminhada em circunstâncias dramáticas. Suas dimensões eram muitíssimo inferiores, mas quanto à sua configuração geral, pátio a céu aberto, quartos no piso superior, taberna-refeitório etc., não vi diferenças maiores. As paredes de pedra ressaltavam sobre o restante da construção por seu descuidado revestimento cor de cinza, que antes devia ser branco e agora estava corroído e enodado pelas chuvas e os ventos.

À hora terça (nove da manhã) o curral interno estava deserto. Ou melhor, quase deserto. Sob a galeria em pórtico que rodeava o pátio, no flanco esquerdo, corria um menino entre os quatro troncos de árvores ocos que faziam as vezes de

cochos. Um menino? Tive de retificar a impressão no mesmo instante. Ainda que sua cabeça não ultrapassasse o lombo dos burros ali amarrados, não se tratava exatamente de um rapaz. Quando percebeu minha presença, a criatura abandonou a forragem e, esfregando as mãos em um avental impregnado de breu que quase tocava o piso de ladrilho vermelho, saiu ao meu encontro com um sorriso confiante.

Sua reduzida altura – apenas um metro –, a fronte proeminente, o nariz em forma de sela de montar, as pernas encurvadas e uma acentuada lordose ou curvatura lombar evidenciavam naquele indivíduo uma forma de nanismo de extremidades curtas (possivelmente uma acondroplasia: um dos tipos de transtornos hereditários em que anormalidades do crescimento de ossos e cartilagens originam o desenvolvimento inadequado do esqueleto e condenam a criatura irremediavelmente a ser um anão). Dando pequenos e ridículos saltos e bamboleando à esquerda e à direita, chegou-se a mim e se identificou como “Heqet, o estalajadeiro-chefe, às minhas ordens”. Seu trôpego aramaico chamou-me a atenção. Correspondi à apresentação anunciando-me como o que supostamente era: um comerciante grego de vinhos e madeiras, de passagem por Nazaré. Quando se inteirou da minha origem grega abandonou de pronto o rude idioma da Galiléia e passou a falar-me em um *koiné* mais inteligível.

Nossa primeira conversa, como não podia deixar de ser, concentrou-se na questão doméstica. “Naturalmente que dispunha de um quarto para tão ilustre viajante.” E, estendendo a curta e gorducha mão direita, pediu-me o meio denário (doze asses) daquela primeira noite. Feito o pagamento, enquanto cruzávamos o curral em direção à escada do ângulo esquerdo, disse-me que se eu o desejasse podia também alimentar-me e alimentar meus animais.

– Os preços – mentiu – são os mais baixos de toda a comarca: pão e uma medida de vinho, um asse; carne, dois asses; forragem, outros dois asses e um preço a combinar pelo uso da privada.

Ao galgar os vinte degraus recém-lavados sentime tremer. As condições sanitárias eram deploráveis. Certamente eu teria de evitar o “lugar secreto”...

Apesar do natrão com que haviam esfregado as escadas e as desconjuntadas tábuas que formavam o piso da galeria, a exalação que vinha do andar de baixo impregnara paredes e utensílios. E durante minha estada na pousada aquele cheiro fétido de urina e excrementos de animais, de forragem e de ambiente úmido e mal ventilado acabaria por aderir às minhas roupas e à minha pele, provocando reações mal disfarçadas entre as pessoas com as quais tive de me relacionar.

Heqet, que apurei ser um emigrado egípcio cujo nome – a rã – lhe havia sido posto pelos mordazes habitantes da aldeia por causa do seu extravagante

andar, apontou as esteiras de palha e os edredons de lã dependurados no parapeito, perguntando-me se desejava alugar a “cama”. Imaginando o pior, fiz uma detida inspeção das cobertas. A tinta vermelha desaparecera debaixo de uma camada de imundície de difícil identificação. Quanto à esteira – uma palha espinhosa e rota –, melhor é não entrar em detalhes. Entre os rasgões pululavam as mais variadas e temíveis espécies de hemípteros...

Naturalmente renunciei, alegando que meu roupão bastava para tão simples necessidade. O estalajadeiro não se rendeu. Disposto a tirar o máximo proveito do novo inquilino, foi enumerando “outros serviços” próprios do albergue e igualmente à disposição dos “honoráveis clientes”. Por exemplo: uma “meretriz para aquecer a cama” (dois asses por noite); “inspeção e tratamento dos animais da carga” (preço a combinar); “serviço de guia e proteção armada, se meu trabalho exigia viajar pela comarca” (um denário-dia para o condutor e a mesma tarifa para cada homem da escolta); “aprovisionamento” (também a combinar) e, em suma, até “mapas dos caminhos e paragens da Baixa Galiléia” (à razão de seis sertércios o exemplar). Esta última “oferta”, por motivos que o anão egípcio não podia suspeitar, despertou-me o interesse. E “a rã”, com a maior alegria, disse que ia mostrar-me a valiosa peça quando voltássemos ao andar de baixo.

Heqet pareceu-me hesitante. Percorreu as sete estreitas e escuras portas que se alinhavam em um dos flancos, mas, com sua habitual teatralidade, quis convencer-me de que “aqueles não eram aposentos dignos de um homem ilustrado”. Meus temores cresceram. Em que espécie de “covil” eu tinha caído?

Sempre saltitando, deteve-se diante de um quarto situado na lateral oeste do edifício. Fez uma busca debaixo do ensebado avental que trazia e, com um risinho nervoso, mostrou-me uma daquelas aparatosas chaves em ângulo reto, com uma bola de madeira e cinco longos dentes na extremidade de ferro. O cinismo e a falsidade do hospedeiro não tinham limites. Se cada um dos vinte e oito quartos da pousada se abria com sua própria chave e se o egípcio só carregava em seu cinto aquela que me apresentava, por que tanta hesitação? Eu tinha de permanecer muito atento, especialmente com a bolsa dos dinheiros...

A fechadura, que apresentava uma cor ocre devido à ferrugem, gemeu a cada tentativa. Por fim, com a ajuda de um pontapé, a porta abriu-se, rangendo sobre uns gonzos sonolentos. Dobrando-se em uma exagerada reverência, o anão cedeu-me a passagem. Duas estreitas janelas de vinte centímetros e pouco mais de um metro de altura deixavam passar algumas réstias da luz solar, suficientes para clarear uma fétida cela de dois metros de largura. Sentime morrer. Nas paredes, entre as juntas das pedras e no estuque bolorento e descamado, habitavam os permanentes “hóspedes” da pousada: percevejos avermelhados, de corpo achatado e elíptico, grandes como lentilhas. O “mobiliário”, bem

apropriado à umidade do ambiente, consistia em uma bacia de barro, animada por uma inquieta família de baratas que obviamente via seus domínios perigarem. Um jarão de bronze – único “luxo” daquele “canil” completava o conjunto que, supunha eu, devia servir-me para a higiene cotidiana. Junto à porta, em uma cavidade esverdeada, uma candeia de barro com a asa em forma de serpente (a deusa egípcia Meret-Seger, protetora, como a serpente de bronze de Moisés, contra todo tipo de ofídios). Várias teias de aranha envolviam o empoeirado candeeiro.

Achei mais prudente calar-me e não protestar contra o estado da cela. Meu trabalho, afinal de contas, devia desenvolver-se em outros cenários. Deduzindo que o aposento era do meu agrado, o estalajadeiro fechou a porta e deixou-me só. E eu, com a pesada chave de trinta centímetros na mão, tratei de chegar o nariz às asfixiantes frestas que faziam as vezes de janelas, num duvidoso esforço para respirar um ar menos viciado e ao mesmo tempo tentando ver qual era a posição do quarto em relação ao exterior e ao próprio albergue. Aos meus olhos surgiram as colinas que rodeavam Nazaré pelo oeste e, ao fundo, a faixa branca do caminho para Jafa. A aldeia, à direita, quase não era visível. O “aposento” em que acabava de hospedar-me ocupava o ângulo ocidental da casa. Ao pé da parede, a uns cinco metros, começava um olival.

Sufocado pela sujeira e estreiteza da cela, tratei de ordenar apressadamente as idéias, embora com prejuízo da eficiência. Aquela parte da missão, como estabelecia o programa, consistia na coleta, *in situ*, de um máximo de dados com os quais reconstituir os “anos ocultos” de Jesus. O fato é que ignorávamos quase tudo a respeito. Quanto tempo permaneceu o Nazareno na aldeia? Em que se ocupou nesse período? Quais foram suas relações com os habitantes de Nazaré? Em que momento teve conhecimento da sua natureza divina? Chegou a fazer algum plano? Por que abandonou a aldeia? As perguntas eram tantas e o tempo tão curto que, impaciente, decidi agir sem mais delonga, ainda que com toda prudência. O estremecimento das minhas relações com o Zebedeu me preocupava.

Embora sabendo que aquele quarto podia ser aberto com um pontapé, tive de renunciar, muito a contragosto, a levar o saco de viagem. As sandálias e os medicamentos podiam despertar a cobiça de qualquer ladrão; mas, sem opção, deixei o assunto nas mãos da Providência. Ao abrir a porta reparei em uns *graffiti* gravados a faca na madeira e que deviam ser obra de clientes insatisfeitos. Em grego e aramaico lia-se: “Ao fogo com o anão”. “Caminhante, não te fies na morena”. “Heqet, andar de rã e coração de víbora”...

Eu me lembraria disso. Depois de três ou quatro tentativas, um estalido revelou que a porta havia ficado fechada. Sem pressa, farejando cada canto,

desci ao curral. Não havia ninguém. Tão-somente o patear de um asno contra o pavimento quebrava o silêncio do lugar. Meu propósito era simples: antes de iniciar a investigação propriamente dita – que devia basear-se nas conversas com Maria e demais parentes e conhecidos do Mestre – percorreria a aldeia para me familiarizar com os seus perfis físicos.

Ao sair, porém, ouvi o estalajadeiro chamar-me do umbral de uma das portas. Nem me deu tempo para declinar do convite. Quando tentei desculpar-me, o anão havia entrado. Contrariado, passei de novo diante do poço central e me encontrei no cômodo principal da casa: uma taberna-refeitório e, como nessa mesma noite eu verificaria, centro de reunião de quantos precisavam de quem lhes escrevesse uma carta, receitasse um remédio para o gado ou extraísse um dente.

Heqet, à direita da sala retangular e debruçado em um daqueles singulares balcões de bojudas ânforas de pedra, apontou um dos orifícios abertos na prancha de mármore que as cobria e me convidou a provar um néctar procedente do próprio delta do Nilo. Para meu assombro, o anão ultrapassava de quase meio corpo os recipientes. Quando me aproximei descobri o truque: um banco debaixo dos pés lhe permitia o acesso às altas vasilhas. Uma iluminação fraca, explicável pela ausência de clientes, mal delineava as brilhantes e sebosas silhuetas de três longas mesas. A parede situada atrás do balcão apresentava doze nichos cheios de papiros enrolados, caixas de madeira de vários tamanhos, espelhos de polidos “cristais” de bronze e mais uma infinidade de coisas confundidas na penumbra das cavidades e que constituíam parte do negócio do egípcio. Molhei os lábios no doce e espesso vinho – “cortesia da casa” – e o incansável estalajadeiro subiu em uma das prateleiras e saltou ao chão com um feixe de rolos. Apanhou uma das candeias de azeite e a colocou a um palmo dos rolos abertos. Aproximei-me, intrigado, e verifiquei que, de fato, como havia dito o estalajadeiro, se tratava de uma série de esboços e anotações manuscritas, sem a menor concepção das proporções e das escalas, que lembrava – não mais do que isso – a distribuição das principais cidades e aldeias da Galiléia, assim como a trajetória aproximada dos caminhos, pousadas importantes (entre as quais a de Heqet), poços e fontes, gargantas e atalhos e até mesmo as paragens perigosas, fosse por risco de assalto, fosse pela presença de feras ou pelo assentamento de colônias de leprosos⁴⁴.

Ao folheá-los observei que as diferenças eram mínimas. Na realidade, esses “guias” pareciam copiados de um primitivo original, a que se acrescentava – de acordo com a pousada em que se distribuíam – o nome, a localização e as “excelências” (preços incluídos) do albergue em questão. Num desses mapas “turísticos”, para “viajantes com dinheiro”, havia sido pintado, em traços infantis, a casa de Heqet (com mais destaque até do que Nazaré), com uma

anotação em rodapé que me pôs de sobreaviso. Dizia: “Swnw (médico laico, em egípcio), ilustre filho de Athotis”. A impostura não podia ser mais flagrante. O tal Athotis, entre outras coisas, era um soberano da Primeira Dinastia. Isso representava uma antiguidade de 3 mil anos... De qualquer forma, como publicidade, o anúncio era irretocável.

Assim, não tive dúvida em adquirir o rolo em que se anunciava a “especialidade” da “rã”, pagando por ele os seis sestércios⁴⁵. Pura diplomacia. O estalajadeiro, depois de contar e testar nos dentes a validade das moedas, deu o negócio por acabado. E eu, emocionado, lancei-me à aventura chamada Nazaré...

Foi simples. E também agradável. Mas, em determinados momentos, decepcionante. Acima de tudo, porém, aquele primeiro giro de observação foi emotivo. A frieza do nosso treinamento não pôde com a imaginação. Percorrer a aldeia era “ver, escutar e sentir” um Jesus adolescente. Um Jesus artesão. Um Jesus adulto, conversando na fonte. Um Jesus vivo e agradável, às portas das casas...

Uma hora foi o suficiente.

Pouco mais ou menos às dez da manhã eu atravessava de novo a ponte com parapeitos de pedra, para ir ao encontro do vértice do triângulo isósceles que era Nazaré. Por ali começou meu passeio. A animação na fonte havia decrescido. Junto a dois ou três camponeses retardatários, mais atentos aos mexericos do que ao abastecimento dos seus odres, a criançada continuava fazendo das suas, chapinhando na água e brincando de barcos com as sandálias de erva e palha prensadas de alguns dos adultos. Nenhum deles teria mais do que seis ou sete anos. Vestiam túnicas curtas, escurecidas pela água e aderidas a uns corpos não muito bem nutridos. Como no resto das povoações que eu havia visitado, as famílias tinham o cuidado de raspar os crânios das crianças, para prevenir as pragas de piolhos e outros parasitos que assolavam a população judia. Vários dos meninos – mais adiante eu ampliaria esta observação com numerosos adultos – se diferenciavam dos demais pelos cabelos avermelhados, pelos olhos azuis e uma tez que, debaixo de toda a sujeira, continuava branca. Nem mesmo eles conheciam a origem dessa linhagem quase “céltica”. Muito possivelmente haveria que remontar ao tempo dos amorreus⁴⁶, séculos antes, para justificar esse claro distanciamento do fenótipo hebreu, de cabelos, olhos e pele mais próximos à noite do que ao dia.

Lembrando a eficiência do jovem João Marcos na Cidade Santa, estive a ponto de pedir ajuda, como guia, de algum daqueles rapazinhos. Mas, receoso de provocar problemas, decidi caminhar solitariamente.

Aquela esquina de Nazaré – no enclave mais próximo aos caminhos – podia

ser considerada, forçando um pouco a imagem, o centro industrial do povoado. Galgando a ladeira alinhavam-se entre oito e dez oficinas, instaladas em casas de pedra de um pavimento e caiadas com gosto pior que o resto da aldeia. De muito diferentes dimensões, estavam – segundo o costume – com as portas abertas de par em par. E bem no umbral, sentados ao tépido sol da manhã ou confundidos na penumbra do interior, carpinteiros, tecelões, toneleiros e pintores se ocupavam de suas tarefas, cantarolando uns, em silêncio a maioria ou tagarelando os demais. Sobre a terra nua, ao pé das paredes ou dependuradas das fachadas, exibiam-se ao público as peças já terminadas: mesas, bancos, camas e arcazes de todos os tamanhos, formas e preços; cangas primorosamente encurvadas e equilibradas; lanças de tiro e rodas para carruagens; agulhões e cabos de arados; portas e marcos para janelas; arcas e masseiras para donas de casa; arquivos para os escribas; sólidas vigas destinadas à sustentação dos terraços que encimavam as casas e as próprias oficinas e armazéns; túnicas e mantos de vivas cores, de lã ou linho, ainda gotejando o azul, o vermelho ou o verde das tintas; camisas de menino delicadamente tecidas; bolsas de couro; cestas de vime, tapetes e esteiras trançadas em espiral; tonéis de diferentes bocas e cubas revestidas de breu para o transporte e armazenamento de vinho ou frutas e, enfim, uma interminável seqüência de pratos, escudelas, colheres e recipientes de madeira.

A exceção entre os artesãos, sempre homens, era o pessoal dos teares. Exclusivamente mulheres. As jovens, sentadas no chão, estiravam a lã, que extraíam de grandes cestos circulares de vime. Outras, também jovens, fiavam em pé, usando rocas e fusos. As anciãs tinham a seu cargo o trabalho mais difícil, o de tecer nos primitivos teares verticais.

Ainda que eu ardesse em desejos de conversar com aquela gente, compreendi que não devia alterar a programação do Cavalo de Tróia. Assim, caminhando entre as casas, escolhi o que parecia uma “rua” e que, a partir desse percurso inicial, seria batizada por mim como a rua “sul”. Nazaré não tinha calçadas. As vinte ou trinta casas que compunham a aldeia, como creio haver dito, formavam um caótico labirinto de becos e espaços mais ou menos abertos que na maioria dos casos não conduziam a lugar algum. Pois bem, com excessiva generosidade poderíamos dizer que o humilde núcleo urbano, por puro acaso, era atravessado por duas “vias” ou “ruas”. Uma, a que eu havia tomado, corria paralelamente ao lado sul do citado triângulo isósceles. A outra, partindo do vértice, rumava para o norte. No meio, o “coração” da aldeia: um conjunto de casinhas brancas, de estrutura quadrangular ou cúbica, com paredes toscas de pedra calcária de três a cinco palmos de espessura e telhados planos, de madeira, cobertos de terra batida. Aos telhados se chegava por escadas exteriores,

construídas de grossos troncos ou vigas cravadas nas paredes. Muitas eram protegidas por um rudimentar parapeito também de madeira.

Das “portas” até o limite do povoado, cada palmo representava uma penosa conquista à colina. Em pouco mais de cento e cinqüenta metros – distância máxima da vila – o perfil da ladeira passava dos quatrocentos metros, junto à fonte, aos quatrocentos e cinqüenta. Isso havia obrigado os moradores a levantar sucessivos terraplenos, parapeitos e muros de contenção que impediam qualquer tentativa de traçado urbano. Além de tudo, não havia qualquer tipo de calçamento. As “ruas”, pátios e becos tinham por piso uma esdrúxula mistura de terra, cascalho, restos de vasilhas quebradas e ladrilhos de barro fragmentados. Em épocas de chuvas, tal piso devia constituir um sério problema para a integridade tanto das casas quanto dos habitantes. De fato, a quase totalidade das casas apresentava na porta um alto degrau de pedra, erguido para evitar que as enxurradas que desciam do Nebi inundassem as casas. Apenas nas duas “vias” que eu qualifiquei de “importantes” haviam sido dispostas diferentes canalizações, consistentes em um rego central de quinze centímetros de profundidade por trinta ou quarenta de largura, segundo os lugares.

A princípio, em minha costumeira distração, perdido às vezes entre os estreitos pátios e passagens, me vi na necessidade de retroceder saltando sobre os caixotes de madeira improvisados em fogões e sobre as próprias mulheres e anciãos que cuidavam dos modestos guisados. Ninguém protestou contra a irreverente invasão dos seus domínios. Na realidade, ainda que cada propriedade devesse achar-se perfeitamente delimitada, a aldeia, como já tive ocasião de dizer, era um conglomerado sem muros nem barreiras. A contigüidade das casas era tal que, em muitos lugares, dois homens teriam dificuldade para passar ao mesmo tempo. Algumas mulheres, aproveitando o frescor da manhã, lavavam as portas das casas, arrojando com as mãos a água recolhida em grandes tinas colocadas no solo. Em outros pontos, todavia, o lixo e o lodo formavam grandes e pestilentos amontoados, cobertos de moscas e de assustadiços gatos pretos e mosqueados como tigres.

Sempre com a visão do Nebi como referência, fui galgando as rampas e escadas de ladrilho cozido, seguido pelos olhares curiosos das matronas e das crianças. Numerosos becos eram sombreados por pequenos telhados de bambus que avançavam de terraço para terraço e às vezes até pelos ramos cheios de brotos das espessas parreiras que davam vida às paredes das casas, na maioria sem janelas. Um dos aspectos que mais agradavelmente me impressionaram na humílima aldeia foram as flores. Não havia casa que não as tivesse. Alinhadas a um lado e outro das portas, enchendo os pátios ou trepando pelas fachadas, floresciam a menta, o jasmim, as trepadeiras, as tulipas vermelhas de montanha,

os narcisos do mar e uma variedade vibrante de anêmonas brancas, vermelhas, amarelas e roxas, ranúnculos e rosas. O perfume e o colorido daqueles minúsculos jardins faziam esquecer em parte a sujeira e o abandono de muitos dos becos e passagens do povoado. Só assim, vendo diretamente a pequenez e a modesta condição do lugar, comecei a compreender a fundada dúvida de Bartolomeu: “Será que de Nazaré pode sair algo de bom?”

Naquele tempo, não podemos esquecer-lo, Caná, muito próxima à aldeia de Jesus, ostentava a categoria e a condição de “cidade notável”, consideravelmente mais populosa, rica e civilizada do que aquele perdido punhado de casas enrodilhadas naquela não menos remota colina. Se os habitantes de Caná podiam contar-se por milhares, os de Nazaré somavam meia centena de famílias se tanto, com um contingente de trezentas a trezentas e cinquenta pessoas. Isso era tudo.

Nesse marco – com suas vantagens e inconvenientes – cresceu e despertou para a vida o Filho do Homem. Ao término da sua indevidamente chamada “vida oculta”, os inconvenientes sobrepujaram as vantagens e, como já foi apontado, Jesus viu-se na necessidade de afastar-se daquele afetuoso mas difícil grupo humano.

Na parte alta da aldeia notavam-se algumas diferenças, ainda que mínimas, em relação à parte baixa. As casas, igualmente cúbicas e caiadas, eram na maior parte de construção recente. Dispunham de pátios mais espaçosos, cercados por muretas de pedra de um metro de altura em que se viam grandes ânforas, pilhas de lenha e fornos em forma de cúpula, feitos de ladrilho e revestidos no interior de uma camada de argila. Alguns, em plena cocção do pão, flamejavam pelos estreitas bocas, atirando ao céu intermitentes rolos de fumaça branca. Até o calçamento parecia mais cuidado. A terra dos pátios e ruelas havia sido calçada com seixos de rio, bem pequenos, ligados com argamassa, aliás de duvidosa qualidade.

Talvez por sua proximidade do campo e do arroio que se lançava da base oeste do Nebi, em direção à pontezinha que ficava perto da pousada, aquela extremidade da aldeia era um dos lugares favoritos da criançada. Quando uma mãe ou um pai precisava dos serviços de um filho, o costume era procurá-lo ou na fonte ou ali, na zona norte. Esse “bairro”, que também se fazia notar por um mosaico de hortos, ainda tinha uma atração especial que eu viria a descobrir durante minha estada na aldeia e que por muitos anos excitou a fecunda imaginação de Jesus menino: uma pequena olaria, à margem do riacho. O proprietário, um ancião de nome Natan, já falecido, havia feito as delícias de toda uma geração de adolescentes. Agora, seus filhos, tão pacientes e bondosos quanto o velho oleiro, continuavam permitindo que os meninos usassem o barro da olaria para moldar sonhos e brincar de “construir cidades”.

Ao abrigo da colina ou das paredes e sob a vigilância de dorminhocos e gordos gatos, as meninas formavam grupos separados, brincando alegremente com enormes bonecas de barro ou de trapos⁴⁷. Algumas dessas bonecas já tinham braços e pernas articulados. E outras, mais luxuosas e apreciadas, apresentavam na cabeça orifícios pelos quais passavam cordéis que, ligados às extremidades, podiam fazer as bonecas imitar o andar humano. Eu já havia visto brincar as crianças de Jerusalém, Betânia, Nahum e Saidan, mas nada igualava a especial e intensa alegria daqueles adolescentes de Nazaré. Não testemunhei um momento sequer de interrupção de suas atividades. Estavam sempre pondo em ação sua transbordante fantasia. Corriam, saltavam, trepavam em muros, apedrejavam a imensa população felina – não sei se não era até mais numerosa do que a humana – ou balançavam-se nos galhos das velhas oliveiras. Dispunham de arcos de madeira, rústicos piões com um prego na extremidade, cavalos de barro providos de rodas e bolas de trapo que golpeavam apenas com as mãos, ao estilo do atual jogo de basquete.

Um atalho atravessava o cinturão de hortos e subia pela colina até o cume. A partir dessa fronteira verde, o monte era áspero, rochoso e pouco praticável. Pensei em subir até o cimo mas desisti, limitando-me a ativar os quatro canais de filmagem simultânea alojados na “vara de Moisés”⁴⁸ e que, como nas anteriores visitas a núcleos humanos, tinham o objetivo de registrar paisagens, cenas e personagens selecionados previamente pela Operação.

Por volta da hora quinta (onze da manhã), sempre tendo como referência o monte Nebi às minhas costas, alcancei o extremo norte da aldeia, iniciando a descida pelo lado setentrional do “triângulo”. Uma segunda “rua” – que eu denominaria “norte” – ziguezagueava entre as casas, interrompida a cada passo pelos taludes e paredões de rocha que já mencionei. A curta distância das casas localizadas nessa zona corria uma longa canalização de pedra, coberta com ladrilhos, que partia do alto do flanco norte do monte e transportava água potável até a fonte situada às “portas” da aldeia. Segundo minha estimativa, seriam uns setecentos metros de aqueduto. Todo um prodígio de “engenharia” para tão insignificante lugar. (Na Nazaré de hoje pode-se “adivinhar” o primitivo curso do riacho e do aqueduto seguindo o traçado das ruas que desembocam no lugar denominado Mensa Christi e em restos de bases, respectivamente.)

Outro detalhe que guardei – e do qual me lembraria ao descer à “cidade subterrânea” – foi a ausência de entradas para as grutas nas “ruas” e becos. As bocas de dezenas de silos e cisternas ficavam ocultas nas habitações. A única forma de acesso a elas era através dos cômodos e dos pátios das casas. Como veremos mais adiante, não é certo que a povoação de Nazaré vivesse

exclusivamente em grutas, como pretendem alguns arqueólogos e antropólogos. As construções de superfície, ainda que elementares, eram o habitat básico. O subsolo desempenhava papel importante mas ainda assim complementar, destinado a adegas e despensas.

A localização da casa de Maria foi simples. Em um ponto estreito da rua “norte” cruzei com um burro que carregava uma pesada cuba de água. O animal não tinha boas maneiras e esteve a ponto de atropelar-me. Atrás, ofegando por causa da forte subida e do enorme cesto repleto de hortaliças que carregava às costas, apareceu um ancião tão encurvado que suas barbas brancas quase lhe roçavam os joelhos. Uma correia de pano na frente tornava mais leve a carga. Quando o interroguei sobre a Senhora ele se deteve uns instantes e, sem erguer os olhos, com o rosto voltado para o solo e mal-humorado pela inoportuna interrupção, perguntou por sua vez:

– Maria?... Qual delas?

A observação, corretíssima, deixou-me confuso. Em Nazaré, como em todo o país, o nome Maria era comum. Ao referir-me a Jesus, seu filho, o camponês, como se dialogasse com as pedras do chão, insistiu com impaciência crescente:

– Jesus?... Qual deles?

Atônito, precisei de uns segundos para encontrar o termo adequado:

– ... O Mestre... o Ressuscitado.

– Aqui, meu filho – zombou o galileu olhando para as minhas sandálias –, só o que ressuscita é o Sol... Mas suponho que te referes a esse louco... o de Maria, “a das pombas”. Não há o que errar. Outros loucos como ele enchem o caminho aí abaixo... a vinte passos.

Eu devia ter previsto. Em Nazaré nem todos haviam entendido o “gigante”. Para muitos, a revolucionária filosofia da fraternidade entre os homens – filhos de um Deus-Pai – e, sobretudo, a crucificação, destino inexorável de assassinos, blasfemos e maus, haviam manchado o bom nome da aldeia. Semelhante estado de coisas – omitido também pelos textos evangélicos – não me escandalizou. Bastava ver os íntimos, os parentes e até a mãe terrena do rabi. Quem dentre eles tinha idéias claras a respeito da especialíssima mensagem de Jesus? Sendo assim, por que estranhar a reação negativa de uns conterrâneos que o haviam visto crescer? Ou será que alguma vez houve profeta em sua terra?

Um dos dados obtidos na conversa com o velho foi novidade para mim. Em Nazaré, Maria recebera um apelido: “a das pombas”. Logo eu conheceria a razão.

Quando retomei a caminhada, a “rua” alargou até os quatro metros. Ali, de fato, concentrava-se um grupo de uns trinta indivíduos, alguns sentados no chão, outros em pé ou recostados preguiçosamente nos muros que fechavam a calçada.

Em sua maioria, mulheres movidas pela novidade, anciãos desocupados e meninos choramingas. Todos tinham sua atenção voltada para um dos cantos da casa à minha esquerda. Ao aproximar-me, vi o Zebedeu, acomodado nos primeiros degraus da escada externa que conduzia ao terraço. Em termos ardorosos narrava aos boquiabertos ouvintes as recentes aparições do Mestre em Jerusalém. A julgar, porém, pelo ar de incredulidade estampado nos rostos dos mais velhos, o discurso não parecia estar produzindo grande impressão...

No alto, a uns quatro metros, sobre o parapeito que circundava o terraço, saltitavam inquietas seis ou sete pombas, domésticas e silvestres, de plumagem negra-azulada e pescoço de um verde-bronze. Meu coração agitou-se. Aquela casa da esquerda tinha de ser a da Senhora...

Como todas as demais da aldeia, suas paredes de pedra, escrupulosamente caiadas, não tinham janelas. Uma porta, e bem baixa, era a única abertura naquela fachada de sessenta centímetros de espessura. Em uma primeira estimativa deduzi que o lugar em que devia ter morado o Filho do Homem ficava a coisa de oitenta metros das “portas” de Nazaré. Ou seja, no bairro baixo: o mais antigo e descuidado. E me preparei para o grande momento.

Confuso, sem saber que atitude tomar, observei os ouvintes. Maria não estava entre eles. As mulheres que a haviam acompanhado desde a fonte, porém, ali estavam, sentadas muito perto da porta.

Que faria eu? Devia entrar? Aguardaria que João acabasse de falar? A situação era embaraçosa. Dadas as nossas tensas relações, eu não podia esperar demasiadas facilidades de parte do “filho do trovão”. Assim, ao risco de cometer uma nova imprudência, optei por entrar. Silenciosa e cautelosamente, colado à parede e procurando não chamar a atenção do grupo, fui vencendo os poucos metros que me separavam da ombreira direita da porta. É possível que o Zebedeu, do seu canto, e sob o entusiasmo do discurso, não chegasse a ver-me. Descalcei-me, encolhi-me, pus a cabeça para dentro e entoei um assustado “a paz esteja com todos desta casa”. Não distingui quase nada. Uma voz me chamou de dentro da penumbra. Voltei a hesitar. Mas a Senhora, que conhecia minha timidez, insistiu com voz segura.

Então transpus o alto degrau de pedra da porta e pousei meus pés sobre a aspereza cálida de uma esteira. No centro do aposento, medianamente clareado pela luz do exterior, agrupavam-se várias pessoas, sentadas nos tapetes de palha que cobriam o piso. Precisei de alguns minutos para localizar as silhuetas. Aquela deficiência das casas judias – sua perpétua obscuridade – foi algo a que não consegui me habituar. Percebendo a minha “cegueira”, Maria apressou-se a apanhar uma brasa e acendeu um par de candeias. A nova luz deu-me ânimo. E

pude então contemplar, pela primeira vez, o que havia sido refeitório, dormitório e sala principal do lar do Mestre desde sua mais remota infância.

Maria passou sorridente por mim. E, depois de pendurar uma das candeias na parede da direita, uniu-se de novo aos dois homens e às três mulheres que lhe faziam companhia, depositando o segundo candeeiro sobre uma “mesa” de pedra de um metro de diâmetro e vinte centímetros de altura que, à primeira vista, me lembrou uma pedra de moinho. Entre os presentes reconheci apenas Tiago, o segundo filho de Maria. Os outros, também jovens, pareciam parentes. Prudentemente me mantive de pé, em silêncio, respeitando a conversa que vinham mantendo.

O homem que se sentava ao lado de Tiago era de opinião que o ambiente de Nazaré se havia tornado desfavorável. A cidade já não era lugar seguro para os parentes e simpatizantes do Mestre e muito menos para sua mãe. Excitado diante da talvez única oportunidade de observar o lar do Galileu, quase não prestei atenção à premonitória observação do desconhecido: um judeu, íntimo de Jesus, que viria a proporcionar-me interessantes e muito secretas revelações sobre aqueles distantes anos da adolescência e da juventude. Durante alguns minutos, alheio à conversa, concentrei-me em uma minuciosa observação de quanto me rodeava.

Se não fosse pelo que representava, a sala em questão nada tinha de característico. Sua distribuição, os poucos utensílios, a iluminação, em tudo era igual ao que eu já havia visto em outras moradias humildes da Palestina. De acordo com o costume nos povoados rurais, a peça – de uns quatro metros de largura – era dividida em duas áreas bem diferenciadas. Na metade da esquerda, o nível do solo elevava-se um pouco mais de oitenta centímetros, formando uma plataforma de serviço. Essa elevação, como eu disse, ocupava metade do cômodo e era destinada a cozinha e dormitório. No seu canto esquerdo, o pedreiro – muito provavelmente o falecido José – se havia esmerado na construção de um fogão de ladrilhos refratários de uns quarenta centímetros de altura que fechava o ângulo. A chapa do fogão consistia em uma prancha de ferro triangular, solidamente encravada nas paredes. A lenha era introduzida e avivada por uma abertura retangular estreita, feita ao pé da parede de ladrilhos. No inverno, a chapa de metal aquecida aliviava o rigor do frio. A fumaça era eliminada por uma chaminé, triangular como o fogão e que subia pela confluência das paredes, varando o teto. Tendo em conta que na maioria dos modestos lares judeus os gases e a fumaça não eram controlados e saíam por onde pudessem, a chaminé da casa de Maria podia ser considerada um luxo.

Na extremidade oposta repousava uma arca de madeira na qual, ainda por força do costume, guardavam-se a roupa e as provisões. Nessa mesma parede, a

meia altura, alinhavam-se quatro nichos de fundos arredondados, repletos de vasilhas, ânforas, pratos de argila e madeira e outros utensílios de cozinha. E na parede lateral – entre o fogão e a arca – pendiam os edredons que serviam de cama. Em geral, à hora de dormir, os moradores se deitavam com os pés voltados para o fogão. Isso explica a citação do evangelista Lucas. Levantar-se durante a noite pisoteando e molestando a família não era agradável. Quanto à razão de ser da plataforma, era basicamente sanitária. O nível inferior costumava ficar para os animais: cabras, galinhas, burros, vacas *etc.* Era lógico, portanto, que a maioria dos camponeses escolhesse para dormir, cozinhar e comer um lugar que lhes assegurasse “uma certa distância” do sujo e malcheiroso gado.

Quando me acomodei à penumbra minhas observações tornaram-se mais fáceis. Notei que todas as paredes eram rebocadas com gesso e se conservavam branquíssimas. Quatro degraus, ao centro da plataforma, facilitavam o acesso a uma ou outra direção.

No tabique que fechava o cômodo, à minha direita, bem próximo à porta principal, abria-se outro vão, que conduzia, aparentemente, a uma segunda sala, mas a escuridão ali era tal que não pude perceber um único detalhe.

Ao fundo dessa parede, no canto direito, alinhavam-se três ânforas de pedra. Uma delas, bojuda, solidamente pousada no chão e coberta com uma tampa de madeira, fazia parte de uma célebre história...

O teto não podia ser mais rudimentar. Grossas e calafetadas vigas de sicômoro (resistente aos vermes) avançavam da parede da fachada à oposta, entrecruzando-se em ângulo reto com um madeirame mais leve. Sobre essa base haviam sido dispostas camadas alternadas de folhagem, terra e argila pisada. Em uma de minhas visitas ao terraço pude examinar o rolo de pedra de sessenta centímetros que servia para fortalecer a superfície depois das chuvas. Durante o inverno, a fragilidade dos telhados condenava os moradores às goteiras de água e terra. O lar de Jesus, apesar das mãos hábeis de seu pai terreno, empreiteiro de obras, não estava livre de semelhante contratempo.

– Jasão, amigo, acomoda-te. E, por favor, calça-te. Estes tapetes não são nenhum luxo.

A amável acolhida da Senhora tirou-me dos prosaicos cálculos e reflexões. Integrei-me então ao grupo, em torno à mesa, um móvel que fora testemunha muda de outro acontecimento histórico: a famosa “anunciação” do anjo a Maria.

Digamos que, à sua maneira, Tiago – com quem eu já havia entretido longas conversações – me apresentou ao homem e às três mulheres que partilhavam a mesa. Os rostos de duas delas me pareceram familiares. Todavia, aturdido pela infinidade de pessoas que, direta ou indiretamente, havia tido ocasião de conhecer durante o primeiro e o segundo “salto”, não consegui

identificá-las até que Tiago se referisse a elas como “suas irmãs”. Duas, de fato, o eram: Míriam e Ruth. A terceira – Esta –, que só conheci naquele momento, era a esposa de Tiago. Míriam, que tinha os mesmos traços angulosos e olhos verdes de sua mãe, havia nascido na noite de 11 de julho do ano “menos 2”. Estava casada com o enigmático homem que me observava em silêncio: um tal Jacó, que vestia o tradicional *tsitsit* de amplas faixas verticais vermelhas e pretas. Seu aspecto celta, em especial seus límpidos olhos azuis, chamaram-me a atenção desde o primeiro instante. Não deixava de olhar para mim. A princípio com um ar receoso. Depois, ao ouvir dos lábios de seu cunhado “meu elogiável procedimento nas horas amargas da crucificação”, com gratidão. Aquela personagem, como tantas outras, tinha muito que dizer com respeito aos “anos ocultos” do Mestre. Filho de um pedreiro associado a José, havia nascido na casa contígua à de Maria. Cresceu e educou-se ao mesmo tempo que Jesus, compartilhando seus brinquedos, estudos, problemas e, o que era mais importante para mim, seus mais íntimos pensamentos e inquietações. Jacó, ligeiramente mais velho do que Jesus, havia sido seu amigo íntimo. Ao menos durante boa parte dos vinte e seis anos em que o Mestre residiu em Nazaré. Suas revelações, como é fácil imaginar, seriam decisivas para as minhas pesquisas.

Ruth, que juntamente com Míriam e a Senhora havia feito parte do grupo de mulheres que esteve em Jerusalém nos dias da paixão e morte, era a caçula da família. Filha póstuma, havia nascido na noite de quarta-feira, 17 de abril do ano 9 da nossa Era. Tinha, portanto, vinte e um anos recém-completados. Podia dizer-se que, tanto por sua índole como pelo tom ruivo dos seus cabelos, constituía uma interessante exceção entre os oito irmãos. Tímida, de uma extrema sensibilidade e doçura, havia sido a mimada da casa. Nem se podia esquecer que nascera depois da morte de José e quando o primogênito já contava quinze anos de idade. De seu pai herdara o profundo e reflexivo olhar. De Maria, sua espontânea generosidade. Seu irmão mais velho, com o passar dos anos, havia sabido amenizar seu natural nervosismo. Atrever-me-ia a dizer que aquela ruiva de nariz de águia, cútis transparente e sardenta foi uma das pessoas que mais padeceram com a morte de Jesus.

Constrangido pelos elogios de Tiago – homem pouco inclinado, aliás, ao louvor gratuito –, e sustentando o olhar de Jacó, fiz retroceder a conversação ao ponto crucial: os temores da família diante da divisão suscitada na aldeia pela execução de Jesus. Sempre imaginei que a tradicional liberalidade dos galileus não seria atingida pelos violentos acontecimentos protagonizados pelo rabi e seu grupo. Imaginei mal. O problema, no fundo, não consistia em partilhar ou refutar os ensinamentos de Jesus. Muitos dos moradores respeitavam o estilo do Mestre e até se haviam sentido orgulhosos de seus prodígios e sua fama. Mas entre

aquela gente havia pessoas invejosas e possuídas de rancor. Desde muito tempo antes, como narrarei em breve, esses grupos minoritários de Nazaré se haviam manifestado abertamente contra o “rebelde e orgulhoso filho de José”. E, com o decorrer dos anos, por causa de determinados fatos, esses indivíduos terminariam por tornar pesado o clima do povoado e forçar o Galileu a precipitar sua partida.

A miserável execução parecia haver dado razão aos intrigantes. Cheios de valentia, além de denegrirem o nome de Jesus passaram a repudiar todos quantos saíssem a campo para defender “a nefasta imagem do louco carpinteiro”. A nobreza de espírito de gente como Jacó, pregando paz e tolerância, de pouco serviu. O sacerdote que presidia ao reduzido conselho de governo da aldeia e às funções religiosas, erigido em bandeira e cabeça visível dos inimigos do rabi, soube alimentar a discórdia até limites insuspeitados. Eu mesmo logo teria ocasião de o comprovar. Curiosamente, o tal Ismael, da casta dos saduceus, havia sido um dos mestres do jovem Jesus. Sua animosidade para com o Filho do Homem – coisa que poucos lembravam – nascera nos tempos da escola, quando o inconformista primogênito cometeu o “sacrilégio” de caricaturá-lo no piso da sinagoga. E isso fazia já mais de vinte anos...

O burlesco caso talvez tivesse sido esquecido pelo mesquinho sacerdote se não fosse por outros episódios protagonizados por Jesus e que feriram o seu patriotismo. Mas o que realmente desatou sua fúria foram as contínuas notícias que descreviam o antigo discípulo como “inimigo irreconciliável de seus irmãos na religião, na cobiça e na corrupção: fariseus, escribas e saduceus”. A “sem-vergonhice” de Jesus, que se atrevera a qualificá-los de “víboras e sepulturas caiadas”, unida à sua absurda teologia sobre a “ressurreição depois da morte”, arrastaram o caduco saduceu⁴⁹ a um lamaçal de ódio no qual se espojariam outros ressentidos e medíocres.

Este, em largas pinceladas, foi o quadro que encontrou Maria ao retomar a Nazaré, e do qual – não me cansarei de repeti-lo – não se fala nos Evangelhos. No entanto, foi a causa determinante do autodesterro da mãe de Jesus para as margens do lago, em Saidan.

É preciso dizer tudo. Nos primeiros momentos da agitada conversa, tanto a Senhora como Tiago debateram a opinião de Jacó e o acusaram de “alarmista”. Maria, ao menos naquela radiante manhã de terça-feira, 25 de abril, não cogitava sobre a hipótese de abandonar sua casa. Ali haviam sido sepultados José, seu esposo, e Amós, seu único filho falecido. Ali havia sido feliz. Ali estavam suas raízes, sua gente, suas pombas...

Ela refutou e subestimou as prudentes advertências do seu genro e de Míriam. Teimosa, levantou-se várias vezes para mostrar-nos a humilde sala e

lembrar aos presentes que “aquele lugar havia sido abençoado pelo anjo de Deus”.

E nisso estávamos quando, inesperadamente, o distante e praticamente esquecido discurso do Zebedeu se transformou em um entrecortado e confuso vozerio. Tiago e Jacó entreolharam-se, alarmados. Ruth e Esta empalideceram, procurando ao mesmo tempo os braços de Maria. A Senhora, fria e resoluta, fez um gesto a sua filha Míriam, mandando que se erguesse. A jovem, valente como a mãe, apressou-se a obedecer. Jacó deixou que ela chegasse até a porta mas, ao ouvir algumas secas e dolorosas imprecações contra seu falecido amigo, saltou como um leopardo, arrastando em sua cólera Tiago. Depois de obrigar a esposa a entrar, postou-se a um palmo da entrada, ombro a ombro com Tiago.

Devagar e cautelosamente fui atrás deles e saí para a rua. O que vi e ouvi foi uma tempestade de impropérios e ameaças entre dois grupos. À nossa esquerda, protegendo João Zebedeu, que estava de pé na escada, uma dezena de pessoas, mulheres em sua maioria, gritavam insultos aos vinte restantes. Estes últimos, que não se deixavam derrotar em matéria de imprecações e insultos, brandiam seus bastões, cuspidos sobre a pequena faixa de terra que os separava. Uns e outros, em um vão empenho de esmagar as vozes dos adversários a poder de berrar e de aumentar a corrosão dos insultos, acusavam-se de malnascidos, escravos de um bêbado saduceu, amigos de um carpinteiro a serviço de Roma, traidores da lei e “visionários”, entre outras belezas...

Talvez o mais triste daquela batalha – até o momento – dialética fosse ver a total decomposição da figura de João Zebedeu. Eu não acreditava no que estava presenciando. Histérico, com os olhos esbugalhados, João ergueu os braços para o céu e, berrando como um possesso, “exigiu da justiça divina que arrasasse aquele povo ímpio com o enxofre e o fogo que haviam destruído Sodoma”. E o que não haviam conseguido as sensatas e reiteradas solicitações de paz por parte de Jacó e de Tiago, conseguiu-o aquela louca invocação. Todas as gargantas se calaram como que fulminadas. Tiago e seu companheiro, conscientes dos gravíssimos efeitos de tão insensata provocação, abriram passagem entre os dois silenciosos e perplexos bandos e, sem palavras nem gestos inúteis, agarraram o Zebedeu e o conduziram para a porta da casa. Uma vez ali, Tiago, com a fisionomia desfeita, limitou-se a empurrá-lo e introduzi-lo no interior da casa. Feito isso, desembainhou a espada e foi cravá-la a seus pés, exclamando:

– Rogo-vos que desculpeis a ira do nosso amigo... Não foi esse o espírito do meu Irmão e Mestre... Mas também vos dou um aviso: esta é nossa terra... – E, apontando para a espada que ainda vibrava, acrescentou com firmeza: – ... E se for necessário nos defenderemos dos répteis que fazem ninho em Nazaré.

O espesso silêncio foi rompido pelo súbito choro de alguns dos meninos.

As mães, assustadas diante do feio desenlace daquela reunião, apressaram-se a tomá-los nos braços. Mas a infeliz linguagem do “filho do trovão”, invocando os céus para castigar seus inimigos, despertaria muitos rancores. Quando os ânimos pareciam mais serenos, alguém, aos empurrões, abriu passagem entre a turba e encarou altiva e desafiadoramente os dois homens que representavam e simbolizavam a família de Jesus. Em vez de reagir diante do seu gesto despótico e ultrajante, todas aquelas pessoas ali reunidas, ao reconhecê-lo, retrocederam cheias de temor. E a maioria inclinou a cabeça em sinal de respeito e obediência. Apenas Tiago e Jacó mantiveram-se firmes e em guarda. Os olhos acastanhados de Tiago percorreram a figura encarquilhada sem poder reprimir um ricto de repugnância. O “notável”, que eu identifiquei pelas vestes sacerdotais, túnica branca de linho, cingida na cintura por três voltas de faixa, e pelo gorro cônico, do mesmo tecido e cor, replicou com um mudo desdém ao significativo olhar do irmão do rabi. E fez mais do que Tiago. Inclinando a cabeça, cuspiu sobre a espada que os separava, exclamando com voz áspera e rude:

– E disse Isaías: “A víbora e a serpente... se as apertarem, sairão víboras”.

Fiquei tão confuso quanto meus dois acompanhantes. A citação do livro profético (59, 5) parecia sugerir que a espada – semi-enterrada na areia – acabaria transformando-se em uma víbora. Em outras palavras: que o ódio e a maldade, devidamente incubados, só engendram ódio e maldade...

Mas Tiago, bom conhecedor das Escrituras, nas quais se aprofundou graças ao seu irmão, replicou-lhe com os versículos imediatamente seguintes aos citados pelo desleal Ismael, o saduceu:

– E tu, corrupto entre os corruptos, te atreves a falar assim? Escuta agora o que diz Isaías: “... Caminho de paz não conhecem, e direito não há em seus passos. Torcem seus caminhos para proveito próprio... Por isso se distanciou de nós o direito”.

Algumas risotas de aprovação e cumplicidade, às costas do sacerdote, só contribuíram para piorar as coisas. O apergaminhado chefe do conselho mordeu os lábios, acusando o certo golpe. Ao deduzir que me achava diante do velho professor de Jesus, uma excitante curiosidade apossou-se do meu já acalorado ânimo. Uns inconfundíveis sinais externos o delatavam como cirrótico: uma ginecomastia ou anormal volume das mamas, que oscilavam debaixo da túnica a cada movimento ou respiração agitada; uma forte emaciação ou consunção muscular; o enrubescimento ou eritema palmar; a quase total calvície e uma ascite ou acúmulo de líquidos na cavidade abdominal. Mas, sobretudo, o “selo” de sua mais que provável enfermidade hepática estava nas marcas em forma de aranha que apareciam nas mãos e faces (vasos dilatados que se dispõem de forma radial, como as patas dos aracnídeos).

Apontando com o braço esquerdo a gente ali congregada, o sacerdote vociferou, lançando sobre Tiago uma fétida exalação hepática:

– ... Nazaré jamais foi berço de répteis. Tu e os teus, com esse Jesus à frente, sim, é que haveis trazido a inquietação e a discórdia... Um já foi castigado. Agora vos cabe a vós, ímpios, que não sabeis desnudar vossos ombros⁵⁰ e que, vencidos e humilhados, haveis sido capazes de propagar a mentira da ressurreição desse carpinteiro que se acreditou filho do Divino, bendito seja seu nome...

Jacó, menos moderado do que Tiago, fez menção de inclinar-se para desenterrar o *gladius* e castigar as duras palavras do saduceu. Mas o cunhado, irradiando um pouco daquela serenidade que tanto admirei no Mestre, sem deixar de sustentar o olhar de Ismael interpôs seu braço direito entre a espada e seu amigo-irmão, impedindo qualquer violência. Instintivamente, alguns dos presentes lançaram-se para trás. E antes que Tiago conseguisse replicar a maledicência do sacerdote, este, com toda a sua soberba e arrogância, desafiou-o com uma pergunta que só podia conduzir à catástrofe:

– Será que te atreves a negá-lo?... Diz-nos: reconheces em Jesus o Filho de Deus vivo?

Por um instante pensei que Tiago se renderia. Seus longos e ruivos cabelos brilharam levemente. Mas aquele lento e majestoso giro de sua cabeça à direita e à esquerda não significava rendição. Limitou-se a observar os circunstantes, tensos sob a expectativa. E com voz grave, alta e forte, para que todos pudessem ouvi-lo, confirmou:

– Tu o disseste. Reconheço-o como tal.

Assisti, então, a uma familiar e não muito remota cena. Ismael retrocedeu uns dois passos e, convulso, babando, com uma teatralidade muito própria daquele sacerdócio hipócrita, voltou-se para os presentes, ergueu os braços, fechou os punhos e, em um tom como que cansado, esgotado pelo peso do que acabava de escutar, murmurou, gemendo:

– Todos sois testemunhas... Ele blasfemou!... É réu de morte!...

Um pressentimento – tudo parecia repetir-se absurdamente – fez-me reagir a grande velocidade. Peguei as “crótalos” e, junto ao muro, ajustei-os aos meus olhos, preparando-me assim para uma eventual necessidade de defesa pessoal. E meus dedos deslizaram para o dispositivo que ativava os ultra-sons⁵¹. Desta vez a sorte foi minha aliada...

As cores – não os sentimentos – “interpretadas” por meu cérebro mudaram drasticamente. Os brancos, especialmente a túnica do saduceu, explodiram em um prateado fulgurante, enquanto que as franjas vermelhas dos mantos

mudavam para um negro fantasmal e os verdes das flores e trepadeiras próximas se uniam ao dramatismo do momento, sangrando em vermelho e laranja.

Uma áspera gritaria sublinhou a sentença de Ismael. Tiago, precavido, recuperou a espada, enquanto que seu cunhado, porejando um suor azul-verdolengo, conseqüência do medo, retrocedeu até o umbral da porta. Fiz bem em preparar-me. O sacerdote, girando sobre os calcanhares, encarou-nos de novo. Congestionado pela ira, as manchas em forma de aranha do seu rosto tremeram com um negror diabólico. A sorte parecia lançada e, como eu imaginava, de acordo com o costume, suas mãos crispadas agarraram o linho da sua túnica e o rasgaram com um seco e poderoso empuxão. A caverna verdolenga da sua boca abriu-se ameaçadoramente e ele guinchou como uma doninha:

– Morte!

Alguns dos anciãos e mulheres, aterrorizados, fugiram rua abaixo. Mas a vintena de fanáticos, ululando como lobos, agachou-se a um só tempo sobre o solo, à cata de pedra. Ismael, sem deixar de entoar sua sentença, juntou-se ao grupo, chocando-se com uns e com outros na esbaforida colheita de pedras. E sem mais, em um dos mais violentos ataques que eu jamais houvera chegado a imaginar, uma chuva de pedras, arrojadas de quatro, oito e dez metros, começou a golpear os corpos de Jacó e Tiago, assim como a fachada da casa e, claro, a mim também. E a palavra “morte”, repetida em coro pelos ofegantes energúmenos, misturou-se com o ruído dos impactos sobre a fachada e os gemidos de dor dos dois homens. A crítica situação prolongou-se por trinta segundos. O irmão de Jesus, protegendo a cabeça com os braços, ordenou ao cunhado que entrasse em casa. Depois, de um salto, ele mesmo desapareceu da cena. E, para minha desolação, a porta foi fechada e trancada. Durante uns poucos segundos, as pedras continuaram caindo sobre a porta e acumulando-se no umbral. Quis Deus que este assustado explorador soubesse e pudesse reagir a tempo. O ódio daquela turma se voltou contra mim. E sem saber, e sem perguntar, uns rostos e mãos verde-azuis reclamaram minha vida. Na realidade, eu era “um deles”. Assim o interpretaram e, conseqüentemente, a fracassada lapidação – mais violenta ainda, se era possível – tomou-me como vítima propiciatória.

Antes, porém, que conseguissem municiar-se de novo, uma primeira descarga, de 21 mil Hertz, penetrava na calva bronzeada do saduceu, alterando seu aparelho “vestibular”. Em centésimos de segundo, seu ouvido interno foi invadido por ultra-sons, que bloquearam o conduto semicircular membranoso, com a fulminante perda da posição da cabeça e do corpo no espaço.⁵² Com os olhos desorbitados e a língua pendente ele simplesmente desmoronou. A

imobilização estava garantida durante alguns minutos. A inesperada queda do sacerdote provocou um silêncio sepulcral. Aproveitei a vantagem da confusão e pressionei de novo o cravo. Outro “fio” infravermelho penetrou implacável na fronte de um ancião que se precipitara a auxiliar Ismael. O segundo desmaio foi decisivo. A turba, descomposta, largou as pedras e, movida por um pânico supersticioso, voltou os olhos para o azul-marinho do céu.

Ocorreu-me nesse momento a maldição do Zebedeu. Gemendo vergonhosamente, atropelando-se uns aos outros, desapareceram entre os pátios e becos vizinhos. Felizmente, nenhum dos esbirros me associou ao desmaio do sacerdote e do seu comparsa. Entre as especulações que pude escutar nas tensas horas e dias seguintes, algumas, a meia-voz, atribuíam o “mal” que os havia deixado inertes a uma manifestação da “cólera divina”. Outros, ao contrário, escarneciam das aterrorizadas testemunhas, recordando que aquela não era a primeira vez que Ismael perdia os sentidos... “por causa do vinho de palmeira”. A maioria dava de ombros, convencida da inépcia e da falta de coragem dos atacantes. O certo é que o incidente marcaria o destino da família de Jesus. Em especial, o da Senhora. Nem uma parte nem a outra estavam dispostas a perdoar...

E na solitária rua caiu um silêncio pesado, de maus prenúncios, apenas cortado pelo retorno ao telhado das assustadiças pombas e pela frenética movimentação dos gatos, que riscavam o ar como relâmpagos horizontais. E, com os corpos estendidos no chão às minhas costas, coloquei-me defronte à porta. Antes de bater fiquei pensando sobre o que faria ou responderia diante do presumível interrogatório da família. Talvez tivesse chegado o momento de abrir meu atormentado espírito – ainda que superficialmente – e assim sufocar os receios de Maria. O céu estava com a palavra. E eu me sentia orgulhoso do trabalho com os ultra-sons.

Não tive de bater à porta. O súbito silêncio não havia passado despercebido na casa. Um sussurro veio do telhado. Ao erguer a vista dei com a cabeça de Jacó, oculta entre as pombas. Pediu-me que aguardasse. Então a incerteza caiu sobre o meu coração: “Há quanto tempo estaria o amigo de Jesus no terraço? Teria presenciado o tombo dos velhos?” Com a mente flutuando, percebi que a porta era destrancada nervosamente. A folha abriu-se alguns centímetros e vi uns olhos chorosos – os de Ruth – pestanejarem, feridos pela claridade.

Esgueirei-me rapidamente para dentro, ao mesmo tempo em que as filhas da Senhora tornavam a escorar a porta com uma tranca.

Acocorada junto à mesa de pedra, arrasada e em pranto, descobri uma Maria nova para mim. E antes que eu conseguisse mover um músculo aquela mulher, derrotada pela angústia e o medo, lançou-se em meus braços,

estreitando-me entre soluços e tremores. Emocionado, eu só consegui corresponder ao seu gesto acariciando seus fragrantes e sedosos cabelos negros.

O brilho de uma espada na obscuridade da sala contígua pôs-me em guarda. Respirei aliviado ao identificar seu portador. Com a fisionomia endurecida, Tiago aproximou-se de nós. Ao reconhecer-me, embainhou o *gladius*. Atrás dele, vindo também da misteriosa segunda sala, apareceu o Zebedeu. Observei-o atentamente. A espada tremia na sua mão esquerda. Suava copiosamente e, com o olhar perdido, parecia falar consigo mesmo. Senti a necessidade de auxiliá-lo. Com toda probabilidade estava sendo vítima de um choque. Apartei Maria carinhosamente mas quando me dispunha a chegar até o impulsivo e confuso “filho do trovão”, Tiago interpôs-se e, colocando suas mãos sobre os meus ombros, suplicou-me perdão.

A esse gesto sentime estremecer... Era um dos carinhosos gestos do Mestre. Mas Tiago não pôde perceber o frêmito que me percorreu o corpo. Fiz um gesto negativo com a cabeça, para reduzir a importância do ocorrido. E ele me fez uma pergunta que em boa medida devolveu-me a tranqüilidade:

– Que foi que ocorreu aí fora?

Isso significava que Jacó, que nesse momento ainda vigiava no telhado, não havia testemunhado os fatos.

Improvisei uma resposta, dizendo em parte a verdade.

– Sem causa aparente – respondi –, dois dos indivíduos caíram como mortos...

– Mas...

As dúvidas de Tiago morreram na penumbra. O Zebedeu não lhe permitiu concluir. Adiantando-se, sem deixar de brandir a espada, começou a rir nervosamente, balbuciando um monocórdio “Deus é justo!”. Tiago, sem dar atenção ao ataque de histeria de João, fez um sinal à mãe. E Maria, reprimindo as lágrimas, caminhou em direção às ânforas.

– Deus é justo!...

O sinal de cumplicidade me fez pensar que aquela psiconeurose, com perda do controle sobre os atos e as emoções, não era novidade para o grupo. Aproveitando um momento de descuido, o irmão do Mestre aproximou-se de João, agarrou-lhe a mão que empunhava a espada e, delicadamente mas com energia, arrebatou-lhe o afiado ferro. Alheio ao que o rodeava, o discípulo não opôs resistência. Com os olhos vidrados, passou do riso ao pranto. E, caindo de joelhos sobre as esteiras, prosseguiu com a sua obsessiva cantilena:

– Deus é justo e humilhou o impuro... Deus é justo.

Auxiliada por Ruth, a Senhora abriu a boca do Zebedeu e o obrigou a ingerir um vinho negro e espesso.

A entrada de Jacó, anunciando que a rua continuava deserta, acelerou os planos de Tiago. Recomendou ao cunhado a proteção dos seus, obrigou João a levantar-se e, tomando-o pelo braço, desapareceu com ele na negrura do cômodo contíguo. Sua mulher, Esta, com uma descrição admirável, beijou Maria e lhe disse, baixinho, que regressariam prontamente. Logo depois eu viria a saber que, na previsão de males maiores, a família havia optado por ocultar o Zebedeu na casa de Tiago, ao oeste da aldeia, muito próximo à oficina do falecido oleiro.

Jacó, por sua vez, mostrando sua confiança em mim, disse que ia voltar ao terraço e advertiu-me que sob nenhum pretexto deveríamos abrir a porta. As mulheres assentiram, mantendo-se protetoramente junto à Senhora. Num gesto de hospitalidade – talvez buscando compensar-me pelo involuntário descuido de seus filhos ao deixar-me à mercê de Ismael e seu bando –, Maria, enxutas as faces e controlado o tremor, rogou-me que tomasse posse de sua casa humilde. Sorri para ela, honrado pelo que aquela oferta significava para mim e feliz por sua pronta recuperação. E de bom grado aceitei a caneca de vinho que Ruth, trêmula e sofreda, me ofereceu.

Não sei por que o fiz. Mas, deixando-me levar por um cristalino sentimento, acariciei as finas e longas mãos da jovem e afirmei-lhe, com uma segurança imprópria deste sempre vacilante pecador:

– Nada de temor. Eu vos protegerei até o regresso de Tiago.

Talvez me tenha arrependido um segundo depois. Talvez não. Pouco importa. Só do que me lembro claramente é que, esquecendo as normas, eu teria dado a minha vida para salvar a daquelas indefesas e atemorizadas mulheres. E a Senhora, ao perceber a sinceridade das minhas palavras, lançou-me um olhar que me invadiu todo. Foi o mesmo olhar que trocamos na caravana de Murashu. Então eu soube que havia chegado o momento. E ela, talvez antes de mim, também o soube. E com os seus amendoados olhos verdes fixos em mim ordenou a suas filhas que “vigiassem a porta do fundo”.

– Jasão, amigo – disse-me assim que Míriam e Ruth saíram –, és um homem estranho. Na verdade nenhum de nós consegue entender teus singulares atos...

Deixei-a falar. Sua voz grossa, entrecortada vez ou outra por curtos suspiros – restos do recente pranto –, foi abrindo caminho aos meus sentimentos. E assim, graças à sua intuição, foi tudo mais fácil.

– ... Eu sei que nenhum comerciante se comporta como tu.

Sorriu maliciosamente, mostrando, à luz da feminina chama que nos separava, o marfim harmônico dos seus dentes. Mas eu, com os neurônios em alerta máximo, continuei hierático: gélido no exterior e ardendo no mais íntimo.

– Nenhum pagão faz o que fazes. Nenhum estrangeiro haveria arriscado sua vida ao pé da cruz. Só João, meu querido e às vezes infantil João, soube mostrar

o que mostra um homem...

A linguagem rude de Maria não me scandalizou. Aquela corajosa mulher, vítima de tudo e de todos, em especial de si mesma, manifestava o que pensava. E admirei-a por isso.

– Crês que eu não soube do profundo amor de meu filho por ti?

Desta vez respondi:

– O Mestre – corrigi – ama todo o criado e o incriado.

Suas finas sobrancelhas arquearam-se levemente, ao ouvir a minha carinhosa emenda.

– ... Ama, dizes? Tu és dos que crêem que não está morto?

– Sim, morreu – acrescentei, arriscando tudo por tudo –, mas também é verdade que ressuscitou... para vós e para nós.

A Senhora, aos seus quarenta e nove anos, conservava uns reflexos mentais que eu desejaria para mim.

– Jasão, não é hora, já, de abrires teu coração? Por que “vós” e “nós”? Quem és? De onde vens?

Suplicando-lhe que nossa conversa fosse mantida em segredo, procurei fazer-me compreender.

– O Mestre, minha querida e admirada Senhora – era a primeira vez que eu a chamava assim –, anunciou-o uma vez...

Girou lentamente os olhos, como que tentando lembrar-se.

– Lamento – rendeu-se com uma sombra de tristeza –, naquele tempo quase não tomei conhecimento das andanças do meu filho... Eu vivia para outra idéia.

– ... Jesus expressou-o claramente – prossegui –: “No reino do meu Pai há outras moradas”.

Olhou-me sem compreender.

– Eu e milhões de homens e mulheres como eu pertencemos a uma dessas “moradas”... A realidade que tu observas e tocas não é a única...

– Compreendo – interrompeu-me. E seus lábios se entreabriram, mostrando um medo que acabara de nascer. – Faz trinta e seis anos, nesta mesma mesa de pedra, exatamente onde te sentas agora, “alguém” que não era daqui me falou e anunciou que o “Filho da Promessa” estava por chegar.

A comparação não era correta. Mas aceitei-a. E meus olhos lhe sorriram, aprovando suas palavras.

– Mas, então...

E aquele medo oculto pareceu crescer, como uma coluna de fumaça, acentuando suas olheiras.

– Tu, Jasão, és um anjo...

Apressei-me a negar, ainda que não saiba se fui muito convincente:

– ... Se “anjo” significa “mensageiro”... pode ser. O Gabriel a que te referiste, esse, sim, é um verdadeiro anjo. Eu, querida Maria, não sou digno nem de projetar minha sombra sobre ele. Estou aqui para dar testemunho de teu Filho. Um testemunho que “outros povos” deverão conhecer... Gente de um mundo, de uma morada muito distante... E o Pai, em sua infinita bondade, conferiu-me alguns “poderes” (muito poucos) que tu talvez tenhas intuído. E assim como foi o Mestre, eu também devo ser respeitoso para “convosco”. Minha missão é tentar aproximar-me da verdade que cercou Jesus...

– Por quê? – perguntou com uma ingenuidade comovente, fruto de sua óbvia falta de perspectiva histórica. Tenho de insistir nisso. Hoje, os crentes conhecem uma imagem irreal da Senhora. Naquele momento, nem ela nem nenhum dos seguidores do Nazareno podiam sequer intuir as “conseqüências” da encarnação do Mestre. – Tu o viste. Meu filho terminou como um delinquente... A quem podem interessar sua vida, suas palavras? Amanhã apenas será recordado pelos seus amigos.

Deliberadamente conservei silêncio por alguns segundos. Era evidente que a Senhora, por muito que se esforçasse, não estava em condições de reconhecer a grandiosidade e a divina transcendência do Ser que havia carregado em seu ventre. E quem era eu para violar as limitadas fronteiras de sua inteligência?...

– Sim – repliquei com uma segurança que a desconcertou –, tens razão... em parte. Será recordado por seus amigos. Mas esses “amigos” se multiplicarão como as flores na primavera...

Aquele verde-erva dos seus olhos, geralmente calmo, agitou-se como um trigal açoitado pelo vento. E a cor se instalou de novo em sua bronzeada tez. Emocionada, pediu detalhes.

– Não é fácil fazer que o compreendas, mas eu sou a prova de quanto digo. Eu venho de um “mundo” remoto para ti. Ali, os povos também receberam a notícia de Jesus de Nazaré. E muitos lhe abriram o coração. Outros, ao contrário, o ignoram ou o negam. Eu venho para “saber” e para depois “transmitir”. E o faço para todos. Teu Filho o sabia...

– Oh, Jasão! Então sua morte não será em vão...

Sorri de novo, não sei se de alegria ou emoção.

– Permita-me... Sua vida não será em vão. A morte, a de todos, nunca é em vão. – E erguendo entre meus dedos a caneca de vinho acrescentei: – Observa este vinho. Antes foi o fruto da videira. Assim, como Ele profetizou, seu corpo e sua existência terrenos foram triturados para fornecer a essência: seu espírito, sua palavra, sua mensagem, seu amor... E a fragrância desse “vinho” chegou até o meu remoto “mundo”. Mas nossa “sede” é tão grande, querida Senhora, que meus concidadãos me “enviaram” para transportar o “vinho” de sua vida e poder

degustá-lo. Por isso tu e os teus deves ajudar este “comerciante de vinhos”...

Um pranto sereno rebrilhou à luz da candeia. E Maria, agradecida, me aceitou desde o mais profundo de sua nobre alma, agora assomando a uns olhos umedecidos de felicidade. E Deus sabe: aquele abraço invisível me compensou para sempre.

– Que devo fazer, meu querido “comerciante de vinhos”? – gracejou enxugando as lágrimas.

– Deixa isso nas mãos do Pai... E guarda meu segredo.

Impulsiva como sempre, a Senhora ergueu-se, rodeou a mesa, tomou minha cabeça entre suas mãos e depositou um sonoro e prolongado beijo em minha fronte.

– Deus te abençoe, Jasão.

Aproximadamente 13 horas. (Entre a sexta e a nona.)

Nossa conversa, que, de acordo com o combinado, começava a tratar dos supostos “anos secretos” de Jesus em Nazaré, foi interrompida por um confuso e intermitente ir-e-vir de passos que pareciam proceder do terraço. Alarmada, Maria tomou o candeeiro de azeite e, decidida, aproximou-se da porta de entrada. Colou o ouvido à madeira mas aparentemente o exterior continuava em silêncio. Ergueu os olhos para o teto e, ao notar que o nervoso rumor de passos havia passado para a parte posterior da casa, penetrou no vão escuro no qual eu ainda não havia estado. Receosa, deteve-se no umbral. Voltou a cabeça e, ao notar que eu estava às suas costas, aventurou-se nas trevas, tensa e de ponta de pés.

Procurei não me distanciar, entre outras razões para não perder a esquiua luz que nos abria caminho. Aquele segundo aposento, negro como boca-de-lobo, foi uma surpresa. Em seus três metros de largura havia, empoeirado e em desordem, tudo que era necessário para a atividade de carpinteiro. Na parede oposta à porta sem folha pela qual acabávamos de entrar repousava um banco de uns oitenta centímetros de altura, escorado em dois pés em “V” invertido. E sobre a grossa tábua esquadrada que dava forma à superfície do banco, um cepo de duas asas e uma prancha meio lavrada. Sem ruído, a Senhora alcançou a desarticulada porta situada na parede que se erguia em frente à fachada. E aproximou dela a face esquerda. Nesse tabique, como nos restantes, pendiam dezenas de ferramentas, presas a sarrafos de madeira: tesouras, pinças, pregos de trinta e quarenta centímetros, furadores, machados, martelos (com ou sem cabo), formões, facas e arcos de pua. O piso, coberto de serragem e de aparas aneladas, rangeu debaixo das sandálias, tão seco estava.

Era estranho. Os cabos para enxadas, os paus de nora para animais, os

manguais para debulhar cereais e alguns arados simples de pouco peso – tudo por terminar e espalhado pelos cantos – todo esse material sugeria um trabalho bruscamente interrompido. Mas, a julgar pelas teias de aranha que tomavam todos os cantos da oficina, essa interrupção devia ter acontecido muitos anos antes. Por outro lado, aquela sala fechada, sem acesso direto à rua, não se enquadrava na fórmula tradicional dos judeus. A maioria das oficinas de carpintaria concentrava-se em um lugar ou bairro determinado da aldeia ou cidade, formando um núcleo artesanal e, insisto, sempre aberto ao exterior, ao cliente. Por último, se a sala contígua apresentava um aspecto limpo e ordenado, qual a razão daquele lamentável abandono? A Senhora, única responsável pelo suposto “pecado”, tinha suas razões...

Os cochichos do outro lado da parede fizeram-se mais próximos. Num movimento reflexo, tomei posição e me preparei para intervir. De repente, alguém empurrou a porta e pouco faltou para que o impacto derrubasse a Senhora. A claridade cegou-nos a ambos. Então a silhueta de um homem atlético, de envergadura semelhante à de Jesus, com reflexos de ouro nos cabelos longos, recortou-se, majestosa, na luz da manhã. Por um instante me sobressaltei. Estaria sonhando? Tinha diante de mim o Ressuscitado? Perplexo, vi a mulher arregar-se para o desconhecido e abraçá-lo. Respirei aliviado. O suposto “ressuscitado” outro não era senão Tiago. Atrás, também muito sérios, apareceram Jacó e as mulheres.

A porta da oficina foi escorada e o irmão do rabi foi sentar-se à borda da plataforma da estância-dormitório. E toda a família, com exceção do Zebedeu, sentou-se sobre as esteiras, ansiosa por escutá-lo. As condições de João haviam aconselhado mantê-lo recluso na casa de Tiago e de Esta. Afinal de contas, ele havia sido o responsável pela situação.

Ao observar o semblante de Tiago, geralmente sereno, e perceber nele a macilenta palidez do medo, compreendi que as coisas haviam piorado. Eu já havia visto esse terror mal dissimulado. Tinha-o vivido na prolongada reclusão dos discípulos no cenáculo de Jerusalém.

Tiago procurou dissimular seu sofrimento e sua preocupação. Conseguiu-o apenas em parte. Para sua mãe, aquele gesto de acariciar a barba com a mão esquerda não era bom presságio. Então, sem rodeios, abordou o problema. As coisas estavam como estavam e não convinha fechar os olhos à dura realidade. Tinham de abandonar Nazaré. A tentativa de lapidação dessa manhã era um peso difícil de carregar. Quem poderia prever o que sucederia nessa mesma noite ou no dia seguinte?

– ... Devemos agir com prudência – prosseguiu dirigindo-se a Maria. – Com nosso Irmão e Mestre vivo, o respeito desta gente estava assegurado. Agora, com

sua morte, estamos à mercê dos que o odiaram.

E muito judiciosamente recordou aos silenciosos familiares a reunião secreta realizada por Caifás e suas “ratazanas” na noite de domingo, 9 de abril. José de Arimatéia, membro do Conselho do Sinédrio, ao informá-los daquela assembléia foi muito claro: em vista do volume de notícias e rumores que começavam a circular pela Cidade Santa acerca da tumba vazia e das aparições do Ressuscitado, o sumo sacerdote, seu sogro, os saduceus, os escribas e demais fanáticos que haviam causado a morte de Jesus decidiram agir sem contemplação. E adotaram duas medidas, especialmente imaginadas para o esmagamento do “esfarrapado grupo de galileus que ainda acreditava no Nazareno”.

Para o caso de que algum dos presentes as houvesse esquecido, Tiago recitou-as ao pé da letra, sublinhando algumas das frases:

“Primeira: to-do a-que-le que fa-le ou co-men-te (em público ou não) os assuntos do sepulcro ou da ressurreição do Mestre, será ex-pul-so das sinagogas.

“Segunda: quem pro-cla-mar que viu ou fa-lou com o Res-sus-ci-ta-do... será condenado... à mor-te.

As contidas respirações lhe serviram para enterrar no ânimo de cada um – até o cabo – as duas últimas palavras:

– À morte!

Os irreprimíveis soluços de Ruth desarmaram os nervos da irmã Míriam, que, irada, lembrou a Tiago e aos demais que a segunda disposição das “ratazanas de Jerusalém” não encontrara eco e, segundo José de Arimatéia, não chegara a ser votada. Em seguida acusou seu irmão de “covarde”. Impassível, compreendendo e desculpando a ira e desolação de Míriam, Tiago não abriu a boca, limitando-se a pentear a ruiva barba com os dedos. Mas sua mulher, Esta, indignou-se com as injustas acusações da cunhada e a passividade do marido e, pondo-se de pé, acusou Míriam de irresponsável e egoísta. Jacó, por sua vez, tentou acalmar as exasperadas mulheres. Entretanto, no fogo cruzado dos gritos e impropérios que haviam começado a atirar-se mutuamente Míriam e Esta, só o que conseguiu foi um violento empurrão de sua exasperada esposa. Mas o pranto de Ruth, duplicado diante da confusa e lamentável rixa familiar, despertou o bravo caráter da Senhora. Era a primeira vez, se não estava enganado, que eu a via elevar a voz. Plantou-se entre Míriam e sua nora e, com os braços na cintura, ordenou silêncio. Jacó, entristecido, permaneceu junto a Tiago. A nora, perfeita conhecedora do firme caráter de Maria, calou-se e acudiu Ruth. Mas Míriam, inconformada, enfrentou a mãe, sobrepondo seus gritos aos dela. Foi uma cena triste e compreensível. Fora de si, a filha mais velha lembrou a Maria que “aquele era seu lar e que malnascido nenhum a arrancaria dali”. A Senhora, pela

enésima vez, mandou que ela se calasse. Mas o furor e o desespero da jovem estavam fora de controle. Por fim, esgotada sua paciência, Maria usou o recurso extremo: desferiu-lhe uma sonora bofetada. Santo remédio. Míriam sentiu o golpe e o acesso de histeria foi dominado, dando lugar ao pranto. Em segundos, sem rancores nem censuras, mãe e filha se abraçaram, num mútuo e emocionado pedido de perdão.

Tiago, comovido como os demais, uniu-se a elas no abraço, silenciosamente. E Ruth e Esta, ainda em soluços, mas cortados por esporádicos risos, precipitaram-se por sua vez sobre o trio, formando a mais bela pinha humana que me fora dado contemplar até esse momento em nossa aventura. Com a garganta embargada, desviei o olhar para Jacó. Uma solitária lágrima deslizava pela sua “céltica” barba. Ao ver-se surpreendido baixou a cabeça, mas não se moveu da borda da plataforma. Contagiado pelo torvelinho de beijos, carícias e doces e tranquilizadoras palavras dos cinco, não pude, por minha vez, evitar que meus olhos pestanejassem, em uma peleja inglória com umas lágrimas quase desconhecidas para este solitário entre os solitários. Comprimindo as mandíbulas, fui descarregar a tensão na “vara de Moisés”. Tão infortunadamente, porém, que, ao crisar os dedos sobre o cajado, calquei inadvertidamente o dispositivo de laser de alta energia, que se projetou a dois palmos das sandálias de Jacó. Uma fumacinha branca, quase invisível, deu-me a pista do impacto. Maldizendo minha estupidez, saltei na direção do esposo de Míriam, pisando e ocultando o pequeno círculo de um milímetro de diâmetro que havia aparecido na esteira. Jacó, ao ver-se de súbito tão inexplicavelmente junto daquele magro e comprido grego, voltou a si, mirou-me aturdido e tentou achar uma razão para aquilo. A careta idiota que viu no meu rosto acabou por confundir-lo ainda mais. Creio que reagi com um sorriso. E a imbecilidade, desta vez, propagou-se aos meus olhos e à minha língua.

– Aleluia! – berrei. (Foi a primeira coisa que acudiu ao meu cérebro.)

A expressão de júbilo – um tanto deslocada – arqueou as sobrancelhas do cada vez mais perplexo judeu. E quando, suponho, se dispunha a responder-me, um fio de fumaça e ao mesmo tempo um insólito odor de palha queimada afloraram de sob a sandália.

Jacó, sem deixar de olhar para mim, apurou o olfato, confuso. Pensei que ia desmaiar. A potência do laser de gás – capaz de furar uma prancha de aço de treze milímetros em quatro segundos – havia destroçado aquela área do tapete.

Lívido, retrocedi. Que podia eu fazer? O bom do Jacó, ao descobrir a seus pés a fumacinha e a perfuração, encolheu-se contra a parede e, erguendo a vista, procurou a origem do fogo nas escuras vigas do teto. Não achando nada, girou a cabeça de um lado para o outro, com o mesmo nulo resultado. Então,

entreabrindo os lábios, pousou os seus esbugalhados olhos nos meus e uivou:

– Fogo!

O abraço familiar acabou ali. Maria e os demais precipitaram-se sobre a porção da esteira que eu, em uma nova e desesperada tentativa, procurava sufocar. Quis o céu que, por fim, o chamuscamento cedesse. Mas não o cheiro. Tiago e as mulheres, agachadas ao redor da queimadura, não conseguiam entender o sucedido. Maria, porém, depois de um minucioso exame do orifício, buscou-me com o olhar. Empalideci. Mas do susto e da perplexidade minha “cúmplice” passou a uma radiante paz. Não perguntou o porquê. Piscando-me um olho, sorriu feliz, certa de que meu “poder e presença” eram a melhor proteção para ela e os seus. Também não fiz comentários nem me aventurei a explicação ou desculpa alguma. Era melhor assim. Maria bateu palmas, reclamou a atenção geral e, retomando o fio da exposição iniciada por seu filho, disse:

– Tenho algo a dizer-vos...

Comecei a tremer. Será que ela havia esquecido nosso segredo?

– ... É possível que nos tenhamos precipitado. Jesus esforçou-se por ensinar-nos algo que agora, levados pelo medo e pela raiva, estivemos a ponto de esquecer: deixemos que se faça a vontade do Pai dos céus. – E, tomando o braço de Tiago, acrescentou condescendente: – É certo que devemos permanecer alertas, mas, sobretudo, confiemos... O espírito do meu Filho, vosso Irmão, está conosco. Ele e seus anjos – e o olhar sereno da mulher fundiu-se com o meu – nos acompanham e protegem.

Todos, a uma só voz, aprovaram suas sensatas palavras. E de mútuo acordo, com o beneplácito de Tiago, traçaram um plano simples: esperariam. E em silêncio, sem novas manifestações, nem públicas nem reservadas, acerca da ressurreição ou das visões. Velhos conhecedores da volúvel idiossincrasia da aldeia, confiavam em que, sem tardança, as águas voltassem ao seu leito e cada qual pudesse reiniciar sua vida e seu trabalho. Uns e outros, a exceção de Tiago, trataram de convencer-se mutuamente da “bondade e boa-fé da população”. Só tinham de ceder e mostrar-se cautelosos. De modo algum deviam infringir as determinações do sumo sacerdote e seus sequazes.

Essa postura era lógica e compreensível... naquele momento. Entre outras razões, porque ignoravam o que ia acontecer poucas horas depois e especialmente na manhã do sábado, 29. Excetuando a aparição a Tiago, em Betânia, na qual o Ressuscitado lhe comunicou “algo” muito específico e que o irmão não desejava revelar, nas restantes “visões” conhecidas Jesus se havia limitado a desejar a paz, constatar seu novo e prodigioso “estado” e ministrar uma série de conselhos, mais ou menos abstratos e difusos.

Para dizer a verdade, quase ninguém no grupo sabia a que se ater. Só o fogoso Pedro havia feito uma tentativa malsucedida de lançar-se aos caminhos e proclamar a boa-nova da Ressurreição. Quem dos ali reunidos podia suspeitar que num prazo de vinte e três dias, durante a tradicional festa de Pentecostes, o Mestre voltaria a falar-lhes e que, a partir de então, nada seria igual? Mas a informação, até o momento, era de minha exclusiva propriedade. Para Maria e sua gente, tais acontecimentos não existiam. Só contava o presente. Para muitos crentes de hoje semelhante atitude da impropriamente chamada “família sagrada” é pouco crível ou irreverente. Nesse caso esquecem que aqueles homens e mulheres eram, sobretudo, humanos e sujeitos às pressões de uma vida que “continuava apesar de tudo”. A história – não sempre – desfruta a vantagem proporcionada pelo tempo. O mal é quando a história não abrange e não contabiliza “todo o tempo”. E aqueles dias de final de abril do ano trinta tampouco aparecem na medíocre “história” dos Evangelhos..

Mas, voltando a esse meio-dia, recordo que, enquanto a Senhora e seus filhos traçavam, iludidos, “seus” planos de paz, o silencioso Tiago, inexplicavelmente, negou-se a participar da última fase das conversações. Afastou-se para a borda da plataforma e ali ficou, cabisbaixo e atento aos bem-intencionados mas utópicos desejos de sua família. Não me sentia capaz de racionalizar mas “algo” – a intuição, quem sabe – me dizia, me gritava, que Tiago “sabia o que estava a ponto de acontecer”. Teria Jesus predito a ele o que aconteceria dentro em pouco com sua mãe? Seria este o conteúdo da misteriosa “revelação” recebida na aparição de Betânia? Aquele era outro assunto que estimulava minha curiosidade e eu tinha de imaginar algum meio para tirar dele a revelação...

Pouco antes das três da tarde (hora nona), esboçado o plano a seguir nos dias imediatos, Tiago e a esposa saíram pela porta principal. Ismael e o ancião haviam desaparecido. A rua continuava deserta e isso não era normal, freqüentada que deveria estar como qualquer outra. Desembainhou a espada e, depois de uma inspeção em ambos os extremos da rampa, passou o braço direito pelos ombros de Esta e rumou para o bairro alto. Sua missão era controlar João de Zebedeu e dar-lhe a conhecer as resoluções adotadas no conselho familiar, as quais também lhe diziam respeito. Feito isso, voltariam à casa de Maria, se possível com o Zebedeu. Mas as coisas não se passariam tão simplesmente...

Cumprindo as severas ordens do cunhado, Jacó regressou ao terraço. Ao menor sinal de ameaça, a família deveria fugir pelos fundos da casa e, se possível, procurar a casa de Tiago. Inquietas a princípio, Maria e as filhas foram recobrando uma relativa calma. Sentei-me junto a elas, coloquei a “vara” nos

meus joelhos e pedi à Senhora que continuasse o interrompido relato sobre os anos jovens do seu Filho. Ruth e Míriam, que já haviam presenciado algumas das minhas longas conversas na fazenda de Lázaro, em Betânia, acolheram aquelas reminiscências como um bendito e relaxante bálsamo, que temporariamente as faria esquecer as recentes amarguras.

E quando a Senhora, depois de acomodar-se à minha esquerda, se preparava para falar, a curiosa e imprevisível Ruth pousou as mãos sobre a rocha circular que servia de mesa e me perguntou abruptamente:

– E tu, Jasão, por que nunca carregas espada?

Fiquei desconcertado. A sutil observação – raro era o comerciante ou homem de negócios que não trouxesse algum tipo de arma – exigia uma resposta não menos refletida. Maria e eu nos olhamos. E foi ela que se adiantou:

– Filha, este homem... – hesitou um segundo. Observou-me de esguelha, feliz com o seu “segredo”, e prosseguiu – ... também está armado.

A caçula, incrédula, inclinou o corpo e examinou meu cinturão e o cajado. Fez um sinal negativo com a cabeça e corrigiu sua mãe:

– Vejo apenas um cajado...

A Senhora sorriu-lhe benevolmente.

– As armas de Jasão, querida, são as mais poderosas, eficientes e seguras...

Ruth abriu ao máximo o verde do seu olhar. Sua mãe jamais mentia. E eu, surpreendido ante a magnífica definição da natureza dos sistemas defensivos da “vara de Moisés”, aguardei o final da frase com intensa curiosidade.

– ... porque não matam, não ferem, não danificam. Só proporcionam confiança...

Nem Ruth nem eu entendemos de todo.

– ... Jasão, meu esquilincho, como teu Irmão, leva no cinto a “arma” da confiança no Pai.

Sentime inclinado a negar. Tomara este pobre explorador desfrutasse semelhante “arma”!

– Então – observou a jovem, a quem todos em Nazaré conheciam como “o pequeno esquilo” – tu também és um homem de paz...

Nisso eu estava de acordo. E, fazendo minha uma frase de Byron no seu *Don Juan*, formulei minha idéia das guerras e da violência:

– O sangue, minha filha, serve somente para lavar as mãos da ambição.

Aproveitando o tema, e partindo do exemplo dos “íntimos” do Mestre – quase todos armados –, perguntei à Senhora se Jesus alguma vez havia empunhado uma arma.

Hoje, ou em qualquer momento da história dos últimos dois mil anos, a pergunta causaria escândalo. Maria, ao contrário, acostumada aos *gladius* – até

mesmo nas faixas de seus filhos –, replicou sem repugnância ou pasmo:

– Houve um tempo – rememorou com tristeza – em que lhe foi oferecida a espada. E eu, tola, animei-o a usá-la...

Eu sabia alguma coisa dessa interessante passagem da juventude de Jesus mas, em benefício da ordem cronológica, e no meu próprio, dei por encerrado o tema, pedindo à Senhora que remontasse a uma das datas-chave na vida do Filho do Homem: 25 de setembro do ano 8, um mês e quatro dias após completados os seus catorze anos...⁵³

Como foi escrito neste diário, a partir daquela terça-feira a nave da jovem e promissora vida de Jesus viu-se açoitada por novos e fortes ventos. Sepultado seu pai, o jovem, nos seus catorze anos recém-feitos, não teve opção. Todos os projetos – os seus, os de sua mãe e os da esperançada aldeia – foram inumados com o cadáver de José. E a Providência, sempre sábia, forçou-o a “barlaventear contra si mesmo”. Suas cada vez mais lúcidas idéias para “revelar aos homens a maravilhosa realidade de um Pai celestial” terminaram recolhidas – mas não mortas – ao mais íntimo do seu ser. E Jesus viu-se diante de uma família numerosa que lhe cabia alimentar, educar e tocar para diante.

Trocando impressões com Maria e os seus sobre essa profunda reviravolta, vim a saber algo que me emocionou e que, omitido pelos evangelistas, não pôde ser apreciado em dois mil anos. A maioria dos crentes e não-crentes supõe ou imagina um Jesus perfeitamente protegido em sua infância e juventude por pais que, à sua maneira, teriam suavizado a existência do Filho do Homem. E que, “chegada sua hora” – continuam supondo os homens e mulheres que não o conheceram –, se despediu de Nazaré e se lançou à pregação que, mais mal do que bem, nos foi transmitida. Grave erro. Jesus de Nazaré quase não teve adolescência. Se uma das missões da sua encarnação foi “experimentar por si mesmo a vida de suas criaturas”, sabe Deus que, a partir daquele 25 de setembro, conseguiu-o com sobras. Essa misteriosa Providência “torceu” até os “sonhos” de um Deus, que não sabia que o era, em benefício do enriquecimento moral de um homem. E, como milhões de humanos, teve de submeter-se à disciplina da miséria, da solidão e do medo. Pode-se bem falar de um Jesus “anterior” à morte de seu pai e de “outro”, forçosamente diferente, que surgiria após o desaparecimento de José.

E, como ocorre com os bravos, refeito da surpresa, longe de humilhar-se, assumiu seu novo papel, tomando as rédeas do entristecido e desolado lar. E na aldeia já ninguém acalentou a possibilidade de o ver convertido em “rabino de Jerusalém”. Estava escrito: Jesus não seria discípulo de ninguém.

– O golpe foi tão inesperado – prosseguiu a Senhora com a serenidade que só o tempo faculta – que precisamos de meses para nos refazer. José havia ido

sem falar-nos. Sem dar-nos a bênção. Os ferimentos, mortais, lhe arrebataram a vida antes que eu chegasse a Séforis. E, apesar do consolo da gente da aldeia, a casa já não era a mesma.

Quando lhe perguntei em que lugar repousavam os restos do seu marido, respondeu com um mecânico e impreciso movimento de cabeça. Deduzi que se referia à colina. Em minha agenda figurava também um giro de inspeção pelas encostas e pelo cume do Nebi. E me propus a localizar a sepultura de José.

– Compreendes, amigo Jasão, por que minha família continua confiando nos moradores de Nazaré?

Não percebi muito bem o que queria dizer.

– ... Em tão dramáticos momentos muitos deles nos abriram as portas, ofereceram-nos o pouco que tinham e nos deram consolo e amizade. Isso não se esquece.

– Mas – pressionei apontando para a rua –, esta manhã...

Ainda admitindo que me assistia a razão, a nobre Maria insistiu:

– Esses, uns poucos, alegraram-se com a morte de José e agora com a de Jesus... – E dirigindo-se a suas filhas acrescentou taxativa: – Conhecemos seus nomes e o porquê do seu mesquinho comportamento. Mas não são todos assim.

Míriam e Ruth concordaram. E eu fiquei tentado a interrogá-las acerca de ambos os assuntos: a identidade dos agressores e as razões da sua cólera. Mas não quis interromper a narração e decidi esperar e comprová-lo por mim mesmo.

– Os laços entre a aldeia e a nossa família se estreitaram de tal forma que, durante aquele inverno, era rara a noite em que a casa não se via invadida por pessoas que vinham para nos fazer companhia, para escutar Jesus em suas habituais leituras das Escrituras ou simplesmente para desfrutar sua música.

De fato, naqueles dias difíceis, o jovem Jesus combateu sua amargura refugiando-se em casa e em sua harpa. Eu tinha conhecimento da existência desse pequeno instrumento musical – provavelmente um *kinnor* –, desde minhas conversas em Betânia. E, para dizer a verdade, não sei explicar por quê, desde o primeiro momento sentime atraído por ele. Tinha de descobrir onde se achava e o que havia sido do amável “companheiro” do Mestre... Esta obsessiva busca da harpa me levaria, logo mais, a uma situação das mais penosas em que me vi envolvido em toda a aventura palestina... Mas vamos por partes. Ao escutar a palavra “música”, interrompi minha confidente e perguntei pelo paradeiro do velho instrumento. Maria, porém, não pôde ajudar-me. Nem ela nem suas filhas haviam voltado a vê-lo. Quando a falta de recursos os encurralou, o próprio Jesus renunciou ao *kinnor*, “vendendo-o pela mísera quantia de um par de denários de prata”.

– E isso, querido e curioso amigo – sentenciou a Senhora dando por

terminado o assunto –, faz já muitos anos...

A fugaz alusão ao dinheiro deu-me oportunidade para perguntar sobre outro capítulo, ainda que prosaico, não menos importante: em que situação havia deixado José a família?

– Boa, Jasão... Meu marido havia economizado uma quantia substancial. E disso fomos vivendo. Meu filho se revelou um prudente administrador. Era generoso mas econômico. Além disso, tal como estabelece a lei, imaginamos que o governador de Séforis fixaria uma soma importante a título de indenização...

Nesse ponto a Senhora esboçou um sorriso irônico. Tal indenização, reclamada algum tempo depois por Jesus ao tetrarca da Galiléia, o tristemente célebre Herodes Antipas (“a velha raposa”), não chegou jamais. E esse novo “golpe” precipitaria “outros acontecimentos”.

– ... Por não contarmos com esse dinheiro, que nos era devido com justiça, tudo desmoronou. Antes de um ano, os fundos acumulados por meu esposo se esgotaram. E não tivemos outra opção a não ser pôr à venda uma das casas de propriedade de José e do pai de Jacó. Isso nos permitiu um certo alívio. Mas nosso destino estava escrito com a tinta da pobreza.

Corretas palavras as de Maria. Se a existência de Jesus e a dos seus podia qualificar-se, até então, de “medianamente acomodada”, ao entrar em seu décimo quinto aniversário se afundaria no poço da miséria. Os crentes que “vestem” Jesus de Nazaré de “pobre” não sabem até que ponto estão certos. O Mestre experimentou também o gélido hálito da pobreza e talvez uma coisa pior: a impotência ante a pobreza dos que dependiam dele.

Tenho passado muito tempo meditando sobre esses angustiosos meses do Filho do Homem. Como foram ineptos os evangelistas! Pode haver uma imagem mais próxima, humana e exemplar na vida do jovem Jesus? Será que essa etapa da sua existência terrena não merecia umas linhas? Qual foi o cenário em que teve de mover-se o Galileu nos começos daquele ano 9? Só de o imaginar estremeço: uma mãe abatida e grávida, sete irmãos para alimentar e, como bagagem, catorze anos!

Na noite de 17 de abril chegaria ao mundo a filha póstuma de José, “o pequeno esquilo”. Ao rememorar o acontecimento, Maria uniu-se a Ruth em sentimento de cálida melancolia. Durante alguns segundos falou o silêncio. E creio que o decifrei. Aquela temerosa criatura, que não conheceu o pai, teve a fortuna e o infortúnio de surgir no lar de Nazaré no meio da mais tormentosa crise. “Infortúnio” porque as condições materiais não podiam ser mais desfavoráveis. “Fortuna”, porque na ausência de José, encontraria em seu Irmão o mais doce, paciente e amoroso “pai”.

Quando interroguei a pequena ruiva sobre suas lembranças, as mãos da mãe e da filha foram tocar-se no centro da mesa de pedra. E se entrelaçaram muda e eloqüentemente. Mas Ruth não quis responder-me. Compreendi sua recusa. Era o seu “tesouro”. E Maria, piscando-me um olho, pediu-me paciência. A certa intuição da mãe não se enganou. Aliviando minha frustração, a Senhora desviou a conversa para um tema que provocaria a hilaridade das filhas.

– Foi o brinquedo da casa, Jasão. Deus, bendito seja seu nome, quis suavizar nossa tristeza e nos enviou Ruth. Foi um terremoto. Tudo ela removia e mordiscava. Seu lugar favorito era a oficina de Jesus. Cada vez que eu me distraía, ela me escapava engatinhando e se perdia no meio da serragem...

Ao contar as diabruras “do pequeno esquilo”, voltou a cabeça para o descuidado quartinho às minhas costas. Comecei a compreender.

– Então – interrompia com a voz trêmula de emoção – esse lugar sujo...

A Senhora recebeu mal o comentário.

– Sujo?...

Intempestivamente, como sempre, tentei corrigir. Mas Maria, atingida em seu orgulho de dona de casa, não me permitiu.

– Vou dizer-te algo que também não sabes, Jasão.

Seu tom, firme e sem contemplação, fez-me pressagiar uma revelação secreta.

– ... Quando meu filho abandonou definitivamente Nazaré, “sua” oficina de carpintaria (essa que viste) ficou tal qual... por expresso desejo de Maria, “a das pombas”. E assim continuará. Tu não podes saber com que coragem, com que tenacidade, com que suor trabalhou Jesus nesse “sujo quartinho”...

Fiquei rubro de vergonha.

– ... para sustentar seus irmãos. Enquanto os outros jovens da aldeia desfrutavam seu tempo livre, ele se aferrava cegamente ao seu banco. Benditas teias de aranha! Não quero esquecer o passado, Jasão...

Movi os lábios na tentativa de desculpar-me. Não me deixou. Descarregadas as suas emoções a Senhora calou-se. E eu, no fundo, agradeci a involuntária indiscrição.

– ... Com o décimo quinto aniversário à porta, madrugava comigo. E se fechava na “suja oficina” – sua mordacidade era temível – até depois do ocaso. A princípio eu entrava e o repreendia. Tive de render-me. Desde então, cada vez que o importunava, era para oferecer-lhe uma caneca de leite ou animá-lo com um beijo. E tanto esforço... para quê?... Sabes qual foi seu ganho diário até que completou os dezesseis anos? Às vezes não chegava a vinte e quatro asses...

Fiz cálculos mentais. Tendo em conta que uma libra de carne oscilava ao redor dos dois asses e que o número de bocas a satisfazer era de dez, a margem

não era muito tranquilizadora.

– Que angústia, Jasão! Antes que o ano findasse tivemos de recorrer à dolorosa alternativa de vender as pombas de que Tiago cuidava. Minhas queridas pombas! Mas Jesus era empreendedor. E no meio de toda a nossa miséria, e contra a minha vontade, empenhou-se em adquirir uma vaca. Era ousado e obstinado como seu pai...

– E como sua mãe – emendou Míriam com excelente tino.

Maria sorriu, intimamente lisonjeada pela observação da sua filha mais velha.

– Eu nunca soube como se arrumou para pagá-la. O caso é que logo depois tive de reconhecer seu acerto. E Míriam, toda manhã, com frio, calor, água ou gelo, se encarregava da venda do leite. Ainda assim, as coisas não melhoraram. Os impostos, no ano seguinte, nos afundaram definitivamente. Meio siclo para a escola-sinagoga, outro meio para o templo... Enfim, o desastre. E para cúmulo, essa víbora...

Minha surpresa não passou despercebida para a Senhora.

– Escutaste direito: víbora. Esse saduceu hipócrita que rasgou suas vestes, e que em tempos foi mestre de Jesus, ameaçou executar-nos se não pagássemos as taxas. E, rancoroso, com o único fito de ferir meu Filho, mencionou a harpa...

O quebra-cabeça, com as palavras “ódio” e “Ismael”, começava a encaixar lentamente.

– Sabes como respondeu Jesus aos rompantes dessa serpente?

Como podia eu saber...

– ... No dia em que completou o décimo quinto aniversário apresentou-se na sinagoga e fez doação do seu querido exemplar da tradução grega das Escrituras. Quando, indignada, perguntei-lhe por que o havia feito, respondeu piscando-me um olho: “Mãe, ceder a tempo é vencer”.

E ainda que as necessidades do lar se vissem drasticamente restringidas durante meses, o esforço coletivo – as vendas de leite de Míriam, os esporádicos trabalhos de Tiago no armazém de aprovisionamento de caravanas, agora de propriedade de um irmão de José, a roupa fiada e costurada por Maria e a diária do jovem carpinteiro – acabou por dar seus frutos. E a família, bem ou mal, iniciou uma lenta recuperação. Graças à mediação de seus parentes, Jesus conseguiu que lhe cedessem uma porção de terra na encosta norte do Nebi. E, cheio de ilusão, a dividiu em pequenos hortos, encarregando do seu trato os demais irmãos. E o contrato de parceria lhes proporcionou, se não dinheiro, ao menos um complemento à dieta diária.

– A fantasia juvenil do meu filho – continuou a Senhora –, adormecida em parte pelas vicissitudes da dura luta pela subsistência, voltou a brilhar

fugazmente. Ao ver trabalhar seus irmãos entre legumes e hortaliças, confessou-me que gostaria de dispor algum dia de uma granja própria. Já vêes que o destino lhe reservava outros planos...

Ah, Jesus, consolo dos idealistas frustrados!

– ... E talvez o houvesse conseguido, Jasão.

– Jesus agricultor?

Maria assentiu com a cabeça. E me deu uma nova prova das enigmáticas tramas da Providência.

– Adivinha quem jogou por terra as ilusões do meu filho?

Não era fácil. Pensei no saduceu. Ou seria a própria Maria?

– ... “A raposa”. Esse malnascido...

– Quem? – perguntei sem atinar de pronto.

– Herodes Antipas...

E a mulher, que não se calava quando estava com a razão, relatou-me o interessante e decisivo encontro entre o filho de Herodes, o Grande, na época dono e soberano daquelas terras, e o rapazinho de Nazaré. Tudo indicava que por ocasião da morte do empreiteiro de obras, o tesoureiro do conselho de Séforis, capital da Baixa Galiléia, devia a José vários salários. Esses salários, mais a indenização por morte em acidente de trabalho, teriam permitido à família a compra da granja. Mas o funcionário em questão ofereceu uma quantia ridícula que certamente a família recusou. E os irmãos de José apelaram para o próprio tetrarca. Quando, por fim, Herodes recebeu Jesus e seus parentes no palácio de Séforis, sua decisão arruinou os sonhos do carpinteiro. “Que venha o morto – ironizou o corrupto Antipas – e reclame.” E o primogênito regressou à aldeia com a angústia própria do injustiçado. A partir de então perdeu sua confiança em Herodes. E a Providência, como eu disse, obrigou-o a “sonhar” em outra direção.

– Dentro em poucos dias – acrescentou orgulhosa –, Jesus havia esquecido Antipas. E, devagar, medindo cada *lepta*, conseguiu o que eu não teria conseguido em anos. Seus trabalhos de carpintaria agradavam, em especial as cangas. Os camponeses e os caravaneiros os disputavam. Dessa forma, ao completar os dezessete anos, havia reunido três vacas, quatro carneiros, um burro, uma boa quantidade de galinhas e um cão.

– Um cão?

A alusão, inesperada, conduziu-nos a um terreno que não agradou a Ruth.

– Ele gostava dos animais?

– Sempre gostou – respondeu Maria. E depois de recordar a paixão de Jesus menino por um dos gansos da granja de seu irmão, pediu a Ruth que falasse de Zal. Ao ouvir esse nome, a jovem, sobressaltada, baixou os olhos e rompeu a chorar. Fiquei surpreso. Quem era Zal? E antes que a Senhora tentasse consolá-

la, Ruth se retirou da mesa e foi refugiar-se na escuridão da oficina. Míriam esboçou um gesto de levantar-se para ir ajudar a irmã, mas Maria, conhecendo a extrema sensibilidade da filha mais jovem, recomendou-lhe que a deixasse só.

– Zal – esclareceu Míriam – foi um dos melhores amigos de Ruth... e de Jesus.

Interessei-me vivamente por essa nova personagem. Pedi maiores informações e a Senhora, em sua intuição, apressou-se a desfazer o que sem dúvida estava ameaçando converter-se em um lamentável equívoco.

– Jasão, nada de precipitação... Zal não era um ser humano, ainda que às vezes demonstrasse maior nobreza, lealdade e inteligência do que muitos que se dizem homens. Jesus não te falou dele?

– Eu não me esqueceria...

– Zal foi um belo cão, inseparável companheiro do meu filho em seus últimos anos.

A revelação surpreendeu-me realmente. Nem remotamente imaginara o Mestre afeiçoado a um cachorro... Mais ainda. Pelo que eu já havia observado e pela informação registrada em nosso banco de dados, o cão, em geral, não era bem-visto pela sociedade judia⁵⁴. Eles eram considerados sarnentos, desprezíveis e perigosos. E ainda que a maior parte das vezes não se tratasse do *canis familiaris* e sim de chacais, lobos, cães selvagens ou um produto de cruzamento de uns com outros, a verdade é que, segundo a lei, “só os cachorros eram admitidos na casa dos hebreus”. Uma norma, claro, que só respeitavam os muito ortodoxos... O povo, em especial o do campo, sabia aproveitar as muitas qualidades desses animais.

Uma vez mais, aquele gigante havia pregado com o exemplo, colocando-se ao lado da Natureza. Mas o instinto me levou a encurtar a história de Zal. E agora me alegro com isso. A figura desse cão, ignorada pelos “textos sagrados”, chegou a comover-nos. Se houvesse buscado entrar em detalhes naquele momento certamente eu teria destinado menos tempo ao objetivo fundamental da missão em Nazaré.

Antes de avançar nesse crucial ano 9 expus-lhes duas questões que não me pareceram claras. Em primeiro lugar, se os ganhos estavam tão reduzidos como afirmava a Senhora, como entender que a família pudesse adquirir “três vacas, quatro carneiros e um asno?”

Maria, que apreciava a sinceridade, aceitou de bom grado minha observação.

– Talvez me explicasse mal. A princípio não foram comprados, mas alugados. O burro, à razão de três denários de prata por mês; as vacas, algo menos...

A segunda dúvida, menos embaraçosa, foi solucionada com a mesma simplicidade.

– Não, Jasão, meu filho não perdeu seu interesse pelas novidades que sempre traziam os viajantes e as caravanas. Mas, como compreenderás, seu trabalho na oficina não lhe permitia freqüentar o armazém de aprovisionamento e a pousada. E tratou de aproveitar as contínuas idas de Tiago àqueles dois lugares e as numerosas visitas de seus clientes, para informar-se do que acontecia no exterior.

– Não teria sido mais cômodo e rentável montar a carpintaria no bairro dos artesãos?

A Senhora parecia esperar pela pergunta.

– A família de José lhe aconselhou isso em diversas ocasiões. Sempre se negou. Dessa forma (dizia) podia velar a todo o tempo pela segurança dos seus irmãos e pelas minhas próprias necessidades.

Era curioso. Quem teria suspeitado que o simples carpinteiro se sentia tão atraído pelas notícias e acontecimentos do mundo? O Filho do Homem foi, é e continuará sendo uma inesgotável e fascinante fonte de surpresas para mim...

E, dado que menciono o título de Filho do Homem, bom será que eu não esqueça que justamente naquele ano se produziria a “descoberta” de tão acertada denominação. Mais de uma vez eu me havia formulado a pergunta: De onde procedia? Como e por que surgiu a designação de “Filho do Homem ou dos Homens”? Teria sido outra hábil inventiva pessoal do Mestre? Ou talvez se devesse a uma luminosa revelação de algum dos seus discípulos?

Tiago, em Betânia, encarregou-se de tirar dúvidas. E agora Míriam e sua mãe confirmavam. Foi no decurso do ano 9 que, em uma de suas periódicas visitas à biblioteca da sinagoga, “tropeçou” com um texto que o impressionou vivamente.

Todavia, para adquirirmos uma noção exata do valor intrínseco de semelhante achado, convém dedicar primeiro umas reflexões acerca da complexidade das questões que fervilhavam naquele momento na mente humana do adolescente de Nazaré. Por um lado – não devemos esquecer –, sua mãe se havia encarregado de recordar-lhe que “era o Filho da Promessa”. Em outras palavras, o futuro Messias ou Libertador de Israel. Ao mesmo tempo, ainda que muito gradualmente, a inteligência do jovem ia “despertando” ou “tomando consciência” de “outra realidade” que nada tinha que ver com as muito humanas pretensões de Maria. Para cúmulo, Jesus crescia em uma Palestina dominada como nunca pela crença na iminente chegada do Messias.⁵⁵ Todavia, quase de forma natural, o jovem carpinteiro havia ido forjando um plano que não guardava semelhança com os sonhos nacionalistas e patrióticos da Senhora, nem

mesmo com o denominador comum das crenças populares. Durante vários anos, por força mesmo desse ambiente, Jesus, confuso, hesitou. Seu irmão Tiago e o próprio Jacó, que viveram de perto o nebuloso conflito no coração do jovem, foram os encarregados de mostrar-me as chaves. Maria, para ser franco, não estava muito a par. Seus confrontos dialéticos com seu filho terminariam por selar os lábios de Jesus. O futuro rabi da Galiléia estudou a fundo as Escrituras e quantas profecias guardavam relação com o Messias. Concluída a “investigação”, o jovem estava praticamente convencido de que “aquele não era seu destino”. A “chamada interior” que o alimentava e mantinha não falava de “conduzir exércitos ou resgatar o trono do rei Davi”. Ele era um libertador, sim, de outra natureza, porém. Estava convocado para “educar”, mas longe do silvo das flechas. Talvez ele fosse o “anti-Messias”...

“Entretanto, as coisas não eram tão simples como hoje podemos imaginar, privados que estamos destas sutis informações. Esse processo, insisto, não foi espontâneo. Levou seu tempo. E, sobretudo, não deve ser confundido com “outra passagem”, infinitamente mais grandiosa: a aquisição, por parte do Jesus homem, da plena consciência de sua divindade. Isso ocorreria anos depois...

Não podemos nem devemos enganar-nos: a influência de sua mãe no capítulo messiânico foi importante, fazendo adormecer durante um tempo as chamadas interiores do adolescente. Ele repetiu muitas vezes: “Devo ocupar-me dos assuntos do meu Pai”. Todavia, a Senhora – que cultivava na alma a promessa de Gabriel – confundiu os termos e deixou confuso seu filho. Nem Tiago nem Jacó se atreveram a confessá-lo mas estou certo de que, durante os primeiros anos, movido pelo entusiasmo da mãe, Jesus pôde chegar a crer que de fato era o Ungido. Os argumentos da Senhora, fundados no que lhe havia sido revelado junto àquela mesma mesa de pedra e nos minuciosos dados constantes das Escrituras acerca do Messias, estavam corretos. O Libertador – rezavam esses textos proféticos – nasceria da estirpe de Davi. Ela o era. Isaías o disse em seu capítulo XI, ao falar do futuro rei.⁵⁶ Outros anunciavam que seria “filho de José”. Jesus o era. E será chamado “Emanuel” ou “Yaveh sidqenu” (“Yesua” ou “Deus conosco”), segundo Isaías ou Jeremias, respectivamente. Esse era Jesus... Diante de tanta coincidência, que podia pensar Míriam, “a das pombas”? E o coração daquela brava e patriótica galiléia se identificou plenamente com um dos salmos apócrifos de Salomão (o XVII) no qual se retrata o Messias. “Esse rei, filho de Davi, suscitado por Deus para purificar Jerusalém dos pagãos, puro de todo pecado, rico de toda sabedoria, depositário da Onipotência, quebraria o orgulho dos pecadores como um caco de argila, enquanto reuniria o povo santo e o governaria com justiça, paz e igualdade...”

Lembro-me de que naquela tarde, ao explicar à Senhora meu interesse por

estes delicados capítulos da juventude de Jesus, ela baixou os olhos, sentida consigo mesma, confessando “sua cegueira”.

– Agora compreendo – murmurou sucumbida ao peso de uma “culpa” que carregaria até a morte – o porquê dos seus solitários passeios pelo monte e sua negativa a dialogar comigo sobre essas questões... – suspirou, lamentosa. – ... Minha teimosia e “ares de grandeza” (imagina, Jasão, eu, a mãe do Libertador!) o forçaram a um mutismo quase total. Durante muito tempo não consegui arrancar-lhe uma única opinião sobre o mundo, sobre minha aldeia ou sobre a decantada vinda do Messias. Olhava-me em silêncio, com certa tristeza nos olhos, e se perdia nessa “suja oficina”... Eu sabia das suas inquietações, dos seus blasfemos desejos de falar cara a cara com “seu Pai” e suponho que, para não me magoar, escolheu o mais difícil: carregar ele só sua pesada luta interior. Na aldeia, esta forma de ser de Jesus, nada comum, não passou despercebida. E muitos dos seus amigos e conhecidos o acusaram de “fútil”.

– Mas – atrevime a observar –, não havia ninguém a quem pudesse confiar seus pensamentos e atribulações?

Míriam e sua mãe se entreolharam tristemente.

– Supomos que não... Era um adolescente, Jasão!

E de novo arrisquei-me a parecer indiscreto.

– E quanto a Jacó ou Tiago? Que me dizes?

Os olhos de Maria se encenderam. E recebi o que merecia:

– Não perguntes o que já sabes... Neste e em outros assuntos tu, anjo dos demônios, sabes mais do que nós.

A Míriam não passou despercebida a observação de sua mãe. Depois de um exame curioso de toda a minha aparência como só as mulheres sabem fazer, pediu a Maria que explicasse aquilo. Mas a Senhora, sem se alterar, contornou a perigosa curiosidade da jovem e limitou-se a dizer o que era rigorosamente certo: “Aquele grego anônimo havia sabido conquistar o coração de Jesus, mantendo com Ele longas conversações, e por isso sabia coisas que elas ignoravam”.

– Então – surpreendeu-me Míriam – é certo que desejas escrever a história de meu irmão...

Nunca pude saber de onde havia tirado tão bela idéia. Mas, ao “regressar ao meu mundo”, a misteriosa e providencial observação da jovem foi decisiva no momento de iniciar o trabalho que tenho em mãos.

Concordei, guiado em boa medida pelo interesse. E, trabalhando em causa própria, recordei-lhes que para conseguir realizar minha missão precisava de todos os seus segredos e lembranças. E com essa justificativa retomei ao ponto do grande achado do título de “Filho do Homem”. E isto foi o que fiquei

sabendo:

“Nesse ano 9, como havia começado a relatar, a Providência conduziu o ainda indeciso carpinteiro até um dos rolos depositados na sinagoga: o *Livro de Enoch*. E ainda que fosse público e notório que esse manuscrito poderia ter um caráter apócrifo, Jesus o leu e releu, impressionado por uma de suas passagens. Nela aparecia a expressão “Filho do Homem”. O autor falava com precisão, retratando um Homem que, antes de descer ao mundo para iluminá-lo com sua palavra, havia atravessado os umbrais da glória celestial, em companhia do Pai Universal, “seu” Pai. E dizia também que o “Filho do Homem” havia renunciado à sua majestade e grandeza em benefício dos infelizes e perdidos mortais aos quais ofereceria a revelação da filiação divina. E o coração do adolescente vibrou como poucas vezes o havia feito. Dentre as profecias e referências messiânicas, aquela era a que mais se aproximava de suas íntimas inquietações. E aos catorze anos Jesus de Nazaré fez a si mesmo a firme e secreta promessa de adotar para si tão formoso título. Certamente, e eu fui uma testemunha privilegiada, o Mestre tinha a faculdade infalível e invejável de reconhecer a verdade onde estivesse, sob qualquer roupagem que vestisse...

E chegou o dia 21 de agosto...

Como eu disse, as peças do quebra-cabeça do ódio e da inveja continuavam a encaixar-se. Quando Jesus completou quinze anos, o então chefe da sinagoga de Nazaré – Ismael, o saduceu – apressou-se a movimentar uma nova peça no tabuleiro do seu coração de hiena. Vejamos como ocorreu.

Nesse dia Jesus foi autorizado a dirigir o ofício de sábado. (A lei permitia aos varões livres de Israel, após os doze ou treze anos, a leitura da sagrada Torá – o Pentateuco – nas sinagogas.) E ainda que o adolescente já houvesse lido as Escrituras em outras oportunidades, naquele momento, no *sabbat* seguinte ao seu aniversário, ao ser requerido oficialmente pelo conselho, o ato ganhava uma solene significação. A aldeia inteira estava reunida na *bethhakeneseth*. O jovem, vestindo sua branca túnica de linho, presente de Maria, dirigiu-se aos assistentes lendo uma passagem especialmente escolhida por sua simbologia:

– “O espírito do Senhor Deus está em mim, já que Ele me ungiu e enviou para levar aos bondosos a boa-nova, para curar aqueles que sofrem, para anunciar a liberdade aos cativos e abrir os cárceres aos prisioneiros. Para proclamar o ano em favor do Eterno e um dia de vingança para o nosso Deus. Para consolar os aflitos e dar-lhes o óleo da alegria em lugar do luto e um cântico de louvor em vez de um espírito abatido, com o fim de que sejam chamados árvores de retidão, plantadas pelo Senhor e destinadas a glorificá-lo...

“Buscai o bem e não o mal, para que vivais e para que o Senhor, o Eterno dos Exércitos, seja convosco. Odiai o mal, amai o bem. Estabelecei o julgamento

justo nas assembléias da porta. Talvez o Senhor Deus use de sua graça com os restos de José.

“Lavai-vos e purificai-vos. Tirai a maldade em vossas ações ante meus olhos. Cessai de fazer o mal e apreendei a fazer o bem. Buscai a justiça, aliviad o oprimido. Defendei o que já não tem pai e protegei a causa da sua viúva.

“Como me apresentarei diante do Senhor? Como me inclinarei diante do Deus de toda a Terra? Terei de ir ante Ele com holocaustos, com bois de um ano? O Senhor gozará com milhares de carneiros reprodutores, com dezenas de milhares de carneiros ou com rios de azeite? Daria o meu primogênito pela minha transgressão ou o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma? Não, porque o Senhor nos ensinou o que é bom. Que vos pede o Senhor? Unicamente serdes justos, amardes a misericórdia e caminhardes humildemente para Ele.

“Com quem comparais o Deus que domina toda a órbita da Terra? Levantai os olhos e vede quem criou estes mundos que produzem legiões e as chama por seu nome. Faz todas essas coisas graças à grandeza do seu poder. E, dada a força do seu poder, ninguém se equivoca. Dá vigor aos débeis e aumenta a força dos que estão cansados. Não temais, pois estou convosco, já que sou vosso Deus. Ajudar-vos-ei. Com efeito, sustentar-vos-ei com a mão direita da justiça, pois sou o Senhor vosso Deus. Dar-vos-ei minha mão, dizendo: ‘Não temais, pois vos ajudarei.’

“Tu és minha testemunha, disse o Senhor, e o servidor que escolhi com o fim de que todos me conheçam e me creiam, ao mesmo tempo que saibam que sou o Eterno. Eu, sim, eu, sou o Senhor... e fora de mim não há Salvador.”

Míriam, que idolatrava seu irmão, falou sobre a reação do povo:

– Voltaram para casa impressionados. A leitura de Jesus, solene, doce, varonil, sonora, encheu-os de paz e de esperança...

– E de ódio – completou a Senhora, lembrando um dado que já flutuava em minha mente. – Ódio entre os de sempre... Ódio nos corações dos que associaram aquela leitura com os seus sonhos messiânicos. O saduceu, sobretudo, que sempre menosprezou nossas crenças no Messias, interpretou as últimas frases de meu filho como uma blasfêmia dissimulada. Ele sabia que Jesus era considerado “o menino da Promessa”. A notícia, inevitavelmente, acabou por correr de boca em boca, e o atrevimento de Jesus lhe pareceu intolerável. “Quem pensa que é este soberbo carpinteiro? (chegou a murmurar). Supondo que o Ungido apareça, será que não sabe que primeiro será designado como sumo sacerdote?” Querido Jasão, entendes agora como são velhas e profundas as raízes do ódio nessa víbora?

Eu compreendia. E uma nova preocupação perpassou-me o espírito. A circunstância de haver o saduceu sido mestre de Jesus me obrigava a interrogá-

lo. Mas será que aceitaria receber-me sabendo-me “amigo da família”? No momento preferi deixar o assunto em suspenso. Daria tempo ao tempo...

– Suponho que Jesus sabia desses ódios...

– Sabia tudo – confirmou Maria. – Mas havia “algo” nele que desconcertava. Desde muito pequeno repugnava-lhe a violência. E não era um problema de falta de coragem ou de vigor físico. Todos o vimos carregar madeiros de dois e três *etah*. – (Considerando que um *etah* equivalia a uns 45 quilos, a afirmação da mãe me pareceu um tanto exagerada. Mas tudo era possível naquele soberbo exemplar humano.) – Ninguém o viu fugir diante de uma ameaça ou encolher-se como uma mulher na sombra. Era valente e forte... mas o demonstrava com simplicidade, sem alarde. E quando chegavam aos seus ouvidos os comentários maliciosos ou caluniosos dos de sempre sorria ou usava sua frase favorita: “Nada se move se não for pela vontade de meu Pai. Até a língua da áspide”.

– Tanto é certo o que diz minha mãe – interveio Míriam – que nessa mesma tarde, indiferente aos venenosos comentários do saduceu, eufórico como havia muito não se mostrava, carregou com Tiago e foi passear pela colina. Na volta surpreendeu-nos a todos: antes e depois do jantar cantarolou ao mesmo tempo que escrevia os dez mandamentos sobre duas pranchas de madeira polida...

– Isso mesmo – exclamou a Senhora, que parecia haver esquecido esse pormenor. – Por certo; e que foi feito das tábuas?

A filha avivou de novo a memória de sua mãe, dando-lhe ao mesmo tempo uma informação que no momento não consegui entender.

– Mamãe Maria!... Será que já não te lembras? Marta as coloriu e tu mesma as penduraste na oficina...

A Senhora, em silêncio, foi confirmando as explicações da jovem.

– E onde estão os “mandamentos”? – perguntei, felicitando-me ante a fascinante possibilidade de ter em mãos uma “obra” escrita pelo Mestre.

Míriam, com um gesto de resignação, liquidou minhas esperanças:

– Meu irmão, anos mais tarde, se encarregaria de destruí-los...

Pensei não haver entendido bem a última palavra e insisti:

– Destruiu os “mandamentos”?

– Não, Jasão: destruiu tudo.

Que era “tudo”? Confuso e frustrado, pedi uma explicação.

– Tudo que havia escrito, desenhado e pintado. Tudo! Também a tábua de cedro, com a sua primeira oração...

– Por quê? – murmurei sem poder dar crédito ao que me diziam.

Nenhuma delas soube responder. Simplesmente era um enigma. Apesar da obstinada oposição de Maria e de seus irmãos, o primogênito, da noite para o

dia, queimou tudo quanto havia escrito ou criado. Minhas posteriores indagações junto a Tiago e a Jacó não me trouxeram melhores subsídios. Recordavam o incidente mas não conheciam sua razão ou razões. Tive de aguardar pelo “terceiro salto” para descobrir as motivações do Mestre. Motivações plenamente justificadas, sim, “de seu ponto de vista”... mas não do meu. Mas não adiantemos nenhum ponto da fascinante aventura que foi a sua “vida de pregação”.

– ... Inclusive a tábua de cedro com sua primeira oração.

A revelação feita por Míriam, quase sem querer, propiciou-me um novo e emocionante “achado”. Nesse mês de outubro, nos seus flamantes quinze anos, aquele jovem singular, movido por circunstâncias muito objetivas, teve a genial lembrança de colocar por escrito o que seria uma das orações mais recitadas e perfeitas do mundo cristão: o célebre “Pai-Nosso”. Nunca, até esse instante, eu me havia detido para refletir sobre essa oração. Mais do que isso, imaginei que fosse uma “obra” de maturidade. De fato, se a memória não me falha, os evangelistas a mencionam em plena vida pública. Mas não. O mestre continuava surpreendendo-me...

– Suponhamos – sugeriu Maria – que a idéia do “Pai-Nosso” nasceu devido à nossa falta de imaginação...

– Não entendo.

– É fácil – continuou. – Tradicionalmente, minha família e toda a aldeia se haviam limitado a recitar de memória as orações ensinadas pela Escritura e os costumes. Mas Jesus, empenhado em que partilhássemos suas loucas pretensões de “falar diretamente com Deus”, bendito seja o seu nome, insistia em que era “bom improvisar e comunicar ao Pai nossas inquietações e problemas”. Podes imaginar, Jasão? Como podia ser isso? Por muito menos haviam lapidado outros. Falar com o Divino?... As perseguições a José, quando vivia, e as minhas, em todos esses anos, foram absolutamente vãs. Meus filhos, que o adoravam, fizeram tentativas. Mas, temendo “o que dirão” ou apegados à força do costume, acabaram na recitação memorística. Até que um bom dia...

– Uma noite, mamãe Maria... – corrigiu Míriam.

– Uma noite, tens razão, cansado de pedir espontaneidade, veio sentar-se aqui mesmo, tomou uma das tábuas excedentes da “suja oficina”... – desta vez acompanhou a indireta com um sorriso malicioso – e se pôs a pintar.

– A escrever, mamãe Maria... – retificou ainda uma vez Míriam.

– Valha-me o céu, Jasão... Já não há respeito neste mundo...

Fiquei agradecido à retificação. Como era natural, a Senhora não podia compreender a importância que tinha para mim a exatidão, a “milimétrica exatidão” em tudo que dizia respeito ao seu filho. E ainda que o fato de se

enganar entre “escrever” e “pintar” pudesse ser tido como banal, não quero deixar passar o registro. A razão não é tão banal... Achávamo-nos em abril do ano 30. Já se haviam passado vinte e um anos desde a criação do Pai-Nosso. Se uma das protagonistas do importante fato não retinha com nitidez seus pormenores, que se podia esperar dos chamados “evangelistas” que se aventuraram a escrever suas lembranças e as de terceiras pessoas muitos anos depois?

– ... Muito bem, pôs-se a escrever... Essa linguaruda e eu lidávamos junto ao fogão, preparando o jantar. E os pequenos, se estou bem lembrada, brincavam fora ou no terraço com as caixas de areia...

Maria, agora pouco segura, arqueou as sobrancelhas, abriu as mãos e interrogou a filha com o olhar. Mas Míriam, maliciosamente, fez-lhe ver que sua memória não chegava tão longe.

– E, de repente, Ruth, que estava com seis meses, começou a chorar. Ergui a vista e vi que Jesus aproximava o berço da mesa. Sorriu-me e, cantarolando, prosseguiu no seu trabalho, ao mesmo tempo em que balançava o berço da menina. Era automático. Bastava que alguém a balançasse para que cessasse o choro... Assim, inclinado sobre esta pedra, impelindo o berço com a mão direita e sem se importar com o vozerio da gente miúda e o bulício de pratos e vasilhas, deu corpo a essa “maravilha”...

Um intervalo de silêncio envolveu a perfeita qualificação. E os três nos abandonamos na memória daquela cena. Como é singela às vezes a gestação das grandes obras!

– Terminado o jantar, Jesus pediu a atenção de todos e, amorosamente, leu-nos a oração. Os menores – Judas, Amós e Ruth – dormiram nos braços de seus irmãos. E, em paz, à bruxoante luz de um candeeiro como este, meu filho foi lendo, comentando e respondendo às perguntas e dúvidas de todos nós...

A Senhora titubeou, seus lábios tremeram. Uma melancolia invadiu-a toda.

– Foi lindo, Jasão – sublinhou Míriam, enquanto carinhosamente envolvia entre as suas as longas mãos de sua mãe. – Lindo, mesmo sem que o compreendêssemos...

– Por quê? – perguntei sem muita reflexão.

– Ele falava coisas estranhas, quase proibidas pela lei...

– Por Deus – pedi-lhe –, diz-me quais eram os seus “pecados”.

A jovem sorriu, satisfeita por encontrar alguém que também não cedia com facilidade.

– Foi recitando o que escrevera e... mas será melhor que o escutes.

Girando os olhos, foi recordando.

– Pai nosso...

E observando nossos olhares assombrados comentou:

“Porque Ele nos criou, em verdade, com a onda que, sem desprender-se, desprende-se do mar...

“Que estais no céu...

Piscando-nos um olho apontou para o peito de Tiago, dizendo:

“No céu do coração.

“Santificado seja o teu nome...

E todos concordamos. Mas ele, sem deixar de sorrir, negou com um gesto de cabeça. E esclareceu:

“Santificado, não só porque a lei ordena. Santificado porque nunca dorme. Santificado porque nunca fere. Santificado porque agora, certamente, sorri ante os problemas de mamãe Maria e deste pobre carpinteiro.

A Senhora me transfixou com seu olhar. Aquele verde-erva teria sido suficiente para iluminar o aposento.

“Venha a nós teu reino...

E Tiago o interrompeu! ‘Então Deus é rei?’

E meu irmão, apontando para o pátio, elevou a voz e disse:

“O único, ouvi-me bem, capaz de criar o vermelho de uma rosa. Poderias tu, Tiago, poderias tu, Míriam, ou tu, José, construir a geometria das estrelas?”

Ninguém respondeu. E com grande segurança afirmou:

“Pois esse é o reino do nosso Pai: o da beleza visível e invisível.

“Beleza invisível?” A pergunta assustada foi de Simão, que aos sete anos era tão irritantemente curioso quanto Jesus.

“Sim, pequeno: a que se adivinha debaixo da justiça; a que sustém um beijo de amor; a dos homens que jamais reclamam; a que agracia o mundo com as suas colheitas; a que concede antes que os lábios se abram para rogar. Esse é o nosso reino...

“E faça-se tua vontade na terra e no céu...

Fez uma pausa e, dentro da grande expectativa que se fez, anunciou o que menos imaginávamos:

“Já sei que às vezes o Pai do céu parece que partiu em viagem... Não tendes medo. Ele é o único que não viaja...

“Nunca?”, perguntou Marta com os olhos arregalados. “Isso não é verdade... E que me dizes de Moisés? Não viajou com ele pelo deserto?”

Pressionado, Jesus rendeu-se à candura de minha irmã.

“O que eu quero dizer, meninazinha curiosa, é que nossa vontade nem sempre coincide com a sua. Mas Ele, como mamãe Maria, sabe bem o que te convém. Fazer a vontade do Pai – sempre, a cada instante, ainda que não a entendamos – é o pequeno grande segredo para viver em paz.

E meu irmão continuou:

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje...

“Mas quem nos dá o pão: mamãe Maria, tu ou Deus?”

O responsável Tiago nunca teve freios na língua.

“Mamãe Maria e eu, certamente... porque Ele nos deu primeiro. O argumento, para os seus onze anos, não o satisfaz.

E meu irmão acrescentou, solícito:

“O Pai é sábio. Conhece cada um dos seus filhos por seu nome. E dispõe de todo o necessário para que, em forma de trabalho, de sorte ou de casualidade, nenhuma só de suas criaturas fique desamparada. A cobiça, a ambição e a usura, queridos, não são apenas pecados contra os homens. São uma estupidez, muito própria dos que esqueceram ou nunca souberam que têm um Pai... imensamente rico.

“E perdoa as nossas dívidas.

E Jesus ajuntou:

“Sobretudo as que ninguém conhece.

“E tu – ousei perguntar-lhe, esclareceu Míriam –, também tens dívidas com o Pai?

Ele se pôs tão sério que me assustei.

“Tantas quantas são as aparas em minha oficina...”

Mas ninguém acreditou porque essas aparas eram produto do suor do seu rosto. E é difícil achar maldade em alguém que tudo antepõe ao seu interesse.

“E não nos deixes cair em tentação...

E, baixando o tom de sua voz, partilhou conosco outro segredo:

“Não na tentação de violar o sábado ou as quase sempre interesseiras leis dos homens. Melhor é dizer: ‘não nos deixes cair na tentação de esquecer-te, Pai do céu’. Se o pior dos pecados é menosprezar ou ignorar os que nos deram a vida terrena, que classe de afronta seria renunciar ao Pai dos pais?

Depois de conhecer esse “esquecido” episódio de sua vida fortaleceu-se mais em mim a idéia de que Jesus, desde muito tenra idade, e contra a imagem transmitida pela História, agiu como um “rebelde”. Um tanto assim como um “anarquista dos conceitos”. Suas “revolucionárias” doutrinas do período de pregação ultrapassaram o teto das leis e instituições judaicas. Mas, como as trepadeiras das paredes de sua casa de Nazaré, haviam nascido e criado raízes muito tempo antes. Eis aqui uma justificativa mais do que suficiente para se haver exigido dos evangelistas o relato completo de sua vida.

Desconfiado, como se não tivesse ouvido Míriam, perguntei de novo pelo paradeiro da famosa prancha de cedro com o Pai-Nosso original. E a intuição, como um cão de guarda, pôs-se alerta. Aqueles olhares das mulheres rebrilhando

de lá para cá deu-me que pensar. Realmente teria sido queimado pelo Mestre?

– Não sabemos. Tudo foi destruído – confirmou a filha mais velha em um tom já menos convincente. – Ao menos ninguém voltou a vê-lo...

Interessante. Muito interessante.

O final daquele ano e o seguinte podiam ser considerados como o definitivo (e por isso conflitivo) “salto” da adolescência para a juventude. Graças às minuciosas explicações dos que partilharam seu teto e seu coração pude esboçar essa etapa de sua vida de acordo com o seguinte esquema:

À medida que avançava nos seus quinze anos, o paciente carpinteiro entendeu e aceitou a contingência: apesar da sua “chamada interior”, devia primeiro suportar a pesada carga da sobrevivência dos seus. Essa era, sem dúvida, a vontade de seu Pai do céu.

Ao mesmo tempo, o despertar da virilidade o expôs a novos ventos. Estava deixando a orla da puberdade para atingir a áspera escharpa dos adultos. E, exatamente como os jovens de hoje e de sempre, sentiu-se só, desamparado, incompreendido, inseguro e especialmente sensível. E se fez sonhador. E, como eles, fez do silêncio e da solidão do Nebi seu verdadeiro refúgio. E, como tantos outros “homens em formação”, esquivava-se sempre aos bem-intencionados interrogatórios da mãe, “que não o entendia”.

– Nunca consegui entender o porquê daqueles longos passeios pela colina – disse Maria, mostrando a mesma desolação das mães de hoje, que, entretanto, podem recorrer a um psicólogo. – Para mim era apenas um menino... Desejava protegê-lo, mimá-lo... Mas ele, arisco, me evitava. E, o que era pior, raramente me abria seu coração. Muitas vezes me perguntei se a necessidade de ganhar dinheiro para a casa, vendo com isso arruinados os projetos de estudar em Jerusalém, não seria a causa do seu mutismo...

Claro que se enganava. Como na atualidade, o coração daquele jovem era mais cristalino e generoso do que nós adultos, intoxicados pela experiência, costumamos supor. Simplesmente, esse era o processo a seguir: a “descoberta” da vida, como o ferro na forja, é geralmente penoso. E raro é o ferro que, em plena incandescência, manifesta sua dor vociferando contra o ferreiro. Por puro instinto humano, Jesus foi aprendendo que só os êxitos parciais e a conformidade constituem as chaves de horizontes mais prometedores.

Maria, repito, se enganava. Seu Filho a amava profundamente. Talvez mais do que nunca. Nos jovens de nobres sentimentos, ainda que não o exteriorizem, uma tragédia ou um revés familiar apura a sua afetividade. Mas também seria justo compreender sua luta e desassossego interiores. Como todo homem de quinze ou dezesseis anos, Jesus tinha projetos. Um deles, em especial, o

consumia. E tal como vemos nas sociedades do século XX, teve de aprender a lição da paciência. É certo que, ao contrário do que hoje se repete com demasiada frequência, aquele rapaz não viu reduzido “seu direito” a arcar com suas próprias responsabilidades. E Maria, embora forçada pelas circunstâncias, viu-se livre, como eu disse, do erro em que costumam incorrer os pais de hoje: separar os filhos de toda sorte de responsabilidades. Jesus, felizmente para Ele, recebeu e assumiu a responsabilidade de uma família. Uma obrigação, se me é permitido dizê-lo, excessiva para sua idade. Sua força moral – nem maior nem menor do que a de qualquer jovem – fez o resto. Quão pouco sabemos a respeito do poder espiritual dos “novos homens”! E como se desperdiça esse “tesouro”, inato em todos os jovens, pelo medo dos “velhos homens”, que já perderam a memória de suas etapas da juventude!

Assim entrou o Filho do Homem no ano 10, o do seu décimo sexto aniversário: inquieto, responsável e confiante. Intuindo que a fera selvagem e perseguida da vida só pode ser evitada com um suave e tranquilo caminhar. Respondendo sem responder. Deixando fazer, sem deixar de fazer. Sorrindo quando ninguém sorri. Hoje diríamos: “caminhando com as mãos nos bolsos”. Só assim se pode esperar a graça do pensamento criador.

Se os Evangelhos, ainda que deformados e irritantemente pobres, refletem a imagem de um Homem submetido a duras provas, sua juventude não ficou atrás. E ainda que Ele tenha repetido até cansar-se – “o Filho do Homem não deve ser tomado como exemplo” – atrevo-me, desobedecendo seu conselho, a recordar aos jovens insatisfeitos ou feridos que “houve uma vez outro jovem que não se intimidou diante da sábia embora incompreensível ‘violência’ do destino”. E arcou com uma responsabilidade que hoje faria medo a muitos.

Quando perguntei a respeito do aspecto físico; sua irmã Míriam adiantou-se, sob o olhar lisonjeado da mãe:

– Garboso, Jasão!... Garbosíssimo!...

Achei justo seu exagerado fervor. Forçoso é reconhecer que o Galileu, do ponto de vista estritamente estético, era um exemplar muito próximo da perfeição.

– Nesse ano se fez homem... em todos os sentidos. Sabes o que digo?

Maria, ruborizada como uma anêmona, negou com um gesto de cabeça. Foi uma negação tão sutil que quase escapava à minha observação. Interrompendo Míriam, interroguei-a com um levíssimo movimento dos meus dedos. Só o que consegui foi ruborizá-la até as sobrancelhas.

– Foi antes... – respondeu, quase de si para si.

Ficou claro. E a filha prosseguiu com o seu particular “retrato” de Jesus. Um desenho que não se apartou excessivamente da realidade.

– Era viril. Musculoso. Muito alto para a sua idade. Seus pêlos douravam-lhe as faces e os braços. E os olhos, Jasão... sempre doces mas transpassando como espadas. À luz do dia eles tomavam a cor do mel. Um sorriso seu era como o calor no inverno. Mas o que enlouquecia as juvenzinhas eram suas sobrancelhas...

– E não esqueças sua voz – interrompeu Maria.

– Sim, naquela época sua voz mudou... Em casa o arreliávamos todo o tempo...

– Por quê?

Míriam sorriu convencida de que, no fundo, todos os homens são deliciosamente ingênuos.

– No princípio parecia estar saindo de uma cripta. Depois se assentou, tornando-se grave e musical. Passava pela aldeia como a brisa fresca, despertando carinho e admiração...

– E inveja – completou a Senhora com uma sinceridade digna de agradecimento.

– Foi um jovem sadio?

A pergunta ofendeu as duas mulheres.

– Sólido como o granito – atirou-me em pleno rosto a mãe –, apesar dos pesares.

– Como assim?

– Ai, filho, às vezes pareces tonto!

Recuperando o sorriso fez-me ver que a escassez de recursos não lhes permitia grandes luxos na dieta diária.

– Carne, uma vez por semana e nem sempre. Leite, sim, em abundância. Pão de trigo ou cevada, conforme... Legumes, hortaliças e frutas de acordo com a época; e minhas sobremesas, o fraco de Jesus.

– E peixe?

– Menos do que o aconselhável. O transporte do *yam* para cá era quase proibitivo. Só quando Ele começou a freqüentar o lago em companhia de um dos meus irmãos é que desfrutamos um fornecimento mais regular.

Preciso deixar claro que o meu empenho por esmiuçar a dieta do jovem Jesus não encerra um interesse apenas documental. Uma informação pormenorizada dos alimentos que consumia habitualmente podia proporcionar à Operação Cavalo de Tróia um quadro ilustrativo das possíveis deficiências nutricionais e metabólicas do Filho do Homem, se é que as teve. Nas análises efetuadas quando da paixão e morte, as notícias nesse sentido haviam sido muito tranquilizadoras. Mas ainda assim convinha certificarmo-nos na medida do possível. Pois bem, com base nos dados obtidos, considerando sua idade (15

anos), peso aproximado (60 a 66 quilos), estatura (ao redor de 1,76 metro) e atividade desenvolvida naquela época (intensa), os resultados não podiam ser melhores: nem sombra de desnutrição e um mais do que aceitável funcionamento metabólico. Tanto em vitaminas lipossolúveis como hidrossolúveis e minerais, a dieta era correta⁵⁷. Aliás, para os especialistas da Operação e mesmo para mim a excelente saúde do Mestre – sempre de um ponto de vista dietético – foi algo incompreensível. Explico-me: entre as classes sociais judaicas não abastadas, vale dizer, a imensa maioria, a dieta diária pecava por insuficiência e desequilíbrio. O raquitismo, deficiências digestivas, circulatórias, nervosas e renais, atraso do crescimento *etc.* tinham sua origem, em grande parte, na ausência de vitaminas e minerais. A carne e o pescado, por exemplo, salvo em determinadas áreas, se consumia muito espaçadamente. E a família de Nazaré, cujos recursos econômicos experimentaram notáveis oscilações, não foi exceção. Em boa lógica, raciocinando de um ponto de vista estritamente humano e científico, o satisfatório desenvolvimento físico de Jesus (que atingiria 1,81 metro de altura) foi algo não normal e não lógico. Enquanto o leite, seus derivados (queijo, manteiga *etc.*), as verduras e as frutas, os cereais e os ovos foram-lhe fornecidos ao longo da sua infância e juventude em proporção e freqüência aceitáveis, o mesmo não se pode dizer da carne e do pescado. Em ambos os casos, um plano dietético diário básico assinala o consumo, para um adolescente, de uma ou duas rações, num volume de noventa gramas por ração. Jesus de Nazaré, segundo todos os indícios, do mesmo modo que o resto da comunidade em que cresceu, pôde ingerir uma média de uma a duas rações por semana (às vezes nem isso). Pois bem, essa alarmante carência de carne e pescado – os especialistas sabem disso muito bem – devia ter-lhe provocado um deficiente ingresso de vitamina D, A, tiamina, riboflavina, niacina, vitaminas B6 e B12, biotina, sódio, cálcio, fósforo, ferro, iodo e cobre. Em outras palavras: uma debilidade tão gigantesca quanto perigosa, que, de acordo com as leis da medicina, poderia haver configurado um Jesus diferente do que todos temos imaginado e na verdade foi.

Diante de semelhante excepcionalidade cabem duas possíveis explicações. Uma: que o resto da sua dieta e a própria Natureza equilibrassem o evidente desajuste. Duas: que seu organismo se achasse “salvaguardado” de forma extraordinária... Caberia até mesmo uma terceira: uma sábia simbiose de ambas. A primeira é racional e científica; a segunda e a última, ao contrário, não o são. Mas será que eu ainda podia surpreender-me a esta altura? Em que lugar havia ficado meu “espírito científico” diante da realidade da tumba vazia ou das reiteradas aparições? Que podia dizer a ciência diante do seu “corpo glorioso”?

Pois bem, nossas surpresas quase não haviam começado.

Depois de dois anos da morte do seu pai, o carpinteiro de Nazaré começou a se destacar em seu ofício. Poucos arados, cangas, instrumentos de lavrar e utensílios de madeira, em toda a comarca, mostravam a finura que aquele Jesus sabia imprimir, nos seus dezesseis anos. Além de cumprir sua obrigação, mantendo a numerosa família, o jovem artesão amava o seu trabalho. Tiago, seu irmão, que passaria muitas horas a seu lado, ajudando-o, era um dos que mais e melhor o conheciam nesse interessante capítulo de sua incorretamente chamada “vida oculta”. Um capítulo no qual, assim que se começa a aprofundar, aparece já o Jesus do futuro.

A ausência de informação dos Evangelhos sobre essa fase privou a humanidade cristã de alguns toques dignos de menção. A história tem figurado o Jesus carpinteiro como um trabalhador mais ou menos rotineiro, obrigado, por sua primogenitura, a abraçar um ofício obscuro e aborrecido. Um erro deplorável. Ainda que seja certo que desde os cinco anos começou a lidar à sombra de seu pai, entre vigas, ferramentas, aparas e madeiras de todas as espécies, Jesus tinha a capacidade inata de identificar-se e integrar-se àquilo que tinha em mãos. Nesse sentido, a madeira – penso que por casualidade – constituiu durante anos um íntimo e gratificante modo de expressar-se e de expressar o que vibrava em seu sensível coração. Jesus encontrou em cada fase deste belo ofício – desde o simples corte até o mais esmerado acabamento – um desafio a si mesmo. Foi e não foi um artesão que trabalhava por obrigação. Atendia aos pedidos mas o que muito poucos souberam é que em cada banco, em cada arca, em cada canga, em cada porta ou cabo de enxada que terminava se havia ido uma pequenina porção de sua alma. O Jesus ebanista e o Jesus fabricante de pesadas vigas para telhados acariciava a madeira, respirava ao ritmo da serra, da plaina e do corte e ouvia o ronronar do formão. Sabia que a madeira tem coração e por isso falava com ela. Talvez possa soar como figura de retórica. Mas eu não creio. Aquele carpinteiro, pouco a pouco, chegou a “descobrir” no duro e impermeável carvalho a natureza de muitos seres humanos: granítica no exterior e de fibras longas, retas e flexíveis, fáceis de manejar. E da nogueira aprendeu também que, apesar da resistência ao machado, seu coração era como uma malha de ouro. E como acontece com outros homens, “viu” na aveleira uma madeira flexível, meio dura, tenaz... mas de curta duração. Aquele “coração” não dava fogo nem cinza... E talvez tenha até associado a oliveira com esses homens que, vergastados pela dor e pela miséria, precisam de uma “secagem” especialmente delicada...

Uma lástima que os evangelistas não nos hajam deliciado com aquele carpinteiro que fez da verticalidade da madeira um caminho horizontal e

esperançoso!

Não. Jesus não foi um artesão entediado. Como ocorreria com os ofícios que iria desempenhando, foi humilde na aprendizagem e alegre na maturidade. E equilibrou a dureza de cada atividade com um permanente descobrir. Um encargo novo era um não saber, um enigma, um desafio...

Graças à magia do seu pensamento, o duro luto da família de Nazaré sublimou-se em cálida recordação. E apesar das privações e do seu aparentemente frustrado “grande plano”, o sossego acabou por instalar-se no lar da Senhora como qualquer outro.

E foi naquele ano 10 que – segundo Tiago – tomou uma de suas primeiras importantes decisões. Uma determinação que afetava o seu futuro e o dos seus. Uma resolução que não partilhava com sua mãe porque, entre outras razões, dificilmente ela o teria compreendido. Jesus, consciente de sua grave responsabilidade para com a família da qual era o “pai” e principal suporte, decidiu esperar...

– Ele havia meditado longamente – explicou Tiago. – Esperaria que todos estivéssemos em condições de cuidarmos de nós mesmos. Então, e só então, iniciaria seu magistério como educador da verdade.

– Que verdade? – perguntei, simulando total ceticismo.

– A sua – respondeu acertadamente. – Aos dezesseis anos, e ainda que seu pensamento fosse ainda confuso, tinha muito clara a idéia do seu “Pai Celestial”. Não me pergunte como, mas esse assunto havia criado raízes profundas em sua inteligência. E ninguém pôde com Ele: nem mestres, nem sacerdotes, nem amigos, nem mesmo Maria... Pobre mamãe Maria! Quanto padeceu com os seus silêncios!... E esse, Jasão, foi o sonho e o ideal que o sustentou durante anos: liberar-se dos compromissos familiares para anunciar ao mundo que há um Pai que nada tem que ver com o Yaveh dos nossos maiores.

Dito assim, contemplado à distância de dois mil anos, o assunto pode desfigurar-se. E corremos o risco de minimizar o ocorrido no coração daquele Homem. Jesus controlou, freou e congelou seu mais belo projeto durante mais de doze anos. Se se parar para pensar o que são e o que podem significar doze longos anos de trabalho, e numa aldeia como Nazaré, não se pode deixar de reconhecer que sua vontade, paciência e vigor mental eram próprios de um colosso.

Para ser franco, acabo de cometer um meio erro. Não foram doze anos de espera, mas catorze. Completados esses 4.380 dias (doze anos), e depois que seus irmãos se casaram e encaminharam sua existência, o Mestre abandonou a Galiléia... para viajar. E o fez durante dois anos. No total, portanto, a “preparação” da sua missão exigiu mais de cinco mil dias. Evidentemente, a

aparição em público do Filho do Homem não foi uma coisa repentina, nem fruto de uma súbita “iluminação”, como alguém pode crer. No desenvolvimento do nosso “terceiro salto” iríamos descobrindo os apaixonantes prolegômenos que constituíram o fundamento de sua viagem de pregação.

Que lição para os impacientes!

Durante esse dilatado período, salvo Tiago e seu amigo íntimo Jacó, ninguém teve conhecimento do seu “sonho”. E mais: envolvida na rotina doméstica, a Senhora acabou por duvidar do caráter messiânico do seu filho. Se nos detivermos na análise da situação com frieza e afinco, a postura da mãe não era desarrazoada. Doze anos, insisto, são demasiado tempo para quem quer que seja, incluindo a patriótica Senhora. Doze anos em que Jesus se negou sistematicamente a partilhar os ideais nacionalistas de Maria. Doze anos nos quais jamais Ele falou como profeta. Doze anos que se escoaram sem que Ele operasse um só prodígio. Doze anos de silêncio, de aparente monotonia em sua oficina... Que mais podia pensar a desolada mulher?

E, todavia, durante esse tempo, como irei esmiuçando, Jesus experimentaria “sua” grande metamorfose. O Jesus homem, em meio a uma terrível luta interior, descobriria que, além de humano, era parte e era o todo dessa divindade. “Algo” que abalaria suas bases. “Algo” que certamente a Senhora não soube até a Ressurreição... e mesmo assim não claramente. Não era de estranhar, portanto, que o Filho do Homem se refugiasse no silêncio. Nem mesmo os seus íntimos podiam compreendê-lo e compreender a missão a que estava destinado. Se alguma vez houve um homem “solitário”, esse foi Jesus de Nazaré...

E é conveniente observar que, mesmo sabendo que não era o Messias, Jesus, a partir daqueles anos de juventude, escolheu a postura do não enfrentamento, da passividade, diante de sua pertinaz mãe. Deixou-a com o seu sonho. Respeitou sua errônea crença e aguardou. De que haviam servido seus desmentidos anteriores? Só para avivar a discórdia e, em suma, para atormentar Maria e os poucos parentes que acreditaram na história do anjo, entre os quais os seis irmãos mais velhos. Até porque, se os choques mais rudes foram com sua mãe, com esses irmãos também se viu obrigado a argumentar e discutir. Claro. Desde crianças a Senhora os fez partilhar o “grande segredo familiar”: o primogênito era o “Filho da Promessa”. E nessa crença eles cresceram, convencidos de que Jesus “receberia a insígnia do trono de Davi e arrojaria ao mar os invasores”. Sua confusão foi terrível ao perceberem que o primogênito recusava as armas e a violência. Como era possível que não sentisse orgulho da missão messiânica? Tinha de estar louco para negar que fosse o Messias. Por isso, completados os dezesseis anos, tomada a grande decisão de “aguardar sua hora”, o carpinteiro selou os lábios. Só Tiago e Jacó souberam dos seus planos e

inquietações. Mas também não o compreenderam.

Esse ano 10 foi também o do ingresso de Simão na escola. No lar se colocou um novo problema: a educação das irmãs. Que fariam a respeito de Míriam e Marta? Uma tinha completado onze anos; a outra, sete em setembro. A Senhora e Jesus discutiram a respeito...

– Desde o princípio concordamos – observou Maria sem dissimular sua complacência. – Também as meninas tinham direito a estudar e a conhecer a lei. O problema era como fazê-lo.

Não teve necessidade de explicar-me o porquê. Naquela sociedade, como creio já haver comentado, as mulheres eram “cidadãos de segunda ordem”. Eram educadas para o matrimônio, o trabalho, a submissão. Deviam aos maridos fidelidade absoluta, enquanto dos maridos não se podia exigir o mesmo. Um dos mandamentos de Yaveh havia sido manipulado pelos doutores e exegetas, de tal forma que pudesse adaptar-se “ao gosto dos varões”. Dizia assim: “Não desejarás a casa do teu próximo, nem a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu asno, nem seu boi, nem nada do que lhe pertence” (*Ex.*, XX, 17 e *Deut.*, V, 21.) Pois bem, os astutos judeus, baseados nessa prescrição do Yaveh bíblico, concluíram que a mulher lhes “pertencia”, do mesmo modo que um asno, uma vinha ou sandálias. Tão certo era esse entendimento que, quando se efetuava a venda de um escravo, a mulher deste era incluída na transação, como assinala o *Êxodo* (XXI, 3). Em um dos escritos rabínicos – *Menakhoth*, XLIII, b –, proclamava-se com o maior despudor que “todo homem devia agradecer diariamente a Deus que não o fizera mulher, pagão ou proletário”.

Do ponto de vista legal, a mulher recebia o tratamento de “menor de idade”, em outras palavras, “irresponsável”. Por isso, qualquer acordo, convênio ou negócio que efetuasse ou pactuasse podia ser desaprovado pelo marido. E nesse caso a “parte aceitante” não tinha direito a reclamar. Eram qualificadas de “mentirosas por natureza” e careciam do direito de herdar quer do pai quer do esposo. Em boa parte, essa degradante situação era justificada pelos sagrados textos bíblicos: lamentável antologia da misoginia... Raro era o profeta que não havia lançado seus dardos contra as fêmeas... Isaías chama-as “voluptuosas, perversas e ridiculamente vaidosas”. Amós diz que elas são “cruéis”. Quanto a Jeremias e Ezequiel, para não alongar tão lamentável lista, afirmam que elas são “cheias de duplicidade”. Alguns rabis asseguravam que “entre os homens que não veriam a Geena (o inferno) estavam os que tiveram em terra uma mulher má: haviam cumprido seu castigo por antecipação...”.

Tal desprezo pela mulher repercutia, logicamente, nos capítulos religioso e do ensino, os quais, para dizer a verdade, se confundiam. Em relação aos

preceitos da Torá, a seguinte regra define a situação: “Os homens estão obrigados a todas as lei vinculadas a um determinado tempo; as mulheres, ao contrário, estão liberadas delas” (*Quid.*, 17, e *Sota*, II, 8). Em outras palavras: não estavam sujeitas a recitar o *Schema*, tampouco a peregrinar a Jerusalém durante as festas da Páscoa, Pentescostes ou os Tabernáculos. Não tinham obrigação de assistir à leitura da lei, habitar nas tendas e agitar o *lûlab* durante a festa dos Tabernáculos, fazer soar o sopar no dia de Ano-Novo, ler a *me gillah* (o *Livro de Ester*) na festa dos Purim, trazer as *filacterias* ou colocar as franjas verticais nos vestidos.

Seu “estatuto” na legislação religiosa configurava-se inteiramente em uma fórmula que os sacerdotes se encarregavam de repetir sem cessar: “Mulheres, escravos (pagãos) e meninos (menores); a mulher, tal qual o escravo não-judeu e o filho menor, tem um homem como seu dono. É por isso que, do ponto de vista religioso, está em inferioridade perante o homem” (*Ber.*, III, 3, e *Sukka*, II, 8).

Seus direitos religiosos, de fato, haviam sido violenta e injustamente restringidos. Podiam entrar no grande Templo de Jerusalém, sim, mas só no Átrio dos Gentios, entre os pagãos, os cambistas, os traficantes de peles e prostitutas, e no “das mulheres”. Durante a purificação mensal tinham terminantemente proibido o acesso ao Templo; por espaço de quarenta dias após o nascimento de um varão ou oitenta, se de uma menina. Tampouco o ritual de imolação era usual entre as fêmeas de Israel. E se alguma vez recebessem autorização para “sacudir as porções nos sacrifícios ou impor as mãos sobre as cabeças das vítimas”, era única e exclusivamente “para acalmá-las” (*Hag.*, 16 b). E menos mal que o *Deuteronômio* (31, 12) dispunha claramente que as “mulheres e os meninos” deviam congregar-se, como os homens, diante de Yaveh, para ouvir sua palavra. Estava aí prevista a possibilidade de entrarem nas sinagogas, ainda que separadas por uma grade ou uma barreira... Chegou-se até a construir uma tribuna especial para elas, provida de uma entrada particular.⁵⁸ Nem é preciso dizer que fazer uso da palavra nessas sinagogas era algo assim “inconcebível”. Uma mulher lendo a palavra de Deus? Seria como imaginar um cão profetizando...

Sobre suas costas, ao contrário, recaía todo o peso do trabalho do lar, além de fiar, tecer e atender às inúmeras tarefas agrícolas. Era de sua responsabilidade a fabricação diária do pão. Deviam triturar o grão nos moinhos vaseiros, transportar a masseira com a massa fermentada e cozer. Um trabalho duro que exigia força considerável e resistência física. E eram as mulheres que habitualmente tinham a seu cargo o transporte diário de água, para o que usavam todo tipo de tinhas e talhas. Elas, enfim, lavavam, cozinhavam, amamentavam, vestiam e lavavam os filhos, cerziam, faziam a limpeza geral da casa, vigiavam a

sagrada chama que devia arder aos sábados, serviam a mesa e o vinho ao marido e eram ainda obrigadas a lavar seus pés. A sorte das meninas judias, no geral, estava traçada desde o berço: eram educadas para servir ao macho. Em uma primeira etapa, ao pai e aos irmãos. A partir dos doze anos e meio, ao marido. E, como cantavam as mordazes galiléias, “nunca se sabia o que era pior”.

Por falar nas galiléias, ainda que estas rígidas e insultuosas leis e tradições rezassem uniformemente para todo o país, na “pequena pátria” de Jesus nem tudo era tão tenebroso para as mulheres. Na prática – portas adentro –, tanto o homem quanto a mulher deixavam-se guiar pelo senso comum e, claro, pelo amor. Só os muito ortodoxos mantinham essas diferenças, atraindo a repulsa e as zombarias do resto da população. Na hora da cotidiana e implacável realidade, a mulher – como sempre – seja por sua experiência, intuição ou eficiência, era quem aconselhava e punha as coisas nos eixos.

Em algumas das casas que cheguei a visitar, observei nas paredes, à maneira dos nossos quadros, tábuas policromadas com inscrições como estas: “Ditoso é o marido de uma mulher boa: o número dos seus dias será dobrado”. “A mulher prestativa alegra seu marido, cujos anos chegarão em paz à plenitude.” “A mulher prestativa é uma fortuna. Os que temem ao Senhor a terão. E seja rico, seja pobre, seu coração será feliz.” “A graça da mulher é o prazer do marido. Seu saber fortalece-lhe os ossos.” “Um dom de Deus é a mulher calada, e não tem preço a discreta. E não tem preço a mulher casta.” “Sol que se eleva às alturas do Senhor é a beleza da mulher boa em uma casa em ordem.” “Mulher boa é boa herança.” “Não dê saída à água nem à mulher má liberdade de falar.”

A Senhora, pela educação recebida na infância e na juventude, por seu arraigado respeito à liberdade de idéias e crenças e pela relativamente cômoda circunstância de haver vivido em uma Galiléia tolerante e liberal, era um bom exemplo do que hoje se conhece como “feminista”. Jamais a vi sair à rua com o rosto coberto, como mandava a lei, ou ruborizar-se porque um vizinho ou estranho pudesse dirigir-lhe a palavra. Cumpria os preceitos na hora dos serviços da sinagoga mas certamente não aprovava o “sistema”. E se sentiu feliz e recompensada quando seu filho, contra toda a expectativa e a tradição, admitiu ao seu lado um grupo de mulheres que, como os discípulos, acompanhou toda a sua vida de pregação. Por isso, ao apresentar-se o difícil problema da educação de suas filhas Míriam e Marta, não hesitou um instante: “Seriam instruídas na Torá... pública ou secretamente”.

Mas nem sequer na liberal Galiléia havia chegado ainda o “perverso costume grego e romano” de admitir as fêmeas nas escolas. Intrigado, perguntei pelo sentido da palavra “pública”. Que havia querido dizer a impulsiva Maria

com “instruir suas filhas publicamente”?

– Exatamente o que estás pensando – afirmou a Senhora –: tentar fazer com que fossem admitidas na sinagoga...

Míriam acompanhou suas palavras com interesse.

– Falei nisso com Jesus e, apesar dos seus sensatos argumentos, caí em uma das minhas crises de teimosia. Por que não dar o passo?

Os argumentos do jovem “cabeça da família” não podiam ser outros que os da triste realidade: “Não era o costume”. Mas a mulher, sabendo que a justiça estava consigo, foi animando o filho. E um bom dia se apresentaram diante do *hazan*, o chefe da escola-sinagoga.

Procurei não interrompê-la, mas sem dúvida tratava-se do saduceu.

– Dialogamos, discutimos e, claro está, altercamos. Essa víbora!

Eu havia adivinhado. E Maria, inquieta, se remexeu sobre a esteira.

– ... Essa cobra dobrou-se de rir ao saber da nossa pretensão. “Antes morto (foi a sua sentença) do que violar a lei de Moisés.” Violar a lei? Verme sem-vergonha! Se esta aldeia falasse... Era o momento esperado. Quando ele mencionou a lei, eu mesma a recordei. E soltei-lhe na cara o que reza a mesmíssima Torá. Escuta e me diz se eu não tinha razão.

Maria era imprevisível. Assim, fiquei curiosíssimo.

– ... E Moisés pôs a lei por escrito e a entregou aos sacerdotes... E deu-lhes esta ordem: “Cada sete anos, tempo fixado para o ano da Remissão, na festa das Tendias, quando todo o Israel acorrer para ver o rosto de Yaveh, seu Deus, ao lugar eleito por Ele, lereis esta lei aos ouvidos de todo o país. Congregai o povo, homens, mulheres e crianças e o forasteiro que vive em vossas cidades, para que ouçam, aprendam a temer a Yaveh vosso Deus e cuidem de pôr em prática todas as palavras desta lei. E seus filhos, que ainda não a conhecem, a ouvirão e aprenderão a temer a Yaveh nosso Deus todos os dias que vivais no solo de que ides tomar posse depois de transpor o Jordão”.

Mais do que o conteúdo daquela passagem do *Deuteronômio*, o que me assombrou foi o fato de que ela conhecesse a Torá. Talvez, como outras mulheres, houvesse sido “secretamente” instruída em seu lar.

– E agora diz-me: eram justas as minhas palavras?

Concordei, claro.

– Pois bem, à medida que eu recitava a palavra sagrada, o velhaco, a quem Deus confunda, foi mudando de cor. Do branco passou ao vermelho e depois ao verde. Tramava alguma coisa. E meu Filho, conhecendo suas maquinações, fez-me um gesto para que me calasse. Mas Maria, “a das pombas”, não é mulher a quem se possa impor um silêncio injusto. Aquele saduceu me ouviria até o fim. Quando eu terminei, ele dirigiu-se a Jesus com a língua atropelada pela ira e mal

conseguiu balbuciar: “Tu e tuas idéias irreverentes...! Valeria mais que buscassem marido para esta viúva linguaruda!”

“A partir desse momento aquele peçonhento nem sequer olhou mais para mim. Minhas possíveis culpas caíram sobre as costas de Jesus. E, invocando a palavra do Divino, acometeu de novo: ‘Muitos têm caído a fio de espada mas não tanto quanto os caídos pela língua! Canga mal segura é a mulher má...’

“E Jesus, depois que o *hazan* havia esgotado a sua peçonha, replicou-lhe com a sabedoria do *Eclesiastes*: ‘Três classes de pessoas minha alma odeia e sua vida me enche de indignação: pobre orgulhoso, rico mentiroso e velho adúltero, sem inteligência.’

“Deus bendito! O saduceu, orgulhoso, mentiroso e adúltero, ficou lívido. E arremessando fel e fogo pelos olhos arremeteu contra meu filho: ‘Quem ensinou a ela a lei? Quem cometeu o sacrilégio de abrir a santidade da Torá a esta pecadora? Foste tu, Messias de madeira? Sabes que eu poderia expulsar-te da sinagoga?’

“Mas Jesus, sorrindo valentemente, disselhe algo que então, com o ideal do Messias Libertador em meu coração, interpretei de forma errada: ‘Mede bem tuas palavras, Ismael. Também eu, o último, me tenho desvelado, como quem busca os cachos da videira depois dos vinhadeiros. Pela bênção do Senhor me adiantei, e como vinhadeiro cheguei ao lagar. E não é apenas para mim que labuto, mas para todos os que buscam a instrução. Deixe esta viúva com a desventura da sua viuvez e não esqueças o que reza a lei que tanto defendes: o coração obstinado se sobrecarrega de fadiga. E há quem se esgote e se dê pressa na defesa da santidade de um livro e chegue tarde à sua própria. Se por buscar o ingresso da justiça na sinagoga pretendes minha expulsão da assembléia, será que não estás condenando o justo?’ ”

“Justo? Atreves-te a proclamar-te justo?”

“Fora de si, o saduceu parecia querer queimá-lo com o olhar. E quando Jesus se dispunha a responder, explodiu em hipócritas lamentações: ‘Elogia teu filho e te dará surpresas! Brinca com ele e te trará pesares! Por que tive de instruir-te? Esqueceste quem te ensinou? És tu mais justo do que o que reparte a justiça?’

“Dessa vez meu filho não lhe permitiu que ele lhe selasse os lábios. ‘Não o esqueci. Mas eu não haveria estado em tuas mãos se não fosse por expresso desejo de meu Pai...’

“Ismael – esclareceu Maria desnecessariamente – confundiu as palavras. ‘José, teu pai, era um homem reto, mas brando. Foi muito concessivo e este é o resultado: um filho libertino.’

“ ‘Está escrito: o que instrui a seu filho (refutou Jesus) deixará ciumento o

seu inimigo. E diante de seus amigos se sentirá contente. ‘Quanto a meus pecados, não esqueças que os rebentos dos ímpios não têm muitos ramos... E diz-me: por acaso as vês neste Messias de madeira?’

“ ‘Como te atreves a chamar-me ímpio? (urrou o sacerdote). Eu sou o guardião da lei...’

“ ‘Quem guarda a lei (desarmou-o Jesus) controla suas idéias.’

“ ‘Minhas idéias, mal-agradecido e presunçoso juvenzinho (clamou o *hazan* atropeladamente) nascem da lei. As tuas, para tua perdição, morrem na lei. Sempre te expressaste como um néscio e só aos néscios consolarás. Mas não confundas: eu não sou tal...’

“ ‘Ismael (retrucou Jesus com uma paciência e uma doçura que me tiraram a paciência), tu agora tens o coração na boca. E eu, algum dia, ensinarei o contrário: que o coração seja a boca dos sábios.’

“ ‘Algum dia?... Primeiro terás de aprender a humildade. E ainda assim, quem ouvirá um esfarrapado carpinteiro?’

“Jasão, tive de conter-me. Minha vontade era tirar-lhe os olhos...

“Mas aquele Filho do Homem em projeto começava a brilhar com luz própria. E teve a resposta justa: ‘Quem é estimado na pobreza, tanto mais na riqueza!’

“ ‘Ah, mas tu serás rico?’, escarneceu o saduceu.

“E meu filho voltou a sorrir-lhe. E apontando o céu com um dedo tentou esclarecer-lhe sua idéia de ‘riqueza’. Mas a víbora era cega.

“ ‘Minha riqueza, Ismael, é fazer a vontade do Pai. Quanto maior é a minha fé nele, maior meu crédito na Terra... E quanto a aprender humildade, essa, amigo, não se aprende: nasce-se ou não se nasce com ela!’

“ ‘Diz a Escritura: exalta-te com moderação.’

O reproche do sacerdote não afetou Jesus. “ ‘E diz também (replicou-lhe prontamente): estima-te no que vales. Porque ao que peca contra si mesmo quem o justificará? Quem apreciará a quem despreza sua vida?’

“ ‘E tu, infeliz, que tens para estimar-te?’

“Eu me sentia carregada como uma tormenta e não pude conter-me. E fui eu quem lhe deu completa réplica: ‘É estimado no amor que guarda e que dá. Podes dizer o mesmo, tu que só ganhaste a amizade dos sem amor?’

“Jesus tentou apaziguar-me. Mas, furiosa, esfreguei-lhe na cara o que todos pensavam e muito poucos se atreviam a revelar: ‘Tua boca amarga, longe de multiplicar amigos, só sabe reduzi-los. Teu poder é o do medo. Sentas-te à mesa das pessoas desta aldeia mas nunca abriste tua bolsa diante da adversidade dos demais. Só tu te estimas, confundindo o brilho do luxo com o beneplácito divino. Será que não sabes que o coração modela o rosto do homem? Pois bem, olha-te e

julga...’

“Minhas palavras, reconheço-o, foram impiedosas. E Jesus carregou comigo e me obrigou a voltar para casa. Desde aquele confronto Ismael o saduceu não deixou de tecer intrigas para nos prejudicar. Minhas filhas tiveram de ser instruídas reservadamente. Tiago, e às vezes Jesus, quando seu trabalho lhe permitia, foram os mestres.”

“Jesus de Nazaré mestre.” Como é natural, não resisti à tentação e perguntei sobre as características e o estilo de tão singular “professor”. Houve unanimidade. O velho e difundido lema do *hazan* judeu – “odeia seu filho quem dá paz à vara” – foi fulminantemente reprovado pelo primogênito.

– A vara de azeiteiro – repetia aos que não aprovavam seu “método pedagógico” – qualquer um pode empunhá-la. A da paciência, só os autênticos mestres.

Suas lições a Míriam e Marta e por extensão a todos os irmãos tiveram base comum: as Escrituras. Assim estava estabelecido pela tradição e Jesus, sempre respeitoso, não quis inovar. E ainda que a sabedoria fosse a própria Torá, o jovem mestre procurava alternar as repetitivas e memorísticas recitações dos livros sagrados com incursões pelas ciências da geografia, das matemáticas, da astronomia ou da história, para citar alguns modelos. Disciplinas que naquele tempo estavam abertamente em briga com a investigação. Ao menos para os rigoristas da lei. O Talmud é explícito: “Não faças objeto de tuas investigações o que é demasiado difícil. Não sondes o que está oculto.” Jesus, como foi dito, não endossava essa norma. Suas contínuas e inquietantes perguntas revelaram nele um curioso, ou, se se prefere, um pesquisador nato. E chegado a este extremo é bom deixar registro de algo que, em minha opinião, contém um grande interesse. As aulas do futuro Filho do Homem a suas irmãs e irmãos mostram claramente que nos seus dezesseis anos não tinha consciência da sua natureza divina. Do contrário, por que considerar a Bíblia como a suprema sabedoria? Por que ensinar-lhes que “seria necessário viver quinhentos anos para percorrer a distância da terra ao céu que está imediatamente acima de nós”? Por que dizer-lhes que “esse mesmo intervalo separa esse céu do seguinte e que essa é a distância entre duas extremidades de todo o céu, cruzado em sua espessura”? Se Jesus “dispusse” de sua “memória divina” – as palavras continuam limitando-me –, que sentido tinha ensinar-lhes que o número de céus é de sete”? A razão é óbvia. Sua luta interior ainda não havia terminado. Ele pensava como homem. E como tal havia aprendido que há sete céus: o *Pentateuco* – diziam os rabis – utilizava sete palavras diferentes para referir-se ao céu. Consequentemente – ensinavam os *hazans* – o número de céus é sete. (Paulo de Tarso faz uma alusão a esse “sétimo céu”.)

Se aquele mestre chamado Jesus tivesse, já, consciência de sua origem divina, por que iria afirmar que a Terra, por essa mesma razão, era formada por sete camadas superpostas? (Hoje sabemos que os antigos eruditos de Israel não estavam tão fora de rota em suas apreciações. Alguns cabalistas até dividem os três elementos em SIAL = SI-MA-NI-FE.)

– Ele nos ensinou o que reza a tradição em torno da criação do mundo. Mas tinha suas dúvidas...

Míriam foi sincera. Essa tradição, recolhida no escrito rabínico *Yoma*, LIV, 6, diz que no templo de Jerusalém via-se a pedra que Yaveh lançou ao mar primigênio, para que a Terra se fosse formando ao seu redor.

– ... Ele nos disse que essa era a crença mais propagada e que devíamos considerá-la e conhecê-la, ainda que suspeitasse que poderia haver outra explicação mais lógica.

– E chegou a expressá-la? – interoguei-a com grande curiosidade.

– Não. Meu irmão não era como os outros mestres. Quando ignorava uma coisa confessava-o abertamente. E isso não tinha resposta para Ele.

– Também nos falou de uma linha misteriosa que rodeia o Universo.

– De fato – prosseguiu Míriam –, a que separa a luz das trevas. Dela fala o profeta Isaías: “Deitará Yaveh sobre ela as cordas da confusão e o nível do vazio” (*Is.*, XXXIV, 11).

No capítulo da geografia Jesus chegou até onde pôde. Os conhecimentos da sociedade judaica eram mais românticos e nacionalistas do que científicos. Os especialistas acreditavam que o mundo fosse um plano circular. (Crença baseada também na Bíblia: *Isaías*, XL, 22.) E que todo ele se achava rodeado de água (*Eroub*, XXII, b). “E Deus, como atesta o *Livro dos Provérbios* (VIII, 26) senta-se sobre esse círculo, traçado por ele mesmo.” Logicamente, Israel ocupava o centro. E muitos rabis chamavam o resto dos países conhecidos como “os países do mar”.

– Ele nos transmitiu então o que todos acreditavam: que nossa nação era banhada por sete mares: o Grande (o Mediterrâneo), o *yam* (atual mar de Tiberíades), o Samoonita (o lago Hule), o Salgado ou mar de Sodoma, o mar de Aco (golfo de Ácaba), o Schelyath e o Apameu. (Muito provavelmente se referia a dois pequenos lagos, já desaparecidos, localizados em terras da Iduméia e aos quais faz alusão Deodoro de Sicília.)

E tomando como referência os textos bíblicos e o que havia aprendido com as caravanas e viajantes, Jesus atreveu-se a prognosticar-lhes que a Terra era muito maior do que oficialmente se presumia. E que o número de montes, rios, lagos e animais ia muito além do que enumera a Escritura. Mas também aconselhou-os a serem prudentes ao falar dessas coisas com os amigos e

companheiros da aldeia. A credibilidade do carpinteiro entre as “forças vivas” de Nazaré não era muito grande...

– Ao estudar o mundo dos animais – lembrou Míriam com nostalgia –, nosso querido irmão foi mais eloqüente do que nunca, elogiando a sabedoria de seu Pai do céu. E quase em segredo disse-nos que não acreditava muito na divisão sagrada de “animais puros e impuros”. E disse que, por exemplo, a lagosta e outras criaturas com patas que habitam no mar e que o livro chama “impuras” não podiam ser tais. Em todo caso, ressaltou, dependerá do tempo que medeie entre a captura e o seu consumo. (Acertadíssimo o veredicto do jovem mestre de Nazaré. Em um lugar como o deserto do Sinai, com temperaturas que podiam passar dos quarenta graus centígrados, a conservação do marisco tornava-se duvidosa ao extremo, podendo prejudicar a saúde do povo eleito. Daí havê-los Yaveh, com uma perspicaz “visão sanitária”, incluído entre os animais que não deviam ser destinados ao consumo.)

– ... E nos contava histórias...

Ao pedir-lhe que rememorasse alguma, Míriam olhou para sua mãe e a Senhora, sem hesitação, citou a do asno.

– Cada vez que a incluía em suas lições – ilustrou Maria risonha – os mais novos acabavam saindo para a rua em busca de um asno.

A fábula em questão era esta: “Um dia o asno foi à presença de Deus e apresentou suas queixas. ‘Não trabalharei para o homem se não receber uma justa compensação’. E ameaçou propagar sua espécie se o Divino não recompensasse seu duro trabalho com um salário justo. E Deus lhe disse que satisfaria seus desejos ‘quando sua urina formasse uma corrente capaz de mover um moinho e seus excrementos tivessem a fragrância das flores’. Por isso é que desde então o burro tem o costume de cheirar suas fezes e urinar em movimento”.

– E voltavam – concluiu a mãe – com os olhos acesos, admirados da “precisão” de Jesus. E meu filho se divertia muito mais do que os próprios irmãos.

– Quando se referia aos cães – lembrou Míriam –, meu irmão se irritava. Ele tinha um na horta e o estimava. Por isso não admitia que se fabricassem amuletos com seus olhos, dentes e língua. Punha-se frenético.

– O desgosto daquele grande amante dos animais era justificável. Entre os supersticiosos judeus existia uma crença generalizada que assegurava que “colocando a língua de um cão debaixo do dedo grande do pé, no interior do calçado, podia evitar-se que os cachorros ladrassem”. Outros, com o mesmo propósito, confeccionavam amuletos com os olhos de um cachorro preto e vivo. E se alguém conseguia obter os dentes de um cachorro raivoso que tivesse

mordido um homem ou uma mulher e, depois de os atar com couro, os pendurava no ombro, “podia passear pacificamente entre uma manada de cães raivosos”. Naturalmente, nem todos eram incautos...

Como professor de matemática, Jesus não foi além do estritamente necessário. Também não precisavam de grandes conhecimentos para o cotidiano rolar da vida em uma aldeia como Nazaré: números, operações rudimentares e rotineiras, pesos e medidas e alguma coisa de geometria, basicamente aplicada à agrimensura.

– Era curioso – manifestou Míriam, falando quase para si mesma –. Recordo muito bem os olhos de Jesus quando tocávamos no mundo dos números. Iluminavam-se. Pairava neles o amarelo da chama... Todos sabíamos que lhe entusiasmava. Mas nunca quis entrar em profundidade no assunto. Chamava-os de a “secreta correspondência de seu Pai do céu”. O que poderia querer dizer?

Fiquei calado, simulando que o ignorava. Mas já então eu intuía que o Mestre também era um mestre no prodigioso universo da Cabala. Possivelmente, naqueles anos de juventude, lhe tivessem sido revelados os primeiros mistérios. E com o decurso do tempo essa secreta inclinação do Filho do Homem chegaria a converter-se em uma “paixão e fonte de sublimes conhecimentos esotéricos”. Foi uma pena – tenho lamentado isso sempre – que eu não tenha conhecido o enigmático “professor de matemática procedente de Damasco” que um belo dia se infiltrou na aldeia... Mas, no final das contas, o que importava eram os resultados. E “esses” – viçosos e sugestivos seriam descobertos no nosso “terceiro salto”.⁵⁹

Jesus se preocuparia igualmente de outro capítulo, vital para o desenvolvimento futuro dos seus: os idiomas. O contato com os caravaneiros influiu nesta louvável visão do Galileu. Como em dezenas de costumes do fechado círculo social judaico, o jovem Jesus não partilhava a obscurantista obsessão dos “sábios” de Israel de opor obstáculos ao progresso.

Nesse caso, essa “modernidade” tinha um nome concreto: o grego. “O que ensina a seu filho – lê-se em *Sota*, IX, 14, e em *Antiguidades Judaicas* (XX, 11), de Josefo – é maldito, tanto quanto o que come carne de suíno.”

O hebraico ou *leshon ha kodesh*, a “língua dos sábios” e “da santidade” desde que as Escrituras foram escritas nessa língua, acabou por ser usada fundamentalmente nos ofícios religiosos, nas orações, nas aulas dos doutores da lei e nas citações bíblicas que podiam ser aplicadas na linguagem diária e coloquial. Algo assim como o latim escolástico ou litúrgico na Idade Média e na atualidade, respectivamente, e que, na verdade, só os eruditos empregam. A imensa maioria do povo judeu falava o aramaico.

Existia quase sempre nas sinagogas, de fato, um *targoman* ou “tradutor”, encarregado de explicar o hebraico das Escrituras à gente que não o entendia ou não o dominava inteiramente. O galalaico ocidental – aramaico falado por Jesus e pelos seus – era mais áspero e obscuro do que aquele que se falava comumente ao sul de Israel. Ainda que a comparação não seja rigorosamente exata, qualquer coisa assim como o inglês de Oxford (Judéia) e o do Texas (Galiléia).

Para o carpinteiro de Nazaré era óbvio que um homem que não dominasse a língua “internacional” do seu tempo, o grego, era um ser limitado, lamentável e absurdamente limitado. Por isso empenhou-se especialmente em que os irmãos o conhecessem. Esse foi outro dos grandes triunfos do mestre de dezesseis anos. Ele tinha o exemplo de José, seu pai terreno: seus negócios e viagens exigiram que ele o aprendesse. Percebeu a importância do grego desde que começou a ter contatos com os viajantes que chegavam à Cidade Santa e à própria Nazaré. E também o exemplo da própria Maria, sua mãe.

Apesar da obstinada oposição dos rabis, em sua miopia, eminentes doutores da lei se haviam visto forçados a aprender a língua de Alexandre Magno. Poucos os comerciantes que não o falavam. As importações e exportações, as viagens e o contínuo intercâmbio cultural tinham feito dele uma ajuda imprescindível em um mundo dominado por Roma e Grécia. Era, em verdade, um grego simplificado,⁶⁰ as vezes um jargão de portuários, com altos índices de contaminação lingüística, vindo dos quatro pontos cardeais. Com uma centena de vocábulos, a eliminação de termos difíceis e a rejeição de particularidades das declinações e conjugações era possível o entendimento com um funcionário egípcio, um notário de Chipre, um sanador da Mesopotâmia, um comerciante em vinhos e madeiras da Tessalônica, um poeta de Roma, um vendedor de papiros mágicos de Éfeso ou um condutor de caravanas da meseta de Anatólia.

Jesus não falava o grego de Platão ou dos trágicos imortais. Nem precisava. O que sabia e usava era suficiente para que sua palavra chegasse limpa e sem erros aos ouvidos do procurador romano, do centurião de Nahum que lhe pediu a cura de um dos seus escravos ou dos muitos gregos e pagãos que tiveram a sorte de cruzar em seu caminho.

É paradoxal, hoje, que determinados exegetas e escrituristas neguem o bilingüismo do Mestre e ao mesmo tempo julguem natural que seu suposto representante na Terra se dirija às massas em diferentes línguas. Estão muito equivocados com respeito à figura e à inteligência daquele Homem!

Nessa animada e instrutiva conversa que mantive com as duas mulheres alguma coisa, no entanto, havia ficado de fora. Algo que em “nosso tempo” poderia parecer absurdo e até mesmo desrespeitoso. Naquelas circunstâncias, porém, em uma sociedade que abençoava e privilegiava a família como um bem-

nascido do céu, e tendo em conta, sobretudo, que a realidade do Jesus de hoje não podia ser sequer intuída por sua mãe, teria sido normal e, como o próprio saduceu pensava, até desejável. Refiro-me, está visto, à possibilidade de que a Senhora pudesse haver casado pela segunda vez. Insisto com todo o respeito de que sou capaz: hoje, sabendo o que sabemos, e com uma imagem tão definida de Maria, a hipótese pode configurar uma blasfêmia. Apesar de tudo, ao ouvir a sugestão, “a das pombas”, em sua costumeira franqueza, disse algo cheio de sensatez:

– Voltar a casar-me?... – E riu gostosamente. – Não te mentirei, Jasão. Houve tempo, quando estes eram pequenos, em que pensei nisso. O trabalho nunca me assustou. Mas os homens (e sei de mais de um que me via com bons olhos), pobrezinhos meus!, são assustadiços como pombas. O peso de uma família tão numerosa foi decisivo. Quem teria tido coragem suficiente para trazer seu dote a uma casa assim? Não, amigo, essa possibilidade estava nas mãos de Deus, bendito seja o seu nome, e estás vendo...

Os argumentos eram justos. Maria tinha vinte e oito anos quando enviuvou. Afora o problema econômico – fundamental naquela época como em todos os tempos –, já era uma mulher “velha”, ainda que conservasse sua beleza. Não esqueçamos que a expectativa média de vida há dois mil anos, na Palestina, girava em torno dos quarenta anos para o homem e pouco mais para a mulher. E embora Maria não o mencionasse havia outro empecilho. Um “impedimento” que os homens geralmente costumam valorizar ao extremo. A Senhora, perspicaz por natureza, de uma inteligência que se revelava no olhar e com um nível de educação muito acima do habitual entre as hebréias, precisaria ter ao seu lado um homem de idênticas ou aproximadas características. E na verdade em Nazaré os homens dessa classe não abundavam. José havia sido uma exceção. Eu diria que uma “providencial” exceção. Sua candura de alma, uma concepção liberal da vida e o fortíssimo temperamento de tal forma singularizavam Maria que a maior parte dos presumíveis pretendentes estaria afastada.

Por último e não menos importante: ela se casara apaixonada. E esse amor não era fácil de enterrar...

Tudo teria sido diferente se a Providência – situação que, é claro, não entrava nos planos divinos – não lhes tivesse dado descendência. A chamada lei do matrimônio *yibbum*⁶¹ ou do levirato, da palavra “levir” (cunhado), estabelecia que nessa hipótese a viúva devia casar-se com o irmão do morto. Em primeira instância com o mais velho e em segundo lugar com o imediato na seqüência de idade. O irmão sobre quem recaísse essa sagrada obrigação tinha de ser filho do mesmo pai e haver vivido ao menos um período contemporaneamente ao falecido. Se a viúva, caso de Maria, tinha filhos, esse tipo de matrimônio era

proibido pela lei.

À medida que fui conhecendo o Homem – se é que existe alguém capaz de chegar ao santuário de uma alma – e os que o rodearam, mais próxima me pareceu a mão da Providência. Tudo naquela família se achava traçado e escrito com os fios sutis e diamantinos de uma Inteligência que meu julgamento de cientista não pode pôr em dúvida. Jesus nasce em primeiro lugar. Como primogênito, herda o ofício do pai. E como tal deve sustentar sua família. Se o seu nascimento houvesse ocorrido em segundo, terceiro ou qualquer outro lugar, a responsabilidade como “novo pai” não ocorreria. Até mesmo se o Mestre – como pretendem muitos – tivesse sido filho único, as possibilidades de um novo matrimônio de sua mãe poderiam ter crescido e muito.

Que dizer, então, da esmagadora experiência colhida nesses doze anos de vividez? Essa Inteligência colocou-a no “olho do furacão” das dificuldades e limitações econômicas. E teve de conhecer o trabalho e a angústia de prover o pão de cada dia e a educação, os sonhos e as misérias alheios. E tudo isso, acredito, com uma finalidade justa e escrupulosamente medida: ser homem até as últimas conseqüências. E nesse calculado labirinto que foi sua vida na terra, tudo o foi conduzindo – às vezes sem piedade, às vezes prazenteiramente – a seu destino.

Como filho de um Deus, imaginou e brincou como um menino, sofreu e se rebelou como um adolescente, trabalhou e se angustiou como um trabalhador sem fortuna e, finalmente, aceitou corajosamente o papel de “revelador de seu Pai”. Quem pode duvidar da experiência humana do Filho do Homem? Mas estas coisas não foram reveladas pelos evangelistas. E com isso a humanidade perdeu quatro dos cinco ciclos que compuseram seus trinta e seis anos de vida... Períodos, como continuarei narrando, cada vez mais apaixonantes.

No momento em que eu me preparava para abordar o turbulento ano 11, a ruidosa entrada de Tiago na casa deixou-nos perplexos. Estava acompanhado de Jacó e de Ruth. Maria e Míriam ergueram-se rapidamente. E eu, prudentemente, deixei-me ficar em um canto, junto às ânforas. Os olhos acastanhados do filho mais velho brilhavam inquietos na penumbra. Antes de falar, como se necessitasse de tempo para refletir, subiu à plataforma, apanhou uma caneca de madeira e, descendo ao plano em que nos encontrávamos, encaminhou-se na minha direção. Destampou a grande vasilha e se serviu de uma porção de vinho. Ao levá-lo aos lábios, seu olhar encontrou o meu. Suponho que não fui o único que notou a gravidade da sua fisionomia. Ao reparar em minha presença, pigarreou nervosamente. Alguma coisa havia acontecido. Alguma coisa que eu

não devia ouvir. Pelo menos interpretei assim. Então, em silêncio, dirigi-me para a porta principal. A Senhora, porém, atenta e ágil como um leopardo, cortou-me a frente e, pegando-me pelo braço, rompeu o embaraçoso suspense:

– Que aconteceu? – A pergunta, dirigida a Tiago, não teve resposta. Maria apertou meu antebraço e me perguntou: – Jasão, que é que aconteceu? Por que queres sair?...

Eu não teria sabido responder. Mas também nem me deu oportunidade. Aproximou-se do filho e exigiu-lhe uma explicação. Vi que ele hesitava. Aquilo me surpreendeu em Tiago. Sua confiança em mim era total. Baixou os olhos, ergueu-os de novo e me dirigiu o seu penetrante olhar. Depois eu compreenderia tudo. Aquele nobre coração tentava evitar-me um desgosto. Pressionado, porém, pela mãe, tirou do cinto um pequeno caco de cerâmica: uma *ostraka*, que entregou em silêncio a Maria. Esta aproximou a peça da candeia que estava ao centro da pedra e, depois de examinar a breve inscrição garatujada na argila, olhou para mim com incredulidade. E com um gesto negativo de cabeça devolveu-a ao filho.

– Não creio... – foi seu comentário.

Intrigado e espantado, assisti então a um lacônico e indecifrável diálogo entre mãe e filho:

– Quem pode ter escrito uma coisa assim? – exclamou furiosa.

– É a sua letra... – respondeu o galileu.

– Isso não basta. Será que não sabes que ele o detesta?

E Maria, para resolver de vez a tensa situação, entregou-me a *ostraka*. Durante alguns segundos todos os olhares convergiram para este confuso explorador. Graças a Deus meu pulso não tremeu. Lida a mensagem, sem perder a calma, devolvi a *ostraka* à Senhora. Suponho que meus olhos falaram melhor do que a minha garganta porque os da mulher se iluminaram, radiantes, diante da muda confirmação. Mas logo a sua alegria esmaeceu, ao ouvir minhas palavras:

– É certo – afirmei sem rodeios. – Sou amigo de Pôncio...

E antes que minha afirmativa causasse uma explosão adiantei-lhe toda a verdade.

As atropeladas frases escritas no caco de cerâmica diziam textualmente: “Jasão é um traidor. Tem um salvo-conduto do assassino”.

– Nunca minto – recomecei, sustentando o olhar espantado de Tiago. – Visitei-o em Jerusalém. Vós o sabeis porque em uma das entrevistas fui gentilmente acompanhado por José de Arimatéia. Ele pode dizer precisamente o que ali se conversou... Quanto ao salvo-conduto... – E comecei a procurá-lo na bolsa que eu trazia no cinto. – Também é verdade.

Um murmúrio de desaprovação escapou dos lábios de Míriam e de Ruth.

Mas minha imediata intervenção tranqüilizou-as... relativamente.

– Foi pedido – disselhes sem titubear – para poder cumprir minha missão sem embaraços. Em meus planos figurava uma entrevista com o centurião que pediu a Jesus a cura de um dos seus servos... – A firmeza de minhas palavras não deixava lugar a dúvidas. E acrescentei: – E pelo amor de Deus vos rogo que não me pergunteis a respeito dessa missão. – E, escudado na confiança da Senhora, ressaltei: – Só vossa mãe a conhece. Confiai em mim, como fez Jesus.

A categórica e intencionada alusão ao Mestre foi decisiva. E Maria, com os olhos umedecidos, abraçou-me feliz, sussurrando-me ao ouvido:

– Obrigada, amigo!... E perdoa nossa indignidade.

Jacó, com o seu habitual senso de oportunidade, fez a pergunta-chave:

– Queres dizer de uma vez que diabo sucedeu?

Tiago, satisfeito com minhas explicações, mostrou-lhe a misteriosa *ostraka* e esclareceu os fatos:

– João Zebedeu desapareceu.

A notícia causou maior impacto do que o injurioso escrito.

– ... Quando Esta e eu voltamos para casa não encontramos rastro dele. Ou melhor – corrigiu aborrecido –, deixou um rastro: essa mensagem.

Naquele momento, atordoado pelos acontecimentos, não consegui desvendar o mistério. Como João sabia que eu possuía o salvo-conduto? Seria através de José de Arimatéia? Fosse como fosse, o ódio de João ultrapassava todos os limites previsíveis... E isso era triste. Afundei em amargas reflexões.

– Não compreendo... – observou Maria traduzindo nossos pensamentos.

– Nem tu, mamãe Maria, nem ninguém – confirmou Tiago.

– E onde poderia estar?

A pergunta de Míriam ficou sem resposta. Tiago – segundo disse – havia percorrido a aldeia mas ninguém pudera dar nenhuma informação.

– E que me dizes da víbora?

A Senhora, com a sua aguda intuição, havia acertado. Ninguém, entretanto, deu crédito à aparentemente absurda sugestão. Por que razão visitaria o saduceu?

Durante um bom tempo discutiram as possíveis alternativas que se abririam diante do impulsivo e estranho João.

– Quem sabe voltou para o *yam*.

Maria não aceitou a hipótese de Jacó. Não tinha motivo para fazer isso e não o faria sem avisar.

– E se tivesse sofrido um acidente ou um ataque desses desalmados?

Tiago não concordou com a mãe. Se houvesse ocorrido algo assim, alguém da aldeia já o teria avisado. Além disso, suas ordens havia sido expressas: “esperar em casa”.

– Podia ter ido para Séforis.

A idéia de Ruth foi igualmente descartada. Não tinha sentido. Mas, em vista da excitação de que estava possuído o Zebedeu, que significava o “sensato”? Podia ter tomado qualquer rumo ou a mais louca das decisões. Haver desobedecido Tiago já era um sintoma.

Absorvidos pelo enigma, os primeiros golpes nos passaram quase despercebidos. Só Ruth ouviu alguma coisa e reclamou silêncio. De fato, na parte de trás da casa soaram umas pancadas, como se alguém batesse numa porta com um bastão.

A Senhora, à pergunta de seu filho, fez um gesto de ombros significando que não sabia do que se tratava. E as pancadas se repetiram distantes mas claramente, obedecendo a uma seqüência de três golpes e silêncio. Aquilo parecia uma senha. E Tiago, mais tranqüilo, pediu calma. Com passos cautelosos foi até a oficina. Eu o segui. Tirou da porta o madeiro que a escorava e penetrou na claridade. Até esse momento eu não havia tido ocasião de conhecer a terceira e última dependência do lar de Nazaré.

Muito precavido, o galileu deteve-se no centro do pátio retangular que fechava a vivenda pelo flanco norte. De espada na mão, esperou por uma nova seqüência de golpes. Quase defronte à porta que acabávamos de deixar para trás abria-se uma rústica cancela de tábuas que se fechava com um cordel esfarrapado. Era um tanto absurdo – raciocinei – trancar os acessos da sala e da oficina quando com um simples pontapé se podia entrar pelo pátio. Como na maioria das casas rurais, aquela peça constituía uma espécie de depósito: em uma superfície de sete por cinco metros, a céu aberto, amontoava-se toda sorte de coisas que, por conveniência, haviam sido banidas da casa. Um muro de pedra sem cal, com a pedra revestida de uma argamassa erodida pelo tempo e as intempéries, fechava todo o pátio, elevando-se a pouco mais de dois metros. Na parede à minha direita alinhavam-se um tear vertical, de 1,80 metro de altura (então em desuso), um almofariz de basalto preto e, acoplado a um dos cantos, um forno de ladrilho avermelhado, de um metro de altura, em cúpula. O almofariz ou moinho caseiro, certamente adquirido na alta e vulcânica Galiléia, era muito simples. A verdade é que já os havia visto mais “luxuosos”. A laje retangular, de uns sessenta por quarenta centímetros, que servia de base, estava desgastada pelo uso. Sobre ela repousava uma segunda peça, complementar: um cubo pesado de trinta centímetros de largura, que servia para moer o grão. Na face superior apresentava um orifício, em forma de funil, pelo qual se introduzia o cereal. Para deslocá-lo, trabalho nada fácil a julgar pelo peso da pedra de basalto, havia sido colocado um delgado mas sólido pau cilíndrico de carvalho, de meio metro de comprimento, perfeitamente ajustado a duas fendas praticadas

nos extremos da face superior do cubo. Para a obtenção da farinha, portanto, era preciso arrastar o prisma acima e abaixo, friccionando ambas as peças. Quantas vezes teria Jesus visto a enfadonha operação? Talvez ele mesmo a tivesse manejado em muitas madrugadas... E não pude evitar uma doce e fugaz emoção...

O forno, com claros sinais de não haver sido aceso nos últimos dias ou semanas, recordou-me uma colméia de pedra, antigamente caiada com esmero mas agora devorada por estreitas línguas de fuligem que escapavam pela boca localizada na base.

À minha esquerda, amparada na parede mais curta, descobri uma curiosa construção de madeira. Os cinco por dois metros haviam sido aproveitados para a instalação de um pombal. O “albergue” era disposto em três pisos, meticulosamente fechados com tábuas e um trançado de junquinhos e divididos por sua vez em quatro departamentos ou celas por piso, com as correspondentes portinhas. Maria, “a das pombas”... Ali estava a explicação do apelido da Senhora. No alto do pombal e no seu interior dormitavam ou arrulhavam algumas das suas queridas aves. Não muitas.

O resto do pátio, pavimentado à base de uma terra suja e batida, apresentava o mesmo aspecto lamentável de abandono. Junto à parede em que se abria a cancela havia um bebedouro de pedra e uma manjedoura de madeira, com pés em forma de tesoura. Diante deles, separado por um estreito corredor que levava ao pombal, um canteiro de terra de três metros de largura que antes podia ter sido uma horta mas que agora, cheio de tinhas, cestos e alguns instrumentos de lavoura enferrujados, estava convertido quase em um esterqueiro, invadido de moscas. A recente tragédia, como uma muda represália das coisas inanimadas, podia adivinhar-se até mesmo na triste desordem do lugar. Aquele, certamente, não era o estilo da Senhora.

E a esperada “seqüência de golpes” – exatamente três – repetiu-se do outro lado da portinhola.

– Quem está aí?

O enérgico grito de Tiago não teve resposta. Então ele avançou os três passos que o separavam da cancela e espiou por um dos orifícios deixados pelos nós que se iam desprendendo da velha e carcomida madeira. E um enfraquecido golpe fez tremer de novo a porta. Mas à segunda batida a porta entreabriu-se, com um rangido, e o irmão do Mestre, certo da identidade e das honradas intenções do visitante, fez que ele entrasse. Era um ancião de barbas desfiadas que pendiam como um salgueiro quase até a cintura. Ao ver-me aproximou os lábios do ouvido de Tiago e sussurrou-lhe alguma coisa que eu não pude ouvir. O filho da Senhora foi fazendo sinais de assentimento com a cabeça e, por fim,

fez uma única pergunta:

– Quando?

O velho, porém, surdo como aquelas paredes precisou de uma segunda e uma terceira tentativa.

– Pergunto quando... – vociferou o desesperado Tiago metendo a boca entre as grenhas do tal Jairo.

E o amigo da família (sua arriscada missão bem merecia a qualificação) pediu-lhe de novo que se inclinasse e mastigou uma frase que dessa vez pude ouvir:

– Depois da nona (passadas as três da tarde).

Tiago beijou-o em ambas as faces e Jairo desapareceu. Um minuto depois a família era informada da notícia que acabava de transmitir-lhe o ancião:

– Parece que a víbora tenta chegar até o final. Um membro do conselho partiu para Séforis, depois da nona, para solicitar instruções ao tribunal...

As palavras de Tiago caíram como chumbo derretido. Só “o pequeno esquilo”, em sua candidez, se atreveu a intervir:

– Instruções? Sobre quê?

Maria acariciou-lhe os cabelos e aconselhou-a a guardar silêncio.

– ... Ao que parece, a frustrada lapidação desta manhã o humilhou e exige que sejamos castigados.

Não houve perguntas. Todos presumiam que o castigo podia ser coletivo.

– E quem foi o emissário?

A pergunta de Jacó tinha mais importância do que podia parecer. Dependendo de quem e da forma como exporia o pleito, a decisão do tribunal poderia variar sensivelmente. Nesse caso, Séforis, capital da Baixa Galiléia, dispunha de uma das quatro cortes de vinte e três juízes em que havia sido dividido o país desde os tempos do legado Gabino.⁶² Quase todas as povoações menores – caso de Nazaré – dispunham também de um “pequeno Sinédrio”, integrado por sete, três ou até um só juiz. Mas estes conselhos ou tribunais locais limitavam-se a despachar causas de mínima importância. Quando, como no caso da “blasfêmia” cometida por Tiago, o assunto envolvia gravidade mediana era transferido à corte imediatamente superior, chegando em muitos ao Grande Sinédrio da Cidade Santa.

– Jairo mencionou Judá.

O esclarecimento de Tiago foi recebido com um espontâneo “malnascido” que escapou dos lábios de Míriam.

O tal Judá, membro do conselho local, era uma espécie de aguazil, oficial inferior da justiça, e verdugo, encarregado das flagelações e braço direito do

saduceu. Uma personagem, em suma, de má catadura e tão rasteira quanto o seu chefe. (A denominação desses funcionários das cortes judiciais – *hazzam* – tinha o seu equivalente nos *hiperetas* ou “remadores de segunda”, como os designavam os gregos com justa ironia.)

– Mas, afinal, de que nos acusam? – quis saber Maria. (No fundo ela conhecia ou intuía a resposta.)

Ninguém se aventurou a responder. Blasfêmia? Desobediência ao Grande Sinédrio por violação das normas especiais baixadas na noite do último domingo 9 de abril? Em qualquer caso, o castigo por esses delitos estava bem definido. Com muita sorte, se o tribunal se mostrasse indulgente, Tiago, o “cabeça visível” da família e responsável direto pela injúria ao Todo-Poderoso, podia ser expulso da sinagoga em caráter temporário ou perpétuo – excomunhão que encerrava um estigma vergonhoso –, açoitado, acorrentado ou desterrado, com a perda dos seus bens e propriedades. Se, ao contrário, os juízes aplicassem a lei com rigor, a sentença seria de morte.⁶³ O exemplo do irmão mais velho, tão recente, não deixava lugar a dúvidas... Daí a inquietação e as sombrias especulações da família. O pessimismo e o desânimo da família afetavam até a voz deles todos. Alquebrados, caíram em um profundo mutismo.

Todavia, confiavam em Tiago e para ele voltaram-se os corações. O tribunal de Séforis não se reuniria em sessão oficial antes de quinta-feira. Tinham margem para discutir e tomar a decisão que julgassem correta. A presença do odioso Judá no “Conselho dos 23” não era bom augúrio. Ainda assim, sempre restava a esperança na defesa e em bons e imparciais juízes.

Diante da insensata proposta de Jacó, de fugirem da aldeia, a Senhora e Tiago se negaram taxativamente. Nada tinham que ocultar. Ao menos aos olhos dos justos... No seu gesto característico de acariciar a barba, Tiago apenas fez uma recomendação: aumentar a cautela. Uma primeira medida lhe parecia indispensável: conhecer as acusações que pesavam contra eles; e para isso era imperioso que fossem a Ismael. Míriam e o marido protestaram. A Senhora, porém, em um esforço sobre-humano, deu razão ao filho. Superado esse desagradável mas inevitável passo, tempo haveria para irem espontaneamente a Séforis e ali enfrentar o problema.

Jacó e Maria ofereceram-se para acompanhar Tiago mas ele recusou. Não desejava infligir mais esse sofrimento à família e além disso temia o tempestuoso temperamento da mãe. Iria só.

“E todos” – rematou terminantemente – “esperarão meu regresso em casa.” Na ordem ficou flutuando um nome: João de Zebedeu. A opinião geral era de que a inexplicável fuga do discípulo só poderia acarretar novas complicações. E estavam certos.

Ao faltar meia hora para o pôr-do-sol, o voluntarioso Tiago deixou a casa pela segunda vez. E eu me vi envolto numa atmosfera depressiva, mais uma vez. Jacó nem sequer falou em voltar ao seu posto de observação no terraço. Permaneceu sentado à borda da plataforma, olhando para as mulheres e esmagado por suas reflexões. Mas o abatimento desapareceria em minutos, graças à firme vontade daquela mulher, a Senhora, que não estava disposta a ser devorada pelo desalento e muito menos a permanecer impassível diante da tristeza da família.

Primeiro ela subiu à plataforma e começou a lidar com os utensílios de cozinha. Mas, ao observar a triste cena, soltou os pratos e canecas de madeira com estrépito. Todos a olhamos assustados. Ela, então, enxugou as mãos com a fralda da túnica, desceu os degraus, acomodou-se junto à mesa de pedra, fez-me um sinal e exclamou:

– Jasão, prossigamos...

Fiquei atônito mas logo compreendi. A conversa com aquele curioso, incansável e às vezes tolo e divertido grego era o melhor remédio para distrair sua mágoa. Eu, encantado, atendi à convocação...

No princípio desta nova etapa de conversações, nem as filhas nem Jacó demonstraram especial interesse pela narração da Senhora. Ao longo daquele ano 11, do mesmo modo que no precedente, Jesus prosseguiu no seu esgotante trabalho de carpintaria. Cuidava dos seus irmãos, dava-lhes educação e ainda velava pela segurança da “mamãe Maria”. No fundo, os desacordos com a mãe encontravam o seu equilíbrio no intenso amor que os unia.

– Uma coisa eram as suas idéias e as minhas com respeito ao Messias – deixou claro a mulher – e outra, muito diferente, nosso mútuo amor.

Esse afeto, todavia, iria cruzar um novo deserto nesse período: o do seu décimo sétimo aniversário. A Senhora, que já me havia falado do incidente com os zelotes, não lhe deu a importância que realmente tinha. Sua postura era muito humana e desculpável. Por que aprofundar um episódio tão desagradável?

– Melhor será que o esqueçamos.

Fiquei desolado. Mas meus contatos com Maria e os demais deviam ser extremamente discretos, e por isso não era aconselhável forçar demais para conseguir toda a história da impropriamente chamada “vida oculta” do Mestre. E já estava a ponto de resignar-me quando Míriam saiu em minha ajuda.

– Se este homem tenciona descobrir a verdade sobre nosso irmão – declarou sem nenhuma emoção –, convém que também lhe façamos conhecer nossos erros.

– Meu erro – corrigiu Maria, assumindo a totalidade da culpa.

– Não. Em todo caso, o teu, o de Tiago e o dos homens que fizeram causa comum com tuas manias...

– Manias?

A Senhora olhou-a de alto a baixo, irritada.

– Desculpa. Não é esse o termo adequado... – E sem piedade acrescentou: – Delírios de grandeza! Absurdos alardes de glória!

A Senhora, que sabia reconhecer a verdade, não teve remédio senão mostrar humildade.

– Comecemos pelo princípio – sugeri, como meio de cortar o áspero curso do diálogo. E Jacó, envolvido no tema desde o começo, tomou a palavra.

– Sim, contemos os fatos tal como ocorreram e não como gostaríamos que tivessem ocorrido...

Foi assim que eu soube o que já estava consignado no banco de dados do Papai Noel. A história fornece interessantes e prolixos dados acerca do cada dia mais florescente movimento de insurreição judaica contra o invasor romano. Jerusalém e a Judéia foram os primeiros cenários dessa corrente político-religiosa que começava a soprar com força por todo o Israel. Algum tempo antes, da seita dos fariseus – que não hesitavam em proclamar-se como os “santos e separados”, os verdadeiros nacionalistas e depositários do esmagado patriotismo – se desgarraria o que hoje poderíamos chamar um “partido de extrema esquerda” – os zelotes – fanatizados, radicais e violentos. Uma espécie de “braço armado” do farisaísmo. Algo que hoje, ainda que com outras motivações, é farta e tristemente conhecido pela sociedade da Europa, que suporta um terrorismo semelhante, “gêmeo” do dos zelotes.

Pois bem, não admitindo senão a Deus como único dono e senhor, pretendiam a expulsão e o esmagamento dos pagãos pela força. A diplomacia, o diálogo, a negociação e a paciência não figuravam no seu vocabulário. E quando digo “pagãos” incluo todos os gentios, ainda que, é claro, Roma e seus representantes tivessem uma especial prioridade em seus objetivos. No ano 6 da nossa Era, quando Jesus estava com doze anos, já se havia registrado uma grave tentativa de rebelião. Um galileu chamado Judas de Gamala e um fariseu de nome Saduc conseguiram o que parecia impossível: arrastar milhares de judeus contra as legiões romanas. Logicamente fracassaram. Mas a semente estava lançada. E desde então os zelotes – designação que significava “zelosos” da lei –, com o apoio de boa parte da população, que os ocultava, alimentava e lhes pagava um secreto “imposto revolucionário” para a aquisição de equipamentos e armas, atuaram em guerrilhas, perseguindo os exércitos e funcionários romanos e cometendo toda sorte de crimes e vilanias, “em nome da causa”. Eram conhecidos também como “sicários”, palavra derivada de “sica”, um punhal

curto e temível que traziam escondido sob as vestes e com o qual liquidavam os que julgavam traidores, infiéis ou colaboracionistas.

O mal, como sempre, era que, a pretexto de supostas traições ao povo e ao Deus de Israel, esse zelotes satisfaziam suas vinganças pessoais ou as daqueles que diziam simpatizar com eles. E os homens de bem se viram envolvidos em uma atmosfera de medo e de permanente desconfiança. Pois bem, essas ameaçadoras ondas de levante nacional contra o usurpador da Terra Prometida foram recrudescendo com os anos. E não tardou que no ano 70 desembocasse na grande rebelião que mobilizou Roma, com as conseqüências que todos conhecemos. A Galiléia, por suas especiais características geográficas e estratégicas e sua reconhecida liberalidade social e religiosa, foi sempre um reduto muito apreciado pelos zelotes ou “bandoleiros”, como também os chamavam em tom de escárnio.⁶⁴ E ainda que em vida de Jesus não chegassem a atingir a violência dos anos imediatamente anteriores ao cerco de Jerusalém por Tito, era inegável que sua força e presença constituíam uma realidade para os cidadãos. Inquietante para muitos, esperançosa para outros, perigosa para todos.

Entre os seus “íntimos” – algum dia terei de referir-me a ele –, Jesus acolheu Simão, apelidado “o Zelote”. Não o esqueçamos. Na Galiléia, além de tudo, ocorria outro fator só conhecido dos historiadores. Algo que contribuiu extraordinariamente para o irreversível fenômeno do crescimento da seita dos zelotes. Refiro-me à febre da compra de terrenos e propriedades por parte dos estrangeiros. Meia Galiléia, incluindo as cidades helenizadas, estava em mãos de comerciantes gregos, fenícios, romanos e egípcios. Essa “vergonha nacional” excitou ainda mais a ferocidade dos guerrilheiros.

E ocorreu que naquele ano 11, de acordo com as táticas surgidas em Jerusalém e na Judéia, alguns dos “representantes” do “braço armado” na Galiléia começaram a “peneirar” a região em busca de novos simpatizantes com os quais pudessem renovar os comandos. E, naturalmente, Nazaré foi incluída.

É curioso e acho que não deve ficar ignorado. Através das informações da família e quase que por dedução lógica fiquei sabendo que antes que os zelotes chegassem à aldeia “já sabiam quem era o jovem carpinteiro e até onde chegava sua influência na juventude do lugar”. Coisa normal, por outra parte, se considerarmos que os “serviços de informação” daquele movimento patriótico se ramificavam até os pontos mais extremos. Aparentemente, a campanha dos zelotes na Galiléia havia sido um grande êxito. A juventude, maciçamente, se havia colocado ao seu lado. Mas, ao entrar em Nazaré...

– Todo o seu orgulho desmoronou.

Jacó, diante do respeitoso e significativo silêncio de Maria, prosseguiu sem rodeios nem meios tons. Nunca poderei agradecer suficientemente seu amor à

verdade.

– Falaram com Jesus. Expuseram-lhe suas idéias, seus planos, seu fervor patriótico. E o jovem carpinteiro, meu amigo, soube escutá-los até o fim. A verdade é que aquela propaganda do produto era desnecessária. Todos sabíamos quem eram e o que pretendiam.

– E por que escolheram Jesus? – perguntei, simulando ignorar os fatos. – Suponho que não era o único em condições...

– Dizes bem. O Mestre não era o único. Era, sim, alguém que, à força de trabalhar, refletir, estudar e ouvir os demais, havia sabido conquistar a simpatia de boa parte dos jovens. Sua palavra e seu conselho eram disputados por todos...

– Além disso – interveio Ruth, que não perdia detalhe –, era o mais forte e o mais garboso...

– Bem – censurou-a Jacó – falemos com seriedade. Aquela ralé...

A Senhora voltou-se para o genro reprovando-lhe o epíteto:

– Ralé?... Porque desejavam a liberdade para o nosso povo?

Jacó, não muito convencido mas desejando a paz, retificou a contragosto:

– Aquela gente sabia desde o princípio que se Jesus e os outros “chefes” entrassem no partido outros muitos os imitariam. E a operação se haveria concluído com uma evidente economia de tempo e esforço. Mas enganaram-se. Jesus fez-lhes muitas perguntas e por fim negou-se taxativamente a ingressar em suas fileiras.

Olhei para Maria. Suas feições, a essas recordações, haviam endurecido. Mas no momento continuou calada.

– Por quê? Qual foi a razão?

– Agora, amigo Jasão, é fácil entender e aceitar. Ao menos para nós que acreditamos em sua palavra. Mas aquela época, há dezenove anos, como podes imaginar, as coisas eram diferentes.

Nesse ponto, Jacó pediu à sogra que retomasse a narração. Não aceitou.

– Não é uma situação cômoda para mim – confessou o homem, em um gesto que lhe fazia honra e que levei na devida conta. – Devo contar-te tudo tal qual ocorreu. Ele, como eu dizia, “declinou da honra” – essas foram as suas palavras –, justificando-se com a verdade: “suas obrigações familiares estavam acima de qualquer outro compromisso”.

Não pude conter-me.

– Uma honra servir entre os zelotes?

E com isso também eu fui alvo da muda e severa censura de Maria.

Jacó sorriu ironicamente. E Míriam apoiou a posição do marido, com as seguintes palavras:

– Meu irmão não era tolo... Conhecia o poder, o espírito de vingança e as

crueldades de tais partidos. Uma negativa áspera poderia ter sido fatal para toda a família. Compreendes?

Claro que o compreendia. E no meu íntimo elogiei a habilidade diplomática do jovem Jesus.

– E o povo entendeu suas razões. A família, tu sabes, é sagrada.

Míriam o interrompeu.

– Estás certo?

Jacó, como eu, não entendeu a intenção da esposa.

– Estás certo – insistiu ela – de que “todo o povo” compreendeu e respeitou?

Um fugaz olhar à Senhora traiu Jacó.

– Pelo menos – titubeou – digamos que a maioria...

– A maioria? – atacou de novo a reticente Míriam.

O galileu, confundido, acabou por reconhecer que “a metade da juventude” ficou ao lado de Jesus; o resto, ao lado dos zelotes.

Aquele relativamente importante deslize do amigo do Mestre que acabava de expressar seu desejo de narrar toda a verdade – merece uma ligeira anotação: quantos dos escritores sagrados não se deixariam levar em seus Evangelhos por essa mesma e compreensível tendência a suavizar o que não fosse agradável?

Para dizer a verdade, Jesus não havia mentido. Sua mãe e seus irmãos justificavam sua atitude de todos os pontos de vista. Mas imagino – e isto os meus interlocutores não souberam esclarecer – que, além de tudo, o tímido e impreciso Deus que continuava germinando em seu interior afastou do seu espírito a possibilidade de empunhar as armas para defender seu povo. Todavia, como já disse, a desculpa da família foi perfeita. O que não podia o honrado carpinteiro suspeitar era que sua posição chegasse a levantar semelhante celeuma em Nazaré.

– Podes imaginar – continuou Jacó – quem arremeteu com maior ódio contra o Mestre?...

– A víbora?

Todos riram da minha certa e espontânea resposta-pergunta. Menos Maria.

– Durante alguns dias – continuou o galileu com os olhos cheios de surpresa – foi a loucura. Todos discutiam com todos. Entravam e saíam desta casa e da oficina vociferando, clamando aos céus e negando e afirmando sem refletir. E o saduceu, está claro, juntou-se ao bando dos zelotes, conspirando contra Jesus. Ouvimos de tudo, Jasão. O mais generoso foi “covarde” e “renegado”. E meu Amigo, que se negava a discutir em público, sofreu o inimaginável...

Naquele relato, fiel à verdade, faltava alguma coisa. Eu sabia. Todos que ali estavam o sabiam. A palavra-chave era “Maria”. E antes de prosseguir cederei ao impulso que me domina. Farei um parêntese. E o farei porque, se está na vontade de Deus que este Diário chegue algum dia ao conhecimento do mundo, devo advertir os pusilânimes de que a imagem da Senhora que me disponho a retratar corresponde àquela que a tradição foi configurando, com base em um ideal digno de louvor mas irreal. Sossegado meu coração, prosseguirei.

Maria, de fato, tinha muito que dizer sobre essa turbulenta passagem da vida do filho. Mas como conseguir que falasse? Aproveitei uma breve pausa – Ruth servia água ao seu cunhado – e desfechei:

– Em “meu mundo” temos sede de Jesus. Não te embaraces porque uma vez ou outra te conservaste fiel a ti mesma. Ou crês que teu filho não soube compreendê-lo?

O “pequeno esquilo”, que não captou minhas palavras integralmente, estendeu-me a vasilha com água, dizendo:

– Em teu mundo tendes sede? Toma... bebe. Minha mãe jamais negou uma caneca a um sedento...

O delicioso erro de Ruth teve mais força do que meus discursos. E a Senhora, enternecida diante da espontaneidade da filha, falou:

– Suponho que, depois da morte do meu filho, nada mais importa o que eu tenha feito ou deixado de fazer...

Tive o extremo cuidado de não fazer comentário algum. Ela que pensasse como quisesse. Teria sido tarefa árdua e trabalhosa tirá-la do seu tremendo erro.

– ... Tu sabes, Jasão, porque já comentamos isso. Naquele tempo, minhas idéias sobre o Messias Libertador eram claras e categóricas. Tinha de tirar meu povo da escravidão. O Ungido do Senhor – diz a Escritura – surgirá no dia da misericórdia e da bênção e utilizará seu cetro para infundir o temor do Senhor nos homens e levá-los a obrar com justiça...

Excelente pesquisadora dos textos bíblicos que cantavam a esperança messiânica, recordou-nos o capítulo 11 de *Isaías*.

– ... Baseada no aparecimento do anjo – prosseguiu com certa tristeza – esses sentimentos cristalizaram em meu coração. Jesus era o Filho da Promessa.

Nesse ponto a interrompi. Não podia deixar passar a interessante alusão a Gabriel:

– Em que instante o anjo se referiu a um Messias Libertador?

Ela me olhou confusa. E, rememorando o anúncio – gravado a martelo e cinzel em sua memória – repetiu as expressões que, segundo ela, haviam alimentado suas esperanças:

– ... “Tua concepção foi ordenada pelo céu”... “Chamá-lo-ás Yaveh salva...

E inaugurará o reino dos céus sobre a Terra e entre os homens...” “Isabel prepara o caminho para a mensagem de libertação que teu filho proclamará com força e profunda convicção aos homens”... “Esta casa foi escolhida como morada terrestre desse menino do destino.”

E seus olhos, agora da cor da violeta por força da tristeza, esperaram algum esclarecimento. E eu me atrevi a dar-lhe. Para isso entoei primeiro outra não menos célebre súplica de natureza messiânica, contida nas Escrituras:

– Escuta, oh Senhor, põe sobre eles seu rei, o filho de Davi...

“E dota-o de força que possa destruir os chefes injustos...

“Que com bastão de ferro os aniquile...

“Que destrua as nações ímpias com o hálito de sua boca...

“E que reúna um povo santo...

“E ponha as nações pagãs sob seu jugo...

“Será rei justo, instruído por Deus...

“E em seus dias não haverá iniquidade em seu reino...

“Pois tudo será santo e seu rei o Ungido do Senhor.

Então perguntei:

– Será que Jesus foi um destruidor de chefes injustos? Aniquilou com bastão de ferro? Destruiu nações? Será que não houve iniquidade durante sua vida? Foi todo santo? Que relação tem isso com a boa-nova do anjo?

Míriam, surpreendida com os meus “conhecimentos bíblicos”, saiu em defesa da mãe:

– Gabriel falou de uma mensagem de libertação para os homens...

Concordei, feliz pelo seu oportuno comentário. E, dado que o Mestre se havia cansado de insistir nisso, recordei-lhes algo que não interferia em “seu agora”:

– Essa mensagem, filha, que muito poucos compreenderam, nada tem que ver com um Messias Libertador. Não foi fogo, nem armas, nem guerra, nem esplendor humano ou político o que trouxe teu irmão à terra. Foi algo assim como um mensageiro especial, diretamente dos céus...

A Senhora tomou minhas mãos, beijou-as e exclamou radiante:

– Deus o abençoe!

Confuso, retirei minhas mãos e concluí como pude:

– ... Um mensageiro que mais ou menos recorda à humanidade que há um Pai no céu...

O gesto de Maria me constrangera. E eu nem consegui terminar.

– Mas na época – retomou a conversa com renovado entusiasmo –, como disse Jacó, as coisas não eram assim. Ao saber da negativa do meu filho, passei da surpresa à vergonha e à indignação. Jesus, um traidor? Não podia ser. Falei-

lhe, expus a ele as excelências daquele movimento patriótico, desfiz-me em argumentos para fazê-lo compreender... Inútil. Com a sua natural docilidade, escutou-me até o fim, mas, teimoso, negou-se. Então chorei amargamente. Cheguei mesmo a lembrar-lhe a promessa feita a seu pai e a mim mesma, ao regresso de Jerusalém, quando tinha doze anos. Havia-nos jurado acatamento total e, em conseqüência, essa postura (contestando a causa nacionalista) era uma grave insubordinação. E disselhe isso mesmo.

– E ele, que respondeu?

– Seus olhos, tu sabes, falavam por Ele. Olhou-me sem pestanejar. E um calor muito estranho me sufocou. Então limitou-se a dizer: “Mãe, como podes pensar isso?” Na mesma hora me retratei e pedi-lhe perdão.

Só que a Senhora não era criatura fácil de convencer. E naqueles dias agitados um inesperado acontecimento infundiu-lhe novas esperanças. A desordem na tranqüila povoação e as manobras dos zelotes levaram um rico judeu de Caná a intervir na questão. A instâncias dos guerrilheiros, o tal Isaac, que havia acumulado uma fortuna fazendo empréstimos a pagãos⁶⁵, apareceu em Nazaré propondo uma solução difícil de recusar: arcaria com todos os gastos da família do carpinteiro se este, em troca, aceitasse pôr-se à frente dos patriotas da povoação. A posição de Jesus diante dos seus contemporâneos viu-se dramaticamente complicada. E o assédio a ele intensificou-se ainda mais quando, ao saber do projeto de Isaac, sua mãe, seu irmão Tiago e um dos tios – Simão, irmão de Maria, que simpatizava com os zelotes e algum tempo depois tomaria parte ativa no grupo – voltaram a pressioná-lo para que “iniciasse o seu destino”.

– A oportunidade – lembrou a Senhora – era magnífica. E de comum acordo fizemos-lhe ver que ficava desobrigado do seu compromisso de chefe da família. Jesus, como de hábito, retirou-se para a colina. “Tinha de meditar (disse) e saber qual a vontade do seu Pai.” E eu, Jasão, voltei a viver. Dessa vez não podia negar-se. Tudo estava do seu lado. A oferta não se repetiria. Meu Filho, por fim, abraçaria a causa nacionalista e se poria à frente dos exércitos, libertando meu povo da opressão dos ímpios. A hora do Filho da Promessa havia chegado.

Aquela foi outra decisão dolorosa. Jesus teve de lançar mão de toda a sua habilidade. O problema criado pela aparição dos zelotes era perturbador: boa parte da aldeia – os jovens em particular esperava sua decisão final. A própria família, a Senhora à frente, instava-o a “alistar-se” em um movimento de índole política e reconhecidamente sanguinário. E o Filho do Homem teve de “manobrar” com astúcia, sem sacrificar a verdade. Tomasse que decisão tomasse, seria igualmente alvo de críticas. Ele o sabia e, pela primeira vez em sua curta existência, atuou como um político. Não era possível, não tinha sentido

falar-lhes do seu futuro grande plano, do seu sonho dourado. Assim, após informar primeiro a família, reuniu-se de novo com o usurário e os guerrilheiros. E se manteve firme nos seus postulados iniciais.

– Não se tratava de uma questão de dinheiro (afirmou com uma serenidade e cordura que comoveu os seus interlocutores). A responsabilidade de um bom pai vai além do estritamente econômico.

E a Senhora prosseguiu com a satisfação refletida nas faces:

– Agora sinto orgulho de um filho assim. “Nenhuma causa” (disselhes claramente) “pode justificar minha ausência. Minha mãe viúva e meus oito irmãos precisam do consolo, do carinho e do conselho de um guia do seu mesmo sangue. E o dinheiro, amigos, não abrigará os mais novos nas noites de inverno, nem consolará a solidão de Maria. Sinto-o. A solene promessa feita ao meu finado pai não será rompida.”

“E depois de agradecer-lhes a atenção retirou-se para a oficina. Desconsolada, assisti impotente à irrevogável renúncia e, o que foi pior, às críticas e ofensas dos de sempre, com a víbora à frente...

– Nem todos o criticaram – contestou Míriam.

– Certo, querida – admitiu Maria, resignada –, mas “os de sempre descarregavam veneno”. De que serviu o fato de muitos dos contemporâneos elogiarem seu honesto comportamento? A família é sagrada, de acordo, mas também Israel o era.

Os zelotes, derrotados, abandonaram a povoação. Para dizer a verdade, porém, o incidente não morreria com a saída dos guerrilheiros. Restava ainda uma não menos delicada segunda parte.

O regresso de Tiago, antes do previsto, interrompeu as palpitantes confidências da família. No meu entender, uma revelação bastante mais importante do que a de Jesus de doze anos entre os doutores da lei, única referência dos evangelistas à infância-juventude do Mestre. E cabe aqui uma pergunta. Se os responsáveis pela narração evangélica souberam do caso com os zelotes, por que o omitiram? Pode ser que a explicação seja sumamente simples. Boa parte dessas “memórias” – chamadas depois Evangelhos – foi obra de judeus para judeus. Seria conveniente revelar a imagem de um Nazareno que se atrevera a refutar uma causa nacionalista?

A entrada de Tiago me permitiu comprovar que o pôr-do-sol, que devia ocorrer às 18 horas e 22 minutos, já havia lançado na obscuridade as ruas da aldeia fazia tempo. As trevas no exterior eram totais.

A família aguardou impaciente que Tiago se acomodasse junto à pedra circular que servia de mesa. Todos observamos suas feições e o que vimos foi o

olhar de um frustrado. Ao vê-lo afagar a barba, Maria, sentada à sua esquerda, pousou a mão direita sobre o seu ombro. Ele dirigiu-lhe um olhar rápido. E, num esforço por aliviar o mais depressa possível a tensão da família, modulou a sua voz na tentativa de reduzir a importância do que acontecera na casa do saduceu.

– Recebeu-me, sim, e confirmou o envio de um mensageiro ao tribunal de Séforis.

– E então...

A impaciência de Jacó quebrou-se diante da sobriedade de Tiago, que simplesmente deu de ombros.

– Isso é tudo? – quis saber, incrédula, a Senhora.

– Sim e não. Quando lhe perguntei a respeito das acusações cuspiu aos meus pés e, furioso, limitou-se a responder que “como o outro, eu também era pasto de Geena”. E deu com a porta no meu nariz.

– Bastardo! Essa víbora...

As imprecações de Jacó foram cortadas por um gesto autoritário de Maria. Ergueu a mão esquerda ordenando calma e, ignorando o desprazer de Ismael, foi diretamente ao assunto que havia chamado sua atenção:

– Como o outro? Que outro?

O eloquente silêncio do filho e sua aguda intuição bastaram para que ela mesma se respondesse:

– João!

Tiago assentiu sem abrir os lábios.

– Como sabes? – inquiriu o cunhado sem compreender.

– Deus misericordioso – explicou o irmão de Jesus – guiou os meus passos...

– Teus passos? Para onde?

Míriam, irritada diante das contínuas interrupções do marido, mandou que ele se calasse. E a Senhora pediu calma.

– Antes de vir para cá senti o impulso de voltar a minha casa. Minha mulher, muito excitada, disse-me que um dos criados do saduceu, do mesmo modo que o velho Jairo, havia estado lá secretamente aludindo a Judá... e alguma coisa mais.

O cuidado de Tiago, que tentava não preocupar inutilmente a família, quase foi abaixo. Sua voz se embargou e a mãe, rápida como um falcão, percebeu-o. Mas Tiago, levando a mão à barba, dominou-se.

– O criado – disse, concisamente – informou haver visto o Zebedeu. Entrara na casa do saduceu e supõe que falou com ele.

– Supõe? Que quer dizer com “supõe”?

Tiago não tinha como esclarecer a dúvida de sua irmã Míriam.

– Imagino que era essa a intenção de João. Se não fosse assim, por que iria à casa de Ismael?

Aí terminavam as notícias do enviado da família. Nada mais sabia. Apesar de haver percorrido a aldeia pela segunda vez, o paradeiro do Zebedeu continuava um enigma. Se, como era de supor, houvesse deixado a mansão do saduceu depois da entrevista, por que não dava sinais de vida? O que acontecia? E a família, esquecendo por um momento o grave assunto de Séforis, discutiu até o esgotamento a sorte do amigo. A lógica impôs-se e os presentes, com exceção da Senhora, inclinaram-se a acreditar que o Zebedeu, em um dos seus conhecidos arroubos, havia tomado o caminho da capital, disposto a entrar na contenda. Mas mesmo admitindo a crise emocional que João atravessava, havia alguns detalhes que não se encaixavam. E Maria, fria e calculista, os expôs em um tom nada tranquilizador:

– Primeiro: se é certo que chegou a falar como saduceu e conhecer a intenção da víbora, por que não veio procurar-nos e contar o que ocorrera? E, segundo: da casa de Ismael até o caminho que leva a Séforis teria de atravessar toda a aldeia de um extremo ao outro. Por que ninguém viu? Será que não saiu então da aldeia?

As sagazes perguntas perderam-se no ar. Só Míriam, intuitiva como sua mãe, atreveu-se a perguntar:

– O que insinuas, mamãe Maria?

Assustada, no entanto, diante dos seus próprios pensamentos, a Senhora arrependeu-se e deu-nos a entender que devíamos esquecer o que havia sugerido. Eu, de minha parte, não pude esquecer. Uma vez mais o fino instinto feminino fazia luz na obscuridade. Naquele momento, o mais negro pesadelo atormentava o discípulo. E seriam necessários dois dias para descobri-lo...

Com respeito ao delicado assunto do tribunal de Séforis pouco ou nada se pôde falar. Alguém aventou a possibilidade de viajar para lá e averiguar de perto o que havia. Tiago, prudentemente, reafirmou a sua idéia de “esperar pelos acontecimentos”. Na suposição de que o processo fosse aberto, os juízes deveriam convocar as testemunhas de uma e da outra parte e isso exigia tempo. Mais inteligente seria aguardar e não agir com precipitação.

– Depois de tudo – lembrou o cabeça da família com uma inocência comovedora –, não cometi blasfêmia alguma. Simplesmente me limitei a repetir as palavras do meu irmão e Mestre.

Jacó não perdoou a sutileza.

– Repetir não. Queres dizer, ratificar.

Mas a dona da casa não estava disposta a suportar outra batalha dialética. E, com um imperativo “é hora de jantar”, abandonou a mesa e a conversação,

seguida de suas filhas, e evitou a borrasca. Eu, como que movido por uma mola, pus-me de pé, resolvido a voltar à pousada. E já começava a despedir-me dos homens quando Maria interrompeu seus afazeres no fogão e, apontando a mesa de pedra, pediu-me que aceitasse a hospitalidade daquela humilde casa. E não esperou minha resposta:

– Pensei fazer-te uma surpresa... Senta-te, Jasão. Aqui és bem-vindo. E tu, Tiago, alegre essa cara e faz-me um favor: este grego intrometido (a quem Deus abençoe) está empenhado em saber dos zelotes. Continua tu...

O galileu abriu os olhos espantado.

– Os zelotes? Estão aqui?

Jacó, sorrindo, passou a explicar-lhe do que se tratava e em que ponto havíamos parado no relato. E Tiago, aborrecido, decerto, pela incerteza quanto à sorte do Zebedeu, passou a narrar-me sem entusiasmo a segunda parte da história dos guerrilheiros.

Tomada a decisão de não participar do movimento de libertação, Jesus se vira envolvido no que poderíamos definir como a “ressaca de um temporal”. Seus inimigos – “os de sempre” – jamais lhe perdoaram a ousadia. E, longe de apaziguar-se, os ânimos continuaram exaltados. A partir daquele ano, lenta e inexoravelmente, o ambiente na recôndita Nazaré tornou-se para Jesus irrespirável.

– Alguns – disse Tiago – deixaram de cumprimentá-lo. Outros, movidos pelo ódio de Ismael, tentaram expulsá-lo da sinagoga. E durante algum tempo até as encomendas na oficina escassearam. Que podíamos fazer? Meu irmão negava-se a tocar no assunto. Até que um dia, cansado de tanta injustiça e intrigas, reuni os jovens e, na presença do saduceu e do resto do conselho, aventurei-me a prometer algo que, como bem sabes, jamais chegaria a cumprir. Cheio de fervor patriótico, assegurei-lhes que não deviam preocupar-se. “Quando minha idade me permitir assumir as responsabilidades próprias do cabeça da família – prometi –, Jesus se colocará à frente dos exércitos de Israel. Então Nazaré contará com um chefe nacional e com outros cinco valentes soldados.”

– Cinco?

Mostrando-me sua mão esquerda estendeu cada um dos dedos e citou os cinco “esforçados patriotas”:

– Tiago, José, Simão, Judas e Amós.

Em outras palavras, pediu tempo e paciência. E, bem ou mal, o discurso do jovem Tiago, que mal contava treze anos, surtiu efeito. A tempestade amainou, ao menos durante uma temporada. E, embora a ferida estivesse aberta e jamais chegasse a cicatrizar, as coisas se foram normalizando. Tiago concluiu seus

estudos elementares e, pouco a pouco, foi ocupando o posto do primogênito na oficina. Jesus, por seu lado, deu um novo passo, ampliando o negócio familiar. Sua paixão pela ebanística induziu-o a trabalhar em interiores e, segundo seus familiares, com notáveis resultados.

A uma pergunta minha sobre as idéias e inquietações íntimas daquele jovem ao longo dos seus dezessete anos, nem Jacó nem Tiago souberam responder com segurança. Pecando, talvez, por uma extrema crueza, apresentei a questão de outra maneira:

– Houve algum comentário, algum sinal, um indício qualquer que fizesse pensar que Jesus não era quem todos pensavam que era?

Tiago hesitou. A pergunta – difícil – foi respondida com o eloqüente silêncio e um simples gesto negativo de cabeça. Mas a seguir esclareceu algo que hoje poderia ser tachado de inconcebível. Como tenho repetido insistentemente, o ano 30 da nossa Era estava demasiado próximo para que a inteligência daquela gente pudesse avaliar na justa medida as palavras e as obras de Jesus. Hoje, tudo ou quase tudo joga a nosso favor.

– Jasão, amigo, se te referes à sua divindade, procura não confundir-te. É possível que tu e outros muitos possais crer que um homem é em verdade o Deus do céu. Eu e os que te acompanhamos, ainda que tarde, acreditamos em sua palavra. Mas dá-nos tempo. As raízes dos nossos antepassados estão ainda fincadas nos pobres corações destes homens e mulheres. Se Ele o disse, eu creio. Mas minha inteligência, como um asno obstinado, se rebela e escoiceia. Jesus o Deus vivo? Só em um ato de fé posso responder-te que sim. E isso, graças aos seus prodígios e testemunho. Meu Irmão jamais foi um louco ou um mentiroso. Mas, compreende-me, quando éramos jovens, essa idéia jamais passou pela minha cabeça...

– Não perguntei se passou pela tua mente – tratei de retificar o desvio do seu raciocínio –, mas pela do Mestre.

Voltou a negar com a cabeça. E acrescentou, sincero:

– Não sei, Jasão.

– Naqueles anos – interveio Jacó com a cordial intenção de satisfazer minha sede –, se isto lança luz sobre tuas dúvidas, o tema favorito das conversas conosco, seus íntimos, era o Pai Celestial.

Essa era uma boa pista. Pedi-lhe que continuasse.

– Falava dele a todas as horas, sob o mais banal dos pretextos. Era uma obsessão. Seu Pai estava em tudo. E tentava convencer-nos de que éramos seus filhos. Não importava a raça ou a condição social ou o grau de bondade. Para nós não era fácil. O único Deus que havíamos conhecido era o de Moisés: justiceiro, abrasador às vezes, conquistador e tão distante que só o sumo

sacerdote tinha acesso ao “santo dos santos” e uma vez por ano. Como podíamos falar diretamente com esse Deus? A blasfêmia era flagrante. Mas Ele o vivia e explicava com uma lógica e uma naturalidade que metiam medo. Tiago e eu comentamos muitas vezes: se as idéias de Jesus chegassem aos ouvidos do conselho Ele podia ser fulminado. Dizia, mesmo, que “nosso Pai” amava o feio, o impuro e o disforme. Mostrava-nos uma flor, um pedaço de madeira da sua oficina ou o seu cachorro e exclamava entusiasmado: “Sabeis de algum homem que haja conseguido tal perfeição?”

“Algumas vezes lhe perguntamos pelo rosto de Deus. Olhava-nos com doçura e dizia: “Podeis descrever-me o da música? Que feição tem o amor? Quem será capaz de desenhar a cara da sabedoria? Tem olhos a ternura, ou a tolerância, ou a felicidade? Pois bem, meus irmãos, assim é o Pai dos céus: sem rosto e com os mil rostos da beleza, do perdão, do riso, do poder, da paz e, sobretudo, da misericórdia.”

Para mim, o achado, na alma humana de Jesus, de um Deus-Pai tão oposto ao da concepção judaica já era um sinal. Ele via bem claro que uma de suas grandes missões consistiria em tentar desfazer o erro. A humanidade arrastava naquele tempo os grilhões de mil deuses ou, no melhor dos casos, de um único Deus (Yaveh), sem nada que ver com esse conceito de filiação divina. Daí à plena tomada de consciência da sua natureza divina era só um passo.

E subitamente o aroma familiar do azeite de oliva ao fogo foi tomando conta do recinto. As mulheres, no alto da plataforma, se agitavam de um lado para o outro, abrindo o arcaz, cortando verduras e vigiando a lenha que alimentava o fogão. De quando em quando passavam por nós em direção ao canto das ânforas ou ao curral. E retomavam à “cozinha” com pequenos cântaros de água ou maços de cebolas e alhos. E o ambiente entrou em uma relaxante paz. Ruth, a pedido de seu irmão, deixou sobre a pedra-mesa uma jarra de barro cozido. E o vinho foi acompanhado por uma escudela cheia de azeitonas em vinagre e uma porção de insetos dessecados em salmoura que me custou identificar porque lhes faltavam as asas membranosas. Tratava-se de um dos “aperitivos” mais usuais entre a gente de condição modesta: acrídeos de patas robustas que, muito a contragosto, tive de provar. A hospitalidade dos orientais tinha estas obrigações indesculpáveis. Recusar o pouco que tinham e que ofereciam de todo o coração era sempre uma grande afronta.

Ao verem que eu me detinha na observação daqueles pequenos ortópteros, Tiago desculpou-se pela modéstia do “aperitivo” e culpou os impostos.

– Desde a entrada do invasor – acrescentou em uma clara referência aos romanos – não há família honrada que consiga erguer a cabeça⁶⁶. Já naqueles anos, quando meu Irmão assumiu a oficina, os impostos civis e religiosos,

pesadíssimos, nos obrigaram a uma infinidade de restrições e, o que foi pior, a liquidar os bens que meu pai havia reunido com o suor e o trabalho de toda a sua vida.

“A última dessas propriedades – disse o galileu – foi um lote na vizinha Nahum. Um terreno sobre o qual já pesava uma hipoteca. Com o produto da venda pudemos pagar os impostos, comprar novas ferramentas e empreender outro projeto de Jesus: a aquisição do velho armazém de aprovisionamento de caravanas que já havia pertencido a José e seus irmãos.

“Pagamos uma primeira prestação” – continuou a recordar com nostalgia – “e Jesus, aproveitando aquele fôlego financeiro, tirou uns dias para descansar.”

Convém notar que entre a sociedade judaica menos favorecida pela fortuna o atual conceito de férias não existia. Uma viagem de negócios ou uma peregrinação, por exemplo, tinham o mesmo significado.

– ... E poucos dias antes da Páscoa deu-me a grande notícia: me levaria a Jerusalém. Era minha primeira visita à Cidade Santa. Já podes imaginar minha alegria...

E na primavera desse ano 12, sem aguardar a grande caravana que partiria de Nazaré, marcharam sozinhos, tomando o caminho que atravessava a Samaria. E, como fizera José com o primogênito, Jesus sentiu-se feliz ao ir explicando a história dos lugares por onde passavam.

Não há dúvida de que boa parte da formação daquele galileu se devia ao solícito carpinteiro de Nazaré. Tiago era um homem religioso à sua maneira. Respeitava as tradições, mas, aos poucos, influenciado por seu irmão, foi questionando muitas das rígidas e absurdas normas religiosas que sufocavam a vida cotidiana. Apesar disso, acalentou durante anos a velha idéia de sua mãe, de ver Jesus convertido em um líder. E mais, quando da morte do Filho do Homem, foi um dos grandes frustrados.

– Naquela viagem – confessou entusiasmado com sua própria narração – aprendi a estimá-lo verdadeiramente...

– Não entendo.

– Vais ver. Foram muitas horas de convivência. E longe e afastados das obrigações habituais. Em Nazaré não era tão simples. Além disso, ao sair da aldeia, meu irmão se transformava. Como te poderia explicar?... Era como se recobrasse a liberdade. Como se entrasse no mundo que na verdade lhe pertencia e que esperava. Seus cabelos ao vento, seu olhar alegre e seguro, seu passo firme e confiante, tudo o convertia: em um vencedor. Queres que te conte um pequeno segredo?

Quase me engasguei com um dos “primos” dos gafanhotos.

– ... Eu tinha apenas catorze anos, recém-completados, mas depois daquela

peregrinação eu o “vi” como um “chefe”. Soube que meu irmão estava destinado a grandes missões. Isso se nota em alguns traços das pessoas. São concretos. Inconfundíveis.

– E qual dos traços de Jesus te levou a crer em uma coisa assim?

– Dois – respondeu prontamente: – a palavra e os olhos. Ambos traziam o selo da predestinação.

Antes da chegada à Cidade Santa, Jesus confirmaria a seu irmão a solene decisão adotada dois anos atrás: esperar a maioridade e independência dos seus irmãos para “revelar ao mundo a única verdade que deveria figurar em letras de ouro: a existência do Pai”.

A tradicional ceia da Páscoa teria lugar em Betânia, na fazenda de Lázaro. Simão, o cabeça da família, havia sido sepultado recentemente e, de acordo com o costume, Jesus presidiu à mesa.

– Foi um dia cheio, inesquecível. Consumido o cordeiro, meu irmão falou muito e animadamente. Mas, como em Nazaré, suas idéias sobre o Pai Celestial não foram muito bem compreendidas por Lázaro e suas irmãs. Mas estimavam-no.

Na manhã seguinte, consumada a cerimônia de admissão de Tiago como membro de pleno direito na comunidade de Israel, os irmãos, de regresso a Betânia, fizeram uma parada no cume da vertente ocidental do monte das Oliveiras. E durante algum tempo o novo cidadão desfez-se em elogios e louvores à esplendorosa Jerusalém.

– Jesus, ao contrário, não abriu a boca. Olhava a cidade e calava. Não lhe foi possível abrir o coração. E a partir dessa manhã tornou-se silencioso e taciturno. Mais do que isso: assim que entramos na casa de Lázaro me disse que devíamos voltar à Galiléia. Eu, quase de joelhos, supliquei-lhe que ficássemos um dia mais. Eu queria voltar ao templo e assistir aos debates dos doutores da lei. Acariciando meus cabelos, Jesus sorriu com certa tristeza e concordou. Sabes de uma coisa? Não lhe disse toda a verdade...

– Mentiste para ele?

Tiago ruborizou-se.

– Mais ou menos. Era verdade que eu desejava ouvir os sábios. Mas o que eu não disse é que estava morrendo de vontade de vê-lo discutir com eles...

– Repugnante fazedor de cangas! – admoestou-o Jacó carinhosamente. – Só a ti podia ocorrer uma coisa assim.

Mas as secretas intenções de Tiago se veriam frustradas. Jesus o acompanhou realmente ao templo e ali permaneceram os dois por longas horas ouvindo as discussões. Mas, apesar das indiretas de seu irmão, o Filho do Homem manteve-se à margem.

– Eu o observava e não entendia. Estava triste. Acho que o que ouvimos ali não lhe agradou. Aquilo não era o que minha mãe me havia contado. À saída, ardendo de curiosidade, perguntei-lhe por que não se havia manifestado. Sua resposta, tantas outras vezes ouvida nas discussões com minha mãe, deixou-me na mesma: “Não chegou a minha hora”. Ele passou os braços sobre os meus ombros e voltamos para Betânia.

No dia seguinte, ao amanhecer, deixavam a aldeia e regressavam a Nazaré, pelo caminho do Jordão.

– Foi nessa viagem de regresso a casa que, ao contar-me o ocorrido em sua primeira peregrinação à Cidade Santa, quando tinha apenas doze anos, Jesus ficou muito sério e me fez prometer que, se Ele faltasse algum dia, eu velaria pelos mais novos.

Essa revelação de Tiago veio confirmar o que sempre imaginei: a famosa “escapada” de Jesus menino, apesar dos pesares, foi dolorosa para Ele. Quando teve consciência da angústia que havia provocado em seus pais durante quatro dias, forçosamente deve ter-se sentido culpado.

Prestes a completar os dezoito anos, a vida do modesto carpinteiro experimentou uma pequena e agradável mudança. Com o seu irmão à frente da oficina, Jesus entregou-se inteiramente ao armazém de aprovisionamento de caravanas, situado no diminuto bairro artesanal, muito perto da fonte. Essa nova atividade lhe proporcionaria algo de que se havia visto privado desde a morte de José: as conversas e o intercâmbio de informações com os viajantes e comerciantes vindos de todo o país e de além-fronteiras.

– E digo-te uma coisa, Jasão. Aquela boa gente, pagãos em sua maioria, agradeciam esse trato. Meu Irmão fazia-lhes uma infinidade de perguntas e a espera se tornava infinitamente mais agradável. Não eram todos os albergues e armazéns que recebiam os fregueses com o mesmo carinho e simpatia. E o saduceu, inteirado do que considerava “uma fraqueza imprópria de um judeu”, censurou-o em diversas ocasiões. Mas Jesus respondia-lhe sempre a mesma coisa: “Grandes trabalhos foram criados para todos os homens. Uma palavra amável e um sorriso tornam mais leve a servidão”.

– E que artigos vendia nesse armazém?

– O de costume: cordoalha, forragem, odres para água e vinho, canastras, toda sorte de roupas de abrigo, cajados lavrados por Ele mesmo, provisões (às vezes cozidos por minha mãe), as ânforas de Natan, minhas próprias cangas e trabalhos de couro... Enfim, de tudo.

E o armazém, como antes ocorrera com a oficina de carpintaria, se foi transformando em algo mais do que um simples negócio. Ali faziam parada todos os anos dezenas de bufarinheiros, tropeiros, negociantes de grãos, vinho e

especiarias e um variegado mosaico de caravaneiros e comerciantes de maior ou menor importância e de todas as raças e credos.

– E muitos deles, velhos amigos, terminavam a noite nesta casa, compartilhando, como tu, o pouco que tínhamos ou o muito que traziam. Dessa forma, todos nós fomos tomando conhecimento de outros costumes, povos e crenças. E graças a Ele aprendemos a difícil lição da tolerância.

Antes de terminar o ano – pelo mês de setembro – a família de Nazaré teria uma gratíssima surpresa.

Duas semanas depois de haver completado os dezoito anos, Jesus viu entrarem pela porta Isabel e seu filho João. Foi o melhor presente. Fazia muito tempo que não se viam e aquela visita, ainda que ninguém percebesse sua verdadeira dimensão, seria histórica. Seu primo distante, que mais algum tempo depois receberia o cognome de “o anunciador”, estava confuso. Desde a morte de Zacarias sentia-se incerto quanto ao seu futuro. Isabel, tal qual sucedera com a Senhora, continuava traçando sublimes planos para ele. Ocuparia o segundo grau, em glória e dignidade, ao lado do futuro Messias Libertador. Todavia, a oposição de Jesus a essas idéias messiânicas o lançaria num mar de dúvidas.

Isabel falou a Maria dos loucos projetos do filho: “Queria retirar-se nas montanhas de Judá e dedicar-se inteiramente à agricultura e à criação de carneiros”. Desolada, a Senhora se refugiou em sua prima e esta, por sua vez, em Maria. Que podiam fazer com aqueles varões, que recusavam a máxima honra a que podia aspirar um judeu? E ao vê-los, agora, juntos, ambas conceberam a mesma idéia: quem sabe se, ao trabalhar unidos, em Nazaré, seus sentimentos mudariam.

Uma vez mais, todavia, os projetos das mulheres fracassariam diante da categórica negativa dos filhos. João e Jesus mantiveram longas conversas, analisando suas respectivas concepções do Messias e do Pai do céu, assim como seus planos pessoais. Mas, segundo meus informantes, as divergências naquele momento eram tais que, de mútuo acordo, decidiram separar-se “até que chegasse a hora”. João, mais impulsivo do que o primo, não hesitaria em lançar-se aos caminhos naquele mesmo instante. Mas entendeu a postura de Jesus. Com apenas a mãe a seu cargo e uma granja para sobreviver, suas responsabilidades não eram tantas quantas as do “dono de um armazém de abastecimento”, com nove pessoas a seu cuidado e recursos financeiros limitados.

Teria sido interessante presenciar estas entrevistas entre o futuro Filho do Homem e “o anunciador”. O certo é que se Jesus chegasse a ceder, hospedando seus parentes em Nazaré, o destino do chamado João Batista talvez tivesse sido outro... E aquele gigante de dois metros de altura e sua mãe retornaram à Judéia.

Já não voltariam a ver-se até o célebre e “manipulado” batismo no rio Jordão. Essa Inteligência que tudo rege foi inflexível uma vez mais.

Inexplicavelmente para mim, Tiago interrompeu a narração. Esgotou a caneca de vinho e por espaço de um longo minuto permaneceu com os olhos abaixados, como se um pesado fardo acabasse de esmagá-lo contra a mesa de pedra. Interroguei Jacó com o olhar. O cunhado fez-me um gesto quase imperceptível, recomendando-me paciência. E com pulso firme encheu a caneca do abatido galileu. Alertado pelo gorgolejar do vinho, levantou os olhos como que agradecendo nosso prudente silêncio. Por fim, reduzindo o tom de voz, Jacó interrogou-o:

– Desejas falar de Amós?

Fez um gesto negativo com a cabeça.

– Está bem. Se estiveres de acordo, eu posso continuar.

Tiago hesitou. Mas, ao ver minha transparente expectativa, concordou. Com uma condição. Que sua mãe não ouvisse o relato. Olhei para a plataforma. Maria e as filhas, ocupadas nos preparativos do jantar, estavam alheias à nossa conversa. Eu não conseguia compreender o mistério. Jacó o esclareceria imediatamente.

– Esse ano, quando os assuntos materiais e econômicos começavam a normalizar-se lentamente, uma nova desgraça se abateu sobre esta casa...

O tom de voz do meu confidente era baixo e eu tive de inclinar-me sobre a pedra circular. Tiago continuava com o mesmo ar de tristeza.

– ... Ocorreu ao entardecer de um sábado de dezembro.

Jacó fez uma interrupção, tentando recordar a data precisa. Não o conseguiu. E seu cunhado, que apesar das aparências se mantinha atento, sussurrou-lhe o dado que faltava:

– Três.

– É isso – confirmou o narrador –. No dia 3 de dezembro do ano 12 a cólera de Deus caiu sobre aquela que logo seria minha família.

Tiago protestou.

– Por que afirmas o que não sabes? Meu Irmão ensinou-nos que o Deus do céu nunca é vingativo nem colérico.

– Então – respondeu Jacó com assombro –, como explicas o que aconteceu?

Não houve resposta. E este explorador, confuso e impaciente, teve de refrear a língua.

– Como interpretas tu, Jasão, a súbita morte de um menino de cinco anos?

Dessa vez fui eu quem se refugiou na caneca de vinho.

– Uma morte? De quem? – perguntei como um estúpido.

– De Amós.

Antes de tentar responder à difícil pergunta de Jacó pedi-lhe que me fornecesse os detalhes.

– A enfermidade, fulminante, levou-o em uma semana. Nem sequer o “auxiliador das rosas” pôde fazer nada por ele.

Ao saber que o velho Meir havia examinado o mais novo dos varões da família deduzi que se a moléstia não pudera ser enfrentada pelo excelente *rofé* só podia ser de difícil controle. A primeira descrição da doença – “febres malignas” – não me ajudou muito. Sob esse título se cataloga uma infinidade de problemas clínicos. E, apesar da amargura do momento, arrisquei-me a pedir pormenores sobre a sintomatologia. E aos poucos fui tirando uma conclusão a respeito da verdadeira natureza do mal que encerrou a curta existência de Amós. Da noite para o dia, aquele menino forte, feliz e travesso se vira atacado por forte dor de garganta, febre alta e rouquidão. E em questão de horas apareceu-lhe uma disfagia (dificuldade de deglutição) e uma alarmante insuficiência respiratória, com uns sinais que apontavam para o que hoje se conhece em medicina como “epiglotite aguda”⁶⁷: baba, estridor no inspirar (som agudo semelhante a um sibilo), dispnéia e uma angustiosa taquipnéia (ritmo respiratório superficial e acelerado).

A expressão de Jacó foi correta – o menino parecia um moribundo. E a angústia caiu pesadamente sobre o lar de Nazaré. Nem as poções, nem as fricções de azeite, nem as sangrias de Meir tiveram efeito. Para salvar a vida de Amós teria sido necessário, além dos antibióticos específicos, uma rápida abertura de uma via aérea, de preferência nasotraqueal (intubação pelo nariz), ou, alternativamente, uma traqueotomia. Nada disso, como é lógico, chegou a ser feito. E o indefeso Amós continuou apresentando o veloz e alarmante quadro que o conduziria a uma morte horrível: retrações inspiratórias profundas acima do esterno, supraclaviculares, intercostais e subcostais (entre e sob as costelas). A faringe, certamente, estaria inflamada e a epiglote, rígida e tumefacta, se assemelharia a uma cereja. Se o bom do Meir dispusesse de algum antibiótico parenteral (ministrado por via diferente da digestiva e intestinal), caso do cloranfenicol e da ampicilina, os resultados talvez tivessem sido diferentes. Mas isso, obviamente, era como um sonho.

O destino foi implacável. Amós, nascido em 9 de janeiro do ano 7, morreria ao faltarem cinco semanas para completar os seis anos. Era a segunda morte, na família, em pouco mais de quatro anos.

– Maria quase o seguiu na tumba – sussurrou Jacó. – Se a morte de José fora um golpe severíssimo, a do menino destroçou-a física e emocionalmente. E todos clamamos a Yaveh. Por quê? Que pecados havíamos cometido? O único

que se mostrou forte foi Jesus (bendito seja o seu nome). Ninguém o viu chorar. Mas não consentiu em que seus familiares carregassem o cadáver do irmão à colina. Ele mesmo, com uma serenidade e majestade invejáveis, tomou-o em seus braços à frente do cortejo fúnebre. E ao depositá-lo junto aos restos de José beijou-o e clamou com voz potente: “Meu Pai, esta é a tua vontade. Amós é teu e a Ti torna. E agora livra-nos da tristeza – a verdadeira morte”.

“Durante semanas esta casa não ouviu sons. Os amigos caminhavam aqui nas pontas dos pés. Ninguém falava. E apesar dos esforços e da permanente presença de Jesus, Maria negava-se a comer. Chegou um momento em que tememos por sua saúde. Até que, carinhoso mas firme, seu filho pousou as mãos em seus ombros e lhe disse: ‘Mãe, a tristeza não pode ajudar-nos. Fazemos quanto podemos mas não é suficiente. O Pai agora nos pede o tributo de um sorriso. Concede-nos o teu. Assim tudo sairá melhor. E não percas a esperança. Ele sabe o que nos convém. Também na dor está a sua mão’.

“E conseguiu o que parecia um milagre. Seu otimismo, sua paciência e bom senso foram como um bálsamo. E mamãe Maria, devagar, recuperou a cor e a vontade de viver. E a partir daquele transe foi unanimemente reconhecido como um chefe de grande valor.”

Eu não quis aventurar-me na análise de uma das “leituras” desse dramático acontecimento. Mas, ao refletir sobre ela, senti confirmada a minha crença de que, por aquelas alturas, quando já completara dezoito anos, Jesus ainda não tinha consciência de seu poder e natureza divinos. Se assim não fosse teria deixado morrer seu querido irmãozinho? Sabendo o que sei sobre sua vida de pregação, aposto que não. Foi a ternura que o moveu a realizar muitas daquelas curas. Algumas, tenho certeza, bem mais difíceis do que uma epiglote aguda. Mas devo conter-me. Não é o momento de falar até onde chegava a compaixão daquele Homem.

Não devo deixar sem registro. Contemplando a vida do Mestre desta privilegiada torre de vigia – quase como em um filme –, até o mais cético teria de reconhecer comigo que essa Inteligência Superior – seja qual for o nome que lhe dermos –, foi colocando o Filho do Homem diante das mais díspares e severas provas a que se pode submeter um ser humano. Só aqueles que passaram pelo infortúnio de perder um filho poderão aproximar-se do que eu tento sugerir. Pois bem, até nisso me vi desconcertado diante da têmpera daquele “gigante” de 18 anos.

Não há dúvida de que o machado do destino abre os corações! E que só então se pode ver o interior da árvore humana. O verdadeiro herói não se revela apenas na trincheira ou no arriscado jogo de salvação de uma vítima de sinistro. A coragem e a inteireza, como no caso daquele Jesus com o cadáver de seu

irmão nos braços, se mostram, sobretudo, na tragédia que se abate sobre um lar enlutado ou nas tormentas anônimas do cotidiano. Jesus, herói sem medalhas durante vinte e oito anos, também pode ser o consolo daqueles a quem a sorte permanentemente tortura. E para consegui-lo – segundo o pouco que sei – o Mestre pôs em movimento um “motor principal” e “dois auxiliares”: sua fé na vontade do Pai Celeste, sua paciência para com o próximo e a força da sua inteligência, concentrada como um laser na resolução dos problemas, um a um. Essa inteligente harmonização da fé, da tolerância e do senso prático lhe permitiria “voar” – sempre como homem – mais alto, mais longe e mais velozmente do que ninguém, sem atropelar e sem se confundir. E, pregando com o exemplo, não só se pôs de novo à frente do negócio como, para surpresa de todos, aceitou participar de um ciclo de debates filosóficos para jovens, organizado pelo conselho da sinagoga. “O luto” – respondia aos que criticavam sua atividade social – “pesa no íntimo, na saudade, e não nas maneiras.” E essas periódicas reuniões com a juventude de Nazaré lhe devolveram parte do prestígio que perdera por causa dos zelotes.

– Ah! – exclamou vivamente Jacó, elevando a voz para que todos na sala pudessem ouvi-lo –, então não conheces a história de Rebeca...

– Que dizes?

Que significaria aquela espalhafatosa mudança no rumo da conversa? Estávamos falando da morte de Amós...

Indicando com os olhos que havia alguém às minhas costas, Jacó não precisou de palavras para explicar sua estranha pergunta. Ruth acabava de colocar sobre as esteiras uma bojuda vasilha de bronze.

– Rebeca – improvisei –, sim, claro... Ou melhor, não...

Quem seria Rebeca, afinal? Foi preciso dar tempo ao tempo. “O pequeno esquilo” deu-nos toalhas. Seguindo a orientação de Tiago, lavei apenas minha mão direita (aquela que supostamente eu utilizava, como o faziam os judeus, para limpar-me após defecar).

E a Senhora, com ar triunfal, anunciou do fundo da plataforma:

– Estamos prontas. Abri caminho...

Sorridente, Míriam desceu os degraus carregando um enorme alguidar, a passos lentos, para não derramar o conteúdo. E eu estive de novo a ponto de cometer outro erro. Ao notar o peso que ela carregava, fiz um movimento para levantar-me e correr em seu auxílio. Já meio em pé adverti-me a tempo de que não era costume. E ia sentar-me de novo quando Jacó, atento a tudo, sugeriu-me que o acompanhasse. Ele também precisava do “lugar secreto”... A errônea interpretação foi bem-vinda. Para dizer a verdade, fazia tempo que eu sentia necessidade. E o galileu, tomando uma candeia, fez-me um gesto para que o

seguisse. Saímos para o curral e, ao aproximar-nos do pombal, meu gentil guia abriu uma portinha meio camuflada na parede do abrigo das pombas, no ângulo esquerdo. Cedeu-me a candeia e me convidou a entrar primeiro.

Acho que exagerei ao usar o termo “entrar”. O cubículo, de metro e meio de altura por um de largura, não me permitia a postura vertical. O odor, característico, identificou desde logo a natureza do lugar. Inspecionei à débil luz da candeia de azeite a sua rústica configuração: uma fossa escuríssima, coberta por uma prancha de madeira com um orifício no centro. Isso era tudo.

Nada havia ali que se pudesse comparar nem remotamente ao asseio e ao luxo do que eu vira na casa de Elias Marcos em Jerusalém. Curvando-me como pude, resolvi meu “problema”. Depois de mim, Jacó, com a maior naturalidade, fez o mesmo. Quando já estávamos no extremo do corredor, a caminho da sala, um rumor de passos que se afastavam atropeladamente chamou nossa atenção para a cancela. Algumas pombas, alvoroçadas, ensaiaram um vôo curto, matraqueando sobre o pátio. Jacó, precavido, empunhou a espada, abriu a porta e saiu para fora impetuosamente. A escuridão era absoluta. Convencido de que tudo não passara de um falso alarme, retomou ao curral e convidou-me a voltar para a sala. O fato é que eu havia percebido o rumor de passos com absoluta nitidez, motivo por que a tranqüilidade de Jacó não me contagiou. Alguma coisa de estranho acontecia nas imediações da casa.

Após uma segunda ablução sentei-me à mesa diante de um fumegante alguidar. Jacó sentou-se ao meu lado esfregando as mãos de satisfação. Como não percebi em seu rosto nenhum sinal de inquietação pelo que acabava de ocorrer na rua, dispus-me a saborear despreocupadamente o ensopado de legumes que Míriam havia colocado no centro da mesa. Tiago abençoou a comida e, contra as normas estabelecidas pelos rigoristas da lei, as mulheres sentaram-se ao nosso lado, partilhando o excelente guisado, que incluía alhos, cebolas, lentilhas, alhos-porrós, alcaparras e algumas perfumadas folhas de hortelã-pimenta, com o seu picante sabor característico, e de *jeezer* (uma variante de alecrim silvestre). Ruth, solícita, foi distribuindo a cada um uma colher de madeira de pinho de tamanho, aliás, exagerado. Quando apanhei a minha, a Senhora, atenta aos meus movimentos, percebeu a minha curiosidade e me disse:

– Obra de meu Filho, Jasão...

Um tremor se apossou de mim e eu estive a ponto de deixar cair a enegrecida e já carcomida colher.

Maria sorriu, divertida. E, dirigindo-se a Jacó, incitou-o a retomar o assunto de Rebeca.

– Disso quem mais sabe é Míriam – respondeu ele.

Entretanto, tentei servir-me do guisado. De acordo com as regras de urbanidade daquela gente, porém, tive de esperar minha vez. Quando se estava diante de um recipiente comum, assim o exigiam as boas maneiras. Meter a colher no recipiente simultaneamente com outro comensal era uma grosseria e até sinal de mau augúrio. Toda a família riu muito da minha gafe e eu também. Mas as risadas aumentaram muito de intensidade quando Jacó, sufocado pelo riso, expulsou violentamente da garganta uma porção de guisado, junto com uma chuva de perdigotos que foi alcançar seus companheiros de mesa. O inocente alvoroço descarregou as tensões e desanuviou o ambiente. E Míriam, ansiosa por contar o caso de Rebeca, consultou a mãe:

– Por onde começo?

– Pelo garbo que Ele possuía – interveio Ruth com os olhos cheios de luz.

A Senhora meneou a cabeça em sinal de desaprovação e pediu-me que desculpasse a impulsiva tagarela.

– ... Ruth está certa, mamãe Maria – aprovou Míriam –, aos dezoito anos Ele era um magnífico exemplar...

Irritada diante do que considerou uma vulgaridade, a Senhora recriminou a filha. Mas isso não serviu de grande coisa.

– Era alto, forte, garboso...

– Garbosíssimo! – reincidiu “o pequeno esquilo”.

– Sua prudência, o bom proceder e o brilho – prosseguiu Míriam em tom mais sério – não passaram despercebidos aos olhos dos homens e das mulheres. E uma dessas jovens de Nazaré se apaixonou por Jesus.

Dessa vez fui eu quem se engasgou. E as risadas abafaram as últimas palavras de Míriam. Pedi desculpas, entre um acesso e outro de tosse.

Hoje não compreendo minha estranheza. Aquilo era a coisa mais natural e bela.

– ... Eu fui a primeira a saber – continuou Míriam com orgulho. – Rebeca tinha dois anos menos que Jesus. Era de Nazaré, todos a conhecíamos. Sua família, ainda que em situação melhor do que a nossa, era nobre e afetuosa.

– Melhor situação? – exclamou Jacó com ironia. – O velho Ezra guardava muitos talentos⁶⁸ no banco de Jerusalém... Jasão, o pai de Rebeca, era dono de meia aldeia.

“Um bom partido”, pensei de mim para mim.

– ... E um dia me confessou seu sentimento para com meu irmão. Para mim, que então tinha catorze anos, a notícia, ou melhor, a confidência, encheu-me de surpresa. Entre os rapazes e as moças da aldeia sempre havia rumores. Todos sabíamos quem gostava de quem. Mas quanto a Rebeca, nem fazia idéia... Não soube o que dizer-lhe.

– A respeito de quê?

Minha pergunta, com segundas intenções, foi apanhada no ar pelas mulheres. Os homens, ao contrário, nada entenderam.

– Ora, Jásão! – repreendeu-me Míriam. – Sobre o que poderia ser? Eu ignorava o que Jesus sentia por Rebeca. Ela, tímida e prudentemente, quis certificar-se primeiro. Por isso me interrogou. Vós homens às vezes me pareceis uns tontos...

Procurei os olhos de Maria. Sua placidez mostrava que tudo era verdade. E me atrevi a lançar uma sonda que começava a queimar-me o coração:

– Alguém, alguma vez, soube se Jesus se sentiu atraído por alguma jovem?

Míriam olhou para a mãe. Esta, por sua vez, trocou um olhar significativo com Ruth. As três, quase ao mesmo tempo, confessaram que não sabiam. Tiago e Jacó fizeram um gesto negativo com a cabeça. Se o jovem Jesus tivera em sua juventude ou adolescência esse belo sentimento, tão próprio da idade, jamais o manifestara.

– Meu filho – interveio então a Senhora – teve a infelicidade de saltar quase da infância para a responsabilidade de um pai. Como poderia pensar nessas coisas?

Ainda que eu não partilhasse o seu ponto de vista, preferi ouvir.

– E fiz a única coisa que podia fazer – explicou a esposa de Jacó: – Falar com mamãe Maria. Conte-lhe sobre o encontro com Rebeca e sua confiança.

Por um momento eu não soube para quem olhar. E a Senhora, tomando a palavra, tornou a questão mais fácil.

– A princípio fiquei surpreendida. Depois me senti como uma loba. Aquilo não entrava em meus planos. Jesus casado? Nem falar nisso! Ele era o “Filho da Promessa”: o futuro Messias. Como enterrar meu sonho com um casamento?

Tiago moveu a cabeça em um quase imperceptível gesto de desacordo. A mãe percebeu-o e replicou sem contemplação:

– Agora é fácil criticar-me! Na época tu pensavas a mesma coisa.

O silêncio do filho liquidou o assunto. E Maria retomou o relato, lançando furtivos e desconfiados olhares a Tiago.

– Ademais, que iria ser de nós? Jesus era o chefe e o principal sustento da família.

Nisso não lhe faltava razão. Se Jesus houvesse decidido casar-se com Rebeca sua casa teria sofrido uma enorme baixa de recursos. A impulsiva Senhora, diante da séria ameaça que rondava o seu lar, adotou então a postura que julgou justa: falaria com a moça, numa tentativa de frear o perigoso processo de envolvimento amoroso. E, de acordo com Míriam, o faria em segredo, procurando por todos os meios que seu filho não ficasse sabendo. E assim foi:

– Tivemos uma longa conversa. Rebeca, de fato, foi sincera. Amava Jesus. E eu, Jasão, comecei a tremer. Sabes do que é capaz uma jovem apaixonada?

Não pude responder-lhe. Nunca o soube.

– ... Talvez o pior não fosse o estar profunda e sinceramente enamorada de meu filho. O terrível é que, de certo modo, ela se parecia comigo. Era leal, sincera e obstinada.

– Coisas do amor – interveio Míriam com sabedoria.

– Certamente – concordou a Senhora. – Rebeca não era uma criança. Sabia o que queria. E estava disposta a defendê-lo com unhas e dentes. Queres que te diga uma coisa? Se não fosse pelos muitos problemas que o casamento nos acarretaria, eu a teria animado. Gosto das mulheres e dos homens que lutam pelo que querem. E em vista da gravidade da situação não tive remédio senão confessar-lhe a verdade. E anunciei-lhe o que era um segredo... público na aldeia: que Jesus, seu amado, era o “Filho da Promessa”, certamente o Messias esperado por toda a nação. Seu casamento podia pôr a perder a gloriosa carreira do Libertador...

Míriam interrompeu de novo o relato.

– Disseste-lhe a verdade ou parte dela?

A Senhora sentiu o golpe. Mas foi sincera.

– Naquele momento o problema econômico pesava e bastante. Mas a missão destinada a Jesus tinha prioridade. Fiz o que devia fazer.

Fiquei impaciente por conhecer a reação de Rebeca. Mas o algarizar vazio e o apetite voraz dos homens puderam mais do que a minha curiosidade. E as mulheres tiveram de galgar a plataforma para retomar logo depois com duas escudelas de madeira e seis pratos de barro cozido. Uma das vasilhas, nas mãos de Maria, estava coberta com uma tampa também de madeira. Distribuídos os pratos, a escudela, já sem a tampa, foi colocada no centro da mesa. Continha uma enigmática massa, de uma tonalidade leitosa, sobre a qual escorriam dourados filetes de mel líquido. Foi a única coisa que identifiquei. Ao redor da massa havia sido disposta uma série de rodela (as típicas e crocantes tortas de trigo). E a Senhora, com um sorriso maroto, permaneceu em pé, com a outra escudela nas mãos. Eu, estúpido e distraído, não percebi o feminino gesto da cozinheira e perguntei o que era a pasta que estava na mesa. A explicação de Ruth tirou-me o apetite: eram acrídeos do tipo “peregrino” – uma das quatro espécies habitualmente consumidas pelos israelitas – previamente descabeçados e desmembrados, dessecados e pulverizados. A massa era misturada com flor de farinha e finalmente curtida em mel. Às vezes costumava-se macerar em vinagre.

Suponho que perdi a cor. Maria, que continuava fazendo suspense,

perguntou o que eu estava sentindo. Foi então que reparei em sua atitude. Por que ficava ali como uma estátua? Ao perceber que eu a olhava dos pés à cabeça seu sorriso propagou-se aos olhos, divertida com a minha curiosidade. E umas risotas mal contidas, cruzadas entre as filhas, fizeram-me desconfiar de alguma trama. Busquei uma ajuda entre os homens. Tão ignorantes como eu, limitaram-se a encolher os ombros. O “segredo”, pensei, devia estar na escudela que a Senhora tinha nas mãos.

Por fim, conseguido o efeito desejado, decidiu-se a falar:

– Surpresa, Jasão!

– Claro. Eu havia esquecido. Aquela cozinheira chamada Maria, “a das pombas”, havia feito um anúncio no início dos preparativos do jantar.

Inclinando-se por cima da mesa de pedra, Maria estendeu para mim a vasilha tão zelosamente tapada. Ruth, risonha, a destapou. E os três homens, devorados pela curiosidade, nos levantamos a um tempo e com tão má sorte que nossas cabeças se chocaram umas contra as outras. O solene entrechoque provocou a hilaridade das mulheres e, por contágio, a dos aturdidos e estúpidos varões.

Ao verificar o conteúdo da escudela fiquei perplexo. Era a primeira vez que o via em nossa aventura palestina. Interroguei Maria e ela se limitou a recordar-me que “Nazaré não era o fim do mundo”. Depois foi servindo as correspondentes porções. Ao receber a minha, indeciso, tateei-a com uma colher. Jacó soltou uma gargalhada e me advertiu que “aquilo” não se comia como eu pretendia fazer. Deu-me uma das tortas de trigo e disse-me que comesse com o auxílio dela. O manjar não era outra coisa se não uma humilde fritada de ovos batidos: uma omelete. Hoje não constitui surpresa para ninguém. Naquele tempo causava furor entre os gastrônomos e as classes populares. O “inventor”, ao que parece de origem romana (ainda que as más línguas afirmassem que Apícios,⁶⁹ “pai da criatura”, o havia aprendido com os ibéricos), foi tão apreciado, pelo sabor e pelo poder nutritivo, que se propagou como o vento por todo o império. E Maria, tão atenta como qualquer outra às modas, quis surpreender-me com a última “novidade” culinária. E juro que o conseguiu. E dessa forma o amargo sabor dos “primos” dos gafanhotos foi discretamente conjurado.

– E então – caí de novo sobre a Senhora, que assistia, feliz, ao seu êxito culinário –, que disse Rebeca?

A mulher serviu-se de uma dose de vinho, molhou os lábios e aclarou a voz.

– Ai, Jasão... Deixa-me respirar.

Na verdade a sua ansiedade por rememorar aqueles anos era tão grande quanto a minha.

– ... Sabia ouvir e nisso se parecia com Jesus. Quando terminei, ela me

olhou fixamente e depois começou a chorar...

– E minha mãe – aparteu Míriam com um meio sorriso – pensou que havia ganho a batalha.

A Senhora, que tinha resposta para tudo e para todos, não se agastou.

– Menina linguaruda! É possível que perdesse aquela batalha, mas não a guerra...

– Que insinuas?

– Rebeca era sincera – admitiu Maria – e obstinada... Emocionou-se diante das minhas explicações, mas, secadas as lágrimas, nos deixou paralisadas. Sabes quais eram os seus planos? Lástima de mulher! – Fiquei na expectativa, sem imaginar qual seria a conclusão – “Agora mais do que nunca” – afirmou-nos – “estou decidida a aceitar o mesmo destino seu. Se ele me aceitar serei a esposa de um chefe nacional. E partilharei sua missão. Não há mais o que falar.”

Regressamos para casa com o coração retorcido. O remédio, Jasão, havia sido pior do que a doença. E essa noite, enquanto jantávamos, Jesus percebeu que alguma coisa acontecia. Míriam pôs-se rubra e eu, atoleimada, deixei que se queimassem os filhós...

– Vais fazê-los de sobremesa?

Jacó nos desconcertou a todos. Mas a mulher, ignorando a apetitosa sugestão do genro, entrou na segunda e inesperada “seqüência” daquela história.

– Depois de uns poucos dias, a pedido de Rebeca, tivemos uma nova entrevista. Ela era rápida como o vento...

– Não, mamãe Maria – corrigiu Míriam –, Rebeca amava Jesus.

– Era rápida – Maria manteve sua crítica como se nada tivesse ouvido. – Ainda que tivéssemos especial cuidado em não mencionar nossa difícil situação econômica, ela deve ter intuído. Como nós mulheres somos más, Jasão! – Ri da troça, simulando que concordava ... – E chegou à reunião com todas as suas armas preparadas...

– Mamãe!

A repreensão de Míriam também de nada serviu.

– ... Rebeca, após prévia consulta a seu pai, fez-nos saber que estava autorizada a dizer-nos que o dinheiro e o dote não eram problemas. Que sua família estava disposta a compensar-nos generosamente.

Convém esclarecer que, ao contrário do que costuma acontecer no nosso tempo, a sociedade judaica estabelecia que o *mohar* (o dote) devia ser pago pelo pai ou a família do noivo e não ao contrário. Assim dizem o *Gênesis* (XXXIV, 12), *I Sam.* (XVIII, 25) e o *Êxodo* (XXII, 16)²⁰. Segundo o *Deuteronômio* (XXII, 27), cinquenta siclos de prata – cerca de duzentos denários – era o habitual. A cerimônia da fixação do *mohar* entre as partes acabava sendo tão importante

quanto a própria boda. Constituía um compromisso formal de matrimônio – com um contrato perfeitamente legalizado – que, no caso de uma donzela, devia realizar-se às quartas-feiras. Além do dote, o noivo era obrigado a presentear sua futura esposa com o que chamavam *matan*: uma espécie de bens de viuvez que deviam ser conservados para o momento em que o marido falecesse. Pois bem, a proposta de Rebeca alterava todas as normas e tradições, deixando a Senhora em uma situação embaraçosa.

– Agradecemos o gesto – acrescentou Maria – mas não aceitamos. Certamente esse dinheiro nos teria tirado do apuro; mas, como te disse, não era o que mais importava. Então, recusada a oferta, demos o caso por concluído. Essa noite, sim, me senti feliz e livre de tão angustioso fardo.

Ruth e Míriam trocaram um olhar malicioso. Aquilo me levou a desconfiar que a Senhora não havia ganho a guerra... ainda.

– Ai, meu amigo! Sabes o que é pior do que uma mulher tola?

Prudentemente esquivei-me a responder.

– Uma mulher apaixonada.

As filhas protestaram e a Senhora, referindo-se à reação de Rebeca, ratificou sua opinião:

– A moça tornou a tentar. Conversamos e conversamos. Impossível, Jasão. Perdidamente enamorada, Rebeca estava disposta a tudo. Tive medo. E o coração não me enganou... Assustei-me. De que podia ser capaz uma mulher enamorada?

– Muito simples – interveio Míriam, aprovando a audácia de Rebeca. – Eu, por esse ganso, teria feito o mesmo.

Jacó ficou todo empavonado.

– ... Desesperada – prosseguiu Maria –, convenceu o bom do Ezra a fazer uma visita a Jesus. E ele fez isso. Devo reconhecer que foi corajoso. Meu filho, que ignorava nossas maquinações, sentiu-se como a mulher de Ló. Primeiro ouviu o pai. Depois teve uma longa entrevista com a jovem. E Rebeca, segundo o pouco que sabemos, confessou-lhe seu amor.

– Não souberam o que ficara combinado entre os dois jovens?

– Muito pouco – interveio Tiago, respondendo à minha pergunta. – Jesus guardou reserva, e profunda. Só o que podemos dizer-te é que afirmou a Ezra que nenhum dinheiro o afastaria da sua família e do sagrado compromisso que havia assumido.

“E o ricaço de Nazaré pôs fim à entrevista e às aspirações de sua filha. E antes de voltar para casa visitou Maria para contar-lhe o que sucedera no armazém de aprovisionamento. Com o coração na mão disselhe: “Não podemos tê-lo como filho. É demasiado nobre para nós.”

“O pequeno esquilo”, que não conhecia a história toda, começou a soluçar, emocionada. A mãe, erguendo-se, abraçou-a e encheu-a de beijos. Senti um nó na garganta. Em parte eu era responsável pelas lágrimas de Ruth. Durante alguns segundos maldisse meu frio e desapiedado trabalho. Mas o gelo do nosso treinamento estancou de pronto as fugazes reflexões.

Alguma coisa havia ficado enevoadada nessas lembranças: a conversa entre Jesus e Rebeca. Eu precisava descobrir. Mas como? Quem poderia preencher esse vácuo? Por que o Mestre havia feito silêncio? Que fora feito de Rebeca?

É bem certo que o tempo abrandava o granito dos corações e de tudo que foi estabelecido! Quem poderia imaginar que, no decurso dos anos, a Rebeca que tantos problemas lhe havia trazido quando Jesus tinha dezenove anos acabaria por tornar-se uma das mais íntimas e leais amigas de Maria? As coisas, como sempre, ocorrem quando é chegado o seu momento.

Cassadas as suas esperanças – nunca o seu amor –, a jovem de Nazaré fez a única coisa inteligente que cabia nessas circunstâncias: deixar a aldeia. Dentro em pouco, ao vê-la consumida pela tristeza, seu pai viu-se na necessidade de levá-la para a vizinha Séforis.

– Chegou a casar-se?

– Nunca! – respondeu enfaticamente Míriam, indignada pela minha atrevida suposição. – Durante anos recebeu numerosos pedidos de casamento mas recusou-os todos. Sabes por quê? – Não me era difícil imaginar, claro. – Pois te enganas – adivinhou meu raciocínio. – Seu amor por meu irmão cresceu e sublimou-se. Mas não foi essa a razão. Ela era jovem e rica. Podia haver fundado um lar... – A verdade é que eu compreendia cada vez menos. A alma das mulheres foi sempre um indecifrável enigma para mim. Preferia enfrentar um urso... – ... Pode parecer-te estranho mas Rebeca, ao contrário de muitos de nós, entendeu profundamente a missão de Jesus.

– Como Messias?

– Não, Jasão. Sabes bem o que quero dizer...

E Míriam, com a ratificação da família, explicou-me que, quando Jesus iniciou sua carreira de pregador, Rebeca abandonou tudo e seguiu-o na sombra. Foi das primeiras pessoas a se convencerem do papel divino do Mestre e viveu com orgulho seus momentos de triunfo. E ainda que se suponha que Jesus não chegou a sabê-lo, ela esteve também muito perto da cruz.

– Eu sei disso – afirmou a Senhora piedosamente. – Senti seus dedos crispados em meu braço quando Ele expirou. Dentre todas as mulheres que conheceram e admiraram meu Filho, Rebeca é a que mais o amou.

– Então ela vive...

E antes que confirmassem minha suposição adiantei-lhes que desejava conhecê-la. Durante alguns breves segundos houve uma secreta troca de olhares. Mas ninguém abriu os lábios. E eu, sem elementos de dedução, interpretei mal o silêncio. Por alguma razão desconhecida o pedido parecia inviável. Mas eu também não era homem que se rendesse facilmente...

Embora espere mencioná-lo quando do mais belo capítulo da nossa aventura na Palestina – a vida pública de Jesus –, entendo que não devo deixar passar o triste e emocionante caso protagonizado por Rebeca sem uma rápida alusão ao sutil e involuntário “favor” que lhe fez ao enamorar-se dele. Explico-me. Na moderna literatura sobre o Mestre, e como consequência ou da enorme ignorância acerca dos costumes da época ou do desvario de alguns desses escritores, é freqüente toparmos com hipóteses que ligam sentimental ou carnalmente Jesus a algumas das mulheres que o cercaram. Madalena é um dos exemplos mais típicos e repetidos por esse bando de loucos. Pois bem, além de ignorarem o pensamento e o estilo de Jesus nesse particular, demonstram, como eu disse, uma insultante ignorância a respeito de uma das tradições mais respeitadas por aquele povo.

Quando uma mulher – como foi o caso de Rebeca – expressava seu amor por um homem e essa declaração chegava ao domínio público, as demais mulheres, ainda que as bodas não chegassem a consumir-se, não ousavam competir com a “outra”, a não ser, claro, que a apaixonada contraísse matrimônio. Com certeza o amor da jovem de Nazaré por Jesus não tardou a ser divulgado. E isso seria providencial. Desde aí nem uma só das mulheres que seguiram os passos do Galileu se atreveu sequer a confessar-lhe seu amor, ainda que de fato chegasse a estar enamorada do Gigante. E o Mestre não chegou a enfrentar a sempre amarga situação de ter de rejeitar outra pretendente. Ao menos por esse motivo. Desde seus dezenove anos, para toda a população de Nazaré, o nome de Jesus esteve ligado ao de Rebeca. A Grande Inteligência, uma vez mais, havia sabido atuar...

A história daquele amor impossível teve outra resultante positiva. As difíceis relações entre mãe e filho melhoraram sensivelmente. A Senhora e Míriam, surpreendidas pela decisão de Jesus, multiplicaram sua admiração e carinho para com Ele. E os seus contatos experimentaram notável abrandamento. A partir daí Maria mostrou-se mais reservada e prudente em tudo que dissesse respeito a Jesus, que sem dúvida, ficou agradecido. Só que, superado o problema de Rebeca, não tardaria a surgir outra complicação.

Jacó, obsessivo, atacou pela segunda vez:

– Vamos ter os filhós?

– A sobremesa favorita de Jesus. Meu pobre filho!

E a Senhora, depois do lacônico comentário, mobilizou de novo as filhas e serviu a sobremesa. Dessa vez não houve filhós – outra das especialidades da excelente cozinheira –, mas um saboroso pastel, em forma cilíndrica, cortado em rodela, acompanhado de pistaches ligeiramente tostados. Quanto ao doce que fazia as delícias de Jesus era uma pequena obra-prima: o recheio era formado por figos, tâmaras e passas de Corinto prensados e embutidos em uma massa de farinha de trigo, leite, ovos, canela e o obrigatório sucedâneo do açúcar: mel. Era de arrancar suspiros.

Maria lamentou a ausência de seu filho Judas e dos outros três (José, Simão e Marta). Perguntei por eles. A vida os havia conduzido a outros caminhos. Jude ou Judas “havia assentado definitivamente a cabeça” instalando-se em Migdal, às margens do lago. Aquele filho, que no ano 13 contava oito anos de idade, parecia tocar os sentimentos de Maria com especial intensidade. E não por boas recordações que pudesse guardar dele. Ao contrário. Justamente desde aquela época Judas se revelara a “ovelha negra” da família. Aquele era outro capítulo desconhecido para mim. E Tiago e Jacó, que haviam padecido, como Jesus, as irrefletidas ações do “rebelde”, concordaram em revelar-me alguns pormenores da “triste mancha” que caiu sobre o lar de Nazaré.

– Foi como uma maldição do céu...

– Tiago – recriminou a mãe –, teu irmão não é uma maldição!

– Agora não, mamãe. Mas naquela época...

– E naquela época também não! – retrucou ela como uma pantera.

Tiago franziu o cenho. E, ao mesmo tempo que procurava os olhos do cunhado, exclamou:

– Tu não sabes...

A Senhora, ciosa de todos os seus filhos, protestou de novo.

– Como não sei? O que acontece é que nunca lhe quiseste bem...

A polêmica, por minha culpa, começava a degenerar. Ainda assim, aquela espontânea e áspera discussão acabaria por beneficiar-me. Tiago, com razão, quis intervir de novo mas Maria não lhe permitiu que falasse.

– Pensas que não sei que te opuseste à venda da harpa?

– Claro! – replicou Tiago. – Porque não era justo. Havia outros meios para custear os estudos de Judas... já viste de que serviu. Tenho ou não tenho razão, Jacó?

O cunhado, colocado entre dois fogos, não se atreveu a pestanejar.

– Muito bem – e a irritação da Senhora voltou-se agora contra o genro – vais atrever-te a dar-lhe razão?

– Mas eu...

A voz de Jacó mal se ouvira e já se apagara. De repente, dando-se conta do que Tiago havia insinuado pouco antes, Maria, enérgica, quis saber dele:

– Eu não sei? Que é que eu não sei?

O galileu suspirou ruidosamente. E se fechou em um prudente silêncio. Estava claro que não queria falar. E a mãe, movendo a cabeça afirmativamente, se deu por satisfeita. Creio que foi uma das poucas vezes em que fiz um papel moderador. Tomei uma porção de pastel, parti-o em dois, ofereci uma metade a cada uma das partes litigantes e opinei, conciliador:

– Vejamos. Talvez ambos tenhais razão...

– Claro! – foi o autoritário pronunciamento da mulher.

– Claro! – murmurou o filho com a convicção do que se acredita de posse da verdade.

– Bem, nesse caso – sugeri, manobrando a meu favor – deixemos que Jacó prossiga narrando os fatos.

A solução foi aprovada unanimemente. E assim eu soube que, forçado pela necessidade, Jesus, pelo final do ano 13, vendeu sua harpa.

Jacó, temendo provocar o tempestuoso temperamento da sogra, foi avançando com toda cautela. Felizmente limitou-se aos fatos. E Maria, que sabia respeitar a objetividade, manteve-se calada. Em uma das minhas conversas anteriores – creio que com as três mulheres – se havia falado da venda do instrumento de que tanto Jesus gostava. Falaram até dos miseráveis denários que lhe deram pelo *kinnor*. O que não lembravam era a identidade do comprador. Jacó o revelou: Ismael, o saduceu. Não pude reprimir minha estranheza. Desde quando o velho mestre fazia favores a Jesus?

– Não foi nenhum favor – explicou Jacó, atendendo à minha observação. – Era algo sibilino. O ingresso de Judas na escola da sinagoga custava dinheiro. E Jesus, naquele ano, devia pagar dois impostos civis e religiosos. Ademais, havia a prestação mensal do armazém. Essa víbora sabia e voltou a ameaçar com a execução. Toda a aldeia conhecia o gosto do Mestre pela música e por sua harpa, que nos momentos de tensão o relaxava. E muito sutilmente adiantou-se às tortuosas intenções do sacerdote. Em público, de maneira a ter testemunhas, apareceu um belo dia na sinagoga oferecendo o seu *kinnor*. Ismael, que havia tempos perseguia o único entretenimento de Jesus, aceitou-o cobiçosamente. Qualquer uma das magníficas peças lavradas da oficina de carpintaria teria resolvido o problema. Mas a harpa possuía um significado especial. E o gesto de Jesus impediu a execução da casa ou do negócio. Nunca dois denários foram tão rentáveis...

– Tristemente rentáveis – comentei quase para mim mesmo. – E não tentou

recuperá-la?

Jacó sorriu maliciosamente.

– Cada ano, enquanto permaneceu em Nazaré. E sempre, quase como um ritual, pouco antes do pagamento dos impostos. – Compreendi o malicioso sorriso do galileu ... – Jesus, conhecendo o saduceu, sabia de antemão a resposta à sua solicitação. E Ismael se deliciava de cada vez com a sua negativa. Dessa forma, inteligentemente, Jesus manteve-o controlado enquanto pôde. Como vês, uma singela harpa nos salvou da execução durante anos...

– E ele ainda a conserva?

Minha pergunta ficou no ar. Desde a partida do Mestre ninguém se havia preocupado com o instrumento. Uma idéia começou a germinar no meu coração. Mas tive o cuidado de não a revelar.

As precisas explicações de Jacó sobre a venda da harpa e as veladas intenções de Jesus mostravam que assistia razão à mãe e ao filho. Como é freqüente nas discussões, um e outro não se haviam feito entender com clareza. E Judas, com efeito, pôde cursar seus estudos básicos.

Com toda prudência de que fui capaz, procurando contornar a polêmica, pedi a Jacó alguns dados sobre a personalidade do “rebelde”. Inteligentemente, percebendo minha intenção apaziguadora, não foi ao núcleo da questão. Primeiro falou sobre os princípios que orientavam a filosofia educativa de Jesus. A estratégia deu resultado. Ninguém levantou a voz nem se sentiu ofendido. Em linhas gerais, esta era a situação da sociedade hebraica quando o Mestre empreendeu sua revolucionária política pedagógica: arraigada nos textos bíblicos, a doutrina do comum dos judeus no momento de dar educação aos filhos baseava-se no princípio da negatividade. Cumprir a vontade de Deus significa “não matar”, “não roubar”, “não levantar falso testemunho” etc. O temor a Yaveh, categoricamente, era a corrente dominante no seio do povo eleito.

Assim havia sido desde tempos imemoriais. O profeta Isaías o havia deixado perfeitamente claro: “Sua profunda alegria era o temor ao Santo” (XI, 3). E os salmos e os provérbios se encarregavam de recordá-lo a todas as horas. O amor a Deus, ainda que defendido por algumas escolas e rabis, caso de Ben Cheta ou Zakkai, não havia vencido o temor a esse Deus. Até mesmo os pagãos que abraçavam o judaísmo eram chamados “tementes a Deus”. E eis que nesse turbulento e submisso credo de um Israel que não se atrevia sequer a pronunciar o nome de Yaveh⁷¹ surge um humilde chefe de um não menos humilde armazém de aprovisionamento de caravanas, de uma humilíssima aldeia, que começa a pregar o contrário. Primeiro, em seu lar, com seus irmãos; depois, de público. Eis aí outro traço de mensagem de Jesus que naturalmente teria de chamar a atenção

desde o princípio. Quem era esse atrevido que rompia a tradição e clamava em favor do amor divino? Como podia sobrepor-se às leis, chamando a Deus “Abba” (Pai)?

Mas esta teologia do Mestre – e aqui volto a registrar a ineficiência dos evangelistas – era algo assentado em seu espírito desde a distante juventude. Seus irmãos foram as primeiras testemunhas. Aquele “chefe de família” de dezenove anos, quebrando o mofado modelo do costume, ensina a usar a fórmula do “positivo”. (Dos 613 preceitos do judaísmo, “recomendados pelo Senhor a seu povo”, 365 tinham caráter de negação.) O “não farás” era substituído pelo “farás”. E, inteligentemente, desterrando as proibições, foi minimizando o mal, em benefício do bem. Esse foi o ambiente que procurou criar em casa.

– Tinha uma frase que repetia encantado – lembrou Jacó prazeroso: – “Não sejais como esses lacaios que sempre esperam uma propina; deveis servir ao Pai graciosamente.”

A frase foi genialmente encadeada com a do Pai Celeste.

Enumerou então alguns dos ensinamentos e conselhos daquele Jesus do ano 13:

“Pensa no bom porque o Pai só tem memória para o bom.”

“Ignoras a maldade do soberbo e do orgulhoso porque o Pai lhe mostrará o caminho quando for o devido tempo.”

“Caminha na confiança de que tudo foi criado para o equilíbrio.”

“Escolhe pensar bem dos outros. O Pai sempre concede o benefício da dúvida.”

– Nunca sentiu a humana necessidade de rebelar-se?

A espontânea pergunta foi compreendida e partilhada. E Jacó, tomando o exemplo de Judas, assim falou:

– Jamais. Essa foi outra fonte de polêmicas. Salvo Judas e José, todos entenderam o princípio da “não-agressão” e da “não-violência”. Ele deixava à vida a cobrança das injustiças. “Para que perder tempo e saúde em vinganças (pregava com grande tino) se disso se encarrega a Natureza?” Mas Judas era diferente. Aceitava, sim, a linha de seu irmão e pai, aqui, portas adentro. Na aldeia era uma tempestade de areia. Suas brigas faziam parte da crônica diária da aldeia. Tinha um grande coração, como sua mãe, mas era impulsivo e carecia de tato.

A Senhora concordou, muito a seu pesar.

– ... Jesus era inimigo natural dos castigos. Todavia, pelo menos em três ocasiões, viu-se obrigado a punir o desobediente, provocador e irrefletido Judas.

– Não tinha mais do que oito anos! – Saí em sua defesa.

– Estamos de acordo. Mas suas infrações foram recrudescendo. E assim

continuou por anos. E algumas, como Tiago sabe, foram verdadeiramente graves.

Esperei em vão que alguém me falasse dessas faltas.

– E os castigos, em que consistiram? – indaguei finalmente, reservando a questão anterior para outra oportunidade.

– Antes de agir, Jesus exigia que o culpado reconhecesse publicamente o seu erro. Depois, se o caso comportasse, eram os irmãos maiores e ele mesmo que adotavam a decisão cabível. Judas, nesse caso, devia aceitá-la. Que eu me recorde, um dos castigos foi o serviço de limpeza da casa durante uma semana...

A cada uma das naturais lacunas de Jacó, Tiago corria em sua ajuda.

– Em certa ocasião teve de carregar a água...

Era suficiente. Perguntei pelas reações dos demais irmãos e Maria adiantou-se a Jacó:

– Todos (e eu antes de qualquer um) compreendíamos que em uma casa tão numerosa devia existir um mínimo de disciplina e solidariedade.

E em sete pinceladas esboçou o caráter e o sentir de cada um de seus filhos em relação à filosofia de Jesus:

– Tiago, equilibrado, foi seu braço direito.

“Míriam, nobre, o venerava.

“José, trabalhador incansável mas pouco inteligente, causou-nos sofrimentos.

“Simão, sempre nas nuvens, não entendia nada de nada.

“Marta, a mais estudiosa e séria da família, acusava seu irmão de ser até brando.

“Judas, pobrezinho meu!, instável e agressivo, tinha grandes projetos. Precisou de anos para chegar a compreender que tínhamos razão.

“E Ruth, um raio de sol. O problema é que nunca se sabe por onde vai entrar.

Talvez seja conveniente fazer uma interrupção nestas memórias. Pelo que sabíamos, e graças à preciosa informação que fui acumulando em Nazaré, aquele Jesus, prestes a completar vinte anos, podia ser tido como “homem adulto” e ainda ignorava sua dupla natureza. Era um trabalhador incansável. Paciente. Analisador e metódico. Capaz de tomar grandes decisões. Com idéias religiosas, teológicas e filosóficas diametralmente opostas às do judeu comum. Consciente de suas responsabilidades para com a família, e, ao mesmo tempo, com um ideal de futuro lenta mas solidamente ancorado em sua alma: “Falar de seu Pai celeste à confusa humanidade”. Um projeto que, de acordo com a vontade desse Pai, se materializaria “no seu momento”. Sua condição humana era de uma singular sensibilidade: amava a Natureza, todas as expressões artísticas e tudo quanto o

rodeava. Como bom “leão”, era audaz, generoso, alegre e com um notável senso de humor⁷². Era justo, tenaz e excessivamente respeitoso para com as idéias alheias. Procurava viver fazendo maior uso do “sim” do que do “não”. E, logicamente, como veremos em continuação, sentia uma grande atração pelas viagens. Como havia dito seu irmão Tiago, “sair para o mundo”, abandonar Nazaré, ainda que fosse apenas por algumas horas, o “transformava”. “Algo” no seu íntimo o reclamava. Fazia-o “cidadão do horizonte”. E bem que o demonstraria...

Naquele ano 14, obedecendo a esse magnético impulso de viajar, Jesus presenteou-se com um pequeno “luxo”. À entrada da primavera excursionou sozinho à Cidade Santa.

– Pareceu-me o mais aconselhável – interveio a Senhora. – Depois de tão intensa experiência, uma mudança de ares lhe faria bem. – Deduzi que se referia a Rebeca... – Ademais, fazia tempo que o via inquieto. Eu conhecia o seu amor pelos caminhos. Assim, reunimos algum dinheiro e ele partiu.

– Quanto?

Ficaram me olhando sem entender. Só Tiago captou a prosaica pergunta. E, fazendo com o polegar e o indicador o gesto que internacionalmente significa dinheiro, transmitiu a idéia a sua mãe.

– Ai, Jasão, como poderia lembrar-me?

A incrível memória de seu filho resolveu o dilema.

– Ao redor de vinte denários...

Na verdade não era muito. E, tomando a rota de Meguido e Lydda, imagino que com o coração radiante, rumou para Jerusalém.

– Sua intenção – prosseguiu Maria – era permanecer na casa de Lázaro. Não sabes o afeto que tinha pela família.

A pergunta seguinte – desnecessária na aparência – não o foi tanto para família.

– Certamente que viajou sozinho. Tivemos uma discussão por causa desse assunto!...

– Não exageres, mamãe Maria! – A observação foi de Jacó.

A Senhora nem tomou conhecimento do aparte.

– Disselhe mil vezes. Não era conveniente que se aventurasse por esses caminhos sem companhia. Mas ele se limitava a sorrir. Recomendei-lhe que esperasse alguma caravana. Ele observou que isso podia levar dias. Sugeri então que viajasse armado. Ai, Jasão! Pôs-se muito sério e respondeu: “Mãe, que melhor escudo do que o céu azul de meu Pai?” Sempre tinha uma boa saída... Só o Todo-Poderoso sabe como fiquei eu...

Míriam fez um sinal. Sua mãe exagerava. Todavia, à vista do que eu havia

visto e passado na caminhada do *yam* a Nazaré, só pude ficar do seu lado. Naturalmente que a mãe tinha razões para inquietar-se e discutir com o confiante Jesus. Mas a boa sorte seria a sua sombra naqueles quatro dias de caminho. Ou não devo falar de sorte?

E Tiago, o único que soube dos detalhes dessa sua primeira viagem sozinho, tomou a si o relato.

– Não sei se já comentamos em outras oportunidades o profundo desagrado que sentia Jesus cada vez que visitava o templo.

De fato o tema havia sido mencionado nas conversas que tivéramos em Betânia.

– ... Pois nessa terceira entrada em Jerusalém (segundo me disse na volta) o repulsivo espetáculo dos sacrifícios e o descarado comércio no Átrio dos Gentios reavivaram seus antigos sentimentos. “Aquilo era uma vergonha”, disse. “Pagãos, sacerdotes e judeus converteram a festa da Páscoa em um latrocínio. Só lhes interessa o dinheiro. E têm o atrevimento de justificar sua repugnante atuação ‘no nome de Yaveh’. A que classe de Deus crêem que servem? Será que o derramamento de sangue serve para algo mais do que para truncar a vida de um pobre animal e revolver o estômago dos sensíveis? Meu Pai não é um Deus de sangue!” E se entristecia, Jasão. Esta concepção de um Yaveh que devia ser aplacado parecia-lhe pueril e próprio de um povo bárbaro. Essa, como sabes, foi uma das suas permanentes batalhas.

Movido por essa natural repugnância, propôs então a Lázaro e a suas irmãs o que, a partir desse ano 14, se converteria em um símbolo: festejar a Páscoa sem o cordeiro à mesa.

– A família de Betânia – prosseguiu Tiago –, que não esperava a visita de meu irmão, ficou perplexa. Celebrar a solene festa rompendo a tradição? E Jesus explicou-lhes que esse tipo de ritual não tinha importância. Nada tinha que ver com o Pai do Céu. E, pela primeira vez, ainda que em segredo, um grupo judeu quebrou a sagrada lei de Moisés. Na mesa de Lázaro apenas houve pão ázimo e vinho com água. Em um apaixonado discurso Jesus chamou a esses manjares “pão da vida” e “água vivente”.

Era, efetivamente, a implantação de dois conceitos que, com o passar do tempo, sofreriam a mesma deformação que o célebre cordeiro pascal dos hebreus.

– ... Não sabemos como o conseguiu, mas, a partir daquele ano, cada vez que Jesus assistia a uma Páscoa em Betânia, seus amigos lhe respeitavam os sentimentos e prescindiam do ritual.

– E aqui – perguntei com curiosidade – conseguiu estabelecer o mesmo costume?

Tiago passou a pergunta para sua mãe.

– Aqui houve de tudo...

O tom de Maria dava a entender que a revolucionária idéia de seu filho não fora tão bem acolhida como na fazenda de Lázaro.

– ... Falamos muito sobre essa inovação. Mas Nazaré não é Betânia, onde Jesus, àquela altura, era um desconhecido. Ademais, romper com um costume de toda a vida não era tão simples. No princípio eu mesma me opus. Depois fui compreendendo. Ele tinha razão, mas ainda assim, por prudência, continuamos celebrando a Páscoa “segundo a lei de Moisés”.

Seu vigésimo aniversário decorreria sem maiores sobressaltos. Segundo os fornecidos pela família, aqueles meses se distinguiram por uma anormal placidez, apenas rompida por três fatos de certa relevância. Um deles, especialmente preocupante para Maria: a incógnita do celibato de Jesus. Sobre esse assunto a Senhora manteve com ele uma longa e transcendental conversa. Que pensava a respeito? Como tencionava direcionar sua vida, uma vez que se livrasse das responsabilidades de chefe da família? Estas questões – que hoje, com a perspectiva dos vinte séculos decorridos, podem parecer irrelevantes – não o eram tanto no ano 14 da nossa Era.

Maria, devo insistir, não poderia sequer imaginar o rumo que seu primogênito tomaria. Em seu coração continuava a acariciar a crença de que ele chegaria a ser o Messias prometido. Mas isso não subentendia o celibato. E na sociedade em que lhe coube viver o celibato não era o estado perfeito.

O *Gênesis* (I, 28), com o mandamento de Yaveh – “crescei e multiplicai-vos” – havia feito do celibato algo anormal e sempre discutível. “Um celibatário – bradavam os rigoristas da lei – não é verdadeiramente um homem.” Apenas as seitas dos essênios e dos nazarenos (a esta última pertenceria João Batista) praticavam o voto da castidade, às vezes apenas temporariamente. O matrimônio – convém não esquecer – era a máxima bênção. E mais ainda a prole. Uma família numerosa, se possível com predominância de varões, era o aconselhado por aquele Yaveh bíblico e autoritário. “Dádiva do ‘Único’ são os filhos e é mercê sua o fruto do ventre”, rezava o *Salmo* (CXXVII e CXXVIII). Um jogo de palavras usual entre os hebreus *banim* (meninos) *bonim* (construtores) – evidenciava esse arraigado conceito. Os filhos eram como as oliveiras jovens.

As sucessivas dispersões do povo eleito faziam aconselhável – quase necessário – o incremento demográfico. De fato, se bem que na época de Jesus já houvesse decrescido consideravelmente, a poligamia era uma situação legalmente admitida. Em caso de esterilidade (curiosamente, só se reconhecia a feminina), uma das máximas maldições, o marido podia tomar concubinas ou procriar com as escravas e criadas. (Assim ocorreu com Abraão e com Jacó.) E,

com o tempo, o que se havia originado de estritas razões de esterilidade terminaria por converter-se em um costume, ao menos para os abastados. Os pobres, naturalmente, não podiam aspirar a manter duas ou mais mulheres. Reis como Davi e Salomão (este último tinha cavaliarias que abrigavam mais de quarenta mil cavalos) mantinham haréns com centenas de mulheres.

Extremos à parte, o ideal era que o homem tomasse mulher “uma vez completados os dezoito anos”. Era lógico, portanto, que a Senhora, apesar da negativa de seu filho a casar-se com Rebeca, se sentisse preocupada com seu futuro. Nos seus vinte anos, Jesus podia ser alvo das críticas dos seus conterrâneos. O texto rabínico *Qiddouchim* (XXIX, 6) expressa-o claramente: “O Santo Único (bendito seja) maldiz o homem que não se tenha casado aos vinte anos”. Alguns rabinos estendiam essa idade “limite” para os vinte e quatro.

Maria, como era de esperar, saíra da conversação tal como havia entrado: sem uma idéia clara do que o destino reservava para o filho. O “chefe” da família foi categórico: “Seu dever estava ali, na casa de Nazaré. Por isso, pouco havia que falar”.

Um Jesus de vinte anos – ainda insciente da sua divindade – dialogando a respeito de matrimônio me pareceu especialmente interessante. Procurei aprofundar o assunto.

– Não sei, Jasão. Para dizer a verdade, percebi que ele hesitava. Tive a nítida impressão de que não se havia detido a refletir sobre a matéria. Celibato ou casamento? Ambas as situações eram irrelevantes para Ele naquele momento. “Estas coisas (disse com sua habitual calma) chegarão... pela mão do Pai.” Os assuntos importantes sempre dependiam do seu Pai do céu. “Não chegou minha hora.” Essa era a sua frase preferida. E mais uma vez me deixava transtornada. Só havia uma coisa a fazer: resignar-me.

O resto da família confirmou as palavras da Senhora. Durante anos ninguém conseguiu descobrir quais eram os seus pensamentos.

– O trabalho que seu Pai lhe havia destinado – acrescentou Tiago – marcaria seu destino. Daí não havia forma de tirá-lo. E te direi mais: se o Deus do céu lhe houvesse revelado que devia se casar, meu irmão o teria feito com toda a satisfação. Nenhum dos dois estados lhe causava aborrecimento. Era solteiro mas experimentava o peso e a responsabilidade de uma família. Nisso, uma vez mais, comportou-se com tanta paciência como bom senso. Por que angustiar-se com algo longínquo?

– Que significava “longínquo” para Jesus?

Maria e suas filhas sorriram. E deram a resposta correta:

– Para aquele Homem maravilhoso só existia o presente. O futuro, o amanhã, era a vontade do Pai.

O segundo acontecimento digno de registro nos derradeiros meses daquele ano 14 teve um nome: Zebedeu. Da leitura dos Evangelhos parece poder deduzir-se que o Mestre conheceu o clã dos Zebedeu durante o seu relativamente curto período de pregação. Os evangelistas, pela enésima vez, teriam prestado um fraco serviço aos crentes e à história. Foi aos seus vinte anos que Jesus conheceu a próspera família de Saidan. A Grande Inteligência atuava de novo...

Nessa época, o dono do armazém de aprovisionamento de Nazaré receberia uma agradável surpresa: uma modesta quantia em dinheiro procedente da venda da casa de Nahum, última propriedade de José. O imóvel havia sido adquirido por um tal Zebedeu, dono de um dos estaleiros localizados às margens do *yam*. A partir daí as relações entre Jesus e os Zebedeu (pai e filhos) se estreitariam cada dia mais. E o que em um primeiro momento fora uma transação comercial se tornaria uma amizade muito profunda e carinhosa. A amizade do Filho do Homem com os Zebedeus remontava, pois, ao ano 14. Quando Jesus decidiu iniciar sua vida de pregador fazia mais de doze anos que sabia da existência de João e Tiago, “os filhos do trovão”. O fato, como se verá mais adiante, teve sua importância.

O terceiro acontecimento, de indubitável relevância para a modesta economia familiar, foi o ingresso de José – o terceiro dos filhos homens – na oficina de carpintaria. Terminados seus estudos na sinagoga, foi, de mútuo acordo, ocupar o lugar de aprendiz ao lado de Tiago. Eram já três os homens que ganhavam um salário no lar de Nazaré. No que dizia respeito a sonhos e projetos, portanto, as perspectivas melhoraram.

– Jesus, otimista por índole, punha as mãos nos meus ombros e, às minhas insinuações de que não teríamos possibilidades de emergir da pobreza, respondia: “Mãe, nunca fomos pobres...”. – Ao recordar essas palavras, pronunciadas dezesseis anos antes, a Senhora teve um estremecimento. – ... Que lástima não havê-lo compreendido!

E o destino, compassivo também com Jesus e os seus, veio a propiciar-lhes um período de paz e de estabilidade. Ao longo do ano seguinte (15 da nossa Era), tudo em Nazaré decorreu normalmente. Com uma suspeitosa tranqüilidade...

Com sua costumeira discrição, Jesus continuou à frente do armazém, ao mesmo tempo em que velava pela educação e a segurança dos irmãos menores. O único “luxo” daquele período, o dos seus vinte anos, foi a habitual viagem à Cidade Santa, desta vez em companhia de José, que faria os catorze anos na manhã de quarta-feira, 16 de março. Com o precedente de Tiago, que havia levado a Jerusalém na Páscoa correspondente à sua “maioridade legal”, o chefe da família compreendeu que não podia fazer exceções. Assim, tomou o jovem

aprendiz e o levou pelo vale do rio Jordão até a buliçosa capital de Israel. E ali, como nas vezes anteriores, foi celebrar a festa na companhia dos seus leais amigos de Betânia. José, menos inteligente e intuitivo que os irmãos, limitou-se a escutar suas histórias, quase sempre relacionadas com os lugares pelos quais passavam. Ao seu regresso à aldeia, o futuro Filho do Homem, buscando novos incentivos, escolheu um novo caminho: a margem esquerda do Jordão, pela rota que cruzava a cidade principal da Peréia, Amato, a uns oito quilômetros do rio. Como eu disse, era a primeira vez que Jesus incursionava pelas terras do Leste.

Como é difícil o que me proponho!... Careço de palavras, de inteligência e de forças. Todavia, essa misteriosa “luz” que parece guiar minha mão ao pôr no papel estas lembranças faz dias que tremula como um farol. É como um aviso. Devo tentar. Confiar-me-ei a ela...

Por motivos óbvios, que creio já haver mencionado, a família e os íntimos de Jesus tiveram acesso aos seus pensamentos... até certo ponto. Pois bem, a partir dos anos em que nos encontramos (20-21, aproximadamente), a vida interior do futuro rabi da Galiléia foi experimentando uma decisiva mutação. Sua família percebeu-o, ainda que não totalmente. Cada vez que tentei sondá-los as respostas foram as mesmas: “Era um poço escuro e inacessível”. “Só nos falava do Pai do Céu.” “Jesus, o Filho do Deus vivo? Jamais o ouvimos falar disso.” “Naturalmente que era diferente dos outros.” “Havia algo nele, sim, mas não soubemos vê-lo.”

Na minha opinião, esses dez ou doze anos que mediarão até o seu batismo no Jordão só poderiam ser qualificados de “vida oculta”. O único período – sempre no nível interior – de “reconstrução” engajada. E ainda que seja apenas a grosseiras pinceladas quero atacar a árdua e penosa empresa. Para isso só existe uma via: procurar o próprio e pessoal testemunho do Mestre. Só ele podia lançar luz sobre o complexo e obscuro processo. Fazê-lo agora pode trazer um apreciável benefício, permitindo mais completo e profundo conhecimento de sua forma de viver e de agir durante os últimos tempos de Nazaré. A “informação” que me disponho a intercalar não provém, como é lógico, da minha aventura na aldeia. Foi obtida muito depois, em algumas das numerosas e fascinantes conversas mantidas durante o seu período de pregação.

Para começar – sempre partindo do testemunho do Mestre – é essencial que destaquemos o seguinte:

Jesus encarnou-se na Terra com uma grande e dupla finalidade: como “Filho” desse grande Deus ou Pai Celeste, Ele já havia conhecido a glória da divindade. (As palavras, já o disse, são minhas inimigas. Farei o que puder.) Mas quis “descer” até uma das mais primitivas escalas das criaturas dotadas de

vontade. Nunca o compreendi, mas estas foram suas palavras. Como Soberano e Criador dessas mesmas criaturas (chamadas seres humanos), desejava partilhar sua existência. Para isso, o “melhor sistema” era fazer-se homem e viver como tal. E, claro, para consegui-lo plenamente, esse “Filho” do Pai teve de renunciar – durante muitos anos – à sua, digamos assim, “memória celeste”, “poder e natureza divinos”. Em outras palavras: por expressa vontade própria, Jesus nasceu, cresceu, aprendeu, sofreu e passou por toda sorte de experiências como qualquer indivíduo da raça humana, e absolutamente alheio à sua verdadeira identidade. Este ponto é de difícil compreensão mas decisivo para entender esses anos de suposta “vida oculta”. “Só assim – disse-nos – era possível que meu Pai reconhecesse a absoluta soberania do Filho sobre o criado.” (Palavras enigmáticas que meu curto entendimento não conseguiu resolver, mas que aceito.)

Concluída essa experiência na terra – algo que, surpreendentemente para nós, aconteceu nas vésperas do seu ciclo de pregação –, Jesus podia ter “voltado” ao Pai. Sua missão, aparentemente, estava concluída. Havia “conhecido” os homens e obtivera – de pleno direito – aquela misteriosa entronização como Soberano. Mas, e eis aqui outro mágico aspecto da encarnação do Filho do Homem, desde muito jovem, sem saber muito bem o que se pretendia dele, essa Superinteligência se havia encarregado de manter o fogo sagrado de um “ideal”: revelar a existência desse Deus-Pai à humanidade. Eis aí a segunda grande finalidade da sua “visita” à terra.

Durante muitos anos, curiosa ou paradoxalmente, Jesus teve consciência desse “segundo ideal”, embora ignorasse quem na verdade era e por que havia nascido. Hoje poderíamos definir a situação como “começar a casa pelo telhado”. E “planejar” as coisas assim, no fundo, foi o mais sensato e natural. Acredito que um Jesus plenamente conhecedor da sua divindade, ali pelo período da infância ou da juventude, teria resultado em um caos. A vida, sua experiência humana, devia decorrer como algo normal. A prova é que, até meados do ano 25 da nossa Era, Jesus teve uma única manifestação de índole celeste ou sobrenatural: perto dos treze anos, em sua primeira visita a Jerusalém, quando – se me é lícita a licença – a Grande Inteligência “despertou” nele a realidade de um Pai do céu. Esse “fogo”, por certo, não se apagaria jamais.

Em que momento, porém, se “abriu” sua inteligência humana ao “achado dos achados”? Deve ter havido uma data, um período, no qual o Mestre teria tomado plena e definitiva consciência de sua origem e de sua natureza divinas.

Para dizer a verdade, isso nunca ocorreu com a simplicidade que apresentei. Desde a etapa da juventude até o histórico retiro na montanha do Hermon, no verão do ano 25 (passagem ignorada e confundida pelos evangelistas com o

posterior e segundo retiro no deserto da atual Jordânia), o processo de “abertura” para a divindade foi lento e gradual. Creio tê-lo ouvido dizer que, a partir da experiência nos cumes do Hermon (atual sul do Líbano), ELE SOUBE QUEM ERA. Até então, porém, seu coração e sua inteligência se debateram em um oceano de dúvidas. Sabia que era um homem, nascido de uma mulher. E tinha idéia precisa de um Pai Celeste que no momento devido lhe reclamaria um “especialíssimo trabalho”.

A partir dos seus vinte e um anos, o espírito daquele Homem entrou em uma demolidora crise. Uma angústia zelosamente guardada, da qual ninguém teve conhecimento. “Era como uma incontida torrente interior que pouco a pouco me arrastava para a mais absurda das idéias: que eu tinha muito que ver com essa Divindade; que era parte dela...” A tragédia do Filho do Homem durante esses dez ou doze anos teria derrubado um colosso. Mas Jesus, inteligentemente, não se precipitou. Sua quase suicida confiança no Pai salvou-o da loucura ou algo pior. Limitou-se então a seguir o curso dos acontecimentos e da vida cotidiana. A frase tantas vezes repetida – “Não chegou minha hora” – foi providencial.

Outra prova de quanto afirmo está justamente no fato de que só depois do batismo no Jordão, plenamente seguro do seu poder e identidade divinos, começava a aceitar de seus amigos e discípulos o título de Senhor e Filho de Deus. Antes desse ano 26, ninguém jamais pôde dar-lhe esse tratamento. Ainda que em muitos momentos, em especial nos anos próximos ao decisivo retiro no Hermon, chegasse a intuir ou presumir sua dupla natureza, guardou-se de o revelar ou de fazer uso dos poderes que sem dúvida germinavam já no seu interior. Sua mãe mesmo, como creio já haver dito, chegou a duvidar do seu papel messiânico, entre outras razões por não realizar prodígios.

Em resumo: a autoconsciência da sua divindade foi um lento, gradual e, sem dúvida, doloroso “parto” de trinta e um anos de gestação.

Fechado o parêntese, prossigamos com sua vida humana.

Chegada a vigília da meia-noite, o cansaço fez estragos entre os meus anfitriões. Ruth caiu adormecida sobre o regaço de sua mãe e Jacó, apesar dos seus esforços, cabeceava lastimosamente. Por isso, tacitamente, demos por encerrada a tertúlia. Tiago, erguendo-se, convidou a família a entoar a oração da noite: o *Schema*. E os cinco, voltados para o Sul – em direção a Jerusalém –, portanto diante da porta principal, ergueram os braços e recitaram em uníssono a oração extraída do *Deuteronômio* (VI, 4-7 e XI, 13-21)⁷³:

– Escuta, Israel: Yaveh nosso Deus é o único Yaveh. Amarás Yaveh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força.

Fiquem em teu coração estas palavras que eu te digo hoje. E se obedeceres rigorosamente aos mandamentos que hoje te prescrevo, amando a Yaveh teu Deus com todo o teu coração e toda a tua alma, eu darei ao teu país a chuva a seu tempo, chuva de outono e chuva de primavera, e tu poderás colher teu trigo, teu mosto e teu azeite; eu darei a teu campo a erva para o teu gado, e comerás até fartar-te. Cuida bem que não se perverta teu coração e te desvies a dar culto a outros deuses e a prostrar-te diante deles; pois a ira de Yaveh se inflamaria contra ti e cobriria os céus, não haveria mais chuva, o solo não daria mais frutos e tu tombarias nessa terra boa que Yaveh te dá. Põe estas palavras no coração e na alma, ata-as à tua mão como um sinal e que sejam como uma insígnia entre teus olhos. Ensina-as aos teus filhos, falando delas tanto se estás em casa como em viagem, deitado ou levantado. Escrevê-las-ás nas tuas portas, para que teus dias e os de teus filhos na terra que Yaveh jurou dar a teus pais sejam tão numerosos como os dias do céu sobre a terra.

Eu me mantive discretamente afastado. Pareceu-me estranho ver essas pessoas, tão estreitamente chegadas a Jesus, recitando uma oração bíblica que implorava favores de um Deus “justicador”, tão estranho às idéias e crenças do Mestre. Os homens não usaram seus filactérios. Também não cobriram a cabeça com o *taled*. Mas via-se que a tradição judaica pesava-lhes como uma âncora.

Desejando paz aos que ficavam, Tiago tomou uma candeia e destrancou a porta. Eu saí com ele.

A noite, com o seu hieróglifo de estrelas, nos recebeu tépida e amiga. Mas a aldeia, sem uma tocha nas paredes – labirinto negro e sem referências –, intranqüilizou-me, ainda que a distância que me separava da pousada não fosse grande.

Fechada e escorada a porta, quando já me despedia, Tiago interrogou-me sobre a minha hospedagem. Ao falar-lhe do albergue “da rã” fez um gesto de contrariedade e me acusou de mau amigo e de “falta de confiança” para com ele e sua família. Agradei a hospitalidade e as boas intenções, mas, cuidando de ser o menos incômodo possível, argumentei que meu quarto já estava pago adiantadamente. Duvidou. Mas, respeitando minha decisão, não insistiu. Em compensação prontificou-se a escoltar-me, recomendando-me que de outras vezes procurasse caminhar à noite provido de uma tocha ou uma candeia.

Fomos descendo em silêncio pela “rua norte”, ao encontro das “portas” da aldeia. Nazaré, adormecida e sem luar, era campo de batalha dos imundos e fantasmais morcegos de cauda curta que caíam sobre a aldeia como diligentes lixeiros, animando as ruelas e abrindo as elétricas pupilas das dezenas de gatos que vagueavam na noite. Através das reduzidas janelas adivinhava-se a chama amarela e oscilante dos obrigatórios candeeiros noturnos no interior das casas.

(Nenhuma família judia dormia às escuras.)

De súbito, ao galgarmos uma das rampas de terra, um gato cruzou o caminho entre nossas pernas com um miado raivoso. O susto imobilizou-nos. E de um tenebroso corredor situado à nossa direita, pelo qual havia voado o inesperado felino, percebemos uns cochichos distantes. Aguçamos o ouvido e pareceu-nos ouvir vozes humanas, abafadas pela distância e talvez também por um suspeito e deliberado desejo de passar inadvertidas. A ruela, estreitíssima, mal permitia a passagem de um só homem. Tiago deu-me a candeia e desembainhou a espada. Instintivamente relacionei aqueles sussurros com o tropel que havia ouvido do curral da casa de Maria. Mas não tive tempo de advertir meu companheiro, que, decidido, já disparava pelo corredor disposto a descobrir de que se tratava. Após uma ligeira vacilação, eu o segui. O lugar, cheio de imundícies e tão malcheiroso como quase todos os pontos da aldeia, não parecia conduzir a parte alguma. Tratava-se, simplesmente, do vão natural entre duas casas. Após uns três ou quatro passos Tiago parou. Pediu-me o candeeiro e perscrutou com ele as trevas. Os cochichos fizeram-se mais nervosos e agitados. Ao fundo, à luz precária do candeeiro, vimos então alguns vultos que fugiam atropeladamente, tentando escalar o muro que fechava a ruela.

– Bastardos!

Devolvendo-me a lâmpada, Tiago, que começava a compreender as razões da intempestiva presença daqueles vultos, lançou-se sobre eles. Um conseguiu saltar o muro. O segundo, entretanto, foi apanhado por um pé, justamente no momento em que tentava desaparecer. Se a situação era comprometedora para o que tentava fugir, não o era menos para mim. Que me cumpria fazer? O destino – graças a Deus – foi misericordioso. Ao ver-se agarrado, o indivíduo, longe de render-se, reagiu rápida e violentamente: desferiu um vigoroso pontapé no peito de Tiago e o derrubou, escapando em seguida como um felino. Tiago ergueu-se prontamente e, furioso, assestou um soco contra a parede, ao mesmo tempo em que gritava para que pudessem ouvi-lo do outro lado:

– Esbirro maldito, te reconheci!

Mais magoado em seu orgulho do que em sua integridade física, apanhou de novo a luz e deixou a ruela. Quando chegamos à proximidade da fonte rompeu afinal o mutismo, confessando-me algo de que eu já desconfiava:

– Essa víbora, Jasão, está sedenta de vingança... Sê muito prudente.

Contei-lhe então o que se passara à tarde no curral, quando eu e Jacó havíamos ouvido passos em fuga, ao redor da casa. A notícia não o surpreendeu. Tudo parecia fazer parte do estilo do perigoso saduceu. O que entretanto eu não conseguia entender era o motivo da perseguição. Mas nada perguntei. Muito cedo o descobriria e experimentaria “na própria carne”.

A proximidade da pousada nos tranqüilizou em parte. Mas a noite não havia terminado. E quando atravessamos a ponte de pedra, com as luzes do albergue à vista, Tiago tomou-me do braço esquerdo e fez-me diminuir o passo. Depois chamou minha atenção para o caminho que tínhamos em frente. Na obscuridade distingi um par de sombras que se dirigiam ao nosso encontro. Rápido de reflexos, sacou de novo a espada e dissimuladamente segurou-a às costas. Os dois indivíduos – um deles de baixa e forte compleição – continuaram afastando-se precipitadamente da pousada. Não havia dúvida que procediam dos domínios “da rã”. Mas, por que a pressa?

Meu amigo, prudentemente, ficou à margem do caminho. Depois retirou a candeia de sob o roupão, de forma a ser vista pelos indivíduos. A manobra produziu efeito. Ambos os desconhecidos se detiveram, surpreendidos pela nossa súbita presença. Avançaram uns poucos passos, detiveram-se de novo e trocaram palavras. Sua atitude era suspeita. Ignoro se nos reconheceram mas o certo é que, aparentemente seguindo o combinado, se separaram em grande velocidade. O mais alto penetrou em uma plantação de oliveiras que cercava a pousada. O outro tomou a direção oposta, rumo aos hortos que se estendiam à nossa esquerda.

Tiago, presumindo uma manobra intencional dos indivíduos, deixou a lanterna no chão e saiu em perseguição do primeiro. Pareceu-me que quando da fuga os desconhecidos haviam soltado ou perdido alguma coisa. Recolhi o candeeiro e fiz uma busca. De fato, ali estava, no meio do caminho, um pequeno fardo. Abri-o e fiquei perplexo.

Tiago, convencido da inutilidade da perseguição, não tardou a reunir-se a mim. E ao ver-me de joelhos diante do pacote parou ao meu lado e olhou curiosamente para o seu conteúdo. Antes de satisfazer-lhe a curiosidade perguntei-lhe:

– Capangas do saduceu?

Reconheceu que “era mais do que provável”.

– Mas como adivinhaste?

Mostrei-lhe as sandálias envolvidas no pacote e expliquei-lhe que eram minhas e que haviam sido furtadas do meu quarto na pousada. Indignado, fez menção de dirigir-se ao albergue e denunciar o fato “à rã”. Prudentemente aconselhei-o a dominar-se. Ainda ignorávamos a identidade dos ladrões e, o que era mais importante, o anão podia até ser cúmplice do furto. Tiago acolheu a contragosto minhas ponderações e observou:

– Por que a ti? Que tens tu que ver com as ameaças que pesam sobre minha família?

Não soube responder-lhe. De qualquer forma, meditando com lógica, o

problema não era tão hermético. Ismael, o sacerdote, sabia da minha existência, pois me havia visto junto de Jacó e Tiago. E, dada sua tortuosa índole, nada tinha de surpreendente que tentasse descobrir quem era aquele estrangeiro e que motivos o haviam trazido à aldeia, ao lado da odiada família do Galileu. Mas essas reflexões ficaram no meu íntimo. Agradei sinceramente o favor que Tiago me prestara e disselhe que voltasse para casa.

– Dentro do albergue – ponderei-lhe sem muita convicção – não correrei perigo.

Prometi-lhe que estaria na casa de sua mãe às primeiras horas do dia seguinte, para reiniciar nossas conversações, e ele se afastou em direção ao cruzamento de caminhos cuja cabeceira se situava às “portas” da aldeia.

Uma incômoda sensação me acompanhou à pousada. Chegaria ele em paz à sua casa? Nesse ponto eu pouco podia fazer. Quanto ao furto, embora ainda não tivesse inspecionado meu quarto, dei graças ao céu pela recuperação das sandálias e do instrumental que elas continham. Se elas tivessem chegado às mãos do saduceu, quem poderia imaginar sua reação? Inquieto, penetrei no corredor de entrada.

O pátio a céu aberto estava solitário. Quatro tochas, suspensas a metro e meio do solo em cada um dos cantos, crepitavam e empestavam o ambiente com o seu cheiro de breu e resina. Novos animais denunciavam um aumento da clientela, uns hóspedes que, a julgar pelas gargalhadas que vinham da taberna, ainda não se haviam recolhido.

Como primeira medida subi ao piso superior. Antes de fazer qualquer queixa era preciso averiguar. Cautelosamente, procurando esquivar-me às rangentes tábuas do soalho da galeria, cheguei até a porta do meu quarto. Escusava apanhar a chave que eu trazia no cinto. A porta estava aberta de par em par. Apanhei uma das candeias do corredor e, com todas as precauções, valendo-me do cajado, entrei no quarto. Após uns dois passos, ouvi um chiado agudo e percebi uma sombra deslizando entre meus pés. O contato com aquele pêlo áspero eriçou-me os cabelos. Atirei na ratazana o candeeiro, que rodou no soalho e caiu ruidosamente no piso do pátio central. Refeito do susto, fiquei uns segundos junto ao parapeito, vendo consumir-se a escassa ração de azeite da lanterna. Certo de que o incidente havia passado despercebido aos animados hóspedes de Heqet, apanhei uma segunda candeia e voltei ao quartinho.

Não me enganara. O saco de viagem, aberto e vazio, confirmou o que eu supusera. Uma rápida inspeção mostrou-me que o ladrão ou os ladrões haviam levado também os doze medicamentos de campanha, meticulosamente camuflados em pequenas ampolas de argila. Ampliei minha busca mas, além de

umas baratas de atlética corpulência, não consegui encontrar rastro algum dos fármacos. O fato de se acharem perfeitamente vedados tornava difícil o seu vazamento. Todos tinham sido embalados em estado de pó, por dessecação ou liofilização. Mas a perda da “farmácia” – de especial importância em meio tão agressivo – deixou-me preocupado. Se me fosse possível regressar ao módulo, o incidente careceria de importância. Na situação em que me achava, e com a inarredável circunstância de ter de voltar ao *yam*, o problema representava grave transtorno. De outra parte, a possibilidade de que alguém os usasse era uma preocupação a mais. Ainda que na maioria fossem inócuos, alguns podiam produzir intoxicação e acarretar complicações para um hipotético consumidor.⁷⁴ Meu bom senso, porém, afastou esta última probabilidade. Quem seria tão irresponsável a ponto de degustar substâncias tão estranhas? Ainda assim continuei intranquilo. Eu precisava recuperar as ampolas. O mais provável era que estivessem em mãos do saduceu, se é que não tinham tido a mesma sorte das sandálias.

Tentei consolar-me. A perda das sandálias pelos ladrões havia sido mero acidente, conseqüência da sua brusca fuga. Estava, pois, decidido. Na manhã seguinte, com a desculpa dos medicamentos, iria à casa da víbora... Quanto a denunciar o roubo, parecia-me inócuo. Salvo complicações, devia limitar-me a observar. Minha passagem por Nazaré, de acordo com a programação da Operação Cavalo de Tróia, tinha de ser a mais discreta possível. E com estas disposições encaminhei-me para a taberna. Meu desejo, como disse, era elementar e simples em extremo: tratar de descobrir se “a rã” ou alguns dos hóspedes sabiam algo.

A sala estava mais concorrida do que eu havia suposto. Duas ou três grandes mesas estavam abarrotadas de indivíduos que, a julgar pelas vestes, deviam ser gregos e fenícios. Discutiam, bebiam sem limites, riam estrepitosamente e, cada vez que uma jarra se esvaziava, mobilizavam Heqet prontamente. Sentado à terceira mesa, o anão parecia absorto e sumamente ocupado. A seu lado distingui um jovem com uma túnica curta e um calçado tipicamente romano: o *solea* (espécie de sandália com solado e presa com correias de couro que enlaçavam o dedo polegar e o peito do pé). Na extremidade da mesa estava uma ampla peça – semelhante a um capote – de lã grossa, a qual, a um primeiro exame, identifiquei com a toga romana. (Uma das vestes que distinguiam todo cidadão romano e cujo uso era proibido a estrangeiros.) Do outro lado da mesa, diante do dono da hospedaria e formando uma fila, aguardavam uns seis homens, anciãos na maioria e moradores da aldeia. Um deles, por sinal, era uma das vítimas dos meus ultra-sons. Atrás das tinas que faziam as vezes de balcão conversavam duas mulheres que, pelas

vestes, melhor dito, pela “falta de vestes”, podiam ser facilmente reconhecidas como prostitutas de turno. Uma delas cobria o torso com uma espécie de xale. A outra, porém, tinha o peito nu e pintado de amarelo. Ambas se exibiam com o mais absoluto descaramento, “cobrindo-se” da cintura para baixo com uma túnica de gaze transparente. E a cada pedido de vinho as meretrizes se aproximavam das mesas e abasteciam as jarras.

Em meio à clientela reconheci vários bufarinheiros ou vendedores ambulantes, com enormes e grossos varais repletos de roupas e que se amontoavam em desordem sobre o piso da sala. Os demais pareciam pertencer à próspera profissão dos *rokel* (comerciantes que negociam com tudo) e dos *sitônes* (compradores de grãos por atacado e, freqüentemente, no pé, isto é, de futuras colheitas). Esses indivíduos, do mesmo modo que os chamados *monopôles*, que monopolizavam toda classe de produtos – agrícolas ou manufaturados – para revendê-los depois aos varejistas, eram muito freqüentes na Galiléia e especialmente nas aldeias e cidades que, como Nazaré, ostentavam uma rica variedade na sua agricultura. Adquiriam a colheita a preços leoninos e as conservavam nos seus depósitos até que os preços disparassem. Eram odiados pelos sofridos camponeses ou artesãos que, lamentavelmente, tinham de dar saída à sua produção.

Ao ver-me junto à porta, uma das meretrizes cochichou ao ouvido da companheira. Depois, deixando as ânforas, aproximou-se com um provocativo movimento de quadris. Trazia na frente uma estreita fita de seda branca, que realçava o negror dos seus cabelos. Dos dois lados do estreito rosto, pintado com excesso e mau gosto, caíam cordões formados por vinte leptas grosseiramente perfuradas. (Perder uma dessas moedas era sinal de má sorte. É possível que a moeda extraviada da célebre parábola de Jesus fosse uma *lepta*.) Sobrancelhas (meticulosamente depiladas), cílios e pálpebras estavam pintados de uma tonalidade verde-azul, provavelmente à base de sulfureto de chumbo ou carbonato de cobre. E os lábios e as unhas das mãos e dos pés, vermelhos vivíssimos, deviam estar tingidos com um licor extraído das folhas trituradas da alfena. Quando ela chegou ao meu lado, um perfume penetrante – que podia ser de coentro ou cássia – quase me fez espirrar. Aproximou-se, lançou os braços no meu ombro e quis abraçar-me, ao mesmo tempo em que sussurrava um “bem-vindo à casa de Heqet”. Detive-a a tempo. Pouco acostumada, certamente, à rejeição, observou-me de alto a baixo. Então mudou de tática. Sorriu e com isso não fez senão comprometer seus indubitáveis atrativos físicos: a infeliz sofria de uma piorrêia alveolar, com inflamação purulenta do perióteo dos alvéolos dentários, uma feia necrose e um quase total desprendimento dos dentes. Correspondi ao sorriso mas antes que ela prosseguisse com seus salamaleques

cortei o incômodo colóquio, perguntando por Heqet. A mulher, rendendo-se, indicou a mesa à qual certamente já sabia que se sentava a atarefada “rã”.

Ao vê-lo empenhado em sua ocupação favorita – contar moedas – pouco faltou-me para dar meia-volta e desistir do meu propósito.

Mas a curiosidade me prendeu. A cena era nova para mim. Em rigorosa fila, cada um dos habitantes da aldeia ia ditando ao jovem sentado junto a Heqet o que parecia uma carta. O escriba, provido de pena, tinta e folhas de papiro de umas oito a dez polegadas e de uma espessura e colorido muito mais grosseiros do que os habitualmente utilizados entre os escribas em geral (talvez se tratasse de um papiro siciliano), sem pressa e sem se alterar diante das emocionadas frases dos humildes e analfabetos nazarenos, ia redigindo, em aramaico, os pequenos segredos, as petições e os saborosos comentários dos seus “clientes”. Em pleno trabalho, o escriba levantou os olhos e, confundindo-me com um novo freguês, fez-me sinal para aguardar minha vez. “A rã”, ao ver-me, empalideceu. Mas simulou grande satisfação e falou ao sócio a respeito da “minha alta origem e maiores riquezas”. A palidez do seu semblante e o embaraço que o tomou foram para mim indícios mais do que suficientes: Heqet sabia do roubo. Dado o número de clientes que chegava à pousada, só uma informação dele podia haver conduzido os esbirros de Ismael ao quarto exato em que eu me alojara.

Longe de alterar-me, optei por seguir a corrente, como se ignorasse o que acontecera com o meu saco de viagem. Aceitei o convite do anão e fui sentar-me na extremidade da mesa, de onde fiquei assistindo à redação das últimas cartas. A maioria era destinada a parentes que residiam ao norte, às margens do lago e na Alta Galiléia. Um dos anciãos dirigia-se ao filho, engajado nos barcos de guerra de Roma. Em resposta a uma carta do jovem, fazia-lhe saber da sua satisfação por haver feito com sucesso sua primeira singradura, assim como pelas três peças de ouro recebidas do imperador como paga. O bom homem pedia-lhe, em segredo, que procurasse os pintores do porto e lhe mandasse seu retrato. O estalajadeiro, ao ouvir o pedido, ordenou ao escriba que parasse e disse ao humilde pai de família que “aquilo era proibido pela lei” e que se quisesse incluí-lo devia pagar duas *leptas* mais. O ancião, sabendo que a lei mosaica não permitia mesmo nenhum tipo de representação pictórica, não teve alternativa senão afrouxar a bolsa e colocar nas miseráveis mãos de Heqet a quantia extra exigida. Isso elevou a tarifa a um denário e duas *leptas*.

Outro dos moradores tentava convencer um irmão, residente em Nahum, a não ter contemplação com seu sobrinho (o filho do destinatário) e a fazer uso da vara, já que os puxões de orelhas não bastavam para fazê-lo voltar à razão.

Concluída cada carta, o escriba fazia uma rápida leitura em voz alta e se o cliente se mostrasse de acordo ele a enrolava e depositava em um amplo saco de

couro. O calçado e as vestes do jovem me fizeram supor que me achava diante de um “correio”. Talvez um funcionário a serviço de Roma. O que não parecia ortodoxo era que dedicasse parte do seu tempo a redigir documentos ou cartas “privados” que presumivelmente deveria entregar aos respectivos destinatários. E digo “presumivelmente” porque a corrupta sombra do estalajadeiro pairava até sobre a “tinta” utilizada pelo romano. Aquele duplo “tinteiro” chamou-me a atenção desde o princípio. Uma das canecas de barro continha leite. A segunda, uma mistura de suco de limão e cebola. A escrita, se bem que fraca, era perfeitamente legível. O que não sabiam os incautos nazarenos era que, dentro em pouco, se faria “invisível”. O truque da chamada “tinta simpática” que precisaria do aquecimento do papiro para tornar a fazer visível a escrita – transformava a operação em um negócio e tanto. Era evidente que, uma vez que deixasse a aldeia, o “correio” se desinteressava pelas cartas, aproveitando o material para novos golpes.

Quando o último dos clientes saiu, o egípcio contou os rendimentos pela enésima vez. E, satisfeito, dividiu-os em duas partes. O “correio” recebeu o combinado e o negócio foi celebrado com uma generosa jarra de vinho. A meretriz que me havia recebido cumpriu solicitamente a ordem do chefe. Depois, deslumbrada pelos denários que rodavam nas mãos do escriba, deixou-se cair sobre seus ombros, apertou-se contra suas costas e lhe perguntou se “desejava algo mais”. Heqet, que não parecia disposto a contentar-se com a metade daquele dinheiro, adiantou-se aos desejos do “correio” e ordenou à mulher que, “para começar”, servisse ao seu amigo a ceia especial da casa. Sorridente, a prostituta piscou-me um olho e desapareceu da taberna. Mais ou menos por acaso, com a inestimável colaboração dos vapores do vinho, o romano foi mostrando simpatia por mim e respondeu às minhas perguntas com o calor de quem se sente lisonjeado por seu trabalho. Desta forma descobri que de fato pertencia ao *cursus publicus*²⁵, o “serviço de correios” do imperador e que tinha a seu cargo a rota de Tiberíades, com extensão até Cesaréia. Em determinadas cidades (Migdal e Nahum, por exemplo) eram controlados pelos inspetores ou supervisores. Mas, segundo suas próprias palavras, estes eram tão corruptos como os próprios mensageiros. Só assim se podia entender o irregular trabalho “extra” do meu interlocutor.

Logo mais, esvaziadas a segunda e a terceira jarra, entrou em cena de novo a rameira, que, com uma série de reverências, foi colocar ante os enevoados olhos do “correio” uma bandeja de madeira com a “especialidade” da casa: uma succulenta carne de cordeiro, deliberadamente preparada à base de pimenta moída, semente de urtiga, cebola, couve silvestre e ovos. O copo de vinho recebeu, além disso, o complemento de uma prudente dose de resina de romã. A

ceia, com semelhante e mortífera carga de afrodisíacos, havia sido estudada meticulosamente para “esses casos”. O mais provável era que, uma vez devorada pelo hóspede, e com a decisiva ajuda dos vapores etílicos, a marafona e o estalajadeiro não tivessem dificuldade para depenar o ingênuo cliente.

A “amizade eterna” que, em sua embriaguez, o “correio” chegou a jurar-me foi derivando para a pesada impertinência típica dos bêbados. Por sorte, um dos viajantes que faziam muito alvoroço na mesa contígua – prevenido sem dúvida pelo estalajadeiro sobre minhas supostas riquezas – livrou-me temporariamente dos efusivos abraços do escriba.

O fenício, de cabelos tingidos de um loiro quase albino e maneiras efeminadas, apresentou-se como o “maior inventor de Tiro”. Por um momento eu não consegui saber qual daqueles companheiros de taberna era mais temível. Armando-me de paciência ouvi seu discurso. Queria vender um curioso mecanismo que, com muito mistério, se dignou a exhibir ante o meu nariz. Não posso negar que o “invento”, supondo que fosse de sua criação, me surpreendeu. A pequena caixa de madeira de pinho continha um total de cinco rodas metálicas denteadas, engenhosamente engrenadas entre si por sete eixos igualmente de ferro. Segundo explicou, uma vez acoplada aos raios de uma roda de uma carroça permitia medir as distâncias percorridas pelo transporte. Uns singelos cálculos matemáticos bastavam para que, a cada milha, da caixa principal se desprendesse um pequeno seixo que ia cair em um segundo recipiente. Dessa forma, terminada a viagem, o condutor apenas tinha de contar as pedras depositadas na segunda caixa, desse modo calculando o custo do serviço. Algo assim como um primitivo mas engenhoso “taxímetro”.

Prometi pensar sobre a tentadora oferta. Que outra coisa, realmente, poderia dizer-lhe? E já me dispunha a recolher-me, tão esgotado quanto farto de esperar a oportunidade de interrogar o estalajadeiro acerca do roubo, quando um triste e inesperado incidente veio precipitar o curso dos acontecimentos.

Em um dos muitos deslocamentos da prostituta, que não dava quartel à jarra do “correio”, este, à borda da inconsciência, acabou por desabar pesadamente sobre Heqet, que desprevenido, perdeu o equilíbrio. Comicamente enredados, estalajadeiro e escriba rolaram pelo chão, arrastando consigo o banco de madeira, e com tanto azar que, na queda, surpreenderam Débora, a meretriz, que não só se estatelou como levou consigo os dois litros de vinho da jarra que carregava e que foram alcançar em cheio o patrão.

A clientela explodiu em gargalhadas, ridicularizando o anão. Vermelho de ira e preto de vinho, o egípcio esgueirou-se como um réptil de entre os pesados braços do bêbado e encheu de pontapés a pobre da moabita, ainda estendida no solo. Os hóspedes, cada qual mais embriagado, começaram a bater palmas e a

entoar um coro, contrapontando cada pontapé do canalhazinho.

Não pude conter-me. Em um impulso, afastei com o pé o saco de couro que continha os papiros, agarrei o velhaco anão pelas correias que lhe prendiam o avental às costas e o arrojéi contra o solo. Meu ato foi igualmente muito aplaudido pela assistência, que, a bem da verdade, já não distinguia quem era quem. A mulher, com os lábios rasgados e ensangüentados, apressou-se a desaparecer da sala. E em sua corrida, como por um “milagre”, pisoteou e esparramou pelo solo as cartas.

Um dos papiros, meio aberto, veio resolver o comprometedor problema em que eu acabava de envolver-me. Estava visto e comprovado que este impulsivo explorador tinha muito que aprender... Abalado, Heqet precisou de vários minutos para se recompor. Esse intervalo foi suficiente para que a Providência me fizesse reparar no “invisível” conteúdo do papiro. Ao apanhá-lo confirmei minhas suspeitas. Uma sibilina idéia acudiu então em meu auxílio.

Terminado o “espetáculo”, os hóspedes começaram a retirar-se. Esperei que o egípcio se refizesse. Ele se ergueu e, não tendo visto quem o atacara pelas costas, passeou o seu vidrado olhar por todo o recinto, na esperança de identificar o agressor. De punhal na mão, babando de ira, acabou por fixar a atenção no único cliente que permanecia em pé. (O “correio”, roncando como um bem-aventurado, jazia ainda no solo, entre nós dois.)

Adivinhando suas covardes intenções, deslizei os dedos para os dispositivos de defesa da “vara de Moisés”.

Saltitando e bamboleando, colocou o punhal a um metro do meu ventre e, com a fala engrolada pelo vinho e pela raiva, exigiu-me que apontasse o “bastardo” que o atacara. Por única resposta limitei-me a mostrar-lhe o papiro. Não foi preciso mais nada. Arrebatou a carta da minha mão e a examinou detidamente. Depois desviou os incendiários olhinhos para o saco de couro e se transformou em um cordeiro. Guardou a faca, procurou pensar a grande velocidade e me convidou a “negociar”.

Aceitei de bom grado. Ele sabia que se a minha “descoberta” chegasse aos ouvidos da população fatalmente lhe traria uma série de gravíssimas dificuldades, além de ter de reembolsar as muitas tarifas pagas pelos ingênuos moradores de Nazaré.

A cada proposta fui dizendo não com um gesto de cabeça.

– Então – bradou fora de si – que queres em troca? Não queres dinheiro, nem mulheres, nem hospedagem grátis...

Lacônico e categórico, exclamei:

– Uma informação.

Recuperei o papiro e exigi que escrevesse o nome do indivíduo que havia

maquinado o roubo no meu quarto. Sua careta inicial, de consternação, se foi desfazendo diante do meu férreo olhar. Numa derradeira tentativa ainda atirou a pena sobre a mesa e se negou a escrever. Não insisti nem alterei a seriedade do meu semblante. Com toda a naturalidade tirei da minha bolsa o salvo-conduto assinado por Pôncio e o li. Diante da velada ameaça de denunciar sua conduta ao sanguinário procurador, o patife apressou-se a apanhar o *calamus*, meteu-o, trêmulo, na caneca de leite e garatujou a seguinte legenda:

“Ismael, chefe do conselho, ordenou a verificação no quarto e nas propriedades do grego chegado de Tessalônica.”

Dei-me por satisfeito, apesar da sutileza da palavra “verificação”. E depois da assinatura do documento dei por encerrado o repugnante lance.

Muito inquieto, depois de assinar uma confissão que o comprometia sob todos os aspectos, o anão arriscou-se a perguntar quais eram os meus planos imediatos. Assegurei-lhe que se tratava de um assunto pessoal e que, para seu sossego, ninguém saberia acerca do documento. Uma vez mais o ingênuo fui eu. Arrazoar com um canalha é como parlamentar com uma serpente venenosa. O ideal é mantê-lo à distância. Num gesto de boa vontade, mostrando-lhe a quase imperceptível escrita, acrescentei que em breve, quando o leite secasse, todas aquelas palavras estariam desaparecidas. O que não lhe disse, ainda que não o supusesse tão néscio para ignorar isso, era que, quando eu quisesse, bastava um pouco de cinza ou pó de carvão para que a “tinta invisível” aparecesse em relevo.

A julgar pelo cínico sorriso que me dirigiu, as explicações o tranqüilizaram... em parte. Eu tinha de permanecer alerta. O estalajadeiro era capaz de tudo. Mais ainda: à vista dos rudes acontecimentos daquele dia, teria sido mais prudente abandonar o albergue naquele momento mesmo. Uma noite naquela tétrica cela, com um estalajadeiro sem escrúpulos e ressumando ódio, não parecia a melhor das alternativas. Mas o meu esgotamento e a pueril autoconfiança acabaram por sobrepor-se à sempre sábia intuição. E com a alma confrangida pelas dúvidas retirei-me da taberna agora deserta. Precisava dormir e refazer minhas forças. Tranquei a porta com a “vara de Moisés” e fui sentar-me entre as janelinhas, em companhia de uma modesta candeia e da minha solidão. E o céu me abençoou com um profundo sono. Só que o descanso seria breve.

[37](#) Naquele tempo, Caná da Galiléia – cuja localização estava a uns novecentos metros ao oeste da atual Karf Kanna – dispunha de três acessos ou caminhos importantes: um, ao norte, que, como o procedente do leste, desembocava na via principal (a de Tiberíades), e um terceiro – o que levava a Nazaré –, que começava ao sul da aldeia. O assentamento da cidade, propriamente dito, pode ser localizado hoje em um lugar denominado “Karmar-Ras”, existente já no período do Bronze. Nas primeiras décadas do século XX tomou corpo uma versão que pretendia associar a cidade do milagre do vinho a Kâna el-jelil, ao norte da planície de El-Buttauf, o que era absurdo. Kâna el-jelil está a onze milhas ao noroeste de Nazaré e a quase cinco da cidade de Séforis, em uma ladeira tão inclinada quanto rochosa, desprovida de água e muito pouco saudável. (N. do M.)

[38](#) O nome bíblico do terebinto – *Elah* –, do mesmo modo que o do carvalho *Allon* ou *Elon* – procede da palavra hebraica *El* (Deus) e era associado ao poder e à força. Ambos eram reverenciados e em seus bosques se sepultavam os seres mais queridos e respeitados. Numerosas passagens bíblicas estão associadas ao terebinto: um anjo apareceu a Gedeão debaixo de um terebinto (*Juízes*, 6,11); Jacó enterrou os ídolos de Labão sob o terebinto de Siquem (*Gênesis*, 35,4); Saul e seus filhos foram enterrados ao pé da mesma árvore (*I Crônicas*, 10, 12); Davi deu morte a Golias no Vale do Terebinto (*I Samuel*, 17,2) e Absalão, filho de Davi, morreu quando seus cabelos se enredaram nos ramos de um terebinto (*II Samuel*, 18,9). (N. do M.)

[39](#) O *Êxodo* (12, 21-22), o *I Reis* (4,33) e os *Salmos* (51,7), entre outros textos bíblicos, fazem referência a esta planta, o *origanum syriacum*, que se atava formando uma espécie de escova e com a qual se tingiam de sangue os dintéis e as ombreiras das portas quando uma casa judia via-se livre da lepra. Assim o ordenava o *Levítico* (14,4). Também era utilizado pelos samaritanos para esfregar o sangue do sacrifício pascal, na falsa crença de que a pilosidade dos talos impedia a coagulação do sangue. (N. do M.)

[40](#) Fazendo-me porta-voz da qualificada opinião de Muntner, e tendo em conta que a maioria dos termos médicos da Bíblia foi pessimamente traduzida, devo dizer que não é de estranhar que o termo “lepra” tenha tido a mesma sorte. Isso se percebe, especialmente, na tradução de *Šará’at*, que não equivale a um diagnóstico determinado senão a um termo genérico aplicável a diferentes dermatopatias contagiosas ou não contagiosas. A culpa deve ser debitada à tradução da *Septuaginta*, onde se atribui àquela palavra o significado de “lepra”. Em composição, a citada palavra possuía significados distintos. Por exemplo: *negá hâsará’at* (infecção cutânea); *Šará’at or habasar* (cancro duro peniano); *Šará’at poráhat* (leishmaniose); *Šará’at nosenet* (sífilis crônica); *Šará’at bros* (tricotofose); *Šará’at maméret babéguet* (parasitose transmitida pelas roupas); *Šará’at habáyit* (contaminação saprofítaria das casas) etc. Isolada, todavia, a palavra *Šará’at* também teve em certo tempo o significado de “lepra” (caso de *Šará’at hamesah* ou lepra leonina). Nos capítulos XIII e XIV do *Levítico* encontram-se minuciosas prescrições sobre as normas a seguir com os leprosos e as que eles mesmos deviam acatar. (N. do M.)

[41](#) Ainda que suponha que em algum momento deste diário eu deva entrar a fundo no árduo capítulo das “impurezas”, de grande importância para compreender o povo judeu, indicarei agora, em síntese, as três principais categorias da “impureza originante” que exerciam um notável influxo na vida diária daquela sociedade: a derivada de algo morto (cadáveres humanos, répteis mortos, carniça de outros animais); a derivada do corpo humano vivo (menstruação, mulher com fluxo anormal de sangue, parturiente, homem com fluxo [gonorréico], ejaculação de sêmen e lepra); e a derivada de meios de purificação (vaca vermelha e outros sacrifícios expiatórios que devem ser queimados, água de purificação e macho caprino de Azazel). (N. do M.)

[42](#) Embora os diretores da Operação Cavalo de Tróia nunca concedessem excessivo crédito a essas “correntes modernas” – mais carregadas de esnobismo do que de fundamento científico – que sustentam a “não existência histórica de Nazaré”, vários dos especialistas da Operação preocuparam-se em reunir um máximo de informação em torno, principalmente, dos principais achados

arqueológicos ocorridos no lugar. A título de guia para os céticos, eis aqui um dos informes, elaborado pelo prestigioso S. Loffreda, do *Studium Biblicum Franciscanum* de Jerusalém: “A presença do homem em Nazaré e seus arredores remonta a muitos séculos antes da era cristã. Já no paleolítico médio, entre 75 mil e 35 mil anos antes de Cristo, o homem da Galiléia, muito próximo do homem de Neandertal, se havia agrupado nas cercanias de Nazaré. Restos humanos daquele distante período, assim como utensílios musterienses, têm sido achados na caverna de Djebel-Qafze. Esse homem, que precede a aparição do *Homo sapiens*, vivia ainda de caça e da colheita de frutos selvagens. Não conhecia a arte de construir casas e se refugiava periodicamente em covas naturais, nas quais – fato novo e significativo no homem do Paleolítico inferior – começou a sepultar os seus mortos”. Sobre a pequena colina que corresponde a Nazaré, os restos mais antigos remontam ao final do terceiro milênio. A Palestina, que havia ingressado na civilização urbana no começo desse período, sofreu, até o final do terceiro milênio, um sensível retrocesso cultural: muitas cidades foram destruídas, de modo que os restos arqueológicos provêm em grande parte de muitas tumbas. Costuma-se opinar, em geral, que aquele retrocesso se deveria à penetração dos amorreus em Canaã. Em Nazaré esta fase é representada por alguns vasos de argila provenientes de um cemitério. Trata-se de pequenas ânforas de cor cinza-clara, que têm uma base achatada, muito larga, asas horizontais reduzidas a simples vestígios, pescoço curvo e incisões rudimentares na base do pescoço. Em Nazaré, o material procedente do período do segundo milênio, conhecido na Palestina pelo nome de Bronze Médio II (2000-1550) e Bronze Novo (1550-1200), é muito mais abundante. O período do Bronze Médio, que registra entre outros acontecimentos a entrada dos patriarcas na terra de Canaã e por isso constitui o alvor da história sagrada, é representado em Nazaré por vasos de cerâmica muito elegantes, que denotam um gosto artístico refinado. Além disso, alguns alabastros e escaravinhos haviam sido trazidos já do longínquo Egito a esse território. O período seguinte, o Bronze Novo, também deixou numerosos vestígios. É preciso notar que todo esse material do segundo milênio não procede da cidade propriamente dita mas de algumas tumbas. Uma delas foi descoberta sob o pequeno convento da igreja bizantina da Anunciação, outra ao sudeste, imediatamente contígua ao mesmo convento, e uma terceira mais ao sul. Dado que o costume de enterrar os mortos fora da zona habitada já havia sido adotado no segundo milênio, podemos concluir com toda certeza que a cidade de Nazaré do Bronze Médio e do Novo encontra-se mais ao norte e ainda foi alcançada pelas escavações. Com a Idade do Ferro (1200-587) entramos em cheio no período bíblico: depois do êxodo do Egito, as tribos israelitas instalam-se na Terra Prometida, adquirem fisionomia própria e, a partir de Saul, se organizam em monarquia. Nazaré pertencia à tribo de Zabulon, que, com toda probabilidade, nunca chegou ao Egito. Depois do cisma ocorrido quando da morte de Salomão (ano 992 a.C.), Nazaré fazia parte do reino do norte, que foi submetido ao império assírio no ano 722. Nessa época observamos em Nazaré um fato muito significativo. No lado meridional da colina foram encontrados alguns silos escavados na rocha, enquanto que a zona de cemitério fica já deslocada para fora da colina. Temos, portanto, provas arqueológicas de que, a partir da Idade do Ferro, o flanco meridional da colina, antes reservado às inumações, se havia convertido, já, em zona de habitação. É importante assinalar que essa transposição se manteve depois, até mesmo no tempo em que Jesus vivia em Nazaré. É muito possível que essa mudança de tradições se deva a mudanças de povoação, tanto mais se se levar em conta que coincide com a última onda de penetração israelita em Canaã. Até há pouco, a cerâmica achada nas escavações pertencia mais à última fase do Ferro. Só o achado fortuito de uma tumba, com um rico sortimento de vasos, objetos de metal e escaravinhos, prova que o estabelecimento remonta ao século XII, ou seja, ao começo do período israelita. Nos limites da cidade, a cerâmica da Idade do Ferro foi achada em zonas diversas. Por exemplo, no lado oriental e ao noroeste da igreja da Anunciação do tempo dos cruzados. É importante notar também que diversos fragmentos de cerâmica do Ferro foram encontrados nas gretas da rocha que forma o teto da gruta venerada da Anunciação. Fique claro que as escavações são demasiado parciais para poderem determinar os limites extremos da cidade israelita de Nazaré. De qualquer forma, é verossímil que diversas estruturas de uso doméstico, escavadas na rocha, hajam sido utilizadas durante vários

séculos a partir da Idade do Ferro. Seja como for, a antiga Nazaré jamais deixou de ser uma humilde aldeia, pelo que não se deve estranhar que nunca seja mencionada pelo Antigo Testamento. Mas não é pouco que se houvesse podido constatar a presença humana pelo menos dois mil anos antes da época evangélica. (N. do M.)

[43](#) Os turistas e visitantes atuais não podem reconhecer na Nazaré de hoje a insignificante aldeia da época de Jesus. Nada resta, a não ser essa Nazaré subterrânea, quase “troglodítica”. A próspera cidade do século XX, com seus mais de 40 mil habitantes, continua um enigma. Até o seu nome, que procede da raiz semítica *nsr* e que significa “aguardar” ou “esconder”, parece estreitamente vinculado às grutas e túneis rochosos. Talvez algum dia a arqueologia, ao explorá-los, revele ao mundo como era em verdade a vida naquela remota povoação (N. do M.)

[44](#) Esses “mapas” não eram novidade nos tempos de Cristo. Muito possivelmente obedeciam à moda imposta por um tal de Pausânias, autor de uma curiosa e divertida série de “guias” (hoje podíamos qualificá-los de “turísticos”) para viajar pela Grécia. Os mapas de Pausânias equivaliam aos criados por Baedeker ou Murray e traduzidos por sir James Frazer. Como expliquei, esses trabalhos eram bastante frequentes no século I. Augusto encomendou um novo mapa do Império a um dos seus altos funcionários, assim como um detalhado dicionário geográfico. Também não podemos esquecer a expedição geodésica patrocinada por Nero ao Alto Nilo. (N. do M.)

[45](#) Na complexa estrutura de moedas que nos vimos obrigados a conhecer e a manejar, o denário-prata representava o padrão monetário. Era o salário-dia de um trabalhador “não especializado” e tinha as seguintes equivalências: seis sestércios ou vinte e quatro asses; a “méah” podia trocar-se por um sexto de denário ou quatro asses; o pôndio ou “semiméah” era igual a dois asses. Assim, um asse era igual a um semipôndio; o quadrante representava duas “leptas” (“miúdos”) ou um quarto de asse. Por sua vez, a “lepta” ou o “lepton”, também conhecido como “proutah”, tinha o insignificante valor de um oitavo de asse. Todas essas moedas eram fabricadas de cobre. Com respeito às moedas mais valiosas, as medidas eram diferentes. O “aureus” (denário de ouro) representava trinta denários de prata. O sido (“shekel”, “statere”, “selá” ou “tetradracma”) equivalia a quatro denários-prata ou vinte e quatro sestércios. O “zous” tírio – que os gregos chamavam “dracma” – era igual a um denário-prata. Uma “mina”, preço médio de um campo, é igual a cem denários-prata. Por último, o talento é igual a três mil sidos (doze mil denários-prata). Uma fortuna. (N. do M.)

[46](#) Os amorreus – povo semita – instalaram-se desde o terceiro milênio antes de Cristo no norte da Síria, no oásis de Palmira e na Babilônia. A Bíblia os menciona como descendentes de Amorreu, filho de Canaã (*Gênesis*, 10,16). Acredita-se que entre os séculos XV e XVI os amorreus penetraram pelo sul da Síria, Alto Canaã e margem oriental do rio Jordão, até o Arnon. Ao que parece, o povo hebreu entrou em contato com eles durante o Êxodo ou depois dele. Há a possibilidade de que, nas incursões dos amorreus pelo sul da Síria e pelo Alto Canaã, numerosas famílias e grupos se tenham estabelecido na Alta e na Baixa Galiléia, dando assim origem a indivíduos de configuração semítica. Nazaré e seus arredores, nesta suposição, não teriam sido uma exceção no cruzamento com os amorreus. Uma obra capital da arte amorreia, além dos “cilindros” que representam Amurru, deus do oeste e da tempestade, é o monólito com o código de Hamurabi. (N. do M.)

[47](#) Esse gênero de brinquedo era habitual entre as crianças da Palestina. Na Grécia, no século IV a.C., tinham-se notícias de bonecas como essas. Xenofonte menciona, mesmo, um ator que trabalhava com marionetes. (N. do M.)

[48](#) Ampla informação sobre os complexos dispositivos de filmagem da “vara de Moisés” na página 210 e seguintes de “Cavalo de Tróia 1”. (N. de J. J. Benítez)

[49](#) No banco de dados de Papai Noel dispúnhamos de ampla documentação sobre essa casta sacerdotal – os saduceus – de tão nefasta influência na conjuração contra o rabi da Galiléia. É decisivo entender-se sua filosofia e estilo de vida para, por outro lado, compreender-se o porquê do seu ódio por Jesus. Neste sentido, os estudos de especialistas como J. Jeremias, Rolland e Saulnier são esclarecedores. O nome dos saduceus procedia ou estava relacionado com o de Sadoq, que reivindicava o sacerdócio legítimo (*Ez.* 40, 46). E ainda que os últimos asmoneus e as famílias da

aristocracia pontifícia ilegítima – caso de Hircano (130-104 a. C.), sumo sacerdote – houvessem adotado as idéias dos saduceus, a verdade é que não se podia considerar essa casta como um “partido clerical de elite”. Se bem que em sua origem fossem os caudilhos da resistência contra os ímpios, suas posteriores alianças com Roma e sua abertura para o progresso e o dinheiro gregos terminariam por convertê-los na viva imagem do luxo, do bem viver e da intolerância para com qualquer idéia que defendesse a igualdade entre os homens. Os saduceus formavam um grupo organizado, não excessivamente numeroso, como assegura Josefo (*Ant.* XVIII, 1,4), e no qual não era fácil entrar. Possuíam uma *halaká* ou tradição muito especial, baseada no *Pentateuco* e só nele. Uma forma de vida que logicamente os diferenciava do resto da comunidade. Não aceitavam facilmente os profetas, culpando os fariseus de muitas das heresias recentes. Esforçavam-se em demonstrar uma fidelidade quase mórbida ao Deus da Aliança e dos seus antepassados. Fidelidade que, naturalmente, lhes permitia continuar desfrutando seus privilégios. Sua “teologia” é igualmente importante para entender-se a postura de conservadorismo extremado da casta: sua estrita observância da Torá, em especial de tudo que concerne ao culto e ao sacerdócio, os havia levado a profundas disputas com os fariseus, que defendiam a tradição oral e o rigoroso cumprimento da pureza sacerdotal. Negavam violenta e sistematicamente a ressurreição, apoiados no conceito tradicional de uma retribuição imediata e material. Desta forma justificavam seu poder e riquezas. Deus abençoa os justos. A frase de Jesus – “os últimos serão os primeiros” – era algo que nem podiam admitir nem suportar. Aceitar um julgamento e um prêmio ou castigo depois da morte haveria colocado em sérias dificuldades seus luxos e desmandos. Para os saduceus, a santidade e as leis da pureza só eram exigíveis no templo. Por isso mesmo, fora do seu recinto, podiam comportar-se como melhor conviesse aos seus interesses, até mesmo submetendo à escravidão o povo. A expressão de Jesus – “sepulturas caiadas” –, retratava-os da maneira mais completa e perfeita. (N. do M.)

50 Entre os rituais praticados pelos judeus em caso de luto figuravam o de rasgar as vestes e desnudar o ombro. Assim também o costume da época obrigava à celebração de um banquete fúnebre – “o pão do luto” de que falam Oséias e Ezequiel (*Os.* IX, 4) e *Ez.* XXIV, 17) – no qual o vinho corria generosamente, acabando na maior parte das vezes em comezaina. O luto durava trinta dias. Nos três primeiros estava proibido todo tipo de trabalho. Não se podia sequer saudar os amigos. Os muito piedosos e cumpridores da lei não se barbeavam nem banhavam e se cobriam com as roupas mais sujas e velhas da casa. Na Galiléia, liberada e liberal, muitas dessas normas eram olímpicamente ignoradas. (N. do M.)

51 Ainda que a descrição deste complexo mecanismo tenha sido incluída, já, em volumes anteriores, entendo que sua repetição, aqui e agora, pode ser de interesse para o leitor. Esta foi a explicação do Major:

“Um dos dispositivos colocados no interior do cajado – o de ondas ultra-sônicas, de natureza mecânica, cuja frequência está acima dos limites da audição humana (superior aos 18 mil Hertz) – havia sido modificado com vistas a esta nova missão. Cavalo de Tróia proibia terminantemente que seus “exploradores” molestassem ou matassem alguém. Na previsão, porém, de possíveis ataques de animais ou de homens, Curtiss havia admitido, como meio dissuasório e inofensivo, que os ciclos dessas ondas fossem intensificados para além, até, dos 21 mil Hertz. Em caso de necessidade, o uso dos ultra-sons podia resolver situações embaraçosas, sem que ninguém percebesse o uso do sistema. Como expliquei também, tanto o mecanismo de teletermografia como os de ultra-sons eram alimentados por um microcomputador nuclear estrategicamente alojado na base do bastão. A “cabeça emissora”, disposta a 1,70 metro da base da “vara”, era acionada por um cravo de larga cabeça de cobre, trabalhado – como o resto – de acordo com as antiqüíssimas técnicas metalúrgicas descobertas por Glueck no vale de Árabá, ao sul do mar Morto, e em Esyón-Guéber, o legendário porto de Salomão no mar Vermelho. Os ultra-sons, por suas características e sua natureza inócua, eram adequados à exploração do interior do corpo humano. Com base no efeito piezelétrico, Cavalo de Tróia dispôs na cabeça emissora, camuflada sob uma faixa preta, uma placa de cristal piezelétrico, formada por titanato de bário. Um gerador de alta frequência alimentava a placa, produzindo assim as

ondas ultra-sônicas. Com intensidades que oscilam entre os 2,5 e os 2,8 miliwatts por centímetro quadrado e com frequências próximas aos 2,25 megaciclos, o dispositivo de ultra-sons transforma as ondas iniciais em outras audíveis, mediante uma complexa rede de amplificadores, controles de sensibilidade, moduladores e filtros de faixas. Com o fim de evitar o árduo problema do ar – inimigo dos ultra-sons – os especialistas idealizaram um sistema capaz de “encarcerar” e guiar os ultra-sons através de um finíssimo “cilindro” ou “tubo” de raio laser de baixa energia, cujo fluxo de elétrons livres ficava “congelado” no instante da emissão. Ao conservar uma longitude de onda superior aos 8 mil angstrom (0,8 micra), o “tubo” laser continuava desfrutando a propriedade essencial do infravermelho, com o que só podia ser visto mediante o uso das lentes especiais de contato (“crótalos”). Dessa forma, as ondas ultra-sônicas podiam deslizar pelo interior do “cilindro” ou “túnel” formado pela “luz sólida ou coerente” e ser lançadas a distâncias variáveis entre os cinco e os vinte e cinco metros. O nome de “crótalos” devia-se à semelhança com o sistema de que é dotado esse tipo de serpente. Suas fossas “infravermelhas” lhes permitem a caça de suas vítimas através das emissões de radiação infravermelha dos corpos das presas. Qualquer corpo cuja temperatura seja superior ao zero absoluto (menos 273 °C) emite energia do tipo IR, ou infravermelho. Essas emissões de raios infravermelhos, invisíveis para o olho humano, são provocadas pelas oscilações atômicas no interior das moléculas e, em consequência, estão estreitamente ligadas à temperatura corporal.” (N. de J. J. Benítez)

[52](#) O efeito dos ultra-sons, puramente defensivo, como já expliquei, centrava-se no aparelho “vestibular”, vital para a percepção de sensações e que facilita uma permanente informação sobre a posição do corpo e da cabeça no espaço. Unida às impressões visuais e táteis, faculta ao sujeito conhecer as variações de situação que o corpo experimenta e desencadeia as correspondentes e automáticas reações que tendem à manutenção do equilíbrio, em colaboração com a contração sinérgica dos músculos antagonistas. (N. do M.)

[53](#) Entendo que, em especial para quantos hajam podido ler os volumes precedentes (*Cavalo de Tróia* 2 e 3), trazer aqui e agora uma síntese – quase telegráfica – dos principais acontecimentos registrados ao longo dos primeiros catorze anos da vida de Jesus de Nazaré pode ser útil. Além de reavivar as lembranças nos permitirá a todos uma melhor compreensão de quanto o Major narra a partir deste momento. Vamos, pois, a esse resumo:

ANO-8

* Em março celebram-se as bodas de José e Míriam (verdadeiro nome de Maria). Ela contava 13 anos de idade; ele, 21.

* Ao redor do meado do oitavo mês (*marjesván*), em novembro, ao entardecer, a jovem esposa recebe a misteriosa visita do anjo Gabriel, que lhe diz: “Venho por ordem daquele que é meu Mestre, a quem deverás amar e manter. A ti, Maria, trago-te boas notícias, já que te anuncio que tua concepção foi ordenada pelo céu. A seu devido tempo serás mãe de um filho. Darás a ele o nome de Yehosu’a (Jesus ou “Yaveh salva”) e ele inaugurará o reino dos céus sobre a terra e entre os homens. Fala disto apenas a José e a Isabel, tua parente, a quem também apareci e que logo dará à luz um menino cujo nome será João. Isabel prepara o caminho para a mensagem de libertação que teu filho proclamará com força e profunda convicção aos homens. Não duvides de minha palavra, Maria, já que esta casa foi escolhida como morada terrestre deste menino do destino... Tens minha bênção. O poder do Mais Alto te sustentará. O Senhor de toda a Terra estenderá sobre ti sua proteção”.

* Todo o tempo Maria defendeu a concepção “não-humana” do seu primogênito.

* Durante algum tempo, José não consegue entender como um menino nascido de uma família humana poderia ter um destino divino. Em um sonho, um brilhante mensageiro tranquilizou-o com as seguintes palavras: “José, apareço-te por ordem daquele que reina agora nos céus. Recebi a missão de dar-te instruções sobre o filho que Maria vai ter e que será uma grande luz neste mundo. Nele estará a vida e sua vida será a luz da humanidade. A princípio irá para o seu próprio povo. Mas este o aceitará com dificuldade. A todos aqueles que o acolherem revelar-lhes-á que são filhos de Deus”.

* O papel que desempenharia aquele “filho do destino” provocaria uma grande confusão entre os chegados a Maria e José. A maior parte dos parentes acolheu a notícia com ceticismo. Erroneamente, a Senhora – como a chama o Major – identificou seu filho com o Messias ou libertador político.

ANO-7

* Em fevereiro, Maria visita sua prima distante Isabel. Em junho do ano anterior, o anjo Gabriel havia aparecido igualmente a Isabel, comunicando-lhe o seguinte: “Enquanto teu marido, Zacarias, oficia ante o altar, enquanto o povo reunido roga pela vinda de um Salvador, eu, Gabriel, venho anunciar-te que logo terás um filho que será o precursor do divino Mestre. Porás nele o nome de João. Crescerá consagrado ao Senhor, teu Deus, e, quando for maior, alegrará teu coração, já que trará almas a Deus. Anunciará a vinda do que cura a alma do teu povo e o libertador espiritual de toda a humanidade. Maria será a mãe desse menino e também aparecerei a ela”.

Três semanas mais tarde, a futura mãe de Jesus regressava a Nazaré, definitivamente convencida do “papel político e libertário” que desempenhariam seu filho e João, seu lugar-tenente.

* Em 25 de março nasce João.

* Ao receber a população de Nazaré a ordem de recenseamento, José decide viajar a Belém, mas sozinho. Maria consegue convencê-lo a deixá-la ir, apesar de encontrar-se em fase já adiantada da gravidez.

* Ao amanhecer de 18 de agosto empreendem a caminhada, pelo vale do Jordão, até a cidade de Davi.

* Ao entardecer de 20 de agosto entram em Belém e se alojam nos estábulos da pousada. Nessa mesma noite experimentaria as primeiras dores.

* Pelas doze horas de 21 de agosto ocorria o nascimento de Jesus: o *bekor* ou primogênito de Maria.

* Quando o bebê contava poucas semanas recebe a visita de uns sacerdotes astrólogos procedentes de Ur da Caldéia. Zacarias ensina-lhes o lugar onde se encontra o “rei dos judeus” e eles, depois de contemplarem o menino, retornam a Jerusalém, onde são interrogados por Herodes, o Grande. O idumeu tenta enganar os magos mas estes desaparecem, rumo ao seu país. Os espiões de Herodes procuram por todos os meios o menino. Advertido por Zacarias, José oculta Jesus na casa de parentes. Situação angustiosa a da família. José hesita entre buscar trabalho e instalar-se em Belém ou fugir.

ANO-6

* Desesperado diante da infrutuosa busca do “outro rei”, Herodes ordena o recenseamento da aldeia e a execução de quantos menores de dois anos pudessem ser achados. O aviso de um “funcionário” da corte do idumeu permite que José, Maria e o menino escapem a tempo. Na matança – ocorrida em outubro –, perdem a vida dezesseis meninos. Jesus contava então 14 meses de idade.

* A família instala-se na cidade egípcia de Alexandria, sob a proteção de uns abastados parentes de José. Ali permanecem por espaço de dois anos. José aprende o ofício de empreiteiro de obras. A comunidade judia termina por conhecer o segredo de Maria e José e tenta convencer os pais do “Filho da Promessa” a deixar que Jesus cresça e se eduque em Alexandria. Dão-lhe de presente um exemplar da tradução grega dos textos da lei, de grande importância na posterior educação do jovem Jesus.

* Maria teme obsessivamente pela integridade física de seu filho.

ANO-4

* Em agosto, terceiro aniversário de Jesus, a família embarca com destino ao porto de Jopa, a umas trezentas milhas de Alexandria. Primeira viagem marítima de Jesus.

* Ao final desse mês de agosto, via Lydda e Emaús, chegam a Belém. Permanecem na aldeia durante todo o mês de setembro. Maria é partidária de educar o filho em Belém. José se opõe, sugerindo o regresso a Nazaré. O caráter violento do novo tetrarca – Arquelau –, que sucedeu a seu pai Herodes, o Grande, leva José a decidir-se pela Baixa Galiléia. Maria tem de ceder. Em começo de outubro empreendem por fim a viagem de regresso para Nazaré. Ao chegarem à aldeia encontram a casa ocupada por um dos irmãos de José.

ANO-3

- * Na madrugada de 2 de abril nasce Tiago.
- * Em meados do verão José consegue um dos seus sonhos: montar uma oficina perto da fonte pública. Associa-se com um dos irmãos. Os negócios prosperam. Reúnem um grupo de operários e percorrem as aldeias e cidades vizinhas, trabalhando, principalmente, na construção de edifícios. Pouco a pouco José abandona o trabalho de carpintaria.
- * Jesus começa a ouvir os relatos dos viajantes e condutores de caravanas que procuram a oficina de seu pai.
- * Em julho, uma epidemia intestinal obriga Maria a sair da aldeia com seus dois filhos, refugiando-se durante dois meses na granja de um dos seus irmãos, perto de Sarid. Jesus faz especial amizade com um ganso.

ANO-2

- * Na noite de 11 de julho nasce Míriam. Quando estava para completar cinco anos, Jesus pergunta pela primeira vez sobre o mistério da vida e do nascimento dos seres vivos. Sua insaciável curiosidade causa problemas a quantos o rodeiam.
 - * Em 21 de agosto, seu quinto aniversário, Jesus, de acordo com a lei, passa a depender de José em tudo que concerne à sua educação moral e religiosa. E começa a aprender o ofício de seu pai. Maria o inicia no cuidado das plantas. Jesus rabisca suas primeiras letras.
- Primeira grande desilusão do pequeno. Nesse verão, um terremoto abala Nazaré. Seus pais não sabem explicar-lhe o porquê do sismo. Sua torrente de perguntas obriga José a esconder-se e fugir das embaraçosas perguntas do seu incansável filho.

ANO-1

- * Maria recebe a visita de Isabel. Primeiro encontro de Jesus e João. Durante uma semana, as famílias fazem “planos” para o Libertador e seu “segundo”. João fala a seu primo de Jerusalém e de sua grandeza. Desde então ele não cessa de perguntar: “Quando iremos a Jerusalém?”
- * Jesus manifesta um “blasfemo” desejo de falar diretamente com Deus. E o chama “Pai”. José e Maria, aterrorizados, tentam dissuadi-lo de semelhante idéia.
- * Em junho, José decide ceder a oficina a seus irmãos e lançar-se inteiramente à empreitada de obras. Maria opõe-se. Mas as rendas da família aumentam consideravelmente.
- * Jesus acompanha José em muitas de suas viagens de negócios pela região.

ANO 1

- * Sua paixão pelos jogos e os contínuos passeios pela colina do Nebi Sa'in lhe valem uma severa reprimenda. José faz-lhe ver que deve submeter-se à disciplina do lar.
- * No *shebat* (janeiro-fevereiro) recebe uma das mais agradáveis surpresas de sua curta vida: a neve cai em Nazaré.
- * Em julho, o primogênito rola pelos degraus da escada encravada em uma das paredes da casa, cegado por uma tempestade de areia. O acidente ressuscitou em Maria os velhos temores.
- * Na quarta-feira, 16 de março, nasce o quarto filho: José.
- * Em agosto, ao fazer sete anos, seguindo o costume, Jesus entra para a escola. Isso lhe permite aperfeiçoar o grego. Sua mãe o ensina a ordenhar, a fazer queijo e a tecer.
- * Por aquele tempo, o Jesus menino e seu amigo íntimo, Jacó, descobrem a oficina do oleiro Natan.

ANO 2

- * O bom desempenho de Jesus na escola lhe vale uma licença: folgar uma em quatro semanas. E o menino dedica essas “férias” à pesca, às margens do *yam*, e à agricultura, na granja do tio. Sua primeira experiência com uma rede se daria em maio.
- * Aquele ano aparece em Nazaré um misterioso professor de matemática, oriundo de Damasco. O enigmático “sábio” o inicia no mundo dos números e principalmente da Cabala.
- * Jesus ensina a seu irmão Tiago os rudimentos do alfabeto.
- * Os mestres perdem a paciência diante das suas inquietantes e às vezes “sacrílegas” perguntas. Tudo lhe interessa. Tudo ele questiona. Ao seu redor é gerado um ambiente de repulsa e antipatia por parte

de determinados círculos da aldeia.

- * O linguarudo Zacarias revela a Naor, professor de uma das escolas rabínicas de Jerusalém, a existência em Nazaré do Messias. Naor examina primeiro João e depois viaja para a Galiléia. Ainda que a insolência de Jesus em temas religiosos não seja do seu agrado, decide propor sua mudança para a Cidade Santa para estudar. José não acha bom o projeto. Maria, ao contrário, pressente que aquela pode ser a culminação da “carreira política” do seu Filho. Diante do desacordo dos pais, Naor consulta o interessado. Jesus decide permanecer em Nazaré.

- * Na noite de sexta-feira, 14 de abril, chega ao mundo Simão, o terceiro dos irmãos varões.

- * Jesus vende queijo e manteiga que ele mesmo faz. Com o produto custeia suas primeiras aulas de música.

ANO 3

- * Jesus tem as enfermidades habituais da infância. Seu desenvolvimento físico é espetacular, destacando-se entre a população infantil da aldeia.

- * No inverno registra-se um grave incidente. Jesus, excelente desenhista, comete o “sacrilégio” de pintar o rosto do seu mestre no piso da escola. O conselho de Nazaré se reúne e José é perseguido. A lei judaica proibia todo tipo de representação humana. O juvenzinho insociável é ameaçado de expulsão da escola. Jesus não voltaria a pintar nem a modelar em argila.

- * Em companhia de seu pai escala pela primeira vez o monte Tabor.

- * Em 15 de setembro nasce Marta, a segunda das irmãs. Seu nascimento obriga José a ampliar a casa.

- * Jesus ocupa-se nesse ano em trabalhos de colheita, na granja do tio. Maria se indigna ao saber que seu filho maneja uma foice.

ANO 4

- * Prestes a completar dez anos, a corpulência física e a agilidade mental de Jesus o tornam chefe de um grupo de sete amigos. Jacó, seu vizinho e íntimo amigo, é um deles. Jesus experimenta uma repulsa natural pela violência. Isso lhe ocasiona sérios conflitos com seus companheiros de brincadeiras.

- * Em 5 de julho, um “acontecimento” confunde seus pais. Nesse sábado, em um dos habituais passeios pelo campo, Jesus confessa a José “que sentia que seu Pai dos céus o chamava e que ele não era quem todos acreditavam que era”. A partir daí se tornaria taciturno e solitário, freqüentando a companhia dos adultos.

- * Em agosto ingressa na escola superior. Suas “perguntas impertinentes” recrudesceram, provocando do conselho uma advertência a seus pais. E os inimigos de Jesus o acusaram de “soberbo, petulante e presunçoso”.

- * Sua inclinação pela pesca aumenta, a ponto de dizer a seu pai que “no futuro deseja ser pescador”.

ANO 5

- * Em meado de maio Jesus acompanha seu pai à cidade helenizada de Scythópolis, na Decápolis. A grandiosidade dos edifícios e a beleza dos jogos que presencia o entusiasma. José se ofende e chega a sacudir seu filho em uma acalorada discussão.

- * Na quarta-feira, 24 de junho, Maria dá à luz Judas. Em consequência desse parto, Maria adoece. Jesus vê-se obrigado a suspender suas aulas na escola e a cuidar de sua mãe e dos irmãos pequenos. Suas brincadeiras e distrações rareiam. As dúvidas sobre sua verdadeira “identidade” continuam a atormentá-lo.

ANO 6

- * Jesus volta aos estudos. Sua maneira de ser muda: das constantes perguntas de antes passa para o silêncio. Seus pais não entendem essa estranha transformação. Maria desespera-se. Não compreende por que seu primogênito, “Filho da Promessa”, não compartilha sua idéia de “sublevar a nação judia contra Roma”. As discussões entre os esposos, por isso, são contínuas. Jesus guarda silêncio e se refugia na música e nos cuidados aos irmãos.

- * No final do ano, por causa da massacrante “submissão” às rígidas e absurdas normas religiosas da comunidade, Jesus cai em profundo abatimento.

ANO 7

- * Jesus entra na adolescência. Sua voz e seu corpo se modificam.
- * Na noite de domingo, 9 de janeiro, nasce Amós.
- * Em fevereiro, o esplêndido jovem supera o seu abatimento. Resolve, por enquanto, conjugar as férreas crenças de seus maiores com o secreto projeto que continuava a germinar em seu coração: “Iluminar a humanidade, falando-lhe do Pai celestial”.
- * Em 20 de março, depois de uma serena e bela leitura na sinagoga, a aldeia se sente orgulhosa daquele filho de Nazaré. E ressuscitam os velhos planos de fazê-lo estudar em Jerusalém. Partiria para a Cidade Santa quando completasse os quinze anos.
- * No início de abril recebe o diploma de conclusão do curso. José anuncia-lhe que, como adulto perante a lei, assistirá sua primeira Páscoa em Jerusalém.
- * Na segunda-feira, 4 de abril, um grupo de cento e trinta moradores da aldeia empreende a caminhada para a Cidade Santa. Nessa viagem, a família de Nazaré faz amizade com a de Lázaro, em Betânia. No entardecer de quinta-feira, dia 7, Jesus contempla Jerusalém de cima do monte das Oliveiras.
- * No dia seguinte, José leva seu primogênito a uma das prestigiosas academias rabínicas.
- * 8 de abril: nessa noite, um anjo aparece diante de Jesus e lhe diz: “Chegou a hora. Já é o momento de começares a ocupar-te dos assuntos de teu Pai”. E o Filho do Homem, muito lentamente, passa a adquirir consciência de sua origem e natureza divinas.
- * No sábado, 9 de abril, é consagrado no Templo como “filho da lei”. Jesus sofre uma profunda decepção ante a teatralidade e o derramamento de sangue que acompanham os ritos religiosos. Os desacordos com os pais aumentam.
- * No domingo, Jesus “descobre” os debates entre os rabinos e os doutores da lei. Antes da volta para a Galiléia fica decidido seu ingresso na escola rabínica para agosto do ano 9. Jesus continua assistindo às conferências no Templo, mas sem intervir.
- * Em 18 de abril, segunda-feira, os peregrinos concentram-se nas proximidades do Templo e partem para Nazaré. Maria e José descobrem o desaparecimento de Jesus quando chegam a Jericó.
- * Ao meio-dia dessa segunda-feira Jesus se adverte de que a caravana havia partido. Mesmo assim decide ficar e continuar assistindo aos debates no Templo.
- * Na manhã seguinte, ao passar pelo monte das Oliveiras, Jesus chora amargamente à vista de Jerusalém. José e Maria regressam à Cidade Santa e o buscam desesperadamente.
- * Nesse dia, o adolescente fala pela primeira vez diante dos rabinos, provocando com suas perguntas e comentários as mais díspares reações.
- * O terceiro dia de Jesus no Templo constitui um grande triunfo para o jovem de Nazaré. A notícia de um menino galileu deixando em ridículo os presunçosos escribas e doutores da lei difunde-se por toda a cidade.
- * Na quinta-feira, 21 de abril, José e Maria decidem realizar as buscas fora de Jerusalém. Vão ao Templo para interrogar Zacarias e reconhecem a voz do filho entre os que assistiam a um dos debates. Nessa mesma tarde, em meio a uma forte tensão, reiniciam o retorno à Galiléia. O abismo entre as idéias de Maria e as do primogênito se amplia.
- * Ao entrar em Nazaré, Jesus promete a seus pais que eles jamais voltariam a sofrer por sua causa. “Esperarei minha hora”, sublinha. E a Senhora reaviva seus sonhos nacionalistas. Mas Jesus se encerrou em um círculo de silêncio, freqüentando cada vez mais o alto do Nebi.
- * O “êxito” de Jesus em Jerusalém foi celebrado por seus mestres e conterrâneos. E muitos partilharam as ilusões políticas de sua mãe: “De Nazaré sairia um brilhante mestre e talvez um chefe de Israel”.

ANO 8

- * O jovem Jesus converte-se em um homem de grande beleza. Continuou trabalhando como carpinteiro. E seu espírito se foi abrindo à realidade divina. Mas seus solitários passeios e o acentuado distanciamento das idéias de sua mãe trouxeram dúvidas a Maria quanto ao prometido

destino do seu filho. Além disso, o sempre pensativo carpinteiro “não fazia prodígios”.

* Apesar da tensa situação familiar, José dispôs tudo para o próximo ingresso do primogênito na escola rabínica de Jerusalém. O futuro parecia promissor.

* Em 21 de agosto, ao completar catorze anos, recebeu de sua mãe uma esplêndida túnica de linho que ela mesma confeccionara.

Mas, na manhã de terça-feira, 25 de setembro, a vida de Jesus e de toda a família sofreu uma dolorosa mudança: José havia ficado ferido ao cair de uma obra na residência do governador, na vizinha cidade de Séforis. O empreiteiro de obras e pai terreno do Filho do Homem faleceu pouco depois, aos trinta e seis anos. Curiosamente, quase a mesma idade em que Jesus foi crucificado. No dia seguinte foi sepultado em Nazaré. (N. de J. J. Benítez)

[54](#) Desde os tempos bíblicos, o cão foi desprezado, sendo unicamente estimado em seu papel de guardião de gado e comedor de carniça, encarregado de limpar as cidades. Vadiava à noite pelas muralhas (*Salmos*, 59, 6) devorando até os corpos humanos (*Reis*, I, 14-12) e comendo a carne que o homem despreza (*Êxodo*, 22, 31). Em *Salmos* (22, 16-20) são comparados aos violentos. Era, em suma, o maior dos ultrajes (*Sam.*, I, 22, 14, *Sam.*, II, 3, 8, *Reis*, II, 8, 13 e *Isaías*, 66, 3). Em linguagem popular, a palavra “cachorro” servia para designar um inimigo. (N. do M.)

[55](#) Basta um rápido exame da amplíssima bibliografia existente em torno ao Messias judeu para perceber a delicadeza do momento escolhido pelo Mestre para sua encarnação. Selecionei os estudos de Rops, por sua clareza e concisão, como o exemplo que confirma as felizes palavras do Major. Vejamos alguns dos conceitos e crenças que, com relação ao ansiado Messias, floresciam na sociedade em que teve de desenvolver-se o Filho do Homem: “Essa esperança – diz D. Rops – de uma era mais feliz do que o tempo presente estava cristalizada ao redor de uma imagem grandiosa de um ser providencial investido de missão e capaz de promovê-la. No limiar da era cristã se designava esse ser com o título que a Escritura Sagrada aplicava a homens providenciais que Deus havia utilizado especialmente para servir aos seus desígnios, reis de Israel, sumos sacerdotes, até soberanos estrangeiros que haviam feito bem ao povo eleito, como Ciro, rei dos persas: “ungido” do Senhor, *meshiah* em aramaico e *christos* em grego. Uma poderosa corrente de fervor desembocava nessa misteriosa figura, uma imensa esperança que, desde gerações e gerações, enchia o peito dos crentes. Essa esperança jamais foi tão viva, e tão premente a espera, como nesse período de tristeza e de surda angústia. (Rops refere-se à submissão de Israel ao jugo de Roma.) Que o Todo-Poderoso havia de assegurar o triunfo de sua causa, vingar-se da maldade dos seus inimigos e ao mesmo tempo devolver a Israel seus direitos e sua glória, como não haveria de crer nisso, com todas as suas forças, esse povo que desde séculos vivia da promessa divina? Precisamente porque estava humilhado, submetido ao jugo romano, a salvação estava próxima. Mil sinais provam quão viva estava, no momento em que nascia Jesus, essa espera messiânica. “A redenção de Israel – como escreve São Lucas (I, 68; II, 38 e XXIV, 21) – era para amanhã.” O Evangelho, em numerosas passagens, atesta o fervor dessa esperança. Nota-se na pergunta feita a João Batista: “Tu quem és?” (“És tu o Messias?”) (*João*, I, 19). Na singela afirmação da samaritana: “Eu sei que o Messias está por vir” (*João*, IV, 25). Na mensagem que o Batista manda transmitir a Jesus: “És tu o que vem ou esperamos outro?” (*Lucas*, VII, 19). Na impaciente pergunta feita a Jesus por peregrinos no templo: “Até quando vais manter-nos em suspenso? Se és o Messias diz-nos claramente” (*João*, X, 24). Ou nas aclamações da multidão na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (*Marcos*, XI, 10). Esse sentimento era tão imperioso que Jesus vê-se obrigado a moderar o excessivo entusiasmo da multidão, disposta a proclamá-lo rei e Messias de Israel (*João*, VI, 15). A leitura dos Apócrifos, que constituía a literatura judaica fora da Escritura, não é menos reveladora. O *Livro de Enoch*, o *Testamento dos Doze Patriarcas*, os *Salmos de Salomão* etc., falam dele, quase sempre matizando sua história com muitas maravilhas, para melhor assinalar suas características sobre-humanas. Nos *Apocalipses*, esses tratados misteriosos que assinalavam o que seria o fim do mundo, intervinha o Messias; no mais, não se distinguia muito bem a diferença entre o seu reinado e o século “por vir” que veria o triunfo de Deus, mas alguns pensavam que o reinado messiânico teria uma duração de tempo limitada – de

sessenta a mil anos, segundo uns ou outros –, enquanto outros admitiam que se confundiria com a Eternidade ou com o Paraíso. Um vasto conjunto de noções complexas e até contraditórias se havia amontoado, pois, ao redor da figura do Messias, de onde surgiam algumas certezas: a era messiânica inauguraria uma felicidade perfeita. Israel voltaria a encontrar a plenitude de sua glória e a justiça de Deus regeria o mundo. Todavia, existiam os céticos. Alguns troçavam das fábulas populares segundo as quais, no reinado messiânico, nem sequer haveria necessidade de colher nem de vindimar para ter sempre trigo e vinho em quantidade, onde os grãos alcançariam o tamanho de rins de boi. Uma locução usual dizia “à chegada do Messias” ou “ao regresso de Elias” para expressar a idéia que traduz nossa fórmula irônica “para a semana que não tenha sexta-feira”. Um fariseu desengano assegurava: “Se estás preparando uma estaca e nesse momento te anunciam o Messias, termina tua estaca: sempre terás tempo de ir ao seu encontro”. De um modo geral, parece que a espera do Messias não era mais viva no povo comum do que entre os ricos e poderosos. Para a gente simples chegaria a converter-se em uma febre. Havia muito séculos que Deus parecia ausente. “O tempo se alonga – havia dito Ezequiel – toda visão fica sem efeito.” Quinhentos anos haviam transcorrido desde que, morto Zacarias, não se ouvira uma grande voz inspirada para anunciar a Palavra divina. Repetiam-se as palavras do Salmista: “Já não há nenhum profeta, nem ninguém entre nós que saiba até quando” (*Salmos*, LXXIV, 9). Em que época chegaria, pois, o Salvador de Israel? Escrutavam ansiosamente os textos para obter uma resposta. Em várias oportunidades, Josefo fala dos aventureiros que conquistaram crédito entre o povo judeu fazendo-se passar por Messias. E na *Guerra dos Judeus* (VI, 5) anota “que uma profecia ambígua, achada nas Santas Escrituras, anunciava aos judeus que nesse tempo um homem de sua nação seria o senhor do universo”. E tanto se interrogavam sobre as condições da chegada do Messias quanto sobre suas características. Alcançava-se a unanimidade quando se falava do local do seu retorno em glória: não podia ser senão Jerusalém, a Cidade Santa entre todas e uma terra prometida, maravilhosamente renovada, onde, como já se dizia no apócrifo de *Baruc*, um maná inesgotável alimentaria os homens até o final dos tempos; mas quando se tratava de representar os episódios sobrenaturais de chegada do Ungido, ou, o que era quase a mesma coisa, sua personalidade, estavam longe de ver claro...

“Mas, como estabelecerá o seu reino? Nesse ponto, é preciso reconhecer, a grande maioria dos documentos traçava uma imagem singularmente distinta daquela na qual os cristãos costumam reconhecer o Messias. Algumas passagens dos apócrifos eram terríveis. Insistiam sobre o caráter guerreiro do rei Messias, sobre o esmagamento das nações pagãs, sobre as cabeças destroçadas, os cadáveres acumulados, as agudas flechas cravadas no coração dos inimigos. O quarto *Livro de Esdras* o identificava com um leão devorador. O apócrifo de *Baruc* comparava sua chegada a um terremoto seguido de incêndio e fome para todas as nações, exceto para o Povo Eleito. Reações que não deixam de ser muito compreensíveis: Israel humilhado esperava um vingador ou em todo caso um libertador que lhe devolveria seu lugar na Terra. Era natural. A tal ponto que os próprios discípulos permaneciam fiéis a essa imagem e em várias oportunidades lhe perguntaram se não chegaria, por fim, a estabelecer seu reino na Terra e a associá-los a seu reinado glorioso...” (N. de J. Benítez)

[56](#) No mencionado capítulo diz Isaías: “Sairá um rebento do tronco de Jessé (pai de Davi) e um broto de suas raízes vingará. Repousará sobre ele o espírito de Yaveh...”. Nesse mesmo livro profético, *Isaías* (cap. VII) volta a profetizar: “... o Senhor mesmo vai dar-vos um sinal: eis que uma donzela está prenhe e vai dar à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel”. (N. do M.)

[57](#) A julgar pelos alimentos que compuseram sua dieta na infância-adolescência-juventude, o quadro – sempre em caráter estimativo – dos principais micronutrientes (vitaminas e minerais) de Jesus de Nazaré foi qualificado de “satisfatório”. Eis aqui uma síntese dos resultados obtidos pelos especialistas:

Vitamina A: procedente, presumivelmente, da manteiga, dos ovos e dos vegetais de folhas verdes ou amarelas que ingeria regularmente. Uma deficiência haveria provocado cegueira noturna, hiperqueratose perifolicular, xeroftalmia e queratomalacia: hipertrofia da pele, opacidade e

amolecimento da córnea, respectivamente.

Vitamina D: fornecida pelo leite, a manteiga, os ovos e as radiações ultravioletas. Regulou a absorção do cálcio e do fósforo, além da mineralização e maturação do colágeno ósseo. Sua deficiência teria provocado raquitismo (às vezes com tétano).

Grupo da vitamina E: assimiladas através do trigo, dos azeites vegetais, dos ovos, das leguminosas e verduras foliáceas. Sua deficiência poderia ter causado hemólise dos glóbulos vermelhos, depósito de ceróide nos músculos e creatinúria (presença de creatina na urina).

Ácidos graxos essenciais (linoléico, linolênico e araquídico): extraídos de óleos de sementes de vegetais. Sua ausência teria freado o crescimento e ocasionado dermatoses.

Ácido fólico: contido em vegetais frescos de folhas verdes e frutas. Sua deficiência é causa de pancitopenia ou escassez de todos os elementos celulares do sangue.

Niacina: obtém-se do pescado, da carne, das leguminosas e dos cereais de grão inteiro. Entre outros problemas, sua deficiência causaria pelagra, síndrome caracterizada por transtornos digestivos, dores da coluna, fraqueza e, posteriormente, eritema e alterações nervosas.

Riboflavina (vitamina B2): procede do queijo, do leite, da carne, dos ovos e do fígado. Sua ausência teria ocasionado em Jesus a quilose ou afecção dos lábios, a vascularização córnea e a dermatose sebácea, entre outros problemas.

Tiamina (vitamina B1): o jovem Jesus a obteve dos cereais, da carne e das nozes. Sua deficiência teria ocasionado insuficiência cardíaca, síndrome de Wernicke-Korsakoff ou estado de debilidade mental, neuropatia periférica *etc.*

Piridoxina (vitamina B12): este grupo está contido nos cereais, nas leguminosas e no pescado que Jesus consumiu. Sua ausência poderia ter-lhe acarretado, entre outros transtornos, convulsões durante a lactência, anemia, neuropatia e lesões cutâneas do tipo seborréia, assim como um estado de dependência.

Cobalamina (vitamina B12): as fontes principais foram as carnes, o leite, os ovos e produtos lácteos. A deficiente presença dela poderia ser causa de anemia perniciosa, síndromes psiquiátricas e ambliopia de origem nutricional.

Cálcio: fornecido pelo leite, o queijo, a manteiga, a carne, os ovos, os peixes, as frutas, as verduras e os cereais. Isso favoreceu a formação dos ossos e dentes, a coagulação do sangue, a irritabilidade neuromuscular, a condução miocárdica e a contratilidade muscular.

Fósforo: obtido do leite, do queijo, da carne, das aves, dos peixes, das nozes, das leguminosas e dos cereais. Sua falta ou escassez teriam originado irritabilidade, transtornos de células do sangue, debilidade e disfunção renal e do tubo digestivo. Tanto a formação dos ossos e dentes como o equilíbrio dos ácidos e bases e o componente de ácidos nucléicos nos fez deduzir que entre os onze e os dezoito anos recebeu uma dieta diária saudável (ao redor de 1.200 mg).

Iodo: muito provavelmente seu organismo nutriu-se à base dos produtos derivados do leite, do pescado, do sal iodado e da água. Se tivesse carecido do iodo suficiente seu organismo poderia ser afetado pelo bócio simples, pelo cretinismo e até pela surdo-mudez.

Ferro: partindo do fato de que apenas se absorve uns vinte por cento, pôde obtê-lo de algumas carnes (rins e fígado) e determinados frutos e leguminosas. A falta dele teria deteriorado a formação da hemoglobina, da mioglobina e de enzimas.

Magnésio: especialmente extraído das nozes, cereais e folhas verdes. É duvidoso que Jesus consumisse marisco. Este elemento, consumido à razão de uns 400 g/dia, permitiria a adequada formação de ossos e dentes, assim como a corrente nervosa, a contração muscular e a ativação enzimática:

Zinco: à razão de uns 15 miligramas por dia, o zinco pode ter sido obtido, especialmente, dos vegetais, favorecendo as funções de desenvolvimento de enzimas e insulina, cicatrização de feridas e de crescimento em geral. (N. do M.)

[58](#) Papai Noel ministrou-nos a seguinte informação: “A sinagoga mesopotâmica de Dura-Europos, descoberta em 1932, carece de tribuna”. Segundo Kraeling, “temos nela um tipo de sinagoga mais

antigo do que o da Galiléia, cuja construção se situa entre os séculos III e VII”. Watzinger, de sua parte, remonta à era helenística a sinagoga com tribuna, apoiado na descrição do Talmud da sinagoga de Alexandria, chamada *diplostoon*. Nós, todavia, não chegamos a descobrir uma única sinagoga com tribuna. (N. do M.)

59 Uma das “especialidades” singularmente reconhecida, respeitada e admirada na sociedade do tempo de Jesus era o cálculo matemático aplicado à Bíblia. Tais especialistas eram chamados soferim (“contadores”). Em seus estudos alcançaram resultados que hoje só seriam viáveis com os computadores. Por exemplo: chegaram a contar as letras de todos os textos sagrados, em rigorosa ordem canônica, descobrindo que o termo que justa e misteriosamente ocupava o centro exato do Antigo Testamento era o verbo “buscar”. E os “numerólogos” e “cabalistas” da época, com razão, o interpretaram de todas as maneiras. Essas matemáticas esotéricas – convertendo em números as letras e vice-versa – fariam de Moisés, suposto autor do *Pentateuco*, um “iniciado”, capaz da mais faraônica obra: escrever a lei em duas “leituras”. Desse interessante ponto de vista a palavra de Yaveh nos escritos bíblicos guardava um significado oculto, só acessível aos rabis privilegiados.

Aparentemente, analisado assim, o *Pentateuco* viria a ser um “documento cifrado”, repleto de segredos cosmológicos, metafísicos e proféticos.

Muitos dos escribas da época do Filho do Homem eram depositários desse conhecimento esotérico, ao qual, como eu já disse, Jesus não era estranho. (N. do M.)

60 Os estudos de Carrez, nesse campo, são muito elucidativos. Antes de Deissmann, no século XIX, o grego bíblico assemelhava-se a uma língua à parte. A descoberta de documentos pertencentes à língua comum, em especial papiros gregos, mostrou que os autores da tradução grega do Antigo Testamento, os famosos “Setenta”, e os do Novo Testamento não fizeram mais do que aproveitar a língua comum na redação dos seus escritos. Essa “língua comum” derivou, por sua vez, da ática e se converteu, a partir das conquistas de Alexandre Magno (356-325) no idioma “internacional”. Graças a Alexandre, passou-se a falar o grego de Atenas a Éfeso, passando pelo Egito, a Antióquia, Pérgamo e o deserto de Palmira. A formação dessa língua comum produziu uma fusão dos dialetos, proporcionando-lhe um caráter autenticamente helenístico. Era o idioma de todas as classes sociais, tornando difícil a distinção entre a culta e a vulgar. Naquela altura apresentava duas características, derivadas de sua própria situação: era um “compromisso” entre a língua que em sua origem fora a mais poderosa – o ático – e os demais dialetos. Em segundo lugar, em uma consequência lógica, viu-se forçada a admitir numerosas mudanças no estilo, na sintaxe e no vocabulário. As culturas submetidas à influência grega reagiram com essa natural “vingança”. E assim foram aparecendo no grego comum ou internacional, o que Jesus falou, toda sorte de “semitismos” e “latinismos”. Entre os primeiros podem-se destacar os “hebraísmos”, “araméismos” e “septuagentismos” (conceito que designa o estilo dos “Setenta” a que fizemos menção). (N. do M.)

61 Tal tipo de matrimônio integrava a legislação desde os tempos bíblicos. No extenso tratado sobre “as cunhadas” (*yebamot*), a Misná contempla uma infinidade de possibilidades legais derivadas da viuvez sem filhos. Quando dois irmãos – dizia a lei – habitam juntos e um dos dois morre sem descendência, a mulher do falecido não se casará com um estranho. Seu cunhado irá a ela e a tomará por esposa, e o primogênito que dela tenha tomará o nome do irmão morto, para que o nome não desapareça de Israel. Se o irmão se negasse a tomar por mulher sua cunhada, esta devia ir à porta, aos anciãos, e dizer-lhes: “Meu cunhado se nega a manter em Israel o nome do meu marido, seu irmão; não quer cumprir sua obrigação de cunhado tomando-me por mulher”. Os anciãos o mandariam chamar e lhe falariam. Se persistisse na negativa, sua cunhada se aproximaria dele na presença dos anciãos, lhe tiraria do pé um sapato e lhe cuspiria na cara, dizendo: “Isto se faz com o homem que não sustenta a casa do seu irmão”. E sua casa será chamada em Israel “a do descalçado”. A partir daí, a viúva estava livre para casar com qualquer um. Sem haver contraído o matrimônio do levirato ou haver efetuado a cerimônia *jalutsá* (tirar), a viúva não podia voltar a casar-se. (N. do M.)

62 Como diz Flávio Josefo em *Antiquidades Judaicas* (XIV, 5), Israel, como província romana, havia sido “descentralizada” do poder judiciário de Jerusalém em tempos do legado romano Gabino. O

Grande Sinédrio da Cidade Santa era o “eixo” da justiça judaica. Algo assim como a Corte Suprema, com competências que afetavam sobretudo a religião. Para assuntos de “menor gravidade” bastava que se reunissem 23 dos 70 membros que formavam o Sinédrio. O resto do país achava-se dividido em outras quatro cortes: Jericó, Séforis, Amat e Gadara. O direito, como nos países regidos pelo Corão, era eminentemente religioso, fundado em três códigos principais: o contido no *Livro da Aliança* (capítulos XX a XXIII), no *Deuteronômio* (capítulos XXI a XXVI) e uma parte essencial do *Levítico*, “posta em dia” durante o exílio da Babilônia. Sobre esse *Corpus Juris Divini* e seus 613 preceitos teceram-se centenas de novas normas e leis que, com o passar dos séculos, seriam recolhidas no Talmud. E sobre essa intrincada rede de textos de jurisprudência, um mandamento-rei que inspirava todo o direito judeu: “Sede santos, porque santo sou eu”. (N. do M.)

63 Dado o caráter sagrado de quase todas as instituições judaicas, o pior dos delitos não podia ser outro que não a rebelião contra Deus. E mais abominável do que esse era o de declarar-se “igual a Deus” (caso de Jesus). Para a sociedade da época esse era o equivalente aos atuais crimes contra a segurança do Estado. Só cabia a morte. Nesse capítulo reputava-se como “supremo delito” a idolatria, a blasfêmia (incluindo-se aí a invocação do nome do Altíssimo em vão), a violação do sábado, a magia e a adivinhação, a recusa a celebrar a Páscoa e a apresentar o filho homem à cerimônia da circuncisão. Havia depois outras categorias de crimes que, em síntese, se agrupavam da seguinte forma: atentados contra a vida humana, com uma minuciosa distinção entre homicídio voluntário e por imprudência; golpes e lesões, com uma exaustiva subdivisão segundo a gravidade; atentados à família e à moral, com uma interminável casuística (desde a bestialidade à violação de uma filha pelo pai, passando pelos casamentos consanguíneos, ou a maldição pública ou privada de um filho contra o pai); danos à propriedade, considerados como crimes quando se tratasse de roubo à mão armada ou quando praticados no período noturno, defraudação no peso ou alteração dos marcos que fixavam os limites das propriedades nos campos. Muitos desses delitos podiam acarretar a pena capital ou pôr em funcionamento a célebre “Lei de Talião”: olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, contusão por contusão, ferimento por ferimento e vida por vida”, como rezam o *Êxodo* (XXI, 23), o *Levítico* (XXIV, 19) e o *Deuteronômio* (XIX, 21). (N. do M.)

64 O qualificativo de “bandidos” e “bandoleiros” com que também se designavam os zelotes, já vinha de anos atrás. Precisamente do ano 47 antes de Cristo, quando Herodes, o Grande, então governador da Galiléia, realizou uma limpeza das quadrilhas de salteadores de estradas que infestavam as montanhas. Muitos destes assaltantes se juntaram ao movimento guerrilheiro. Daí porque Barrabás e os impropriamente chamados “ladrões”, crucificados com Jesus, foram designados como “bandidos” quando na verdade eram zelotes. (N. do M.)

65 Esse tipo de emprestador, meio usurário, era muito comum nos tempos de Cristo. Ficaram conhecidos como *foeneratores* e *daneistai* e, apesar da proibição bíblica de emprestar dinheiro com fins de lucro, faziam as suas operações secretamente, em especial com os pagãos. A estes, segundo o *Deuteronômio* (XV, 3), era lícito emprestar dinheiro por interesse. No caso de o devedor circuncidar-se e passar a fazer parte do “povo eleito”, o credor devia liquidar o negócio. A realidade, todavia, era outra. (N. do M.)

66 Desde tempos imemoriais a sociedade judaica via-se submetida a dois tipos fundamentais de impostos: os civis e os religiosos. Os primeiros vinham do tempo de Salomão, que, astuto, dividiu o reino em doze cantões. E cada um era obrigado a satisfazer suas necessidades, ou em dinheiro ou em espécie. Depois do exílio da Babilônia, esses impostos mudaram de mão e os judeus se viram forçados a entregar parte dos seus ganhos aos odiados invasores: persas, egípcios, gregos e romanos. Mais recentemente, com o cruel e despótico rei Herodes, o Grande, as cargas tributárias tornaram-se insuportáveis. Tanto que o “idumeu” se viu obrigado a suspender mais de uma arrecadação, diante da ameaça de sublevação popular. Para fazermos uma idéia, alguns dos seus filhos – caso de Arquelau e Antipas – chegaram a auferir, somente em impostos diretos, as cifras de 600 e 200 talentos, procedentes da Judéia e Samaria e da Galiléia, respectivamente. (Um talento equivalia a 12 mil

denários.) Com a chegada dos romanos, os impostos civis multiplicaram-se. Eram cobrados sob múltiplos critérios: trânsito por pontes e estradas, direitos aduaneiros, de entrada nos portos, pelo consumo de água, pelo uso de terras de titularidade pública, pela propriedade de casas, indústrias, oficinas ou escravos *etc.* Mas os mais extorsivos eram os denominados de “capitação” (imposto distribuído por cabeça). Baseavam-se nos recenseamentos e desde o princípio foram tidos como o próprio símbolo da vergonhosa dominação estrangeira. Tanto as terras como as propriedades eram avaliadas regularmente, cabendo a cada titular o tributo correspondente. E era-lhes exigida a décima parte das colheitas de cereais, assim como um quinto das de vinho. Além disso, deviam recolher um percentual do valor dos rendimentos pessoais ou profissionais. Se o industrial, camponês, pescador ou comerciante tinha assalariados era obrigado a reter uma parte do salário a título de imposto de “capitação”. A este funesto quadro ainda se somavam as taxas religiosas, obrigatórias, fixadas já no *Genesis* (XIV, 20), que pressupunha que “o dízimo de tudo pertencia ao Altíssimo”. Tais impostos permitiam manter o templo de Jerusalém e, naturalmente, dos milhares de sacerdotes a seu serviço. Cada judeu maior de doze anos era obrigado a contribuir com meio siclo (dois denários), além da contribuição exigida pelas sinagogas das suas cidades e aldeias. Mas este tributo pouco representava, comparado ao chamado “dízimo”. A lei estabelecia que a décima parte de toda colheita, rebanho, pesca ou produto do solo devia ser entregue ao culto de Jerusalém. A ambição dos sacerdotes chegava a extremos insuspeitados. Transformavam em dízimo tudo que se podia imaginar: desde ovos do galinheiro até as modestas verduras comestíveis e a lenha destinada ao inverno. E pobre daquele que ocultasse suas propriedades aos levitas encarregados da requisição. Um produto não “dizimado” era qualificado de impuro e seu proprietário caía na ignomínia do pecado. Ainda por cima, a velhacaria tinha o seu cronograma. A partir do dia 15 de *adar* (mês que precedia a Páscoa), longas caravanas de carroças com os dízimos afluíam à Cidade Santa de todos os pontos de Israel, transportando as primícias e o melhor da produção. E os responsáveis pelo templo, está claro, esfregavam as mãos de satisfação. O sustento anual de todos eles – e muito mais – estava garantido, “em nome de Deus.” (N. do M.)

[67](#) Infecção grave, de rápido progresso, da epiglote (lâmina fibrocartilaginosa, delgada e flexível, situada sobre o orifício superior da laringe e que a fecha no momento da deglutição) e tecidos vizinhos, que pode resultar em morte em breve prazo. A epiglote inflamada ocasiona uma súbita obstrução respiratória. O agente patogênico costuma ser, com frequência, o *Haemophilus influenzae* do tipo B. A epiglotite não é estranha em menores de dois a cinco anos e pode apresentar-se em qualquer idade. A infecção, facilmente adquirida pelas vias respiratórias, pode ocasionar a princípio uma nasofaringite, propagando-se depois para baixo e inflamando a epiglote e a árvore traqueobronquial. A inflamação da epiglote obstrui mecanicamente as vias respiratórias, ocasionando retenção de CO₂ e hipoxia. Também dificulta a eliminação das secreções inflamatórias. A consequência última é uma asfixia mortal. Uma morte, salvo as lógicas diferenças, relativamente semelhante à de Jesus. (N. do M.)

[68](#) Um talento – uma verdadeira fortuna – equivalia a uns 3 mil sidos (12 mil denários). (N. do M.)

[69](#) Segundo nossos dados, o tal Apícus, famoso gastrônomo de Roma, divulgou a receita da omelete ali pelo ano 25. Algum tempo depois escreveria um livro – *De recoquinaria* –, de grande sucesso entre os apreciadores da cozinha elaborada, no qual evoca os festins do imperador Cláudio. Sêneca o criticou acremente, queixando-se de que sua arte culinária corrompia os jovens, afastando-os dos estudos da filosofia. Plínio, em compensação, elogiou suas receitas, afirmando que as de fígado de porco e língua de flamingo eram autênticas obras de arte. Antes, claro, havia que engordar os animais com figos e vinho adoçado com mel. (N. do M.)

[70](#) Segundo o *Êxodo* (XXVII, 15), o chamado “*mohar* das virgens” era exigível por lei. A norma recaía sobre a família de qualquer sedutor. Este era obrigado a casar com a seduzida e a pagar o *mohar*. (N. do M.)

[71](#) Ainda que Deus houvesse revelado seu nome a Moisés no Sinai uns trezentos anos antes de

Cristo, os rigoristas da lei começaram a recomendar sua “não enunciação”. E o célebre e cabalístico tetragrama – JHWH (as vogais não existem no hebraico) –, traduzido como “Yaveh”, sofreu curiosa peregrinação. Chamou-se então a Deus “Adonai”, traduzido para o grego pelos Setenta como “kirios” ou “Senhor”. E esse temor, que com o tempo só foi crescendo, levou os judeus a suprimir outros tradicionais vocábulos com os quais se designava Yaveh: Elohim e El. “Todo aquele que pronuncia o Nome – reza o *Pesikta* (CXL VIII, a) – é passível de morte.” Nesse ambiente de temor por esse Deus colérico e vingador, o povo de Israel acabou designando Yaveh por termos como: “o Nome”, “Céu”, “o Lugar”, “a Estância”, “a Morada”, “a Presença ou Chejina”, “a Glória”, “a Majestade”, “a Potência”, “o Altíssimo”, “Santo único”, “o Misericordioso” e “o Eterno”. (N. do M.)

[72](#) Tenho hesitado em incluir esta documentação sobre Jesus. Não é em vão que sou do signo de Virgem... Mas, finalmente, em honra à memória de Eliseu – autor do trabalho – achei oportuno complementar tudo que tenho dito com ao menos uma síntese de um curioso “horóscopo” (o termo não era do agrado de meu irmão, mais versado do que eu nestas questões esotéricas) elaborado com a ajuda do computador central do “berço”. Nunca lhe perguntei como o havia conseguido. Só me lembro de que um dia, durante o “terceiro salto”, se concentrou em sua feitura, ministrando ao Papai Noel todos os dados que havíamos recolhido. O resultado do seu entusiástico trabalho deixou-me atônito. Talvez este resumo possa acabar sendo de utilidade para algum outro “louco maravilhoso”. A documentação, que jamais foi entregue à Operação Cavalo de Tróia, dizia o seguinte:

HORÓSCOPO NATAL DE JESUS DE NAZARÉ. Autor: Papai Noel. (Meu irmão preferiu camuflar-se atrás do nome de guerra do computador.) Belém (Judéia), 21 de agosto do ano “menos 7”. Hora local (refere-se à do nascimento): 11 horas, 43 minutos e 9 segundos. (Outro registro: em “nossa volta” creio que fomos os únicos seres deste planeta a celebrar o Natal nessa data e hora.) Dados gerais: longitude (35° E 12’), latitude (31° N 43’), casas (Placidus, Geocêntrico, Tropical). Hora universal (Greenwich): 9 horas, 22 minutos e 21 segundos. Hora sideral: 9 horas, 33 minutos e 7 segundos. Casas (Eliseu explicou-me certo dia o significado de cada um desses vocábulos. A verdade é que não prestei muita atenção e fui esquecendo): Casa I (Ascendente: 15° 25’ Escorpião). Casa II (14° 49’ Sagitário). Casa III (17° 06’ Capricórnio). Casa IV (Fundo do céu: 21 ° 06’ Aquário). Casa V: (23° 32’ Peixes). Casa VI (21° 40’ Áries). Casa VII: (Descendente: 15° 25’ Touro). Casa VIII (14° 49’ Gêmeos). Casa IX (17° 06’ Câncer). Casa X (Meio do céu: 21° 06’ Leão). Casa XI (23° 32’ Virgem) e Casa XII (21° 40’ Libra).

DECLINAÇÃO

PLANETAS LONGITUDE

VELOCIDADE

Sol	25° 03’ 14” (Leão)	13° N 16’	0° 58’ 42”
Lua	1° 19’ 00” (Câncer)	28° N 09’	13° 00’ 58”
Mercúrio	6° 45’ (Virgem)	9° N 45’	1° 39’
Vênus	11° 33’ (Libra)	6° S 45’	1° 01’
Marte	3° 32’ (Escorpião)	13° S 59’	0° 41’
Júpiter	22° 36’ (Peixes)	4° S 33’	0° 06’ R
Saturno	20° 33’ (Peixes)	6° S 15’	0° 4’ R
Urano	4° 15’ (Peixes)	10° S 49’	0° 02’ R
Netuno	2° 55’ (Escorpião)	10° S 52’	0° 02’
Plutão	9° 18’ (Virgem)	23° N 08’	0° 03’
Quíron	10° 38’ (Áries)		
Nodo	00° 53’ (Touro)	11° N 54’	

ASPECTOS

CONJUNÇÃO	0°	!
	30°	%
SEMI-SEXTIL		
	45°	(
SEMIQUADRATURA		
	60°	►
SEXTIL		
	90°	#
QUADRATURA		
TRÍGONO	120°	\$
	135°	)
SESQUIQUADRATURA		
	150°	&
QUINCUNCE		
OPOSIÇÃO	180°	"
	0°	
PARALELO		

SOL	LUA	MERCÚRIO	VÊNUS	MARTE
! Meio do Céu	► Mercúrio	► Lua	% Plutão	! Netuno
\$ Nodo	\$ Marte	► Marte	(Sol	► Mercúrio
(Vênus	► Nodo	► Netuno	Saturno	\$ Lua
& Júpiter	\$ Urano	\$ Nodo	\$ Urano	
" Urano	\$ Netuno	" Urano	" Nodo	
	) Asc	! Plutão	) Saturno	

JÚPITER

PLUTÃO

SATURNO URANO NETUNO

! Saturno	! Júpiter	\$ Lua	! Marte	! Mercúrio
\$ Ascendente	\$ Ascendente	\$ Marte	\$ Urano	\$ Nodo
& Sol	) Netuno	\$ Netuno	► Mercúrio	% Vênus
& Meio do Céu	) Marte	► Nodo	\$ Lua	" Urano
	& Meio do Céu	" Sol	) Saturno	
		Vênus	" Mercúrio	
			" Plutão	

A energia mais forte do homem “escorpião” é a do seu desejo. No “altamente evoluído”, sua força sexual não atua no erótico: converte-se em força condutora. É uma fonte rejuvenescedora para a humanidade; um “médico” no mais alto sentido da palavra. O homem de quem emanam forças curativas. Estas forças possuem, por sua vez, o dom da fascinação. Raro é o homem “escorpião” que não reúne ao seu redor pessoas magnetizadas por sua atração pessoal. *Jesus de Nazaré*. Este informe, mais do que uma carta astral para a pessoa de Jesus, deve ser considerado uma representação simbólica de sua relação com o mundo. Através do signo Escorpião – que guarda o mistério da Ressurreição – fala-nos de sua missão na Terra, deixando uma “mensagem escrita” em simbologia astrológica. Ainda assim, pode ser estudado também como um ser humano.

Análise da carta astral do seu nascimento. Surpreendente a posição de todos os planetas – à exceção de Saturno e dos exteriores –, em suas casas. Isso é excepcional. Indica que Jesus representava todas as forças cósmicas em equilíbrio: o homem perfeito, o Homem-Deus.

Saturno e Urano não aparecem em suas casas. Acham-se em Peixes: fato altamente significativo. (Trata-se do signo místico por excelência. O peixe, seu símbolo, será utilizado posteriormente pelos cristãos.)

Nesta carta domina o elemento “água”. O homem “de água” vive no nível psíquico. Sente-se como um estrangeiro no mundo da realidade. Sempre acaba afastando-se do material.

A influência deste elemento proporciona um alto grau de sensibilidade. O nativo sente a necessidade de viver intensamente.

Escorpião, signo do Ascendente (grau da Eclíptica que figura no horizonte do lugar natal no momento do nascimento), domina sua carta. Além de representar o povo hebreu, é o símbolo da morte; de uma morte voluntariamente assumida que permitirá renascer em um Amor Superior que transcende os sentidos físicos.

Plutão, regente do signo Fixo de Água Escorpião, assume a regência desta carta. Está melhor situado e mais forte do que Marte, o outro regente do signo.

Plutão representa a transformação. É comparado a uma força ou poder invisível. Sua influência facilita a revelação dos poderes do subconsciente. Põe à disposição do nativo meios para promover e despertar nas massas o tipo de sensibilidade que desejar. Influi sobre a consciência coletiva.

Quando Plutão se vincula a um signo de fogo (o signo da posição do Sol) acentua poderosos e urgentes estímulos de ordem emocional e concede uma extraordinária capacidade dramática.

Plutão em Virgem, como aparece nesta carta, conduz a fanatismo na ordem social e intensifica ao máximo o poder de mobilizar as massas. Acentua também a força do subconsciente e proporciona uma personalidade sugestiva e fascinante.

Quando Plutão se une a Mercúrio confere capacidade de persuasão e um agudo senso de observação.

Sua força espiritual é irresistível. Sob esta influência, o nativo desenvolve uma intensa penetração, assim como uma excepcional habilidade diplomática. O signo de posição do Sol é o Fixo de Fogo (Leão), que representa o princípio da vontade (a manifestação da vida do Eu).

O homem “leão” altamente evoluído emana tal aura de positividade que, ao seu redor, os sofrimentos são esquecidos. É otimista e crê firmemente no bem. O triunfo do bem sobre o mal – pensa o “leão” – é uma lei imutável. É freqüente que seja dotado de tal serenidade que sua supremacia se torne inquestionável. Não é fácil que a crítica o dobre. Tudo isso lhe confere um notável grau de majestade e grandeza. Um dos seus mandamentos interiores é sustentar moralmente os demais, sempre com o exemplo e sem ordens nem proibições.

O Sol aparece como o planeta dominante em sua carta. É o símbolo vivo do infinito, do divino, do criador, da luz, do espírito organizador do Universo, do sublime e da liberdade, em contraste com o destino que personifica Saturno.

É a individualidade. O Eu imortal, em contraposição à personalidade que simboliza a Lua.

O Sol representa o gênio criador. Proporciona sentimentos profundos e estáveis, critérios firmes, persuasão e grande vontade. É magnânimo, generoso. Inspira admiração e simboliza o mais elevado estado de consciência. Seu princípio é o do poder.

No mundo instintivo é a inclinação para tudo que contribui para a elevação vital. No afetivo “reina” sobre seus satélites e desfruta a veneração que lhe professam. Seus pontos de vista são amplos, objetivos e sistemáticos, com uma sublime filosofia. Aqui o Sol se manifesta através das “vibrações aquáticas” de Escorpião. E ganha em fortaleza, intuição, nobreza, tenacidade e honradez. Neutraliza as “influências ígneas” próprias de Leão, aparecendo menos otimista, veemente e autoritário. A Água o sensibiliza e lhe proporciona a emotividade de que carece Leão. Mantém o impulso de dirigir os demais, mas através do sentimento, não tanto por meio da autoridade, característica do nativo de Leão.

O signo de Peixes também se fortalece ao albergar três planetas lentos: Urano, Saturno e Júpiter. É o símbolo que envolve profundamente o psíquico. É profundamente sensível a qualquer oscilação do espírito. Arca com sua própria vida e com a alheia. Júpiter é o planeta transmissor das forças correspondentes à radiação de Peixes. Nesta carta acha-se posicionado nesse signo, exercendo todo o seu poder. Júpiter fornece o empuxo para libertar-se de toda influência que o prenda ao material, outorgando asas que o elevam aos planos espirituais. Liberta-o do seu destino – representado por Saturno –, o que mostra simbolicamente o vértice da Casa entre os dois planetas. Essa Casa representa o cumprimento de uma meta através da morte.

O Nodo Norte Lunar em Touro indica o objetivo de sua encarnação: experimentar, viver a vida humana na matéria que representa o signo de “Terra”: Touro. Neste signo chega ao final do seu percurso pelo Zodíaco, em seu movimento simbólico de retrogradação. É este último signo de “Terra” que percorre para desligar-se do seu vínculo com a matéria e, conhecendo-a, regressar à “sua” órbita de Fogo, onde iniciou o seu caminho.

Plano físico. Indivíduo de enorme fortaleza física, já que Plutão, seu regente, o dota de enorme poder para resistir à dor. O signo do Sol (Leão) clareia a cor negra do cabelo proporcionada por Plutão, assim como a dos olhos. Olhos da cor do mel.

Rosto de frente ampla e tez clara. Expressão profunda, que irradia grande segurança. Corpo bem-proporcionado. Estatura elevada e ampla capacidade torácica. De atitude decidida e manifestações masculinas poderosas.

Aquário estabelece uma origem “cósmica” e um nascimento “original”. (Ignoro a que poderia referir-se Papai Noel com o termo “original”).

Sua vida – afirma ainda a carta – ver-se-ia repentinamente truncada. Mercúrio une-se em conjunção ao regente natal Plutão, causando uma morte violenta e provocada, em certa medida, por Ele mesmo.

A Lua (indicador dos nascimentos) na Casa da morte, indica um “nascimento” através da morte: a ressurreição. Indica igualmente uma morte pública em mãos de “militares”. (Os romanos eram militares.)

Plano mental. Mercúrio, o planeta da razão, acha-se muito elevado em sua carta, exercendo uma forte influência sobre sua pessoa. Faz supor que a razão desempenhou um papel importante em sua missão (situado nessa Casa). Grande facilidade de expressão e profunda filosofia. Manifestação em termos enérgicos. Arremetia verbalmente com dureza contra seus inimigos, ainda que utilizando todas as suas artes. Cada planeta, desde o seu domicílio, proporcionava-lhe as qualidades necessárias para a obtenção do resultado desejado.

Sua filosofia. Nesta carta a filosofia de Jesus surge refletida na simbologia astrológica na seguinte mensagem:

“A Luz, a união com o Pai: objetivo final da vida.”

Os meios com que o homem conta para consegui-lo – graças à Natureza – aparecem nas doze Casas. A ordem natural do Zodíaco, que tem início no grau zero de Áries, oferece um quadro meramente material, com Capricórnio no Meio do Céu, limitando-nos a um destino. Aqui, a roda gira e coloca Escorpião como princípio: a encarnação. Mas a encarnação de um Ser que tem sua verdadeira origem não no seio materno, como indica Câncer no Zodíaco natural, mas no *Cosmo*, e cuja máxima aspiração é retornar a ele.

Eis, Casa por Casa, a “mensagem astrológica” deixada pelo Filho do Homem:

Casa I (Escorpião): “Como é o homem”. O homem faz sua incursão no mundo sob as “vibrações aquáticas” do signo de Escorpião. Em sua constituição física o elemento predominante é a água. É um ser intuitivo por natureza, e sua vida se manifesta através do plano psíquico, representado pelos signos de água. Nessa existência deverá aperfeiçoar-se e alcançar o equilíbrio entre suas duas naturezas: a material e a espiritual. O ser humano perfeito é o produto de um conjunto astrológico harmônico, no qual cada planeta está em sua própria Casa. Através dos seus signos vibram positivamente, dotando-o das características necessárias à sua evolução.

Casa II (Sagitário): “O que possui”. Esta casa representa o que consegue com seu esforço. Aqui, em lugar de manifestar-se em Touro, como no Zodíaco natural, significando os bens materiais, situa-se em Sagitário. Ele introduz o elemento Fogo (ação) em forma de “sabedoria”, que, através da atividade simbolizada pelo segundo signo Fogo-Áries (trabalho) conduz à meta: terceiro signo de Fogo (Leão).

Casa III (Capricórnio): “A mente concreta”. Capricórnio é o primeiro signo da Terra que aparece nesta carta e que põe o homem em contato com a realidade, graças à mente. Torna-o consciente do alheio (segundo signo da Terra [Touro] em VII). Ao perceber esse mundo real que o circunda toma consciência de que sua atuação requer a participação dos demais e isso o leva à cooperação, simbolizada no terceiro símbolo da Terra na Casa da amizade.

Casa IV (Aquário): “A origem do homem”. O homem procede do Cosmo, representado pelo signo de Aquário. Sua origem material filia-se a Câncer: signo da maternidade e que no Zodíaco natural é a Casa IV. Aqui, ao contrário, coloca-o no “oceano cósmico”. A mãe está representada pelo Cosmo. O pai é o criador: o Sol. O final da vida é o retorno ao ponto de origem. O homem entra no plano mental pelo signo de Aquário. Aí espiritualiza a experiência, pela mão da razão, representada pelo segundo signo do Ar: Gêmeos.

Casa V (Peixes): “Sua obra”. Depois de tomar consciência da realidade e entrar no plano mental começa a criar, graças ao plano emocional e à sensibilidade que Peixes lhe proporciona. Os filhos, refletidos na quinta Casa astrológica, são a obra do homem. Eles perpetuam a espécie. A mente, por seu lado, perpetua sua obra intelectual. E isso se consegue pelo plano intuitivo, representado neste setor. Não existe criador sem intuição e sem sentimentos.

Casa VI (Áries): “O trabalho”. Por este signo de Fogo, o homem recebe a energia que o impele à ação. Começa a agir por iniciativa própria e toma consciência da realidade do plano de Fogo: a luta pela vida. E tem de contribuir com seu esforço físico e mental para a vida. É a energia vital ao serviço da humanidade.

Casa VII (Touro): “O inimigo do homem”. Esta Casa simboliza “o alheio”, assim como as forças que atuam contra a iniciativa humana.

O signo da Terra (Touro) encarna o amor pelos bens materiais, o apego pela matéria. E indica aqui o mais perigoso e sutil inimigo do homem: a ânsia pelas riquezas, o luxo e o prazer material. O homem deve superar a lei dos contrários e vencer a tentação do prazer.

Casa VIII (Gêmeos): “A morte”. A Lua – que simboliza os nascimentos – coloca-se nesta Casa indicando que a morte outra coisa não é senão o nascimento para outra vida. A palavra (o verbo), a vibração sonora, desempenha papel primordial na criação e no processo evolutivo vinculado ao renascimento para essa vida nova. O objetivo final da morte, simbolizado pelo vértice de Peixes, marca a divisão do corpo físico do espírito. O primeiro volta à matéria (Saturno). O segundo, como um viajante (Júpiter), empreende outras “viagens” a planos ou níveis de existência. O Grande Trígono (Lua, Marte e Urano) fala de realização mediante um ciclo que se origina no Cosmo, seguido do nascimento, da morte e da ressurreição.

Casa IX (Câncer): “A mente abstrata”. Depois de assimilar os conhecimentos pela mente concreta, que fornece ao homem o quadro da realidade, deverá canalizá-los através do setor intuitivo. Esta Casa representa a mente superior, a filosofia e a religião. Câncer introduz o elemento “imaginação” no processo mental superior. A intuição de Escorpião, a sensibilidade de Peixes e a imaginação de Câncer constituem os três elementos básicos para desenvolver a vida psíquica do homem. E daí emana a sabedoria divina. Esta Casa simboliza também “os sonhos”, esse processo ainda enigmático que aqui aparece como uma ferramenta para aprender e adquirir conhecimentos superiores.

Casa X (Leão): “A meta”. O objetivo da existência, simbolizado aqui pelo Sol: a luz. Chegar a Deus – alcançar a sabedoria completa – eis a meta do homem. O terceiro signo de Fogo (Leão) representa a vontade. Adquirida a sabedoria teórica, é pela vontade que se pode pôr em prática os conhecimentos e alcançar a superação, vale dizer, o controle absoluto do Eu inferior e do Eu superior.

Casa XI (Virgem): “Os aliados do homem”. Eis aqui os amigos, os protetores, tudo aquilo que ajuda o homem a cumprir sua missão. Vênus indica onde se pode achar a força para chegar à meta: no amor espiritual, baseado no equilíbrio matéria-espírito, como indica Vênus em Libra. Esta Casa representa as “associações voluntárias” e ensina ao homem sua terceira realidade (terceiro signo Terra-Virgem): na união reside a força. O homem, sozinho, não pode atingir sua meta final. É preciso participar da evolução coletiva da humanidade.

Casa XII (Libra): “A enfermidade”. Este setor representa a enfermidade incurável, o erro, os impedimentos, as penas, o mistério e o inimigo oculto do homem. O terceiro signo de Ar-Libra na Casa XII adverte do perigo que representa o inimigo oculto: a cultura. Quando o homem, em seu processo educativo, despreza a intuição e a sensibilidade que conduzem a planos elevados de consciência cai em uma “intelectualidade enfermiza”, incapaz de reconhecer a capacidade emocional. Sua “cultura” é falsa e o incapacita para sequer intuir a verdade. O homem, então, acaba por converter-se em escravo de suas próprias paixões; vale dizer, um desequilibrado (Libra: a balança). (N. do M.)

[73](#) A partir dos treze anos, todo judeu livre era obrigado a rezar ao menos duas vezes ao dia: de manhã e à noite. As mulheres, escravos e crianças estavam isentos. Os mais ortodoxos se envolviam no *taled*, uma espécie de xale que, cobrindo a cabeça, caía até a cintura. Deviam ir providos dos *tefilín* ou filactérios – tal e como diz o *Deuteronômio* –, amarrados à testa e na palma da mão. Era estranho que se ajoelhassem, salvo em casos extremos. O habitual era permanecer de pé, com as palmas das mãos estendidas em direção ao céu. As atuais representações de Jesus e Maria com as mãos unidas, em oração, procedem do século V da nossa Era. Talvez tenha sido um costume originário de Bizâncio ou das tribos germânicas. Era comum também que se rezasse em voz alta e golpeando-se o peito. (N. do M.)

[74](#) Alguns analgésicos de grande potência (à base de codeína), vários antibióticos de amplo espectro (tetraciclina, cotrimoxazol e amoxicilina, entre outros) e, em especial, os soros antiofídicos polivalentes podiam representar um perigo potencial para o consumidor. Para citar um exemplo direi que no caso da tetraciclina nossos laboratórios haviam confirmado a existência de efeitos secundários: afecções graves do aparelho digestivo, transtornos gastrintestinais (para doses diárias de

dois ou mais gramas), coloração dos dentes, lesões renais e hepáticas, hipertensão intracranial benigna (em caso de recém-nascidos: protrusão da fontanela anterior), vertigem e lúpus sistêmico. Tudo isso, naturalmente, dependendo das doses ingeridas, da idade, constituição física *etc.* do consumidor. Por sorte, dado o estado de liofilização de alguns dos fármacos, era pouco provável que chegassem a causar prejuízos aos portadores. Essas substâncias em forma de pó, muito poroso e higroscópico, recuperam suas propriedades ao se lhes acrescentar um determinado volume de água, justamente a que foi tirada no terceiro dos processos: a dessecação secundária. (N. do M.)

[75](#) Organizado por Augusto, esse importante departamento oficial, que fazia parte de uma espécie de Ministério dos Transportes, abarcava uma complexa rede de funcionários, responsáveis pelo traslado dos documentos e cartas oficiais. Esses funcionários podiam usar os veículos, transportes e albergues gratuitamente. Recebiam um salário do governo central, não lhes sendo permitido comerciar por conta própria. Em geral esses correios oficiais utilizavam as rotas marítimas, sempre que os portos se achassem abertos. De Roma à Síria, por exemplo, uma correspondência podia demorar até cem dias. Quando os temporais inviabilizavam as viagens pelo Mediterrâneo, os funcionários se viam obrigados a seguir as rotas terrestres, mais seguras, se bem que em geral mais penosas. Nesse caso, os mensageiros imperiais para as províncias orientais vizinhas viajavam pela Macedônia e a Trácia, cruzando às vezes de Brindisi a Durazzo e posteriormente pelo Helesponto ou o Bósforo. Entre Roma, a Síria e o Egito faziam dois cruzamentos: um em Brindisi, outro em Neápolis, no porto de Filipos. Eis alguns tempos e distâncias cobertos por esses “correios”: de Roma a Brindisi, 360 milhas; de Brindisi a Durazzo (hoje Durrës), dois dias; de Durazzo a Neápolis, 381 milhas; de Neápolis a Tróades, ao redor de três dias e de Tróades a Alexandria – via Antióquia e Cesaréia – umas 1.670 milhas. Os mensageiros empregavam 63 dias na rota do norte, de Roma a Alexandria, e 54 de Roma a Cesaréia. A velocidade média de um “correio” a cavalo variava entre cinco e dez milhas/hora. Quer dizer que uma jornada podia ter ao redor de 50 milhas romanas. (Cada milha romana equivalia a mil passos ou 1.481 metros.) As viagens por mar estavam sujeitas, como eu disse, a outras exigências. Pelo Mediterrâneo, a época mais segura e freqüentada era de 26 de maio a 14 de setembro. Entre 10 de novembro e 10 de março o tráfego paralisava quase totalmente e os mensageiros imperiais deviam tomar as rotas terrestres. Nos períodos duvidosos (de 10 de março a 26 de maio e de 15 de setembro a 10 de novembro), a marinhagem só se arriscava a cobrir trajetos curtos: no norte da África ou com a ilha da Sardenha. (N. do M.)

26 DE ABRIL, QUARTA-FEIRA

Fui de uma tremenda temeridade. Agora, ao recordar aquele amanhecer, vejo como estive perto do fim.

Ali pela vigília do canto do galo, faltando umas duas horas para a aurora, uma breve e discreta batida na porta me acordou. Precisei de uns segundos para dar-me conta da situação. Os sentidos não me haviam enganado. Os tímidos golpes, como de alguém que evitasse chamar a atenção do resto dos hóspedes, se repetiram. Quase sem tocar o solo aproximei-me da porta e perguntei quem era. Uma voz de mulher substituiu dessa vez a pancada na porta. Só captei duas palavras: “grego” e “desperta”. Silenciosamente apanhei o cajado, com um dedo já colocado sobre o cravo do laser de gás. Se era uma cilada eu tinha de agir rapidamente. O instinto – suponho que com razão – esboçou o rosto e a adaga de Heqet na penumbra da galeria. Estúpido de mim! Eu devia ter previsto. Ou cheguei mesmo a prever. Não sei. Tanto fazia. As circunstâncias eram aquelas e não outras. E, devagar, medindo cada passo, coloquei a “vara” entre a porta e o meu corpo. E com nervosa lentidão entreabri a porta. A personagem que assomou por ela nunca soube como estive perto de receber uma descarga.

– Grego do inferno! Será que o vinho entupiu teus ouvidos?

Não respondi. Débora, a moabita, com os lábios inchados e o rosto coberto de hematomas, mandou que eu saísse do quarto. Ainda desconfiado, limitei-me a abrir a porta e inspecionar o corredor deserto. A prostituta, à primeira vista, não parecia ter companhia. A galeria estava absolutamente silenciosa. Mas com aquela iluminação escassa não era difícil que alguém estivesse atocaiado atrás das esteiras e dos edredons que pendiam do parapeito. Em movimentos rápidos me sussurrou que pegasse minhas coisas e a seguisse. O tom – sincero – animou-me a obedecer suas ordens.

Para minha surpresa, vi que ela recolhia do solo um volumoso fardo e duas mantas, que carregou e colocou em um dos cantos do quarto. Segui-a intrigado e verifiquei que o enorme saco não era outra coisa senão um odre de vinho, tenso e repleto. Cobriu-o com as mantas e, apagando a candeia de que eu me servira durante o descanso, puxou-me para fora e fechou a porta com especial cuidado.

Estava claro. Por motivos que eu começava a adivinhar, a corajosa mulher substituíra o “grego dormindo” por um “odre dormindo”. Um calafrio acabou por restituir-me os reflexos e o autodomínio.

Atravessamos o corredor como duas sombras e paramos na outra

extremidade, defronte ao quarto que se abria para o norte. Alguém ali aguardava com a porta entreaberta. Débora me precedeu. Durante uns fugazes segundos eu titubeei sobre a atitude a tomar. E se fosse uma armadilha? Mas a moabita não pensou duas vezes. Agarrou-me pelo manto e me arrastou para o interior, ao mesmo tempo que maldizia sua sorte.

O quarto, pouco mais ou menos como o meu, só se diferenciava por uma janela nua e bastante mais larga. Ao pé da janela um enxergão e, em sua cabeceira, junto a uma vasilha e uma jarra de bronze, a chama afilada e amarela de uma candeia, que a brisa da noite fazia oscilar. A mulher que nos havia franqueado a entrada – a segunda meretriz da taberna – sentou-se na cama. Débora voltou para a porta e espiou a galeria deserta através de um dos esvaziados nós da madeira.

Aturdido, tentei aproximar-me da janela mas a companheira da moabita me impediu. Que estaria ocorrendo? A pousada continuava silenciosa. Débora, num fio de voz, explicou-me que Heqet e os capangas do saduceu tramavam o pior. Que significava aquilo? Impaciente diante da minha ingenuidade, disse-me que seu chefe, por alguma razão que ela ignorava, havia saído precipitadamente do albergue e regressara com quatro dos incondicionais e inescrupulosos criados de Ismael. Reunidos na taberna, fizeram que elas os servissem e desse modo ficaram a par dos repugnantes planos do egípcio. As ordens do anão eram taxativas: “apunhalar o grego e fazer desaparecer o cadáver”. Não havia tempo que perder. E indicando-me a janela me aconselhou a fugir.

Comovido diante da generosidade e valentia das duas mulheres, não soube o que responder-lhes. E Débora, apressando-me, resumiu e justificou sua atitude com uma frase:

- Poucos homens teriam feito por mim o que tu fizeste na taberna.
- Mas que será de vós?

Não houve resposta. O rangido do soalho da galeria a interrompeu. A mulher levou aos lábios feridos o dedo indicador e me recomendou silêncio. Alguém estava no corredor. Débora encostou-se à porta, tentando observar o que se passava no escuro. Virou-se e nos contou que havia cinco indivíduos no outro extremo. Agitou as mãos e me instou a saltar. Mas, movido pelo desejo de identificar os agressores, afastei a moabita e entreabri a porta o suficiente para ver que deitavam abaixo a porta do meu quarto e nele penetravam em tropel. Não fosse pelas súplicas da prostituta é quase certo que, levado pela indignação e pela inconsciência, eu me haveria aventurado a enfrentá-los. A mulher tinha toda a razão. Se o anão e sua gente me localisassem no quarto das mulheres, ou saindo dele, a vida das minhas salvadoras poderia correr sério perigo.

Fechei a porta e dirigi-me para a janela. A distância até o solo, de uns cinco

metros, não me preocupava tanto quanto a sorte daquelas esforçadas e infelizes rameiras. Antes de saltar, agradei seu gesto, tirei da minha bolsa um saquinho com pepitas de ouro e atirei-o às mãos da nervosa Débora. Um sorriso e um “Melcarte te abençoe” foi a última coisa que vi e ouvi. Atirei a “vara” no escuro e tentei descobrir o tipo de terreno que me aguardava. Um golpe seco e amortecido me indicou que estava sobre o campo, possivelmente em área de lavoura. Décimos de segundo depois lancei-me no vácuo, caindo, de fato, sobre o argiloso solo do bosque de oliveiras que circundava boa parte do edifício.

Salvo algumas contusões de mínima importância, tive sorte. Se houvesse caído três ou quatro metros mais à esquerda, os ramos e os braços retorcidos de uma daquelas oliveiras poderiam ter-me estropiado. Minutos depois, correndo, eu atravessava a pontezinha de pedra e chegava à fonte. A aurora se aproximava e a aldeia não tardaria a despertar. Depois de verificar que não estava sendo seguido detive-me ao pé do rumoroso cano de água. Para onde ir? Conviria refugiar-me na casa da Senhora? Ou ocultar-me em algum desvão do povoado? Esperaria ali mesmo a claridade da alvorada? Que deveria fazer com o saduceu? Atormentado, reparei de repente no cristalino jorro de água e me decidi pela mais sensata das alternativas. Como dizia o Mestre, “os problemas, de um em um”.

A “asa de pássaro”, como chamavam popularmente as fontes, estava naturalmente deserta, no momento. Contudo, fazendo justiça à sua definição (nos poços e mananciais de uso público se congrega diariamente a população trocando as novidades e as intrigas), o lugar não tardaria a encher-se de madrugadoras matronas e de camponeses que aproveitariam a passagem pelo tanque para dar de beber a seus jumentos e encher suas cabaças e odres. Agi com rapidez. Desnudei-me e tomei uma improvisada ducha. O banho – outra das necessidades difíceis de satisfazer em nossas circunstâncias – foi uma bênção. Relaxado e refrescado, enxuguei-me com o manto e me dispus a atacar aquele segundo dia em Nazaré. O contato com a água ordenou minhas confusas idéias. Aguardaria o clarear do dia para pôr-me a caminho.

Certamente minha primeira “visita” seria ao saduceu. Achei que me sobravam motivos para trocar algumas palavras com o perigoso sacerdote e chefe do conselho. Se possível – embora ainda não soubesse como – tentaria recuperar a “farmácia”. De outro lado, em honra à objetividade e dada a sua condição de antigo professor de Jesus, não seria nada de mais se eu lhe fizesse algumas perguntas. Faminto, rebusquei o exausto saco de viagem. Os ladrões tinham desprezado os frutos secos que meu irmão, sábio e providencialmente, havia incluído na minha modesta bagagem. Os figos prensados, as passas e as nozes – de alto poder calórico – elevaram-me o ânimo. Estranhamente tranqüilo,

assisti com alegria meu primeiro amanhecer na aldeia do Mestre. E, de súbito, como se se tratasse do mesmo fenômeno, o alaranjado da luz do sol que nascia e o ronco das moendas de grãos foram empurrando as trevas e o silêncio e devolvendo a luz e a vida ao povoado. Pontual e matematicamente, fizeram ato de presença as mulheres, carregando vasilhas na cabeça ou nos quadris. E com elas os primeiros felás, descarregando a irritação do madrugador nos pacientes asnos.

Não tive dificuldade para obter a informação de que precisava. A casa de Ismael, contígua à sinagoga, ficava ao norte da aldeia, na margem esquerda do rio que descia da vertente sul do Nebi. Não havia como errar. De acordo com a tradição, era isolada do resto das construções. E com a amável simplicidade que caracteriza a gente humilde, duas matronas, que seguiam quase que o mesmo caminho, se prestaram a acompanhar-me até o lugar.

O bairro dos artesãos e a “rua sul” – itinerário para o extremo noroeste da aldeia – foram clareando, com a promessa de um dia tão radiante e quente como o anterior. Às portas das casas, nos pátios e ruelas, senhoras e juvenzinhas preparavam as fornadas, cantarolando ao ritmo da moenda, varrendo e irrigando a calçada e alimentando as brancas colunas de fumaça que, saindo dos fogões e fornos de pão, traçavam no azul do céu uma Nazaré vertical, ondulada e otimista. Uma Nazaré alheia às misérias de homens como Heqet e seus sequazes. Era incrível. A julgar pelos alegres e limpos cumprimentos dos habitantes, ninguém parecia saber dos turbulentos acontecimentos das últimas horas da noite.

No cinturão de hortos que marcava os limites entre a colina e as últimas casas, as duas mulheres, risonhas, com as ânforas à cabeça, me deixaram praticamente na direção da sinagoga. O edifício, de pedra, assentava seus alicerces em uma esplanada, a coisa de cinquenta passos da aldeia. A não ser pelos blocos de rocha – cinzentos e desgastados pela erosão –, a construção não sobressaía das demais. Um quase imaginário caminho, uma trilha, contornava a casa pelo flanco oriental, levando diretamente às duas portas que se abriam na face norte. Estavam ambas fechadas. Imaginei que se tratava das entradas para a sinagoga propriamente dita. Nessa mesma fachada norte, de uns quinze metros de comprimento, ocupando a esquina ocidental, via-se uma construção de menor envergadura e claramente diferenciada pela caiação das paredes. Tinha também uma porta, parcialmente vedada por uma cortina de lã vermelha. E, diante da que supus que fosse a moradia do saduceu, a quatro metros da entrada, um poço provido de uma trípole metálica da qual pendia um cubo de madeira. Amarrada ao parapeito da cisterna, uma parelha de asnos de pelagem preta e crespa me observava indiferente.

Fiquei indeciso. Daria a volta ao edifício à procura dos criados? Tremi ao lembrar-me de que os assassinos contratados pelo estalajadeiro para a minha eliminação eram precisamente empregados ou lacaios do velho sacerdote. Quem sabe a situação, à luz do dia, nos domínios da víbora, não fosse tão dramática? A reflexão não era um primor de sensatez. Assim, com mil precauções, caminhei na direção oeste da fachada. Ali a passagem era cortada abruptamente por um desnível – quase um precipício – que morria no leito do rio, a uns vinte metros de onde me achava. A parede oeste da casa se tornava assim um ponto de difícil acesso. De fato, como se o saduceu houvesse desejado converter aquele flanco em um bastião, a parede nem tinha portas. Quanto à meia dezena de janelas recortadas no estuque branco, a mais próxima do solo estava a uma altura de uns três metros.

Um pouco mais ao norte, seguindo o curso do arroio, havia um par de casinhas, amparadas uma na outra. Às portas de uma delas, bem à beira da rápida corrente de água, estavam vários homens ocupados no que me pareceu um trabalho de olaria. Sem o saber, eu acabara descobrindo a romântica oficina dos descendentes de Natan. Subitamente, o roçar de umas sandálias contra a terra batida tirou-me das minhas observações. A baixa e forte compleição do indivíduo que se aproximava pareceu-me familiar. Se não me falhava a memória, era o mesmo que eu vira saindo do albergue e que acabou fugindo pelos hortos próximos à fonte. Aquele elemento e o segundo, que Tiago perseguira, podiam ter sido os autores do roubo. Então a minha mão direita colou-se ao mecanismo ativador dos ultra-sons. Não foi necessário acioná-los. Ao reconhecer-me soltou o forçado de três dentes que levava na mão esquerda e, transtornado, aos berros, deu meia-volta e desapareceu atrás do cortinado vermelho. Fiquei atônito. A reação daquele homem era desmedida, não se justificava. “A não ser...” Sorri contrafeito. Senti meu estômago revolver-se. “A não ser que aquele desalmado houvesse participado do assassinio do “grego dormindo...”

Atraídos pelo escândalo, não tardaram a aparecer outros indivíduos. E atrás deles, castigando suas proeminentes mamas com o sacolejo da corrida, o saduceu, insone e visivelmente irritado com o alvoroço. Deus fez que eu me conservasse quieto. Assim, sem mover um músculo, tentando iluminar minha mente com alguma idéia oportuna e brilhante, esperei o desenlace da cena.

Enroupado em uma túnica cuja brancura feria os olhos, o saduceu penetrou como um carro de guerra no centro do confuso trio. Ouviu a sufocada e lastimosa versão do acólito e, sem tirar os olhos de cima de mim, ordenou-lhes que se retirassem. Aquilo me surpreendeu. Mas, sem perder a serenidade, continuei em meu papel de estátua. Só duas coisas podiam ocorrer. Ou que o velho cirrótico aproveitasse a solidão do lugar e me lançasse seus esbirros, ou

que desse meia-volta e me deixasse ali plantado. Pois sucedeu o que eu menos imaginaria. Ismael, astuto como uma raposa, pensava com o fulgor e a rapidez de uma chispa elétrica. Em segundos, desconcertado talvez pela minha aparente audácia, acionou uma radical mudança no colérico semblante e abriu um largo e artificial sorriso. Depois, com os braços abertos em sinal de paz, caminhou em minha direção. Como é de supor, aquela transformação tinha um inconfundível cheiro de traição. Disposto, porém, a conquistar os objetivos que me haviam levado, decidi colocar-me à sua altura.

– O Único, bendito seja, favorece os valentes.

O cumprimento, de par com o seu pútrido hálito, confirmou minhas impressões.

– Sê bem-vindo à casa de Ismael. Suponho que me procuras... – E, com uma desfaçatez difícil de igualar, tomou-me pelo braço e me fez caminhar ao seu lado. – ... Pressinto – acrescentou olhando-me de soslaio – que nosso encontro estava escrito no céu.

“Não podes imaginar quanto”, comentei no meu íntimo.

– ... É muito possível que ambos tenhamos cometido erros. Todavia, nada há que não possa ser resolvido pela palavra e uma oportuna taça de vinho. Peço-te que aceites a hospitalidade deste ancião.

Acreditei saber qual tinha sido o seu erro. Mas, qual era o meu? No mesmo instante me veio à memória a crítica cena da “blasfêmia” de Tiago. Eu estava lá.

Ao cruzar o umbral, a rusticidade exterior da moradia desapareceu. Atravessamos um pequeno saguão, todo ele revestido de pedra travertina e, com a mais falsa das reverências, o miserável chefe do conselho fez-me entrar numa segunda sala, sem janelas, em que se respirava um penetrante perfume de incenso. Atento aos meus movimentos, pareceu satisfeito ao ver o assombro refletido em meu rosto. A decoração revelava bem o seu desmedido amor pelo luxo. Era pouco menos que inconcebível que, em uma aldeia de gente tão modesta e sem pretensões pudesse instalar-se uma casa que talvez causasse inveja ao próprio procurador. As paredes, do solo ao teto, eram forradas de bronze. E, no centro geométrico de cada uma delas, incrustados nas placas, brilhavam diversos candelabros sagrados de meio metro de altura, trabalhados em uma espécie de pedra da Capadócia (alguma coisa similar ao cristal de quartzo). A transparência dos sete braços de cada *menorah* era tal que, mesmo sem janelas, brilhavam como diamantes. Duas enormes lanternas em forma de meia-lua, de ferro, delicadamente cinzeladas, pendiam das vigas do teto e cobriam a sala de uma suave luz dourada.

Suspensas à altura aproximada da minha cabeça (um pouco menos de 1,80 metro), as lâmpadas queimavam as mechas por diversos “cornos”, deixando

escapar o fio de fumaça do incenso pelo centro. O piso, deliciosamente fresco sob os meus pés descalços, era de lajes de “breccia” egípcia – o cobiçado alabastro cor de mel –, importada de Dshébel Urakan. E, no centro da “sala de estar”, outra jóia cujo preço exorbitante só podia estar ao alcance daquele corrompido representante da lei: uma mesa de quase um metro e meio de diâmetro e pouco mais de quarenta centímetros de altura, feita com lâminas circulares de limoeiro⁷⁶. (Entre os romanos, estes móveis alcançavam cotações milionárias. Conta-se, por exemplo, que Cícero possuía uma dessas mesas, avaliada em quinhentos mil sestércios.) Os pés, de marfim, eram guarnecidos com aplicações de conchas e pequenas esferas de ouro e prata.

Respondendo aos meus pensamentos, Ismael comentou, devorado pela soberba:

– Deus, bendito seja, outorga poder e glória a quem O procura. Apontando os almofadões de seda persa que rodeavam a mesa, rogou-me que me sentasse. A seguir, dirigiu-se ao *hall* e trocou algumas palavras com um criado. Ignorando meus gostos, voltou-se da porta perguntando se eu queria tomar vinho. Declinei do oferecimento. Todavia, diante da maçante insistência, não tive alternativa senão sugerir leite quente. Sorri de depreciativamente e, transmitida a ordem, foi esparramar-se, ofegante e cheio de dores artríticas, sobre os voluptuosos coxins.

– Então...

O malicioso Ismael repousou as sanguinolentas mãos no volumoso abdome e esperou que eu falasse. Sem saber o que dizer-lhe nem por onde começar, limitei-me a passear a vista pela milionária sala.

– Não debes assombrar-te – advertiu num tom corrosivo –. Estas ninharias foram inspiradas na glória da Grécia. Pelo que sei, és da Tessalônica...

Assenti, convencido de que Heqet já lhe havia adiantado todas as informações a meu respeito.

– E que faz um rico comerciante tão distante de sua pátria?

Ele tinha um ar de desafio, de acordo com sua condição, e eu fui deixando que me levasse até onde desejava. O que ele não sabia é que também eu o arrastava para um dos meus objetivos.

– Fiquei sabendo de um profeta chamado Jesus – disselhe com maldade – e procuro informação.

Ao ouvir o nome do seu antigo discípulo mordeu os lábios. Impetuoso e rude, balbuciou:

– Um profeta? Esse louco pretensioso?

Ele mordera a isca. Agora era só uma questão de ir recolhendo a linha.

– ... Eu fui seu mestre.

– Isso eu fiquei sabendo – interrompi-o, fingindo uma ardente curiosidade.

– E sei que teus lábios dirão a verdade. Diz-me: é certo que foi um aluno destacado?

A víbora mostrou as fauces. E a peçonha feriu-me no mais íntimo. Mas, enchendo-me de paciência, suportei a investida.

– Um efeminado destacado. – Tomado pela ansiedade do alcoólatra, estalou a língua. E, roído de ressentimento, acrescentou: – Melhor lhe teria sido casar com Rebeca e esquecer seus sonhos de grandeza. Depois de tudo, quem foi seu pai? E quem era ele? Carpinteiros ignorantes que não tinham onde cair mortos!...

– Efeminado? – lancei-lhe por minha vez, descendo ao seu plano. – Tu também não te casaste...

Os olhos cheios de olheiras ficaram vermelhos. E, medindo as forças do seu contendor, meditou antes de responder. Mas o ódio por Jesus era como um oceano. Nem mil vidas o teriam esgotado. Em cada palavra, gesto ou silêncio ele era áspero e destruidor.

– Eu consagrei minha vida ao Todo-Poderoso, bendito seja. E não vou permitir que me insultes. Menos ainda em minha própria casa...

– Nem eu que insultes os meus amigos.

A tensão foi reduzida pela entrada de um criado. Não o reconheci. Eu sabia que ao menos um entre os servidores do saduceu havia demonstrado sua lealdade à família de Tiago, avisando a respeito da ida de um mensageiro ao tribunal de Séforis. O indivíduo, jovem e enxuto, olhou-me com uma atrevida curiosidade. Poderia ser aquele o “contato” com os familiares do Mestre.

O velho apanhou o vinho com evidente desassossego. Agarrando a taça murrina antes mesmo que a bandeja fosse colocada sobre a mesa, sorveu o vinho convulsivamente, com a sede inesgotável dos etílicos. Observei com desconfiança minha porção de leite, igualmente servida em uma daquelas esplêndidas taças murrinas, uma espécie de ágata, postas em moda entre as classes abastadas desde sua introdução em Roma, por Pompeu, depois do triunfo sobre Mitrídates.

Uma cavernosa eructação relaxou um pouco a ansiedade de Ismael – não, porém, a sede – e ele, esvaziada a taça, estendeu a mão e exigiu a imediata reposição do vinho na taça. O criado, com a jarra de bronze coríntio preparada, parecia só esperar a ordem. Despejou o espumante e leve néctar, e, como um autômato, colocou a jarra no chão, ao alcance da mão do amo. O saduceu percebeu meus receios. Riu como uma hiena, incapaz de articular palavra, e fez sinais ao jovem para que provasse o leite. A fria e dócil submissão do criado – que cumpriu a ordem sem pestanejar – deixou-me perplexo. Aquele parecia outro hábito daquela casa infernal.

– Grego insolente! – berrou quando o criado já se havia retirado. –

Acreditas que sou capaz de envenenar um amigo do procurador? Digo-te uma coisa: admiro tua coragem...

A mão do egípcio continuava pairando naquele desagradável encontro.

– ... Sabes defender teus amigos. E isso não é nada comum nestes tempos. Mas diz-me: por que te interessas por um profeta morto?

Riu de sua própria galhofa.

– Talvez – improvisei – porque soube enfrentar os corruptos.

– Nisso reconheço uma certa verdade – respondeu com cinismo. – O carpinteiro tinha a audácia dos ignorantes. Desde menino demonstrou uma mórbida inclinação para o desafio e a polêmica. O conselho, e eu mesmo, tivemos de repreender sua família em inúmeras ocasiões. Introvertido, ególatra e blasfemo, empenhava-se em falar com o Único (bendito seja) como se fosse seu pai. Estava possuído. Violava o sábado e sua palavra era fonte de contínuas disputas entre a juventude. Sendo ainda um desprezível bebê, chegou a colocar-me em ridículo. Atreveu-se a desenhar o honorável rosto do seu mestre nas lajes da escola...

Com toda a frieza de que fui capaz continuei desafiando-o.

– Dizem que operou prodígios em Caná...

A gargalhada daquele bastardo derrubou o filete de cinza do incenso.

– Caná!... Água em vinho! – Mostrou a taça e cuspiu no seu interior. – Se nesta comarca há alguém que entende de vinhos sou eu... – Não duvidei... – Quem presenciou o prodígio?

– Pelo que sei, sua mãe...

– Tu o disseste! – vociferou, atirando os restos de vinho no piso da sala. – Sua mãe!... E ninguém mais! Jesus só fazia maravilhas diante da família...

– Não compreendo.

– Caro grego – passou a um tom paternalista –, outros, menos inteligentes, se deixaram embasbacar por sua suposta ressurreição, falsas curas e multiplicação de pães e peixes. Alegro-me que tu, muito mais sensato, o perguntes também a seus “inimigos”. Ouve isto: certa ocasião esse ingrato apareceu por aqui, em sua aldeia. Eu mesmo o interpelei e o desafiei a que fizesse brotar vinho velho do meu poço. – Moveu a cabeça, em sinal de desqualificação pelo Mestre... – Acovardado, fugiu para Nahum. Aos outros é possível; a nós que o vimos crescer não podia enganar-nos.

– Nunca houve profeta em sua terra.

– Os profetas – retrucou, autoritário – jamais se proclamaram filhos de Deus. – E, afogando o torturado espírito com uma terceira taça de vinho, deixou o assunto preparado para a sentença. – Enfim, já vês como terminou. Se houvesse seguido meus conselhos teria sido um homem simples e estimado.

Amanhã ninguém o recordará... Quanto à sua família, eu me encarregarei de liquidá-la e de limpar a aldeia de tanta imundície.

Pouco mais eu poderia esperar daquele lodaçal. Mas, aproveitando a insinuação; arrisquei-me a interrogá-lo acerca de suas intenções imediatas. O réptil não caiu na cilada. Em um tom de inequívoca advertência me recomendou que, para minha segurança, cuidasse de “mudar de ares”.

– Ou melhor ainda – retificou com a sibilina intenção de utilizar-me. – Eu estarei disposto a relevar teu erro, sempre que me ponhas a par dos projetos desses indesejáveis...

Tentando pensar na sua mesma velocidade e de conhecer suas turvas manobras simulei que não compreendera.

– Meu erro?

– Tua ingenuidade me comove. Precisamente tua condição de prosélito te coloca em uma delicada situação... – Dessa vez não consegui entender o significado de suas ameaças. – Suponho que sabes de uma das acusações que o levaram à execução. Esse renegado se declarou “rei dos judeus”... Pois bem, seus partidários são igualmente inimigos do César. Convém a ti tornar-te suspeito de conspiração contra Roma?

Desfeita a dúvida sobre “meu erro”, comecei a avaliar a “oferta”. Talvez fosse benéfico “render-me” aos seus propósitos...

Ele me deixou refletir.

– Meu trato – explicou astuciosamente – pode salvar-te da ignomínia e de algo pior...

Enquanto eu permanecesse na aldeia – e o meu retorno para o *yam* estava marcado para a manhã de sexta-feira, 28 – o único risco calculado que em verdade eu corria já havia sido apontado pelo saduceu e ensaiado pelo egípcio. Nesse sentido eu tinha de agir com pés de pluma. Era necessário ganhar tempo e aplacar a ira do chefe do conselho, na medida do possível. A operação não podia ser comprometida pelas intrigas daquele miserável. Se eu obtivesse uma “trégua” – se possível até a sexta-feira –, meu trabalho em Nazaré seria favorecido. Certamente que não se tratava de trair meus amigos. Nem o estrito código do Cavalo de Tróia o permitia nem eu me disporia a isso. Se o velho queria informações acerca dos planos da família de Jesus, eu as daria... à minha maneira. Estabelecer uma secreta “relação” e manter-me a par dos seus movimentos podia ser proveitoso para meus planos.

– Em troca o que me caberá? – perguntei, fingindo não haver percebido suas ameaças.

O álcool permitiu-lhe uma momentânea lucidez. Convencido de que tinha

diante de si um estúpido total, aventurou-se a revelar:

– O Sinédrio de Séforis decidirá amanhã a sorte de Tiago, de sua família e de quantos proclamam a ressurreição do carpinteiro. Aqui, tudo passa por minhas mãos. Se aceitares, não haverá acusação contra ti e poderás voar em liberdade...

Ao pronunciar a palavra “voar” foi tomado de um risinho nervoso e cheio de funestos augúrios. E só mais tarde eu descobriria o verdadeiro sentido da frase seguinte do saduceu:

– A partir de hoje, muito poucas pombas desfrutarão essa liberdade...

– Está bem – afirmei-lhe, ansioso por dar um desenlace àquela repugnante conversa. – Mas exijo algo mais... – Seus olhos se abriram como os de um mocho à espreita... – Vou trazer-te as mais exaustivas informações sempre e quando, além da minha segurança, me garantires a devolução do que me foi roubado na pousada e...

Não me permitiu concluir.

– Feito! Tua prudência é própria dos homens sábios. Falamos do teu erro e creio que também deveríamos falar do meu. – O tom, condescendente, impróprio de um réptil, pôs-me em guarda. – Deves compreender este velho e cioso guardião da lei. Vivo por e para Yaveh, bendito seja, e para essas simples e infelizes criaturas que estão a meu cargo...

“Repugnante hipócrita”, gritei no meu íntimo.

– ... Por isso, e te peço que me desculpes, dei ordens para que verificassem teu quarto na pousada. Outro, em meu lugar, teria feito o mesmo. A pureza da doutrina vem primeiro. E tu, não podes negar, irrompestes em nossa aldeia como amigo e partidário desse perigoso revolucionário, felizmente executado. Se eu soubesse que eras um homem sensato e, além disso, amigo de Pôncio, esta conversa teria tido lugar bem antes. Quando estiveres com o procurador (porque sei que vais vê-lo), fala-lhe de Ismael e do seu zelo... – Comecei a sopesar o que estaria por trás daquele mais do que suspeito reconhecimento de sua culpa. – Amanhã, se me fizeres a honra, poderás apreciar o refinamento da minha cozinha. E ficarei encantado de restituir-te o que é teu, sempre e quando – enfatizou congelando as palavras no ar – o honorável grego cumpra o acordo...

– Há algo mais.

Consumado ator e impenitente embusteiro, fingiu surpresa. Eu, tentando tirar partido da idéia que acabava de me ocorrer, mostrei-lhe o que já conhecia: o salvo-conduto de Pôncio.

– A agudeza da tua inteligência – esgrimi com idêntica teatralidade – poderia perder-se em um lugar tão remoto como este. É certo que o procurador me aguarda em Cesaréia. E não menos certo que eu poderia falar de teu zelo e

fazer mais não só por Pôncio, mas também pelos grandes rabinos do Sinédrio de Jerusalém e, em breve, pelo próprio Tibério...

A cobiça e a ambição assomaram no congestionado rosto. Sorveu a última gota da jarra, babando de prazer, e me pediu que lhe desse mais detalhes. Como eu imaginaria, o meu malévolo plano caiu em terreno fértil...

– Eu poderia fazer chegar um informe teu à máxima autoridade do império. Em troca, só desejo da tua provada magnanimidade algumas minúcias...

– Minúcias? Informe? A que te referes?

Com estudada frieza fui explicando minhas pretensões. Quem melhor do que ele para redigir um informe sobre a figura de Jesus e as “blasfemas e revolucionárias atividades” que começavam a registrar-se em Nazaré? Minha exposição, adornada com um incessante cântico à sua honorabilidade, acabou por conquistá-lo. Transpirando vaidade, aceitou, se bem que insinuasse com desconfiança:

– Darei o que pedires, salvo uma coisa: o perdão para esses miseráveis.

Fazendo-me cúmplice do seu ódio assegurei-lhe que não era essa a minha intenção.

– Tua palavra me abriu os olhos. Não desejo modificar o rumo do destino. Como te dizia, só pretendo umas “minúcias”...

– Fala então.

Medindo cada sílaba, fiz-lhe ver que, “por motivos estritamente pessoais, desejava vingar-me de um dos discípulos do profeta”, mas que, incompreensível e suspeitosamente, ele havia desaparecido. E, sem perder o ar cínico com que me havia mascarado, manifestei-lhe meu fingido temor.

– Existe a possibilidade – afirmei-lhe baixando a voz – de que esse orgulhoso e venenoso João de Zebedeu haja fugido para Séforis e tente prejudicar-me, denunciando-me aos funcionários de Antipas. No caminho para Caná neguei-me a curar um dos seus companheiros e ele jurou vingar-se.

Esse dado, com o qual joguei deliberadamente, não podia ser ainda do conhecimento do saduceu. E, admitindo que ele pudesse descobri-lo, o “traço de honradez”, sem dúvida, laboraria em meu favor.

Desconfiado e astuto, deixou-me terminar.

– ... É minha intenção acabar com ele, antes que ele consiga envolver-me em um sempre aborrecido pleito.

– E a segunda minúcia?

– Tive conhecimento (corrigi-me se não for verdade) de que há anos o próprio Jesus te vendeu uma harpa de sua propriedade...

Sem conseguir adivinhar onde eu queria chegar, franziu as sobrancelhas como quem luta por lembrar...

– Pois bem, se for assim e se ainda a conservas, gostaria de tê-la e dá-la a Procla, a esposa de Pôncio.

A cadeia de improvisadas mentiras deixou-o fora de combate.

– A harpa!... Sim, claro que me lembro. Mas, não entendo... Mais assombrado do que o saduceu com a minha própria capacidade de inventar, prossegui:

– Trata-se de um sonho. Na véspera da crucifixão, a mulher do procurador teve uma visão. Nela apareciam o profeta e a harpa... Sinto muito mas não posso dizer-te mais do que isso.

Ismael permaneceu calado e confuso. Parecia obcecado, procurando obscuras intenções nas minhas propostas. A segunda, aparentemente de menor importância, ficou em suspenso.

– A harpa! Dá-me tempo. Terei de procurá-la...

Aceitei, com ar compreensivo.

– Amanhã terás uma resposta. Quanto a esse Zebedeu... – Observou-me astuciosamente. E, enroscado em sua maldade, sentenciou com irritante laconismo: – Talvez tua “minúcia” já tenha sido satisfeita...

Um cruel pressentimento me apertou a garganta. E pouco faltou para que me delatasse. Que teria ele querido dizer com isso? Qual a relação entre aquele miserável e a inexplicável ausência do discípulo? Por que meu simulado desejo de vingança já estaria cumprido? E com um ar indiferente o pressionei.

– Agora sou eu que não entendo.

Não mordeu o anzol. Esforçou-se penosamente para se pôr de pé e deu fim à entrevista.

– Amanhã, grego ladino, darei satisfação à tua curiosidade. Terás preparado o informe e, além da harpa e de um suculento jantar, partilharás comigo outras surpresas...

A prudência me obrigou a parar por ali. Aquele indivíduo era mais escorregadio e velhaco do que eu havia imaginado. Teria de pesar meus movimentos. E ao deixar a casa – não sei como explicar – meu instinto se agitou, advertindo-me de algo aterrorizante. Talvez me houvesse precipitado indo à casa do saduceu. A intuição me aconselhava: não devia voltar.

Os pés, alheios ao meu pensamento, acabaram por levar-me à casa da Senhora. Por que havia eu sentido aquele desassossego ao despedir-me do velho rufião? Seria por mim ou pelo Zebedeu?

A porta aberta devolveu-me à realidade. Estranho! Por que a mudança nas rigorosas preocupações da família? Espiei e percebi que a sala estava deserta. Gritei para advertir da minha presença. Ninguém respondeu. Repeti a saudação

sem nenhum resultado. Temendo abusar da hospitalidade dos meus amigos contive o impulso de entrar. Retrocedi alguns passos, inspecionando a rua solitária. A ausência de gente nas imediações me pareceu igualmente anormal. Que teria acontecido? Preocupado, ainda, pelas enigmáticas e nada tranquilizadoras palavras da víbora, sentime assaltado por um torvelinho de hipóteses. Mas quando me dispunha a bater na porta contígua, da casa de Jacó, uma voz me chamou, do terraço. Respirei aliviado. Era Tiago. Fez-me um sinal para que eu esperasse e logo depois apareceu no vão da porta da oficina. Fez-me entrar, fechou a porta e deu alguns passos pela sala. Num primeiro momento atribuí seu estado à noite maldormida. As olheiras e os olhos vermelhos não podiam ter outra explicação. Isso era correto, em parte.

– Que é que está ocorrendo?

Percebendo minha ansiedade, o galileu foi diretamente ao problema que o preocupava.

– João...

– Apareceu? – perguntei-lhe, demonstrando minha alegria.

– Essa é a questão – respondeu quase sem voz –, é que ele continua sem dar sinais de vida. Esta manhã, um dos tropeiros que transporta linho de Séforis me disse que ninguém o viu na cidade.

– Então...

– À noite, ao voltar para casa, um dos criados do saduceu, fiel aos ensinamentos do meu irmão, foi procurar-me de novo para confirmar sua primeira informação: o Zebedeu havia solicitado uma entrevista com a víbora. Ismael trocou palavras com ele. Aí o seu rastro desapareceu. Jasão, esse irresponsável do João deve estar ainda na casa...

– Não creio. Ou melhor – apressei-me a retificar diante do perplexo olhar de Tiago –, creio que não é possível...

– Por quê?

– Acabo de sair do covil desse réptil e, segundo pude observar, o Zebedeu não está lá.

Lendo em sua face a surpresa esperada, adiantei-me aos seus pensamentos e lhe referi parte da minha entrevista com o chefe do conselho, assim como a agendada segunda reunião, prevista para o entardecer do dia seguinte. Creio que entendeu e aceitou minhas razões. Certamente tive especial cuidado em omitir as tenebrosas intenções do saduceu com respeito à sua família. Ainda que, para dizer a verdade, não constituíssem novidade alguma.

Durante alguns instantes distraiu-se acariciando a barba com os dedos. Por fim, movendo a cabeça negativamente, não ocultou seu temor.

– Não gosto disso. – E, retrocedendo a um dos pontos-chave do meu relato

de pouco antes, observou com uma sombra de incerteza na voz: – Minha mãe tem razão. É possível que tua “suposta vingança” já tenha sido realizada.

– Que é que imaginas?

Olhou-me compadecido.

– Amigo Jasão, tu não conheces esse patife... Se João cometeu o erro de o desafiar...

Depois calou-se. Para ele, a dramática culminação daquele pensamento era algo vivo e palpável. Para mim, que conhecia “o futuro”, um fim trágico para o Zebedeu no ano 30 não tinha fundamento. Todavia, ainda que ardesse em desejos de o tranquilizar, contive minha língua.

– Quais são os teus planos?

Sorriu tristemente.

– Procurar um cadáver...

– Mas...

Não admitiu o protesto.

– Aqui, Jasão, as notícias voam. Crês que não estamos informados do que ocorreu nesta madrugada no albergue? Toma nota: esse é o estilo da víbora e dos seus laaios. Pensas que João teve melhor sorte? – Eu não podia dizer nada e nem ele me deixou... – Não, Jasão. Prefiro enfrentar os fatos. A visita ao chefe do conselho e sua desapareição parecem uma mesma e única coisa.

O silêncio foi a mais eloqüente resposta. Guiado pelo seu senso de prudência, pediu-me que aquela conversa não continuasse.

– Em especial – acrescentou com uma raiva mal contida – depois do ocorrido na noite passada...

Supus que fazia alusão ao plano de assassínio tramado por Heqet. Mas o comentário de Tiago que se seguiu tirou-me do engano. – ... Bastardo! Não respeita nem os animais...

– De que falas?

– Vem e verás.

Conduziu-me ao curral e, tomando a dianteira, subiu ao terraço, por uma escada de mão. Uma vez lá em cima, percebendo que eu vacilava, instou-me que o seguisse. Ao pôr os pés no terraço parei, aturdido. Míriam, ao fundo, parecia consolar sua mãe. A Senhora, sentada no piso, tinha a cabeça entre os joelhos. À esquerda das mulheres, Jacó, de cócoras, examinava alguma coisa com grande atenção. Tiago juntou-se ao grupo. E eu, intrigado, o segui. Ao deparar no solo com o motivo da minuciosa observação de Jacó compreendi o porquê da desconsolada atitude de Maria e alguma coisa mais... E no firmamento da minha memória apareceu a figura do saduceu, com aquele risinho nervoso e a frase que – idiota que eu fui! – eu não soubera interpretar: “A partir de hoje, muito poucas

pombas desfrutarão essa liberdade”.

– Por quê?... Por quê?

A Senhora, arrasada e em pranto, formulava e repetia a pergunta. Nenhum dos filhos soube responder-lhe. E meus olhos cruzaram-se com os de Tiago.

– Amigo Jasão – disse com amargura –, tu não conheces esse homem...

No terraço jaziam quinze pombas mortas. Ao fazer de manhã esse macabro achado, Maria se havia apressado a avisar todos. Curiosa e suspeitosamente, o autor ou os autores da mortandade não agiram no pombal existente no pátio da frente. Era menos comprometedor subir pelas escadas exteriores, acopladas à parede, e eliminar as pombas abrigadas no anexo do pombal situado ao fundo do terraço, em pequenas gaiolas, ao amparo do parapeito. Por sorte, as vinte aves que faziam ninho habitualmente no curral continuavam arrulhando e alegrando a casa com seus vôos brancos, negros, verde-azuis.

Ao examinar as aves abatidas observei restos de vômitos sobre o piso de argila pisada. Jacó mostrou ao cunhado uma das vasilhas de madeira que serviam de comedouro. Junto com os grãos que constituíam o alimento habitual viam-se restos de uma raiz, em fragmentos miúdos. Tiago apanhou alguns deles e os cheirou.

– Não há dúvida – disse em voz baixa. – Envenenadas.

Pedi-lhe os fragmentos. Não pude identificá-los. Ele me esclareceu com uma palavra:

– Acônito.

Eu havia notado essa planta entre as ervas que cresciam nas colinas. Sua raiz contém uma alta concentração de alcalóides, entre os quais a “aconitina”, um dos venenos mais rápidos que se conhecem. Mesmo na atualidade ainda não se descobriu um antídoto específico⁷⁷. Sua raiz (anapelo) é confundida às vezes com os rabanetes picantes. Eram suficientes quatro ou cinco miligramas para provocar a morte em um ser humano. No caso das pombas, a dose letal devia ser, claro, infinitamente menor.

– Filho de mil rameiras!

Jacó mordia os pulsos. Todos, sem necessidade de maiores explicações, nos mostramos de acordo sobre a identidade do canalha que havia maquinado tão revoltante ato. Mas ninguém pronunciou seu nome. Tampouco se necessitava de muito tino para compreender que aquele doloroso extermínio das inocentes aves era uma advertência. E, pela segunda vez na luminosa manhã de quarta-feira, 26 de abril, me arrependi de haver feito um trato com o saduceu.

As pombas foram colocadas num saco, juntamente com todo o alimento que ainda existia nos comedouros. Parece que o pombal do curral já havia sido

examinado por Míriam e o marido sem que nada encontrassem de anormal. Maria, enxugando as lágrimas, foi levada para baixo. Eu e Tiago fomos os últimos a descer. Ao aproximar-me da mureta de pedra de meio metro de altura que cercava e protegia o terraço, notei duas caixas de madeira de pinho. Entretive-me uns segundos a observá-las, quase sem querer, e não tive dúvidas. Sentime emocionado. Tiago, com um pé na escada, observou meus movimentos e, em silêncio, aguardou minha reação. Estava certo. Aquelas caixas retangulares, de sessenta por quarenta centímetros, enegrecidas pela umidade e cheias de areia salpicada de excrementos de pombos, deviam ser as que Jesus utilizava em seus brincedos. A Senhora, amorosa como sempre, as havia conservado. Tomei um punhado de areia e mostrei-a a Tiago. A luz que deve ter percebido em meu semblante o fez esquecer por um momento o desgosto da morte das pombas. Sorriu agradecido e confirmou minha suposição. Naquele terraço, com aquelas caixas, o menino Jesus havia dado asas à sua imaginação e à sua fantasia durante muitos e felizes anos.

Dois minutos depois, o risonho rosto do meu amigo, imerso na areia das recordações da distante infância, adquiriu a inevitável aridez do amargo momento. A família, com a ausência de Ruth, tentou em vão serenar-se e analisar a situação com a pouca ponderação que restava em seus exaltados ânimos. Míriam, nervosa, propôs convocar o conselho do povo e dar conhecimento da maldade do saduceu. Tiago refutou a idéia, argumentando com muita razão que “não era preciso demonstrar o que todos conheciam de há muito”. De outra parte, a notícia do envenenamento – além de haver-se propagado já por Nazaré – não era motivo suficiente para reunir Ismael e os demais anciãos. A quem denunciar? Como provar que se tratava de uma ação deliberada? Não havia provas nem testemunhas. As raízes de acônito podiam haver chegado aos comedouros de mil formas.

Míriam protestou. Até as crianças sabiam da mortífera ação dessa planta. Quem iria confundi-la e misturá-la com os grãos?

Tiago, apesar da sensata exposição da irmã, fez-lhe ver que a crueldade e o poder do chefe do conselho poderiam destruir tais argumentos e piorar a já delicada posição da família. Era preciso que os passos seguintes fossem minuciosamente estudados. E após mais algum tempo de infrutuosa discussão – desprezada uma vez mais a sugestão de Jacó de abandonar a aldeia – o grupo teve de resignar-se ao acordo feito na véspera: esperar o desenlace da sessão do tribunal de Séforis, prevista para a manhã do dia seguinte.

– Neste instante – acrescentou Tiago encerrando a reunião – convém conservar a calma e nos esforçarmos para encontrar... – Hesitou um pouco. E, olhando-me de soslaio, mudou seu pensamento. Falar do “cadáver” de João seria

atirar lenha seca ao fogo voraz que consumia os presentes – ... o nosso amigo. O Zebedeu – observou, sem poder disfarçar de todo a sua preocupação – tem de estar em alguma parte.

A Senhora, ao ouvir o nome do discípulo, esboçou um amargo sorriso. Mas nada disse. Que se podia esperar de um canalha sem entranhas, capaz de exterminar umas inocentes pombas?

Jacó apanhou o saco e se dispôs a seguir seu cunhado. Quanto a mim, ainda que não convidado, decidi acompanhá-los. Ao notar minha disposição, Tiago olhou-me fixamente e me formulou uma só questão:

– Estás certo de que queres unir-te a nós? Os olhos do saduceu estão em toda parte.

Aproximei-me dele e lhe sussurrei ao ouvido:

– Não te esqueças de que sou cúmplice do patife.

Sorriu constrangido. Naquele momento devíamos estar perto da “terça” (9 horas). Recomendou à Senhora e a Míriam que fossem reunir-se com Esta, deu meia-volta e se dispôs a iniciar a busca. Mas ainda estava com a mão no ferrolho quando uma voz o chamou da mesa. A Senhora, saindo, enfim, da sua melancolia, atravessou a sala como um meteoro e arrebatou das mãos de Jacó o saco em que estavam os despojos das suas pombas.

– Isto é coisa minha! – exclamou sem olhar para ninguém. Jacó deu de ombros. Tiago, conhecendo a teimosia da mãe, achou que estava bem.

– Depois de tudo – reconheceu, resignado –, são suas pombas.

Míriam concordou em ficar. Recolheria os seus filhos e logo mais iria para a casa da cunhada.

Já na rua, o filho advertiu Maria sobre duas questões importantes. Primeira: nada de escândalos nem provocações. Segunda: as aves seriam enterradas na colina, no momento oportuno. E, em um tom que não admitia “mas” nem “todavia”, aconselhou-a a cumprir suas ordens. A Senhora não respirou. E, às voltas com suas pombas e sua tristeza, empreendeu a caminhada logo atrás dos seus filhos. Eu, para não perder o costume, fechei o insólito cortejo.

Para dizer a verdade, a busca do cadáver de João me parecia um esforço estéril. Mas, com os lábios selados, que podia eu fazer? “Depois de tudo” – me consolei – “talvez a ‘excursão’ acabe instrutiva.” Sábia reflexão a minha...

Os galileus, a boas passadas, sabendo sem dúvida para onde se dirigiam, tomaram a direção oeste. Pois bem, apesar das claras recomendações de Tiago, a Senhora, fazendo ouvidos moucos às advertências irritadas de Tiago, não hesitou em deter-se meia dúzia de vezes para mostrar o conteúdo do saco a quantas matronas – curiosas e tagarelas – lhe saíram ao encontro interrogando-a acerca da matança. E a todas, com uma bravura que raiava a inconsciência, gritou-lhes

o nome do “assassino”: Ismael, o saduceu. O suplício prolongou-se até o limite do povoado. E não por falta de vontade da impetuosa Senhora, mas de interlocutores.

Ao notar que se dirigiam para a esplanada da sinagoga sentime tremer. Se Maria resolvesse passar diante da casa do chefe do conselho, a consequência poderia ser um terremoto. Mas me enganei. Os “guias”, imaginando o mesmo que eu, evitaram o lugar. Introduziram-se em um cinturão de hortos e contornaram o lugar e a tentação. Em várias oportunidades pararam para conversar com alguns felás. As perguntas, sempre as mesmas, giravam em torno da sorte de João. Mas nenhum deles – ignoro se diziam a verdade – soube dar-lhes uma informação. Entraram por uma estreita picada, das muitas que dividiam as pequenas propriedades, foram descendo pela base ocidental do Nebi e dali rumaram para o rio.

A Senhora, extenuada como poucas vezes a havia visto, tropeçou duas vezes. Na última, ao cair de joelhos, feriu-se. O saco rolou pela encosta. Apressei-me a ajudá-la e recolhi a carga. Neguei-me, porém, a devolver-lhe o saco. Dei-lhe o braço e recomendei-lhe que se apoiasse nele, facilitando um pouco a caminhada pelo áspero e pedregoso terrapleno. Nada disse. Mas a forte pressão dos seus dedos sobre a “pele de serpente” foi mais um solene sinal da sua angústia.

À borda do rio (rumorosa, veloz e mais do que mediana torrente), Tiago e seu companheiro dedicaram uns minutos à busca entre os juncos e caniços que se alinhavam ao lado do curso de água. Desanimados, prosseguiram corrente acima até alcançar uma rústica e nada segura pontezinha de troncos, unidos com um cordame tão desfiado que só com um olhar podia romper-se. Decididos, venceram os três metros de ponte – quase “milagrosos”, diria eu – e tomaram a direção das duas casas que eu havia observado da esplanada da sinagoga horas antes.

A Senhora, manquitolando e com o rosto crispado pela dor, deteve-se junto à ponte. Parecia que as forças a abandonavam. Sem uma palavra tomei-a nos braços, sorrindo-lhe. Deixou que o fizesse. E eu, encomendando-me aos céus, fui Tateando o pavimento da carcomida armação. Um, dois, três rangidos me apavoraram. Aquilo podia vir abaixo a qualquer momento. Ao quarto, um dos troncos cedeu ao nosso peso e a minha perna esquerda precipitou-se no vão. Resisti ao golpe, mantendo a Senhora contra o meu peito. Lamentavelmente, meu saco de viagem, que pendia do ombro esquerdo, caiu na corrente, desaparecendo em segundos. E com ele as sandálias “eletrônicas”. Jamais voltaria a vê-las. Se algum habitante de Nazaré chegou a encontrá-las e conseguiu descobrir o complexo mecanismo da sola, suas perguntas – sem

resposta – deviam ter sido muitas...

Maria, pálida, sugeriu-me que a pusesse no piso da ponte. Só assim seria possível livrar-me da ridícula e embaraçosa situação. Não tive de pensar muito. Os habitantes das casas alertaram com seus gritos Tiago e Jacó, que rapidamente nos acudiram. Posta a salvo a Senhora, pude, com a ajuda da vara de Moisés, tirar a perna do buraco e saltar como um gamo sobre terra firme. Jacó, ao ver minha palidez, sorriu divertido. Estava ele longe de saber que eu perdera a cor por outra coisa muito diferente. Na agitação toda por que eu passara não me apercebera de uma coisa que teria sido realmente grave. Deus quis que fosse o saco de viagem e não o precioso cajado, a “vara de Moisés”, a cair no rio. A perda da “vara” teria sido uma desgraça irreparável.

Tiago conduziu sua mãe até o portão de uma das casas. Ali, sentada em um banco de pedra, foi atendida pelos três oleiros, filhos do falecido Natan e velhos amigos da família. Jacó, carinhoso, devolveu-lhe o saco com as pombas, enquanto outro dos jovens lhe oferecia um copo de água. Houve uma rápida conversa. Os artesãos afirmaram não dispor de notícia alguma do Zebedeu. Tiago e Jacó se dispuseram então a reiniciar as buscas.

A boa vontade de Maria não foi suficiente. Seu joelho direito, inflamado devido à queda que ela sofrera na esplanada, desaconselhava excessivos movimentos. Tiago, contrariado, sentou-se ao seu lado. Durante alguns instantes os dois ficaram a observar-se mutuamente. Maria, oprimida, chegou ao desconsolo, convicta de que uma vez mais sua obstinação havia causado contratempos e preocupações. E acabou baixando o rosto, em sinal de auto-humilhação. O nobre galileu, porém, não o permitiu. Abandonou o mau humor, tomou as mãos da mãe e beijou-as.

– Não te aflijas, mãe – disselhe entre a súplica e o sorriso. – Já sei o que vamos fazer.

A mulher fitou-o agradecida. O verde dos seus olhos havia voltado a enevoar-se.

– Enterraremos tuas queridas pombas aqui junto do rio. Acompanhado de um dos oleiros, Tiago penetrou numa das construções que servia de oficina, armazém e forno. Os outros artesãos voltaram às suas ocupações. Diante do portão, entre uma fileira de vasilhas de barro de mil formas e tamanhos, havia dois tornos. Ambos, à margem do rio, eram movidos por um conduto de madeira, em forma de Y, que partia de uma não menos primitiva nora de metro e meio de diâmetro, assentada num trecho remansoso do rio. O empuxo da corrente, pelo menos naquela estação, bastava para mover e carregar a dúzia de canos cravados na estrutura da roda. E, mansamente, controlado, o líquido se derramava sobre as massas de argila depositadas nas rodas superiores dos tornos.

Aquele ofício, abençoado desde a Antiguidade por Yaveh, tinha algo de mágico e fascinante. Não era de estranhar que Jesus e seus amigos passassem horas e horas diante do velho Natan, vendo girar as gotejantes bolas de barro. Magnetizado, imaginando os olhares ardentes daquele Jesus menino, aguardei a volta do galileu desfrutando o espetáculo daquelas mãos hábeis que acariciavam, feriam, aparavam e moldavam a massa em uma imperceptível e perfeita coordenação com o impulso proporcionado ao disco inferior. Um pé descalço, geralmente o esquerdo, era o “motor” do torno. Ao impelir a roda, mãos, olhos, corpo e alma se fundiam em um todo, operando o milagre da beleza.

Enganam-se muito os que crêem e proclamam que os israelitas não se notabilizaram na arte da cerâmica. Herdaram eles a técnica dos sírios, mas, a partir do século X a.C., a sensibilidade de suas formas se destacou e propagou como uma fresca brisa. Para evitar que o barro ficasse excessivamente pegajoso, em lugar de servir-se da areia, do quartzo ou da sílica, aqueles artesãos recorriam à cal pulverizada, cozendo depois as peças com muito cuidado e a temperaturas inferiores às habitualmente exigidas para as preparadas com sílica. Sua destreza era o fruto de um minucioso conhecimento das técnicas. Enquanto um fabricava toda sorte de vasilhas, pratos, ânforas e painéis – peça a peça –, o segundo trabalhava “em série”. Colocava uma carga de barro na roda superior e, acionando a inferior, a convertia em uma peça cônica. Secionava então o bico do cone com um fino cordel que pendia do pulso direito e assim obtinha o corpo de um pequeno jarro. E, sem deixar de impulsionar o torno, preparava um segundo exemplar. Essas jarrinhas e vasos de especial finura e acabamento – empregados geralmente em cosmética – levavam o específico selo da olaria judia: o engobo, ou seja, uma delicada camada de barro de melhor qualidade, que se aplicava a pincel, ou por meio de banho, nas partes da vasilha que se desejava decorar⁷⁸.

Ao notar o meu interesse, o artesão que fabricava os jarros sorriu compreensivamente. E, sem interromper o trabalho, perguntou se eu era amigo da família. Minha resposta tranqüilizou-o. A julgar pela sua idade, orçando pelos quarenta ou quarenta e cinco anos, aquele homem devia ter sido companheiro de Jesus menino ou adolescente. E, lembrando-me das explicações da Senhora acerca da predileção de seu Filho pela moldagem em geral e aquela oficina em particular, arrisquei-me a interrogá-lo a respeito. Foi assentindo em silêncio. Conhecia a história.

– Meu pai – referia-se ao velho Natan – tinha uma especial estima por Jesus. Era rara a tarde em que não aparecia por aqui... – E, apontando Jacó com um movimento de cabeça, acrescentou, sem dissimular a nostalgia: – Que tempos! A este pobre sempre lhe cabia o pior: amassar o barro. Meu pai trabalhava aqui mesmo, neste torno. E Jesus e Jacó se sentavam onde estás

agora... E aí permaneciam horas e horas, vendo girar as rodas. De quando em quando, nos momentos em que meu pai entrava na oficina, ambos disputavam o lugar e, às escondidas, faziam girar as rodas. A aventura terminava sempre com umas tortinhas.

Tiago e o terceiro dos irmãos, munidos de enxadões, trocaram algumas palavras à porta do armazém. Depois, seguidos por Jacó e por Maria, aproximaram-se da segunda casa, detendo-se diante de uma velha amiga de Natan: uma frondosa figueira de quase cinco metros de altura, de ramos frescos e revigorados pela recente primavera. Escolhido o lugar, e revezando-se no trabalho, escolheram uma parte do terreno argilosa e fofa e abriram duas fossas de quase meio metro de profundidade. O silêncio, brotando dos corações, só era rompido pelos impactos das ferramentas e a respiração ofegante dos “coveiros”. As vespinhas responsáveis pela polinização da figueira (a *Blastophaga psenes*), tão surpreendidas como eu mesmo diante daquela invulgar comitiva, resolveram retirar-se para as cabeleiras emplumadas das altas canas da beira do rio.

Na intenção de abreviar a cerimônia, Jacó foi alinhando as pombas à beira das covas. Tiago e o oleiro, apoiados nos longos cabos das enxadas, aguardavam a decisão da mulher. Maria, ajoelhando-se com dificuldade diante das suas queridas aves, não demorou a começar a penosa cerimônia. Tomou a primeira com ambas as mãos e, levando-a aos lábios, beijou-a no bico. Depois, com o silêncio como a quinta testemunha, a colocou com uma delicada doçura no fundo da cova.

– *Pinta... minha pequena Pinta...*

Ao presenciar a comovente despedida, Jacó rangeu as mandíbulas e, assaltado pela ira, separou-se do grupo e foi para a beira do rio dar largas à sua amargura.

– *Enamorada... Minha querida Enamorada...*

Com a terceira pomba, as lágrimas, incontidas, misturaram-se aos beijos. Tiago inclinou a cabeça.

– *... Preguiçosa... descansa em paz...*

Quando a última ave já repousava na cova, o filho ajudou a mãe a erguer-se e deixou-a aos meus cuidados. Depois, a toda pressa, descarregando a tensão em cada enxada, encheu as covas. Como ficara combinado (talvez na conversa mantida na oficina), um dos oleiros se encarregou de Maria, prometendo levá-la até a casa de Esta. Elogiei a prudente decisão. Seu joelho não teria resistido à dura e longa caminhada que com toda a certeza nos aguardava. Docilmente, esmagada por pensamentos que nada tinham que ver com os de seu filho, aceitou sem comentários.

Minutos depois nos afastávamos da olaria remontando a margem direita da

corrente. O contraforte ocidental da colina, como praticamente quase todo o Nebi, era uma área inculta, salpicada de rochas e de mato rasteiro, entrançado de giestas, amoles umedecidas pela proximidade do riacho, cortinas impenetráveis de barrilheiras e dezenas de moitas de cardos, com suas flores violáceas e vermelhas abertas ao sol e às esquadrilhas de abelhas. E, com Tiago na cabeça da fila, fomos explorando a área pelo oeste.

Às duas horas, com as pernas feridas, o rosto afogueado e a barra do manto metida entre os espinhos, o paciente Jacó deixou-se cair sobre uma das rochas, tachando a busca de “ridícula”. E se negou a prosseguir. Com razão interpelou Tiago, exigindo uma definição. Se procuravam um vivo, por que fazê-lo ali, entre rochas e espinhos?

– A não ser que tu saibas alguma coisa que nós não sabemos – argumentou. E sem mais circunlóquios o provocou a falar sem dissimulação. – Procuramos um cadáver?

Tiago obrigou-o a guardar segredo e lhe confessou seus temores. E, diante da possibilidade de que o Zebedeu houvesse sido assassinado e atirado a um dos caminhos ou barrancas daquela região, o fiel e voluntarioso Jacó não teve remédio senão reconhecer a sensatez e a discrição do procedimento de seu amigo e irmão. Resignado, arrepanhou a túnica e o roupão à altura dos rins e foi atrás dele em direção ao topo.

Eu era o menos indicado para dizer-lhe isso, mas, na suposição de que o saduceu houvesse tirado a vida de João, por que se arriscaria a largar o corpo nas encostas do Nebi ou à borda dos caminhos que entravam e saíam de Nazaré? Um réptil como Ismael tinha outros meios para resolver o problema. Mas, obviamente, como era minha obrigação, continuei em meu papel de “convidado de pedra”...

E, falando de pedras, dali a uns dez ou quinze minutos, quando estávamos a curta distância do cume, a ziguezagueante e inútil exploração viu-se interrompida por um estranho cântico. Meus companheiros, agachados nas moitas, fizeram-me sinais para que me ocultasse. Obedeci, alarmado. Engatinhando, fui colocar-me às costas deles. Jacó, tremendo da cabeça aos pés, apontou-me a boca quase triangular de uma gruta que se abria a uns trinta metros. E sussurrou um nome:

– Koy.

Se meu treinamento não falhasse; o vocábulo significava “animal de espécie não identificada”. Eu não podia compreender. De que sentiam medo? Quem habitava a caverna? Desde quando uma fera entoava versículos do capítulo 22 do *Eclesiástico*? Prestei atenção. Do interior da gruta, realmente, partia uma segunda recitação. O seu autor repetia algumas palavras, assim como

as últimas sílabas.

– O luto por um morto... “to”... dura sete dias ... “dias”... pelo néscio e pelo ímpio... “pio”... todos os dias da sua vida... “da”...

E a cantilena voltava, monótona e maçante.

Jacó sugeriu contornarmos a gruta para evitar Koy. Tiago foi contra:

– Que melhor lugar para ocultar um cadáver?

Ignorando tudo a respeito da identidade do tal Koy e sobre as intenções dos galileus, só me restava armar-me de paciência e esperar. E Tiago, censurando seu companheiro pela falta de coragem, se pôs em pé e chamou aos gritos o estranho inquieto da caverna. Jacó contrapontou o vozerio com algumas maldições.

Instantes depois, o cântico se fez presente à meridiana luz do dia. E com ele um “animal perfeita e tristemente identificado”: um velho esquelético, nu da cintura para cima, com cabeleira e barba pastosas como cimento e tão crescidas que poderiam ser atadas à cintura. Sem interromper a oração monocórdia observou o intruso. Em seguida abandonou os versículos bíblicos e se plantou em uma sistemática e aparentemente brincalhona repetição da última palavra pronunciada pelo seu interlocutor:

– Koy – perguntou Tiago pela segunda vez –, sabes algo de um morto?

– Morto – repetiu o infeliz.

– Sim, um morto.

– Morto...

– Maldição!... Koy!...

Koy parecia divertir-se com o jogo. Sentou-se e iniciou uma rítmica contração do tronco – para diante e para trás – que pôs em evidência o possível mal de que era portador. A catatonia e os sintomas refletidos na repetição das palavras (ecolalia) e das últimas sílabas ou vocábulos (logoclonias) me induziram a supor que o pobre Koy sofria de alguma esquizofrenia ou de uma demência precoce (talvez o que hoje se conhece como mal de Alzheimer⁷⁹). Naquele tempo, os transtornos mentais, incluindo deficiências de menor grau e simples problemas de dicção, implicavam o fulminante desterro do enfermo. Esses doentes eram na maioria “etiquetados” sob a epígrafe de “loucura” e por isso qualificados de “impuros”, “possessos”, “perigosos” e “indignos de viver ao amparo da lei”. Era o caso de Koy, o “louco” ou “idiota” oficial da aldeia: indivíduo sem família, possivelmente bastardo, de idade impossível de precisar, que jamais havia deixado aquela gruta ou suas imediações, de pele flexível e elástica como a borracha e que sobrevivia à base de raízes, de mel silvestre e da caridade de algumas boas pessoas de Nazaré. Em outras palavras, um milagre da Natureza.

– Viste um cadáver?

– Cadáver.

Jacó, impacientando-se, levou o indicador às têmporas indicando o que estava evidente: seu desequilíbrio. E, puxando o manto do seu cunhado, pediu-lhe que esquecesse a ridícula conversa. Mas Tiago, teimoso, insistiu:

– Koy, podemos ver a gruta?

– Gruta...

– Deixa-me entrar!

– Entrar...

– Este louco!

– Louco...

Farto do que para ele representava uma farsa, avançou para o velho, decidido a inspecionar a gruta.

– Louco! – berrou Koy, erguendo-se sem equilíbrio e entre estalidos de ossos.

Desaprumou-se, porém, e caiu sentado, ululando de novo a palavra “louco” e ao mesmo tempo apanhando algumas pedras. Dos gritos passou à risada sardônica e retrocedeu até a entrada da gruta, com os braços erguidos ameaçadoramente. Tiago parou. E estava a ponto de desistir quando seu cunhado, sem poder controlar os nervos, surgiu entre as moitas de giestas e com os seus impropérios acabou por perturbar de vez o pobre demente. A visão do segundo “intruso” desencadeou o medo de Koy, e a sua reação foi uma justificada chuva de pedras que nos atingiu a todos.

Assustados como coelhos, empreendemos uma acelerada corrida de obstáculos. Depois de uns cem metros de corrida e quedas, suados e descompostos, com uma ou outra pedrada nas costas ou nas pernas, paramos, intimidados, e tratamos de recuperar o fôlego e o brio. Nenhum de nós comentou o infeliz episódio. Koy, descontrolado, continuava atirando suas pedras e ululando lastimosamente.

Tiago, evidentemente com pressa, olhava para trás a cada dez ou doze passos e tratava de distanciar-se. E assim, em um embaraçoso silêncio, maltratados os corpos, as roupas e, o que era pior, o ânimo, acabamos de contornar o flanco oeste do monte, chegando ao cume com o sol no zênite. O topo do Nebi, estreito, aceitavelmente plano e alongado, qual um porta-aviões, de sudoeste a nordeste, estava solitário quando chegamos. O terreno era um convulso amontoado de lajes calcárias, arredondadas e desintegradas pela erosão, entre as quais se disseminava o mesmo e espinhoso mato rasteiro das encostas que acabávamos de galgar. A nota diferente e agradável, naquele cenário pedregoso, era um soberbo bosque de alfeneiros (*Viburnum tinus*), expulso para o extremo norte do “porta-aviões”. As pequenas árvores, de flores

prateadas e de bagas pretas e azuladas, balouçavam sua beleza ao compasso de uma brisa ligeira do norte, fazendo honra à descrição judaica deste espécime ornamental, conhecido então como a “glória do Carmelo”.

A busca no cimo do Nebi foi breve. Enquanto os galileus vasculhavam a plataforma, eu simulava colaborar na busca. Em certo momento subi a uma das rochas que eriçavam o centro do cume e me permiti um derivativo: o panorama que dali se descortinava era esplêndido.

Se nossas informações estivessem corretas – e procediam das melhores fontes – essa era uma das paragens favoritas de Jesus, desde menino. Ali, pela mão de José, despertou para a Natureza. Ali, ao norte, à vista da faixa azul do Mediterrâneo, pôde desfrutar um dos seus mais acalentados sonhos: viajar. Ali, diante do verde-negro mar de colinas sem horizontes, deve ter encurtado distâncias com seu Pai Celeste. Ali, quem sabe, ao imaginar outros povos, testemunhas, como Ele, do incêndio circular do sol no ocaso, intuiu e traçou seu grande plano para o futuro. Ali, como num invisível e mágico florescer dos narcisos entre as adustas rochas, pôde pressentir seu outro rosto: o da divindade. Ali lutou e se rebelou (tenho certeza) contra a sombra obscura da dúvida. Ali falaria, sem formalismos nem condições, com o Pai Azul. E o faria devorando estrelas. Devorando os perfumes dos bosques, apanhados de passagem pelas esporas dos ventos. Ali, em sua deliberada e multitudinária solidão interior, descobriria a “outra solidão”: a da humanidade perdida em multidões. Hoje, na quase irreconhecível Palestina que Jesus percorreu, o Nebi continua sendo um lugar tão destacado quanto desconhecido.

Dois estreitos e descuidados caminhos recordavam a proximidade da presença humana. Um partia da borda oriental do cume, descendo em serra para o cinturão de hortos da mesma encosta leste. Outro, oculto entre os alfeñeiros, precipitava-se pelo flanco norte e desembocava na rota que unia Séforis a Nazaré. Deste último eu não tinha conhecimento até que entrei no bosque. E sob o permanente estímulo da necessidade de fixar referências, acabei chegando à primeira vereda, estudando sua trajetória e desfrutando uma inesquecível vista aérea da aldeia. Com uma alegria quase infantil fui reconhecendo as construções, os caminhos e a fonte. A sorte, nessa ocasião, se mostrou favorável. O percurso pelos arredores do povoado – se excluirmos os contratempos já assinalados – enriqueceu nossas informações e nos proporcionou uma visão mais completa daquela Nazaré do ano 30. Nem buscando teria saído melhor. Assim, tive de agradecer a misteriosa desapareição do Zebedeu. Uma ausência, verdade seja dita, que começava a inquietar-me...

Jacó, do extremo norte do “porta-aviões”, chamou a minha atenção. A procura continuava.

É quase certo que, se eu não me houvesse aproximado do limite do cume, “aquilo” me teria passado despercebido. Ao caminhar ao encontro dos meus companheiros e atravessar um dos amontoados calcários, minha vista, presa aos acidentes do terreno, deu com uma laje plana e ligeiramente inclinada, repleta de inscrições. Eram nomes próprios cinzelados grosseiramente com algum material ou instrumento pontiagudo. Não havia dúvida. As breves frases deviam ser obra de adolescentes e jovens do lugar. Todas associavam – “amorosamente” – varões e fêmeas:

“Jonás e Míriam”... “O oleiro ama a tecelã”... “Judá será de Ester”... “José e a moabita”... “Goliath e Salomé”...

Fascinado, tentei achar algum nome familiar. Num dos cantos, mais desfigurada do que as trinta inscrições anteriores, descobri o que interpretei como sendo do enamorado Jacó:

“Míriam, a mais bela, e seu pedreiro.”

Não houve tempo para mais. O “enamorado” voltou a chamar-me do bosque. Era incrível. As coisas do amor quase não haviam mudado em vinte séculos...

Estive tentado a comentar com eles o “meu achado”. Mas, ao perceber na sua expressão um crescente mau humor, preferi o silêncio. Talvez em outro momento mais favorável...

Assim que penetramos no claro-escuro do solitário bosque de alfeneiros, um escandaloso bando de gralhas desferiu vôo das copas. Jacó, logo à minha frente, cruzou os dedos, murmurando, todo temeroso:

– Esta estupidez vai terminar mal...

Tiago, distanciado, não ouviu o comentário do supersticioso cunhado. Tinha pressa. A trilha contornava as árvores, acusando os quase trinta graus de desnível daquele extremo do Nebi. Descemos agarrando-nos aos resinosos e sólidos troncos, que serviam de apoio e de parapeito. Andados oitenta ou cem metros, o bosque acabou. E o resto da encosta norte apareceu-nos primorosamente arroteado e cultivado com oliveiras. O caminho, mais ameno, adquiriu uma relativa horizontalidade, sulcando sem obstáculos a argila vermelha. Lá embaixo, no sopé da encosta, corria, alva e poeirenta, a rota para Séforis.

Mais ou menos na metade da ladeira, Tiago, sempre na frente, derivou para a direita, deixando o caminho. Minutos depois, o olival cedia parte dos seus domínios ao lugar santo do Nebi. E ante os meus perplexos olhos abriu-se um quadrilátero de uns cinquenta metros de largura, cercado em sua totalidade pelas “paredes”, ora prateadas, ora verdes, das oliveiras. Em suave declive, e intencionalmente orientadas para o nascente, erguiam-se cerca de oitenta estelas funerárias, de pedra, de uma radiante brancura. Casualmente, eu havia ido parar

no cemitério de Nazaré. Um recinto agradavelmente aberto e ao mesmo tempo oculto zelosamente. Os assaltos a tumbas vinham sendo freqüentes. Enclausurado no seio do olival, o campo-santo ficava a salvo dos cobiçosos olhares dos viandantes.

A intensa caiação das lápides obedecia a uma razão eminentemente preventiva e religiosa. Seu brilho constituía um sutil aviso. Para os judeus, ao menos os ortodoxos, o contato com cadáveres era fonte de grave impureza ritual. Mas meus companheiros, galileus ao final das contas, não obedeciam a tais rigorismos. Movimentaram-se desembaraçadamente entre as tumbas, em direção a uma cabana de palha e adobe que se erguia no extremo oposto, fora do quadrilátero.

Tentei segui-los mas, excitado diante de uma oportunidade que talvez não se repetisse, caí na tentação e fui examinando os monumentos funerários. Ali deviam estar os restos de José. As estelas, de quarenta a sessenta centímetros de altura, eram escrupulosamente gravadas, revelando a mão de um perito canteiro. Na parte superior apresentavam o desenho de uma, duas ou três rosetas, encerradas em um círculo ou um quadrado. Embaixo, em caracteres hebraicos – o grego era menos freqüente –, o nome ou os nomes dos sepultados, a origem da família e, em alguns casos, breves anotações sobre a vida do defunto. A julgar pelas coincidências, muitos dos enterrados deviam ser parentes. Um dos nomes mais repetidos era Yejoeser. Outros – caso de Míriam, Simão, Judá ou Natan – também eram comuns. As inscrições, simples em sua maioria, reproduziam frases como estas:

“Yejoeser, filho de Yejoeser.” “Teodoto, liberto.” “Yejoeser, filho de Eleazar.” “Míriam, esposa de Judá.” “Menajem, filho de Simão.” “Míriam, filha de Natan.” “Salomé, esposa de Yejoeser.” “José e seu filho Ismael e seu filho Yejoeser.”

Um dos epitáfios me surpreendeu. Fazia referência a um tal Samuel, de pequena estatura, imagino, e dizia textualmente:

“Deve-se chorar por ele. Deve-se apiedar-se dele. Quando os reis morrem, deixam sua coroa aos filhos. Quando os ricos morrem, deixam suas riquezas aos seus filhos. Samuel, o Pequeno, apanhou os tesouros do mundo e seguiu seu caminho.”

No centro do cemitério se abria o *kokhim*, uma fossa de quatro metros de largura, contendo até o meio ossos e caveiras dos que haviam sido exumados. Transcorrido um prudente período de tempo, os restos depositados na terra eram removidos e atirados à fossa ou ossário comum⁸⁰.

O terreno da Galiléia, somado às intensas chuvas e ao alto grau de umidade, tornava inconvenientes os enterramentos sem sarcófagos de madeira. Quando se

tratava de gente humilde, sem recursos para adquirir uma cripta, os corpos eram depositados diretamente em fossas pouco profundas e rodeados de pedras. Depois eram cobertos de terra. Sobre a tumba erguia-se a estela correspondente.

O céu teve piedade de mim. Ali estava meu objetivo. E minhas mãos, não sei se por causa do banho de sol ou da emoção, começaram a suar. Na fileira número onze, quase ao fim do campo-santo, aproximadamente no centro da carreira de tumbas, repousavam os restos do malogrado empreiteiro de obras e os do seu filho.

“José e seu filho Amós.”

Assim dizia a legenda. Embaixo, um expressivo epitáfio:

“Não desaparece o que morre. Só o que é esquecido.”

Dado o tempo transcorrido desde o falecimento do pai terreno de Jesus, quase vinte e dois anos, supus que seus restos, assim como os de Amós, teriam sido levados para o *kokhim*. A proverbial discrição daquele homem bom estendeu-se para além da morte. Hoje, supondo que uma equipe de arqueólogos escavasse a ladeira norte do Nebi e descobrisse o ossário, os ossos de José – possivelmente desintegrados – continuariam no anonimato e nesse segundo plano que sempre preferiu. Bendito seja o seu nome!

Obedecendo a um inexplicável impulso, e apesar da minha manifesta e declarada falta de religiosidade, baixei a cabeça e recitei sem palavras a oração criada pelo Filho da Promessa. E, possivelmente pela primeira e única vez, um Pai-Nosso elevou-se ao azul do céu, em memória, honra e gratidão do desaparecido mas não esquecido José.

Uma mão no ombro tirou-me de minhas reflexões. Tiago, ao perceber a minha respeitosa atitude diante da lápide de seu pai e de seu irmão, envolveu-me em sua gratidão. E exclamou baixando a voz:

– Já não estão aqui. Vamos...

Jacó esperava junto à choça. O coveiro de Nazaré, que guardava os instrumentos de trabalho na cabana, estava ausente. Uma mulher, envelhecida e desastrosamente maquilada, estava sentada à porta, conversando com nosso amigo. Pelo que deduzi, a galiléia do véu azulão nos olhos morava na choça. Trabalhava como carpideira profissional nos funerais e, ao mesmo tempo, como prostituta de cemitério, alguma coisa assim como as célebres *bustuarias* romanas, que exerciam o duplo e singular “trabalho” de chorar os mortos e alegrar os vivos... Um costume que ressuscitaria na França catorze séculos depois, em pleno apogeu do culto à morte.

A meretriz, como era de esperar, nada sabia sobre o Zebedeu. Ainda assim, o incansável Tiago deu uma volta em torno da choça, examinando uma escondida parede rochosa que se erguia ao sul do campo-santo. Cinco grandes

pedras circulares fechavam outras tantas criptas. Eram os panteões dos ricos da aldeia. A impossibilidade física de remover as pedras – para isso era necessário o concurso de pelo menos quatro homens – o fez desistir. Em um ponto tinha razão: qualquer daquelas criptas teria sido o lugar ideal para esconder um corpo. Mas, cedo ou tarde – disseme a mim mesmo, refutando a hipótese do galileu – podia ser destapada e descoberto o “corpo de delito”. Não, aquilo não era verossímil.

Ao deixar o campo-santo, Jacó perguntou a seu cunhado por seus planos imediatos. E, apontando o manancial que abastecia a aldeia e que jorrava um pouco mais acima, a curta distância da borda oriental da colina, lhe sugeriu que o inspecionasse e que percorresse o aqueduto. Ele, por sua parte, desceria até o caminho de Séforis. Encontrar-se-iam na “asa de pássaro”. A contragosto, sentindo que lhe havia tocado o capítulo mais incômodo, iniciou a ascensão, embrenhando-se no olival. Eu, sem saber muito bem por quê, me uni a Tiago, descendo o campo obliquamente.

A meia centena de metros da senda que ligava Nazaré a Séforis, a plantação de oliveiras se interrompia. O solo, no contraforte norte do Nebi, era árido, rochoso e branco.

Meu companheiro, que poderia ter andado por aquelas paragens de olhos vendados, seguiu uma estreita e diminuta passagem, desviando-se para a esquerda. Esse desvio me surpreendeu. Os montes de pedras não eram excessivamente ásperos nem elevados. Bastava trepar por eles para alcançar o caminho principal em questão de minutos. Ao aproximar-se de um penhasco dos mais salientes, superior aos dois metros de altura, voltou-se, sinalizando com a mão para que eu parasse. Depois levou o dedo aos lábios, recomendando silêncio. Nem me movi nem respirei. Ele, cautelosamente, procurando fazer com que suas sandálias mal roçassem o solo, foi contornando a penha até desaparecer da minha vista. E, ainda que eu aguçasse os ouvidos, à exceção do distante grasnar dos corvos do bosque de alfeneiros, não me chegou uma só indicação que me desse uma noção do que se passava do outro lado das rochas. O nobre exercício da espera nunca foi meu forte. Assim, contra as recomendações do meu companheiro, segui seus passos mas com a mesma ou maior precaução. A dez metros, o terreno formava um pequeno anfiteatro.

Ao “descobri-los”, no centro da clareira, o susto dobrou meus joelhos. Instintivamente me lancei para trás e me recostei no paredão. Estaria sonhando? Fechei os olhos e ao reabri-los compreendi que não. Nada havia mudado. A “vara” continuava em minha mão direita. O sol corria para o oeste. A dureza da rocha era intuída debaixo da “pele de serpente”. Então essa “visão”...

Engolindo em seco, de susto, eu e o medo deslizamos pela segunda vez

paralelamente à penha, na vã tentativa de nos certificarmos de que tudo não passava de alucinação.

Dessa vez foi o coração que protestou. Um dos fantasmas trazia um curto archote. Evidentemente eu não estava sonhando. Diante de mim, no centro do cenário lunar, erguiam-se duas altas figuras cobertas até os pés com lençóis brancos. Uma delas, como eu disse, tinha na mão uma espécie de facho que fumegava espalhafatosamente sem que mostrasse o mínimo vestígio de fogo. Em segundos, a fumaceira foi dominando o lugar e me embriagando com um cheiro irritantemente adocicado.

Estúpido de mim! Como era possível que não percebesse?

Os “fantasmas” pareciam dialogar. Mas o faziam em um tom extremamente baixo. Deus meu! E Tiago? Por mais que eu explorasse o círculo rochoso com a vista não pude encontrá-lo. Devo confessá-lo. Por um momento pensei que meu cérebro seguia os infortunados passos do de Koy. E ainda que de certa maneira assim fosse, nunca imaginei que o fatal desenlace fosse tão fulminante.

A inesperada e desassossegante cena veio demonstrar que, apesar de nosso adestramento de ferro, deixávamos muito a desejar. E o tremor dos joelhos, contra a minha vontade e para minha desonra, se foi propagando até os cabelos. Com a minha agitação, o cajado escorreu-me dos dedos, golpeando a rocha e alertando os “fantasmas”. Ambos se voltaram ao mesmo tempo para mim e eu acreditei que desmaiaria. Aterrorizado, assisti à lenta e pausada aproximação de um deles. Afastei-me, espantado, e não tardei a tropeçar nos esporões calcários. Pensei na “vara de Moisés”. Impossível. O “fantasma” acabava de chegar à altura em que ela caíra. O lençol que o cobria, de uma textura igual à da gaze, deixava perceber alguns traços do rosto. Mas, cegado pelo pânico, não pude identificá-lo. Ridiculamente atirado ao solo por um tropeção na pedra e pelo medo, vi o ser do outro mundo apanhar o cajado e estendê-lo para mim.

Suponho que ao perceber minha humilhante situação se apiedou de mim. Apanhou então a barra do vaporoso tecido e foi erguendo-o com uma estudada e mais do que premeditada lentidão. Longe de apaziguar-me, o rosto desvelado rematou minha humilhação. O “fantasma” caminhou para mim tentando abafar um acesso de riso que quase o sufocava. Ao estender-me a mão a ajudar-me a erguer, porém, não se conteve; e o sempre ponderado e grave Tiago abriu as comportas às gargalhadas, enquanto saltava e se dobrava feito um menino. Um minuto depois, enxugadas as lágrimas, teve de procurar um refúgio para dar alívio à pressão da bexiga. Então, calmo, desfazendo-se do lençol, me olhou comovido e, apontando o segundo “fantasma”, esclareceu o mistério com uma palavra:

– Abelhas.

Dessa vez fui eu quem desatou a rir às gargalhadas...

Em um dos paredões rochosos, adaptadas aos vãos, alinhavam-se seis ou sete colméias de um metro de altura, feitas com vime e cortiça de árvores, relativamente em forma de cúpula. O apicultor e proprietário das colméias havia sido surpreendido por meu prudente e teatral amigo em pleno trabalho de colheita. A belicosa natureza das abelhas – hoje classificadas como *Apis dorsata* – explicava os lençóis protetores e a fumegante tocha resinosa. Bem analisado, sustos à parte, eu devia mostrar-me agradecido. Um ataque daquela espécie asiática teria tido conseqüências difíceis de avaliar. Enormes como zangões, dispõem de um ferrão que lembra um punhal. E minha cabeça, mãos e pés – era preciso não esquecer – não tinham a proteção da “pele de serpente”. Se um só desses insetos tivesse caído sobre mim, somente a rápida aplicação de anti-histamínicos e corticosteróides teria obstado o quadro tóxico.

Nem é preciso dizer que o dono das “dorsatas” também não foi útil a Tiago. Não havia rastro por ali do Zebedeu. E depois de rodear a perigosa clareira, desalentado, resolveu explorar a rota de Séforis. Percorremos pouco mais de meio quilômetro dela, em direção à cidade do linho, interrogando os camponeses que limpavam as vinhas e firmavam as estacas que as sustentavam, ou que dormitavam ao pé das torres de vigilância dos vinhedos. Essas curiosas e imprescindíveis construções circulares ou quadrangulares, de até dez metros de altura, eram habitadas dia e noite durante os períodos de vindima, impedindo os assaltos às colheitas. Ali também ninguém sabia de nada nem o havia visto. Ou, para ser exato, ninguém queria comprometer-se...

A cara de Jacó era um poema. Sentado à borda do tanque da “asa do pássaro” com os pés metidos na água, entretinha-se atirando pedrinhas nos nutridos traseiros das matronas que enchiam as ânforas. E as divertidas galiléias respondiam ao pícaro com expressões mordazes, algumas com referência à surra de pau que o aguardava quando Míriam soubesse do “esporte” praticado pelo marido.

Ao ver-nos chegar, ruborizado como uma papoula, simulou que apenas refrescava as pernas, que estavam arranhadas. Aborrecido, parecia que abandonara as buscas havia tempo.

– É como se a Terra o tivesse tragado – resumiu, impotente e definitivamente farto.

Sem o saber, Jacó acabava de pronunciar as palavras exatas. Dramaticamente exatas.

Mas sigamos o fio dos acontecimentos.

Convencido de que a busca – ao menos no momento – se esgotara, Tiago imitou seu cunhado. Descalçou-se e apelou para o alívio da água fresca. E

durante algum tempo, banhando os doloridos pés no tanque, permaneceu alheado, absorto, refletindo talvez sobre a nada tranqüilizadora sorte do discípulo. Ainda que no caminho de volta à aldeia tivesse revelado o propósito de prolongar a exploração pela rota que levava a Caná, o infecundo trabalho daquela manhã e o compreensível desânimo do cunhado acabaram por desarvorá-lo e levá-lo a renunciar temporariamente ao plano.

E nisso estávamos quando, muito perto da “nona” (15 horas), a gritaria e a algazarra das mulheres cessaram. Muito apressadamente, resmungando e renegando, encheram suas vasilhas e abandonaram a “asa de pássaro”. Sentado junto a Jacó, de costas para o caminho que conduzia à pontezinha, pedi uma explicação para Tiago, que continuava chapinhando na água, para cima e para baixo. Um gesto de sua cabeça, apontando para aquele caminho, revelou a razão da repentina debandada da fonte. Voltei-me para aquela direção e compreendi. Uma mulher maldita. Procedia da pousada e carregava na cabeça uma ânfora de mediana dimensão. Ao contrário das galiléias, meus acompanhantes não se moveram. E a providencial Débora, trazendo uma peruca de um amarelo gritante – peça obrigatória para toda meretriz que deixasse o lupanar e que servia para diferenciá-las das donzelas, casadas e viúvas presumivelmente respeitáveis – continuou caminhando para nós. Ao ver-nos, hesitou por instantes. Pus-me em pé e ela, ao me reconhecer, pareceu mais animada.

Sem uma palavra, com os olhos baixos, penetrou no tanque e depositou o cântaro ao pé do ruidoso jorro. Tiago saiu da água e calçou-se. Eu, ao ver a dificuldade que tinha a mulher para içar a ânfora até a rodilha que levava no alto da cabeça para amenizar a pesada carga, apressei-me a simplificar-lhe o trabalho. Feito isso, Débora lançou um esquivo e receoso olhar aos galileus e me agradeceu com um sorriso. Embaraçada, já estava de partida quando, levado pela intuição, a retive e lhe pedi que me prestasse mais um favor. Débora observou-me atônita. Em voz baixa, falei-lhe da entrevista que havia marcado com o saduceu e do risco potencial que isso representava para mim e pedi-lhe que ficasse atenta e me fizesse chegar qualquer informação sobre o desaparecimento do Zebedeu.

Ouviu-me nervosamente, como se receasse que alguém a surpreendesse com aquele estrangeiro, e, como resposta, disse que “faria o que pudesse”. E com uma habilidade circense, equilibrando o cântaro na cabeça sem a ajuda das mãos, afastou-se rapidamente para o albergue.

Discretos, nenhum dos meus amigos mostrou interesse nem me fez perguntas acerca da minha quase clandestina troca de palavras com a moabita. Nem eles nem eu podíamos fazer idéia da extrema transcendência daquele fugaz encontro. A Providência, o destino, essa superinteligência que controla tudo – o

nome pouco importa – atua sem atuar. É tão sutil que o coração humano raramente percebe os seus providenciais sussurros. E quando os acontecimentos sobrevêm, a maioria dos homens os atribui à “casualidade”.

Creio que foi meu admirado Júlio Verne quem escreveu que essa palavra constitui a mais rude calúnia contra Deus... Em todo caso, parafraseando o genial criador do capitão Nemo, “é Deus quem, zombeteiro, gosta de fantasiar-se de ‘acaso’”.

Minha própria vida e a continuidade da operação iam depender daquela prostituta. A Providência sabia disso e, “casualmente”, conduziu nossos passos até a “asa do pássaro”...

Não podia ser de outra forma. A aventura chamada Operação Cavalo de Tróia foi um galope frenético no dorso do suspense, da tensão, da prudência, da dor, e, sobretudo, do mágico e reconfortante coração do Mestre. Minha capacidade de assombro – indicador-chefe do estado de juventude de todo espírito humano – viu-se esgotada para o resto dos meus dias.

Pois bem, a surpresa que se seguiria, naquela quarta-feira, estava próxima. Se o Pai Azul não mudasse de opinião (curiosamente eu começava a adotar a linguagem de Jesus), o dia estava completo. O infrutífero esforço de revolver toda a aldeia deprimira o espírito dos galileus. Em silêncio, imagem da impotência, entraram no bairro artesanal para se recolher à casa de Esta.

O martelar dos carpinteiros e toneleiros e a respiração fatigada dos pintores trouxeram-me à memória uma coisa que não desejava deixar de fazer. Pedi a Tiago que me mostrasse o velho armazém de aprovisionamento de caravanas. Sentia uma viva curiosidade por conhecer o lugar onde o Filho do Homem havia feito tão interessantes e cosmopolitas amizades. Tiago, condescendente, prontamente deu meia-volta. Desfizemos todo o caminho. Ali mesmo, a um passo da fonte, junto às “portas da aldeia”, erguia-se um nada notável casarão, de paredes escurecidas e atacadas por um mofo verde-pardo (a “lepra” das pedras do *Levítico*). Paramos defronte ao portão e, ansioso, esperei que tomassem a iniciativa e entrassem na sala escura.

Mas não foi assim. Tiago, com pouco desejo de rememorar o passado, deu-me a entender que não valia a pena. O romântico armazém havia passado de mão em mão e agora era ocupado por fabricantes e remendadores de redes. A descoberta de um artesanato desse tipo em Nazaré me surpreendeu. Sempre pensei que essa indústria, como a de cordoaria e a de aparelhos para pesca, só existia às margens do *Yam*. Jacó, percebendo minha decepção, instou Tiago a mostrar-me a casa. E acrescentou um dado que venceu sua resistência:

– Quem sabe têm notícias de Séforis.

A partir desse momento passei de surpresa a surpresa. A empresa de

tropeiros que havia adquirido o armazém da família do Mestre o vendera por sua vez. E por um desses caprichos do destino o novo proprietário viera a ser o pai de Rebeca, a jovem apaixonada por Jesus. E desde dois anos antes havia sido adaptado como oficina, depósito e pintura de artigos de pesca.

Não pude conter-me diante da perspectiva de conhecer a jovem. Puxei a manga de Jacó e interroguei-o sobre o seu paradeiro. Não soube dizer-me nada, mas prometeu informar-se. Algumas das remendadoras e uns caravaneiros que transportavam linho de Séforis estavam a par dos movimentos da família proprietária.

Atravessamos o salão escuro no qual se espalhavam as redes impregnadas de breu e, seguindo os passos de Tiago, desemboquei em um espaçoso pátio descoberto, pavimentado com lajes retangulares brancas, sobre as quais se estendiam panos de redes, longos e estreitos. Aquilo impressionou-me. Era uma “cadeia de produção” que ali estava, minuciosa e inteligentemente esboçada. Em um dos cantos do recinto, no solo e sobre vários telheiros, empilhavam-se feixes de linho, expurgados, já, das folhas e das sementes. Ao cabo de alguns dias, uma vez secadas ao sol, as plantas eram banhadas em água, em pequenas cubas de metal, e submetidas ao imprescindível processo de maceração⁸¹. As cisternas, escoradas a meio metro do solo, eram aquecidas a fogo de lenha, até que a água ultrapassasse o ponto de ebulição (120 a 125 graus centígrados). Essa técnica, mais eficaz que a maceração por irrigação ou água corrente, era complementada por uma solução à base de soda e urina humana ou eqüina, rica em uréia. A industriosa equipe submetia depois o linho à gramadeira e à espadela, operações que separavam as camadas fibrosas do córtex e demais porções lenhosas. Concluídas essas operações, as fibras entravam definitivamente em processo de fiação. A existência de matérias pécticas nos filamentos aconselhava às tecedoras o sistema de “fiadura úmida”, com economia de tempo. Salvo a maceração, as demais operações eram tarefas das mulheres.

Uma vez que os fios finos estivessem trançados e dispostos, entravam em ação as habilidosas “rendeiras”. Sentadas dos dois lados do pátio, tagarelando animadamente ou entoando cânticos inspirados nos *Salmos*, costuravam as malhas com a ajuda de cordas de fibra de palmeira e agulhas de duas pontas, muito parecidas às usadas hoje nos portos do Mediterrâneo. Mais do que tecer e entrelaçar, aqueles instrumentos de osso e madeira, de dez a trinta centímetros, tingidos de vermelho ou amarelo, bailavam e voavam nas mãos das galiléias. Como pássaros cativos, revolteavam sobre o linho branco-palha, concluindo em quatro ou cinco dias as sólidas e impecáveis redes de vários tipos que, uma vez tingidas, seriam enviadas para a costa e para o *yam*, para servir às frotas pesqueiras. Quem o imaginaria? A Nazaré da agricultura e da carpintaria se

orgulhava também da sua indústria de redes de pesca...

Tiago falou com o capataz. Com o torso tingido pelos vapores que fluíam do tanque, o homem ouviu-o com atenção, sem deixar o trabalho de revolver o linho. E Jacó, fustigado pela curiosidade, aproximou-se dos dois. Quanto a mim, fiquei no centro do pátio, absorto, observando a precisa e habilidosa “linguagem” das mãos daquelas “rendeiras de terra adentro”.

O indivíduo que operava na maceração fez um sinal positivo com a cabeça duas ou três vezes. E logo o cunhado de Tiago saiu correndo; e antes que eu pudesse abrir a boca passou – melhor diria “voou” – a meu lado e desapareceu no armazém. Seu júbilo e sua velocidade foram tais que, em um dos seus saltos, perdeu o manto. E possivelmente nem o percebeu. Apanhei o manto e tentei segui-lo. Inútil. E já retomava ao interior do armazém quando Tiago me deteve.

Aguardei algum esclarecimento. Todavia, o galileu, com o rosto crispado, saiu do armazém, a grandes passadas, e simplesmente me esqueceu. Eu não conseguia entender atitudes tão opostas. Um, radiante; outro, com a fisionomia contrariada. Instintivamente, tentando acompanhar a acelerada marcha do meu amigo, atribuí sua angústia a possíveis novidades chegadas de Séforis. Haveria sido localizado, afinal, João de Zebedeu? Seria essa a causa da explosiva alegria de Jacó?

Meu sobressalto era justificado. Depois de cruzar Nazaré de sul a norte, Tiago tomou a direção da sinagoga. Meu cérebro negou-se a tirar deduções. Não. Eu devia estar errado. O indignado irmão do Mestre não tinha intenção de sequer se aproximar da casa do saduceu. A escolha daquele rumo obedeceria a uma singela razão: sua casa ficava localizada justamente no vértice oeste do “triângulo” que formava a aldeia. Paradoxalmente, era vizinho de Ismael. Ambas as construções eram separadas por escassos cem metros.

Sem olhar para trás – na realidade não o havia feito nem uma vez em todo o percurso –, penetrou na casa como um fugitivo. Distanciada do bairro alto, a construção era notavelmente mais moderna do que a de sua mãe. Construída de pedra e pintada com uma cal refulgente, apresentava uma configuração igual à do resto do povoado: um só pavimento, uma escada de troncos acoplada a uma das paredes laterais e o costumeiro terraço.

Intrigado demais para pôr os olhos em detalhes, imitei Tiago, penetrando na casa sem sequer descalçar-me. Diversamente da casa paterna, a de Tiago e Esta tinha apenas dois cômodos. O primeiro, em que eu acabara de entrar, podia considerar-se a vivenda propriamente dita: um retângulo de oito por seis metros, dividido – como na residência da Senhora – nos dois tradicionais níveis. O mais alto (plataforma), à esquerda da porta principal, servia, como de hábito, de

cozinha e dormitório. O inferior, de uns cinco metros de comprimento, pavimentado com uma terra feia e malcheirosa, era desprovido de móveis e esteiras. À minha direita, amarradas a uma argola enferrujada, me olhavam desconcertadas três cabras de avultados úberes e pêlo de fuligem. Ao pé da parede estava o comedouro das cabras, por sinal escasso em forragem. Um dos ruminantes, arisco e desconfiado, de grandes chifres voltados para trás, deu-me as boas-vindas arremetendo contra mim de um salto. A corda me garantiu.

Salvo os mal-educados caprinos, não havia ninguém ali. Através da porta que se abria no tabique frontal ouviam-se vozes, risos infantis e o que em princípio me pareceu um miado rouco, impróprio de um gato doméstico. Disposto a encontrar respostas para as minhas perguntas e dúvidas, avancei para a claridade. Aquela era a segunda peça da casa: um pátio-curral a céu aberto, mais bem cuidado do que o aposento que eu deixara atrás de mim. Um muro caiado o cercava na sua totalidade. Quanto ao piso, era calçado com largas lajes branco-azuladas, esmeradamente assentadas com cimento. Nessa mesma noite eu receberia uma explicação para o seu belo acabamento.

No primeiro momento, tudo foi confusão. Imóvel, junto à porta, seguindo o costume, observei o recinto para fixar suas principais características. A família, completa, estava agrupada à minha direita, conversando atropeladamente à sombra de uma amoreira preta (uma *Norus nigra*), que com suas folhas denteadas e suas florzinhas verdes e pendentes velava boa parte da face norte do pátio. Esse flanco, tão espartanamente mobiliado e decorado quanto o resto da casa, tinha uma mesa retangular de quase três metros de comprimento, toda ela de um cintilante granito cinzento. Ao seu redor, quatro bancos de sessenta centímetros de altura, do mesmo material. A presença desta pedra, dura e compacta, chamou-me a atenção. Tiago era a chave.

À esquerda, ocupando os sete metros da parede do fundo, distinguia-se um telheiro de tábuas no qual se apertavam talhas, uma dezena de lajes iguais às do piso, ferramentas próprias para cantaria, algumas redes pendentes da parede e duas gaiolas de mediana dimensão, fechadas com grossos barrotes de madeira de pinho. Em torno a essas armações tagarelava, gargalhava e guinchava um excitado bando de meninos e meninas, cheios de entusiasmo com os inquilinos das gaiolas.

Deduzi, acertadamente, que eram os filhos de Míriam e Esta. Apesar da sua frenética mobilidade cheguei a contar dez. Os maiores deviam rondar pelos oito ou nove anos. Dois deles, ao cuidado das meninas mais crescidas, limitavam-se a engatinhar, choramingando e mordiscando com raiva suas irmãs, no inútil esforço de se agarrarem às grades. Vestiam túnicas curtas e tanto os meninos quanto as meninas tinham as cabeças raspadas sem misericórdia.

À vista do calor da discussão dos adultos optei por aproximar-me da gente miúda. Ao descobrir o que continham as jaulas estremeci. Por sorte, a grade de madeira que as fechava parecia sólida. No interior, com justificada razão diante do assédio da criançada, revolia-se inquieto um soberbo exemplar de *Felis chaus*, o gato selvagem dos pântanos, um felino de setenta e cinco centímetros de comprimento, “primo-irmão” do *Felis lybica* ou gato africano, de cauda curta, pêlo cinzento e diversos penachos de pêlos nas orelhas pontiagudas. O “pequeno tigre”, pouco amigo de brincadeiras, respondia a cada cusparada dos mais audaciosos com a exibição dos seus temíveis incisivos e os roucos miados (quase rugidos) que eu havia escutado pouco antes.

Na segunda jaula, objeto de menor interesse, dormitava aborrecido um velho furão, de pêlo espesso e branco. Só de quando em quando, sensível talvez às justas queixas do seu camarada de cativeiro, se dignava abrir os olhinhos vermelhos, lançando depreciativos olhares ao “público” incômodo.

As redes dispostas na parede e a presença do furão – um caçador de muita fama, domesticado desde muitos séculos atrás pelos gregos e mesopotâmicos – bastaram-me para saber que a caça era uma das paixões do dono da casa.

Uma ávida hera, decorando de verde-negro cada palmo de muro, completava o quadro que eu tinha ao meu redor.

Ao reparar naquele vulto esgrouviado e desconhecido que os observava em silêncio, as crianças interromperam suas brincadeiras. Cochicharam e se interrogaram mutuamente e, à falta de resposta, foram-se retirando do telheiro. As meninas, apanhando os bebês nos braços, escolheram a sombra da amoreira. Os varões, dando sossego temporariamente ao gato silvestre e ao seu pachorrento companheiro, enfiaram-se, entre “gritos de guerra”, por uma abertura de um metro de diâmetro junto à parede norte, muito próximo ao alpendre. Aquilo era novo para mim. Que significava essa abertura no piso? Curioso, aproximei-me do poço escuro. A verdade é que não distingui grande coisa. Apenas uns degraus escavados na rocha do subsolo. O túnel, se nossas informações eram corretas, devia conduzir às cavernas tradicionalmente utilizadas pelos habitantes da aldeia como cisternas, silos e depósitos de grãos, forragem etc.

Descer e aventurar-me naquela hora nos subterrâneos da casa de Tiago não me pareceu nem oportuno nem prudente. Depois de tudo, que podia eu encontrar? Além disso, meu verdadeiro trabalho achava-se na superfície, ao lado da agitada família. Esperaria melhor ocasião para explorar esse oculto mundo que se abria sob os meu pés.

– ... Digo-vos que não. Devemos nos antecipar a ele.

A voz grave e a moderação de Tiago dominaram o tormentoso vozerio. Como sempre, Míriam foi a última a ceder. E quando cessou o embate de critérios e opiniões inócuos e desencontrados, o dono da casa prosseguiu:

– ... Compreendei. As notícias de Séforis são esperançosas. É bom que o tribunal esteja dividido...

Míriam e seu esposo, obstinados, fizeram um gesto negativo de cabeça, sem, entretanto, atrever-se a interromper o irmão mais velho. Atrás deles, meio ocultas entre as sombras da amoreira, estavam Maria, “o pequeno esquilo”, Esta e uma quinta mulher cujo rosto me parecia haver visto em alguma parte.

– ... Temos de ser tão astutos quanto o saduceu e lhe tomarmos a dianteira. Amanhã, à vista das acusações, não terão remédio senão convocar o comparecimento das testemunhas e das partes em litígio...

Jacó contestou os argumentos do cunhado, lembrando-lhe alguma coisa que, aparentemente, havia sido submetida a debate e que eu não consegui apreender.

– E que nos dizes de João? Por que se murmura em Séforis que “já foi justificado”?

Tiago, sentindo o impacto, perdeu momentaneamente o autodomínio. Aquela palidez era a mesma que eu lhe havia observado à saída da oficina de redes. E percebi, então, o porquê da súbita crispação que o impeliu a voltar voando para casa. O capataz, repetindo-lhe as notícias recém-chegadas da capital, falou-lhe a respeito da possível sorte de João.

– Justificado? Por quem? Quando?

As interrogações que revolteavam em minha cabeça foram eliminadas, em parte, pela lógica e pela recuperada lucidez do chefe do clã.

– ... Dizes bem, Jacó, são apenas rumores. A maldade dessa víbora é conhecida de sobra. Poderia tratar-se de uma manobra astuta para amedrontar-nos e obrigar-nos a fugir. Se Ismael se atrevesse a acabar com a vida de João, o tribunal não lhe daria trégua. E nós tampouco...

– Mas tu esta manhã...

A insinuação de Jacó sobre a busca do cadáver foi cortada rapidamente. Seu cunhado, adivinhando a direção e o sentido das palavras, não o deixou prosseguir, evitando mal maior.

– Esta manhã, velho linguarudo – repreendeu-o Tiago dardejando fogo no olhar –, cumprimos nossa obrigação... perguntando dentro e fora da aldeia. E já sabes: ninguém o viu...

Jacó, advertido e consciente do seu juramento, emudeceu.

– Em resumo – concluiu o irmão do Mestre desanuviando o ambiente familiar –, ninguém se apresentará em Séforis até que não seja intimado pela

justiça. A verdade, queridos irmãos, nunca tem pressa para mostrar-se. Ao malvado, ao contrário, falta-lhe tempo e sobram-lhe argumentos. Ele nos ensinou a confiar no Pai de todos os céus. Sua verdade, como sabeis, goza de tão boa saúde que não precisa de bastão. Confiemos, pois, em que se faça sua vontade. E alegrai essas caras!

A Senhora foi a primeira a pôr em prática a judiciosa recomendação do filho. Sentou-se em um dos blocos de granito, tomou pela mão a quinta e desconhecida mulher e chamou-me à sua presença em um tom carinhosamente gracejador:

– Jasão, meu tolo e voluntarioso anjo salvador, aproxima-te...

Míriam e Esta, avisadas pelas meninas da fuga dos meninos para os subterrâneos, precipitaram-se aos brados para a boca do túnel em meio a uma furiosa mistura de nomes, impropérios e ameaças. Impropérios que atingiram também o atônito Jacó, acusado por Míriam de “pai inútil e descuidado, incapaz de vigiar seus filhos”.

Maria, acusando de repente a dor da sua lesão, largou as mãos da bela desconhecida e pressionou o joelho direito. Não perguntei mas deduzi que a inflamação persistia.

– Mamãe Maria, deixa, por favor, que te alivie...

A voz de veludo da desconhecida galiléia, não isenta de certa melancolia, fez-me desviar o olhar. Onde havia visto aqueles atraentes e rasgados olhos celestes? Não consegui lembrar...

A Senhora, dominando-se, tranqüilizou a companheira:

– Não é nada, filha...

Filha? Ruth e Míriam estavam ali. Quanto a Marta, eu me lembrava dela.

– ... Escuta – prosseguiu Maria, estreitando de novo as belas mãos da belíssima “filha”. – Este grego de bom coração, intrometido, bisbilhoteiro como uma mulher, misterioso como a noite e sobretudo valente, conheceu Jesus e fez uma coisa que nos maravilhou a todos...

Os olhos da “filha” – um azul captado do céu – pousaram-se nos meus e, apesar das minhas contínuas objeções aos elogios da Senhora, pestanejaram cheios de curiosidade.

– Plantou-se debaixo da cruz e não se moveu até o sepultamento. Agora diz que quer levar a palavra do meu filho a seu mundo...

A cruz! De repente fez-se a luz em minha memória. Lá, entre as mulheres, é que eu vira a grácil, discreta e humilhada figura da desconhecida. Mas qual era o seu nome? Por que Maria a chamava de “filha”? Apenas um simples e carinhoso título? Seria alguma parenta? Sua idade, que se aproximaria da de Tiago, ao redor dos trinta e cinco anos, não me orientou. Durante alguns minutos, preso à

sua beleza, sentime um tolo, incapaz de pensar. Seus cabelos sedosos e negros, flutuando em liberdade e caindo até o meio das costas, emolduravam um rosto de medidas e perfil quase perfeitos. Apenas as profundas olheiras, nascidas, sem dúvida, da amargura – um abismo feminino a que o homem jamais pode descer –, faziam contraste com o nácar da sua pele. E as aletas do seu nariz arrebitado fremiram levemente, traídas pela ansiedade.

– Também lhe temos falado de ti – acrescentou a Senhora, sem perceber que eu continuava escandalosamente sem uma pista. – Quem sabe podes esclarecer algumas das suas dúvidas...

– Dúvidas?

À minha pergunta, Maria percebeu, afinal, a minha perplexidade. E explodiu:

– Jasão!... Não sabes de quem te falo?

– Sim... ou melhor, não.

A balbuciente resposta não me salvou do ridículo.

E a Senhora, levando as mãos da desconhecida a seus lábios, beijou-as com doçura. Depois, olhando para mim como para um menino, dirigiu-me um sorriso que começava nos seus olhos verdes e pronunciou um nome que lhe vinha não só dos lábios, mas também do coração:

– É Rebeca.

Não sei se empalideci ou me ruborizei. O caso é que fiquei mudo e, a julgar pelo espontâneo fogo cruzado das risadas das duas, minha cara devia ter-se aberto como um espelho.

– Jasão, é Rebeca – tornou Maria, sacudindo-se de riso. – Chegou esta manhã de Séforis...

Aquilo explicava também a saída intempestiva de Jacó do armazém. A fiel apaixonada de Jesus havia sabido conquistar o afeto da família. Seu anônimo e generoso serviço à causa do Mestre ultrapassou tudo que podiam exigir e imaginar. No desenrolar do nosso “terceiro salto no tempo” teríamos oportunidade de o comprovar e de maravilhar-nos diante da admirável renúncia daquela galiléia...

– Jasão, não estás ouvindo?

– Não... ou melhor, sim.

Deus do céu! Que providencial e oportuna casualidade! De fato Rebeca podia tirar-me algumas delicadas dúvidas. A conversa privada mantida no ano 13 entre ela e Jesus permanecia inédita. Nem a mãe nem os irmãos do Mestre haviam conseguido descobri-la. E agora, como uma dádiva da Providência, o segredo caía em minhas mãos e através daquela que era um dos meus melhores e mais indicados colaboradores: Maria, “a das pombas”. Mas como abordar tão

íntimo e reservado capítulo? Permitiria ela confiar-me o seu segredo? Péssimo intérprete da intrincada psicologia feminina, decidi não me precipitar. E o destino, generoso, acudiu em meu auxílio.

Meus calamitosos monossílabos foram felizmente interrompidos por um novo e lastimoso gemido da Senhora.

– Mamãe Maria, tens de cuidar desse joelho.

A mulher não prestou atenção ao justo conselho. Mas eu, dando uma piscadela à solícita e amável Rebeca, apelei para a sua cumplicidade pondo em prática um inocente truque. Um ardil que visava beneficiar a Senhora e este próprio “chantagista de meia-tigela”. Em tom enérgico, e buscando o apoio de Rebeca, fiz ver a Maria que, se não se decidisse a deixar-me examinar o seu joelho, não haveria conversa alguma e tanto a “filha” como este “grego intrometido” se retirariam imediatamente. Rebeca entendeu logo minha tática e confirmou minha ameaça. E Maria acabou por ceder, embora entre surdos protestos e simulando não haver percebido o ingênuo jogo.

Com a ajuda de Ruth foi conduzida ao interior da casa e acomodada no alto da plataforma. “O pequeno esquilo” apanhou um par de candeias. Como primeira medida, decidi examinar e avaliar a lesão. Minha ação, certamente, não estava isenta do risco já conhecido: se o problema – coisa de resto pouco provável – contivesse alguma importância, eu me veria forçado a retirar-me de novo.

À apalpação e à exploração inicial – felizmente para todos – não percebi sinal de fratura nem a presença de corpo estranho intra-articular (por exemplo, a avulsão de um fragmento cartilaginoso). O golpe contra as pedras do terrapleno, ainda que forte, havia sido amortecido pela túnica. O joelho, em suma, apresentava o que diagnostiquei como uma contusão de segundo grau, com dor intensa, hematoma provocado pela ruptura de vasos de pequeno calibre e conseqüente equimose e extravasamento de sangue sob a pele.

Valente como ela só, fechou os olhos e suportou a dor, acrescida pela apalpação. Os movimentos do joelho, normais em toda a amplitude do seu jogo, não pareciam indicar derrames internos (bastante comuns nas pacientes com entorse) nem luxações traumáticas. Essas lesões teriam afetado o movimento para trás da tíbia sobre o fêmur (luxação posterior), ou da tíbia para diante (luxação anterior) e o movimento lateral. Em minha opinião, completadas as observações, não existiam indícios de ruptura dos ligamentos laterais e cruzados, nem tampouco deslocamento da cápsula articular. Quanto a possíveis luxações posteriores, as lesões do nervo ciático poplíteo externo e da artéria do mesmo nome nos teriam advertido prontamente. Com toda a probabilidade, se a rebelde e inquieta Senhora concordasse em guardar um certo repouso – ao menos

durante vinte e quatro ou quarenta e oito horas –, a inflamação, o entorpecimento e a dor cessariam sem demora.

Ultimado um primeiro e elementar tratamento de urgência, à base de suaves compressas com uma pequena faixa – pedi a Ruth algo mais complexo: gelo, ou, na sua falta, água fria e algumas porções de “trevo-de-cheiro” ou “calêndula”. Muito abundantes na região, qualquer dessas plantas podia substituir com certo êxito nossos atuais antiinflamatórios.

A ruivinha hesitou. As plantas medicinais, seguindo as orientações da própria Senhora, não eram difíceis de localizar. O problema era o gelo. E, muito a meu pesar, a família, congregada ao nosso redor e atenta a cada um dos meus movimentos, iniciou uma nova e áspera discussão. Arrependi-me de haver mencionado o bendito gelo. Um “luxo” como aquele – geralmente trazido dos cumes do Hermon – só podia encontrar-se, com sorte, na sortida despensa do saduceu ou na não menos perigosa taberna de Heqet.

Tentei mediar a contenda argumentando que as compressas podiam ser de água fresca ou à temperatura ambiente. Foi inútil. Míriam, desejando o melhor para sua mãe, decidiu, com a aprovação geral, organizar a procura. Ruth traria as plantas. Quanto ao gelo, o litígio, para surpresa dos homens, passou para a órbita feminina. Míriam e Esta dariam os passos necessários. A resoluta decisão da filha mais velha, de temperamento tão semelhante ao de sua mãe, deixou desarmados os galileus. Eles conheciam a obstinação e a audácia da mulher. E, considerando que a busca de um punhado de neve não tinha por que justificar uma batalha campal, cederam inteligentemente. Então as três saíram. De sua parte, Jacó e Tiago, seguindo instruções de Rebeca, reuniram a revoltosa prole, obrigando-a a voltar para o pátio.

O ocaso se aproximava e Maria, providente, intuindo uma noite longa e cheia, recomendou aos filhos que fossem preparando o jantar dos menores. E eu lamentei não dispor da minha “farmácia de campanha”. Uma dose de qualquer dos analgésicos lhe teria aliviado as dores e, sobretudo, evitado aquela inquietante saída das três mulheres. Tomara que meu involuntário erro não fosse causa de males maiores. E a Senhora, extremamente dócil, acatou – de momento – a ordem do “intrometido grego”, de repouso absoluto. Sua língua, em compensação, não tardou a destramelar-se. E sua pergunta – direta como o seu coração – voltou a envolver-me.

Recostada na arca das provisões e segurando entre as suas as mãos de Rebeca, atirou-me de improviso:

– Por que fizeste isso?

Supus que se referisse ao modesto exame. Mas era a segunda parte da sua

pergunta que – como uma carga de profundidade – continha a chave da sua sutil argüição:

– ... Por que comigo e não com Bartolomeu?

Aquele olhar verde que tanto me atraía ergueu-se para o celeste da amiga e companheira. A resultante foi um violeta tormentoso...

– Jasão de Tessalônica, como diz chamar-se este “anjo do além”, curou o pai dos Zebedeu de suas horríveis dores e, todavia, acovardou-se à vista de um simples parto...

Rebeca olhou para mim sem compreender o malicioso alcance do inexato comentário. (Inexato quanto ao “acovardou-se”).

– É muito simples – justifiquei-me. – Este “anjo” sabe um pouco de madeiras e de vinho, algo de medicina e nada de mulheres. A pancada no teu joelho e a cera nos ouvidos do velho zebedeu são casos de mínima importância. Já a picada da cobra e o parto, ao contrário...

A psicologia feminina – supersônica, em comparação com a trôpega inteligência masculina – fez um “looping” e “colimou” este piloto. E a “geometria de armamento” da Senhora deixou-me à sua mercê.

– ... Então não sabes nada de mulheres – motejou Maria capciosamente, interrompendo minha justificativa. – E como explicas, pícaro grego, que Débora te tenha salvado a vida?

Ambas sorriram maliciosamente ao me verem exposto e inerte. É claro que qualquer tentativa de me defender só teria piorado as coisas. Acho que me ruborizei. A Senhora, estendendo-me um cabo, talvez até sem querer, aterrissou-me diretamente no mais íntimo do coração de Rebeca. A psicologia masculina, desta vez, assumiu o comando, planando sobre a feminina. Ou pelo menos deixaram que eu acreditasse nisso...

– Tu, como o meu filho, também antepões “outros assuntos” ao amor e ao matrimônio?

Concordei, não sem certa tristeza, acrescentando:

– Meus “assuntos” jamais poderão igualar-se aos de teu filho. Rebeca – arrisquei – o compreendeu. Ou não foi assim?

A moça, baixando os olhos, respondeu afirmativamente. Mas ficou em silêncio. E, como em um vôo de reconhecimento, me vi obrigado a manter-me em alto nível de cruzeiro, avançando sem luz e quase sem motores. O menor deslize podia arruinar a operação.

– A obrigação do Mestre para com sua família – prossegui na tentativa de uma nova aproximação – era sagrada. Será que a renúncia a seu próprio “eu” humano não demonstrou a qualidade do seu amor?

Rebeca acendeu as luzes da pista, indicando-me o rumo.

– Não te enganes, Jasão. Jesus nunca me amou.

Minhas palavras não foram interpretadas corretamente. E o balizamento azul do seu olhar se apagou. Não me esforcei por desfazer o equívoco. Não me interessava.

– ... Ao menos – acrescentou quase que para si mesma – não me amou como eu ou qualquer mulher teria desejado.

– Sei que demonstraste uma grande coragem.

Seus olhos, como um mar encapelado, pestanejaram e se fizeram escuros. E as suas espessas pestanas se negaram a erguer-se.

– Foi honesta – apartou a Senhora, tentando equilibrar o frágil veleiro – e lutou por seu amor...

– Às vezes, o amor que chama o amor – sentenciei apropriando-me da sabedoria de Amiel-Lapeyre –, só escuta seu próprio eco.

E Rebeca, em meio à tormenta das suas recordações, decidiu tomar o comando da nave e evitar os perigosos obstáculos dos mal-entendidos.

– Enganaste de novo, Jasão. Meu amor, sim, era um clamor. O de Jesus, ao contrário, um silêncio...

E seu coração iluminou-se definitivamente. E eu desci nele sem mais obstáculos.

– ... Quando, por fim, concordou em falar comigo, soube ouvir-me. E desde o primeiro momento, desde que meus lábios lhe confessaram meu amor, eu soube que tudo era inútil. Ele tinha dezenove anos. Eu, dezessete. E com uma segurança que apenas contribuía para multiplicar meus sentimentos por ele, agradeceu minha coragem e sinceridade, explicando que antes de qualquer coisa estavam os seus, sua família. Defendi-me e, estúpida que fui, exigi o nome da minha rival... – Maria sorriu com benevolência... – Jesus (eu o sabia) não sentia atração por nenhuma de nós. Seu trato sempre foi correto. Suas deferências para com umas e outras eram escassas. Mas uma mulher ferida é imprevisível. E eu, confesso, cometi a tolice de perguntar por seu amor secreto.

– E que respondeu?

– Não imaginas? Pôs-se sério e me falou de alguma coisa que, naquele momento, crispou-me os nervos: de seu Pai dos céus. “Acima do amor que professo por minha mãe e meus irmãos (afirmou) está meu inquebrantável desejo de cumprir a vontade de ‘Abba’.” – Rebeca, cuja bravura fizera a Senhora empalidecer, se desafogou. – Seu “Abba”! Aquele tolo preferia seu Pai! Anos mais tarde, ao segui-lo, compreendi que a tola era eu... Mas, Jasão, que queres? Aos dezessete anos e perdidamente enamorada era difícil entender. Ele, porém, com uma paciência infinita, esperou que eu me acalmasse e continuou falando do seu Pai Azul e do possível destino que o esperava. Não te mentirei. A

princípio custou-me acreditar nele. E, indignada, propus-lhe uma coisa de que mamãe Maria já estava a par: aceitava ser a esposa do Messias. Um homem poderoso, intrépido e predestinado precisa ao seu lado de uma mulher leal e valente. Mas ele, negando com um gesto de cabeça, me desarmou. “Mais adiante o compreenderás. Agora, Rebeca, aceita a verdade. Sinto-me lisonjeado. E isto (podes estar certa) me dá coragem e me ajudará em todos os dias da minha vida.”

“Astuta, prestes a perder a batalha, lancei mão de minha última arma: as lágrimas. Jesus nada disse. Manteve-se firme. E eu, derrotada, soube que tudo havia terminado... sem começar. Mas digamos que apesar de toda a minha dor, fui afortunada... – O celeste do seu olhar se sublimou. E a verdade falou por ela... – eu, Rebeca, filha de Ezar, amei o maior homem da Terra.

Tendo diante dos olhos tão esplêndida e atormentada mulher, lembrei-me de uma frase muito feliz de Schiller:

“Somente conhece o amor o que ama sem esperança.”

– Em que momento deixaste de amá-lo?

Minha pergunta, só compreensível no míope e falho espectro da psicologia do homem, foi recebida como um néscio e indesejável visitante. Olharam-se e, finalmente, com a generosidade do vencedor, Maria adiantou-se a Rebeca:

– Filho, tu nunca conheceste o amor...

Pouco faltou para que lhes abrisse meu solitário coração. Felizmente, a moça tomou a palavra para apoiar a manifestação da Senhora.

– O amor, amigo Jasão, o autêntico, como o aloés, só floresce uma vez. Vós homens tendes dificuldade para compreender-nos. Ao longo de vossas vidas amais pouco e muitas vezes. Uma mulher ama uma vez e para sempre. Isto responde à tua ingênua pergunta?

– Então ainda o amas? Pensei que depois daquela entrevista...

A transparência da minha intenção – sem sombra de dissimulação – deve tê-las comovido.

– Às vezes pareces uma criança – recriminou-me Maria com afeto. – Rebeca te explicou. O amor (o que eu professei por José) não é uma túnica que se põe e se tira. Nem o próprio Jesus poderia aniquilar os sentimentos desta criatura. Será que não sabes que o amor se nutre de esperança?

– Que sublime palavra! Esperança: o melhor médico que conheço.

O comentário, tomado de Dumas pai, não passou inadvertido para Rebeca.

– Dizes bem, Jasão. Foi a esperança que me manteve. Ela alimentou meus sonhos. Dava-me a vida. Falava-me de milagres. Pouco importava que não fosse correspondida. O amor é uma graça sublime que consegue até mesmo viver solitário. Três anos depois daquela conversa no armazém de aprovisionamento,

minhas esperanças, intactas, receberam um cálido raio de luz...

– Não compreendo.

A Senhora repreendeu minha impaciência.

– Deixa-a falar. Refere-se à estada de meu filho em Séforis...

Obedeci como um colegial. Mas Rebeca, envolvida na rede de recordações, passou a palavra a Maria. Foi assim que pude reconstruir aquele novo ano da impropriamente chamada “vida oculta” de Jesus: o do seu vigésimo segundo aniversário (16 da nossa Era).

Antes de narrar o capítulo da estada em Séforis, a mãe – com muito tino – narrou-me os antecedentes e as razões da temporária mudança de residência de seu filho.

– Não foi um capricho. Os tempos não eram tranquilos. Simão, terminados os estudos, uniu-se a seu irmão Tiago na pedreira...

Tiago canteiro? As ferramentas do telheiro e o excelente acabamento das lajes e da mesa do pátio começaram a fazer sentido.

– ... Jesus, sempre providente, havia falado, repetidas vezes, sobre a necessidade de diversificar os ofícios. Então, de comum acordo, José se responsabilizou pela oficina de carpintaria e Tiago foi especializando-se na pedra. Como te dizia, os tempos não eram bons. Nazaré, e especialmente os carpinteiros, passavam por momentos de sol e sombra. O desemprego, como um lobo, rondou várias vezes a aldeia e meu filho convenceu-se de que era mais prático e inteligente quebrar a tradição familiar. Um ebanista na casa era suficiente.

– E Jesus?

– Continuou no armazém de aprovisionamento de caravanas. Mas alguma coisa fervilhava em sua cabeça. E eu, como sempre, fui a última a saber. Ao longo do ano fez que Tiago alternasse a cantaria com o armazém. Simão era um bom trabalhador e não teve problemas para substituir seu irmão. E no fim desse ano, para minha surpresa, Jesus convocou uma reunião da família. Ladino, havia planejado à perfeição... Ele e Tiago, que na época contava dezoito anos, se entendiam com os olhos. Certamente já se haviam conluiado às minhas costas...

– Maria suspirou resignada. – ... E Jesus, tomando como escusa as aperturas financeiras, falou da sua irrevogável vontade de mudar-se temporariamente para a vizinha Séforis. Recordo-me que fui a única que protestou.

– Por quê? Se não entendi mal, o trabalho escasseava na aldeia.

– Certo – respondeu procurando apoio em outra desculpa. – Mas já sabes como são as mães. Eu pressentia que por trás daquele primeiro afastamento sério do lar escondiam-se outros motivos que não precisamente de ordem financeira.

Já te temos falado muito e repetidas vezes de sua frustrada vocação de viajante...

O argumento não me satisfaz.

– Maria, não exageres... Séforis está a pouco mais de uma hora. Não era o fim do mundo.

– Bem – concordou em parte –, não sei o que dizer-te. Nos seis meses em que ficou ausente só o vimos duas dúzias de vezes. Uma visita por semana, filho. Mas não era disso que eu te queria falar. Nessa histórica reunião de família houve alguma coisa mais. Alguma coisa, precipitado e impaciente amigo, que apontava para longe, mas claro como a luz da aurora. “Algo” que não tinha nada que ver com a nossa penúria e que uma mãe, por pouco que se preze de esperta, sabe distinguir a distância...

Eu estava preso aos lábios de Maria e ela, para meu desespero, fez suspense...

– ... Viajar, já te disse, o fascinava. Ainda que fosse só aí em cima, ao cume do Nebi. Que prazer poderia sentir em mudar de ares? Pois bem, foi como um pressentimento. A ida para Séforis era um sinal. E naquela noite, enquanto ele falava, o céu me iluminou e eu soube que os dias de meu filho como “pai e chefe” da casa do falecido José estavam no limite e bem no limite. À exceção desse outro patife – e a Senhora apontou para o pátio –, todos ficamos perplexos. Jesus, adotando um tom solene, declarou que em sua ausência Tiago ocuparia seu lugar. A partir desse momento assumiria as funções de “segundo chefe”. A verdade é que Tiago nunca foi um “segundo chefe”. Desde o dia em que meu filho saiu para Séforis foi ele o “primeiro chefe”. Tudo ficou debaixo da sua responsabilidade. E Jesus fez seus irmãos prometerem que obedeceriam e respeitariam Tiago em todos os instantes e circunstâncias.

A qualificação foi feliz. As informações colhidas posteriormente deram razão a Maria: aquela assembléia familiar foi histórica na verdade. Aquele mês de *kisleu* (novembro-dezembro) do ano 16 deveria ser recordado como o da soltura das “primeiras amarras de um veleiro que cabeceava inquieto no porto”. Ela não soube ou não quis admiti-lo mas, por pouco que se conhecesse a linha daquele barco, era evidente que suas espaçadas visitas a Nazaré obedeceram a um plano meticulosamente estudado. Dessa forma, ainda que o lar não se tenha visto privado do salário semanal do Mestre, Tiago teve a possibilidade real de exercer a chefia da casa como autêntico cabeça da família. E o Filho do Homem – cada vez mais perto do seu destino – viu-se lenta e progressivamente liberado de seus laços e obrigações domésticas.

– Conhecendo-o como o conhecia – ajuntou a Senhora (em minha opinião sem muito acerto, pois sequer depois da morte e ressurreição teve ela idéias claras a respeito de seu filho) –, não tentei dissuadi-lo. Só lhe formulei uma

pergunta: a que pensava dedicar-se em Séforis? – E a resposta me deixou atônito: – ... À fundição de metais...

– Trabalhou durante seis meses em uma forjaria?

– Isso me disse Ele – confirmou a Senhora. – E agora que o mencionas, percebo que jamais o vi com o avental de forjador...

O relativamente longo período em que Jesus viveu entre fornos e bigornas aclarava outro dos enigmas, detectado na análise dos seus cabelos. Ao submetê-los ao microscópio Ultropack, entre os elementos inorgânicos, além dos habituais – silício, fosfatos, chumbo *etc.* – meu irmão e eu descobrimos altos índices de ferro e iodo⁸². Aí estava a explicação. O ferro que impregnava seus cabelos só podia proceder desse intenso contato com a forja de Séforis. O iodo, certamente, ligava-se a “outras circunstâncias”, das quais, espero, me ocuparei no devido tempo.

– ... Meu filho tinha muitos e bons contatos e não era de estranhar que uma daquelas oficinas o admitisse a seu serviço.

Duro trabalho, por Deus! Se a memória não me traía, até esse ano 16 Jesus havia trabalhado como carpinteiro, ebanista de exteriores, dono de um armazém de aprovisionamento de caravanas, forjador e, ocasionalmente, como lavrador, pescador no *yam* e mestre “particular” de seus irmãos. Todo um recorde que certamente não ficaria aí. E renovo a minha crítica: fraca contribuição a dos evangelistas ao mostrar-nos um Filho de Deus basicamente carpinteiro. Em seu afã por conhecer e partilhar a existência humana, o Mestre foi desempenhando – às vezes sem o querer – um bom número de ofícios, cada qual mais fatigante e representativo.

– E por que o deixou?

– Ele falava sempre de ganhar a vida por etapas. Segundo disse ao voltar, a experiência em Séforis, cidade de pagãos, estava encerrada. Além do mais, Herodes Antipas não lhe inspirava confiança...

Rebeca, que ouvia a narração envolta em suas próprias recordações, interveio:

– Sim e não.

Maria revolveu-se como uma pantera. No desdobramento da sua narração perdera de vista a base e a razão que a justificavam. Essa “base” outra não era senão uma recente e inconclusa revelação da namorada: “Três anos depois daquela conversa no armazém de aprovisionamento, minhas esperanças, intactas, receberam um cálido raio de luz...”

– A que te referes?

A imperiosa e contrariada pergunta da Senhora ficou gravitando na penumbra da plataforma. “O pequeno esquilo”, suando e arfando, entrou

correndo e se juntou a nós. Atrás, deixando no umbral as cores alaranjadas do poente, apareceram suas irmãs. Ruth, ainda sem fôlego, entregou-me um pequeno vaso de argila. Continha uma abundante reserva de florzinhas de calêndula secas, com a consistência da palha. Os pigmentos florais dessa planta contêm preciosos princípios medicinais. Felicitei-a pela sua eficiência e presteza e lhe dei instruções para colocar em um recipiente um ou dois *log* (meio a um litro) de água, macerar a calêndula e, quando a água estivesse fervendo, atirá-la na vasilha, que deveria ser de preferência de metal.

– E depois?

A dificuldade para fazê-la compreender um conceito que hoje não encerra complicação nenhuma – “quinze minutos” – me forçou a omitir nas instruções a segunda parte da preparação. Acaricieei seus ruivos cabelos e contornei a situação pedindo-lhe que me avisasse quando o sol se tivesse ocultado no horizonte. Naquele momento devíamos estar muito próximo das seis da tarde.

Míriam e Esta – para surpresa de todos – mostraram, orgulhosas, uma regular porção de gelo, protegido por folhas de samambaia. A surpresa maior ficou por conta da sua procedência: vinha da casa do chefe do conselho. Jacó e Tiago, alarmados diante da insólita generosidade de Ismael, pediram detalhes. Elas, porém, ocupadas em seguir minhas recomendações, deram-lhes as costas e deixaram para mais tarde as explicações.

Quando as bandagens já acusavam uma temperatura bem baixa fui aplicando-as no joelho da Senhora, que não tardou a experimentar o esperado alívio. O frio, além de acalmar a dor, provocou uma vasoconstrição, reduzindo o extravazamento sangüíneo e o edema.

A aplicação, muito simples, devia ser repetida regularmente até que o gelo acabasse. E o otimismo de Maria despertou bruscamente, com um delicioso ímpeto... Eu estava descuidado, assistindo à troca das compressas por parte de Míriam, que aprendia rapidamente a fazê-lo, quando a espontânea Senhora estalou-me um sonoro beijo na face. O carinhoso gesto foi recebido com risos e aplausos.

Pelas seis horas e vinte e dois minutos, com a queda do sol, Ruth me levou até o tacho de metal que fervia no fogão. Tirei-o do fogo, deixei-o uns três minutos em repouso e mostrei à jovem como empapar as bandagens na poção, alternando-as com as compressas de gelo. A infusão de calêndula, muito apropriada para pancadas e contusões, completou minha modestíssima contribuição, remediando em parte o que – muito certamente – não haveria demorado a sarar por si mesmo.

Os homens, impacientes, continuaram pressionando Míriam. Ela passou então a contar a resumida história do gelo. O responsável pela cessão havia sido

o criado que já lhes havia dado informações secretas em duas ocasiões. Mas Jacó e Tiago ainda não compreendiam. “E o saduceu?”

Tudo tinha sua explicação. Aparentemente – essas foram as palavras do “espia” da família –, Ismael estava ausente desde as primeiras horas da manhã. Por alguma razão desconhecida havia partido para Séforis com evidente pressa.

Como era de prever, o assunto desencadeou uma onda de opiniões. A mulher de Tiago, porém, em sua natural condição, não abriu os lábios. Jacó falou de “negócios suspeitosos”. Como explicar de outra maneira a repentina partida da víbora? Tiago permaneceu pensativo. E resumiu suas reflexões com tanto acerto quanto escasso brilho:

– Pode ser tão bom quanto mau...

Míriam e Rebeca, mais intuitivas, mostraram-se pessimistas. As intrigas do sacerdote junto ao tribunal poderiam ser nefastas. Ruth e a Senhora limitaram-se a ouvir e a recomendar que fossem cordatos e tivessem calma. Deviam permanecer unidos.

Curiosamente, nenhuma das interpretações acertou o alvo...

Não havia razão para converter a viagem do saduceu em tragédia.

– Os problemas, como as dívidas – sentenciou Maria repetindo um pensamento do seu filho –, um de cada vez.

E, imperativa como uma rainha, pediu aos homens que ajudassem a levá-la para o pátio. Tiago consultou-me com um olhar. Suponho que uma negativa não haveria dobrado a vontade de aço daquela mulher. Deixando de parte a rigidez, concordei. De certo modo, Maria tentava não perturbar demais o já precário ambiente da casa. O plano superior da sala devia ser utilizado, logo mais, como dormitório da numerosa prole. A noite, já entrada, apoiou a decisão da Senhora. E o curral, milagrosamente livre das crianças, aspirou aliviado as últimas e fragrantas exalações de anêmonas, macelas e tulipas que já se preparavam para fechar suas flores.

A Senhora, entre as inevitáveis risadas e graçolas da criançada, foi transportada nos braços até a cabeceira da mesa de granito. Ali, submetida à minha guarda, foi beijando, um a um, cada neto. Concluída a cerimônia, o infernal bando, com muita dificuldade, foi recolhido no interior da casa, sob a implacável tutela de Míriam e Esta. “O pequeno esquilo”, ajoelhada junto ao bloco de pedra que servia de assento à mãe, manteve-se vigilante, trocando as compressas. Rebeca foi ajudar no árduo trabalho de desnudar e alimentar a gente miúda. Em sua qualidade de hóspede foi gentilmente despedida da cozinha. E, para sossego e satisfação deste pecador, foi sentar sua beleza junto a Maria.

Tiago subiu na mesa de granito e pendurou na amoreira uma lâmpada de

azeite que, com a ajuda de outras duas lanternas, colocadas por Jacó em cima da mesa, tentaria vencer o negror da estrelada noite. Uma noite – eu o sentia – carregada tanto de bons como de maus presságios. Bons para mim. Não tão bons, ao contrário, para a família que me acolhia com tão cativante afeto. Mas vamos por partes.

Para dizer a verdade, entre umas coisas e outras, Rebeca e eu quase havíamos esquecido o abrupto final da nossa conversa com Maria. Aquele “sim e não” de Rebeca, questionando as explicações da Senhora acerca do abandono de Séforis por Jesus, continuava flutuando na mente de Maria e perturbando-a. E antes que o dono da casa acabasse de fixar a candeia ao ramo da árvore, abordou a moça sem medo e sem concessões:

– Explica-te. Tu estavas lá. Não foi por causa do odioso Antipas?

O desafio foi aceito. Se Maria era retilínea em pensamento e ação, Rebeca tinha pouco que invejá-la.

– Mamãe Maria, estou vendo que nunca o soubeste...

– Nunca soube o quê? – interveio Jacó sem compreender. Mas a Senhora, agitando com impaciência sua mão direita ordenou-lhe que se sentasse e não interrompesse.

– Jesus, com efeito – prosseguiu sem pressa – te falou a verdade. Sua experiência em Séforis, seus contatos com os pagãos e o conhecimento dos seus costumes foram satisfatórios. E não é menos certo que suas divergências com Herodes Antipas abreviaram sua volta para Nazaré. Como sabes, o grupo para o qual ele trabalhava aceitou participar da construção de vários edifícios públicos. Tanto os de Séforis como os de Tiberíades eram custeados pelo Governador. Em face da injustiça cometida após a morte de José, Jesus negou-se: não trabalharia com “a velha raposa”...

Rebeca fez uma pausa. Cheguei a crer que se arrependera de haver falado. Meu desconhecimento acerca das mulheres (uma raça “à parte”) podia encher a biblioteca do Capitólio...

– Disso sabemos – confirmou a mãe sem pestanejar e procurando a “razão oculta” que já emergia nos olhos da interlocutora.

– Passou-se muito tempo e não tem sentido manter segredo...

A pálida linha dos lábios da Senhora tremeu.

– Eu provoquei sua partida. – E, adiantando-se à investida de Maria, acrescentou tranqüilizadora: – Não te alarmes. Sabes que sou incapaz de fazer mal a alguém. Muito menos a ele. Mas, ao saber que trabalhava na forjaria, fiz tudo para observá-lo sem ser vista. E assim vivi minha grande ilusão, semana após semana, escondida na penumbra de uma janela...

– Rebeca!

Aceitou a censura. Mas, combatendo de igual para igual, não tardou a devolver o golpe.

– Não terias feito o mesmo por José?

Astuciosamente, a Senhora esquivou-se.

– Que mais?

Aquele olhar celeste parecia esperar a sutil descarga. Mas não se perturbou.

– Nada mais... Nem sequer pude falar com ele.

Maria, desconfiada, lendo além das palavras, pressionou-a.

– Estás certa? Que achas que provocou sua volta?

Rebeca hesitou, provocando uma ansiedade geral.

– Houve alguma coisa mais.

E a mãe, desviando seus dardos para mim, me preveniu:

– Não te esqueças, “menino” Jasão... “Mulher enamorada: hera agarradora.”

– Sim – repliquei em defesa de Rebeca –, uma hera que perfuma o que toca.

Jacó, divertido diante da minha ousadia, deu uma cotovelada no cunhado.

Mas Maria o desintegrou com o olhar.

– Quando eu soube que Jesus se decidira a cancelar seu contrato com a forjaria – prosseguiu, tentando detectar novos conflitos familiares – eu quis vê-lo... – A Senhora, alheia a essas pequenas histórias, ficou em tensa expectativa. – ... Meu pai concordou e foi à oficina convidá-lo a ir à nossa casa... – O susto fez empalidecer o rosto de Maria. – ... Jesus recusou o convite. E o raio de luz que mantinha minhas esperanças eclipsou-se. No dia seguinte, antes do previsto, abandonou a cidade. Eu provoquei isso.

Ninguém suspirou. E os primeiros astros, no alto, foram tomando posição, à espera da sempre atrasada frota de estrelas.

Eu desejaria tê-la consolado. Explicar-lhe que, muito certamente, como aqueles planetas noviços, seus temores não refletiam a verdade. Esta, como a noite, é sempre uma construção complexa. Da Terra, o ser humano deve limitar-se a contemplá-la. Possuir a verdade – como as estrelas – é ainda um sonho. Se o Mestre decidiu sair de Séforis não foi por sua causa. E a Senhora, lendo em seu firmamento interior, restabeleceu a ordem.

– Enganaste, criatura. Desterra essa idéia absurda. Meu filho (tu o aprendeste em seus anos de pregação), atuava movido pela vontade de seu Pai, nunca por temores humanos.

Tive vontade de devolver-lhe o beijo. Dificilmente se poderia sintetizar a questão com maior elegância. Meu sorriso, no qual poderiam instalar-se todas as constelações, bastou, porém, de sobra. Aproveitei o excelente humor da Senhora para arrastá-la ao terreno que me convinha. A intuição – esse infalível semáforo da alma – não deixava de tremular auspiciosamente. Havia tempo que me

advertia da importância daquela serena e concorrida noite. Com a aurora, com a quinta-feira e com a reunião do Pequeno Sinédrio de Séforis minha sorte podia melhorar muito.

Erguendo o olhar para o violáceo e mortiço perfil do Nebi, minha providencial protetora inspirou e bebeu a fragrância que se elevava das suas encostas. E, com os olhos semicerrados, sem desviar a proa do seu pensamento da montanha, foi falando-me devagarinho. Comprazendo-se. Agradecendo. Invocando suas recordações. Deixando que pousassem, como suas pombas, nos ramos do seu coração. E assim, serenamente, recebi as chaves que me permitiram escrever as últimas páginas da estada do Filho do Homem na recôndita Nazaré.

Concluída sua experiência na forjaria, retomou o trabalho à frente do armazém de aprovisionamento. E cumpriu o combinado: Tiago continuou exercendo a chefia da casa.

O alvorecer do ano seguinte – 17 da atual Era cristã – foi um dos mais luminosos e esperançosos para a família. O desemprego acabou e os salários dos quatro filhos maiores mudaram o rumo da economia doméstica. Míriam e Marta, por sua vez, a primeira com a venda do leite e da manteiga e a segunda ajudando a mãe no tear, incrementaram os recursos da casa. Mais de um terço do preço do armazém de aprovisionamento já estava pago e, pela primeira vez em anos, dispunham de umas economias. Essa merecida folga aliviou tensões e permitiu a Jesus cumprir uma das tradições familiares: acompanhar seu irmão Simão, o canteiro, à festa da Páscoa. Desde o falecimento de seu pai na terra, o Filho do Homem não havia tido tanto tempo disponível. E soube aproveitá-lo. Como era de costume, escolheu uma rota inédita: Decápolis, Pela, Gerasa do Sul, Filadélfia (atual Amã), Jesbon, Jericó e Jerusalém.

Nesse percurso, atravessando as terras situadas a leste do rio Jordão, os irmãos fizeram amizade com um homem que, poucos meses depois, se converteria na quarta “grande tentação” de Jesus. Quando leio os evangelistas e me detenho nas famosas “tentações do retiro no deserto” não posso deixar de maravilhar-me ante a solene ingenuidade dos péssimos historiadores da vida de Cristo. “Pedras que estão a ponto de transformar-se em pão”, “vôos sem motor até o pináculo do templo”... Em suma, belas e preocupantes fantasias orientais, muito próprias de gente que “havia ouvido sinos” e que, lamentavelmente, não soubera obter uma informação rigorosa. O Filho de Deus, como homem, claro que foi tentado. Mas, ao que eu saiba, com manobras e propósitos mais sibilinos e – vá lá a redundância – tentadores. Ao longo de sua vida terrena teve de escolher. Existe forma mais diabólica de tentação? Foi-lhe oferecida uma “carreira”: uma educação refinada nas escolas rabínicas da Cidade Santa. Pôde

cobrir-se da duvidosa glória humana, participando do movimento zelote. Foi-lhe dada uma atraente possibilidade de sair da pobreza casando-se com Rebeca. O “canto de sereia” seguinte – mais perigoso do que os anteriores – foi entoado pela cultura. Para ser exato, pelo gosto de ensinar.

À sua passagem por Filadélfia, o Mestre e Simão conheceram um próspero e nobre mercador de Damasco, dono de quatro mil camelos e inteligente negociante, com interesses e grandes quantias espalhados por todo o império. Dirigia-se a Roma e, ao entrar em Jerusalém, convidou Jesus à sua casa. A notável instrução e os amplos conhecimentos daquele impenitente viajante cativaram o Filho do Homem. Por sua vez, o oriental recebeu uma forte impressão daquele galileu de vinte e dois anos que destilava “algo” especial... E quando Jesus se despedia, rumo a Betânia, o banqueiro lhe ofereceu um lugar nos seus negócios de importação. Deveria acompanhá-lo a Damasco e, posteriormente, ao resto do mundo conhecido. O Nazareno recusou a oferta, escudado nas suas obrigações de chefe de família. Mas o mercador também não era homem que se rendesse facilmente. E algum tempo depois voltaria à carga, com uma “tentação” de diferente natureza.

Simão ganhou a legalidade judaica e, por espaço de uma semana, Jesus e seu irmão desfrutaram a liberdade. Jerusalém, em plena festa, era um torvelinho de línguas, cores e costumes. E o curioso Jesus deixou-se levar por aquela agitação, participando de dezenas de conclaves. Em um desses encontros com pagãos e peregrinos, conheceu um grego que fazia sua primeira viagem à Cidade Santa. Era a terça-feira da Páscoa. Local: o esplêndido palácio dos Asmoneus. Pois bem, esse grego – que recebeu o nome de Estêvão – ficou emocionado diante do estilo e das idéias de Jesus. E durante quatro horas discutiram sobre o humano e o divino. A revolucionária filosofia do Galileu acerca do Pai Azul o deixou fora de combate. Nunca mais voltariam a ver-se nem a saber um do outro. Todavia, ainda que não o possa demonstrar, tenho fundadas razões para pensar que o jovem e fogoso grego passaria à história como aquele Estêvão que seria lapidado às portas de Jerusalém pelo ano 36 de nossa Era. Quer dizer, ao redor de vinte e um anos depois dessa providencial conversa. Uma morte da qual, como é sabido, nasceria para a fé o não menos célebre Saulo ou Paulo de Tarso, verdadeiro “fundador” do Cristianismo⁸³.

O regresso para Nazaré, no domingo seguinte à semana da Páscoa, transcorreu por cenários igualmente novos: Lidda, a rota da costa, Joppe e Cesaréia e, contornando o monte Carmelo, Akkó (Ptolemaida) até a aldeia. Dessa forma o incansável Jesus completou seu conhecimento da Palestina situada ao norte de Jerusalém.

A volta ao lar, como em cada viagem, foi um maravilhoso tumulto. Simão

ficou horas relatando à família a sua aventura. E uma vez mais a Senhora – ao saber dos contatos de seu filho com tanta gente e de longínquas terras – sentiu ressurgirem seus velhos temores. Por que aquele afã por viajar e, sobretudo, por relacionar-se com pessoas tão alheias à religião e à maneira de ser judaicas?

Embora creia havê-lo mencionado, à força da rotina de anos e dos cada vez mais herméticos silêncios de Jesus com respeito a seu papel como Messias, a mãe, de certo modo, foi perdendo a noção de um primogênito libertador e líder nacional. Para remate, aquela febre pelas viagens acabaria de desiludi-la. Só de quando em quando a indestrutível imagem do anjo na anunciação agitava sua alma, sepultando-a em um mar de dúvidas. Mas, como todas as mães, se foi ajustando à idéia: mais cedo ou mais tarde, Jesus “voaria” de seu lado...

E o tímido salto à vizinha cidade de Séforis encontraria logo seu segundo elo: Damasco.

Jesus, chefe de uma escola de filosofia religiosa...

Essa foi a quarta “grande tentação”. Mas devo seguir o curso dos acontecimentos tal como os recebi da família.

Umás oito semanas depois de celebrar seus vinte e três anos, entrado já o mês de *kisleu* (novembro-dezembro), aquele Jesus “feito e perfeito” receberia uma grata mensagem. Um emissário do rico comerciante de Damasco apresentou-se em Nazaré com o encargo de o convidar a ir àquela próspera cidade oriental. A Senhora foi a única que se opôs à idéia. Mas o destino estava traçado e o Mestre partiu. A separação se prolongaria por quatro meses daquele ano 17.

Por que Jesus aceitou? Teria mudado de critério a respeito do mundo dos negócios? A razão foi outra: o mercador desejava fundar em Damasco uma escola filosófica capaz de fazer sombra aos prestigiosos centros de Alexandria. E para concretizar o ambicioso projeto pensou naquele jovem singular, culto e profundo que havia conhecido em Filadélfia e Jerusalém. Em um primeiro momento a idéia entusiasmou o Galileu. E sua surpresa não teve limites quando, ao chegar a Damasco, o banqueiro pôs à sua disposição uma grande soma para fazer face aos primeiros gastos.

Para começar, o chefe da futura “universidade” devia visitar os mais renomados foros culturais e pedagógicos da órbita mediterrânea, bebendo a essência de suas doutrinas e ensinamentos. A seriedade do magno projeto valeu-lhe o apoio de outros doze banqueiros que se comprometeram a financiar a operação, se e quando Jesus se dignasse dirigi-la.

Aqueles meses passaram perigosamente para o Filho do Homem. A tentação de ensinar e difundir a cultura se fez quase inelutável. Finalmente desistiu. Seu acariciado “grande sonho” – revelar ao mundo a existência de seu

Pai – apontava, já, como uma aurora ofuscante. Trabalhou na planificação do centro, ajudando seu amigo e benfeitor, traduziu numerosos documentos e devorou quantos livros e manuscritos caíram em suas mãos. E quando o ano já chegava ao fim, para desconsolo do mercador e de seus amigos, voltou para Nazaré. A tentação havia sido vencida.

As duas primeiras e importantes ausências de Jesus – Séforis e Damasco –, ainda que penosas, foram imunizando a família. A Providência, sem pressa, continuava erguendo o cenário em que deveria representar-se o último ato da vida do Filho da Promessa. Os irmãos e a mãe, à sua maneira, começaram a sentir que Nazaré era um “ninho” extremamente acanhado para a envergadura de tão esplêndida “águia dourada”. Seus “vôos”, cada vez mais altos e prolongados, anunciavam um não muito distante e definitivo êxodo. De acordo com a sábia Natureza, esse desligamento forjou-se sem traumas e ao ritmo do relógio das necessidades humanas.

Naqueles anos que antecederam a sua chamada “vida pública”, e apesar da inteligência e do magnetismo que possuía, ninguém sobre a Terra haveria podido imaginar que aquele gigante de um metro e oitenta e um centímetros, de compleição atlética, trabalhador e viajante infatigável, estava chamado a mudar a bússola da sua história. No máximo, os mais otimistas lhe auguravam um futuro discretamente brilhante como professor.

De fato, sua fama como mestre corria de boca em boca. Na primavera do ano 18 isso ficaria demonstrado em definitivo. Uma semana depois da Páscoa, um jovem judeu residente em Alexandria visitou Jesus em sua casa de Nazaré propondo o que o Mestre aceitou com prazer: um intercâmbio de impressões com uma seleta representação de sábios e rabinos que trabalhavam naquela metrópole egípcia.

E foi assim que em junho, a dois meses do seu vigésimo quarto aniversário, já se sentava em Cesaréia diante de quatro ou cinco professores eminentes. Os debates giraram em torno de duas idéias e uma proposta. Para aqueles judeus, Alexandria estava destinada a ocupar o centro cultural do mundo. As correntes helênicas imperavam na civilização mediterrânea, ultrapassando o pensamento e a filosofia babilônicos. Quanto à proposta, não há dúvida de que constituiu em si uma quinta tentação.

Alexandria ofertava-lhe um posto de professor e ajudante do decano da sinagoga principal. Para isso, obviamente, deveria morar no Egito.

Ao longo dessa reunião com a nata e a flor da sabedoria judaica no exílio, o Filho do Homem teve ocasião de ouvir um prognóstico que anos depois, já com plena consciência de sua divindade, se converteria em profecia: a destruição de

Jerusalém e do Templo.

Os rabinos, com o intento de conquistá-lo para a sua causa, não hesitaram em fazê-lo partícipe dos preocupantes rumores que circulavam dentro e fora da Palestina. A rebelião – disseram – era iminente. A nação seria esmagada por Roma no prazo máximo de três meses. Os homens prudentes deviam abandonar Israel. Que melhor momento para ele e sua família? Alexandria abria-lhes os braços.

Na avaliação de Jacó e Tiago, principais informantes desta seqüência, Jesus voltou a sofrer diante dessa nova e tentadora proposta. Meditou sem pressa e, “após retirar-se e consultar seu Pai dos céus”, respondeu aos embaixadores da cultura judaica em Alexandria com uma frase que não esperavam: “Minha hora ainda não chegou”. Confusos, momentos antes de partir tentaram compensar o tempo perdido pelo Galileu com uma avultada bolsa. O Mestre recusou-a igualmente, frisando: “A casa de José nunca aceitou esmolas. Não podemos comer o pão alheio enquanto eu tiver bons braços e meus irmãos puderem trabalhar”.

E a quinta tentação também caiu no esquecimento. Maria e seus filhos, todavia, não compreenderam a razão da renúncia. Durante algum tempo polemizou-se de novo no lar de Nazaré. Que pretendia aquele estranho primogênito de vinte e quatro anos, atrevendo-se a recusar o que a maioria teria considerado a culminação de uma vida? A Senhora recordava com saudade sua estada na bela cidade egípcia e foi a mais ardente defensora da mudança. Empenho estéril. Jesus guardava silêncio e continuava a desempenhar os seus trabalhos, aparentemente obscuros, como modesto chefe de um quase perdido armazém de aprovisionamento. E os últimos seis meses daquele ano 18 transcorreram em paz, com o único sobressalto da notícia dada em segredo por Tiago.

– Eu havia completado vinte anos – disse o dono da casa diante do nostálgico olhar de sua mãe – e achei que aquele mês de dezembro era o momento ideal para falar-lhe dos meus projetos. Sabendo das inquietações de meu irmão e das suas repentinas e dilatadas viagens não quis arriscar-me a esperar mais. Tive então uma conversa íntima com ele e falei-lhe do meu desejo de casar-me.

Apesar dos doze anos transcorridos desde aquela secreta entrevista com Jesus, Tiago conservava na memória, como que gravados em uma lousa, até o último dos detalhes. E como bom canteiro cinzelou a cena com os golpes justos.

– Meu irmão empalideceu. Sua luminosa percepção em questões transcendentais claudicava e falhava nos assuntos domésticos. Nem por um momento imaginou que eu pudesse estar enamorado.

– Então era distraído.

Jacó adiantou-se a seu cunhado, satisfazendo minha curiosidade.

– Quanto mais sábio, mais distraído. Nunca lembrava onde deixava as coisas.

– O sábio – interveio Rebeca em uma ociosa defesa de Jesus – é superior ao rei.

– Sim, eu sei – concordou Jacó, encerrando a sentença que apregoavam os rabinos e que Rebeca acabava de citar: – um sábio que morre é insubstituível. Para o trono de um rei, ao contrário, sempre há candidatos.

– E que respondeu ele?

– Quando baixou das nuvens mostrou-se contente. E ao saber o nome (Esta) abraçou-me feliz. Então veio o pior ... – O cunhado, concordando, assentiu com um gesto de cabeça. –... Como era natural, queríamos casar quanto antes. Meu irmão disse que não. Para dar sua definitiva bênção impôs duas condições: primeira, que esperássemos dois anos; segunda, tendo em conta que faltavam três meses para José completar os dezoito anos e que, em consequência, poderia substituir-me na direção dos assuntos familiares, exigiu-me que o fosse preparando para essa função. Meus protestos serviram de pouco. Este impaciente namorado não conseguia enxergar além do seu nariz...

– Que queres dizer?

A pergunta, confesso-o, tampouco foi uma demonstração de perspicácia.

– Estamos falando de coisa de doze anos atrás. Não te esqueças, Jasão. Ele sabia o que queria. Necessitei de muito tempo para compreendê-lo. Foi aos dezesseis anos que adotou aquela grande decisão. Estás lembrado? “Esperar que todos nós déssemos um rumo à vida para empreender seu grande sonho.” Minucioso e responsável, não gostava de cabos soltos... E aceitei, claro. Que mais podia fazer?

O beneplácito do chefe geral da casa ao casamento de seu irmão com a discreta filha de Nazaré desencadearia um segundo e inesperado acontecimento. Animada pela positiva reação de Jesus, a irmã mais velha, Míriam, apressou-se a comunicar-lhe que também ela estava enamorada.

Os olhos de Jacó brilharam a essa evocação. Franzindo as sobrancelhas, resumiu com um lamento o embaraçoso lance que a ele coube.

– Eu teria preferido uma semana a pão e água.

A Senhora o repreendeu, tachando-o de exagerado. Ele continuou a contar:

– Conheci Jesus desde que nasceu. Vivi a seu lado dia e noite. Parede com parede. Defendi-o e protegi-o. Sentei-me a seus pés para aprender. Queria-lhe como a um irmão. Mas quando Míriam me disse qual fora a decisão de Jesus meus joelhos tremeram: deveria apresentar-me a Ele e pedi-la oficialmente em

casamento. Podes imaginar? Eu, Jacó, seu amigo e confidente, vestido solenemente, pedindo Míriam... Como era de esperar, à segunda palavra caí na risada. Contagiado, Ele me abraçou e me chamou “cunhado”. Dobrando-nos de gargalhadas tivemos de fugir de casa, perseguidos a vassouradas pela minha prometida e pela minha futura sogra...

– Sim – confirmou Maria chasqueando –, uma tragédia. Uma parelha de embusteiros!....

Jacó fez que não a ouvira.

– Em outras palavras – lamentou-se Jacó –, anunciou-nos o que já sabíamos por Tiago: deveríamos esperar. E Míriam, por sua parte, comprometeu-se a preparar Marta para as tarefas domésticas, que desempenhava como filha mais velha.

– Então o “Míriam, a mais bela e seu pedreiro” foi obra tua. O meu inesperado comentário, lembrando a inscrição na rocha do cume do Nebi, desconcertou Jacó. O negror da noite tornou cinzento o rubor do seu rosto. Tartamudeou e, diante das risadinhas de Ruth e Rebeca, e sem perder de vista sua atônita sogra, desculpou-se com um débil “não sei...”.

A Senhora exigiu detalhes. Mas Tiago, protegendo seu amigo, minimizou a importância do fato, qualificando-o de “criancice própria de namorados”. E a mãe, resignada, refugiou-se em uma de suas frases favoritas:

– Sempre sou a última a saber das coisas...

Maria estava certa. E se aquilo não transcendia a fronteira do anedótico, o mesmo não se podia dizer do grave incidente protagonizado por Judas no ano seguinte e que, aliás criteriosamente, lhe fora ocultado...

Onze anos levou a família para liquidar suas dívidas. A recuperação da economia, iniciada no ano 18, se concluiria no 19 da nossa Era. A derradeira prestação do preço do armazém de aprovisionamento constituiu um alívio que só os que enfrentaram alguma vez a liquidação de um débito, uma hipoteca ou uma compra a prazo poderão entender em sua exata medida. A casa ficou em festa. A esquiva fortuna havia feito uma parada em Nazaré. Os irmãos menores estavam concluindo seus estudos, todos gozavam de excelente saúde, nas arcas sobravam algumas economias, o trabalho continuava alimentando sonhos e a enferrujada rosa dos ventos das ilusões da Senhora tornava a oscilar.

Os casamentos ficaram definitivamente marcados para o final do ano 20. O destino do Filho do Homem arrastava-o em sua inexorável espiral ascendente. Entretanto, como reza o velho e sábio adágio, “em casa de pobre a felicidade nunca é completa”.

Três meses depois do feliz e duplo compromisso matrimonial, Jesus revelou

ao seu irmão mais novo sua vontade de mostrar-lhe a Cidade Santa. Judas, que em 24 de junho desse ano 19 faria catorze anos, recebeu com grande alegria o convite. Poucos dias antes de 14 de *nisan* (março-abril), fiéis ao costume, puseram-se a caminho com destino a Jerusalém.

Tiago, que me fazia o relato, fez uma parada. Inclinou-se para Jacó e, grave e misterioso, sussurrou-lhe alguma coisa. Até Ruth, com uma compressa na mão, ficou em suspense. Os homens observaram Maria. E depois de alguns segundos de vacilação o pedreiro imitou seu cunhado, cochichando-lhe um comentário ou uma resposta que também não consegui ouvir.

– Que estais tramando? – disparou “o pequeno esquilo”, traduzindo o sentir geral.

Jacó pareceu mostrar-se de acordo com a idéia do cunhado. E este, aumentando o suspense, dirigiu-se à mãe nos seguintes termos:

– Mamãe Maria, prometes não te aborreceres?

Seu olhar verde caminhou veloz de Jacó a Tiago e de novo a seu genro. E a curiosidade venceu-a.

– Pois bem – anunciou seu filho, não muito convencido da docilidade da Senhora –, nessa viagem ocorreu um fato que, em nosso propósito de não te desgostar, decidimos ocultar-te...

Maria tamborilou os dedos no granito da mesa. E Jacó, prevendo a borrasca, tentou conciliar:

– Já se passaram onze anos!

Mas a tormenta já sibilava debaixo da amoreira.

– Continua, Tiago.

– Assim que chegaram a Jerusalém, Jesus conduziu Judas ao templo. E numa dessas casualidades da vida deram com Lázaro de Betânia. Entretiveram-se conversando e preparando a ceia pascal, sem dar muita atenção ao eufórico e deslumbrado rebelde...

O qualificativo não agradou à Senhora.

– Não comecemos de novo...

Tiago contemporizou, contrariado.

– Está bem. O caso é que nas imediações do Átrio dos Gentios achava-se parado um dos legionários de guarda. Segundo a versão de Judas, o legionário usou algumas expressões de mau gosto à passagem de uma jovem judia. E sua reação não se fez esperar. Com a insolência que o distinguia, repreendeu o romano, chamando-o de todos os nomes... – Ruth deixou cair as compressas das mãos. Maria, atônita, começou a imaginar o desenlace do grave episódio. – ... Lázaro e Jesus intervieram prontamente, tentando acalmar o veemente Judas e evitar a cólera do soldado. O mal estava feito e o jovem, como era de prever, foi

detido no ato. A argumentação de Jesus (que possivelmente teria resolvido a questão) tornou-se inócua quando, de repente, em vez de ficar calado, Judas enfrentou de novo a sentinela expressando-lhe seus sentimentos patrióticos e tachando Roma de “rameira”. Aí terminou a disputa. Ambos foram detidos e conduzidos às masmorras da fortaleza Antônio...

– Valha-nos Yaveh!

Apesar do tempo decorrido, Maria viveu o incidente como se acabasse de assisti-lo. Quanto a mim, mais do que a sorte de Judas, o que despertou meu interesse foi a insólita presença do Mestre em um cárcere romano.

– Deixa-me terminar – ordenou o canteiro, evitando com dificuldade o tropel de perguntas da mãe. – Jesus, como podereis imaginar, não quis separar-se do irmão. E tentou apressar o interrogatório de Judas. Suas palavras cordatas não serviram de muito. E viram-se obrigados a “celebrar” a ceia de Páscoa a pão e água, nos imundos e úmidos calabouços da Antônio...

– Deus Todo-Poderoso! Meus filhos encarcerados por esses miseráveis...

O furor da Senhora já era uma onda.

– ... O pior não foi isso. – Tiago, metido já até a medula na revelação do caso, não parou. – ... Judas não pôde assistir à cerimônia da sua maioridade legal.

– Então – exclamou Maria – me enganaste duplamente...

– Entendemos que era o menor dos males. Mas não te alarmes: Judas teve sua *Bar Mitzvah* alguns anos depois, quando se alistou no movimento zelote.

Dessa vez fui eu quem o interrompeu.

– Ele foi um zelote?

Tiago fez que sim com a cabeça.

– E Jesus soube?

Os homens, a uma voz, satisfizeram minha lógica curiosidade com afirmativos movimentos de cabeça.

– Queres que eu prossiga, mamãe Maria?

A Senhora, que havia passado do susto e da indignação à tristeza, permaneceu muda. E Tiago, bom tradutor de silêncios, concluiu a exposição:

– No dia seguinte, Jesus, representando Judas, foi conduzido à presença do magistrado e interrogado. Ofereceu todas as desculpas, invocando em sua defesa a juventude do rapaz e o inegável caráter provocativo do incidente. O juiz romano aceitou os razoáveis argumentos. E ao pô-los em liberdade advertiu Jesus sobre algo que lamentavelmente era certo: “Deves vigiar teu irmão. Seu comportamento cego pode ocasionar novos e muito graves transtornos”.

– Comportamento cego? – a voz da mãe, ferida em seu patriotismo, ressoou como um trovão. – Porque foi um leal filho de Israel?

Ninguém quis se aventurar nas areias movediças do nacionalismo. E a Senhora, disposta sempre a bater-se por sua pátria e por seus filhos, deu vazão ao que pensava da prudência e moderação dos presentes:

– Escutai-me bem! Eu, Maria, “a das pombas”, teria agido do mesmo modo...

Recuperou o fôlego e, captando o rangido de alguns pensamentos, os atropelou, como sempre, com o seu temível carro da verdade.

– ... Estou lendo a censura em vossos corações. Pensais que não estive de acordo com meu filho sobre a não-violência? Vou dizer-vos algo: não gosto da guerra. Na paz são os filhos que sepultam os pais, nas revoluções, eu sei, ocorre o contrário. Mas também não me agradam a vergonha e a desonra. Esta é a minha terra. E enquanto viver defenderei sua liberdade.

Não sei se para bem ou para mal – quem sou eu para julgar? –, aquelas idéias acompanhariam a Senhora até sua tumba. E o ingrato capítulo da “ovelha negra” da família foi encerrado. O magistrado romano da fortaleza Antônio prognosticou com acerto: Judas, irrefletido, ególatra e violento, continuaria sua carreira de desmandos, para desespero da família. Mas haverá tempo para voltar a falar sobre isso.

A visita do Mestre, na primavera do ano 19, a Jerusalém, em companhia do insociável irmão, seria a última com esse caráter, marcando o começo da definitiva ruptura do Filho do Homem com os laços da carne e do sangue. O destino acampava já por trás das colinas de Nazaré para reclamar o que era seu...

Bendita criatura! Em um minuto rompeu a couraça de pensamentos negros que, como um segundo e sombrio firmamento, havia toldado o pátio. Nenhum dos presentes – chocados com a revelação de Tiago – o viu infiltrar-se no assento ocupado pela absorta Rebeca. O caso é que, em meio a um silêncio plúmbeo – ressaca previsível após a maré provocada pela Senhora –, Rebeca lançou um grito. E, bracejando como uma marionete, lançando ais e saltando do banco de granito, pregou um tremendo susto em toda a família. Jacó, que estava à sua direita, foi o primeiro a descobrir o audacioso comediante. Ruth e Tiago, alarmados, precipitaram-se em auxílio da descontrolada mulher. E o “celta”, suspeitando do pequeno Judá, seu primogênito, pegou-o por uma orelha e exigiu-lhe uma explicação. Os gritos e patadas do garoto, as exigências e os impropérios do pai, os gemidos de Rebeca, as manobras de Ruth tentando em vão introduzir a mão pela gola da sua túnica, as confusas perguntas de Tiago e os apelos da Senhora por calma e serenidade, converteram o recinto em um pandemônio. Só o furão, o gato dos pântanos e eu conservávamos ali o equilíbrio e a sensatez.

O cenário mudou quando “o pequeno esquilo”, quase aos empurrões,

arrastou Rebeca para o interior da casa. Míriam e Esta, que estavam junto à porta de ligação, espantadas diante daquele verdadeiro enigma, mal tiveram tempo para abrir caminho às duas.

A impetuosa retirada de Ruth e Rebeca distraiu Jacó. O diabinho, então, arriscando um “tudo ou nada”, escapuliu da cólera paterna e foi procurar refúgio, entre soluços, nos braços da avó. O pedreiro avançou para o suspeito, disposto a desfazer o mistério, mas a sogra não lhe permitiu aproximar-se.

– Deixa isso comigo...

E, tomando entre suas mãos a chorosa cara de Judá, enxugou-lhe as lágrimas e pediu-lhe que fosse sincero...

– Era só um grilo – confessou, enfim, o culpado do alvoroço. Maria ergueu os olhos para seus filhos e, esforçando-se para conter o riso, terminou apertando o pequeno no peito e mandou que Jacó voltasse a sentar-se e não perdesse as estribeiras. Tiago, retirando-se para junto do alpendre, caiu na gargalhada, com o que descarregou a tensão provocada pela recordação do caso de Judas...

– Por que fizeste isso?

O tom fingidamente severo da avó não conseguiu outra resposta que um indecifrável trejeito, seguido de um encolher de ombros. Maria, porém, insistiu. Então o primogênito de Jacó e Míriam confessou alguma coisa que mudou o tolerante olhar da avó.

– O tio Jesus dizia...

– O tio Jesus te ensinou a meter grilos nas roupas da gente?

– Judá! – advertiu seu pai. – Por que mentes?

Não mentia. Simplesmente não lhe haviam permitido terminar. E afirmou, confiante no amparo da avó:

– O tio Jesus dizia: se um grilo se afasta de sua casa jamais voltará a cantar.

– Mas...

A avó intercedeu de novo, pedindo a Jacó que não o interrompesse. A história era simples ao extremo. O “tio Jesus”, como o chamava Judá, havia contado que os grilos amam tanto sua terra natal que se por qualquer circunstância se vêem distantes do seu lar decidem não mais cantar. E, segundo explicou, aquele grilo era oriundo de Séforis. Sua prima Raquel, a filha mais velha de Tiago, o havia trazido no início da primavera.

– Que melhor oportunidade para devolvê-lo à sua casa – argumentou Judá – que ao cuidado de Rebeca?

A Senhora, Jacó e eu acompanhamos as palavras do menino simplesmente espantados.

– E por que não te ocorreu negociar isso com Rebeca?

O “salvador de grilos” não levou em conta a opinião da avó.

– Impossível.

E, levando as mãos à cabeça, coçou-se nervosamente. Ao aproximar-me para repor uma compressa percebi no menino um cheiro acre, mistura de vinagre e aloés púrpura. Provavelmente, um dos remédios caseiros contra os piolhos. Aquela sociedade, como a quase totalidade dos povos do mundo, sofria uma horrível invasão de *Pediculus capitis*, *Pediculus vetimenti* e *Pediculus pubis* (insetos “especializados” na cabeça e no corpo.)

– ... Rebeca não gosta de grilos.

– Muito bem – replicou a Senhora encerrando o conflito. – Ficas sem o jantar como castigo.

Jacó pareceu satisfazer-se com a penalidade imposta ao culpado. E a avó, com ar grave, disselhe que procurasse a “vítima” e lhe pedisse perdão. Judá obedeceu, submisso e de cabeça baixa. A meio caminho, voltou-se para Maria e, com um sorriso malicioso, desferiu-lhe:

– Não importa. Já tinha jantado.

O regozijo do travesso malogrou ali mesmo. Sua tia Esta, à frente das mulheres, surpreendeu-o em flagrante. E a orelha que permanecia imune sofreu o seu puxão. E pela orelha é que Judá foi conduzido à plataforma, onde seus irmãos e primos quase desmaiavam entre risos e festas, à sua custa.

Rebeca voltou à mesa, vermelha como uma papoula. Discretamente ocupou o lugar de Ruth, ajoelhando-se aos pés de Maria. Míriam, auxiliada por Ruth, entrou em cena, trazendo uma fumegante e bojuda caçarola de barro. Jacó esfregou as mãos, à frente do fervente guisado. A esposa, com os braços em asas, deixou-o fazer. E ocorreu o que imaginávamos. Vencido pela fome, o pedreiro meteu os dedos na caçarola quente e começou a pular e a gemer.

– Além de tonto, cego...

Metendo os dedos na boca para aliviar a dor, agüentou calado o malicioso comentário de Míriam.

Vinho, pão de trigo, queijo e mel de tâmaras acompanharam o prato principal. E quando Ruth se preparava para servir-nos, Esta, da porta, chamou-a:

– Querem que lhes contes uma história...

A ruiva, transferindo sua missão a Míriam, atendeu encantada. O pedido da gente miúda e as palavras de Judá me animaram a equacionar uma incógnita que fazia tempo revolteava em minha cabeça. Como era o “tio Jesus” com as crianças? Em que consistiam essas histórias que, tudo indicava, faziam as delícias da criançada? Eu o havia visto brincar com elas e tinha uma idéia aproximada de sua predileção pelos pequeninos. Mas precisava certificar-me.

– Sabes como chamavam o armazém de aprovisionamento? – abriu o fogo Jacó. – “A casa encantada”. Jesus converteu o recinto em um lugar mágico,

aberto às fantasias infantis. Sentia por crianças tal apego que durante anos, assim que abria o negócio, atirava à rua madeiras, cestos e cordas fora de uso. E, como se se tratasse de um rito, os meninos passavam a brincar e a fantasiar com os trastes. Quando se cansavam, os mais atrevidos entravam e espiavam o “gerente”. Se percebiam que não estava demasiadamente ocupado, puxavam-no pela túnica e entoavam a frase-chave: “Tio Jesus, vem e conta-nos uma história”. E ali o tens, sentado ao pé da parede, com os mais novos entre os joelhos e cercado por um enxame de ávidos e nervosos sonhadores.

– E tu, vadio, como sabes essas coisas?

A oportuna pergunta de Maria o surpreendeu. E, implorando compaixão, confessou seu “delito”:

– Eu me escondia para ouvi-lo.

– Eu devia imaginar – interveio Míriam. – Então, em lugar de trabalhar...

– Mas eu não era o único... – defendeu-se o pedreiro.

– Patife! És pior que teus filhos...

Sem deixar de resmungar, a esposa foi servindo as rações do magistral guisado de patas de rã (da família “alimentícia”, muito abundante em beira de rios), ensopado em um molho substancioso e agradavelmente picante, graças à hortelã-pimenta, à mostarda, ao alho e à cebola.

Jacó, moderado e respeitoso, aguardou o regresso de Ruth, lambendo os lábios e aspirando o vapor que subia do prato de madeira. Com a tropa infantil adormecida, “o pequeno esquilo” integrou-se ao festim, que deliberadamente fui conduzindo, com a ajuda de Jacó, para o relaxante e curioso capítulo das histórias que o Mestre gostava de contar e que lhe ocupavam muitos dos momentos de folga.

– O da rã – disse o pedreiro aproveitando a coincidência – serviu para que esses diabinhos aprendessem a respeitá-las. Pelo menos durante algumas horas. Jesus lhes contava que Deus as criou sem dentes para que não devorassem outros animais aquáticos. E os mais bobinhos acreditavam...

– E tu também – observou-lhe a Senhora, revelando a cristalina ingenuidade do genro.

– Só no princípio. E dizia que a rã possuía poderes mágicos e uma grande sabedoria. E que foi um desses animaizinhos que ensinou a Torá ao rabino Hanina e também as setenta línguas do mundo e o idioma das aves e dos mamíferos. Para isso escrevia as palavras em um pedaço de papiro e o discípulo o comia.

– Conta a do leviatã...

Ruth, testemunha privilegiada das fantásticas narrativas de seu irmão à criança da aldeia, veio em minha ajuda. E Jacó, numa clara referência aos

hipopótamos que naquele tempo desfrutavam a jângal do rio Jordão, falou:

– Era uma das histórias preferidas pelos pequenos...

– E por outros nem tão pequenos – insinuou Míriam.

– Jesus explicava que o *behemot* era a maior criatura da Terra. E, lembrando-lhes o *Livro de Jó*, afirmava que nem mil montanhas eram suficientes para alimentá-lo. E, os pequenos, entusiasmados, o ouviam dizer que toda a água que o Jordão arrastava em um ano era só um trago para ele. Para saciar sua sede, o Todo-Poderoso havia feito brotar o Yubal, uma torrente que brotava diretamente do Paraíso.

Ao observar as caras dos comensais descobri com satisfação que os que dormiam na plataforma não eram as únicas “crianças” da casa...

– ... O patrão chamava os galos de “trombeta matinal”...

Ao falar do novo apólogo de Jesus, atribuiu-lhe uma definição de Horácio. Obviamente, o Mestre havia lido o poeta latino.

– ... E em tom misterioso contava-lhes que o galo, ao cantar em sua última vigília, adverte os demônios e os espíritos errantes da noite que se retirem. É curioso – observou o devorador de ancas de rã. – Não sei como se arranjava, mas em quase todas as suas histórias aparecia o Pai Azul.

Rebeca lhe explicou, como se a dúvida tivesse partido do pequeno Judá:

– Se o Sol pudesse falar, qual acredita que seria seu tema favorito de conversa?

Não sei o que o deslumbrou mais: se o exemplo ou o azul-celeste dos olhos da mulher. Recuperando o fio, concluiu:

– ... E acrescentava que o galo é o “cantor de Deus” porque repete seus louvores sete vezes.

– Agora a da águia...

“O pequeno esquilo” as conhecia todas. E o faminto Jacó, ansioso por uma segunda e merecida ração, cedeu-lhe o “testemunho”.

– Prepara-te! – preveniu-me a Senhora. – A ruiva pode esgotar-nos a todos. Sabes que não dormia se Jesus não lhe contava uma de suas histórias? Nunca soube onde meu filho tirava tanta paciência e imaginação...

– E então?

– Pois verás. Ele nos falava de muitas espécies de águias (a de “patas curtas”, a “caçadora de serpentes”, a “imperial”), mas a sua preferida era a “dourada”.

Supus que o Filho do Homem, excelente observador da Natureza, se referia à *Aquila chrysaetos*, enorme, escura, majestosa, capaz de prolongar seu vôo por horas e que constrói seus ninhos nos cumes.

– ... Um dia, o rei Salomão encontrou uma bela fortaleza. Mas, oh, céus!,

não tinha portas. E buscando e buscando... – Maria fez um sinal para que me aproximasse. E, emocionada, sussurrou-me ao ouvido: “Ela o conta como ele o fazia”. – ... foi tropeçar com uma águia dourada. O rei perguntou-lhe onde estava a porta e ela, que tinha apenas setecentos anos, mandou-o um pouco mais acima, ao ninho de sua mãe, que contava novecentos. Mas ela também não soube dar-lhe a resposta e lhe indicou um terceiro ninho (mais elevado do que o seu), habitado pela avó, que havia completado mil e trezentos anos. A águia avó disselhe que de fato seu pai lhe contara que, caminhando, achara uma entrada de ferro, sepultada na poeira dos séculos. E na porta estava escrito: “Nós, os moradores deste palácio, vivemos durante anos com luxo e riquezas. Mas sobreveio a fome e nos vimos obrigados a fabricar o pão com farinha de pérolas. Mas de nada serviu. E quando estávamos a ponto de morrer, legamos este lugar às águias”. Entendeu?

– A Senhora repetiu o gesto, revelando-me outro pequeno segredo:

– Isso era o que meu filho perguntava ao concluir a história.

E a constelação de sardas mudou de longitude e latitude, mobilizada por um sorriso sem fim.

– É fácil – continuou Ruth fazendo suas as palavras do seu ídolo. – Só as águias possuem a imortalidade. Quando envelhecem, voam até a casa do Pai Azul, que troca suas penas uma a uma...

– E não te explicou como ensinam suas crias a olhar o sol?

Tiago, bom caçador, sorriu diante da minha pergunta. E eu, apoiado em uma citação de Plínio, esclareci-lhe que, segundo alguns sábios, estas aves obrigam seus filhotes a olhar fixamente para o disco solar.

– Só assim crescem suas asas. E se algum deles lacrimeja, a águia mãe o mata.

– Meu irmão nunca destruía os protagonistas das suas histórias.

Assimilei a estocada de Ruth. E pedi-lhe que prosseguisse.

– A da raposa também me encantava... – Naquele tempo, o chamado *Vulpes vulpes niloticus* ou “raposa vermelha” constituía uma autêntica praga ... – Meu Irmão contava que, depois de Adão, o anjo exterminador começou a atirar ao mar um casal de cada espécie animal. E quando chegou sua vez a raposa se pôs a chorar amargamente. O anjo, curioso, perguntou-lhe a razão daquele pranto. Então a astuta raposa respondeu que era por seu amigo. E, indicando a superfície da água, mostrou ao anjo seu próprio reflexo. E o exterminador deixou-a ir.

E “o pequeno esquilo”, inesgotável, passou a narrar um novo caso.

– Uma noite Jesus me perguntou se eu sabia por que os corvos caminham aos saltos e tão deselegantemente. Respondi-lhe que nunca o tinha notado e ele se pôs a imitá-los. E eu comecei a rir. Depois, sentando-se a meu lado,

esclareceu o mistério: “Certa ocasião, os corvos, invejosos das pombas, tentaram copiar seu andar. E quase quebraram os ossos. E todas as aves os ridicularizaram. Quando, finalmente, quiseram caminhar como o faziam antes, observaram horrorizados que haviam esquecido. Por isso, desde então, andam aos saltos e sempre tropeçando”. E meu irmão acrescentou: “Aprende dos corvos. O que tenta arrebatrar o que não lhe pertence pode perder até o pouco que tem”.

As fantásticas lendas que o “tio Jesus” contava ao mundo infantil de Nazaré foram assunto até bem entrada a noite. E os comensais – eu principalmente – nos deliciamos com aquela terna rememoração.

A capacidade de desdobramento daquele Homem deixava entrever o ouro do seu coração. Sabia discutir severos dilemas filosóficos e ao mesmo tempo conquistar as cândidas vontades dos mais inocentes... imitando o cômico andar de um corvo. Por que os evangelistas não deram atenção a essa faceta do Mestre? Em todos os textos chamados “sagrados”, seu amor pelas crianças não está suficientemente figurado. Mas, ainda vale a pena lamentá-lo? A esta altura das investigações, os sistemáticos cortes na biografia do Mestre não eram novidade.

E a conversa, como as estrelas, foi descrevendo uma inexorável curva, até precipitar-se no horizonte interior. Jacó, esgotado, foi o primeiro a escorar a cabeça com as mãos em um esforço por afugentar o sono. Por minha sorte, o final desta fase da missão achava-se próximo. Na realidade, o ano seguinte (20 da nossa Era) representaria um marco na trajetória humana do Filho do Homem: seu vigésimo sexto aniversário seria o último a celebrar em Nazaré. Depois de vinte e três anos de estada praticamente ininterrupta na aldeia – recordemos que os três primeiros transcorreram entre Belém e Alexandria – o “gigante” se dispunha a mudar de domicílio, de trabalho, de amigos e de projetos. A paciência, a submissão às obrigações familiares e, acima de tudo, à vontade de seu Pai Celeste haviam dado os frutos desejados: seus irmãos já governavam suas próprias vidas e o lar paterno. Sua presença já não era portanto necessária. E o destino bateu à porta do Galileu.

Tendo em vista sua próxima partida, dedicou boa parte daquele ano a longas e intensas conversas com cada um dos membros do clã. E pouco a pouco os foi preparando para algo que era um segredo pouco... secreto. Sua mãe, que continuava não entendendo o estranho e blasfemo ideal de revelar ao mundo a realidade de um Pai-Deus, foi a que mais sofreu com esse último vôo em círculo sobre a carne e o sangue.

O destino, naturalmente com pressa, estendeu um tapete vermelho às portas

da aldeia: as finanças da família, já saneadas, viram-se subitamente beneficiadas pelo presente do pai de Esta: Tiago e sua noiva receberam, a título de dote, uma confortável casa fora do povoado. Jacó e Míriam, por sua parte, resolveram a questão sem sacrifício para as arcas familiares: falecendo o pai do pedreiro, antigo sócio de José, o casal decidiu instalar-se na casa contígua à de Maria.

A única preocupação que restava para Jesus tinha um nome próprio: Judas. Apesar de suas múltiplas conversas com o rebelde, o comportamento daquele rapaz de quinze anos parecia incorrigível. Negava-se a trabalhar. Suas disputas e pendências continuavam na ordem do dia. Era egoísta, ladrão, mentiroso e descarado. No meio do ano o ambiente da casa foi de tal forma perturbado que Tiago, chefe e cabeça da família, chegou a propor sua definitiva expulsão. Jesus não consentiu. “É preciso que sejais pacientes – aconselhou o Mestre – e conseqüentes em vossa própria vida para que dessa forma ele possa reconhecer o caminho da honradez.”

A prudente atitude do Galileu evitou uma perigosa ruptura no seio da família. Ainda assim, Judas necessitaria sentir-se motivado para que pudesse emendar-se.

Pouco antes da colheita, em seu afã de polir as ásperas arestas de Judas, Jesus o levou ao sul de Nazaré, à granja de um tio. A vida de disciplina não durou muito. Concluídos os trabalhos agrícolas, fugiu da custódia do irmão de Maria. E a família sofreu um novo desencanto. Semanas depois, Simão conseguia localizá-lo às margens do *yam*, trabalhando em uma barca de pesca. Longe de o recriminar, Jesus, à sua volta para casa, levou-o ao cume do Nebi. Ali, numa conversa franca e tranqüila, Judas confessou sua secreta paixão: queria ser pescador. Dez dias depois, em companhia do Mestre, o rebelde entrava na cidade costeira de Migdal, a serviço de outro tio, dono de uma pequena frota pesqueira. A decisão foi providencial. A partir desse momento, o estilo do jovem mudaria radicalmente.

Em novembro desse ano 20, depois do feliz e duplo acontecimento das bodas dos irmãos, Judas manteve uma conversação franca com José, o orgulhoso novo chefe da família. E prometeu-lhe cumprir o seu dever. E assim foi. A felicidade abençoou a numerosa e assentada prole de José, o empreiteiro de obras. E o destino tocou no ombro do Mestre. Sua hora estava próxima.

– Foi doloroso – prosseguiu Tiago. – No dia seguinte às bodas, meu irmão chamou-me no armazém do aprovisionamento e me fez uma confidência, aliás desnecessária. Estava disposto a deixar-nos. Seu coração era uma vasilha repleta de água. A euforia retumbava, como um cântico, nas paredes. Mas, ao mesmo tempo, algo espesso flutuava na superfície. A tristeza mudou-lhe a voz. E, com sua habitual generosidade, passou a propriedade do negócio para o meu nome,

designando-me “chefe protetor da casa de seu pai”.

Como compensação, pediu-me que depois da sua partida assumisse a total responsabilidade das finanças da família, desonerando-o desse compromisso. “Na medida do possível (disse), continuarei enviando-te uma ajuda mensal... até que chegue minha hora. Emprega esses fundos como achares conveniente.”

É claro que, apesar dos conflitos e das inimizades, Jesus amava aquela aldeia. Ali haviam-se aberto os seus olhos de adolescente. Nazaré foi o primeiro encontro sério com outras línguas e outros povos. Em seus campos e colinas, pela mão de José, aprendera a ouvir a música verde e ouro dos trigais e, no Nebi, os brancos acordes das velas no horizonte marinho. Nas noites serenas, deitado no cume, intuiu seu Pai Azul sob o arminho das estrelas. Ao ritmo da plaina de carpinteiro, foi lavrando a madeira do seu único sonho. E na penumbra da oficina desnudou sua juventude para vestir uma maturidade precoce.

Nas encostas daquela montanha bebeu prematuramente suas duas primeiras taças amargas: as de José e Amós. Ali, entre pessoas elevadas pela nobreza ou curvadas pela inveja e a maldade, tomou sua primeira grande decisão. Ali, em suma, havia rido, chorado, amado e renunciado... Ali fizera-se homem. A decisão de cortar a última amarra foi como morrer um pouco.

A Senhora, de sua parte, chorou em segredo. Mas nada disse. Não opôs resistência. Não perguntou. Pela primeira vez, mostrou-se estranhamente dócil. E seu filho, que sempre evitava as despedidas, guardou aquele generoso olhar até o fim dos seus dias.

Em uma chuvosa manhã de janeiro do ano 21 da nossa Era, aos vinte e seis anos, depois de beijar sua mãe, tomou o caminho de Caná. A Grande Inteligência – seu Pai Azul – acabava de abrir as portas de sua penúltima etapa na terra: quatro intensos, radiosos e errantes anos, lamentavelmente ignorados pelos evangelistas e dos quais darei completa conta... no devido tempo.

⁷⁶ As pranchas circulares e vistosamente listradas dessa madeira – uma espécie de tuia que crescia nas proximidades do Atlas – eram muito procuradas pelos patrícios e milionários da época. Era raro que os troncos dessa árvore alcançassem a espessura necessária à confecção de mesa. Ainda assim, alguns felizardos chegaram a comprar exemplares de até quatro pés de diâmetro. Com o correr dos anos, algumas mesas de limoeiro chegaram a valer cerca de 1 milhão e 300 mil sestércios. (N. do M.)

⁷⁷ O *Aconitum napellum* é freqüente nas regiões montanhosas. Suas flores, azul-escuras, em forma de capacete medieval, o fazem inconfundível. No século XX, a única forma comum do veneno (extrato Pl D1) aparece em um linimento comercial cujo nome – dada a sua periculosidade – prefiro não registrar. A dose letal provoca no ser humano os seguintes sintomas e sinais: formigamento e entumescimento da boca, sensação de constrição na garganta, dor de estômago, vômitos, sialorréia e irregularidades do pulso, que se vai fazendo lento. A vítima vai perdendo força em todos os músculos voluntários, nos braços e nas pernas, e a respiração e a fonação ficam difíceis, apresentando-se então uma insuficiência respiratória e, por fim, o colapso. O tratamento exige uma rápida lavagem gástrica, à base de leite ou do “antídoto universal”. A atropina tem uma ação de antídoto direta, devendo

ministrar-se de um a dois miligramas, com repetição aos vinte ou trinta minutos. (N. do M.)

[78](#) Esse tipo de engobo consistia em barro muito tamizado e rico em ferro, dissolvido em água até dar-lhe uma consistência cremosa. Se se desejava obter um tom vermelho intenso juntava-se ocre, o que elevava o conteúdo de ferro. Por motivos religiosos, os judeus quase não decoravam sua cerâmica, com exceção de algumas faixas vermelhas ou brancas na parte superior da curvatura, nas vasilhas, ou até o centro, nas talhas e jarros. A decoração se resumia ao uso do “engobo” ou polimento. Esta última técnica – como descreve G. E. Wright – consistia em um minucioso fechamento dos poros da superfície, passando nela um polidor de pedra, osso ou madeira, uma vez que o barro estivesse seco e sempre antes do cozimento. A partir do século IX a.C., essa operação se fazia enquanto a vasilha girava no torno. Se o calor não fosse excessivo, o polimento se conservava brilhante, dando à peça um belo efeito. As taças típicas israelitas daquele tempo, de grande porte (malgas), recebiam um engobo vermelho no interior e sobre a borda. É o chamado polimento circular. (N. do M.)

[79](#) Este tipo de demência senil era bastante comum na época de Cristo. Em princípios do século XX foi essa moléstia descrita por Alois Alzheimer, ao estudar uma paciente de 51 anos que apresentava os sintomas típicos: transtornos da memória, tendência à desorientação, idéias delirantes de ciúmes, emprego de palavras deslocadas (parafasia) e, em geral, dificuldades mecânicas e de compreensão. De evolução contínua e irreversível, foi dividida em três fases. Koy devia achar-se na fase terminal da enfermidade, com incontinência esfinteriana e uma ostensiva incapacidade para reconhecer os rostos. (N. do M.)

[80](#) Essa prática, conhecida como *ossilegium*, obedecia não a razões de espaço nos cemitérios mas a crenças religiosas. A *Misná*, em seu texto “Semahot” (12,9), em palavras do rabino Eleazar bar Zadok, reflete este costume: “Assim falou meu pai quando chegou a hora de sua morte: ‘Filho, primeiro me enterrarás em uma fossa. Quando transcorrer um tempo, recolhe meus ossos e coloca-os em um ossário, mas não os toques com tuas mãos!’”. Quando se levava a cabo o *ossilegium* não havia lamentações fúnebres e o luto durava apenas um dia. (N. do M.)

[81](#) Essa fórmula, baseada em reações químico-biológicas, permitia dissolver a pectina (substância intercelular), mediante a ação de diástases secretadas por bactérias aeróbicas e anaeróbicas. Como sabem os especialistas, as fibras têxteis encontram-se na entrecasca do tato do linho, unidas por matérias pécticas (do grego *pektikos*: que pode ser fixado). Daí a necessidade de submeter os talos ao processo de maceração, que libera as fibras. Do ponto de vista químico, o linho é formado quase exclusivamente por celulose. Seu branqueamento, em consequência, seja total seja parcial, torna-se bastante cômodo. (N. do M.)

[82](#) O leitor encontrará informações mais amplas sobre tais análises em *Cavalo de Tróia* 2 páginas 401 e seguintes. (N. de J.J. Benítez)

[83](#) Para ampla informação sobre a suposta fundação da Igreja por Jesus o leitor pode consultar a obra *O Testamento de São João*. * (N. de J.J. Benítez)

* *O Testamento de São João*, de J. J. Benítez.

27 DE ABRIL, QUINTA-FEIRA

O sono reparador, ao abrigo da amoreira, foi brusca e impiedosamente interrompido por enormes gotas de chuva. A meu lado, envolto no roupão, Jacó roncava e sibilava, alheio ao que nos vinha de cima. Não foi preciso despertá-lo. O ribombar que se seguiu a uma faísca elétrica sobre o Nebi tirou-o do aconchego do manto. Com um olho aberto e outro fechado, errou a direção e foi topar com o tronco da árvore. Péssimo despertar...

Pelo lado leste a quinta-feira já clareava, com uma péssima cara e envolta na tormenta. Uma inoportuna frente fria procedente do Mediterrâneo alcançara a aldeia à noite. A massa frontal deslizava carregada de obscuridades com os “cb” (cúmulos-nimbos) altos como torres, com alguns isolados desfiladeiros e uma base média de pouco mais de seiscentos metros. O ar cálido, potencialmente instável, havia sido impelido pelo frio e o resultado da refrega atmosférica não se fizera esperar: aquilo foi um dilúvio. Muito mal preparada para uma conjuntura dessa ordem, a aldeia deixou de ser um lugar aceitavelmente aprazível para se converter em uma furiosa torrente de cem braços e outros tantos saltos de água que fluíam e escapavam por ladeiras e becos, minando terraplenos e inundando muitos dos primitivos casarões.

As mulheres, de pé havia já algum tempo, ultimavam a moagem do trigo, aparecendo de vez em quando no curral, preocupadas pela sorte de Tiago. Parece que o impenitente caçador, acompanhado de seu “ajudante”, o furão, havia partido na última vigília⁸⁴. Maria, recostada na plataforma, tão acostumada quanto Esta às freqüentes saídas de seu filho, não mostrou preocupação com a chuva. Nas colinas não era difícil abrigar-se da tormenta.

Concluída a ordenha das cabras por Judá e sua prima Raquel, foi servido o desjejum. Examinei o joelho da Senhora e, satisfeito com a evolução, dispus-me a seguir Jacó e a dona da casa. A água começava a empoçar-se no curral e, segundo os comentários, era conveniente descer ao subterrâneo e observar a cisterna e as ânforas. Esta pediu-me que os acompanhasse. Em caso de necessidade, o transporte de três vasilhas exigiria o concurso de dois homens. Protegendo uma das candeias sob o roupão, o pedreiro correu para a boca do túnel. Esta o seguiu e eu fechei a “expedição”, deslizando igualmente pelos degraus escavados na rocha.

Minha primeira visita à segunda e oculta Nazaré deixou-me perplexo. Uma dezena de toscos degraus levou-nos a uma câmara de quase quatro metros de

comprimento por dois de largura e pouco mais de dois metros e sessenta de altura, escavada à força de picareta e determinação em um dos veios calcários sobre os quais se assentava o povoado.

Duas novas lanternas, dispostas em cavidades existentes à esquerda e à direita do cubículo, vivificaram o amarelado anêmico da chama que Jacó levava na mão. E as sombras se entrecruzaram na caverna, pondo em fuga um bando de ratazanas. Nos armários, a um metro do solo, estavam dispostas numerosas vasilhas e cântaros de argila, meticulosamente fechados com linho e estopa. Supus que se tratasse de uma reserva alimentícia.

Precedido por algumas sonoras pragas – estreitamente vinculadas aos progenitores dos roedores –, o pedreiro abaixou-se e introduziu-se em uma segunda gruta. Seu acesso era por uma estreita abertura de um metro de altura, localizada no extremo oposto aos degraus. Ali fui dar com uma espécie de silo em forma de pera, de uns três metros de altura por dois de maior diâmetro. A sinistra cripta, de paredes grosseiramente machetadas, continha ao longo do perímetro nove avantajadas ânforas de pedra, firmemente enterradas no solo rochoso. Era o depósito de grãos, vinho e frutas secas.

Mal ingressei no acanhado recinto, as chamas oscilaram perigosamente. Foi necessário protegê-las com as mãos. Soprava ali uma fraca corrente de ar, provocada por algum conduto que não consegui localizar. A mulher examinou as vasilhas. Tudo estava em ordem. A um sinal de Esta, Jacó inclinou-se sobre uma das bojudas ânforas. Tentou deslocá-la mas não o conseguiu. Pediu-me ajuda. Ao ser removida a ânfora da fossa circular em que assentava, apareceu diante de nós a negra abertura de um passadiço, a cuja extremidade – não fui capaz de precisar a que distância – se ouvia o inconfundível som da água precipitando-se com violência em algum tipo de poço.

Jacó explicou-me que eu deveria aguardar em companhia da cunhada. A diminuta largura do túnel – ao redor de sessenta centímetros – apenas permitia que se engatinhasse. Minha presença, além de desnecessária, teria sido um estorvo. Prendendo a túnica aos quadris, Jacó entrou com decisão na asfixiante “tubulação”.

Os esclarecimentos de Esta deram-me uma idéia aproximada do lugar em que Jacó rastejava e o porquê da inspeção. A garganta que eu tinha diante de mim, perfurada na rocha, conduzia a um depósito natural em que se armazenava a água da chuva. Seu parapeito situava-se na superfície, a curta distância da parede norte da casa. Se as precipitações fossem copiosas e contínuas, o nível podia subir e pôr em perigo as provisões do silo. Para evitar isso bastava vedar a extremidade da passagem com um alçapão, deixando que a água escoasse livremente por qualquer dos dois ramais que igualmente perfuravam o subsolo,

partindo desse canal principal.

Como o comprovaram as modernas escavações arqueológicas, a secreta e troglodítica Nazaré era um diabólico labirinto de túneis e contratúneis. Disseme Esta que os escoadouros em questão conduziam por sua vez a outros silos e cavernas – na maioria abandonados e repletos de ratos – e esses a outros. Dessa forma, se alguém tivesse coragem suficiente para aventurar-se naquela teia de aranha de covas, podia entrar por um extremo do povoado e sair pelo oposto. Supondo, está claro, que não percesse na louca aventura...

Ao aproximar-me da boca do túnel, alguns isolados e distantes reflexos amarelados nas paredes úmidas deram-me a entender que o audacioso pedreiro devia ter atingido já o seu objetivo. Mas as trevas no corredor eram tais que não pude distinguir o vulto de Jacó. Diante das dúvidas, a esposa de Tiago me disse que, ainda que ela própria nunca tivesse ido além do silo, a “tubulação”, segundo os homens, fazia um cotovelo e dobrava para a direita. Nesse segundo passadiço se abriam outros dois ou três condutos. Pois bem, um deles levava à cisterna.

E ali ficamos à espera. Com meio corpo no interior do corredor, esforcei-me por distinguir algum ruído familiar. A ventilação, escassa, trouxe às minhas narinas um odor pútrido, mescla de umidade e excremento das ratazanas. Como única referência, aquele martelar dos rios de chuva caindo no poço. De súbito, o entrechoque das águas foi substituído por uma rápida seqüência de golpes. Parecia o ajuste de uma peça de madeira ou algo similar contra o túnel. Interpretei o fato como o fechamento do alçapão. E respirei aliviado. Devo ser sincero. Aquele lugar não me inspirava confiança. Não havia motivo aparente, eu sei, mas o instinto raras vezes se engana...

Retirei-me da fétida passagem e dei como fato consumado que nosso amigo não tardaria a aparecer. Enganei-me.

Esta começou a impacientar-se. É difícil contar os minutos em circunstâncias assim. Podem ter transcorrido dez ou quinze. Não mais. Mas era tempo mais do que suficiente para que Jacó mostrasse a face ou os pés. Para dizer a verdade, eu nem sabia se o túnel dispunha de espaço suficiente para que Jacó se virasse.

A mulher, intranqüila, ajoelhou-se junto à boca do túnel e chamou pelo cunhado. Silêncio. Insistiu, mais forte. Novo e aterrorizante silêncio. Olhamos sem compreender. A terceira chamada – carregada de angústia – rolou até o fundo da caverna. O grito “Jacó” foi fragmentado pelo eco.

– Deus santíssimo!

Não pensei em mais nada. Afastei a desesperada mulher e me enfiei no túnel, disposto a tudo. Com o cajado na mão direita e a modesta luz de azeite na esquerda, fui-me arrastando a grande velocidade, imaginando o pior. Ter-se-ia

precipitado no tanque de água? Estaria inconsciente devido a algum golpe?

Quando já havia percorrido uns seis ou oito metros, a candeia me advertiu do cotovelo, que já estava próximo.

A galeria, realmente, deflectia para a direita. Tentei dominar minha excitação. Durante alguns segundos mantive-me em expectante silêncio. O rumor da água era fraco. Isso significava que Jacó havia conseguido fechar a cisterna. Mas onde ele estava? Um resvaladiço e gotejante musgo, tapetando o solo e as paredes do corredor, anunciou-me a relativa proximidade da água. Decidido a esclarecer o enigma, recomecei o penoso rastejar. Depois de quatro ou cinco metros minha situação complicou-se.

À esquerda abria-se outro tenebroso buraco. Aproximei a lâmpada e a sua luz revelou uma colônia de ratazanas, grandes como coelhos. A presença dos roedores era sinal de que Jacó não tomara essa direção. Se se houvesse aventurado por aquele túnel, o lógico era que os repugnantes moradores do subterrâneo houvessem escapado para o fundo. Mas como falar em lógica em semelhante inferno?

A solução, graças a Deus, não tardaria a surgir. Uns seis metros mais adiante ofereceu-se à minha vista um “espetáculo” difícil de esquecer. O que primeiro me chamou a atenção foi um resplendor. Era algo mais poderoso do que “as insignificantes chamas das candeias. Parecia originado de fogo. Assustei-me. E na precipitação imaginei que, por alguma razão desconhecida, a lâmpada de Jacó havia incendiado suas roupas. Enquanto avançava observei que a oscilante luz avermelhada tinha sua origem em outro túnel que se abria à direita. A dois metros da confluência de ambos os corredores me detive, aterrado. Meus pêlos eriçaram-se. Diante de mim, na boca do túnel, agitava-se, estremecia e pulsava, como um monstro informe, uma “bola” de ratazanas históricas, zigzagueando como serpentes, olhinhos brilhando na semi-obscuridade, guinchando desaforadas e mordiscando com fúria “algo” que em um primeiro momento não pude distinguir.

Minha primeira reação, confesso-o humildemente, foi recuar e fugir daquele “bolo” de vorazes ratazanas negras, muitas delas com mais de vinte centímetros de comprimento. Mas, quando aproximei da rataria a trêmula chama da candeia – ainda não sei de onde tirei a coragem –, a descoberta de uma destroçada sandália em meio aos *Rattus rattus* fez-me reagir.

– Jacó!

À minha segunda chamada animou o pedreiro. Depois de assomar um cadavérico rosto pela abertura, fugiu do improvisado refúgio, passando por cima de mim.

Ao voltar a pisar o silo, o traumatizado galileu, sentado no chão, com meia

túnica arruinada e sem sangue nas veias, olhava para Esta com os olhos fora das órbitas e incapaz de explicar o que lhe sucedera. A mulher, ao ver-me, sem poder conter o pranto, pediu uma explicação. Preferi economizar detalhes. E, a meu conselho, a mulher ministrou a Jacó uma generosa caneca de vinho. Eu, claro, não fiquei atrás e sorvi ansiosamente uma boa porção. De cima, umas vozes nos reclamaram, à entrada da endemoniada caverna.

Reconheci a voz de Míriam. Chamava seu marido com pressa. Esta assomou à abertura que ligava ambas as salas e, prudentemente, silenciando sobre o ocorrido, respondeu-lhe com um lacônico “já vamos”.

Não foi tão simples. Jacó, presa de tremores em cadeia, suando copiosamente, não ouvia nem via. Os esforços da mulher por erguê-lo foram inúteis. O pobre achava-se ainda sob o efeito do choque emocional. Mas a galiléia era brava. Retrocedeu meio metro e desferiu-lhe uma bofetada tal que lhe abriu a comissura dos lábios. Santo remédio. O pedreiro, com um fio de sangue tingindo-lhe as barbas, recuperou parte da consciência e se ergueu como se ainda tivesse diante de si a “bola” de ratazanas. E “voou” do subterrâneo, ululando como um possesso.

Quando ele regressou ao pátio, sob uma chuva furiosa, Míriam, Ruth e Rebeca tentaram arrancar de Jacó a razão daqueles berros. Mas nem elas escutavam Jacó nem este estava em condições de entender a tríplice, confusa e acelerada gritaria de mulheres. A aparição de Esta desviou a atenção de suas cunhadas, que, deixando o galileu, inabordável, cercaram-na com o mesmo frenesi.

No meio daquela confusão, cheguei a distinguir as palavras “João” e “justiçamento”. Sem perder a calma, a dona da casa convidou-os a transferir a desordenada conversa para a sala. Tive de arrastá-las. E durante alguns minutos intermináveis o cômodo oscilou, como que sacudido por um tremor. Jacó, em um canto, cercado por uma criança muda e perplexa, passou dos uivos a um choro frenético, que, como era de prever, acabou por contagiar as crianças mais novas.

Míriam e Ruth intensificavam os gritos, cada vez mais enfurecidas pela natural incompreensão de Esta. As cabras, tão histéricas quanto os supostamente racionais humanos, completavam o coro de despropósitos balando e chifrando o visível e o invisível. Quanto a Rebeca, banhada em um mar de lágrimas, havia corrido a refugiar-se junto à Senhora. E foi Maria quem, abrindo caminho, acabou com a loucura. Apanhou com dificuldade um cântaro de barro e o espatifou com estrépido contra o piso da plataforma.

Só quem não entendeu a categórica “linguagem” foram as cabras. E, por fim, em um razoável silêncio, apenas quebrado pela choradeira do pedreiro, Esta

e eu pudemos conhecer a origem de semelhante confusão. Enquanto inspecionávamos o subterrâneo, o criado do saduceu e amigo da família lhes havia anunciado a chegada de João. Procedia de Séforis e, segundo revelou o “espia”, havia ordem para executá-lo nessa mesma manhã.

Concluído o relato, o vozerio das mulheres voltou a tumultuar o ambiente. “Que podemos fazer?”, perguntavam umas. “Temos de encontrar Tiago”, reclamavam outras... A Senhora e eu nos olhamos. Partilhávamos o mesmo pensamento: aquilo era muito estranho. E, pedindo a atenção geral, ela lhes fez saber o seguinte:

“Em primeiro lugar, era impossível que um tribunal de justiça, que tinha por costume reunir-se às segundas e às quintas-feiras, tivesse podido celebrar assembléia.” E, aparentando uma frieza invejável, recordou-lhes que o Zebedeu havia chegado à aldeia na terça. E, boa conhecedora das leis, passou ao segundo ponto:

– Mesmo admitindo que o Sinédrio de Séforis haja quebrado suas próprias normas, coisa de que duvido, sabeis de sobra que para condenar à morte um acusado são necessárias várias votações e um tempo de reflexão por parte dos juízes.

Maria tinha razão, ainda que no caso do seu filho não se tivesse levado em conta a rígida jurisprudência dos tribunais⁸⁵.

– ... Em consequência – concluiu com ar severo –, vos aconselho a agir com prudência. Ide e tratai de averiguar o que ocorre.

Míriam, informada do que acontecera nos túneis, voltou sua atenção para o marido. Ruth e Rebeca foram encarregadas de indagar sobre o obscuro assunto judicial. Havia, ademais, outro ponto de difícil compreensão. Se o réu era João, por que o traziam para Nazaré? O lógico seria que o executassem em Séforis. A não ser que a peçonhenta garra do saduceu estivesse manejando os fios daquela nova tragédia.

Cobriram-se com os roupões e saíram para a rua, desafiando o torrencial aguaceiro. Suponho que Maria, ao ver-me sair atrás delas, respirou aliviada. A verdade é que eu pouco ou nada podia fazer em favor de ninguém.

Alheias à minha aproximação, tomaram a direção leste, atravessando a aldeia pela “rua sul”. Pareciam conhecer muito bem o lugar onde se deveria realizar a execução. A descida pelas rampas enlameadas e pelos becos foi um suplício à parte. Mulheres, anciãos e crianças formavam filas, retirando com vasilhas e bacias a água que inundava suas casas. Aos trancos e barrancos, depois de dois ou três passos em falso, com as conseqüentes quedas, desemboquei no cruzamento de caminhos, junto à fonte. Os relógios do módulo deviam estar marcando ao redor da “terça” (nove da manhã).

A frente fria, depois de tudo, evitou maior aglomeração. Ainda assim, entre cem e cento e cinquenta aldeãos – meninos incluídos –, avisados do “acontecimento”, agüentavam estóicos debaixo da chuva pertinaz, aglomerando-se às “portas” da aldeia e protegendo-se da tormenta com mantos, canastras de vime, tábuas e folhas de palmeira. Aguardavam em um respeitoso silêncio, atentos aos recém-chegados.

A uns cinco passos, no centro do caminho de Caná, achavam-se seis homens. Todos permaneciam de pé, menos um, que, de joelhos e com as mãos atadas às costas, tinha o rosto chafurdado na lama e nas poças d’água. Três dos indivíduos pareciam cercá-lo. Sobre suas túnicas longas, amarelas, traziam umas rudimentares cotas de malha que lhes protegiam o tronco e o baixo-ventre. Não vi armas brancas. Somente uns bastões eriçados de cravos. Achei que tinham uma certa semelhança com os levitas ou guardas do Templo. Talvez se tratasse de aguazis ou esbirros ao serviço do tribunal de Séforis, encarregados da guarda do réu.

Dos dois homens restantes reconheci um: Ismael, o saduceu. Tinha sobre a túnica barrada, de linho, um aparatoso capote de couro, coberto de breu, provido de capuz também vistoso.

À borda do caminho, a quatro metros do hierático grupo, outros dois guardiões escavavam uma fossa. A seu lado, um velho felá trazia preso por uma corda um asno inquieto e incomodado pelo dilúvio. O animal carregava dois enormes cestos repletos de esterco. Estremeci quando me dei conta do que seria a operação.

Tentei localizar Rebeca e “o pequeno esquilo”. Impossível. Absorto na cena, eu as perdera de vista. Lenta e cautelosamente fui avançando entre os curiosos até postar-me nas proximidades da “asa de pássaro”. Mesmo dali não consegui identificar o condenado. Sua cabeça, a um palmo do solo, dificultava o reconhecimento das suas feições. Com a túnica em tiras e encharcada pela chuva e os cabelos revoltos e gotejantes, sua figura era mesmo irreconhecível. Seria o Zebedeu? Agucei o ouvido, em uma tentativa de captar algum comentário. Os únicos sons que nos chegavam era o da chuva sobre os improvisados guarda-chuvas, os persistentes trovões e os golpes das enxadas contra a argila do solo.

Quando a cova atingiu a profundidade desejada, os aguazis atiraram para o lado as ferramentas e fizeram um sinal aos que cercavam o mudo e derrotado réu. Os aguazis o ergueram pelas axilas e o arrastaram até a borda da fossa. A multidão, pressentindo o final, aliviou a tensão entoando um surdo e mórbido murmúrio.

Com uma docilidade pasmosa, o infeliz, empurrado violentamente por um dos guardas, saltou para o fundo da fossa. Mas não ergueu o rosto. A seguir, os

homens que haviam cavado a trincheira, ajudados pelo camponês, desengancharam os cestos e os esvaziaram na cova. Em pouco mais de três minutos, o metro de profundidade encheu-se de excrementos, imobilizando o réu até as virilhas. Os enxadões, destramente manejados, compactaram a imundície.

O chefe do conselho inclinou a cabeça e o indivíduo que estava ao seu lado desenrolou um pergaminho. Olhando para a multidão, leu com voz aflautada o nome do sentenciado à morte.

Meu coração bateu na garganta.

– João... filho de Eliezer... – Estive a ponto de gritar. Maldito engano! A Senhora tinha razão. E o pregoeiro prosseguiu: – ... é levado a morrer por haver tido relação sexual com sua filha... – Outro murmúrio (desta vez de reprovação) ergueu-se entre as testemunhas. – ... e com a filha de sua filha. Judá, Yejoeser e Menajem são suas testemunhas. Qualquer um que ache que é inocente que venha e aduza as razões a seu favor.

Essa leitura – pura burocracia – foi sublinhada por um casual e violento trovão que fez tremerem as rochas do Nebi. A multidão, interpretando a descarga como um “sinal” do céu, retrocedeu até as primeiras casas, tropeçando e perdendo a metade dos cestos e madeiras.

Então, na primeira fila, surgiram Ruth, Rebeca, Débora – a meretriz – e seu patrão, o egípcio. Estive a ponto de me juntar às mulheres. Mas a voz do saduceu me reteve.

Indiferente à fuga supersticiosa do povo, ele dirigiu-se ao réu e, em tom solene, gritou-lhe:

– Faz a confissão.

O segundo ritual⁸⁶ não teve resposta por parte do réu, que nem sequer se dignou erguer os olhos. E a víbora, irritada, dispensou os formalismos e deu início à execução propriamente dita.

Dois dos guardiões se postaram um de cada lado do réu. O primeiro atou-lhe um lenço ao redor do pescoço. O segundo repetiu a operação com outro lenço. E ambos, firmando-se fortemente sobre o resvaladiço terreno, agarraram as pontas dos seus respectivos lenços. Esperaram. Diante do condenado, outros dois aguazis manipulavam a chama de uma candeia, precariamente protegidos sob o roupão do pregoeiro.

Quando, por fim, avançaram para o condenado, um calafrio privou-me da respiração. Entre as mãos, pessimamente cobertas com o manto, o da voz aflautada trazia uma mecha de um metro, ardendo por uma das extremidades. Detiveram-se a um palmo do acusado e, a um sinal do pregoeiro, os que sustinham as pontas dos lenços começaram a puxar com toda a força – cada um em sentido contrário – provocando um começo de estrangulamento. O justicado,

em um movimento reflexo, abriu a boca, lutando por sobreviver.

Era o momento esperado por Judá, acólito do sacerdote e verdugo do conselho: introduzindo a ardente mecha na garganta do homem, tentou fazê-la penetrar até as suas entranhas. Desta vez, a vítima revolveu-se como um titã, berrando de dor. E a multidão explodiu em um histérico grito de vingança, sepultando os alaridos do desgraçado.

Apesar da massa de esterco que o jungia à fossa e do feroz estrangulamento, o prisioneiro retorceu-se de tal forma que, em um dos seus movimentos de cabeça, derrubou o verdugo e o pregoeiro. Um dos esbirros agarrou-o então pelos cabelos e, pelas costas, puxou-o para trás, para conter suas convulsões. E os desesperados uivos cresceram de tom a ponto de competir com o retumbar dos trovões. A Providência foi misericordiosa. O incêndio nas entranhas, depois de dez eternos minutos, acabou com os restos de vida e a tenaz resistência do réu. Inconsciente, deixou de clamar. O abrasamento – um dos quatro tipos de pena de morte em vigor na legislação judaica⁸⁷ – estava consumado.

O grande Ésquilo escreveu com sabedoria: “Ninguém consegue vencer a força do destino”. Uma das muitas diferenças entre o imortal autor do *Prometeu Acorrentado* e este piloto da USAF é que eu, agora, escrevo a palavra Destino com maiúscula.

Mas, voltemos à narração. Esse Destino – autêntico “quinto cavaleiro do Apocalipse” – acabou com aquele réu e, do poço de esterco, foi fixar seu invisível olhar em mim.

Concluída a execução, o povo, satisfeito com o castigo infligido ao odiado morador de Nazaré, apressou-se a abandonar o lugar. A tormenta constituiu a desculpa ideal para desocupar o improvisado patíbulo. Ferido pelo cruel espetáculo, não tive forças para mover-me. Indiferente à chuva, fiquei ali trespassado, com a alma junto ao encurvado corpo do moribundo. Via sem ver. Lembro vagamente os guardas retomando o caminho de Séforis e o felá recebendo algumas moedas. E de repente esse Destino, materializando-se, fez-me uma pergunta:

– Ficaste impressionado?

Voltei a mim e vi à minha direita um gotejante capuz. Dentro do capuz, dois olhos cínicos e avermelhados por falta de dormir ou – quem sabe – pelo gozo proporcionado pela execução.

E o Destino, pela voz do chefe da execução, falou-me assim: – Estás com má cara... – O comentário seguinte me soou familiar – ... Vem. Isso se arranja com uma porção de bom vinho...

Tomando-me pelo braço me levou em direção à sinagoga. Por que não

reagi? Pude fazê-lo. Nosso encontro seria ao entardecer... teria sido tão simples... Mas, como afirmava Novális, também o azar é regido por uma ordem. E esse Azar – primeiro cognome de Deus – arrastou-me a uma das mais amargas experiências de toda a nossa aventura palestina.

– Ademais – tentou-me ele –, tenho boas notícias.

Pensei que se referisse ao informe sobre Jesus e sua família. Pretextou “muito trabalho surgido nas últimas horas” e me prometeu prepará-lo até a hora do jantar.

– Terás tua harpa – afirmou-me. – E até, se quiseses, poderás dispor dela agora mesmo...

Como é sutil o Destino! Seus dedos acabam enredando-se sempre nas rodas dos nossos carros...

A inesperada e grata notícia neutralizou em mim o horror da execução. Poder contemplar e ter em minhas mãos o instrumento musical que havia consolado o jovem Jesus me compensava de sobra de tanta tragédia.

E já estávamos próximo da “quinta” (onze da manhã) quando, precedido pelo saduceu, entrei no *hall* de pedra travertina. A conselho de Ismael descalcei-me e entreguei o manto a um dos criados. Ao observar minha túnica, empapada pela chuva, aconselhou-me a tirá-la. Hesitei. Diante, porém, da sua insistência e do estado lamentável da peça, decidi obedecer.

– Antes de esvaziarmos a primeira jarra – comentou relambendo-se – estará enxuta. Não temas. Esta é uma casa honrada...

Um segundo criado, tão silencioso quanto o primeiro, apanhou a túnica e me deu uma espécie de lençol de linho. Não obstante a “pele de serpente”, o contato com o cálido lençol me reconfortou. Amarrei a bolsa de borracha à “vara de Moisés” e segui os passos do sacerdote. Tanta amabilidade, confesso, deixou-me confuso.

Cerimonioso, convidou-me a sentar nos almofadões da luxuosa sala de paredes de bronze. E eu já me preparava para me acomodar quando ele, fazendo um sinal ao criado que levava minha gotejante túnica, apontou o cajado que continuava em meu poder. Rapidamente, desculpando-se pelo descuido, o criado se aproximou para apanhar o cajado. Instintivamente resisti. Em frações de segundo, no entanto, compreendendo que uma negativa teria despertado as suspeitas do astuto saduceu, entreguei-o. Esforcei-me por manter-me tranquilo. Como já acontecera na fortaleza Antônia, ao deixar a casa o recuperaria. Todavia, depois da lamentável perda das sandálias “eletrônicas”, aquela transigência me deixou inquieto.

– E agora – disse o saduceu, apontando a barra da sua própria túnica –, com tua permissão, serei eu a melhorar meu aspecto.

E desapareceu pelo *hall*. Foi naqueles primeiros minutos de espera que reparei em uma coisa que até então não despertara a minha atenção. Intrigado, fui inspecionando as paredes. A sala, com efeito, a não ser aquela que comunicava com o vestíbulo, não tinha portas. Estranho!

Minhas reflexões foram interrompidas pela silenciosa aparição do criado que havia levado meu manto. Trazia uma bandeja, com a indefectível jarra de vinho, duas taças de cristal e uma bandeja de finíssimo mármore amarelo – quase transparente –, com passas, tâmaras e nozes mergulhadas em geléia de amoras.

Perturbado, dissimulei como pude. E depois de acariciar a transparente pedra da Capadócia que constituía o corpo de um dos candelabros de sete braços, fui-me aproximando da mesa de limoeiro. O criado, um velho de cabelos de neve e feições lunares, resíduo de uma não menos velha varíola, colocou o vinho e as provisões sobre a polida e luxuosa madeira e depois olhou-me fixamente. Intuí de pronto. Aquele era o confidente da família. E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ele se adiantou com uma eloqüente saudação:

– O Pai Azul te bendiga. – Deve ter percebido minha alegria. E, mantendo o mesmo tom confidencial, preveniu-me: – Cuidado! Não confies nele...

– Mas...

– Escuta o que tenho a dizer-te – interrompeu-me ele.

Assenti, certo de que nossa situação era comprometedora. Especialmente a sua...

– ... O Tribunal de Séforis, certamente, refutará as acusações contra Tiago e os demais. Ismael foi informado disso durante sua estada na capital... – A notícia não podia ser mais agradável. – ... Mas essa víbora não permitirá que a família saia imune. Maquinou um diabólico plano. E do mesmo modo que envenenou as pombas agora planeja...

As palavras de Davi – esse era o seu nome – ficaram congeladas. O gelo de um presságio cristalizou suas feições. E os seus olhos desceram para a mesa que nos separava.

Não foi preciso nenhuma explicação. Eu também o percebi. E ao voltar-me vi com espanto a descomposta face do sacerdote.

Como era possível? Ele estava no extremo oposto à única porta. Por onde havia entrado? O pior, todavia, não foi isso. O dramático era que ignorávamos quanto tempo já fazia que estava às nossas costas.

A julgar pela cólera que afilava as suas mandíbulas, saltava à vista que havia ouvido o suficiente. Davi, nervoso, foi servindo o vinho. E eu, por meu lado, não soube o que fazer nem onde esconder-me.

No meio de um silêncio tão espesso como o néctar que enchia as taças, as

“aranhas” sanguinolentas que deformavam o rosto de Ismael foram dilatando-se como o pior dos augúrios. E aquele rato, em minutos, maquinou nossa destruição.

– Bem – trovejou ele, por fim –, vejamos o que importa. Primeiro, a harpa.

Girando sobre os calcanhares, levou a mão esquerda ao centro geométrico da *menorah* que dominava aquela parede. Não tive tempo de distinguir o dispositivo. De pronto, uma das estreitas lâminas de bronze oscilou silenciosamente, deixando a descoberto uma porta secreta.

Davi e eu nos olhamos. O saduceu, encaminhando-se até a mesa, esvaziou de um trago uma das taças. E a ira disfarçou-se em um cínico sorriso. (Não sei o que foi pior...)

– Vamos, pois.

E com um pé no outro lado da sala voltou-se para o criado e ordenou-lhe que nos acompanhasse.

A partir desse momento, tudo transcorreria a grande velocidade. Ao penetrar no frio e escuro lugar vi-me em uma sala de minguadas dimensões, desprovida de utensílios e pobremente iluminada por um candeeiro colocado no próprio solo rochoso.

O servente apanhou a candeia e, conhecendo o caminho, foi à nossa frente. A pouco mais de três metros do alçapão secreto erguia-se uma parede de ladrilhos. Nela, no centro, uma abertura – à maneira de porta – de um metro de altura. À direita da abertura desenhou-se imprecisa a silhueta de uma enorme pedra de moinho, acomodada e calçada em uma canaleta que corria dependurada ao longo do tabique.

Do mesmo modo que as pedras que fecham os sepulcros, aquela mole podia ser deslocada, selando a abertura que estava diante de mim. Para isso bastava um pontapé no taco de madeira que a retinha.

Davi introduziu-se pela tenebrosa abertura. Ao vencer o último dos degraus que davam acesso à cova ergueu a chama, para iluminar nossa descida.

Ismael precedeu-me. E, como sucedera nos subterrâneos da casa de Tiago, estabeleci contato com uma primeira gruta, com numerosas estantes à direita e à esquerda. Ao fundo distinguia-se a entrada de outra caverna.

Tomando a iniciativa, o saduceu dirigiu-se a um dos cantos. O criado iluminou seus passos. Inclinando-se sobre uma enorme arca, ergueu a tampa e, apontando o seu interior, exclamou eufórico:

– Aqui a tens.

Emocionado, esquecendo o recente e amargo transe, percorri os quatro ou cinco metros que me separavam da cova e me aproximei da arca.

A chama que Davi trazia revelou-me o mistério. Nervoso, curvei-me sobre

uma poeirenta e descomposta harpa, com as cordas rasgadas, semideterioradas e desgrenhadas.

– Deus meu!

Tomei-a com toda a delicadeza de que fui capaz, tirei-a do fundo e a levantei à altura da candeia. Não saberia precisar quanto tempo permaneci absorto em sua contemplação. Talvez uns dois ou três minutos. Não mais. Como um trágico aviso, a chama oscilou violentamente. E um bronco, infernal e ameaçador rugido golpeou as paredes da cripta.

– Não!

Deixando cair a lanterna, Davi precipitou-se para a escada. E na mais terrível obscuridade escutei-o gritar algo que me gelou o sangue nas veias.

– Enterrados! Enterrados vivos!

Como um louco, tropeçando nos degraus, tentei ganhar a saída. Minhas mãos, como as do aterrorizado criado, só encontraram a áspera e fria pedra. O sauduceu havia feito rodar a pesada mó. E uma sinistra gargalhada retumbou do outro lado da rocha...

*Em Larrabasterra,
em 18 de setembro de 1986,
às 21h.*

⁸⁴ Entre os romanos, a noite dividia-se em quatro partes, chamadas vigílias. (N.T.)

⁸⁵ Em sua Ordem Quarta, referente ao Sinédrio, a *Misná* estabelece claramente como devem proceder os Juízes diante de um réu passível de pena capital. “Se é declarado culpado, aprazam a sentença para o dia seguinte. Entretanto, os juízes se reúnem de dois em dois, passam toda a noite discutindo e decidindo e de manhã se levantam cedo e vão para o tribunal. O que se inclina pela absolvição diz: ‘Eu o declarei inocente (ontem) e mantenho minha opinião’. O que se inclina pela condenação diz por sua vez: ‘Eu o declarei culpado e mantenho minha opinião’. Aquele que aduz razões em favor da condenação pode aduzi-las em favor da absolvição, mas o que aduz razões em favor da absolvição não pode retratar-se e aduzir razões em favor da condenação. Se eles errassem no exame da matéria, os escribas do processo os advertiam. Se entendiam que o réu era inocente, o libertavam. Em caso contrário, decidiam por voto. Se doze o declarassem inocente e doze o declarassem culpado, era declarado inocente. Se doze o declaravam culpado e onze inocente, ou então onze o declaravam culpado e outros onze inocente e um dizia ‘não sei’, ou então se vinte e dois o declaravam inocente ou culpado e um dizia ‘não sei’, se convocavam mais juízes. Até quantos deverão ser acrescentados? Sempre de dois em dois até alcançar os setenta e um...” (N. do M.)

⁸⁶ Confessar seus crimes ou “fazer a confissão” era uma fórmula obrigatória antes da execução. Assim o réu tinha possibilidade de “pôr-se bem com Yaveh, participando do mundo futuro”. Se não sabia dizer a confissão, dizia-se-lhe: “Diz conosco: seja minha morte expiação por meus pecados”. E o rabino Yehudá acrescentava: “Seja minha morte expiação por meus pecados, à exceção deste delito”. (N. do M.)

⁸⁷ Naquele tempo os tribunais judaicos podiam castigar com a lapidação, o abrasamento, a decapitação e o estrangulamento. Cada fórmula aplicava-se a um delito: o abrasamento era imposto

aos violadores e a quem mantinha relações com filhos, filhos dos filhos, filhos da segunda mulher e filhos dos filhos daquela. (N. do M.)

J. J. Benítez nasceu em Pamplona, norte da Espanha, em 7 de setembro de 1946. Formou-se em Ciências da Informação pela Universidade de Navarra em 1965. Escritor e jornalista, há 33 anos viaja incansavelmente investigando inúmeros enigmas, já tendo percorrido 5 milhões de quilômetros e dado a volta ao mundo 122 vezes, o que resultou em 50 livros publicados até o momento.

Seu especial interesse por Jesus de Nazaré, seu “grande amigo” como ele mesmo diz, nasceu em 1975, quando foi anunciado que o Santo Sudário poderia ter sido a mortalha que envolveu o corpo do Galileu.

Atualmente, J. J. Benítez dispõe de 144 projetos que, obviamente, não poderá cumprir...

Mora em Barbate, sul da Espanha, junto ao seu segundo “amor”, o mar, e à sua esposa Blanca, e celebra a noite de Natal em 21 de agosto, data do verdadeiro nascimento de Jesus.

Table of Contents

[Abertura](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[O diário](#)

[25 de Abril, terça-feira](#)

[26 de Abril, quarta-feira](#)

[27 de Abril, quinta-feira](#)

[Sobre o autor](#)